

**MESTRADO EUROPEU EM GESTÃO DO PATRIMÓNIO
CULTURAL**

**UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE DE PARIS-8**

EDUCAR PARA A CULTURA:

**O CASO DA LITERATURA E DO TEATRO
ANEXOS VOL II**

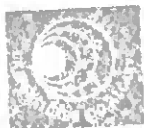
Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Gestão do Património Cultural
Célia Maria de Jesus Martins

Orientador: Professor Doutor António Branco

Co-Orientadora: Professora Doutora Teresa Júdice Gamito

FARO

Outubro de 2001



MESTRADO EUROPEU EM GESTÃO DO PATRIMÓNIO
CULTURAL

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE DE PARIS-8

**EDUCAR PARA A CULTURA:
O CASO DA LITERATURA E DO TEATRO
ANEXOS VOL II**

Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Gestão do Património Cultural
Célia Maria de Jesus Martins

Orientador: Professor Doutor António Branco

Co-orientadora: Professora Doutora Teresa Júdice Gamito

FARO

Outubro de 2001

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

28/01/04	52705	2
----------	-------	---

37.01
MAR+ Edu

30817

2º vol.

1

ÍNDICE

VOLUME II:

ANEXOS

ANEXO N.º 1: “Tabelas comparativas”-----	6
ANEXO N.º 2: “Estrutura e organização do sistema de ensino francês”-----	14
ANEXO N.º 3: “Estrutura e organização do sistema de ensino inglês”-----	16
ANEXO N.º 4: “Estrutura e organização do sistema de ensino italiano”-----	18
ANEXO N.º 5: “Estrutura e organização do sistema de ensino português”-----	20
ANEXO N.º 6: “Nova estrutura e organização do sistema de ensino italiano”-----	22
ANEXO N.º 7: “Projecto « <i>Framework for Teaching English Years 7-9</i> » desenvolvido pela Administração Central inglesa”-----	24
ANEXO N.º 8: “Projecto « <i>Piano per la promozione della lettura nelle scuole di ogni ordine e grado</i> » desenvolvido pela Administração Central italiana”-----	43
ANEXO N.º 9: “Projecto « <i>Grupo de trabalho conjunto</i> » desenvolvido pela Administração Central portuguesa”-----	48
ANEXO N.º 10: “Projecto « <i>Grupo de contacto permanente</i> » desenvolvido pela Administração Central portuguesa”-----	52
ANEXO N.º 11: “Projecto « <i>Parecer n.º 2/99 do CNE</i> » desenvolvido pela Administração Central portuguesa”-----	58
ANEXO N.º 12: “« <i>Relatório Síntese do Programa RBE</i> » desenvolvido pela Administração Central portuguesa”-----	68
ANEXO N.º 13: “« <i>Apresentação do Programa RBE</i> » desenvolvido pela Administração Central portuguesa”-----	81
ANEXO N.º 14: “Legislação sobre os « <i>Ateliers de pratique artistique</i> » desenvolvidos pela Administração Central francesa”-----	83
ANEXO N.º 15: “Projecto « <i>Le Printemps des Poètes</i> » desenvolvido pela Administração Central francesa-----	96
ANEXO N.º 16: “Projecto « <i>Printemps Théâtral 2000</i> » desenvolvido pela Administração Central francesa”-----	104

ANEXO N.º 17: “Projecto « <i>Protocolo do MPI, do Provveditorato com l’ETI</i> » desenvolvido pela Administração Central italiana”-----	143
ANEXO N.º 18: “Projecto « <i>Mediateca</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Imperia</i> ”-----	146
ANEXO N.º 19: “« <i>Programa RBE</i> » desenvolvido pelo CAE de Braga”-----	166
ANEXO N.º 20: “Projecto « <i>Le Goncourt des Lycéens</i> » desenvolvido pela <i>Académie de Nancy - Metz</i> ” -----	168
ANEXO N.º 21: “Projecto « <i>Prix jeunesse de l’Eté du livre</i> » desenvolvido pela <i>Académie de Nancy-Metz</i> ”-----	170
ANEXO N.º 22: “Projecto « <i>Le prix de la nouvelle pour La Mort de Sarah</i> » desenvolvido pela <i>Académie de Nancy-Metz</i> ”-----	172
ANEXO N.º 23: “Projecto « <i>Programme d’action culturelle 1998/1999</i> » desenvolvido pela <i>Académie de Poitiers</i> ”-----	174
ANEXO N.º 24: “Projectos desenvolvidos pela LEA de Bournemouth”-----	178
ANEXO N.º 25: “Projectos desenvolvidos pela LEA de Bathnes”-----	180
ANEXO N.º 26: “Projecto « <i>The Keeping Reading Project</i> » desenvolvido pela LEA de Bromley”-----	182
ANEXO N.º 27: “Projectos desenvolvidos pela LEA de Camden”-----	191
ANEXO N.º 28: “Projecto « <i>Get Reading 2000</i> » desenvolvido pela LEA de Gateshead”-----	193
ANEXO N.º 29: “Projectos desenvolvidos pela LEA de Gloucester”-----	209
ANEXO N.º 30: “Projecto « <i>NLS</i> » desenvolvido pela LEA de Solihull”-----	211
ANEXO N.º 31: “Projectos desenvolvidos pela LEA de Rochdale”-----	311
ANEXO N.º 32: “Projecto « <i>Literature and Theatre work with Secondary School Students</i> » desenvolvido pela LEA de Swindon”-----	313
ANEXO N.º 33: “Projectos desenvolvidos pela LEA de Southampton”-----	315
ANEXO N.º 34: “Projectos desenvolvidos pela LEA de Towerhamlets”-----	317
ANEXO N.º 35: : “« <i>Projecto de promoção da poesia nas escolas</i> » desenvolvido pela DREALG”-----	319
ANEXO N.º 36: “Projectos desenvolvidos pela DREN”-----	321
ANEXO N.º 37: “Projectos desenvolvidos pela DREC”-----	323
ANEXO N.º 38: “Projectos desenvolvidos pela DREL”-----	325
ANEXO N.º 39: “Projecto « <i>Ao sabor da poesia</i> » desenvolvido pela DREALG”-----	327
ANEXO N.º 40: “Livro « <i>Escolas-Memória e realidade</i> » projecto desenvolvido pela DREC”-----	331

ANEXO N.º 41: “Projecto « <i>Il Piacere di Leggere</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Imperia</i> ”-----	338
ANEXO N.º 42: “Projecto « <i>Informazioni su Teatro e Letteratura</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Padova</i> ”-----	343
ANEXO N.º 43: “Projecto « <i>Acordo estabelecido entre a DREALG e a ACTA</i> » desenvolvido pela DREALG”-----	349
ANEXO N.º 44: “Projecto « <i>Collège au Théâtre</i> » desenvolvido pela <i>Académie de Poitiers</i> ”-----	351
ANEXO N.º 45: “Projecto « <i>La costruzione di ambienti scolastici comunicativi e l’uso della drammatizzazione</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Agrigento</i> ”-----	355
ANEXO N.º 46: “Projectos de <i>ateliers</i> de teatro ligados à leitura desenvolvidos pelo <i>Provveditorato agli Studi di Agrigento</i> ”-----	362
ANEXO N.º 47: “Projecto « <i>Laboratorio teatrale Sicilia meli e feli</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Agrigento</i> ”-----	376
ANEXO N.º 48: “Projecto « <i>Storia del Teatro contemporaneo</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Agrigento</i> ”-----	384
ANEXO N.º 49: “Projecto « <i>Frammenti di luna riflessi in uno specchio</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Agrigento</i> ”-----	388
ANEXO N.º 50: “Projecto « <i>Teatrando</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Benevento</i> ”-----	392
ANEXO N.º 51: “Projecto « <i>Le Premier public: Première représentation des collégiens et lycéens de l’atelier de pratique artistique</i> » desenvolvido pela <i>Académie de Nancy-Metz</i> ”-----	396
ANEXO N.º 52: “Projecto « <i>Deux pièces pour 21 filles</i> » desenvolvido pela <i>Académie de Nancy-Metz</i> ”-----	398
ANEXO N.º 53: “Projecto « <i>Aux actes citoyens</i> » desenvolvido pela <i>Académie de Nancy-Metz</i> ”-----	400
ANEXO N.º 54: “Projecto « <i>Teatriamoci</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Verona</i> ”-----	403
ANEXO N.º 55: “Projecto « <i>Ragazzi in scena</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Massa Carrara</i> ”-----	408
ANEXO N.º 56: “Projecto “ <i>Rassegna Teatrale Istituti Scolastici 2º Grado della Provincia di Verona</i> ” desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Verona</i> ”-----	411
ANEXO N.º 57: “Projectos desenvolvidos pelo <i>Provveditorato agli Studi di Rieti</i> ”-----	414

ANEXO N.º 58: “Projectos desenvolvidos pelo <i>Provveditorato agli Studi di Rovigo</i> ”-----	416
ANEXO N.º 59: “Projecto « <i>Percorsi tra Letteratura e Teatro per un Progetto di Educazione all’Ascolto</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Verona</i> ”-----	418
ANEXO N.º 60: “Projecto « <i>Il teatro di Shakespeare</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Verona</i> ”-----	422
ANEXO N.º 61: “Projecto « <i>Il teatro di Shakespeare-Non Solo Shakespeare-I Contemporanei</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Verona</i> ”-----	437
ANEXO N.º 62: “Projecto « <i>33º Convegno Internazionale Pirandello e la sua Opera</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Verona</i> ”-----	448
ANEXO N.º 63: “Projectos « <i>Teatro scuola</i> » e « <i>Famiglie a teatro</i> » desenvolvidos pelo <i>Provveditorato agli Studi di Verona</i> ”-----	452
ANEXO N.º 64: “Projectos desenvolvidos pela LEA de Manchester”-----	458
ANEXO N.º 65: “Projecto « <i>Il Novecento</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Arezzo</i> ”-----	460
ANEXO N.º 66: “Projecto « <i>Tecnica teatrale di base</i> » desenvolvido pelo <i>Provveditorato agli Studi di Verona</i> ”-----	471
ANEXO N.º 67: “Projectos « <i>La Voce, La Comunicazione e Il Teatro</i> » e « <i>Dizione e Fonetica</i> » desenvolvidos pelo <i>Provveditorato agli Studi di Verona</i> ”-----	476

Anexo n.º 1:
“Tabelas comparativas”

- TABELA N.º 1: **área total dos países**

França	Inglaterra	Itália	Portugal	Reino Unido
551.500 Km2	50.663 Km2	301.270 Km2	92.390 Km2	315.160 Km2

Fonte: Cavanagh, Louise *et alii* (dir) (1997). *World Atlas*. London: Dorling Kindersley Limited (Atlas do Mundo, trad. de M^a Alice Bessa e M^a Luísa Santos. Porto: Livraria Civilização Editora. 1998.) para os dados de França, Itália e Portugal e Commission Européenne DG XXII (1995). *Structures des systèmes d'enseignement et de formation initiale dans l'UE*, 2ème édition. Luxembourg: Éditions de la Commission Européenne para os dados relativos à Inglaterra e ao Reino Unido.

- TABELA N.º 2: **população total**

França	Itália	Portugal	Reino Unido
58 milhões	57,2 milhões	9,8 milhões	58,3 milhões

Fonte: Cavanagh, Louise *et alii* (dir) (1997). *World Atlas*. London: Dorling Kindersley Limited (Atlas do Mundo, trad. de M^a Alice Bessa e M^a Luísa Santos. Porto: Livraria Civilização Editora. 1998.).

- TABELA N.º 3: **densidade habitacional**

França	Itália	Portugal	Reino Unido
105Hab. Km2	195Hab.Km2	107Hab.Km2	291Hab. Km2

Fonte: Cavanagh, Louise *et alii* (dir) (1997). *World Atlas*. London: Dorling Kindersley Limited (Atlas do Mundo, trad. de M^a Alice Bessa e M^a Luísa Santos. Porto: Livraria Civilização Editora. 1998.).

- TABELA N.º 4: **população rural**

França	Itália	Portugal	Reino Unido
26%	31%	66%	13%

Fonte: Cavanagh, Louise *et alii* (dir) (1997). *World Atlas*. London: Dorling Kindersley Limited (Atlas do Mundo, trad. de M^a Alice Bessa e M^a Luísa Santos. Porto: Livraria Civilização Editora. 1998.).

- TABELA N.º 5: população urbana

França	Itália	Portugal	Reino Unido
74%	69%	34%	87%

Fonte: Cavanagh, Louise *et alii* (dir) (1997). *World Atlas*. London: Dorling Kindersley Limited (trad. de M^a Alice Bessa e M^a Luísa Santos. Atlas do Mundo. Porto: Livraria Civilização Editora. 1998.).

- TABELA N.º 6: esperança de vida à nascença (em anos)

A) PARA MULHERES:

França	Itália	Portugal	Reino Unido
1999	1999	1999	1999
82,3	81,8	78,9	79,7

B) PARA HOMENS:

França	Itália	Portugal	Reino Unido
1999	1999	1999	1999
74,9	75,5	71,7	74,8

Fonte: European Commission (2000c). *Statistics in Focus: Population and Social Conditions, First Results of the Demographic data collection for 1999 in Europe*, monthly: 07-2000. Luxembourg: European Commission Editions.

- TABELA N.º 7: taxa de casamentos por cada 1000 habitantes

FRANÇA			ITÁLIA			PORTUGAL			REINO UNIDO		
1997	1998	1999	1997	1998	1999	1997	1998	1999	1997	1998	1999
4,9	4,8p)	4,9p)	4,8	4,8p)	4,8p)	6,6	6,9p)	6,8p)	5,3	5,1p)	---

Fonte: European Commission (2000a). *Eurostat Yearbook, A Statistical Eye on Europe: Data 1988-1998*, Anual. Luxembourg: European Commission Editions para os dados relativos a 1997 e European Commission (2000c). *Statistics in Focus: Population and Social Conditions, First Results of the Demographic data collection for 1999 in Europe*, monthly:07-2000. Luxembourg: European Commission Editions para os dados de 1998 e de 1999.

p)= dados previstos

- TABELA N.º 8: taxa de mortalidade infantil por cada 1000 habitantes

FRANÇA			ITÁLIA			PORTUGAL			REINO UNIDO		
1997	1998	1999	1997	1998	1999	1997	1998	1999	1997	1998	1999
4,8	5,2p)	4,8p)	5,5	5,3	5,1e)	6,4	6	5,4p)	5,9	5,7p)	5,8p)

Fonte: European Commission (2000a). *Eurostat Yearbook, A Statistical Eye on Europe: Data 1988-1998*, Anual. Luxembourg: European Commission Editions para os dados que dizem respeito a 1997 e European Commission (2000c). *Statistics in Focus: Population and Social Conditions, First Results of the Demographic data collection for 1999 in Europe*, monthly:07-2000. Luxembourg: European Commission Editions para os dados relativos a 1998 e a 1999.

p)= dados previstos

e)= estimativa da Eurostat

- TABELA N.º 9: PIB em milhões de ECUS/Euros

FRANÇA				ITÁLIA			
1997	1998	1999	2000*	1997	1998	1999	2000*
1.224,08	1.261,71	1.298,60	1.346,64	863,62	876,84	889,33	913,35

PORTUGAL				REINO UNIDO			
1997	1998	1999	2000*	1997	1998	1999	2000*
88,90	91,98	94,65	98,06	914,49	938,64	958,47	990,10

Fonte: Communautés Européennes (2000b). *Eurostatistiques: Données pour l'analyse de la Conjoncture Mensuel*, 10-2000. Luxembourg: Éditions des Communautés Européennes.

* = Os valores indicados correspondem a uma estimativa.

- TABELA N.º 10: valor das exportações em milhões de ECUS/Euros

FRANÇA			ITÁLIA		
1997	1998	1999	1997	1998	1999
266.431	285.999	304.293	211.998	215.639	216.300

PORTUGAL			REINO UNIDO		
1997	1998	1999	1997	1998	1999
21.124	22.052	22.434	247.263	244.360	255.154

Fonte: Communautés Européennes (2000b). *Eurostatistiques: Données pour l'analyse de la Conjoncture Mensuel*, 10-2000. Luxembourg: Éditions des Communautés Européennes.

- TABELA N.º 11: valor das importações em milhões de ECUS /Euros

França			Itália		
1997	1998	1999	1997	1998	1999
251.338	274.528	294.228	185.295	192.512	203.570

Portugal			Reino Unido		
1997	1998	1999	1997	1998	1999
30.912	33.943	36.220	271.171	286.534	304.667

Fonte: Communautés Européennes (2000b). *Eurostatistiques: Données pour l'analyse de la Conjoncture Mensuel*, 10-2000. Luxembourg: Éditions des Communautés Européennes.

- TABELA N.º 12: total da balança comercial em milhões de ECUS/
Euros

França			Itália		
1997	1998	1999	1997	1998	1999
15.093	11.471	10.065	26.703	23.127	12.730

Portugal			Reino Unido		
1997	1998	1999	1997	1998	1999
-9.788	-11.891	-13.786	-23.908	-42.175	-49.513

Fonte: Communautés Européennes (2000b). *Eurostatistiques: Données pour l'analyse de la Conjoncture Mensuel*, 10-2000. Luxembourg: Éditions des Communautés Européennes.

- TABELA N.º 13: taxa de crescimento de 1996 a 1999, do saldo externo, em termos de percentagem do PIB

França				Itália				Portugal				Reino Unido			
1996	1997	1998	1999	1996	1997	1998	1999	1996	1997	1998	1999	1996	1997	1998	1999
1,8	3	2,4	2,5	4,3	3,6	2,3	1,3	-5,6	-6,6	-9,2	-11	-0,9	-1,2	-3,1	-4,5

Fonte: European Commission (2000b). *Statistics in Focus: Economy and Finance, Gross Domestic Product 1999*, monthly:05-2000. Luxembourg: European Commission Editions.

- TABELA N.º 14: taxa de inflação (em percentagem)

França				Itália			
1997	1998	1999	2000	1997	1998	1999	2000
1,3%	0,7%	0,6%	1,8%*	1,9%	2,%	1,7%	2,6%*

Portugal				Reino Unido			
1997	1998	1999	2000	1997	1998	1999	2000
1,9%	2,2%	2,2%	2,8%*	1,8%	1,6%	1,3%	0,8%*

Fonte: European Commission (2001). *Statistics in Focus: Economy and Finance, Harmonized Indices of Consumer Prices*, monthly:01-2001. Luxembourg: European Commission Editions.

*Os valores indicados correspondem a uma estimativa.

- TABELA N.º 15: **população activa** (em milhares)

França			Itália		
1997	1998	1999	1997	1998	1999
25.360	25.569	25.882	22.859	23.165	23.347

Portugal			Reino Unido		
1997	1998	1999	1997	1998	1999
4.842	4.999	5.063	28.644	28.661	29.129

Fonte: Communautés Européennes (2000b). *Eurostatistiques: Données pour l'analyse de la Conjoncture Mensuel*, 10-2000. Luxembourg: Éditions des Communautés Européennes.

- TABELA N.º 16: **n.º de postos de trabalho civil** (em milhares)

FRANÇA			ITÁLIA		
1997	1998	1999	1997	1998	1999
22.149	22.461	22.748	20.032	20.357	20.618

PORTUGAL			REINO UNIDO		
1997	1998	1999	1997	1998	1999
4.523	4.764	4.830	26.521	26.800	27.283

Fonte: Communautés Européennes (2000b). *Eurostatistiques: Données pour l'analyse de la Conjoncture Mensuel*, 10-2000. Luxembourg: Éditions des Communautés Européennes.

- TABELA N.º 17: taxa de desemprego (em percentagem)

França			Itália			Portugal			Reino Unido		
1997	1998	1999	1997	1998	1999	1997	1998	1999	1997	1998	1999
12,3%	11,8%	11,3%	11,7%	11,8%	11,3%	6,8%	5,2%	4,5%	7,9%	6,3%	6,1%

Fonte: Communautés Européennes (2000b). *Eurostatistiques: Données pour l'analyse de la Conjoncture Mensuel*, 10-2000. Luxembourg: Éditions des Communautés Européennes.

- TABELA N.º 18: n.º total de desempregados (em milhares)

FRANÇA			ITÁLIA			PORTUGAL			REINO UNIDO		
1997	1998	1999	1997	1998	1999	1997	1998	1999	1997	1998	1999
3.122	2.976	3.127	2.761	2.811	2.729	329	254	233	2.027	1.832	1.782

Fonte: European Commission (2000a). *Eurostat Yearbook, A Statistical Eye on Europe: Data 1988-1998*, Anual. Luxembourg: European Commission Editions; para os dados relativos a 1997 e 1998 e Communautés Européennes (2000a). *Eurostatistiques: Données pour l'analyse de la Conjoncture Mensuel*, 04-2000. Luxembourg: Éditions des Communautés Européennes para os dados que dizem respeito a 1999.

- TABELA N.º 19: percentagem de indivíduos que para além de casa própria, possuem carro ou carrinha

França	Itália	Portugal	Reino Unido
80%	68%	61%	72%

Fonte: European Commission (2000a). *Eurostat Yearbook, A Statistical Eye on Europe: Data 1988-1998*, Anual. Luxembourg: European Commission Editions.

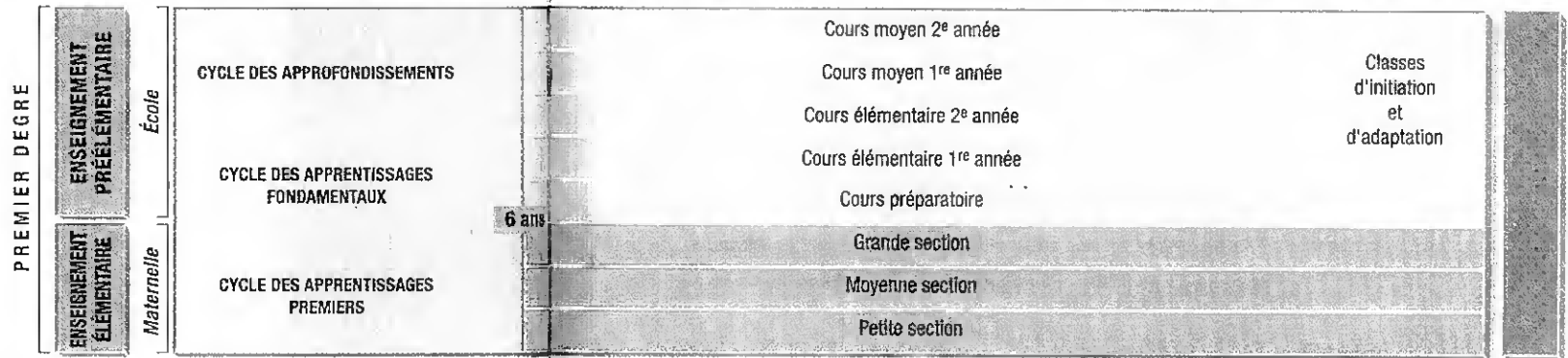
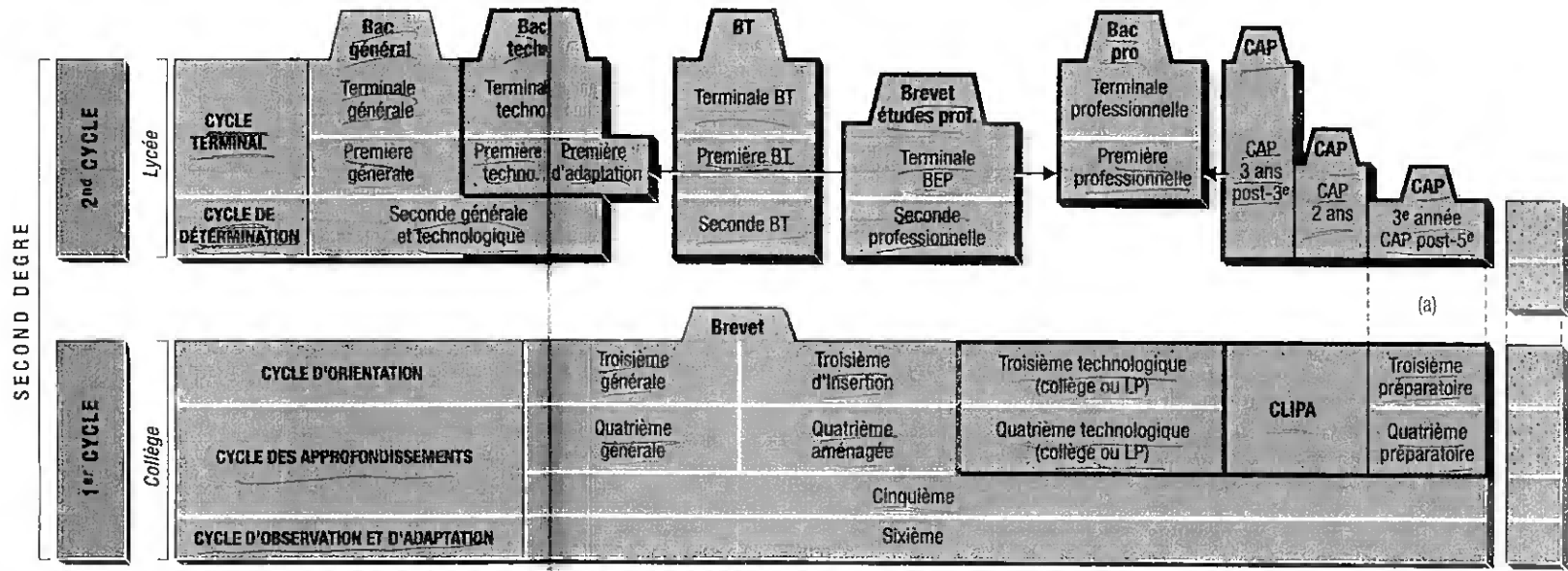
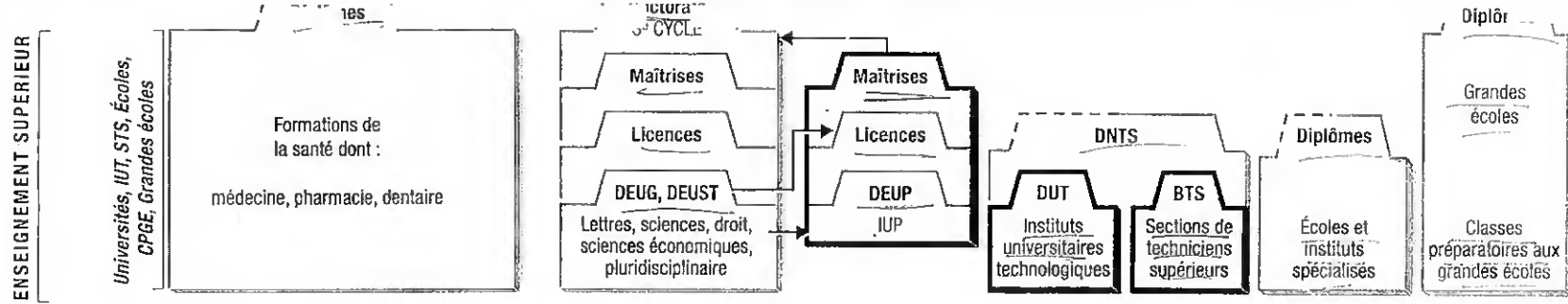
- TABELA N.º 20: taxa de Alfabetização

França	Portugal	Itália	Reino Unido
99%	86%	97%	100%

Fonte: Cavanagh, Louise *et alii* (dir) (1997). *World Atlas*. London: Dorling Kindersley Limited (Atlas do Mundo, Trad. de Mª Alice Bessa e Mª Luísa Santos. Porto: Livraria Civilização Editora. 1998.).

Anexo n.º 2:

“Estrutura e organização do
sistema de ensino francês”



Enseignement professionnel et technologique
 Enseignements spécialisés et adaptés (Voir en 3.6, 4.20, 4.21)
 Passage d'une formation à une autre
BTS Examen terminal
 Formations suivies par des personnes considérées comme étant dans la vie active
 (a) CAP en 3 ans post-5^e, en voie d'extinction.

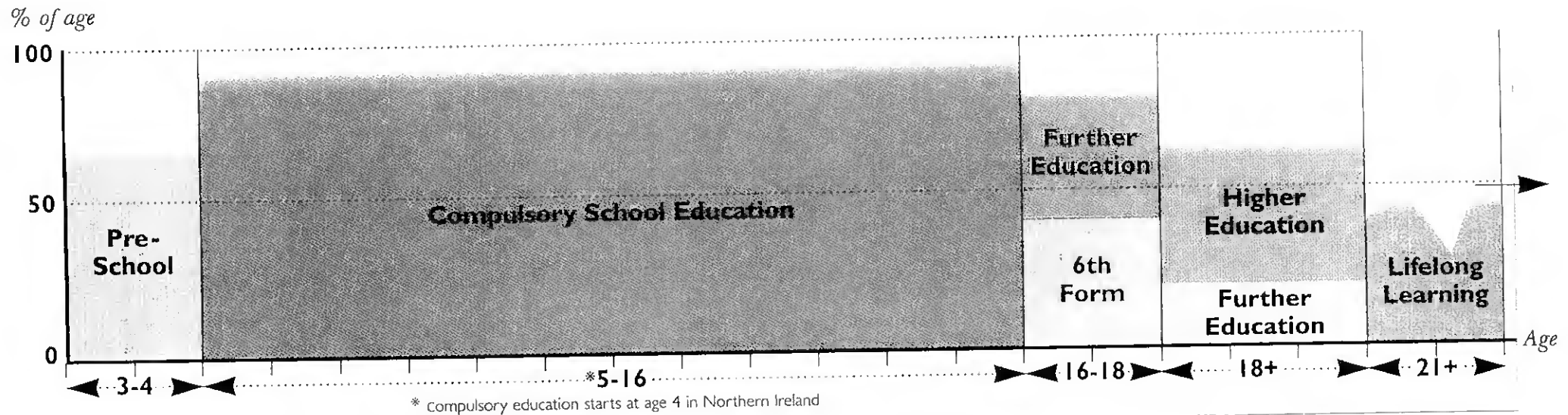
Le système éducatif

Anexo n.º 3:

“Estrutura e organização do
sistema de ensino inglês”

education of their children.

Education Structure



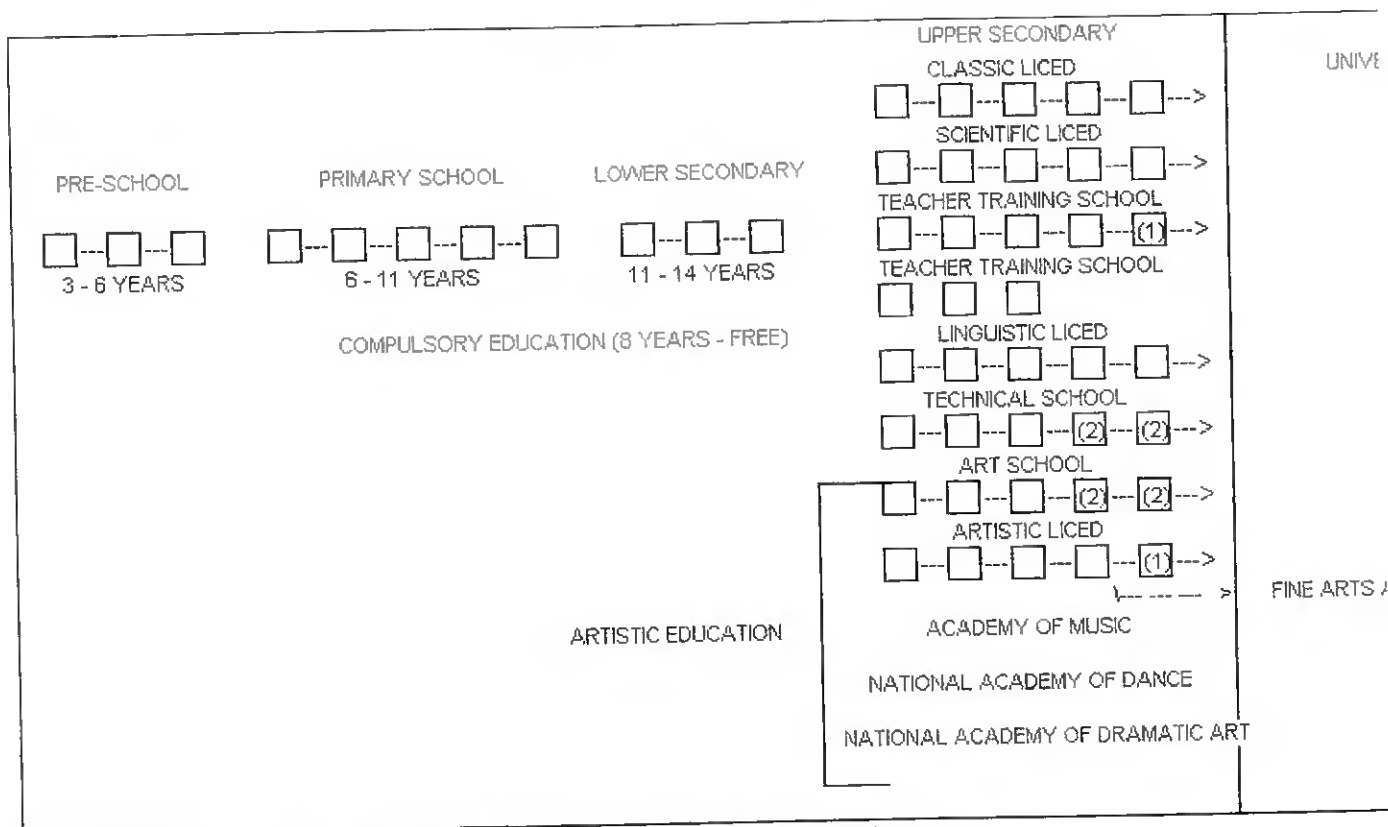
Fonte: Foreign & Commonwealth Office (1999). *Education and Training in Britain*. London: Foreign & Commonwealth Office Edition, pag. 3.

Anexo n.º 4:

“Estrutura e organização do
sistema de ensino italiano”

WORLD DATA ON EDUCATION, III Ed., 1999
 UNESCO: International Bureau of Education

The current structure (1998)

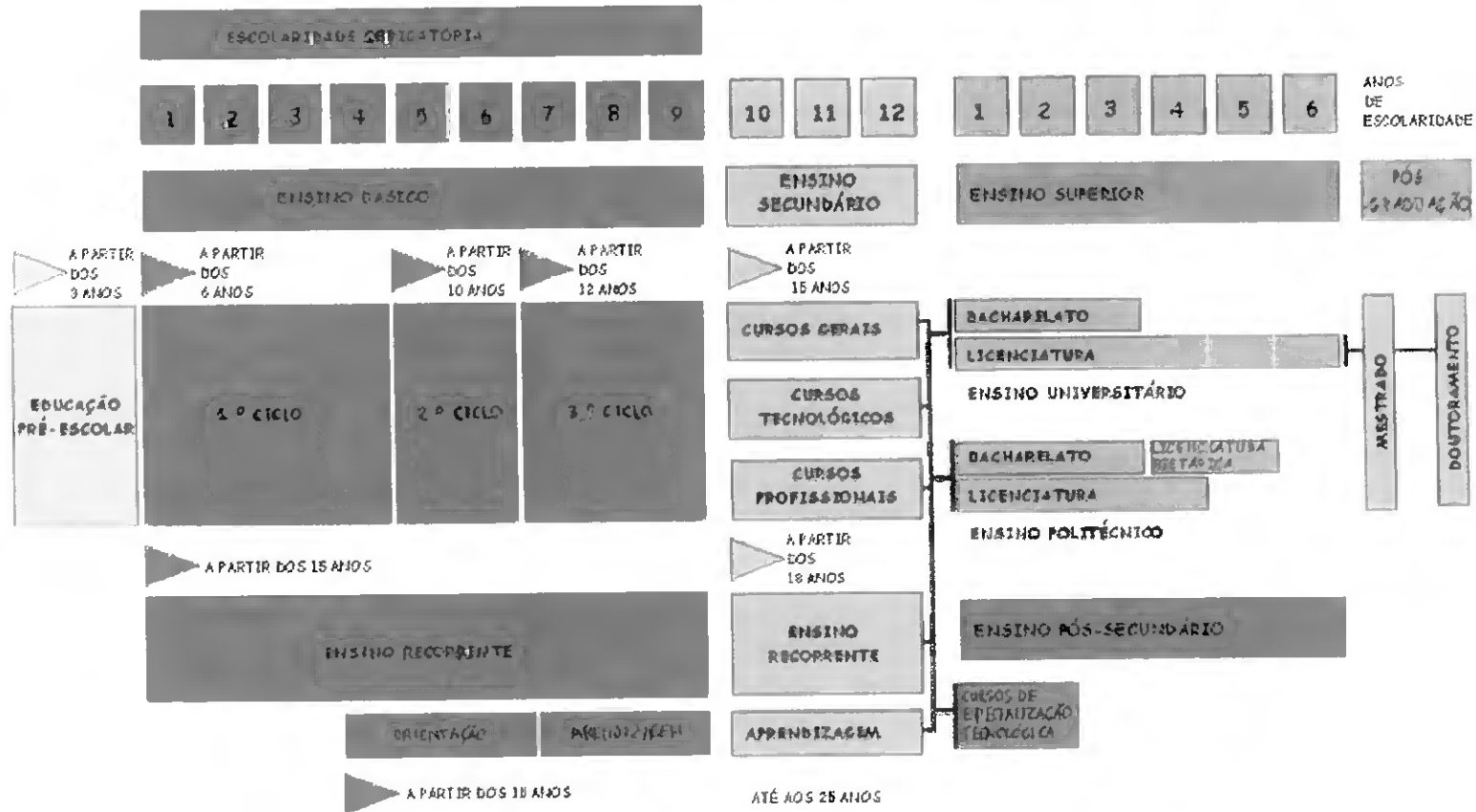


- (1) Complementary year (necessary to gain access to any university degree course).
 (2) Post-qualification cycle to complete the five-year course.

Fonte: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) (1999f). *Données mondiales de l'éducation*, III Ed. CD-Rom. IBE.

Anexo n.º 5:
“Estrutura e organização do
sistema de ensino português”

SISTEMA EDUCATIVO E FORMATIVO



Notas Explicativas:

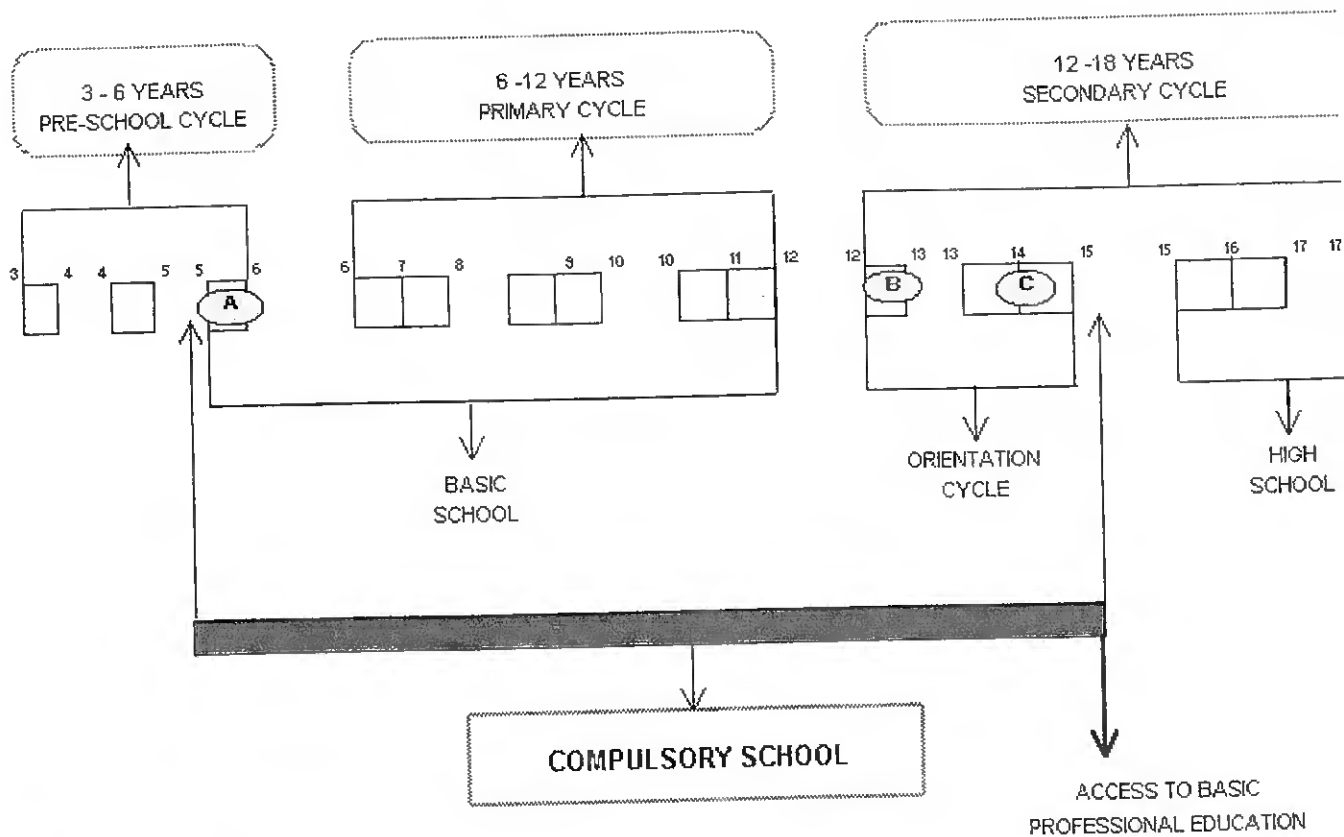
- O ensino básico abrange o ensino obrigatório de 9 anos. É composto por três ciclos consecutivos de 4, 2 e 3 anos.
- O ensino recorrente é um ensino nocturno do ensino geral e técnico para alunos que abandonaram os estudos e para adultos.
- Cursos gerais são cursos do ensino secundário conduzindo predominantemente ao prosseguimento de estudos.
- Cursos tecnológicos são cursos do ensino secundário orientados para a vida activa.
- Cursos profissionais são cursos de natureza profissionalizante
- Aprendizagem - Têm acesso a estes cursos indivíduos com idades compreendidas entre 14 e 25 anos. Têm a duração de 1 a 3 anos
- Cursos de Especialização Tecnológica - Têm a duração de 1 a 2 anos, consoante o regime (diurno ou nocturno) e/ou as condições de acesso (os alunos provenientes dos Cursos Gerais têm de ingressar previamente num Curso Técnico para completamento do nível 3 de qualificação profissional).



Anexo n.º 6:

“Nova estrutura e organização
do sistema de ensino italiano”

WORLD DATA ON EDUCATION, III Ed., 1999
 UNESCO: International Bureau of Education



- A** PREPARATORY YEAR
- B** GENERAL ORIENTATION YEAR INCLUDING SEVERAL OPTIONS IN TERMS OF SUBJECTS
- C** FOCUSED BIENNIUM, DIVIDED INTO 4 AUTONOMOUS TERMS, IMPLYING A CHOICE BETWEEN DIFFERENT STREAMS:
 CLASSIC, SCIENTIFIC, ARTISTIC, TECHNIC, VOCATIONAL, ETC.
- D** UNIVERSITY ORIENTATION YEAR AND CHOICE OF DEGREE COURSE

Fonte: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) (1999f). *Données mondiales de l'éducation*, III Ed. CD-Rom. IBE.

Anexo n.º 7:

“Projecto «*Framework for Teaching English Years 7-9*» desenvolvido pela Administração Central inglesa”

Framework for Teaching English Years 7–9

Framework for Teaching English, Years 7–9

Contents

Section 1 Rationale

- Introduction
- The Structure of the Framework
- Covering the National Curriculum
- Approaches to Teaching and Learning
- Planning and Assessment

Section 2 Teaching Objectives, Years 7–9

- Year 7
- Year 8 (available May 2000)
- Year 9 (available May 2000)

Section 3 Appendices (available May 2000)

- Sample planning sheets
- Spelling lists
- Glossary of terms
- Cross curricular Language for Learning objectives
- Clusters of related objectives

Section 4 Additional Guidance (available May 2000)

- Pupils with Special Educational Needs
- Pupils with English as an Additional Language

Section 1 Rationale

Introduction

The National Literacy Strategy (NLS) is part of the government's commitment to raise standards in schools. Effective literacy is the key to raising standards across all subjects, and equipping pupils with the skills and knowledge they need for life beyond school.

The National Literacy Strategy for primary education was established in 1997 with ambitious targets for attainment at age 11. Primary pupils are already well on the way to achieving these targets. The challenge for key stage 3 is to secure and build on these achievements. It will require the effective teaching of literacy skills, raised expectations of all pupils, and prompt, effective catch-up support for those who need it.

A national pilot starting in September 2000 will address this challenge, drawing on the experience and success of the primary Literacy Strategy, and the ever-growing wealth of experience and research into what helps to raise standards in secondary education.

This draft document will be trialled in pilot schools, but all schools with Year 7 pupils are encouraged to use it. Its purposes are:

- to set out teaching objectives for pupils in Year 7 which will ensure that they build on their achievements in primary school;
- to ensure that pupils entering key stage 3 below Level 4 are supported to catch up;
- to provide guidance on how teachers can use these objectives to plan appropriately challenging work for their pupils;
- to enable Headteachers and curriculum managers to set high and consistent expectations for achievement;
- to promote continuity and progression between KS2 and KS3.

The Framework for Year 7 is based closely on the Programmes of Study for English in the revised National Curriculum of 2000. It will be followed by similar documents for Years 8 and 9 in Autumn 2000. The Framework of Objectives for Years 7, 8 and 9 will provide a framework for progression and full coverage of the English Order.

The notion of literacy embedded in the objectives is much more than simply the acquisition of 'basic skills' which is sometimes implied by the word: it encompasses the ability to recognise, understand and manipulate the conventions of language, and develop pupils' ability to use language imaginatively and flexibly. The Framework also encompasses speaking and listening to support English teachers in planning to meet the full demands of the National Curriculum, and to tie in the development of oral skills with parallel demands in written text.

English teachers have the leading role in providing pupils with the knowledge, skills and understanding they need to read, write, speak and listen effectively, but this document also addresses other subject staff. Language is the prime medium through which pupils learn and express themselves across the curriculum, and all teachers have a stake in effective literacy. A set of cross-curricular Language for Learning objectives has been identified to support the co-ordination of departments working together on literacy.

The overall aim of the Framework is to enable all pupils to develop sophisticated literacy skills. By the end of Year 9, we expect each pupil to be:

A shrewd and fluent independent reader:

- orchestrating a range of strategies to get at meaning in text, including inferential and evaluative skills;
- sensitive to the way meanings are made;
- reading in different ways for different purposes, including skimming to quickly pick up the gist of a text, scanning to locate specific information, close reading to follow complex passages and re-reading to uncover layers of meaning;
- reflective, critical and discriminating in response to a wide range of printed and visual texts.

A confident writer:

- able to write for a variety of purposes and audiences, knowing the conventions and beginning to adapt and develop them;
- able to write imaginatively, effectively and correctly;
- able to shape, express, experiment with and manipulate sentences;
- able to organise, develop, spell and punctuate writing accurately.

An effective speaker and listener:

- with the clarity and confidence to convey a point of view or information;
- using talk to explore, create, question and revise ideas, recognising language as a tool for learning;
- able to work effectively with others in a range of roles;
- having a varied repertoire of styles, which are used appropriately.

Structure of the Framework

Organisation

The Year 7 Framework extends the Word, Sentence and Text level organisation of the primary Framework. The purpose of the Word and Sentence level objectives is to secure proper attention to the skills of spelling, vocabulary, sentence construction, grammar and style which underpin excellence in Text level work. There are, however, links to be made between objectives in each column.

Reading and Writing objectives have been laid alongside each other in the Text level column to reflect the growing demands of this section of the curriculum, but this does not diminish the importance of the Word and Sentence level. A further column contains objectives for Speaking and Listening. These objectives build on the specific expectations for primary pupils in the QCA document 'Teaching Speaking and Listening at key stages 1 and 2'.

YEAR 7				
Word level	Sentence level	Text level		Speaking & Listening
		Reading	Writing	
<ul style="list-style-type: none"> • Spelling • Spelling strategies • Vocabularies 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentence construction & punctuation • Paragraphing & cohesion • Stylistic conventions • Standard English & language variation 	<ul style="list-style-type: none"> • Research & study skills • Reading for meaning • Study of literary texts • Understanding the author's craft 	<ul style="list-style-type: none"> • Imagine, explore, entertain • Inform, explain, describe • Persuade, argue, advise • Analyse, review, comment • Plan, draft, present 	<ul style="list-style-type: none"> • Speaking • Listening • Group discussion & interaction • Drama

The list of objectives does not imply that teachers should approach them in isolation or teach them in a reductive way. Objectives benefit from being taught explicitly and from being identified and deployed in context. Planning should draw together objectives from Word, Sentence and Text level. For example, work about expressing a point of view could draw on objectives in every column: a vigorous oral lesson might fuel the content of the writing, drama enhance empathy with the views of others, and reading an exemplar passage provide a model for the organisation and style of writing. Teachers are encouraged to find ways of clustering together complementary objectives. Examples of such clusters can be found in the appendix in Section 3.

Progression and support

The objectives for Year 7 offer new challenges to pupils entering secondary school having benefited from the primary Literacy Strategy. The Framework is for all pupils, and the first assumption is that it will be used with all pupils, though some will need additional support and others will need to be challenged and extended. Teachers already have a repertoire of strategies to differentiate work for different levels of ability, for example through questioning, adjusting the demand of the task, and the use of additional support. They interpret objectives for the less able without resorting to a separate curriculum. There are many demanding objectives to extend able pupils, and the choice of text will sometimes add challenge to a familiar task.

Provision has also been made within the Framework for those pupils entering Year 7 who have not yet secured the very important skills that enable them to be independent readers and writers. The Word and Sentence level columns include revision and consolidation objectives for those pupils who need them. Teachers should consider each class and consider who, if anyone, needs this consolidation work. Sometimes whole classes need this work, and sometimes it is a substantial minority of pupils in a class. The emphasis is on quick and effective catch-up as early as possible; it is unlikely that pupils who are out of step with their peers will pick up unlearned skills incidentally.

Catch-up

The Standards and Effectiveness Unit is developing a suite of half-termly catch-up units for pupils who enter Year 7 at Level 3 experiencing difficulties with any, or all, of the following:

- Reading: comprehension, inference and deduction;
- Writing: sentences and style;
- Writing: planning, organisation and process;
- Spelling: rules and strategies;
- Phonics: vowel choices;
- Information: retrieval, notetaking and summary.

The aim is to provide flexible and practical methods of catching up for pupils who are out of step with their peers, and to achieve this as early and as quickly as possible. The catch-up units will be ready by Easter 2001.

A further suite of foundation units is planned for pupils below Level 3, including oracy, the orchestration of reading strategies, phonics, thinking strategies, handwriting and presentation, and writing strategies. These foundation units will be ready by September 2001.

Further guidance about supporting pupils with Special Educational Needs in the English lesson follows in Section 4:

We start from the assumption that all pupils are entitled to our highest expectations and support, will be included in English lessons, and will be taught the objectives.

Covering the National Curriculum

Balancing range and progression

The Framework spanning key stage 3 embraces the requirements of the National Curriculum for English, and lays out a clear line of progression to be charted in teaching plans. In planning to deliver the range of texts required by the National Curriculum, teachers will choose and use texts to deliver the objectives. In this way, pupils in one school studying, for example, *Treasure Island* and *Animal Farm*, will, one way or another, have covered the same objectives by the end of the key stage as pupils in another school who have studied quite different texts.

Studying a range of texts remains an important principle: range contributes to progression in the secondary years because it enables pupils to generalise about their reading experiences, compare and evaluate texts against each other, and to become more discriminating readers. The real challenge lies in building progression into these reading experiences. Progression is defined by the Framework as a planned increase or refinement of skills, understanding and knowledge, and not simply progressing through the pages of set texts. Reading experience is to be more closely harnessed to learning. Range is not separate from progression, but integral to it. In practice, this means that the teaching of texts is informed by objectives, and the challenge is to match texts and objectives at the planning stage, so that justice can be done to both.

The NLS seeks to improve standards in key stage 3 by raising expectations throughout, by addressing the gap between results in reading and writing, and by giving fresh impetus to pupils who have fallen behind. This is what lies behind the balance of reading and writing, fiction and non-fiction, the emphasis on Sentence level and the revision of skills taught in the primary school.

Meeting the literature requirements of the National Curriculum

The National Curriculum for English prescribes the range of literature to be studied over two key stages:

- 2 Shakespeare plays
- Drama by major playwrights
- 2 pre-1914 fiction texts
- 2 post-1914 fiction texts
- 4 pre-1914 poets
- 4 post-1914 poets
- Recent and contemporary works

Writers from different cultures and traditions
Literary non-fiction
Information and reference texts
Media and moving image texts

Departments should map out when and where they will teach whole texts, and how they will provide tasters and occasional opportunities to revisit the key categories over the five years. For example, pupils may encounter scenes by Shakespeare in primary school, or in Year 7, before studying a whole play in Year 8 or 9.

There is clearly a balance to be achieved between providing classroom time to support the reading of longer texts, and the imperative to secure progression. Having clear objectives lends pace and focus to the study of longer texts; there is less need to teach all possible angles on the text and more reason to focus on those aspects which cluster around the objectives. The aim is to provide enjoyable encounters, which serve the objectives well but do not demand a disproportionate commitment of time. Teachers already use a repertoire of techniques (such as the use of priority passages, support tapes, abridgement, televised extracts and recapitulation) to move quickly through longer texts to allow more time to focus on key aspects.

Language and Learning across the curriculum

Language is the principle medium of learning in school, and every teacher needs to cultivate it as the tool for learning in their subject. Other subjects do more than simply police English across the curriculum, or nurse pupils with poor skills. Teachers have a genuine stake in strong language skills because language enables thought. Language goes beyond just 'writing up' what is learnt and 'looking up' information in a text; it is in acts of reading and writing that meanings are forged, refined and fixed. Finding the right words, giving shape to an idea, articulating what is meant: this is where language is synonymous with learning.

A number of key Language for Learning objectives have been identified in each year to be the foci for cross-curricular attention to language. They are grouped together for:

- Reading;
- Writing;
- Speaking and listening;
- Vocabulary and spelling.

Around these objectives, a school should plan a concerted approach. The objectives are built into QCA's Schemes of Work for other subjects to exemplify how they might be tied in to medium term plans. See the appendix for details about the objectives.

The National Curriculum and the Framework of Objectives demand a balance of attention between fiction and non-fiction. The definition of non-fiction goes beyond 'literary' non-fiction, such as autobiography or travel writing, to embrace other types of literacy such as instruction, explanation and persuasive writing. In a typical school year, pupils will have many opportunities to develop their skills in non-fiction. Some of these will be in English lessons and many of them will be in other subjects. It is expected that English teachers will lead the teaching of the different types of non-fiction texts, explaining in detail the conventions of each type. After this, subject teachers will follow through by showing pupils how each type is used and perhaps adapted in their subjects. Agreed timing and co-ordination between departments will ensure that each major type of text receives consolidation across the curriculum, and will be reinforced throughout the year.

The text types listed under the heading 'Stylistic Conventions' will have been taught and revised in the primary school. Although pupils are often confident in the structure of these text types, they sometimes lack an appropriate style at sentence level. Schools are strongly advised to ensure that they are re-addressed in Year 7, with a particular emphasis on stylistic features. Over the course of their secondary careers, pupils will learn many variations on these basic text types, so it is important that they and their teachers know the typical features of each one, and have the terminology to discuss adaptations to them.

Over the key stage, pupils will engage in many different types of reading and writing. It is understood that in one year, certain types of text may receive more focused attention than others, but that over the whole key stage, all of them will be dealt with in detail.

Approaches to Teaching and Learning

The Standards and Effectiveness Unit, through the National Literacy Strategy, has been evolving approaches to teaching and learning in its work with primary schools and also with secondary schools in the KS3 projects which ran in 1998/9, trialling a range of different techniques and approaches. Both initiatives have underlined the importance of teaching to clear, unambiguous objectives in ways which engage pupils in active learning, and securing these in everyday use.

Schools are diverse, but the principles of teaching and learning on which the current pilot is founded are universal and well established in research and practice.

The NLS promotes teaching that is:

- informed by clear, challenging and progressive objectives;
- direct and explicit;
- highly interactive;
- inspiring and motivating;

- varied in style and distinguished by a fast pace and strong focus;
- well-pitched to pupils' needs;
- inclusive and ambitious.

The NLS promotes **learning** that is:

- active and highly-motivated;
- purposeful;
- creative and imaginative;
- reflective;
- secured in use and meaningful in context;
- increasingly independent;
- harnessed to personal or group targets.

To achieve this highly engaging and fast-paced teaching, the NLS is committed to supporting teachers to develop a range of effective teaching styles:

- **Direction:** to ensure pupils know what they are doing, and why;
- **Demonstration:** to show pupils how effective readers and writers work;
- **Modelling:** to explain the rules and conventions of language and texts;
- **Scaffolding:** to support pupils' early efforts and build security and confidence;
- **Explanation:** to clarify and exemplify the best ways of working;
- **Questioning:** to probe, draw out or extend pupils' thinking;
- **Exploration:** to encourage critical thinking and generalisation;
- **Investigation:** to encourage enquiry and self-help;
- **Discussion:** to shape and challenge developing ideas;
- **Reflection and evaluation:** to help pupils to learn from experience, successes and mistakes.

The implications of this for lesson organisation are few, but very significant:

- more explicit teaching, with attention to word and sentence level skills;
- an emphasis on learning rather than just completing coursework or getting through set texts;
- use of the whole lesson for planned teaching, and less time spent on unplanned circulation around the groups, making optimum use of the teacher's expertise and time;
- increased opportunities for whole class interaction;
- frequent, fast-paced revision of insecure skills at word and sentence level;
- the use of shared time rather than independent time to ensure the transfer of skills into everyday use.

The NLS has already developed ways of working more effectively in these ways, through the use of:

- shared reading and writing – in which the teacher demonstrates and models the process of comprehension or composition with the whole class;

- guided reading and writing – in which the teacher dedicates substantial time in the lesson to stretch and support a particular group;
- plenaries to consolidate the learning objectives;
- investigations – in which pupils explore language and work out its rules and conventions;
- whole class interaction – in which all pupils are expected to respond, rather than individuals;
- specific achievable targets – for groups and sometimes for individual pupils.

Because schools must work within different time constraints, there is no single structure for lessons using the Framework. The structure of the lesson must serve the objectives and observe the principles set out above. Experience in the primary Literacy and Numeracy Strategies has confirmed that a lively interactive opening to the session with a sharp focus on specific objectives will engage pupils' attention and is fun. Frequent intensive sessions of this sort have a greater and more lasting effect than periodic 'skills' lessons. They provide an opportunity to address directly the revision objectives at Word and Sentence level without distorting the teaching of ongoing work. Starter activities are popular with the whole ability range, but highly recommended for classes containing pupils who have not yet secured the Word level objectives. Teachers have also used them to introduce different sentence structures and other learning that can be revised in concise, focused sessions.

The following lesson structure is highly recommended to teachers using the Framework:

1. Short lesson starter activity (e.g. spelling, vocabulary) lasting 10–15 minutes
2. Introduce the main teaching points (e.g. teacher exposition or questioning)
3. Develop the main teaching points (e.g. through group activity)
4. Plenary to draw out the learning (e.g. through feedback and presentation), lasting 5–10 minutes

Clearly, timing will vary depending on the length of the school lesson. To sustain pace and consolidation, it helps to have frequent, short and well-focused sessions. Schools are encouraged to adopt all four sections of the lesson, and tailor them to fit the time available.

The starter activity need not necessarily link directly to the lesson that follows: a factor that makes planning easier. The starter activity strand can be identified as a block of work in the medium term plan. There is always the option to comment on starter topics as they arise in context during the rest of the lesson. For example, spelling rules can be noticed in shared texts, or sentence structures used in shared writing. Attention can be drawn to them without the necessity of breaking the flow of Text level work to teach more basic skills.

Very often, teachers will develop the main objective by giving time for pupils to work in groups. This is valuable teaching time for working intensively with one group on the current objective, or to develop skills taught earlier in reading and writing. Primary schools have benefited from the practice of Guided Reading and Guided Writing, which offers concentrated teaching time to each group.

Guided sessions support pupils as they apply their new knowledge in context. They get immediate guidance and feedback from the teacher. It may be used, for example, to:

- support a group of weaker readers tackling a common text (e.g. helping them to infer and deduce meanings);
- give feedback on work in progress (e.g. written homework);
- consolidate an objective that has not been well-grasped by the group (e.g. revisiting insecure punctuation);
- review personal and group reading (e.g. discussing a text in progress with an able group).

Guided sessions make efficient use of teacher time when pupils are working independently, and pupils appreciate the access that Guided sessions give them to the teacher. Teachers are encouraged to schedule regular opportunities to visit each group in the class for focused time of this sort.

The plenary at the end of the session is an opportunity to draw out the learning that has been achieved in the lesson and refer back to the objectives. It also allows a space to celebrate what has been achieved, and prepare pupils for the next step.

The teaching of sound literacy is one of the most important investments made by schools, especially for pupils entering at Level 3 or below. Early intervention is invaluable. Were they not already doing so, schools in the pilot are expected to give at least 3 hours per week to English. We believe they may need to give up to 4.5 hours for those pupils who are out of step with their peers – the exact amount of time will depend on the needs of individual pupils. We will want to develop further guidance on the most effective ways to provide catch-up support, and will be working closely with the pilot schools to explore different options including support within English lessons, extra lessons, out of school support, and making better use of teaching assistants.

Planning and Assessment

Using the Framework to plan the English curriculum

As with the primary Framework, the key stage 3 Framework provides objectives, or *what* to teach over the course of the year. The medium-term plan, often a half-termly document, maps out *when* and *in what context* it will be taught e.g. through a unit of work. The short-term plan, probably a weekly document, defines *how* it will be taught.

Good planning is useful, manageable and worthwhile. The time and effort of planning is an investment for future years and will reduce the demands of paperwork in the long term. Experience in primary schools suggests that planning becomes quicker and easier with familiarity. Plans that are well constructed and meaningful do not have to be written in full prose or elegantly typed,

though they do need to be accessible to others. Their prime purpose is to ensure progression and chart coverage.

There are three basic demands on the medium term plans:

- For each topic or lesson block – that they show which objectives are to be addressed;
- For each year – that they fulfil all the objectives;
- For the whole of Year 7 to Year 11 – that they cover the range of texts demanded by the National Curriculum.

It is at this point that most teachers consider how a unit of work will unfold. They decide, in general terms, how much time they will spend on certain texts and tasks, and where they will pay attention to particular objectives. Either here, in the medium term plan, or mapped out over the weeks of the short-term plan, should be this 'game plan'.

There is only one demand of the short-term plan: that it makes clear how the objectives will be taught. This means planning lessons around objectives which feature in that unit of the medium term plan. It should be possible to trace an objective from the Framework through its location in the medium term plan, down to when and how it will be taught in a lesson.

Planning formats and completed examples are available in the appendix. Schools are welcome to adapt them to reflect the number of lessons they have, and the lesson structure they adopt. Many schools will wish to adapt their existing format, bearing in mind the requirements listed above. Although the Framework implies new emphases, it is expected that much of the existing Scheme of Work will be easily adapted. Most important is the need to organise teaching around specific objectives in the Framework: simply touching on them is not enough. Therefore, the job of measuring up existing Schemes of Work to the Framework is more than a tick-list activity: it is a matter of re-orientating what is done, rather than adding in extra topics.

Assessment

As pupils come to terms with their new school, it is essential to continue to build their language skills. Teachers need to know what their pupils can already do. Many pupils now leave Year 6 with personal targets, records and a history of intervention, and this body of information can help secondary teachers to make a quick start on work that is well matched to pupils' capabilities. The 'clean sheet' approach is too slow, and allows pupils to fall back when they need to be challenged. As a minimum, schools should survey the information about incoming pupils to help them to plan in advance the work of the first term, and then review individual records more closely when they have had three or four weeks of experience with individual pupils. This will alert them to unexpected changes in performance, which need to be resolved, and enable them to adjust teaching expectations accordingly.

Priorities for each new cohort can be derived from key stage 2 test results and the qualitative information provided by work sampling and other monitoring. This will help the school to translate their wider ambitions such as 'Improve writing' into numerical targets such as 'Increase by 5% the number of pupils writing at Level 4 by the end of Year 7' into curricular targets such as 'All pupils will be able to spell the high frequency word list' or 'All pupils will remember to paragraph their work and use an 'effective opening sentence'.

The best assessment has an immediate impact on teaching, because it alerts the teacher to the needs of pupils who are either out of step or exceeding expectations. Assessment in this case is pro-active: it informs target-setting and helps to maintain the pace of learning for all pupils. Teachers who use whole class interactive teaching methods get a clear and early view of individual competencies, and they are able to offer immediate support, so that pupils can keep up with the pace of work, and do not fall behind.

When teachers complete a unit of work around a text or a topic, there is an obvious opportunity to assess how well pupils have done against the objectives, and set targets for the future. This may mean, for example, a review of work completed in the unit, or a substantial assignment based on the key objectives. The results need not be elaborate: if the unit has gone well, it may just be a matter of identifying which pupils need extra feedback or consolidation, and setting new targets for the whole group. It may, on the other hand, suggest certain targets for particular groups and individuals. Some of these targets will take pupils on to new objectives, and others will ensure that insecure learning is consolidated. The principle is to mobilise assessments quickly into the setting of relevant and realistic targets.

Word level

Spelling

Pupils should revise, consolidate and secure:

1. correct vowel choices, including: vowels with common alternative spellings e.g. *ay, ai, a-e*; unstressed vowels; the influence of vowels on other letters, e.g. *doubling consonants, softening c*;
2. pluralisation, including *-es* endings, and words ending in *y, f* and vowels;
3. word endings, including vowel suffixes such as *-ing*; consonant suffixes such as *-ful*; modifying words ending in *y* or *e*; making choices between similar endings such as *-cian, -sion* and *-tion*;
4. prefixes, including antonym prefixes, e.g. *ir-, un-*;
5. the use of the apostrophe including: omissions; the possessive apostrophe; apostrophising plurals, e.g. *ladies' coats*, and words ending in *s*; the exception of possessive pronouns;
6. the spellings of common and useful words including: homophones; high-frequency words; word families; longer polysyllabic words; complex clusters, e.g. *ought*; word derivations, e.g. *sign, signature, signal*;
7. the spellings and meanings of subject specific key words correctly.

Spelling strategies

To continue learning, constructing and checking spellings, pupils should be able to:

8. sound out words phonemically and by syllables;
9. draw on analogies to known words, word families, known roots and familiar spelling patterns;
10. apply spelling rules;
11. learn words on sight and memorise critical features;
12. maintain a log of personal errors, corrections, investigations, conventions, learning strategies and other spelling work;
13. use the quartiles of a dictionary and how to find words beyond the initial letter;
14. make effective use of a spellchecker, recognising where it might not be sufficient or appropriate.

Sentence level

Sentence construction and punctuation

Pupils should revise and extend their skill in manipulating sentences. They should be taught to:

1. deploy punctuation to clarify meaning, particularly at the boundaries between sentences and clauses;
2. expand nouns and noun phrases in a variety of ways, e.g. *by using a prepositional phrase the quiet man with the foolish grin*;
3. use subordinate clauses in a number of ways, e.g. *by using a subordinating conjunction*, e.g. *although, because*, or a relative pronoun, e.g. *that, who*, or a non-finite verb, e.g. *Having finished his lunch...* and vary their position in the sentence;
4. recognise and remedy ambiguity in sentences, e.g. *unclear use of pronouns*;
5. build a repertoire of sentence structures to use in their own writing;
6. express ideas in either the active or the passive voice to suit purpose, recognising the impact this has on meaning;
7. use tense consistently, and manage shifts of tense so that meaning is clear to the reader;
8. use speech punctuation accurately to integrate speech into a range of different sentences.

Paragraphing and cohesion

Pupils should be taught to:

9. recognise the cues to start a new paragraph, i.e. when there is a shift of topic, viewpoint or time, and make effective use of the first sentence to orientate the reader;
10. identify the main point in a paragraph, and how the supporting information relates to it, e.g. as *illustration, extension or greater detail*;
11. choose how to sequence the content of a paragraph in which events are not arranged chronologically, e.g. *by order of importance, by comparison*;
12. guide the reader's attention through paragraphs by: referring back; making use of pronouns and connectives; deploying link words and phrases such as *on the other hand, finally*;
13. develop and vary the structure of sentences within a paragraph to lend pace, variety and emphasis appropriate to the content.

Vocabulary

To continue developing their vocabulary, pupils should be able to:

15. work out the meaning of unknown words using context, etymology, morphology, identifying compounds and other qualities such as onomatopoeia;
16. understand the role of words in sentences including the word class, e.g. *preposition, auxiliary verb*, and have the terminology to describe it;
17. investigate and apply lexical patterns, e.g. *adding -ify to create a verb*;
18. understand and use correctly terms of qualification e.g. *fully, slightly, similarly, mostly* and comparison e.g. *less, fewer, more, most, ...er/est*;
19. expand the range of link words and phrases used to signpost texts, e.g. *whereas, similarly*;
20. draw links between words in different languages, e.g. *Haus, house; femme, feminine*;
21. read accurately and use correctly vocabulary which relates to key concepts in the subject;
22. distinguish between everyday uses of words and their subject specific use, e.g. *energy, resistance*;
23. define the meaning of a word with precision, including its exact implication in context;
24. use a dictionary and a thesaurus with speed and skill.

Stylistic conventions of non-fiction

Pupils should revise the basic stylistic conventions of the main types of non-fiction established in Key Stage 2:

14. *Information text*, which maintains the use of the present tense and the third person; makes clear how the information is organised and linked; incorporates examples;
15. *Recounts*, which maintain the use of past tense, clear chronology and temporal connectives to secure the reader's grasp of past events;
16. *Explanation*, which maintains the use of the present tense and impersonal voice, and articulates the logical and causal connections between points;
17. *Instructions*, which are helpfully sequenced and signposted, deploy imperative verbs and provide clear and concise guidance to the user;
18. *Persuasion*, which uses sentence syntax to enhance and emphasise key points, and which articulates strong logical links in the developing argument;
19. *Discursive writing*, which signposts the organisation of contrasting points and clarifies the viewpoint expressed at every stage;
20. the vocabulary, sentence grammar and stylistic conventions of the main forms of writing used by the subjects in the current term, e.g. *formal essay, science report, book review*.

Standard English and language variation

Pupils should be taught to:

21. investigate the differences between spoken and written language structures, e.g. *greetings, hesitation in speech, how real speech is shaped into direct and reported speech in writing*;
22. use standard English consistently and accurately in formal situations and in writing, e.g. *avoiding common errors of agreement such as we was*;
23. vary the formality of language in speech and writing to suit different circumstances and evaluate its effectiveness;
24. recognise that the spelling, meaning and usage of words changes over time, and identify ways in which sentence structure and punctuation differs in older texts.

Text level – Reading**Research and study skills****Pupils should be taught to:**

1. use effective strategies to locate and appraise relevant resources for a given task, and find relevant information in them;
2. use close reading strategies to extract particular information, e.g. *highlighting, skimming, scanning*;
3. make brief, clearly-organised notes of key points for later retrieval;
4. evaluate the relevance, validity and reliability of information found;
5. acknowledge sources.

Reading for meaning**Pupils should be taught to:**

6. adopt an active reading approach: *visualising; predicting; empathising; bringing one's own experience to bear; questioning the text and searching for sense and meaning*;
7. identify the main actions, processes or ideas in a text and how they are developed by the writer;
8. infer and deduce meanings using evidence in the text, identifying where and how meanings are implied;
9. distinguish between the views of the writer and those expressed by others in the text, e.g. *the narrator, quoted experts, characters*;
10. identify how media texts are tailored to suit their audience, and how that audience responds to them, e.g. *popular websites*;
11. recognise how print, sounds and still or moving images combine to create meaning, e.g. *title sequences*;
12. explain how meanings are changed when information is presented in different forms or transposed into different media.

Text level – Writing**Imagine, explore, entertain****Pupils should be taught to:**

1. structure a story with an arresting opening, a developing plot, a complication, a crisis and a satisfying resolution;
2. portray character and motivation, directly and indirectly, through description, dialogue and action;
3. use a range of narrative devices to involve the reader, e.g. *withholding information*;
4. experiment with different forms, styles and genres to present similar material, and compare the results;
5. experiment with the visual and sound effects of language, including the use of imagery, alliteration, rhythm, rhyme, etc;
6. use writing to explore and develop ideas, e.g. *journals, brainstorming techniques and mental mapping activities*.

Inform, explain, describe**Pupils should be taught to:**

7. select and present information in a way that is appealing and accessible to its target audience;
8. explain a process logically, highlighting the links between cause and effect;
9. give instructions and directions, which are specific, easy to follow and clearly sequenced;
10. describe an object, person or setting in a way that is both accurate and evocative;
11. organise texts in ways appropriate to their content, e.g. *by chronology, priority, comparison*, and signpost this clearly to the reader;
12. use detail, example, diagram and illustration as appropriate to illustrate meaning.

Speaking and Listening**Speaking****Pupils should be taught to:**

1. retell a story, anecdote or experience using relevant descriptive detail and a range of storytelling techniques, and consider how this differs from written narrative;
2. give clear instructions, expositions or explanations that are helpfully sequenced, linked and supported by gesture or other visual aid;
3. promote, justify or defend a point of view using supporting evidence, example and illustration, all of which are linked back to the main argument;
4. give a rehearsed talk, which is clearly spoken, helpfully introduced, structured in clear sections and has a convincing conclusion;
5. tailor the expression, vocabulary and delivery of a talk or presentation to suit the audience, anticipating their interests, needs and responses;
6. evaluate the effectiveness and aptness of a talk for its audience, pointing to ways in which it is successful and how it could be improved;
7. use talk as a tool for clarifying complex ideas, e.g. *by articulating problems*.

Listening**Pupils should be taught to:**

8. listen for and recall the main messages of a talk, reading or television programme, and record these systematically using abbreviation;
9. answer questions pertinently, drawing on relevant evidence or reasons;
10. identify the main methods used by presenters to explain, persuade, amuse or argue a case, e.g. *emotive vocabulary, verbal humour*;
11. recognise the way familiar spoken texts, e.g. *directions, explanations*, are organised and identify their typical features, e.g. *of vocabulary or tone*;
12. reflect on what has been heard to ask searching questions, make pertinent comments or challenge the views expressed;
13. compare different points of view that have been expressed, and identify underlying differences and similarities.

Study of literary texts

Pupils should be taught to:

13. develop critical reflection and personal response, e.g. *sharing views, keeping a reading journal*;
14. review the content, strengths and weaknesses of a text and give a considered response to it;
15. examine and define some common literary forms, e.g. *sonnet*, and genres, e.g. *Gothic horror*, and identify their conventions;
16. identify how a particular text adheres to and deviates from established conventions;
17. identify how texts refer to and reflect the culture in which they were produced, e.g. in their evocation of place and values;
18. develop the notion of literary heritage and understand why some texts are given higher status or value.

Understanding the author's craft

Pupils should be taught to:

19. recognise and use simple rhetorical devices to enhance meaning, including repetition, charged vocabulary, varied sentence structure or line length, sound effects, e.g. *alliteration and figures of speech*;
20. explain, using the appropriate terminology, how a writer has achieved a particular effect;
21. recognise key features in the style and approach of distinctive writers, generalise about their values and themes, and how they reflect the culture in which they wrote.

Persuade, argue, advise

Pupils should be taught to:

13. express and develop a personal view with clarity;
14. in presenting ideas, anticipate the needs, interests and views of the intended reader;
15. add emphasis to key points, e.g. *by reiteration, exaggeration, repetition, use of rhetorical questions*;
16. use a range of strategies to validate an argument, e.g. *statistical evidence, exemplification, testimony*.

Analyse, review, comment

Pupils should be taught to:

17. identify criteria for evaluating a particular text, object or event, present findings fairly and give a personal view;
18. plan, write and present a critical review for a specific audience, and revise it in the light of their response.

Plan, draft and present

Pupils should be taught to:

19. collect, select and assemble ideas in a suitable planning format, e.g. *flow chart, list, star chart*;
20. adopt and adapt procedures for drafting, editing, revising, proofreading and presenting a finished text;
21. find ways of testing the quality of written work, e.g. *by using it with its target audience, and refining it in the light of feedback*;
22. review the legibility and neatness of own handwriting and set personal targets to improve presentation.

Group discussion and interaction

Pupils should be taught to:

14. adopt roles in discussion, which include acting as spokesperson, and contribute in different ways including promoting, opposing, exploring and questioning;
15. use exploratory, hypothetical and speculative talk as a way of researching ideas and expanding thinking;
16. work together logically and methodically to solve problems, make deductions, test and evaluate the ideas proposed;
17. acknowledge other people's views, justifying one's own and modifying them in the light of what others say;
18. identify and report the main points emerging from discussion, agree a course of action including, for example, responsibilities and deadlines;
19. reflect on the effectiveness of the group work and agree how it could be improved.

Drama

Through a range of drama techniques, pupils will:

20. explore in role a variety of situations and texts or respond to stimuli; reflect on the insight this provides into the motives and perspectives of others;
21. extend their spoken repertoire by experimenting with language in different contexts and roles;
22. work collaboratively to devise and perform scripted and unscripted pieces, which convey understanding of character, relationships and issues;
23. develop a performance, which establishes and maintains the attention of the audience;
24. reflect on and evaluate their own and others' performances;
25. develop strategies for anticipating, visualising and problem-solving in different learning contexts.

Anexo n.º 8:

“Projecto «*Piano per la promozione della lettura nelle scuole di ogni ordine e grado*» desenvolvido pela Administração Central italiana”



PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI IMPERIA

PROT. N° 4989/A21/a/A22/a

IMPERIA, 19.04.1995

A TUTTE LE AUTORITA' SCOLASTICHE STATALI E NON STATALI
DELLA PROVINCIA LORO SEDI

AI REPARTI

SEDE

OGGETTO: PIANO PER LA PROMOZIONE DELLA LETTURA NELLE SCUOLE DI OGNI ORDINE E GRADO.

Si trasmette, per opportuna conoscenza e norma, la Circ N° 105 del M.P.I.- Ufficio Studi Bilancio e Programmazione
Ufficio I° - Direzione Generale Scuola Elementare - Direzione Generale Istruzione Classica Scientifica e Magistrale -
Direzione generale Istruzione Professionale - Direzione generale Istruzione Tecnica - Direzione generale Scambi
Culturali - Direzione Generale Istruzione Media non Statale - Prot. N° 1397 del 27.03.1995 relativa all'oggetto.

IL PROVVEDITORE AGLI STUDI
(DOTT. B. MACALUSO)

OGGETTO: Piano per la promozione della lettura nelle scuole di ogni ordine e grado

Questo Ministero considera l'educazione alla lettura come uno dei principali obiettivi formativi della scuola, così come viene indicato anche nei più recenti documenti di innovazione curricolare sia di ordinamento sia sperimentale; già si realizzano nelle scuole di ogni ordine e grado attività e iniziative di promozione della lettura e del libro ma si ritiene venga a configurarsi l'opportunità di fissare linee e criteri generali di riferimento che, anche sul piano operativo, consentano di incentivare e sostenere e pur apprezzabili iniziative locali.

Si propone, pertanto, un Piano Nazionale di educazione alla lettura che coinvolga in una linea di continuità i vari livelli di scolarità, ferma restando la valorizzazione dell'autonomia di programmazione e di organizzazione didattica delle istituzioni scolastiche in sinergia con le sollecitazioni dell'extra-scuola.

Il Piano, predisposto anche con l'apporto del gruppo di lavoro interdirezionale (istituito con apposito Decreto Ministeriale presso questo Ministero, Ufficio Studi, Bilancio e Programmazione-Ufficio I,

con il compito di indicare obiettivi e linee operative di carattere generale nonché modelli di attività finalizzati alla promozione della lettura e del libro nei vari ordini e gradi di scolarità), si prefigge di definire un quadro organico finalizzato non solo a stimolare le capacità propositive del mondo della scuola ma soprattutto ad impostare una politica di promozione della lettura che superi gli ambiti specifici dell'educazione linguistica per connotarsi come obiettivo più ampio di formazione della persona e che abbia come obiettivo formativo quello di consentire a tutti i cittadini di saper gestire autonomamente e consapevolmente il proprio rapporto con la sfera dell'informazione e con le proprie aspirazioni culturali.

Il Piano, le cui linee operative e il cui quadro teorico di riferimento sono contenuti nel documento allegato, procede secondo le seguenti fasi organizzative e le conseguenti cadenze operative:

- | | | |
|--------|---|-------------------------|
| FASE 1 | Rilevazione delle attività in essere | Maggio 1995 |
| FASE 2 | Promozione di progetti sperimentali pilota | Anno scolastico 1995/96 |
| FASE 3 | Monitoraggio e valutazione dei risultati | Marzo 1996 |
| FASE 4 | Definizione di linee guida per la generalizzazione e disseminazione del "Progetti pilota" | Anno scolastico 1996/97 |

Descrizione delle FASI

FASE I

Rilevazione

Questo Ministero promuove nel corrente anno scolastico, mediante l'allegata scheda di rilevazione, una indagine rivolta all'intero sistema scolastico e finalizzata, pur nella necessaria essenzialità richiesta dall'alto numero dei soggetti coinvolti (tutti i capi di istituto), ad acquisire un'informazione completa sulle iniziative in atto nella scuola per la definizione di un primo "Rapporto nazionale sugli aspetti quantitativi e qualitativi collegati all'educazione alla lettura e ai progetti pilota in corso di attuazione sia per iniziativa centrale sia periferica".

La scheda sarà distribuita dai Provveditori agli studi ai capi di Istituto che la restituiranno debitamente compilata entro il 30 maggio 1995.

I Provveditori agli Studi invieranno all'Ufficio Studi, Bilancio e Programmazione - Ufficio I le schede accorpate per ordini e gradi di scuole entro il 15 giugno 1995.

Preliminarmente all'attuazione della successiva FASE 2, al fine di incentivare la capacità progettuale delle singole scuole nella produzione di esperienze significative nel campo della lettura, questo Ministero ritiene di dover indire a titolo di esperienza pilota una "Settimana della lettura" in cui, grazie all'apporto propositivo e organizzativo delle classi insieme ai loro insegnanti, dovranno essere attivate iniziative che abbiano al centro il libro e che vedano il percorso di lettura come un'esperienza aperta in collaborazione anche con soggetti esterni.

L'esperienza pilota "Settimana della lettura" avrà luogo nel periodo 2-6 maggio 1995.

Gli organi collegiali che si faranno carico della programmazione e progettazione delle attività potranno per la più efficace riuscita della "settimana" delineare modelli per iniziative a carattere pilota che potranno anche prevedere incontri delle classi con personale esterno alla scuola (scrittori,

PIANO NAZIONALE DI EDUCAZIONE ALLA LETTURA

Il quadro di riferimento

Gli studi più recenti in campo psico-pedagogico e glottodidattico, le sperimentazioni ed i progetti più avanzati provenienti dalle scuole e le più recenti emanazioni ministeriali di innovazione curricolare fanno ritenere opportuna una riflessione ed una azione riepilogativa e propositiva che hanno come quadro di riferimento le seguenti considerazioni.

Letture a livello adulto e autonomo significa (al di fuori delle specifiche competenze dell'educazione al testo letterario) padronanza degli strumenti del comunicare intesi nella loro accezione più articolata; capacità di operare una lettura consapevole dei messaggi socioculturali, di interpretarli e contestualizzarli secondo l'identità sociale del gruppo, secondo le categorie del gusto, secondo la sensibilità personale; significa in sintesi saper scegliere le proprie letture e quindi interagire in modo non subalterno con le proposte culturali dell'ambiente in cui si vive.

Obiettivo dell'educazione alla lettura a livello di completamento della scuola di base reale, cioè almeno sino al termine del biennio superiore, è l'acquisizione di un sufficiente grado di consapevolezza teorica e di padronanza degli strumenti che consentano la messa a punto di capacità di gestire autonomamente il proprio rapporto con la sfera dell'informazione e con le proprie aspirazioni culturali.

Da ciò consegue l'importanza di un'educazione alla lettura che superi gli ambiti specifici dell'educazione linguistica per connotarsi come obiettivo più ampio di formazione della persona.

1 - L'educazione alla lettura

Un progetto di educazione alla lettura che coinvolga in una linea di continuità i vari livelli di scolarità e che si ponga tra gli obiettivi comuni delle varie discipline, deve avere come premessa essenziale la condivisione dei seguenti fondamenti:

saper leggere

- è un insieme di abilità e un atteggiamento che supera gli ambiti dell'educazione linguistica e che riguarda un'area disciplinare vasta come una biblioteca;

- è soprattutto un problema di curiosità e di motivazione alla lettura in quanto tale e non solo alla lettura scolastica, basato sul superamento della scissione tra quello che si vuole e quello che si deve leggere;

- è in sostanza il passaggio da una concezione della lettura come dovere scolastico ad una lettura come attività libera e capace di porre il soggetto in relazione con se stesso e con gli altri.

Il significato e l'estensione del termine lettura è da intendersi come processo continuo tendente alla formazione di un lettore autonomo e consapevole e costituisce ancora un problema aperto e articolato in più variabili:

* lettura come decodifica e comprensione del testo scritto;

* lettura come percorso di approccio motivato a una pluralità di testi (letterari , scientifici tecnologici , divulgativi ecc.);

* lettura come abilità funzionale allo studio della letteratura italiana;

* lettura come abilità autonoma.

critici, giornalisti ecc.) coinvolgendo ove possa emergere un contributo positivo, anche i genitori e i familiari degli allievi

Sarà cura dei Provveditori agli studi indicare un referente esterno che possa facilitare il contatto degli studenti con il libro (biblioteche, librerie ecc.)

Detta "settimana della lettura" a carattere di iniziativa pilota potrà avere come riferimento possibile una serie di proposte pervenute dalla "Fondazione per il Salone del libro di Torino" che può considerarsi come occasione per momenti di riflessione e di incontri anche in considerazione del fatto che in tale iniziativa è compresa l'individuazione di supporti per la promozione e il coordinamento di attività da realizzare sul territorio tramite il coinvolgimento delle Biblioteche Nazionali dell'A.I.E. (Ass. It. Editori), A.L.I. (Ass. Librai It.), A.I.P.E. (Ass. It. Piccoli Editori).

A tal proposito si segnala la Giornata dedicata ai giovani lettori che avrà luogo durante il Salone del libro di Torino (18-23 maggio 1995)

E' inoltre allo studio di questo Ministero l'attuazione di una serie di iniziative tra cui momenti seminariati atti a formare figure di riferimento e a valorizzare esperienze significative nel campo della promozione della lettura

Questo Ministero sta anche considerando la possibilità di realizzare un incontro tra studenti per esaminare i problemi relativi alla stampa da loro curata, in modo da individuare strumenti e linee operative volte a promuovere e sostenere progetti in tutte le sedi.

ASE 2 Anno scolastico 1995/96 Promozione di progetti sperimentali pilota

Si intende avviare nelle scuole di ogni ordine e grado iniziative per l'attivazione e la valorizzazione, all'interno della programmazione di istituto, di "progetti di lettura" capaci di

- coinvolgere e integrare tutte le componenti della comunità scolastica;
- innestarsi sulla realtà territoriale in rapporto sinergico di collaborazione e condivisione delle risorse;
- ripensare il ruolo delle biblioteche scolastiche alla luce di concezioni organizzative atte anche a inglobare produttivamente le figure professionali previste dalla Legge n.426 (coordinatori dei servizi di biblioteca) e i docenti collocati fuori ruolo per motivi di salute (art.113 del D P R 417/94)

ASE 3 Monitoraggio e valutazione dei risultati da impostarsi al termine anno scolastico 95/96

ASE 4 Definizione di linee guida per generalizzazione e disseminazione dei "Progetti di lettura" a seguito dell'azione di promozione dei progetti pilota e del relativo monitoraggio

l'allegato 1 contiene il quadro di riferimento generale, le linee operative e l'impianto organizzativo di massima del Piano per l'attuazione di una proficua e coordinata azione della scuola aperta al dialogo istituzionale e agli apporti dell'extra-scuola.

l'allegato 2 è costituito dalla scheda di rilevazione

che sottolinea ancora una volta l'importanza della diffusione della lettura e del libro nella formazione dei giovani, si auspica la collaborazione a tal fine di tutte le componenti scolastiche e, in particolare, della funzione ispettiva

IL MINISTRO



A sostegno di ciò possono essere richiamate le indicazioni contenute nei programmi della scuola di base e nei programmi sperimentali proposti per la scuola secondaria superiore che pongono in evidenza:

- * la valenza affettivo - relazionale e sociale della lettura;
- * la motivazione come condizione essenziale per attivare e consolidare un comportamento costante ed intelligente di lettura;
- * la necessità dell'utilizzo di una varietà di materiali idonei a incentivare il bisogno di leggere.

2 - L'educazione alla lettura in un contesto multimediale

Un approccio organico e più ampio al tema della lettura deve anche dare coerenza ed equilibrio al rapporto lettura - immagine nelle dimensioni del vivere culturale e sociale.

Un progetto di promozione della lettura deve assumere anche il contesto multimediale in cui viviamo; in particolare i bambini vivono immersi in una realtà comunicativa che deve essere accettata e compresa, dominata ma non demonizzata.

La proiezione del saper leggere in un contesto di comunicazione reso complesso da una pluralità di linguaggi è la capacità di essere attenti alle manifestazioni culturali e di vita quotidiana e di parteciparvi conservando attitudine critica e sapendo gestire le proprie emozioni.

Significa anche capacità di decodificare i messaggi dei media e di coglierne le valenze culturali, di relazione, di comunicazione; capacità di cogliere la dimensione estetica di ciò che si vede, immagina; capacità di messa a fuoco dell'ambiente e del raccordo tra la propria dimensione culturale e la sensibilità collettiva.

E' quindi importante che l'educazione alla lettura non consideri il libro come una realtà contrapposta e alternativa agli altri media, ma anzi si ponga l'obiettivo di individuare tutte le possibili connessioni tra il libro e gli ambiti comunicativi sia che utilizzino linguaggi verbali come il giornale sia che si tratti di codici misti o soltanto audiovisivi.

Allora il libro può essere un punto di ritorno e una conquista, uno strumento che accompagna le proprie scelte culturali e che, attraverso gli strumenti, i metodi, le strategie date dalla scuola, può essere guida ad analisi consapevoli da affinare col passare degli anni e dell'esperienza.

3 - L'educazione alla lettura come processo continuo

L'educazione alla lettura deve essere considerato un processo continuo che si imposta fin dalla scuola elementare e persino dalla scuola materna: in effetti proprio nei Programmi didattici del 1985 della scuola elementare trova ampio spazio di riferimento una concezione del leggere come processo di ricerca, comprensione e interpretazione del significato del testo.

Questo processo diventa ancor più efficace, nella prospettiva di una continuità educativa e didattica, se ricordato in ingresso alle iniziative educative della scuola materna in cui, in ottemperanza a quanto previsto nei Nuovi Orientamenti, vengono promosse le prime abilità immaginative e cognitive connesse alla lettura di materiale non soltanto figurativo e se si connettono in uscita con gli obiettivi della scuola media.

Soprattutto nella scuola elementare assume un particolare rilievo il ruolo dell'insegnante e la sua capacità di creare un "clima pedagogico" adatto ad instaurare un incontro con la lettura che non sia puramente strumentale. Presupposto di tale clima, la messa in atto di strategie trascinanti e gradevoli

quali il saper coinvolgere l'alunno nella continuità del racconto creando una situazione di attesa attraverso sapienti interruzioni, stabilendo un'interazione tra ciò che si legge e le esperienze familiari e sociali o fantastiche dei bambini, sapendo scegliere i testi in rapporto alla loro età e al loro gusto, il che presuppone la familiarità dell'insegnante con le offerte più recenti dell'editoria per l'infanzia e con l'immaginario che il bambino si è costruito come fruitore spesso passivo di altri media.

Pertanto l'educazione alla lettura assume un ruolo fondamentale fin dalla scuola elementare che è il luogo dove il fanciullo attua la prima esperienza del leggere, soprattutto in un contesto culturale come quello attuale, dove i sistemi di comunicazione televisiva, filmica, informatica e telematica sembrano voler esaurire completamente i bisogni di conoscenza, anche del bambino e prosegue in raccordo armonico con quanto previsto dai programmi della scuola media e dai più recenti programmi di educazione linguistica dei progetti sperimentali coordinati dell'istruzione secondaria di secondo grado e dai programmi della sperimentazione "Brocca".

In particolare nella proposta di sperimentazione "Brocca" per il triennio della scuola secondaria di secondo grado, si legge che "una delle finalità formative comuni a tutti gli indirizzi è quella di suscitare l'amore e il gusto della lettura, l'acquisizione di capacità di giudizio, l'elevazione dei giovani ai valori della cultura."

In tutti i programmi citati l'educazione alla lettura non è vista come obiettivo dell'educazione linguistica e dell'insegnante di lettere, ma deve divenire momento trasversale a tutte le discipline attraverso l'incentivazione della motivazione ad un leggere che coinvolga i processi cognitivi e quelli affettivo-emotivi.

Il passaggio dai programmi disciplinari e dal manuale alla curiosità della conoscenza e dei saperi è un passo educativo-formativo che deve essere prassi costante nelle linee metodologiche comuni alle diverse discipline; la programmazione collegiale non potrà non avere tra i suoi elementi qualificanti l'educazione alla lettura intesa anche e soprattutto come potenziamento delle capacità di lettura personale e di decodifica della comunicazione ivi compresi i linguaggi della comunicazione multimediale.

La capacità di organizzare le proprie letture personali e di reagire agli stimoli del mondo esterno, non come negazione della civiltà dell'immagine ma come recupero dei valori della fantasia e della creatività, deve fondarsi su una consapevolezza dell'autonomia del lettore come persona in grado di orientarsi e di scegliere, di attivare in modo del tutto personale e correlato alle problematiche esterne le proprie energie intellettuali al fine di vivere la lettura come abito mentale e di essere fruitore consapevole delle offerte del mercato librario.

Se l'educazione alla lettura è processo e percorso sistematico all'interno della programmazione e dell'organizzazione didattica; ambiti di riferimento privilegiati sono l'angolo di lettura (per la scuola dell'infanzia), la biblioteca di classe e naturalmente la biblioteca scolastica che va considerata anche come luogo di incontro e di comunicazione dove si realizzano progetti di educazione alla lettura capaci di coinvolgere gli alunni. Proprio in tale dimensione vanno predisposti itinerari di accesso creativo ai libri che, adeguatamente inseriti nella programmazione di istituto, possono far capo ad uno o più docenti referenti per la tematica in questione. Tali itinerari vanno altresì coerentemente definiti in stretto raccordo interdisciplinare anche con l'educazione all'immagine i cui ambiti d'apprendimento sono in sinergia con quelli inerenti il rapporto con il testo scritto.

La biblioteca scolastica, inoltre, offre l'opportunità di aprire la scuola alle sollecitazioni del territorio e diviene contesto di aggregazione per "esperienze di lettura" da attuarsi con i docenti nell'ambito della formazione in servizio e con i genitori nell'ambito delle attività di informazione e sensibilizzazione

Linee operative e impianto organizzativo

L'avvio di un Piano Nazionale per la promozione della lettura, che è considerato un obiettivo prioritario ed una risposta ad una emergenza pedagogica anche in altri sistemi scolastici (Francia, USA ecc.) intende quindi, in linea con il principio dell'autonomia didattica delle istituzioni scolastiche, proporre idee-guida e modelli e fondarsi su una reale conoscenza della situazione esistente, articolandosi nelle menzionate fasi.

FASE I.

Le indagini disponibili sul problema della lettura forniscono informazioni sulle abitudini di lettura e sui consumi culturali dei giovani sia nel tempo libero che nella scuola.

Non risulta invece che sia stata condotta una ricerca sulle strategie che la scuola pone in essere per la "promozione della lettura".

Questo Ministero promuove, mediante l'allegata scheda di rilevazione, una indagine rivolta all'intero sistema scolastico e finalizzata, pur nella necessaria essenzialità richiesta dall'alto numero dei soggetti coinvolti (tutti i capi di istituto), ad acquisire un'informazione completa delle iniziative in atto nella scuola per la definizione di un primo "Rapporto nazionale sugli aspetti quantitativi e qualitativi collegati all'educazione alla lettura e ai progetti pilota in corso di attuazione sia per iniziativa centrale sia periferica".

Con tale indagine sarà possibile conoscere e "far conoscere" i principali e più significativi progetti di singole scuole e/o di scuole in sinergia con agenzie culturali e realtà territoriali; sarà inoltre possibile far partire ulteriori indagini mirate alla conoscenza e alla successiva "modellizzazione" e diffusione dei progetti strategicamente più significativi ed efficaci.

FASE 2- e 4

Caratteristiche generali del Piano per quanto concerne l'approccio operativo di riferimento e gli aspetti attuativi:

- * coordinamento nel rispetto della piena autonomia ai diversi livelli: Uffici Centrali, Uffici Scolastici periferici, Istituzioni scolastiche.
- * rilevazione delle iniziative in atto per confrontarle, valutarle, porle in sinergia nella valorizzazione dell'autonomia delle scuole;
- * promozione della cultura del leggere in un contesto di continuità fra ordini di scuole;
- * definizione di criteri culturali, pedagogici e didattici da far confluire in un direttivo quadro;
- * organizzazione di supporti di monitoraggio e di valutazione con carattere sistematico e permanente avvalendosi anche delle risorse degli uffici periferici e degli ispettori tecnici.

Caratteristica di progetto

La definizione di progetti di lettura a partire dalle esperienze pilota potranno strutturarsi nell'ambito del citato Piano assumendo le caratteristiche di "progetto" educativo di istituto.

Il percorso di educazione alla lettura all'interno delle istituzioni scolastiche diviene **PROGETTO LETTURA** nel momento in cui coinvolge ed integra tutte le componenti della comunità scolastica e

si articola in sottoprogetti specifici indirizzati a differenti soggetti (alunni, docenti, genitori) e finalizzati a indagare, cercando idonee soluzioni, i problemi inerenti i carenti comportamenti di

lettura e, sul piano più prettamente scolastico, il divario tra indicazioni programmatiche ed effettiva realizzazione.

Strategie e risorse

1 - Un primo momento progettuale-strategico per la promozione della lettura è la creazione del clima pedagogico che si può concretizzare esemplificativamente nel

- * creare spazi di lettura;

- * leggere a voce alta in situazione collettiva;

(in questa prospettiva assume grande rilevanza il ruolo dell'insegnante in quanto "sentire leggere l'adulto e veder leggere l'insegnante" fanno emergere "il bisogno e il piacere della lettura")

- * produrre attività stimolanti;

- * portare i bambini in libreria;

- * creare mostre del libro all'interno della scuola;

- * creare rapporti con le biblioteche esterne;

- * portare all'interno della scuola scrittori e illustratori;

- * aggiornare i docenti sulle novità librarie per bambini;

(l'aggiornamento dei docenti sulle novità librarie si rende necessario in quanto sembra importante proporre ai bambini accanto ai classici della letteratura per l'infanzia di indubbia valenza educativa, le produzioni più recenti e più vicine ai bambini di oggi);

- * utilizzare nelle biblioteche scolastiche personale specializzato a stimolare il piacere della lettura;

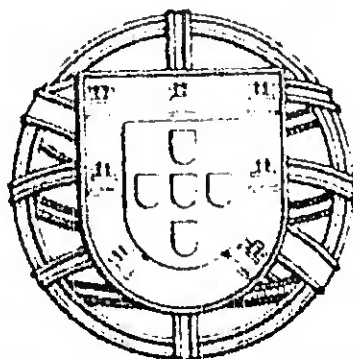
- * sensibilizzare il consiglio di classe sull'importanza di una educazione interdisciplinare alla lettura;

- * evidenziare i modi di funzionamento delle biblioteche scolastiche nei progetti "accoglienza" che si vanno diffondendo nelle scuole;

FASE 3

Impostazione di azioni di monitoraggio e di valutazione dei risultati attraverso strumenti che saranno appositamente predisposti dal Gruppo di lavoro di cui al D.M. 18 aprile 1994.

Anexo n.º 9:
“Projecto «*Grupo de trabalho conjunto*»
desenvolvido pela Administração Central
portuguesa”



DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Assembleia da República	
Secretário-Geral	1659
Presidência do Conselho de Ministros	
Resolução n.º 5/96 (2.ª série):	
Aquisição de terrenos sitos no Paul do Taipal, em Montemor-o-Velho	1659
Resolução n.º 6/96 (2.ª série):	
Autoriza o Ministro dos Negócios Estrangeiros, o Ministro do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, o Ministro da Economia, o Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas e o Ministro da Ciência e da Tecnologia a representar rotativamente o Estado na sua qualidade de associado honorário do Fórum do Mar	1659
Serviço Nacional de Protecção Civil	1659
Serviços Sociais da Presidência do Conselho de Ministros	1659
Presidência do Conselho de Ministros e Ministério da Economia	
Despacho conjunto	1659
Presidência do Conselho de Ministros e Ministério da Solidariedade e Segurança Social	
Despacho conjunto	1659

Ministério da Defesa Nacional	
Instituto de Defesa Nacional	1659
Repartição de Sargentos e Praças da Direcção do Serviço do Pessoal da Superintendência dos Serviços do Pessoal (Marinha)	1660
Arsenal do Alfeite	1660
Repartição de Pessoal Civil da Direcção de Administração e Mobilização de Pessoal (Exército)	1660
Gabinete do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea	1663
Repartição de Pessoal Civil da Direcção de Pessoal (Força Aérea)	1663
Ministério dos Negócios Estrangeiros	
Departamento Geral de Administração	1663
Departamento de Assuntos Jurídicos	1663
Ministérios dos Negócios Estrangeiros, das Finanças e da Economia	
Despacho conjunto	1663
Ministério do Planeamento e da Administração do Território	
Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano	1663
Ministério da Economia	
Fundo de Turismo	1664
Instituto Português da Qualidade	1665

Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas

Instituto de Protecção da Produção Agro-Alimentar	1665
Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral	1665
Direcção-Geral das Pescas	1665

Ministério da Educação

Gabinete do Ministro	1665
Gabinete do Secretário de Estado da Administração Educativa	1666
Departamento de Programação e Gestão Financeira	1666
Departamento da Educação Básica	1667
Departamento do Ensino Secundário	1669
Inspeção-Geral da Educação	1670

Ministérios da Educação e da Cultura

Despacho conjunto n.º 7/ME/MC/96	1670
----------------------------------	------

Ministério do Equipamento Social

Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais	1670
Junta Autónoma de Estradas	1671

Ministério da Saúde

Escola Superior de Enfermagem de Calouste Gulbenkian de Braga	1672
Direcção-Geral das Instalações e Equipamentos da Saúde	1672
Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil, Centro Regional do Porto	1673
Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil, Centro Regional de Coimbra	1673
Hospitais Cívicos de Lisboa	1674
Hospitais da Universidade de Coimbra	1675
Hospital Central e Especializado de Crianças Maria Pia	1675
Hospital Ortopédico do Dr. José de Almeida	1675
Hospital de Egas Moniz	1676
Hospital de Pulido Valente	1677
Hospital de Santa Maria	1677
Hospital de São João	1679
Hospital Distrital de Abrantes — Doutor Manuel Constâncio	1680
Hospital Distrital de Alcobaça	1680
Hospital Distrital de Chaves	1681
Hospital Distrital da Covilhã	1681
Hospital Distrital da Figueira da Foz	1682
Hospital Distrital do Fundão	1682
Hospital Distrital de Portimão	1682
Hospital da Senhora da Oliveira — Guimarães	1682
Hospital de São Pedro — Vila Real	1683
Hospital de José Luciano de Castro	1684
Hospital de Nossa Senhora da Graça — Tomar	1684
Hospital de Santa Maria Maior	1684
Hospital de São Gonçalo	1684
Hospital de São José de Fafe	1685
Hospital do Arcebispo João Crisóstomo — Cantanhede	1685
Hospital do Conde de Bertandos	1685
Hospital do Conde do Bracial	1686
Hospital do Visconde de Saireu	1686
Hospital de São Pedro Gonçalves Telmo — Peniche	1686
Hospital de Nossa Senhora da Ajuda — Espinho	1686
Hospital do Espírito Santo — Évora	1687
Hospital de São Bernardo — Setúbal	1687
Hospital de Nossa Senhora do Rosário — Barreiro	1688
Hospital de Nossa Senhora da Assunção — Seia	1688
Hospital de Santo André — Leiria	1688
Hospital de Magalhães Lemos	1688
Centro Hospitalar das Caldas da Rainha	1688
Centro Hospitalar de Coimbra	1688
Administração Regional de Saúde do Norte	1689
Administração Regional de Saúde do Centro	1689

Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo	1690
Administração Regional de Saúde do Alentejo	1693
Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge	1691

Ministérios da Saúde e para a Qualificação e o Emprego

Despacho conjunto	1692
-------------------	------

Ministério para a Qualificação e o Emprego

Instituto do Emprego e Formação Profissional	1692
--	------

Ministério da Solidariedade e Segurança Social

Centro Nacional de Pensões	1691
Centro Regional de Segurança Social de Lisboa e Vale do Tejo	1691
Secretariado Nacional de Reabilitação	1694

Ministério do Ambiente

Instituto de Promoção Ambiental	1694
---------------------------------	------

Ministério da Ciência e da Tecnologia

Secretaria-Geral do Ministério	1694
Instituto de Investigação Científica Tropical	1694

Região Autónoma da Madeira

Secretaria Regional de Economia e Cooperação Externa	1695
--	------

Tribunal Constitucional	1695
Supremo Tribunal Administrativo	1695
Tribunal de Contas	1695
Universidade Aberta	1695
Universidade do Algarve	1699
Universidade da Beira Interior	1700
Universidade de Coimbra	1701
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra	1701
Universidade de Évora	1701
Universidade de Lisboa	1702
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa	1703
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa	1703
Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa	1703
Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa	1704
Serviços de Acção Social da Universidade do Minho	1704
Universidade Técnica de Lisboa	1704
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade Técnica de Lisboa	1705
Instituto Superior de Economia e Gestão, da Universidade Técnica de Lisboa	1705
Instituto Superior Técnico, da Universidade Técnica de Lisboa	1705
Câmara Municipal de Alandroal	1705
Câmara Municipal de Estremoz	1723
Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa	1733
Ordem dos Advogados	1733

Escola Secundária de D. Dinis, Santo Tirso

Aviso. — Nos termos do n.º 3 do art. 95.º do Dec.-Lei 497/88, de 30-12, torna-se público que se encontra afixada a lista de antiguidade do pessoal não docente deste estabelecimento de ensino com referência a 31-12-95.

Conforme o n.º 1 do art. 6.º do referido decreto-lei, o prazo de reclamações é de 30 dias a contar da data da publicação deste aviso.

31-12-95. — O Presidente do Conselho Directivo, *Nascimento Augusto Afonso*.

Escola Secundária do Lumiar

Aviso. — Nos termos do art. 95.º do Dec.-Lei 497/88, de 30-12, avisam-se os funcionários do quadro de pessoal não docente de que a lista de antiguidade se encontra afixada no placard de entrada desta Escola.

Os funcionários dispõem de 30 dias, a contar da data da publicação do presente aviso, para apresentar qualquer reclamação.

15-1-96. — A Presidente do Conselho Directivo, *Maria Luisa da Fonseca Roballo*.

Inspeção-Geral da Educação

Aviso. — Nos termos do n.º 2 do art. 59.º do Estatuto Disciplinar dos Funcionários e Agentes da Administração Central, Regional e Local, aprovado pelo Dec.-Lei 24/84, de 16-1, é avisado o professor do quadro de nomeação definitiva Vítor Fernando Dias Jerónimo, com última residência conhecida na Quinta da Vala, lote 1, 2.º, esquerdo, 2615 Alverca, de que contra ele está a correr seus trâmites o processo disciplinar com o n.º 178/DRL/95, sendo igualmente por esta via citado para, querendo, apresentar a sua defesa no prazo de 30 dias úteis, contado da data da publicação do presente aviso, podendo durante o referido prazo consultar o processo na Delegação Regional de Lisboa da Inspeção Geral da Educação, Rua de Acácio de Paiva 23, 1700 Lisboa, nas horas normais de expediente.

11-1-96. — O Delegado Regional, *Armando Gama*.

MINISTÉRIOS DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA

Disp. conj. 7/ME/MC/96. — 1 — A educação básica e a formação ao longo da vida da população portuguesa no domínio das artes e a formação dos profissionais do sector artístico constitui uma preocupação do Governo sobre a qual é urgente preparar medidas que assegurem uma actuação articulada e coerente, a assumir pelo Ministério da Educação e pelo Ministério da Cultura.

2 — O objecto de trabalho conjunto a desenvolver pelos dois Ministérios deve ser:

Por um lado, a formação geral artística da população portuguesa a assegurar pela escola e pelas condições proporcionadas para fruição, prática e formação cultural ao longo da vida; Por outro, a formação especializada dos profissionais de música, de teatro, de dança, de artes plásticas e de outras áreas que venham a considerar-se.

3 — Para o efeito é criado um grupo de trabalho, a quem compete apresentar orientações e medidas que visem reforçar ou alterar:

A integração equilibrada, nos currículos das escolas, de práticas, conteúdos e condições que permitam uma formação básica cultural tendente a desenvolver o gosto e a capacidade crítica no domínio das artes;

A criação de hábitos e de condições de fruição artística e de formação permanente adaptada ao nível das necessidades de prática amadora;

A organização e os currículos de ensino, numa perspectiva de integração e ajuste às exigências de formação especializada de profissionais das áreas atrás referidas, com coerência vertical e com sistemas flexíveis de relacionamento entre o ensino e a prática profissional, nomeadamente prevendo saídas profissionais aos vários níveis;

A coerência e complementaridade entre os sistemas públicos e privados de educação, formação e acção cultural no domínio das artes.

4 — O grupo de trabalho é constituído por seis elementos, três designados pelo Ministério da Educação, conhecedores das questões de

organização do sistema educativo e das metodologias de educação artística nos vários níveis e modalidades de educação e ensino e três designados pelo Ministério da Cultura conhecedores das questões de formação especializada de profissionais e da formação e prática amadora e da fruição cultural

5 — O grupo será coordenado por uma personalidade de reconhecido mérito, a designar por despacho conjunto dos dois Ministérios

6 — O grupo desenvolverá a sua actividade de 2-1 e 30-3-96 e será apoiado logisticamente pelo Gabinete do Ministro da Educação

7 — O pagamento aos elementos exteriores aos quadros dos dois Ministérios será assegurado por ambos, de forma a cumprir:

10-1-96 — O Ministro da Educação, *Eduarte Ferreira Mendes Greló* — O Ministro da Cultura, *Manuel Maria Monteiro Correia*.

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL

Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

Aviso. — 1 — Nos termos dos Decs.-Leis 498/88, de 30-12, e 215/95, de 22-8, faz-se público que, por meu despacho de 2.º de 1995, por delegação, se encontra aberto, pelo prazo de 10 dias úteis a contar da data de publicação do presente aviso no DR, concurso interno geral de ingresso para a selecção de um candidato, com vista ao preenchimento de uma vaga na categoria de operador de sistema de 2.º classe, na carreira de operadores de sistema, do quadro dos serviços centrais desta Direcção-Geral, conuante do mapa anexo, e P.º 1027/93, de 14-10.

2 — Prazo de validade — o concurso é válido apenas até ao preenchimento da vaga em referência, caducando logo que se verifique o provimento da mesma

3 — Legislação aplicável — o concurso rege-se pelas disposições legais constantes dos Decs.-Leis 498/88, de 30-12, 353-A/89, de 16-10, 427/89, de 7-12, 265/88, de 28-7, 23/91, de 11-1, 1.º de 28.º, 215/95, de 22-8, e P.ºs. 402/93, de 4-5, e 1163/95, de 23-9

4 — Conteúdo funcional — encontra-se descrito no estatuto, secção 1, n.ºs 1 e 2, do art. 4.º da P.º 402/93, de 4-5

5 — Local de trabalho — nos serviços centrais desta Direcção-Geral, sítio na Praça do Comércio, em Lisboa

6 — Remuneração e outras condições de trabalho — a remuneração é a prevista nos Decs.-Leis 353-A/89, de 16-10, e 23/91, de 11-1, para a respectiva categoria e as condições de trabalho e regimes sociais são, genericamente, as vigentes para os funcionários da administração pública central.

7 — Requisitos gerais e especiais de admissão ao concurso — poderão candidatar-se ao presente concurso todos os indivíduos vinculados à função pública que reúnem até ao termo do prazo fixado para a apresentação das candidaturas os requisitos enunciados no art. 22.º do Dec.-Lei 498/88, de 30-12, e ser titular de uma das habilitações seguintes (n.º 1 do art. 8.º do Dec.-Lei 23/91, de 11-1)

- Curso de formação técnico-profissional na área de informática de duração não inferior a três anos, para além de nove anos de escolaridade;
- 12.º ano, via profissionalizante, da área de informática;
- Curso complementar do ensino secundário, formação e experiência profissionais em informática adequada ao conteúdo funcional do cargo a prover.

7.1 — Poderão ainda ser opositores a este concurso os funcionários que satisfaçam os requisitos constantes da alínea do n.º 1 do art. 19.º do Dec.-Lei 23/91, de 11-1.

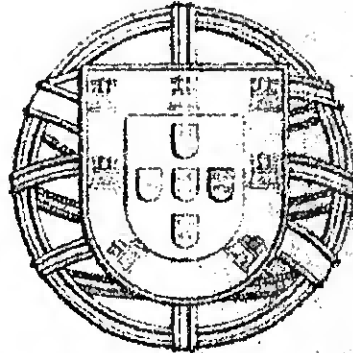
8 — Apresentação das candidaturas:

8.1 — Prazo — 10 dias úteis a contar da data da publicação do presente aviso no DR.

8.2 — Forma — as candidaturas deverão ser formalizadas mediante requerimento, dirigido ao director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, entregue pessoalmente ou enviado pelo correio, com aviso de recepção, para esta Direcção-Geral, Praça do Comércio, Ala Oriental, 2.º, 1194 Lisboa Codex, nele devendo indicar os seguintes elementos:

- Identificação completa (nome, filiação, naturalidade, data de nascimento, estado civil), residência, número de bilhete de identidade e serviço que o emitiu, código postal e telefone), serviço a que se encontra vinculado, categoria que detém e quaisquer outros elementos que os candidatos considerem relevantes para apreciação do seu mérito;
- Habilitações literárias.

Anexo n.º 10:
“Projecto «*Grupo de contacto permanente*»
desenvolvido pela Administração Central
portuguesa”



DIÁRIO DA REPÚBLICA

AVISO

Para os devidos efeitos se informa que só serão aceites para publicação no *Diário da República*, 2.ª série, originais que respeitem o determinado no Despacho Normativo n.º 16/97, publicado no *Diário da República*, 1.ª série-B, n.º 78, de 3 de Abril de 1997, sob pena de devolução.

SUMÁRIO

Assembleia da República

Direcção de Serviços Administrativos e Financeiros 10 998

Ministério da Defesa Nacional

Secretaria-Geral 10 999
Marinha 10 999
Exército 11 000
Força Aérea 11 000

Ministérios da Defesa Nacional e dos Negócios Estrangeiros

Portarias 11 002

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Instituto da Cooperação Portuguesa 11 003

Ministério das Finanças

Direcção-Geral da Junta do Crédito Público 11 003
Direcção-Geral dos Impostos 11 003
Direcção-Geral do Orçamento 11 003
Direcção-Geral do Património 11 003
Instituto de Informática 11 003

Ministérios das Finanças e da Educação

Despacho conjunto 11 003

Ministérios das Finanças e da Saúde

Despacho conjunto 11 003

Ministério da Administração Interna

Comando-Geral da Polícia de Segurança Pública 11 003
Direcção-Geral de Viação 11 004

Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território

Centro Nacional de Informação Geográfica	11 005
Comissão de Coordenação da Região do Norte	11 005
Direcção-Geral da Administração Autónoma	11 005
Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional	11 005
Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais	11 005
Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano	11 006
Direcção-Geral de Transportes Terrestres	11 012

Ministérios do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território e da Educação

Despacho conjunto	11 012
-------------------------	--------

Ministério da Justiça

Direcção-Geral dos Registos e do Notariado	11 013
Direcção-Geral dos Serviços Judiciários	11 013

Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas

Gabinete do Ministro	11 041
Secretaria-Geral	11 041
Direcção-Geral das Florestas	11 042
Direcção Regional de Agricultura do Algarve	11 042
Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral	11 042
Instituto de Investigação das Pescas e do Mar	11 042

Ministério da Educação

Gabinete do Ministro	11 042
Gabinete do Secretário de Estado da Administração Educativa	11 043
Direcção Regional de Educação do Alentejo	11 044
Direcção Regional de Educação do Centro	11 044
Direcção Regional de Educação de Lisboa	11 045
Direcção Regional de Educação do Norte	11 046
Instituto Politécnico de Castelo Branco	11 046
Instituto Politécnico de Lisboa	11 046
Instituto Politécnico de Santarém	11 046
Instituto Politécnico de Viseu	11 047

Ministérios da Educação e da Cultura

Despacho conjunto	11 047
-------------------------	--------

Ministério da Saúde

Gabinete da Ministra	11 047
Departamento de Recursos Humanos da Saúde	11 064
Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra	11 064
Administração Regional de Saúde do Centro	11 065
Centro Hospitalar das Caldas da Rainha	11 066
Hospitais Cívicos de Lisboa	11 067
Hospital Distrital da Covilhã	11 067
Hospital Distrital de Faro	11 068
Hospital Distrital de Portimão	11 068
Hospital de Júlio de Matos	11 070
Hospital de São Bernardo — Setúbal	11 070
Instituto Nacional de Farmácia e do Medicamento	11 070

Ministério da Solidariedade e Segurança Social

Centro Regional de Segurança Social da Região de Lisboa e Vale do Tejo	11 070
Centro Regional de Segurança Social da Região do Norte	11 071

Ministério do Ambiente

Instituto da Água	11 071
Instituto da Conservação da Natureza	11 082

Região Autónoma da Madeira

Secretaria Regional dos Assuntos Sociais e Parlamentares	11 083
--	--------

Universidade dos Açores	11 085
Universidade de Coimbra	11 083
Universidade de Évora	11 086
Universidade de Lisboa	11 087
Universidade do Minho	11 088

Aviso. — Com base no disposto no n.º 12 do Despacho Normativo n.º 16/97, de 3 de Abril, foi publicado o apêndice n.º 83/97 ao *Diário da República*, 2.ª série, n.º 205, de 5 de Setembro de 1997, inserindo o seguinte:

- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Aveiro
- 3.º Juízo Criminal da Comarca de Aveiro.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Braga.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Braga.
- 3.º Juízo Criminal da Comarca de Braga.
- 4.º Juízo Criminal da Comarca de Braga.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Cascais.
- 4.º Juízo Criminal da Comarca de Cascais.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Coimbra.
- 3.º Juízo Criminal da Comarca de Coimbra.
- 4.º Juízo Criminal da Comarca de Coimbra.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Évora.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Faro.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca do Funchal.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca do Funchal.
- 3.º Juízo Criminal da Comarca do Funchal.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Guimarães.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Guimarães.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Leiria.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa.
- 3.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa.
- 4.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa.
- 5.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa.
- 6.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Lourdes.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Lourdes.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Matosinhos.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Matosinhos.
- 3.º Juízo Criminal da Comarca de Matosinhos.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Oeiras.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Oeiras.
- 3.º Juízo Criminal da Comarca de Oeiras.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Oliveira do Azeméis.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Oliveira do Azeméis.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Paredes.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Paredes.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca do Porto.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca do Porto.
- 3.º Juízo Criminal da Comarca do Porto.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Santa Maria da Feira.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Santa Maria da Feira.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca do Sebral.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca do Sebral.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Setúbal.
- 3.º Juízo Criminal da Comarca de Setúbal.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Sintra.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Sintra.
- 3.º Juízo Criminal da Comarca de Sintra.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Vila Franca de Xira.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Vila Nova de Famalicão.
- 1.º Juízo Criminal da Comarca de Vila Nova de Gaia.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Vila Nova de Gaia.
- 2.º Juízo Criminal da Comarca de Viseu.
- Tribunal de Circuito de Anadia
- Tribunal de Circuito de Braga.

Despacho (extracto) n.º 7187/97 (2.ª série):

Maria Manuel Manteigueiro Varregoso Vairinho — autorizado o contrato administrativo de provimento, em regime de exclusividade, pelo período de um ano, com início em 16 de Maio de 1997, por urgente conveniência de serviço, na categoria de equiparada a assistente do 1.º triénio, para a Escola Superior de Gestão deste Instituto, auferindo a remuneração mensal correspondente ao Índice 100. (Visado pelo Tribunal de Contas em 12 de Agosto de 1997. São devidos emolumentos.)

20 de Agosto de 1997. — O Administrador, *Mário Jesus Mota*.

Despacho (extracto) n.º 7188/97 (2.ª série):

Maria Teresa Casanova de Araújo e Sá — nomeada provisoriamente, precedendo concurso, por três anos, na categoria de professora-adjunta para a Escola Superior de Educação de Santarém, deste Instituto. (Sujeito a fiscalização sucessiva pelo Tribunal de Contas.)

22 de Agosto de 1997. — O Administrador, *Mário Jesus Mota*.

Instituto Politécnico de Viseu

Despacho n.º 7189/97 (2.ª série). — Por despacho de 15 de Julho de 1997 do presidente do Instituto Politécnico de Viseu:

Maria Teresa de Almeida Rita Quintalo da Cunha, segundo-oficial do quadro da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa — nomeada, precedendo concurso, segundo-oficial, em comissão de serviço extraordinária, para a Escola Superior Agrária, integrada no Instituto Politécnico de Viseu, a partir de 15 de Julho de 1997. (Isento de visto do Tribunal de Contas. Não são devidos emolumentos.)

22 de Agosto de 1997. — O Vice-Presidente, *Vasco Soares de Oliveira e Cunha*.

Despacho n.º 7190/97 (2.ª série). — Por despacho de 19 de Junho de 1997 do vice-presidente do Instituto Politécnico de Viseu, António Soares de Sousa, por subdelegação de competências:

Licenciada Maria de Fátima de Jesus Almeida Gomes — celebrado contrato administrativo de provimento como equiparada a assistente do 1.º triénio da Escola Superior de Educação, integrada no Instituto Politécnico de Viseu, com início em 10 de Março de 1997 e até 28 de Fevereiro de 1998, por urgente conveniência de serviço, em tempo integral. (Visto do Tribunal de Contas de 12 de Agosto de 1997. São devidos emolumentos.)

22 de Agosto de 1997. — O Vice-Presidente, *Vasco Soares de Oliveira e Cunha*.

MINISTÉRIOS DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA

Despacho conjunto n.º 296/97. — As conclusões do grupo de trabalho criado pelo despacho conjunto n.º 7/ME/MC/96, com a finalidade de estudar e propor orientações e medidas no âmbito das várias componentes do ensino artístico, constituíram uma base de reflexão da maior importância para uma nova concepção dos objectivos e das metodologias de trabalho a adoptar neste sector.

cabendo ao Ministério da Educação a gestão do sistema de ensino artístico, é no seu âmbito que são tomadas as medidas mais adequadas à concretização da maior parte das recomendações do grupo de trabalho, com vista, designadamente, a uma melhor articulação vertical e horizontal do ensino artístico nos vários níveis e modalidades de educação e ensino.

Concluiu, tanto a lógica da criação do anterior grupo de trabalho conjunto como uma parte essencial das suas conclusões apontavam para a necessidade de que as medidas a tomar no foro interno do Ministério da Educação fossem acompanhadas por um cruzamento institucional entre este e o Ministério da Cultura, traduzido no estabelecimento de uma estrutura conjunta de concepção e coordenação do ensino artístico. Essa estrutura beneficiaria, por um lado, da experiência de reflexão pedagógica e de gestão dos programas educativos para as artes, aos níveis básico, secundário e superior e de natureza profissionalizante ou genérica, acumulada pelos vários organismos do Ministério da Educação, e, por outro lado, do conhecimento das necessidades do serviço público cultural e das exigências da actividade artística profissional adquirindo pelo Ministério da Cultura, na sua qualidade de produtor directo ou de patrocinador de uma percentagem muito elevada das iniciativas artísticas de maior dimensão na vida cultural portuguesa.

Nestes termos, determina-se o seguinte:

1 — É criado um grupo de contacto permanente entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura, visando a preparação das medidas que permitam o estabelecimento da interligação entre as políticas relativas ao ensino artístico e as referentes à promoção, animação e sensibilização para as artes.

2 — Tem especial relevância para os dois ministérios:

- A articulação vertical dos vários níveis do ensino artístico e a interligação entre as necessidades específicas do ensino genérico e as do ensino artístico vocacional;
- A definição, através da apresentação de propostas de medidas legislativas, de soluções flexíveis que permitam o acesso à carreira docente no ensino artístico de profissionais qualificados em plena actividade nos seus sectores;
- A articulação entre os programas de ensino artístico e as iniciativas de formação promovidas no âmbito do mercado profissional no sector, com destaque para as da responsabilidade de organismos de produção artística;
- A interligação entre o ensino artístico e os vários organismos de animação e sensibilização para as artes, designadamente os de extensão escolar promovidos pelos estabelecimentos de ensino e os de estímulo à formação de novos públicos, da iniciativa do Ministério da Cultura ou de entidades por ele apoiadas;
- A articulação entre os programas de ensino, formação e animação no domínio das artes existentes no âmbito dos dois ministérios e destes com programas da mesma natureza existentes no quadro dos Ministérios para a Qualificação e o Emprego e do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, da Secretaria de Estado da Juventude, das autarquias e demais promotores públicos ou privados;
- A identificação das possibilidades de utilização coordenada de infra-estruturas e equipamentos de dupla valência profissional e formativa;
- A promoção do cruzamento de recursos entre ambos os ministérios com vista à produção de novos materiais didácticos no domínio das artes em todos os tipos de suporte, incluindo o audiovisual e o multimédia.

3 — O grupo de contacto funcionará até junho de 1998, após o que será feita a avaliação do seu trabalho e estudada a oportunidade da sua manutenção, com eventual definição de um modelo orgânico mais adequado às funções a desempenhar.

4 — O grupo será constituído por um coordenador, nomeado por despacho conjunto dos Ministros da Educação e da Cultura, e por quatro representantes de cada um dos ministérios.

5 — O coordenador do grupo poderá convidar especialistas ou entidades terceiras a pronunciar-se sobre as análises e propostas feitas considerando-se imprescindível a audição do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas e de Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos no que diga respeito a medidas que envolvam o ensino superior.

6 — Competirá ao Ministério da Educação, através do Gabinete do Ministro, assegurar o necessário apoio logístico, administrativo, funcional e financeiro à actividade do grupo.

7 — As despesas com o pagamento dos elementos que integram o grupo e que não sejam funcionários ou agentes dos Ministérios da Educação ou da Cultura serão cobertas pelo ministério que os designou, nos termos do n.º 4 do presente despacho, através do gabinete do respectivo ministro.

19 de Agosto de 1997. — O Ministro da Educação, *Eduardo Carreira Marçal Grilo*. — O Ministro da Cultura, *Manuel Maria Ferreira Carrilho*.

MINISTÉRIO DA SAÚDE**Gabinete da Ministra**

Despacho n.º 7191/97 (2.ª série). — Para além da radiação natural, a exposição a radiações para fins médicos constitui actualmente a maior fonte de exposição a radiações ionizantes, o que levou a Organização Mundial de Saúde, o Comité Científico das Nações Unidas para o Estudo dos Efeitos das Radiações Ionizantes e a Comissão Internacional de Protecção Radiológica a recomendar medidas visando a prevenção de radiações médicas excessivas.

O Decreto-Lei n.º 348/89, de 12 de Outubro, e o Decreto Regulamentar n.º 990, de 19 de Abril, estabeleceram os princípios e as normas de segurança destinados à protecção sanitária da população e dos trabalhadores contra os perigos resultantes das radiações ionizantes, bem como as medidas fundamentais relativas à protecção contra radiações das pessoas submetidas a exames e tratamentos médicos.

f) Três exemplares do *curriculum vitae* e das publicações e trabalhos citados no mesmo.

5 — Os documentos exigidos nas alíneas b) a e), inclusive, do número anterior poderão ser substituídos por fotocópia, a autenticar nos termos do Decreto-Lei n.º 48/88, de 17 de Fevereiro.

É dispensada a apresentação dos documentos referidos nas alíneas b), c) e d) do n.º 4 aos candidatos que declarem nos respectivos requerimentos, em alíneas separadas, sob compromisso de honra, a situação em que se encontram relativamente ao conteúdo de cada uma daquelas alíneas.

6 — Os critérios de selecção e ordenação dos candidatos basear-se-ão na análise curricular e entrevista individual, se necessária, tendo em conta o mérito científico e pedagógico dos mesmos; a sua especialização e, bem assim, a adequação do seu perfil aos objectivos e necessidades da Escola.

7 — O presente concurso considera-se extinto com o preenchimento das vagas em referência.

8 — Das decisões finais proferidas pelo júri não cabe recurso, excepto quando arguidas de vício de forma.

9 — As candidaturas deverão ser entregues ou remetidas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, para o Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Rua da Escola Industrial e Comercial de Nun'Alvares, ao Jardim de D. Fernando, apartado 51, 4901 Viana do Castelo Codex.

10 — Júris dos concursos:

Concurso I — área de Educação Visual e Tecnológica

Presidente — Doutor António Quadros Ferreira, professor auxiliar da Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

Vogais:

Doutora Maria Eduarda Ferreira Coquet, professora auxiliar da Universidade do Minho.

Mestre José da Silva Melo, professor-adjunto, de nomeação definitiva, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Concurso II — área de Motricidade Humana

Presidente — Doutor Carlos Alberto Ferreira Neto, professor associado da Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade Técnica de Lisboa.

Vogais:

Francisco Carreiro da Costa, professor associado da Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade Técnica de Lisboa.

Mestre António Manuel Caldas Mesquita Guimarães, professor-adjunto, de nomeação definitiva, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

5 de Fevereiro de 1998. — O Presidente, *A. Lima de Carvalho*.

Instituto Politécnico de Viseu

Edital n.º 99/98. — O Prof. Doutor João Pedro de Barros, presidente do Instituto Politécnico de Viseu, faz saber que:

1 — Pelo prazo de 30 dias úteis a contar da publicação do presente edital encontra-se aberto concurso documental, nos termos e ao abrigo dos artigos 4.º, 15.º e seguintes do Decreto-Lei n.º 185/81, de 1 de Julho, para recrutamento de um assistente do 1.º triénio para o curso de Engenharia de Sistemas e Informática, da Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Viseu.

2 — Ao referido concurso são admitidos candidatos habilitados com a licenciatura adequada na área de Informática, nos termos do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 185/81, de 1 de Julho.

3 — Os candidatos deverão instruir os seus requerimentos com os seguintes documentos:

- Certidão de nascimento;
- Bilhete de identidade ou pública-forma;
- Certificado do registo criminal;
- Certificado e atestado referidos no Decreto-Lei n.º 48 359, de 27 de Abril de 1968;
- Documento comprovativo de terem satisfeito a Lei do Serviço Militar;
- Documento comprovativo de estarem nas condições exigidas pelo artigo 4.º do Estatuto da Carreira do Pessoal Docente do Ensino Superior Politécnico (Decreto-Lei n.º 185/81, de 1 de Julho);
- Um exemplar do *curriculum vitae* detalhado e quaisquer outros documentos que facilitem a formação de um juízo sobre as aptidões dos candidatos para o exercício do cargo a concurso.

4 — É dispensada a apresentação dos documentos referidos nas alíneas a), c), d) e e) aos candidatos que declarem nos respectivos requerimentos, em alíneas separadas, sob compromisso de honra, a situação em que se encontram relativamente ao conteúdo de cada uma daquelas alíneas. Dos requerimentos, em papel azul de 25 linhas ou em papel branco, de formato A4, dirigidos ao presidente do Instituto Politécnico de Viseu, deverão constar ainda os seguintes elementos: nome completo, filiação, data e local de nascimento, estado civil, profissão e residência.

4.1 — Na ponderação e análise do currículo só serão considerados os trabalhos de que sejam enviadas cópias.

4.2 — As cópias dos trabalhos recebidos ficarão a pertencer à biblioteca da Escola Superior de Tecnologia, quando encerrado o concurso.

5 — Do *curriculum vitae* deverão constar:

- Habilitações académicas — grau e classificação, data e instituição em que foram obtidas;
- Cursos formais de pós-graduação, com indicação da classificação; data e instituição onde foram obtidos;
- Formação e a experiência profissional na área respectiva;
- Trabalhos de investigação realizados;
- Frequência de acções de formação;
- Outras informações julgadas importantes.

6 — Os critérios de ordenação terão em conta o mérito científico, a capacidade e a experiência pedagógica e profissional dos candidatos, a respectiva relevância para a área a que concorrem, bem como o resultado da entrevista individual, onde se apreciarão as suas motivações, a disponibilidade de trabalho e de fixação na região e a adequação dos seus perfis profissionais aos objectivos e necessidades da Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Viseu. Constituirão condições preferenciais a formação científica, técnica ou profissional na área de Sistemas de Informação.

7 — O não cumprimento do estipulado no presente edital implica a eliminação do candidato.

8 — Das decisões finais proferidas pelo júri não cabe recurso, excepto quando arguidas de vício de forma.

9 — As candidaturas deverão ser entregues pessoalmente ou remetidas pelo correio, com aviso de recepção, para o Instituto Politécnico de Viseu, Rua de Maximiano Aragão, 3500 Viseu.

10 — Júri do concurso:

Presidente — João Luís de Monney Sá Paiva, presidente do conselho científico da Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Viseu.

Vogais efectivos:

Engenheiro Francisco Ferreira Francisco, professor-adjunto da Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Viseu.

Engenheiro Paulo Rogério Perfeito Tomé, professor-adjunto da Escola Superior de Tecnologia do Instituto Politécnico de Viseu.

16 de Fevereiro de 1998. — O Presidente, *João Pedro de Barros*.

Rectificação n.º 431/98. — Por a publicação inserta no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 24, de 29 de Janeiro de 1998, a p. 1300, se encontrar incorrecta, rectifica-se que onde se lê «para recrutamento de dois assistentes do 1.º triénio para o curso de Engenharia de Sistemas de Informática» deve ler-se «para recrutamento de um assistente de 1.º triénio para o curso de Engenharia de Sistemas de Informática».

16 de Fevereiro de 1998. — O Presidente, *João Pedro de Barros*.

MINISTÉRIOS DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA

Despacho conjunto n.º 154/98. — Com o despacho conjunto n.º 296/97, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 205, de 5 de Setembro de 1997, foi criado um grupo de contacto permanente entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura, visando a preparação das medidas que permitam o estabelecimento da interligação entre as políticas relativas ao ensino artístico e as referentes à promoção, animação e sensibilização para as artes.

Considerando que importa operacionalizar o funcionamento do grupo com a nomeação das pessoas que o compõem, nos termos do n.º 4 do citado despacho, e que o mesmo carece de pequenas alterações, determina-se:

1 — Os n.ºs 3 e 6 do despacho conjunto n.º 296/97, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 205, de 5 de Setembro de 1997, passam a ter a seguinte redacção:

«3 — O grupo de contacto permanente funcionará durante um ano a contar da publicação do despacho que nomear os elementos que

compõem o grupo, após o que será feita a avaliação do seu trabalho e estudada a oportunidade da sua manutenção, com eventual definição de um modelo orgânico mais adequado às funções a desempenhar.

6 — O apoio logístico, administrativo, funcional e financeiro à actividade do grupo será assegurado pelo Ministério da Educação, através do Instituto de Inovação Educacional.»

2 — O grupo de contacto permanente à que se refere o n.º 1 tem a seguinte composição:

- a) Prof. Doutor Augusto Santos Silva, professor associado da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, que coordena;
- b) Como representantes do Ministério da Educação:

- i) Licenciada Cecília Margarida Couto de Almeida Gonçalves, professora-adjunta equiparada da Escola Superior de Música de Lisboa;
- ii) Mestra Delfina Feijó Alvarez Porto, assessora do Gabinete do Secretário de Estado da Administração Educativa;
- iii) Licenciada Paula Maria Folhadela Lopes, coordenadora do Núcleo do Ensino Artístico do Departamento do Ensino Secundário;
- iv) Mestra Maria da Graça Parente Figueiredo da Mota, professora-coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto;

- c) Como representantes do Ministério da Cultura:

- i) Licenciada Anabela Silva Mouzinho Santos, vice-presidente do Instituto Português da Arte Cinematográfica e Audiovisual;
- ii) Licenciada Maria Teresa Lopes Duarte, técnica superior principal do Instituto Português das Artes do Espectáculo;
- iii) Licenciada Maria José Conde Artiaga Barreiros da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa;
- iv) Mestre António Pinto da Silva Ribeiro, assessor artístico da CULTURGESTE;

- d) Interlocutores para medidas que envolvam o ensino superior:

- i) Mestre António Ferreira dos Santos, da Universidade Católica Portuguesa, em representação do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas;
- ii) Alberto Antas de Barros Júnior, do Instituto Politécnico de Lisboa, como representante do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos.

30 de Janeiro de 1998. — O Ministro da Educação, *Eduardo Carreira Marçal Grilo*; — O Ministro da Cultura, *Manuel Maria Ferreira Carrilho*.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Gabinete da Ministra

Louvor n.º 89/98. — Aposentou-se no dia 30 de Janeiro de 1998 o Dr. Luís Carlos São Payo Meleiro de Sousa, director do serviço de ginecologia/obstetria da Maternidade de Magalhães Coutinho.

O Dr. Luís Carlos São Payo Meleiro de Sousa licenciou-se em Medicina, com alta classificação, em 1951 e desde 1954, ano em que ingressou no internato geral, tem desenvolvido a sua carreira nos Hospitais Cívicos de Lisboa, onde foi, sucessivamente, interno de cirurgia, assistente e director do serviço de ginecologia/obstetria, tendo também sido professor de Ginecologia durante os três anos em que os Hospitais Cívicos de Lisboa foram responsabilizados pelo ensino pré-graduado da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Fez parte da sua formação a pós-graduação nos Estados Unidos da América, onde, pelas suas notáveis qualidades de trabalho e inteligência, adquiriu o direito de ali exercer clínica e a titulação de *Board*.

Como clínico, distinguiu-se a grande altura, contribuindo para a adopção de técnicas inovadoras, tais como a analgesia do parto, cirurgia oncológica em ginecologia, técnicas de cirurgia microscópica, utilização da via vaginal como técnica de excelência em cirurgia ginecológica, que muito contribuíram para o progresso da ginecologia/obstetria no nosso país. Foi pioneiro em celioscopia, primeiro como técnica de diagnóstico em ginecologia e posteriormente como via de intervenção cirúrgica.

Dedicou grande parte da sua actividade ao estudo da infertilidade humana, tendo sido impulsor da consulta de infertilidade e endocrinologia na Maternidade de Magalhães Coutinho.

As suas invulgares qualidades técnicas e os seus vastos conhecimentos científicos constituíram um exemplo que marcou definitivamente várias gerações de médicos que tiveram o privilégio de com ele colaborar, do que resultou uma escola que permanecerá para além da sua aposentação:

Por tudo isto, sob proposta do coordenador dos Hospitais Cívicos de Lisboa, aprez-me conceder público louvor ao Dr. Luís Carlos São Payo Meleiro de Sousa, qualificando os seus serviços como assinaláveis e relevantes.

10 de Fevereiro de 1998. — A Ministra da Saúde, *Maria de Belém Roseira Martins Coelho Henriques de Pina*.

Secretaria-Geral

Rectificação n.º 432/98. — Por ter sido publicada com inexactidão a portaria n.º 88/98 (2.ª série) rectifica-se que, no sumário e na epígrafe da portaria, onde se lê «Ministérios das Finanças e da Saúde» deve ler-se «Presidência do Conselho de Ministros e Ministérios das Finanças e da Saúde».

18 de Fevereiro de 1998. — A Secretária-Geral, *Rita Magalhães Collaço*.

Departamento de Recursos Humanos da Saúde

Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada

Aviso n.º 3386/98 (2.ª série). — Torna-se público que a lista de classificação final, homologada pela directora da Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada em 13 de Fevereiro de 1998, do concurso de provas públicas para a transição de uma vaga da categoria de professor-adjunto para a categoria de professor-coordenador da carreira do pessoal docente do ensino superior politécnico, aberto por aviso publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 285, de 11 de Dezembro de 1997, e rectificado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 26, de 31 de Janeiro de 1998, será na data da publicação do presente aviso no *Diário da República* afixada no placard do átrio desta Escola.

16 de Fevereiro de 1998. — A Directora, *Maria da Graça Carvalho da Silva Machado*.

Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa

Aviso n.º 3387/98 (2.ª série). — Nos termos do n.º 3 do artigo 95.º do Decreto-Lei n.º 497/88, de 30 de Dezembro, e para efeitos do disposto no mesmo diploma, designadamente no seu artigo 96.º, faz-se público que foi afixada no serviço de pessoal, para consulta, a lista de antiguidade do pessoal desta Escola reportada a 31 de Dezembro de 1997.

11 de Fevereiro de 1998. — O Director, *João Esau Toste Dinis*.

Direcção-Geral da Saúde

Aviso n.º 3388/98 (2.ª série). — Concurso de habilitação ao grau de consultor da carreira médica de clínica geral, aberto por aviso publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 33, de 8 de Fevereiro de 1996. — 1 — Em cumprimento do disposto no n.º 31 do Regulamento dos Concursos de Habilitação ao Grau de Consultor e de Provedor nas Categorias de Assistente e Chefe de Serviço da Carreira Médica de Clínica Geral, aprovado pela Portaria n.º 47/98, de 30 de Janeiro, faz-se público que, por despachos de 12 de Fevereiro de 1998 do director de serviços de psiquiatria e saúde mental, no uso de competência delegada, foram homologadas as listas de classificação final dos júris abaixo indicados do concurso citado em epígrafe:

Júri da Administração Regional de Saúde do Algarve:

- Adalton Miguel Batista — *Aprovado*.
 Albino Santana dos Santos — *Aprovado*.
 Ana Cristina Baptista Afonso Ramos Cravo — *Aprovada*.
 Ana Cristina Gomes Pinto Magalhães — *Aprovada*.
 Ana Cristina Pragana da Glória Quitéria de Moura — *Aprovada*.
 Ana Cristina Viegas da Silva — *Aprovada*.
 Ana Maria da Silveira Castel-Branco Ribeiro — *Aprovada*.
 António Jorge Calhau Maria — *Não aprovado*.
 António José Andrade Bruno — *Aprovado*.
 António José de Figueiredo Martins da Luz — *Aprovado*.

Anexo n.º 11:

“Projecto «*Parecer n.º 2/99 do CNE*»
desenvolvido pela Administração
Central portuguesa”

13 de Outubro de 1997, depois de homologada por despacho do Secretário Regional dos Assuntos Sociais e Parlamentares de 13 de Janeiro de 1999;

	Valores
1.º Dr. Francisco José Galrito Pereira Lacerda	18.3
2.º Dr. Luís Paulo Teixeira de Aguiar Gaspar	18.1
3.º Dr.ª Ana Maria Heitor dos Reis e Silva	17.3
4.º Dr. Carlos António Mendes Muller Pereira	15.6
5.º Dr. Etelberto Manuel Marques Açafrão	15.2
6.º Dr.ª Maria Hennqueta Vieira Câmara Reynolds	14

13 de Janeiro de 1999. — Pelo Presidente do Conselho de Administração. *Manuel Remesso Freitas Timóteo.*

CONSELHO SUPERIOR DA MAGISTRATURA

Rectificação n.º 221/99. — Por ter saído com inexactidão o despacho que tornou definitiva a nomeação publicada no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 15, de 19 de Janeiro de 1999, rectifica-se que onde se lê «Maria Manuela Morbey de Almeida Passos de Mesquita» deve ler-se «Maria Manuela Morbey de Almeida Pessoa de Mesquita». (Não carece de fiscalização prévia do Tribunal de Contas.)

19 de Janeiro de 1999. — O Juiz-Secretário. (*Assinatura ilegível.*)

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Parecer n.º 2/99. — *Educação estética, ensino artístico e sua relevância na educação e na interiorização dos saberes.* — No uso da competência que lhe é conferida pela sua Lei Orgânica, republicada em anexo ao Decreto-Lei n.º 241/96, de 17 de Dezembro, nos termos regimentais, e por iniciativa própria, após apreciação do projecto de parecer elaborado pelos conselheiros relatores pintora Emília Nadal e Dr. Jorge Barreto Xavier, o Conselho Nacional de Educação, em sua reunião plenária de 10 de Dezembro de 1998, deliberou aprovar o referido projecto, emitindo, assim, o seguinte parecer:

Nota prévia

1 — Ao introduzir o tema da educação estética e do ensino artístico no seu programa de trabalho, a Comissão de Educação e Formação ao Longo da Vida, coordenada pelo conselheiro Augusto Santos Silva, considerou aquela área como uma componente essencial do processo educativo e da aquisição de saberes cuja incidência e oportunidade deveria ser promovida.

2 — No âmbito da metodologia de trabalho inicialmente proposta, e com o objectivo de recolher experiências diversificadas sobre uma matéria tão abrangente como pouco definida, foi programada uma mesa-redonda subordinada ao tema «A educação estética — sua importância na educação e na interiorização dos saberes».

3 — Aquela iniciativa realizou-se no âmbito da referida comissão permanente e o tema foi debatido por um grupo de personalidades com reconhecida experiência na área em questão. Integraram o conjunto professores de diversas áreas e níveis de ensino, nomeadamente de diferentes expressões artísticas artistas plásticos, actores e criadores de espectáculos; gestores de teatro e de empresas de tecnologias *multimedia*; animadores culturais ao nível de autarquias e animadores de projectos educativos promovidos por instituições privadas ou em regime de parcerias, e especialistas em psicologia, antropologia cultural e na formação de professores.

4 — Foram debatidos os conceitos de estética, os objectivos da educação estética, a relação desta com as áreas científicas e, especificamente, com a área do ensino artístico, por ser a área mais directamente vocacionada para a prossecução daqueles objectivos. Trocaram-se experiências sobre formas e modos de implementação daquelas áreas e sobre a sua influência positiva nas aprendizagens e na formação humanista dos alunos, ao nível da educação pré-escolar, escolar e extra-escolar. Analisaram-se aspectos relacionados com a formação dos agentes de educação estética e dos professores do ensino artístico e as dificuldades que se colocam à percepção da importância que reveste esta vertente educativa.

5 — Na sequência do confronto de ideias e experiências, e no âmbito das actividades de iniciativa própria do Conselho Nacional de Educação, a Sr.ª Presidente do Conselho, Prof.ª Doutora Maria Teresa Ambrósio, solicitou a elaboração de um parecer sobre a problemática da educação estética e do ensino artístico.

6 — O parecer aborda as dimensões teleológica, política e pedagógica da área em questão, utilizando como moldura a Lei de Bases do Sistema Educativo em vigor e as orientações consignadas na Carta Magna da Educação e Formação ao Longo da Vida e como fundamento o quadro constitucional em vigor.

Introdução

No texto do projecto de parecer sobre ensino artístico e educação estética estão subjacentes as seguintes preocupações:

- 1) Centrar as problemáticas da educação, do ensino e das aprendizagens na realidade da pessoa, com a sua *exterioridade* (corpo), *interioridade* (o eu) e a sua *alteridade* (o mundo e qualquer *outro*); na óptica da motivação para a realização pessoal e social e na *procura da felicidade* esse direito que alguns, limitadamente, identificaram com bem-estar;
- 2) Definir a educação estética como dimensão fundamental da educação e componente essencial para um processo educativo global e como factor estimulante do gosto pelo saber; a educação estética é parte integrante da educação e, como tal, a educação ou é estética ou não se realiza;
- 3) Explicitar a operatividade da educação estética no quadro do sistema e, especificamente, através do ensino artístico, considerado não na sua vertente de ensino superior especializado mas como componente integrante da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário;
- 4) Situar a educação estética e o ensino artístico no quadro da educação e formação ao longo da vida, confrontando-os com as exigências da sociedade cognitiva num contexto económico e cultural de globalização, no qual as linguagens simbólicas adquirem um papel determinante em todas as formas de comunicação;
- 5) Centrar as problemáticas da educação estética e do ensino artístico no contexto da escolaridade obrigatória e da educação para todos;
- 6) Articular os conteúdos estéticos e artísticos da escolaridade obrigatória com o ensino secundário, o ensino profissional e o ensino artístico superior e especializado (públicos e privados), assim como com diversos mecanismos educativos informais, extra-escolares e especiais, como base indispensável para a formação humanística dos cidadãos e para a elevação do nível cultural da sociedade portuguesa, garante de uma democracia plena.

A — Contexto histórico

Faz-se uma breve resenha, referente ao século XX, com todas as omissões que tal acarreta:

João de Barros (1881-1960) desencadeou, no âmbito da 1.ª República, uma campanha pela educação artística: «Não há sociedade democrática que possa viver, progredindo, sem o culto da arte», sendo secundado por outros, como Aurélio da Costa Ferreira, que em 1916 publica um texto sobre «Arte na escola» (de encontro com os conceitos dos jardins-escolas João de Deus, fundados em 1911), ou, ainda, Cardoso Júnior ou Leonardo Coimbra: «A primeira educação deve ser artística».

O regime ditatorial instaurado na sequência do 28 de Maio de 1926 não propiciaria o desenvolvimento curricular destas matérias.

Todavia, no dizer de Arquimedes Silva Santos (ele próprio uma referência incontornável neste domínio), nos anos 50 aparecem novas dinâmicas, nomeadamente estimuladas pela criação da Associação Internacional de Educação pela Arte, sendo de referir o trabalho desenvolvido por Calvet de Magalhães e Alice Gomes, entre outros.

Em 1957 realizou-se em Lisboa e no Porto uma série de conferências, de onde sai a edição da comunicação de Rui Grácio «Educação estética e ensino escolar», prefaciada por Delfim Santos.

Em 1971, por iniciativa de Madalena Perdigão, promove-se na Fundação Gulbenkian um colóquio sobre «O projecto de reforma do ensino artístico», na sequência do qual resulta a reforma do Conservatório Nacional.

O 25 de Abril de 1974 abriu, como seria de esperar, condições para uma renovação do pensamento e da acção nesta área, ocorrendo em 1978 a criação, no Ministério da Educação, do Gabinete Coordenador do Ensino Artístico, que sob a direcção de Madalena Perdigão, apresentou em 1979 um plano nacional de educação artística, não adoptado.

Mas, até à década de 80, a legislação que regulamentava o ensino artístico remontava à década de 30.

A Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986, em vigor, consagrou a importância das artes na educação, como adiante se dará conta. Na sua sequência, em 1987, nasceu o projecto «Escola cultural», que em 1989 é substituído pelo projecto «A cultura começa na escola», entretanto desaparecido.

Em 1990 é aprovado o diploma quadro do ensino artístico, em vigor, o Decreto-Lei n.º 344/90, que bebe na experiência anterior, destacando-se o já referido «Plano nacional de educação artística» de 1978.

Em 1991, o GETAP — Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional, do Ministério da Educação, hoje desarticulado, promove, na Maia, o colóquio «Educação artística especializada — preparar as mudanças qualitativas», onde procura promover

os decretos regulamentadores para as diversas áreas artísticas na sequência do diploma quadro de 1990, já citado. Os diversos decretos em causa nunca passariam da fase de proposta.

Em 1993, o Ministério da Educação, a Secretaria de Estado da Juventude e o Clube Português de Artes e Idéias lançam o programa «PAIDEIA — Arte nas Escolas», que abrangeu, até 1997, 180 escolas secundárias.

Na década de 90, multiplicaram-se os projectos locais de actividades artísticas ligadas a escolas, seja na continuação de acções com alguma longevidade, seja na utilização da chamada «área-escola» ou outros mecanismos similares anteriores, seja através de parcerias entre organizações culturais e escolas. Referir-se-ão alguns exemplos.

Em 1996 foi nomeada uma comissão conjunta entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura para estudar a situação do ensino artístico e avançar com propostas globais de reforma. A comissão em causa apresentou o seu relatório e, entretanto, foi nomeada uma segunda comissão conjunta, ainda em funcionamento.

Verifica-se como esta matéria tem sido de tratamento volátil e pouco consequente, mantendo em estado de desarticulação as estruturas existentes, não maximalizando as suas possibilidades e não criando condições para que este domínio tenha a relevância que lhe é reconhecida como mecanismo estruturante de qualificação pessoal e social.

Em diversos países com uma experiência mais sólida que a portuguesa, repensa-se a intervenção na área das artes. Portugal tem a oportunidade de participar, em paralelo, numa movimentação que procura adequar os sistemas educativos às exigências da contemporaneidade.

B — Contexto cultural

O percurso educativo é uma realidade que se processa ao longo da vida da pessoa e engloba múltiplas vertentes; nelas se inclui a vertente do ensino formal, como uma das mais decisivas para a transmissão de referências, modelos e saberes. Da correspondência dos sistemas de ensino formal aos contextos sócio-culturais dependem a sua qualidade e sucesso.

A modernidade decretou a autonomia da arte em relação aos conceitos tradicionais de beleza e aos cânones estéticos da representação da natureza. Emergiram, também, uma sociologia da arte, uma psicologia da arte, uma ideologização política da arte, um encontro entre antropologia cultural e arte.

O pensamento estético tornou-se pluridisciplinar, para ele concorrendo outras áreas do conhecimento como a psicologia, a psicanálise, a sociologia, a antropologia, a semiologia, a linguística e, neste final de século, as ciências cognitivas relacionadas com a biologia do cérebro.

A reflexão estética centra-se actualmente na fenomenologia da percepção (Merleau-Ponty) e dos mecanismos da criação (Changeux), na estética da recepção (Benjamin, Jauss) e da comunicação (Habermas), assim como nos níveis das expressões e das linguagens (Goodman), e no sentido da acção criadora na multiplicidade de formas e de atitudes de intervenção na vida quotidiana, ou seja, na sua relação simbólica com os contextos envolventes (Dorffles, Danto).

O conceito de estética generalizou-se ao nível da sociedade; ultrapassando o campo da arte, nele se passou a englobar tudo o que, na actividade humana, se refere ao gosto e aos conceitos de beleza, coerência, equilíbrio ou harmonia. A diversidade de linguagens e expressões artísticas, algumas das quais subsidiárias das tecnologias e das indústrias, deu origem e foi reforçada pela existência de várias estéticas, entendidas não já como sistemas de pensamento, mas como sistemas coerentes de intervenção e de criação de arte ou artefactos.

Deste modo se integram, na estética, posições extremas que teriam sido consideradas totalmente alheias à estética, nomeadamente as estéticas do feio, do *kitch* e da violência, o que leva a questionar o próprio sentido daquela, nomeadamente a declarar a desesteticização da arte.

A divulgação das expressões e formas estéticas, através da sua reprodução em livros ou pela transmissão através de áudio-visuais, *multimedia*, Internet e acompanhando as indústrias de conteúdos artísticos e culturais, apresenta ambivalências: por um lado difunde o conhecimento e amplia a possibilidade de experiências estéticas (Benjamin) e por outro pode contribuir para o sincretismo e para a desesteticização e banalização das artes (Adorno).

Não é possível, actualmente, fixar modelos estéticos, nem identificar o belo desejável, uma única estética, assim como não é possível traçar fronteiras para as artes e para os gostos numa sociedade multicultural. Perante a actual indisciplina das estéticas e dos saberes (Coelho Rosa), é mais premente a necessidade de «encontrar referências que possibilitem a visão crítica da realidade e uma consequente procura de critérios, para poder exercer o juízo estético e fazer escolhas».

B.1 — Paradoxos e contradições da sociedade cognitiva

A sociedade do conhecimento veio introduzir novas exigências educativas, apontando para a necessidade de uma educação e formação ao longo da vida, em ordem a uma constante ampliação de saberes e de competências (Carta Magna).

A sociedade cognitiva ampliou os espaços educativos; nela a valorização da pessoa é considerada prioritária não apenas como um direito, mas como um dever, visto o conhecimento e o saber serem reconhecidos como factores de desenvolvimento para toda a sociedade.

No contexto da globalização, e face à competição dos mercados, a educação e a formação são considerados como o melhor dos investimentos. Numa perspectiva economicista, o conjunto dos talentos humanos e as capacidades para imaginar, criar, inovar e correr riscos são uma mais-valia a desenvolver e a rentabilizar na sociedade tecnológica.

Paradoxalmente, o utilitarismo da sociedade da competição vem reencontrar a questão central da perspectiva humanista e os objectivos últimos da educação e do que deveriam ser as estratégias do ensino: o desenvolvimento de todas as dimensões e potencialidades da pessoa e de todos os cidadãos.

B.2 — A sociedade esteticista: informação e publicidade

Na sociedade cognitiva a informação é um elemento essencial da comunicação, influenciando decisivamente a vida da sociedade. Os mercados do saber e da notícia aproximaram os sistemas de informação dos métodos de comunicação da publicidade no que respeita à utilização de linguagens estético-simbólicas predominantemente dirigidas à subjectividade e à emoção.

A sociedade da informação é, em termos de cultura superficial e profunda, uma sociedade esteticista na qual tudo é equacionado em ordem a padrões estéticos associados aos conceitos de inovação, qualidade de vida e expectativas de sucesso. Estes padrões determinam subjectivamente os valores e os critérios sobrepondo-se, muitas vezes, aos princípios éticos.

Na *qualidade de vida* se integra a relevância da moda e do *design*, como imagem de qualidade, prestígio e garantia estética no sector das indústrias; sendo factor decisivo para a conquista de mercados, o *design* abriu novos campos à criatividade e tornou-se um dos símbolos da esteticização da vida na sociedade do consumo.

A reformulação do trabalho e a sociedade do lazer impulsionaram a criação de indústrias e actividades culturais que desenvolvem as novas tecnologias e as expressões artísticas, integram a divulgação científica no quotidiano e promovem a fruição estética.

A sociedade cognitiva é uma sociedade cultural produtora de toda a ordem de iniciativas programadas como espectáculo em termos de qualidade científica, artística, estética e mediática. As actividades culturais transmitem conhecimentos, sendo, simultaneamente, gratificantes e educativas dos gostos e das sensibilidades dos diferentes públicos, consoante os interesses e as idades das pessoas; elas contribuem decisivamente para elevar o nível cultural da sociedade que as usufrui.

B.3 — A globalização e as novas linguagens

As tecnologias que facultam a transmissão das ideias, dos saberes e das imagens são instrumentos de comunicação, mas são, igualmente, criadores de códigos de simbolização, ou seja, de linguagens.

As tecnologias *multimedia* deram origem a formas de comunicação interactivas que integram linguagens artísticas como a música, o vídeo, as artes visuais, etc. O envolvimento estético-sensorial da comunicação *multimedia* veio alterar a percepção das novas gerações no que concerne aos tradicionais modos de comunicação discursiva. A *imagem* adquiriu preponderância nas formas de comunicação, levando alguns a anunciar «a morte da palavra».

Na actualidade, os *media* são os principais agentes de difusão de saberes e de referências; transmitindo os modelos impostos pelas culturas dominantes, contribuem para a uniformização das ideias e dos comportamentos. Porém, a experiência da mundialização através dos *media* proporciona, igualmente, o contacto com a multiculturalidade, fazendo coincidir no espaço e no tempo a pluralidade das ideias e a instabilidade das referências éticas e dos modelos estéticos e contribuindo, paradoxalmente, para a criação de novas *culturas locais*.

C — Desafios para a educação

A distanciação crescente entre o paradigma do ensino e a realidade cultural desafia os sistemas educativos a encontrar formas de actuação que contribuam para o equilíbrio psicossocial dos alunos e para o desenvolvimento das suas potencialidades individuais, como ponto de partida para a socialização; encontrar vias de realização pessoal e profissional, em correspondência aos principais factores de exigência manifestados pela sociedade, pela família e pelo grupo, nomeadamente pelos domínios laborais, de desenvolvimento pessoal e de ocupação dos tempos livres.

C.1 — Personalização

Na era da globalização, a sociedade cognitiva recusa o conceito da robotização e exige a personalização da educação, da formação e do ensino. Para ser eficaz, o ensino deverá inovar o conceito de *racionalidade* e induzir à interiorização dos *saberes explícitos*, assim como deverá desenvolver, em simultâneo, a sensibilidade e outros tipos de inteligência que concorrem para a personalização e para a aquisição dos *saberes implícitos*, nomeadamente no âmbito das emoções.

A dificuldade reside em concretizar, no terreno do ensino formal dirigido às *massas*, uma perspectiva personalista da educação que promova a individualidade, numa saudável articulação com os mecanismos educativos que desenvolvem a integração grupal e comunitária. Esta concretização apenas será possível desenvolvendo estratégias de qualidade e de personalização que incentivem a expressão de cada um na relação com os outros. Só nesses termos o serviço público de ensino poderá facultar a todos os cidadãos as condições básicas para uma justa igualdade de oportunidades, em vez de ampliar os factores de desigualdade.

A actividade estética é inerente ao ser humano que instintivamente é atraído para o que ultrapassa o círculo restrito da necessidade e da sobrevivência (Eduardo Lourenço). A actividade estética realiza a transfiguração do útil na existência humana.

O sentido estético é constitutivo da percepção e do conhecimento do ser humano, enquanto pessoa individual, como faculdade psico-afectiva estimuladora do interesse pela compreensão da realidade que lhe é exterior, no sentido de seleccionar e eleger o que entende ser mais relevante, ou seja, o que corresponde ao sentimento de gosto e às expectativas pessoais.

A percepção estética induz à apreensão do conhecimento pela via da sensibilidade, determina a apetência pela fruição das artes e do próprio saber, criando as condições propícias à expressão das emoções, dos sentimentos e das ideias.

A expressão estética é a exteriorização de um conhecimento que foi pessoalmente incorporado e que se recria e objectiviza através de linguagens cuja harmonia e coerência simbólica adquirem uma qualidade de comunicação intersubjectiva. As expressões estéticas mais evidentes são as linguagens artísticas que, através de múltiplas formas, se expressam no quotidiano.

C.2 — Comunicação e criatividade

«Deve ser claro que a educação estética não tem que ser referida a qualquer noção de 'belo' e, menos ainda, num mundo onde os *media* veiculam todas as concepções, se deve tentar propor como predominante uma qualquer concepção de 'critérios estéticos objectivos'. Essa seria uma forma de contrariar a própria educação estética, precisamente por introduzir na questão uma variável de *poder*» (Coelho Rosa).

A capacidade de comunicar é uma das principais exigências da sociedade da informação pelo que o desenvolvimento activo daquela capacidade, nas suas múltiplas vertentes, deverá estar previsto nos planos do ensino e da formação ao longo da vida, não só como desenvolvimento de uma oralidade e de uma escrita básica, mas de todas as expressões que garantem um exercício social mais significativo.

A estética da comunicação é um dos pilares da sociedade cognitiva. Assim, as *gerações multimedia* exigem elevados padrões estético-afectivos nos processos de transmissão dos saberes e nas próprias aprendizagens. Esta exigência estabelece o confronto entre tipos de comunicação o que desafia as pedagogias a enriquecerem as linguagens predominantemente conceptuais, utilizadas nos contextos escolares.

A crescente importância concedida pela sociedade e pelas empresas à criatividade e às linguagens artísticas, científicas e tecnológicas, como mediações para a comunicação de ideias e de mensagens, ou para fabricar e promover produtos, exige maior acção educativa no desenvolvimento progressivo do sentido estético e do conhecimento prático das linguagens artísticas, científicas e tecnológicas, no ensino para todos.

Da criação de condições básicas de formação estética, artística e cultural dependerá a competência futura dos que enveredam pelo ensino profissional, especializado ou superior nas áreas de criatividade artística, em especial daquelas que estão mais directamente relacionadas com as indústrias.

O fenómeno da globalização pode contribuir para estilhaçar a memória das referências culturais que cimentam a identidade das pessoas e o seu sentido de pertença a uma comunidade concreta. Ao transmitirem, de forma caótica e acrítica, toda a espécie de modelos e referências, os *media* criam condições propícias aos relativismos desintegradores das personalidades e das cidadanias.

Esta realidade é o contraponto da necessidade dos sistemas educativos proporem a aprendizagem de valores e referências de identificação, identidades de pertença, nomeadamente através do contacto com o património artístico e cultural e com as artes contemporâneas, sem cair na tentação de circunscrever este processo a uma orientação.

Desenvolver as capacidades de visão e juízo crítico das imagens, das referências e dos critérios éticos e estéticos que se cruzam no quotidiano e relacioná-los localmente é essencial para o exercício desta cidadania concêntrica que considera a pertença simultânea a uma família, localidade, região, país, mas também a um continente ou a um mundo global.

Independentemente da urgente necessidade de uma estreita correspondência entre educação e cultura, para que o sistema educativo corresponda às expectativas da sociedade, a educação estética é uma vertente indissociável de uma verdadeira acção educativa, com consequências importantes para o conhecimento, para a aquisição de competências transversais e para a elevação do nível cultural da própria sociedade.

Nestes termos, parece oportuno determinar o sentido e a pertinência da implementação das propostas inerentes à educação estética no sistema educativo, definindo, de modo particular, as formas e as implicações no contexto do ensino formal para todos, nomeadamente, através do ensino artístico, segundo as orientações da própria Lei de Bases do Sistema Educativo.

I — Enquadramento legal da educação estética do ensino artístico

Pretende-se fazer um breve percurso por algumas das medidas legislativas mais significativas que estruturam a reflexão nesta matéria. A diversidade de áreas do ensino artístico, a multiplicidade de formas de que se pode revestir a aproximação à matéria da educação estética, a desarticulação entre diversos diplomas, a natureza deste texto, não permitem um tratamento exaustivo da legislação em vigor.

A Constituição da República Portuguesa considera que compete ao Estado promover a democratização da educação e da cultura (artigo 73.º, n.º 2 e 3), bem como que «o ensino deve contribuir para a superação de desigualdades económicas, sociais e culturais [...]» (artigo 74.º, n.º 2, primeira parte) e que «todos têm direito à fruição e criação cultural» (artigo 78.º, n.º 1).

Concretizando, a Constituição da República Portuguesa, ainda no seu artigo 74.º, na alínea d) do n.º 3, diz que «na realização da política de ensino incumbe ao Estado [...] garantir a todos os cidadãos, segundo as suas capacidades, o acesso aos graus mais elevados do ensino, da investigação científica e da criação artística [...]». Sabe-se que o acesso a graus mais elevados implica, obrigatoriamente, a preparação nos graus precedentes.

A lei fundamental considera essencial a ligação da escola com o meio, afirmando incumbir ao Estado «inserir as escolas nas comunidades que servem e estabelecer a interligação do ensino e das actividades económicas, sociais e culturais [...]» (artigo 74.º, n.º 3, alínea f)).

O Decreto-Lei n.º 310/83, de 1 de Julho, reestrutura o ensino da Música, Dança, Teatro e Cinema no Conservatório Nacional e escolas afins, podendo ter sido o início de um percurso de renovação sistemática do ensino artístico, aproveitando das conclusões e dinâmicas de estudos e recomendações dos finais da década de 70; infelizmente, tal não viria a acontecer.

A Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, diz, no seu artigo 3.º, que «o sistema educativo organiza-se de forma a [...] contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico [...] valorizando os [...] diferentes saberes e culturas [...]», contribuindo para a «[...] utilização criativa dos tempos livres [...]».

Os artigos 5.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º e 11.º especificam que o estímulo à criação, à expressão, à formação cultural e artística são objectivos integrantes da base educativa, de acordo com a especificidade de cada grau de ensino. Correlativamente, o artigo 31.º especifica que essas valências têm de ser consideradas na formação de professores.

O Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto, aprova a estrutura curricular dos ensinos básico e secundário, ainda em vigor. Essa estrutura aprovou um mecanismo intitulado «área Escola», que poderia, virtualmente, ter contribuído para uma presença de novas formas de aproximação pedagógica e de matérias agregadas aos planos curriculares. Todavia, a inexistência de uma determinação de carga horária semanal para a área Escola prejudicou gravemente a sua implementação, pela dificuldade de gestão da carga horária semanal por parte de cada escola. Apesar de tudo, a área Escola tem uma avaliação muito positiva, como se depreende da análise preliminar de dados sobre a mesma, promovida pelo Instituto de Inovação Educacional, em relatório de Julho de 1998. Criar mecanismos de resolução para esta situação é pois imperativo e os estudos actualmente em curso no Ministério da Educação para a implementação de uma denominada «área de projecto» têm que ser seguidos com atenção e tem de se avaliar com rigor o efeito das experiências similares nos últimos 20 anos.

A estrutura curricular aprovada pelo decreto-lei supracitado abriu portas para que, na criação da disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social, as questões estéticas tivessem um lugar significativo. Não deixa de ser lamentável o caminho difícil a que se assistiu no que concerne à prossecução do processo de implementação da disciplina em causa e a omissão desta matéria nas actuais discussões curriculares.

Finalmente, a referida estrutura curricular considerou, em todos os ciclos dos ensinos básico e secundário, tempos lectivos e disciplinas dedicados às artes, sendo que se considera negativa a opção de aglutinação, no 2.º ciclo do ensino básico, da Educação Visual com a Educação Tecnológica e bastante preocupante, na óptica dos planos curriculares flexíveis, as reduções que poderão sofrer as cargas horárias da Educação Visual no âmbito das próximas opções legislativas em termos de reformulação de planos curriculares nestas matérias.

No desenvolvimento do regime jurídico estabelecido pela Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, o Governo, em funções nessa data, elaborou o Decreto-Lei n.º 344/90, de 2 de Novembro, reconhecendo a insuficiência da prática de educação artística existente em Portugal e pretendendo «a reestruturação global e completa de todo o sistema [...] nas suas múltiplas vertentes: genérica, vocacional, em modalidades especiais e extra-escolar» (preâmbulo). Esse decreto-lei afirmou-se como «diploma quadro», remetendo para futuros diplomas regulamentadores, que nunca viriam a ser publicados no *Diário da República*, por ausência de processo de legitimação sobre a matéria em causa.

O documento «Educação artística especializada — preparar as uanças qualitativas» do Ministério da Educação, de Outubro de 1991, faz a explicitação e desenvolvimento do referido decreto-lei.

Através do parecer n.º 1, de 1992, elaborado por António de Almeida Costa, e por solicitação do Ministro da Educação, o Conselho Nacional da Educação pronunciou-se sobre o mesmo e os seus possíveis desenvolvimentos. Foram apontadas deficiências de ordem técnica no diploma legal e levantadas questões pertinentes sobre aspectos do seu conteúdo. Todavia, na generalidade, apontou-se para o desenvolvimento rápido de medidas para a sua implementação (v. n.º IV, «Conclusão»).

As diversas medidas legislativas parcelares que foram adoptadas em matérias concernentes às artes serão, certamente, úteis para a estruturação consistente de um quadro legal que dê cumprimento à determinação política sucessivamente expressa de aprofundamento da presença das expressões nomeadamente no que concerne às suas valências estéticas e artísticas no sistema educativo. Ao mesmo tempo, elas revelam a desordem reinante neste domínio na pretendida disciplina e harmonização de um quadro legal que permita uma adequada implementação de políticas de fôlego estratégico. Salienta-se, a título meramente exemplificativo:

- A Portaria n.º 1196/93, de 13 de Novembro, que cria o Conservatório de Música de Calouste Gulbenkian na cidade de Braga, como escola especializada no ensino de música e define os seus planos curriculares;
- A Portaria n.º 58/97, de 25 de Janeiro, que dá carácter genérico à existência do Programa PAIDEIA — animação artística nas escolas secundárias, acção de divulgação e sensibilização para as artes promovida a nível nacional pelas Secretarias de Estado da Educação e Inovação e da Juventude e Clube Português de Artes e Ideias;
- A Portaria n.º 804/97, de 2 de Setembro, que introduz alterações curriculares no curso de Dança da Academia de Dança Contemporânea de Setúbal, e a Portaria n.º 99/98, de 23 de Fevereiro, que altera a designação e plano curricular do curso técnico-artístico, vertente de Dança, da Escola de Dança Ginasiano;
- As Portarias n.ºs 140/98 e 141/98, de 5 de Março, que alteram os planos de estudo dos cursos da Escola Secundária de António Arroio, de Lisboa, e da Escola Secundária de Soares dos Reis, do Porto;
- O despacho n.º 16 621/98, de 22 de Setembro, que cria apoios financeiros para o desenvolvimento de acções artísticas nas áreas de artes plásticas e azulejaria para os 2.º e 3.º ciclos do ensino básico.

Considera-se que a articulação e integração de estas e outras medidas legislativas avulsas é urgente.

Entretanto, haverá também que atender às conclusões do Grupo Interministerial para o ensino artístico de Maio de 1996, na altura nomeado pelo despacho conjunto n.º 7/ME/MC/96, e estar atento ao segundo grupo interministerial criado no mesmo domínio em 1997.

II — Objectivos da educação estética

A educação e a formação humana são inseparáveis de uma dimensão gratuita e grauficante, que, despertando o interesse e o espanto, motive a imaginação e a acção, em paralelo com a aprendizagem de conteúdos (Rui Grácio). Nesta dimensão se integra a educação estética, a qual

corresponde a uma dimensão qualitativa do saber e da forma da pessoa se relacionar com a realidade e com o próprio saber.

Para Platão a formação estética era uma condição para a sabedoria e para o relacionamento ético e moral na construção da cidade.

De vários modos outros pensadores insígnies de diversas áreas do saber sublinharam, também, a necessidade da educação estética para uma harmonização da pessoa, a nível individual e social.

O reconhecimento da importância da educação estética na formação humanista da pessoa e dos cidadãos como factor de progresso social e político para o próprio Estado (Schiller) está na origem da introdução do ensino artístico nos sistemas de ensino público.

1 — O objectivo da educação estética é ampliar as potencialidades cognitivas, afectivas e expressivas da pessoa na compreensão do eu, do corpo e do outro (Helena M. Cidade Moura), na sua relação com o ambiente natural e a transcendência, com a vida e a cultura e com a sua própria cidadania.

2 — Predominantemente relacional e personalizante, a educação estética valoriza a realidade do corpo, pois é através dos sentidos que o sujeito percepção o que lhe é exterior e é através deles que comunica o conhecimento que adquiriu e que transmutou.

3 — A educação estética procura desenvolver, em cada pessoa, a capacidade de relacionar o que vê, ouve e sente, desenvolvendo os conhecimentos e experiências preexistentes, facultando referências de leitura para o entendimento da realidade que percepção, de modo que possa projectar, no real, um olhar e uma compreensão crítica, criativa e relacionada.

4 — A educação estética visa despertar o conjunto dos órgãos perceptivos e expressivos da pessoa, permitindo-lhe descodificar os símbolos, sinais e linguagens de comunicação intersubjectiva, entender melhor os sentidos das expressões artísticas e relacionar as respectivas propostas estéticas; ela permite situar e exprimir critérios/emoções em função de objectos e situações de ordem estética e elaborar juízos críticos fundamentados nos conhecimentos adquiridos.

5 — Sendo um processo global, evolutivo e sequencial, e correspondendo a etapas do desenvolvimento da pessoa, a educação estética abre horizontes: estimulando os interesses e integrando a razão com os sentimentos e as emoções, contribui para a sensibilização ao conhecimento, através de uma intuitiva apropriação dos saberes e das aprendizagens.

III — Âmbito da educação estética

A actividade estética atravessa todas as dimensões da vida da pessoa desde o nascimento (ainda que para diversos estudiosos se situe em momento mais precoce — a vida intra-uterina — o início dessa actividade, nomeadamente através da percepção da música). Para ela contribuem, de forma implícita e por impregnação, as referências e os estímulos que se cruzam no meio em que a pessoa nasce, cresce e vive e na experiência que vai adquirindo.

A educação estética, como acção explícita, contribui para a aprendizagem da percepção como um todo e dos sentidos em particular. Conduz à reflexão e pretende tornar o sujeito mais sensível e receptivo às emoções estéticas, aos objectos artísticos e a todas as formas de cultura.

1 — Nas sociedades contemporâneas as referências estéticas são transmitidas, de forma implícita, nomeadamente, através dos seguintes factores:

- Os objectos e veículos utilitários e sumptuários do quotidiano;
- O meio ambiente, o urbanismo, o envolvimento sócio-cultural e as artes presentes (ou ausentes) naqueles contextos;
- Os *media* e a publicidade;
- O cinema, o vídeo, o *multimedia*, a Internet;
- As modalidades desportivas;
- As expressões das religiões e da religiosidade.

2 — A sociedade cultural promove a educação estética de forma explícita através das políticas culturais do Estado e, principalmente, através da iniciativa de pessoas, grupos e instituições da sociedade, civil que apoiam, reconhecem e promovem os criadores de cultura e divulgam as suas realizações. Nelas se incluem as actividades desenvolvidas por:

- Museus, teatros, salas de espectáculos e galerias;
- Orquestras e agrupamentos musicais e de dança;
- Livrarias e editoras de livros, discos, audiovisuais, *multimedia*;
- Fundações privadas, empresas, centros e associações artísticas, literárias, científicas e culturais;
- Grupos informais.

3 — A educação estética, no âmbito do ensino formal, processa-se igualmente de forma transversal e implícita, sendo proposta de forma explícita através de disciplinas específicas, em princípio, existentes nos currículos.

«Entendo por estética a formação educativa que faz apelo a certas formas de valorar, de sentir, de criar, envolvidas no denominado 'juízo

estético [...] em qualquer lugar ou momento da rotina escolar se exerce e educa o juízo estético» (Rui Grácio).

Entre os factores que intervêm na formação estética no ensino formal destacam-se:

- O espaço físico e o ambiente psicológico do contexto escolar;
- Os valores que informam os regulamentos internos e as relações pessoais no espaço educativo;
- Os currículos e as novas tecnologias;
- A atitude dos docentes face à dimensão estética dos saberes que transmitem;
- As pedagogias e os estilos de comunicação dos conteúdos curriculares;
- O tempo e o espaço atribuídos às disciplinas e às actividades que permitem a criatividade e experiência estética.

4 — Todos os saberes contêm uma vertente estética que é expressão da sua natureza e da coerência interna do seu conteúdo.

A educação pré-escolar, actualmente reconhecida como parte integrante do sistema, é o primeiro espaço educativo formal de referenciação da educação estética, desenvolvendo um papel precoce essencial na estruturação dos saberes e aprendizagens, sendo reconhecido que a actividade artística desempenha, neste patamar, um papel crucial. Todavia, esse papel é ainda muitas vezes reduzido à sua dimensão lúdica, sendo necessário pensá-lo e considerá-lo, em termos curriculares, como dimensão importante dos conteúdos e, em termos de sistema, enquadrá-lo e articulá-lo com os posteriores graus de ensino. A actividade artística na educação pré-escolar promove os processos de desenvolvimento da percepção, a actividade motora e expressiva e a socialização.

Na sequência da educação pré-escolar, citam-se algumas áreas de aprendizagem que, de forma implícita e transversal, promovem a educação estética:

- Língua materna: entendimento e formulação das ideias e signos da expressão linguística;
- Literatura: experiência estética da leitura e da expressão poética;
- História: a percepção de um património de obras, ideias e realizações;
- Ginástica e desporto: percepção estética do corpo no espaço envolvente e integração psicomotora;
- Ciências da natureza: a ecologia e a percepção das relações harmónicas entre os sistemas.

Citam-se disciplinas que nos currículos e nas áreas educativas do ensino formal se propõem transmitir conteúdos de referência directa à problemática da estética e a promover, de forma explícita, uma formação estética:

Disciplinas de natureza teórica:

- História da Arte;
- Filosofia;

Disciplinas de natureza específica:

- Educação Visual;
- Educação Musical;
- Expressão Dramática;
- Dança;
- Design;
- Audiovisuais.

IV — Educação estética e ensino artístico para todos

A educação estética, sendo, como se disse, abrangente e apresentando-se de diversas formas, tem no ensino artístico uma forma excelente de concretização. Neste devem ser realçados quatro aspectos diferentes e igualmente importantes:

- 1) O ensino artístico é estruturante na medida que conduz os estudantes à expressão de si próprios, estabelecendo a relação interioridade-exterioridade que define o humano;
- 2) O ensino artístico coloca os alunos perante a realidade das artes como realizações gratificantes indispensáveis à vida, à cultura e ao equilíbrio humano, revelando-lhes, também, a possibilidade de se exprimirem através das suas linguagens. As artes são importantes em si mesmas como expressão do conhecimento e da criatividade humana;
- 3) O ensino artístico apresenta, também, vantagens e consequências positivas não apenas na acção educativa mas no próprio processo de aproximação e resposta às aprendizagens;
- 4) Ao promover a actividade estética e criativa, o ensino artístico desenvolve potencialidades cognitivas transversais que são indispensáveis à interiorização dos saberes e favoráveis à harmonização de todas as dimensões e faculdades da pessoa.

O ensino artístico é uma área extremamente gratificante e relevante, o que lhe deve dar direito a um espaço importante e significativo

nos currículos e nos horários escolares, ao longo de toda a escolaridade, em particular, na educação pré-escolar e durante todo o ensino básico.

Devem, em especial, ser criadas condições para que os estudantes que revelem, em qualquer grau de ensino, qualidades artísticas especiais possam ser seguidos, acompanhados e promovidos no desenvolvimento dessas habilitações de forma a garantir o aproveitamento de características humanas essenciais ao património comum da sociedade.

Sendo um factor de estímulo personalizante, o ensino artístico deve ser reforçado (e nunca restringido) nas situações em que se possam verificar dificuldades na aprendizagem ou na integração escolar, como nos casos do ensino especial e das escolas com índices de grande violência ou situações de multiculturalidade.

O mesmo reforço se deve aconselhar nas soluções terapêuticas da flexibilização curricular, dos currículos alternativos ou da redução do tempo escolar, situações em que, geralmente, a área artística é considerada «dispensável», sendo sacrificada à «utilidade» das disciplinas teóricas.

Na actualidade verifica-se uma grande interdisciplinaridade nas linguagens artísticas. A actividade estética e artística é, frequentemente, integradora, recorrendo a vários géneros de arte, técnicas e tecnologias, em simultâneo, para a criação de obras ou de projectos.

No entanto, cada disciplina tem características e linguagens próprias e o ensino artístico deve acentuar as especificidades das diferentes disciplinas, ainda que os projectos de aula ou de escola promovam programas em que ocorram situações de interdisciplinaridade.

Qualquer que seja a expressão artística o respectivo ensino deve englobar as seguintes vertentes:

- 1.º O desenvolvimento da sensibilidade e do sentido estético;
- 2.º A transmissão do conhecimento de conteúdos teóricos sobre as artes e as suas linguagens;
- 3.º A transmissão do conhecimento prático de técnicas que dão forma às linguagens artísticas;
- 4.º A promoção das expressões e da criatividade.

As pedagogias do ensino artístico visam promover:

- O exercício da liberdade e da expressão individual através da actividade criativa;
- O desenvolvimento das capacidades perceptivas e expressivas através de uma actividade simultaneamente reflexiva e espontânea;
- O adexramento das competências expressivas;
- O controlo psicomotor;
- A capacidade de interpretação da realidade envolvente;
- A capacidade para concretizar no tempo, no espaço e na matéria realidades sentidas ou imaginadas;
- O exercício da análise crítica.

O ensino artístico perde o sentido, e a sua razão de ser, quando é desligado da perspectiva estética e se restringe a transmissão de técnicas e de gramáticas ou, ainda, quando é associado em termos de docência e carga horária, com a chamada «educação tecnológica».

Também o ensino artístico não se realiza fora do «fazer», ou seja, teoricamente. Não existe educação musical sem o ouvir e sem a execução (dars) música(s), seja através de instrumentos tradicionais ou alternativos e do canto, como não existe educação visual sem a prática do ver e da realização plástica; não existe expressão dramática ou dança, sem o seu exercício e apresentação.

A prática do ensino artístico exige tempo, continuidade, condições de espaço, materiais e equipamentos, que não existindo nas escolas, têm de ser encontrados fora das mesmas, assim como requer professores especializados em cada expressão artística e sem acumulações indevidas.

É essencial para os alunos a experiência estética. Esta deve ser proporcionada através do contacto directo com as artes e com autores e intérpretes convidados a integrar projectos das escolas. As visitas a exposições e museus, assim como a participação em exposições, concertos e espectáculos, devem fazer parte integrante dos programas do ensino artístico nos currículos.

Comprova-se que «não se pode isolar a aquisição dos aspectos cognitivos das outras áreas do saber, ou seja, a aprendizagem constitui um todo e a realização noutras áreas, que não sejam as cognitivas, contribui para o reforço das aquisições cognitivas» (Salvado Sampaio, «Educar e formar ao longo da vida», seminário, CNE).

A implementação do ensino artístico num processo educativo global tem demonstrado a importância desta área e o seu reflexo positivo no aproveitamento das crianças, adolescentes e jovens em termos de:

- 1) Educação formal — valor estimulante e harmonizador do ensino artístico, quando correcta e efectivamente implantado em escolas;

- 2) Ensino informal — valor estimulante do ensino artístico, como promotor de afirmação e realização pessoal e grupal, nomeadamente na recuperação do interesse e da auto-estima e na ocupação dos tempos livres. No que se refere a adultos, o ensino artístico introduziu novas formas de interesse e de ocupação;
- 3) Educação especial — valor estimulante do ensino artístico no desenvolvimento das capacidades reactivas, cognitivas e expressivas de alunos com deficiências ligeiras, graves e muito graves.

V — Agentes da educação estética e professores do ensino artístico

Na educação formal, e no âmbito das disciplinas que constituem os currículos, as pedagogias de abertura à dimensão estética da aprendizagem dependem essencialmente da arte de comunicar conhecimentos e conteúdos que foram pessoalmente apropriados.

A educação estética depende, essencialmente, da pessoa do pedagogo. «É a pedagogia, por contágio, de um *saber maior*, um *saber estético*, em que se conjugam o ser capaz de aprender para saber, o prazer que se sente nesse percurso e a consciência do belo, que leva ao nosso próprio enobrecimento como seres humanos» (Ruben Cabral).

O agente da educação estética é o que transmite um saber com o qual tem uma relação de intimidade e empatia e que seduz a atenção dos outros, levando-os a captar, pela via da subjectividade, o que nesta área é específico, seja relativo às artes, às letras, às ciências, às matemáticas ou às tecnologias.

Aqueles que as crianças e os jovens designam como «bons professores» são sempre agentes de educação estética. A sua postura valorativa perante o saber e perante a vida e a sua forma de comunicação pedagógica marcam, de forma indelével, as memórias dos seus alunos.

Como é óbvio, o ensino artístico requer professores com formação muito específica no campo teórico, no campo prático das diferentes técnicas e no campo da expressão artística, encontrando-se este último num plano diferente do plano da teoria e das técnicas.

Formação de professores

A educação estética, que atravessa todos os saberes, exige substancialmente melhor nível cultural e formação dos educadores de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário, já que estes receberam uma educação de base limitada e insuficiente.

Com a promoção da educação estética e humanística, a formação dos docentes deverá insistir no desenvolvimento das capacidades de comunicar, como condição para a acção pedagógica.

A educação estética e o ensino artístico exigem o contacto regular de artistas com as escolas e a colaboração destes na formação dos professores. O ensino artístico «para todos» exige professores com a formação estética inerente ao conhecimento e a prática artística assim como exige uma formação pedagógica. Tal aplica-se tanto aos cursos superiores artísticos como às escolas superiores de educação.

Os docentes «generalistas» devem ter uma cuidada formação estética, assim como aqueles que orientam o ensino de diferentes áreas do ensino artístico, porque, para além da formação pedagógica, devem dispor de conhecimentos técnicos específicos e de referências estéticas estimuladas através de actividades criativas.

Os professores do ensino artístico deverão ter, simultaneamente, competência pedagógica e formação estética e cultura e artística que lhes permita conhecer, identificar e situar as expressões das artes e respectivas técnicas e tecnologias para as poder transmitir.

A monodocência, que no nosso sistema corresponde ao 1.º ciclo do ensino básico, exige maior empenho na formação estética dos docentes e maiores e melhores conhecimentos nas áreas das expressões, muitas vezes através da(s) mudança(s) da(s) óptica(s) utilizada(s) em termo(s) de conteúdo(s) programático(s) e forma(s) de o(s) exercer. As instituições com responsabilidades na formação de professores deveriam ser instadas a completar os seus programas de formação.

VI — Conclusões e parecer

Face às perspectivas sócio-económicas emergentes e a uma realidade cultural movida por valores estéticos e padrões de qualidade, reconhece-se a necessidade urgente de promover uma orientação articulada, nomeadamente, nas políticas de educação pré-escolar, básica e secundária.

O ensino artístico é uma componente fundamental da educação estética, sendo factor estruturante da acção educativa. Apesar da sua relevância para a humanização e qualificação do ensino, e para despertar o gosto pelo saber e as motivações pelas aprendizagens, o seu papel tem sido menorizado pelos planos curriculares e extracurriculares, na escolaridade obrigatória e no ensino secundário.

Esta menorização vai contra o quadro legal em vigor e, substancialmente, prejudica, de forma significativa, a formação dos cidadãos

portugueses, nomeadamente a sua capacidade de expressão a todos os níveis, reduzindo o seu poder de participação real na sociedade que integram.

O reconhecimento efectivo da educação estética e, especificamente, da educação artística ao nível dos currículos, da docência e do processo do ensino encontra dificuldades; encontra a incompreensão por parte de uma antiga concepção racionalista do ensino que é apenas sensível a uma ultrapassada noção de «útil» e as resistências de uma moderna corrente que coloca as suas esperanças no recurso às novas tecnologias como fim em si mesmo.

A implementação das áreas que são objecto deste parecer só poderá ser sustentada por uma vontade política que se fundamente na convicção de que a melhoria do nível do ensino e do sucesso escolar não reside em processos imediatistas ou em soluções de facilidade, mas no desenvolvimento das condições para a aprendizagem por parte dos alunos; reside ainda nas relações de professores e funcionários das escolas com as famílias e os agentes dos meios envolventes, na perspectiva de identidades de pertença concêntricas, referida na introdução do parecer, em ordem à promoção da criatividade individual e das capacidades de expressão e de crítica.

A maior abertura do sistema educativo a estas áreas será factor de excelência. Nestes termos poder-se-á garantir uma «ecologia do espírito» (Gregory Batson) e lançar as bases para uma «ética do futuro» (Federico Mayor, Jérôme Bindé) em Portugal, permitindo afirmar melhor a sua identidade cultural no contexto da globalização e no âmbito da União Europeia e contribuindo para preparar o País para os desafios de um novo século, onde, como em todos os outros, os homens protagonizam (ou não) a sua própria história.

Urge ultrapassar a orientação minimalista e teórica que tem persistido no sistema de ensino, concretizando as vertentes gratificantes de desenvolvimento das capacidades sensíveis, expressivas e criativas que nele têm estado omissas, para que:

- Se criem as condições para o sucesso das aprendizagens estruturantes e transversais, por forma a adquirir capacidades habilitantes que garantam o processo de conhecimento, aprendizagem e formação ao longo da vida;
- Se promovam as competências criativas das crianças e jovens portugueses;
- Se estabeleçam as bases e as condições que permitam promover um ensino superior artístico e um ensino artístico especializado de excelência;
- Seja possível um ensino de qualidade para todos que permita a aquisição de competências múltiplas, não acentuando os desníveis culturais, sociais e económicos existentes;
- Seja facultado um «património de educação estética e artística» que garanta uma maior capacidade de diálogo entre os nossos cidadãos, enquanto portadores de cultura, e cidadãos de diferentes culturas do espaço europeu e de outros espaços culturais.

Neste termos, parece-nos ser de recomendar:

A — Orientações e estratégias

1 — A necessidade de recentrar as políticas e as práticas do sistema educativo na realidade cultural e nas condições e processos de aprendizagem dos alunos, ou seja, valorizando a dimensão da sensibilidade e desenvolvendo, de forma equilibrada e saudável, as linguagens e os vários tipos de inteligência.

2 — O reconhecimento da importância da educação estética como factor estimulante das motivações no processo educativo e como dinamismo aglutinador dos saberes e dos valores nomeadamente de identidade cultural e cidadania em todos os níveis de ensino.

3 — A valorização e a consequente implementação da educação estética e do ensino artístico como áreas formativas personalizantes que permitam desenvolver a expressão e a criatividade individual, assim como as competências básicas e transversais de cada um e de todos, conjugando-os entre si, na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário.

4 — A consciencialização, ao nível das estruturas administrativas e formativas do sistema educativo, da importância da acção pessoal dos docentes e da influência do espaço físico e psicológico das escolas, assim como de todo o contexto educativo na educação estética e na formação cultural e cívica das crianças, adolescentes e jovens.

5 — O reconhecimento da importância desta área programática na ocupação curricular, na ocupação dos tempos livres e na despistagem de comportamentos tendentes à exclusão através dos conteúdos curriculares, formação de professores, parcerias e dotações financeiras ao Departamento do Ensino Básico, ao Departamento do Ensino Secundário e às escolas.

B — Medidas legislativas

6 — A regulamentação do Decreto-Lei n.º 344/90, de 2 de Novembro, que considera, no seu preâmbulo, que «a formação estética e a educação da sensibilidade se assumem como elevada prioridade da reforma educativa em curso e do vasto movimento de restituição à escola portuguesa de um rosto humano».

7 — A revogação de disposições legais posteriores àquele decreto-lei que não só vieram contradizer o seu espírito como vieram agravar, ao nível da docência e dos currículos, uma situação que o mesmo já classificava como «reconhecida insuficientemente».

8 — A revisão de propostas legislativas recentes que, no âmbito da gestão flexível dos currículos, acentuem a memorização desta área educativa nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, ao reduzir o tempo curricular da área do ensino artístico obrigando a optar por uma única expressão, nomeadamente entre educação musical e educação visual.

9 — A introdução de abordagens e enquadramentos diferentes na regulamentação das várias áreas que, segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo, integram o ensino artístico, atendendo às suas especificidades próprias, uma vez que as suas práticas não são reductíveis a uma regulamentação uniformizada.

10 — A distinção clara, ao nível da legislação, do âmbito da educação artística e do âmbito da educação tecnológica, visto serem áreas com conteúdos, objectivos e metodologias diferentes.

11 — O restabelecimento da autonomia da Educação Visual em relação à educação tecnológica — tal como ministrada na actualidade —, garantindo a permanência daquela área para os alunos dos ensinos básico e secundário que se orientam para a via do ensino ou para os cursos superiores de Belas-Artes, Design e Arquitectura: garantir a continuidade curricular da Educação Musical nos ensinos básico e secundário para os alunos que pretendam enveredar por cursos superiores no domínio da música ou na via do ensino. A continuidade da Educação Visual e da Educação Musical, para estes casos, será viável se, em cada distrito, houver, pelo menos, uma escola do ensino secundário que ofereça essa possibilidade ou em regime articulado.

12 — A reavaliação das correspondências entre os níveis de competência e formação dos docentes do ensino artístico e os níveis do ensino e dos programas a que estão destinados, no contexto dos currículos, com particular relevância no que concerne aos professores de Educação Musical.

C — Acções a desenvolver

13 — Maior empenhamento, por parte do Ministério da Educação, na inclusão, nas escolas, da iniciação e continuidade às várias expressões artísticas, previstas na Lei de Bases do Sistema Educativo, nomeadamente a música, as expressões plásticas, a dança, o teatro e as artes áudio-visuais, entre outras.

14 — A criação de espaços de funcionamento e a dotação de equipamentos mais adequados às áreas do ensino artístico na escolaridade obrigatória, nomeadamente nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico.

15 — A criação de condições de acompanhamento de estudantes que revelem, em qualquer grau de ensino, especiais capacidades artísticas.

16 — O desenvolvimento de uma estreita colaboração entre o Ministério da Educação, o Ministério da Cultura, a Secretaria de Estado da Juventude e outras instituições, públicas e privadas, que possibilite a implementação de programas, projectos e acções conjuntas de:

Formação cultural e estética dirigida a alunos dos ensinos básico e secundário;

Formação cultural e estética dirigida a professores, integrada nos programas de formação inicial dos docentes dos ensinos básico e secundário e nos planos de formação continua e nos complementos de formação.

D — Programas, pedagogias e boas práticas

17 — A revisão profunda dos cânones de formação, programas e metodologias que têm orientado as áreas e as disciplinas do ensino artístico, no contexto do sistema de ensino e nos currículos, as quais se encontram predominantemente confinadas à transmissão desarticulada de técnicas e de gramáticas.

18 — A abertura de novas perspectivas para os conteúdos e práticas do ensino artístico, acentuando a sua vocação específica para o desenvolvimento das capacidades perceptivas e expressivas dos alunos, para o exercício da imaginação e da criatividade e para a educação da sensibilidade e do juízo estético.

19 — A reestruturação dos conteúdos programáticos dos conservatórios, em ordem a alargar a sua formação, não exclusivamente para a criação de intérpretes, mas para atender a estudantes que visam o aprofundamento da sua cultura musical, teatral ou artística, consoante a diversidade das ofertas das escolas.

20 — A abertura do sistema do ensino a programas de pedagogias activas, creditando tempo, verbas e compensações para os professores

que promovam actividades pedagógicas, culturais e artísticas fora das paredes e dos horários das escolas, nomeadamente através de visitas de estudo e assistência a espectáculos, concertos e exposições.

21 — A implementação efectiva de áreas inter e extracurriculares que permitam ofertas diversificadas das expressões artísticas nos espaços escolares, facultando a todos, e a cada um, uma oportunidade de escolha e de encontro da sua expressão privilegiada na realização de projectos comuns.

22 — A afirmação da necessidade de o ensino das expressões artísticas ser ministrado por docentes das respectivas áreas que associem à sua formação técnica e estética específica, uma formação pedagógica adequada.

23 — A colaboração de músicos, escritores, artistas plásticos, actores, cenógrafos, entre outros artistas, como convidados, em projectos educativos das escolas e a criação de projectos e *ateliers* na mesma, ou na sua proximidade.

24 — O desenvolvimento de projectos educativos das escolas, nas áreas das expressões artísticas, em parceria com instituições não governamentais e com associações culturais e artísticas existentes na comunidade envolvente e a nível nacional.

25 — A criação de «equipas móveis», de professores, ou monitores especializados, que coadjuvem a prática do ensino artístico em escolas de monodocência, no pré-escolar e em escolas dos ensinos básico e secundário onde não existam meios próprios para poder oferecer uma formação estética e artística suficiente.

E — Formação de professores

26 — A urgência de reforçar as vertentes da cultura geral e humanística e da educação estética na formação dos docentes a todos os níveis.

27 — A exigência de níveis substancialmente mais elevados de formação cultural e estética e de prática artística nos programas de formação de professores e de monitores. Esta exigência deverá ser ampliada no plano da preparação dos que irão ser formadores de professores.

28 — A reavaliação do reconhecimento oficial de cursos promovidos por instituições de ensino superior que creditam o acesso à docência na área das artes e que, frequentemente, não oferecem condições mínimas para a aquisição de competências práticas.

29 — A inclusão da via do ensino nas escolas superiores de ensino artístico que não a contemplem, permitindo a formação de artistas que, à sua competência, criatividade ou capacidade interpretativa, no campo das artes, associem uma formação pedagógica que os capacite para exercer a docência, se para esta se sentirem vocacionados.

Declaração de voto. — Votei contra, porque, embora concordando em parte com o projecto de parecer, discordo fortemente com uma grande parte das recomendações. — *Luís Filipe Banito Gameiro.*

10 Dezembro de 1998. — A Presidente, *Maria Teresa Ambrósio.*

ANEXO I**Boas práticas — alguns exemplos**

Refere-se, em primeiro lugar, pela sua globalidade, a recente avaliação da reforma educativa implementada nos EUA, na qual se deu particular relevância à educação pelas artes (*The Arts and Education Reform Ideas for Schools and Communities*, A Background Paper for the Goals 2000 Satellite Town Meeting, January 18, 1994):

«As artes sempre fizeram parte do percurso humano, na realidade defendemos as artes como forma de atingir a plenitude da nossa humanidade... Elas desenvolvem saudavelmente as mentes e os espíritos das nossas crianças:

Integrando o conhecimento e a compreensão, as artes ajudam os estudantes a transformar a informação em sabedoria».

Estratégias e objectivos/os alunos devem ser capazes de:

- 1) Comunicar em quatro disciplinas artísticas: música, artes visuais, teatro e dança;
- 2) Comunicar bem pelo menos em uma forma de arte;
- 3) Analisar as obras de arte;
- 4) Conhecer e identificar diversas formas de arte das várias culturas;
- 5) Relacionar os conhecimentos entre as diferentes formas e linguagens artísticas.

Conclusões da avaliação realizada. — A implementação de uma sólida formação artística integrada nos currículos escolares demonstrou as seguintes virtualidades:

- 1) As artes são importantes em si mesmas e ajudam os alunos a aprender outras matérias;
- 2) As comunidades descobriram que, para alguns alunos, as artes proporcionam uma primeira oportunidade para aprendizagem

e. para todos os alunos, as artes oferecem a «chance» para aprender mais. A prática das artes impulsionou o ensino e a aprendizagem das disciplinas das outras áreas:

- 3) As artes revelaram-se importantes para a competição económica e cultural da América no plano internacional, ao desenvolverem as competências mentais e emocionais;
- 4) As artes tornaram-se um factor importante na economia americana — 6% do produto nacional bruto baseia-se nas artes;
- 5) As artes atraem os pais e as famílias à escola. Os educadores interessam-se pelas prestações dos filhos nas áreas artísticas e participam em concertos, exposições, etc., contribuindo para o reconhecimento e auto-estima dos membros da família;
- 6) As artes constroem a participação da comunidade e a criação de negócios e indústrias. As parcerias estimulam a participação das instituições e das comunidades envolventes. Despertam a criação de manufacturas e pequenas indústrias;
- 7) As artes revelam à sociedade a natureza humana e a cultura. São uma forma de comunicação universal. A qualidade de uma civilização mede-se, nomeadamente, através da sua música, da sua dança, do seu teatro, da sua arquitectura, das suas artes visuais e da sua literatura;
- 8) As artes encorajam a autodisciplina e a persistência no trabalho, no empenhamento e na realização de projecto;
- 9) As artes ensinam a diversidade cultural num mundo progressivamente globalizado, quebrando as barreiras que dividem as diferentes culturas, criando plataformas de entendimento de harmonização;
- 10) As artes são indispensáveis à vida. As artes são as linguagens de expressão humana, de compreensão e de funcionalidade. São uma forma de perceber e interpretar o mundo envolvente.

Exemplos nacionais

1 — Escola n.º 2 da Cruz de Pau (Biquinha)

Situa-se numa zona de bairros de habitação social onde residem famílias economicamente desfavorecidas, nomeadamente de etnia cigana. Projecto de educação intercultural. A escola aposta numa organização curricular centrada na área das expressões, tendo a expressão plástica assumido especial relevo nomeadamente nas oficinas de pintura, cerâmica e azuleja, orientadas por professores da escola licenciados na Faculdade de Belas-Artes.

2 — Escola Secundária de Algés — Projecto MUS-E

Escola que reúne grupos economicamente desfavorecidos onde coexistem várias etnias num ambiente social particularmente violento.

O projecto educativo inclui uma vertente intercultural e integra o Projecto MUS-E em parceria com a Fundação Yehudi Menuhin, o qual desenvolve, de forma particular, a expressão musical como linguagem promotora da paz e da concórdia. Neste método têm relevância capital a colaboração obrigatória de artistas músicos, rentabilizando a participação da sociedade exterior à Escola.

3 — Chapitô

Desenvolve um projecto educativo de inserção social de combate à marginalização dos jovens, dando-lhes a oportunidade de enveredar por uma profissionalização na área do espectáculo e das artes circenses. A Escola de Artes e Ofícios do Espectáculo, sediada em Lisboa, integra o currículo do ensino secundário com equivalência ao 12.º ano e concede um certificado profissional de nível 3 de acordo com os programas comunitários.

4 — Projecto PAIDEIA

Ação conjunta do Clube Português de Artes e Ideias, Secretaria de Estado da Juventude e Ministério da Educação. A primeira fase decorreu entre 1993 e 1997, abrangendo 180 escolas secundárias de todo o País. Actividade itinerante focada na presença de quatro pré-fabricados de montagem rápida, colocados nos pátios das escolas (cada pré-fabricado com a área de 200 m² e com actividades artísticas específicas).

A — Dança/música — experienciar a prática destas duas actividades criativas através de exercícios práticos realizados em grupo:

Dança:

- Perceber o corpo como instrumento de comunicação;
- Conhecer a ideia de «corpo» na actualidade;
- Obter informação sobre a dança contemporânea;
- Contribuir para uma atitude e um conceito de dança de forma experienciada;
- Operar um enriquecimento cultural, estético e artístico no património do conhecimento teórico e experimental dos estudantes;
- Contribuir para a apetência da frequência de espaços de dança, nomeadamente espectáculos e ateliers;

Música:

- Estimular o interesse e a curiosidade pelos variados estilos de música;
- Perceber as relações e intenções entre as diversas formas musicais;
- Dar a conhecer o maior número possível de instrumentos musicais (não esquecendo a voz);
- Estimular o espírito crítico em relação ao «bombardeamento uniformizante» a que estão submetidos os estudantes através dos *media* e que leva a uma normalização indesejável porque redutora do gosto individual dos jovens;
- Promover o gosto pela frequência de espectáculos ao vivo e pela formação musical.

B — Áudio-visuais — os estudantes só costumam ter acesso a estes meios enquanto consumidores. Pretendeu-se «desconstruir» esses modelos através do conhecimento dos processos de construção do áudio-visual:

- Conhecer os meios de produção de um estúdio televisivo e experimentar a construção de uma notícia e de um *spot* publicitário;
- Criar, através destes mecanismos, capacidade de avaliação dos «produtos» áudio-visuais disponíveis no mercado;
- Promover um espírito crítico sobre o material áudio-visual consumido — alertar para as armadilhas do consumismo, da violência e de simplificações promovidos pelo *media*, assim como promover as valências positivas de formação e informação por eles veiculadas;
- Contribuir para o desenvolvimento de um «jornal de escola», um clube de rádio, um clube de áudio-visuais.

C — Teatro:

- Promover o conhecimento das linguagens teatrais, nomeadamente contemporâneas;
- Experienciar o trabalho cénico nas suas mais diversas vertentes — actor, encenador, cenógrafo;
- Desenvolver a consciência da importância dos rituais e símbolos e o papel da representação do real e de interpretação do imaginário;
- Promover o gosto pelo espectáculo teatral ao vivo, através da melhor compreensão das suas valências e do prazer que o mesmo pode proporcionar.

D — Artes visuais — a estética visual do quotidiano como se constrói?

Pretendeu-se contribuir para uma capacidade de olhar a arte. Trata-se, pois, de um trabalho de educação do olhar, enquadrado por perspectivas sincrónicas e diacrónicas que não se limitaram à história das artes mas ao enquadramento societal mais alargado.

A construção deste propósito foi feita através do exercício prático de construção de uma exposição — escolha das obras a expor, forma de expor, divulgação da exposição, forma de a financiar, projecto de visita educativa elaborado pelos próprios estudantes. Pretendeu-se criar uma consciência que tornasse mais compreensível os mecanismos museológicos e das galerias, no seu processo de existência e funcionamento.

Pretendeu-se promover o gosto pela visita de espaços museológicos reais, contrapostos às visitas virtuais. Tornar os estudantes conscientes das diferenças e das vantagens e desvantagens em termos de conhecimento de cada uma.

ANEXO II

As pedagogias

«Quando os alunos participam numa visita de estudo, aprendemos imenso sobre a maneira como eles aprendem» (Eleanor Shutak, citada por Scott Willis).

A educação estética vive das pedagogias activas, através do contacto pessoal e directo com as realidades percebidas: as metodologias devem incentivar a percepção de factores, fenómenos e realidades, promovendo a apropriação de experiências que conduzam à actividade crítica e ao conhecimento pessoal. Referem-se aqui alguns elementos para apoio a uma reflexão sobre esta matéria, sem nenhuma presunção de exaustão ou sistematicidade.

As pedagogias deverão reconhecer e integrar os vários tipos de inteligência (*multiple intelligences*, segundo Howard Gardner), correspondendo às suas exigências através de metodologias abrangentes e diversificadas. Através dos vários níveis do ensino formal as metodologias deverão, nomeadamente:

- Proporcionar actividades práticas e lúdicas, relacionando os conteúdos teóricos das diferentes disciplinas;
- Despertar a curiosidade e os interesses pelas diferentes formas de cultura e expressão humanas;

Potencializar as vertentes fundamentais da actividade estética: percepção, expressão, formação e comunicação do juízo estético.

Referem-se, a título meramente exemplificativo, algumas metodologias dirigidas à vertente da percepção estética:

- Audição e leitura de textos literários — análise e recitação de textos poéticos;
- Visitas de estudo a museus, monumentos históricos, lugares do quotidiano onde se processe o contacto com as artes;
- Visitas a exposições temporárias, instituições cívicas, religiosas, científicas e políticas; assistência a espectáculos, *performances*, cinema, teatro, dança;
- Diálogo com cientistas, investigadores, artistas, músicos e escritores que, sendo convidados pela escola, transmitam algo da sua experiência.

Entre as metodologias dirigidas à vertente das expressões estéticas citam-se:

- Relato oral e escrito das experiências vividas: o sentido do rigor e a importância da emoção;
- Prática efectiva da ginástica e do desporto: o reconhecimento de limitações e a superação de dificuldades;
- Prática efectiva das várias técnicas e tecnologias que, adestrando os órgãos expressivos e desenvolvendo competências psicomotoras, permitem a expressão da sensibilidade pessoal através das linguagens plásticas, musicais, teatrais e outras.

Citam-se com particular relevância pedagógica:

- O desenho na definição de formas, ideias e conceitos;
- O canto na colocação e utilização correcta da voz e na integração harmónica da pessoa no grupo;
- O teatro e o sentido do drama e da interpretação de textos e personagens;
- A dança e a harmonização sensorial do corpo;
- A utilização das novas tecnologias aplicadas à procura de informação (consulta) e às actividades expressivas (textos) e criativas (desenho, reprodução e transformação de imagens e elaboração de projectos).

Entre as metodologias dirigidas à vertente da formação e comunicação do juízo estético destacam-se:

- Actividades criativas através da escrita: jornais e concursos promovendo a qualidade da conceptualização e da comunicação;
- Actividades criativas através das linguagens e técnicas das diferentes artes;
- Intervenções estéticas no espaço escolar ou outros, exposições com premiação de trabalhos individuais e colectivos dos alunos: teatro de escola em que se integram todas as expressões artísticas;
- Actividades criativas através de tecnologias: reportagens e filmes de curta-metragem em vídeo, com a elaboração prévia dos respectivos guiões;
- Prática de debates sobre questões cívicas, culturais e éticas, sobre saberes, conteúdos dos currículos e práticas pedagógicas;
- Prática de uma auto-avaliação face à escola, às aprendizagens e aos projectos realizados;
- Crítica de cinema, espectáculos e programas televisivos.

A transdisciplinaridade é, por conseguinte, o terreno propício à educação estética, a qual, ultrapassando os campos da transmissão de conteúdos estanques, se propõe como síntese dos vários saberes: nela as metodologias são indissociáveis de uma prática de ver, ouvir, falar e fazer e das linguagens que mediatizam a interactividade do processo comunicação-aprendizagem. Entre aquelas linguagens situam-se, de forma privilegiada, as linguagens das artes.

Bibliografia

- Arnheim, R. — *Arte e Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora*. Pioneira Editora, São Paulo, 1994.
- Barreto Xavier, J. — «Novas possibilidades de intervenção», in *Formar Professores para a Escola Cultural no Horizonte dos Anos 2000* (colectânea). Porto Editora, 1997.
- Cabral, R. F. — «Saber, estética e interdisciplinaridade», *Broteria*, 146. Lisboa, 1998.
- Changeux J. P. — *Raison et Plaisir*. Odile Jacob, 1984.
- Changeux P. e Ricoeur, P. — *La nature et la règle: ce qui nous fait penser*. Odile Jacob, Paris, 1998.
- Clark, A. — «Being there: putting brain, body and world together again», *MIT Press*, Cambridge Mass, 1997.
- Cunha, P. — *Ética e Educação*. Universidade Católica, 1996.
- Danto, A. — «La transfiguration du banal», *La Philosophie de l'Art*. Le Seuil, Paris, 1989.

Egan, K. — *O Desenvolvimento Educacional*, Publicações D. Quixote, 1992.

Freire, P. — «Pedagogia do oprimido», *Paz e Terra*, São Paulo, 1987.

Ehrenzweig, A. — «L'Ordre caché de l'art: essay sur la psychologie de l'imagination artistique», Gallimard, Paris, 1974.

Focillon, H. — *La vie des formes*, Presses Universitaires de France, Paris, 1995.

Gardner, H. — *Frames of mind: the theory of multiple intelligences*, Basic Books, New York, 1983.

Gloton, R., e Clero, C. — *A Actividade Criadora na Criança*, Editorial Estampa, 1976.

Goodman, N. — *Languages of the art: une approche de la théorie des symboles*, Jacqueline Chambon, Nîmes, 1990.

Grácio, R. — «Formação estética, educação artística», in *Educação Estética e Ensino Escolar*. Europa-América, Lisboa, 1996.

Habermas, J. — *Le discours philosophique de la modernité*, Gallimard, Paris, 1998.

Humphrey, N. — *Natural Aesthetics in Architecture for People*, Studio-Vista, 1980.

Jauss, H. R. — *Pour une esthétique de la réception*, Gallimard, Paris, 1978.

Jimenez, M. — «Qu'est ce que c'est l'esthétique?», *Folio*, Gallimard, Paris, 1997.

Mehler, J. — «The Cortical Representation of Speech», *Cognitive Neuroscience*, 3, 1993.

Meumann, E. — *A Estética Contemporânea*. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1930.

Meyerson, I. — *Les fonctions psychologiques et les oeuvres*. Vrin, Paris, 1948.

Merleau-Ponty, M. — *Phénoménologie de la perception*, Gallimard, Paris, 1945.

Morgan, G. — *Imaginization*, Sage, Londres, 1993.

Nadal, E. — «A Educação Estética», in *Inovação*, vol. 3, n.º 1-2, 1990.

Oddleifson, E. — «What do we want our schools to do?», in *Kappan*, 75 (6), 1994.

Pais, J. M. — *Culturas Juvenis*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

Pires, E. L. — *Lei de Bases do Sistema Educativo: Apresentação e Comentários*. Edições ASA, 1987.

Poper, K. — *O Universo Aberto*, D. Quixote, Lisboa, 1998.

Read, H. — *A Arte e a Sociedade*, Biblioteca Cosmos, Lisboa.

Savater, F. — *O Valor de Educar*, Editorial Presença, 1997.

Schiller, F. — *Letras sur l'éducation esthétique de l'homme*, Aubier, Montaigne, Paris, 1943.

Vignaux G. — *Les sciences cognitives*. La Découverte, Paris, 1991.

Youg, A. — «Function organization of visual recognition», *Thought Without Language*, L. Weiskrantz, Clarendon, Oxford, 1998, 12-23.

Willis, S. — «Field studies: learning thrives beyond the classroom», *ASCD Curriculum Update*, Alexandria, VA, 1997.

Outros documentos

- A educação e os meios de comunicação social*. CNE, 1994.
- Educação pré-escolar e cidadania*. ME, 1998.
- Uma aposta educativa na participação de todos*. ME, 1998.
- Educar e formar ao longo da vida*. CNE, 1997.
- Pareceres e recomendações, 1992, 1994 e 1995*. CNE.
- Educação artística especializada — Preparar as mudanças qualitativas*. ME/GETAP, 1991.
- Política educativa, construção da Europa e identidade nacional*. CNE, 1997.
- Análise das consultas aos parceiros educativos — O Ensino Secundário em Debate*. DES, ME, 1998.
- Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal*. MSI, MCT, 1997.
- «A educação e o futuro» *Revista Colóquio — Educação e Sociedade*, n.º 3, nova série — *Valores e Educação numa Sociedade em Mudança*. Lisboa, 1998.
- Zapping Through Wonderland — Social Issues in Art for Children and Young People*, Royal Tropical Institute The Netherlands, 1998.
- Como projectar a educação artística em Portugal*, Edições da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, 1996.
- Por uma Europa do conhecimento*. CCE, Bruxelas, 1997.
- Entretiens du XXI^{ème} siècle*. UNESCO, 1997.
- Linhas Orientadoras para a Política Educativa*. ME, 1997.
- Educação — Mudanças para o Futuro*. ME, 1998.
- Carta Magna da Educação e Formação ao Longo da Vida — 1998*.
- Relatório do Projecto «Reflexão Participada dos Currículos do Ensino Básico»*. ME, DES, 1997.
- Situação Nacional da Literacia*. CNE, 1995.
- The Arts and Education Reform Ideas for Schools and Communities*. A Background Paper for the Goals 2000 Satellite Town Meeting, January 18, 1994.

Anexo n.º 12:

“Projecto «*Relatório Síntese do Programa RBÉ*» desenvolvido pela Administração Central portuguesa”

Relatório Síntese

SUMÁRIO

1. Introdução
2. Princípios Gerais
3. Bases das Bibliotecas Escolares
4. Linhas de Orientação Técnica e Funcional
 - 4.1. Recursos Humanos e Formação
 - 4.2. Recursos Físicos
 - 4.2.1. Instalações
 - 4.2.2. Equipamento
 - 4.2.3. Recursos de Informação
 - 4.3. Funcionamento e Animação
 - 4.4. Gestão e Apoio da Rede de Bibliotecas Escolares
 - 4.5. Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares
5. Programa Rede de Bibliotecas Escolares
 - 5.1. Objectivos
 - 5.2. Medidas
6. Considerações Finais e Recomendações
7. Anexo

INTRODUÇÃO

1.1. A criação de uma rede de bibliotecas escolares, assumida como política articulada pelos Ministérios da Educação e da Cultura, visa responder a uma necessidade sucessivamente enunciada, pelo menos desde meados do século passado, quer em textos oficiais, quer na imprensa, quer ainda em estudos sobre práticas culturais e sobre educação.

1.2. O tempo encarregou-se, entretanto, de transformar o conceito de biblioteca e foi-lhe conferindo vários significados, desde local de animação ou colecção de livros, até actividade da turma (biblioteca de turma), desde mediateca até centro multifuncional de acesso à informação. Nas últimas décadas os equipamentos onde se promovem iniciativas neste domínio têm sido designados por uma multiplicidade de termos, tanto nas escolas, como em documentos oficiais: Bibliotecas, Mediatecas, Centros de Documentação e Informação (CDI), Centros de Recursos Educativos (CRE), Centros de Informação Multimédia, etc. Em princípio, cada um destes termos deveria ser empregue para corresponder a um conceito e uma realidade determinada. No entanto, verifica-se que isto não acontece e que a escolha da designação tem sido com frequência um pouco arbitrária. Esta diversidade reflecte, por um lado a falta de intervenção e de apoio oficial, mas por outro, reflecte também o dinamismo e a autonomia das equipas pedagógicas que têm conseguido encontrar recursos e criar diferentes tipos de soluções para responder às necessidades que enfrentam.

1.3. Hoje, seja qual for o nome por que são designadas, as bibliotecas escolares sobre as quais nos propomos reflectir surgem como recursos básicos do processo educativo, sendo-lhes atribuído papel central em domínios tão importantes como: (i) a aprendizagem da leitura; (ii) o domínio dessa competência (literacia); (iii) a criação e o desenvolvimento do prazer de ler e a aquisição de hábitos de leitura; (iv) a capacidade de seleccionar informação e actuar criticamente perante a quantidade e diversidade de fundos e suportes que hoje são postos à disposição das pessoas; (v) o desenvolvimento de métodos de estudo, de investigação autónoma; (vi) o aprofundamento da cultura cívica, científica, tecnológica e artística.

1.4. Estudos sobre literacia, nacionais e internacionais, têm vindo a demonstrar que existe uma relação estreita entre a acessibilidade a espaços e recursos de leitura e o nível de desempenho dos alunos(1). Verifica-se também que é nos países com tradição no domínio das bibliotecas escolares e das bibliotecas públicas que os hábitos de leitura da população se encontram mais enraizados, sendo também esses países que registam níveis mais elevados de desenvolvimento cultural e científico(2).

1.5. No mundo em que a informação e o conhecimento científico e tecnológico se produzem a um ritmo acelerado e em que é indispensável formar pessoas capazes de acompanhar a mudança, cabe às escolas e às suas bibliotecas a função essencial de criar e desenvolver nos alunos competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tornem mais conscientes, informados e participantes, e para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto.

1.6. Considera-se, portanto, que a criação de uma rede de bibliotecas poderá constituir uma das medidas da política educativa e que cada biblioteca deverá ser entendida como um centro de recursos multimédia de livre acesso, destinado à consulta e à produção em diferentes suportes. Deverá também tomar-se um centro de iniciativas, inseridas na vida pedagógica da escola e aberto à comunidade local.

Importa desde já sublinhar que, ao lançar-se um programa de criação de uma rede de bibliotecas escolares, pretende-se que as equipas responsáveis pelos projectos e experiências de sucesso de tantas escolas portuguesas, venham a encontrar melhores condições para prosseguir o seu trabalho e não se sintam forçadas a seguir orientações que, embora concebidas para se tornarem estimulantes, podem afinal vir a constituir um entrave às dinâmicas já existentes.

Nesta perspectiva, cada biblioteca deverá tornar-se um núcleo da vida da escola, atraente, acolhedor e estimulante, onde os alunos:

- i) se sintam num ambiente que lhes pertence e se habituem a considerar o livro e a informação como necessidades do dia-a-dia e como inesgotáveis fontes de prazer e de desenvolvimento pessoal;
- ii) tenham acesso à informação e ao conhecimento, através de grande diversidade de livros, jornais, revistas,

audiovisuais e tecnologias de informação;

iii) possam descobrir e alimentar o prazer de ler e de se informarem recorrendo a fontes documentais disponíveis nos mais variados tipos de suportes;

iv) possam estudar e encontrar com facilidade fontes documentais, se habituarem a seleccionar e gerir informação para realizarem actividades curriculares (individualmente ou em grupo, autonomamente ou com apoio docente e de técnicos especializados);

v) adquiram competências e autonomia no domínio da informação escrita, digital e multimédia e produzam documentos em suportes e linguagem diversificadas.

Deve também ser um lugar onde os professores:

i) se sintam num ambiente que lhes pertence e adquiram o hábito de tomar iniciativas e participar na sua animação, actualização e enriquecimento;

ii) encontrem informação variada, utilizável no seu trabalho docente, e possam requisitar livros e outros documentos nos mais variados tipos de suportes para as actividades da sala de aula;

iii) recolham sugestões, ideias e materiais que os inspirem e apoiem no seu trabalho docente e no ajustamento aos alunos e às turmas;

iv) possam recorrer ao professor bibliotecário, ao técnico adjunto de biblioteca e documentação ou a outros professores da equipa para debater modalidades de incentivar nos alunos o prazer de ler e a aprendizagem centrada na procura autónoma de informação;

v) possam encaminhar os seus alunos para que ali realizem actividades de estudo ou de ocupação de tempos livres.

Deve ainda ser um lugar onde todos encontram registos de memórias da escola e do seu meio envolvente, através de documentos ali produzidos, contribuindo assim para reforçar a identidade da escola e da comunidade local.

Sim-Sim, I. e Ramalho, G., Como Lêem As Nossas Crianças? Caracterização de nível de literacia da população portuguesa, Lisboa, Gep, Ministério da Educação, 1993.

Elley, B. Warwick, How in the world do students read? IEA Study of reading Literacy, The International Association for the Evaluation of Educational Achievement, 1992.

(2) Rapport Mondial sur le Développement Humain: 1994, Programme des Nations Unies pour le développement, Paris, Ed. Economica, 1994.

2. PRINCÍPIOS GERAIS

2.1. A Informação - Um Elemento Central do Currículo

Toda a actividade curricular consiste num processo de selecção, tratamento, produção e difusão da informação tendo como principal finalidade a aquisição de um "saber escolar".

O crescimento exponencial do volume de informação, a diversidade de meios de difusão e a acessibilidade às fontes possibilitada pelas modernas tecnologias de informação obrigam a alterar por completo as formas tradicionais do trabalho escolar.

A necessidade de desenvolver em todos os alunos competências neste domínio constitui o objectivo primeiro da aprendizagem, qualquer que seja a disciplina ou ano de estudo, exige uma organização, métodos e recursos adequados e assenta sobretudo na criação de situações que promovam o prazer de ler, de escrever e de investigar.

Qualquer medida destinada a desenvolver os meios disponíveis de acesso à informação na escola, bem como a capacidade de alunos e professores a utilizarem com fins educativos, deve ser vista sempre como uma inovação pedagógica à escala de todo o estabelecimento de ensino.

Só pode ser concretizada se se traduzir em mudanças efectivas quer das estruturas existentes (espaços, organização pedagógica) quer dos comportamentos dos professores (conteúdos e métodos de ensino) e dos alunos (relação com o saber, tarefas e processos de trabalho).

A biblioteca escolar, entendida como centro multimédia onde a informação com fins educativos é tratada, integrada, disponibilizada e produzida em diferentes suportes (livros, jornais, vídeo, filmes, diapositivos, programas informáticos, informação on-line, etc.), constitui, por isso mesmo, um dos principais recursos para o desenvolvimento curricular. Constitui igualmente um recurso privilegiado na promoção da leitura lúdica, nomeadamente de obras literárias e de ficção ajustadas à idade dos alunos.

2.2. A Biblioteca - Um Lugar Especializado, mas Integrado na Escola e Articulado Numa "Rede Local de Leitura"

Para que a biblioteca escolar possa desempenhar o papel central que lhe cabe no desenvolvimento do currículo torna-se necessário que os espaços, equipamentos, a gestão e a qualificação do seu pessoal obedeçam a critérios e normas rigorosas e adequadas às suas

funções.

Para definir estas normas e critérios é útil ter em conta os conhecimentos e práticas adquiridos pelas experiências realizadas em Portugal e noutros países e devem conjugar-se os requisitos técnico-documentais com as exigências pedagógicas.

Pretende-se que exista uma especialização funcional dos espaços, dos equipamentos, do pessoal, da gestão e das actividades da biblioteca, sendo contudo de evitar soluções que conduzam à sua autonomização e marginalização. A biblioteca deve antes ser entendida como uma unidade orgânica da escola e o planeamento das suas actividades, embora ajustado à especificidade das suas funções, estará integrada no planeamento global da escola e no seu projecto educativo.

Neste sentido, a actividade da biblioteca não se confina aos seus limites físicos e temporais, mas deve poder estender-se a todos os espaços e tempos lectivos e não-lectivos (sala de aula, sala de convívio, domicílio dos alunos, etc.).

A especialização e qualificação técnica das bibliotecas escolares exige um conjunto de meios que muitas vezes excedem a capacidade das escolas individualmente consideradas. Esta é uma das primeiras razões para que as bibliotecas de diferentes estabelecimentos de ensino de uma mesma localidade se articulem em rede, potenciando os seus recursos próprios e complementando as suas actividades. Para além disso, é desejável que a ligação em rede não fique confinada às escolas e acompanhe a evolução das políticas educativas que procurem fazer do estabelecimento de ensino um equipamento integrado com outros equipamentos sociais da localidade.

Nesta ligação a outros equipamentos sociais é de privilegiar a biblioteca pública, que deve incluir uma função de "serviço de apoio às bibliotecas escolares".

2.3. O Desenvolvimento das Bibliotecas Escolares - Uma Mudança à Escala do Estabelecimento de Ensino

O desenvolvimento da biblioteca escolar (de acordo com estes princípios) deve ser entendido como uma inovação organizacional que, potencialmente, afecta o conjunto do estabelecimento de ensino, quer no seu funcionamento interno quer na sua relação com o contexto local.

Neste sentido, toda e qualquer mudança da biblioteca de uma escola não pode ser dissociada de um projecto pedagógico que vise estabelecer novas formas de relação com o saber, novas modalidades de estruturar as situações de aprendizagem dos alunos, processos de formação dos professores.

A transformação da biblioteca escolar pode ter um efeito indutor na mudança da escola em geral. Mas essa transformação não pode ser imposta normativamente do exterior; terá de corresponder a uma necessidade da própria escola, pelo menos dos sectores mais inovadores e dinâmicos, e em particular dos seus órgãos de gestão.

Como acontece com a maioria das situações inovadoras vividas com êxito nos estabelecimentos de ensino, a transformação e desenvolvimento da biblioteca deverá constituir um processo "aberto" a um número indeterminado de soluções e caminhos diferentes, com ritmos e etapas também diversos.

É, portanto, de evitar modelos rígidos para a organização e funcionamento das bibliotecas que marginalizem experiências já existentes ou se tornem inacessíveis para a maioria das escolas.

A transformação das bibliotecas deve ser vista como um processo endógeno, estimulado e sustentado do exterior, mas que permita as margens de ajustamento necessárias para que professores e alunos se apropriem dele, de acordo com as suas necessidades e dinâmicas próprias.

3. BASES DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

3.1. ÂMBITO E FINALIDADES

3.1.1. As presentes bases destinam-se a servir de orientação ao processo de criação ou transformação das bibliotecas já existentes nos estabelecimentos de ensino, de acordo com critérios pedagógicos e técnico-documentais ajustados ao importante papel que este tipo de equipamento deve desempenhar.

Com esse fim são definidos princípios e linhas gerais a que devem obedecer as bibliotecas escolares, bem como os requisitos mínimos que devem ser respeitados na definição dos seus espaços, fundos documentais, equipamentos, modos de funcionamento e de gestão.

3.1.2. As bases são definidas de modo genérico, mas a sua aplicação deve ser realizada de modo flexível e ter em conta a especificidade dos diferentes níveis de ensino e a diversidade de situações locais.

3.1.3. Embora constituam um referente comum para todas as bibliotecas escolares, as normas e orientações definidas devem ser compatibilizadas com as opções já tomadas nos estabelecimentos de ensino onde se desenvolveram projectos de transformação de equipamentos existentes, nomeadamente a instalação de mediatecas e de centros de recursos.

3.2. DEFINIÇÃO E PRINCÍPIOS GERAIS

3.2.1. O conceito de biblioteca escolar inclui os espaços e equipamentos onde são recolhidos, tratados e disponibilizados todos os tipos de documentos (qualquer que seja a sua natureza e suporte) que constituem recursos pedagógicos quer para as actividades quotidianas de ensino, quer para actividades curriculares não lectivas, quer para ocupação de tempos livres e de lazer.

De acordo com este conceito, a biblioteca escolar deve ser concebida como um verdadeiro "centro de recursos educativos" multimédia (livros, programas informáticos, periódicos, registos vídeo e áudio, diapositivos, filmes, CD-ROM, etc.), ao dispor de alunos, de professores e, em condições específicas, de outros elementos da sociedade.

3.2.2. A biblioteca constitui um instrumento essencial do desenvolvimento do currículo escolar e as suas actividades devem estar integradas nas restantes actividades da escola e fazer parte do seu projecto educativo. Ela não deve ser vista como um simples serviço de apoio à actividade lectiva ou um espaço autónomo de aprendizagem e ocupação de tempos livres.

3.2.3. De acordo com estes princípios, a biblioteca escolar deve constituir-se como um núcleo da organização pedagógica da escola, vocacionado para as actividades culturais e para a informação tendo em vista realizar, entre outros, os seguintes objectivos:

- tornar possível a plena utilização dos recursos pedagógicos existentes e dotar a escola de um fundo documental adequado às necessidades das diferentes disciplinas e projectos de trabalho;

- permitir a integração dos materiais impressos, audiovisuais e informáticos e favorecer a constituição de conjuntos documentais, organizados em função de diferentes temas;
- desenvolver nos alunos competências e hábitos de trabalho baseados na consulta, tratamento e produção de informação, tais como: seleccionar, analisar, criticar e utilizar documentos; desenvolver um trabalho de pesquisa ou estudo, individualmente ou em grupo, a solicitação do professor ou de sua própria iniciativa; produzir sínteses informativas em diferentes suportes;
- estimular nos alunos o prazer de ler e o interesse pela cultura nacional e internacional;
- ajudar os professores a planificarem as suas actividades de ensino e a diversificarem as situações de aprendizagem;
- associar a leitura, os livros e a frequência de bibliotecas à ocupação lúdica dos tempos livres.

3.3. CONDIÇÕES DE INSTALAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Para realizar estes objectivos as bibliotecas escolares exigem que sejam garantidas um conjunto de condições mínimas que a seguir se enunciam, reservando uma descrição mais detalhada para o ponto 5 deste relatório.

3.3.1. Uma equipa educativa

A responsabilidade pela coordenação dos serviços da biblioteca deve estar a cargo de uma equipa que assegure as tarefas necessárias ao seu funcionamento. Esta equipa deve ser constituída por professores interessados no projecto pedagógico das bibliotecas escolares e por técnicos a quem é fornecida uma formação especializada neste domínio. As dimensões e composição desta equipa devem variar conforme as situações específicas de cada caso, mas é importante que ela crie dispositivos que permitam associar os próprios utilizadores (alunos e demais professores) ao desempenho das suas funções.

A divulgação das modalidades de utilização da biblioteca escolar (em moldes convidativos) e as actividades de animação (e formação) devem merecer particular atenção por parte da equipa educativa responsável pela biblioteca escolar, no quadro do projecto específico de cada escola, e envolver diferentes parceiros.

3.3.2. Instalações adequadas

As instalações da biblioteca escolar devem ser amplas (tanto quanto possível), agradáveis e bem iluminadas. A sua configuração deve respeitar requisitos técnicos mínimos de segurança e circulação e facilitar o desempenho das suas funções.

Os espaços a utilizar pela biblioteca escolar devem ser flexíveis e articulados, de modo a induzirem a utilização integrada da diversidade de recursos de informação disponíveis, a produção de materiais por alunos e professores, a leitura informal e a animação pedagógica.

A definição dos espaços nucleares que constituem a biblioteca escolar é objecto de um normativo técnico que funcionará como um instrumento de apoio à concepção de projectos de transformação/criação de bibliotecas escolares, ou ao seu reajustamento e desenvolvimento nos casos em que já há projectos executados ou em fase de execução.

3.3.3. Espaços especializados

Os espaços para a biblioteca podem ser construídos de raiz ou adaptados, em função de normas específicas, e ajustados à diversidade de funções que se realizam numa biblioteca escolar. Deverá existir sempre um espaço central, para trabalho dos alunos e dos responsáveis pela biblioteca, onde se concentram o fundo documental e os diferentes equipamentos, dentro de um princípio de unicidade e integração multimédia.

Contudo, a biblioteca não se confina a este espaço e deve estender a sua acção a toda a escola, através de meios próprios para a circulação da documentação e de alguns equipamentos.

3.3.4. Uma política documental ajustada à população escolar

A plena rentabilização da biblioteca escolar (entendida como um sistema documental) é atravessada por uma dimensão técnica que condiciona o aproveitamento pleno dos recursos de informação disponíveis. Para esse fim, é necessário adoptar um conjunto de soluções fundamentadas que permitam uma correcta constituição e gestão do fundo documental (tendo em conta critérios de unicidade, diversidade e quantidade).

Com o objectivo de ajustar as exigências técnicas às necessidades dos utilizadores, devem ser adoptados procedimentos simplificados mas normalizados para as bibliotecas dos diferentes níveis da escolaridade.

3.3.5. Uma dotação orçamental própria

A biblioteca escolar deve constituir um "centro de custos" do ponto de vista da gestão orçamental. No orçamento da biblioteca devem estar previstas despesas de investimento para actualização do fundo documental e dos equipamentos, despesas correntes para o seu funcionamento, bem como receitas próprias geradas por serviços prestados ou doações.

3.3.6. Princípios de organização e funcionamento

As funções da biblioteca escolar definem-se fundamentalmente pelas actividades que os alunos e os professores devem poder desenvolver utilizando o dispositivo documental do estabelecimento de ensino: informação, pesquisa e produção. A dimensão estratégica atribuída à biblioteca escolar convida a valorizar as aprendizagens informais, com particular incidência na criação e desenvolvimento do gosto pela leitura como actividade de lazer.

Para realizar as suas funções, a biblioteca escolar deve assegurar durante todas as horas de funcionamento da escola um serviço de apoio aos utilizadores: utilização presencial em sistema de livre acesso, empréstimo domiciliário, empréstimo para as aulas e para outros locais da escola, reprodução de documentação, etc.

3.3.7. Articulação em rede com outras bibliotecas escolares ou públicas

O conceito de rede de bibliotecas escolares assenta no pressuposto que cada escola deve dispor de uma biblioteca. As bibliotecas de diferentes escolas de uma mesma área geográfica devem estar articuladas em rede para permuta de documentos e actividades conjuntas de animação. O mesmo deve acontecer com a ligação entre as bibliotecas escolares e as bibliotecas públicas, principalmente para recurso a serviços de apoio técnico especializado.

O princípio de integração das bibliotecas escolares numa rede local de equipamentos do mesmo tipo deve ser tido em conta na planificação e execução de programas de transformação das actuais bibliotecas para tipificação das suas características.

4. LINHAS DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA E FUNCIONAL

Procurou-se traçar linhas de orientação técnica e funcional que fossem comuns para todas as bibliotecas escolares. No entanto, a diversidade de situações existentes nas escolas do país exigiu que se definissem também modalidades de aplicação conforme o tipo de escola. Para isso, agruparam-se as escolas em quatro tipos definidos em função de:

- população escolar - para determinar a dimensão requerida pelas bibliotecas no que respeita a recursos humanos e a recursos materiais.
- níveis de escolaridade - para definir as características dos recursos.

Não se considerou correcto incluir neste trabalho orientação para o lançamento de bibliotecas destinadas aos jardins de infância.

Tais orientações deverão ser objecto de estudo e programa próprios enquadrados no âmbito do desenvolvimento da rede do pré-escolar.

Quadro 1

Fonte: Organização e recursos das escolas do 1º ciclo do ensino básico 1991/92 - gep, 1992

taxas de ocupação das escolas ensino básico (2º e 3º ciclos) e ensino secundário 1991/92 - GEP, 1992

Com base nesta tipologia criou-se um quadro de referência com quatro tipos de bibliotecas escolares (BE1, BE2, BE3, BE4) indicando as metas a atingir por cada uma no seu processo de desenvolvimento.

É, ainda necessário considerar que as escolas mais pequenas do 1º ciclo, aqui incluídas no tipo BE1, deverão ser analisadas caso a caso, tal é a multiplicidade de dimensões existentes e a sua dispersão (55,5% das escolas de 1º ciclo têm 1 ou 2 professores).

4.1 Recursos Humanos e Formação

4.1.1. Para assegurar as suas funções, a biblioteca escolar deve ser gerida, organizada e dinamizada por uma equipa educativa com competências no domínio da animação pedagógica, da gestão de projectos, da gestão da informação e das ciências documentais.

4.1.2. Esta equipa deverá integrar: professor bibliotecário, outros professores da escola e ainda técnico(s) adjunto(s) de biblioteca e documentação.

4.1.3. O papel do professor bibliotecário incluirá as seguintes funções:

- Coordenar a gestão, o planeamento e a organização da biblioteca escolar, no que respeita ao domínio da informação e também nos aspectos pedagógico, administrativo e de pessoal.
- Propor a política de aquisições da biblioteca escolar e coordenar a sua execução.
- Perspectivar a biblioteca e as suas funções pedagógicas no contexto do projecto educativo da escola, promovendo a sua constante actualização e uma utilização plena dos recursos documentais, por parte de alunos e professores, quer no âmbito curricular, quer no da ocupação de tempos livres.
- Articular a sua actividade com os órgãos de gestão da escola (Conselho Escolar ou Pedagógico; Director ou Conselho Directivo) para viabilizar as funções da biblioteca e para assegurar a ligação com o exterior, nomeadamente com a rede de leitura pública.
- Assegurar que os recursos de informação são adquiridos e organizados de acordo com os critérios técnicos da biblioteconomia, ajustados às necessidades dos utilizadores.

4.1.4. Para exercer estas funções o professor bibliotecário contará com a participação e trabalho dos professores de uma equipa educativa, com valências multifuncionais que assegurem nomeadamente:

- o apoio aos utilizadores na consulta e produção, em diferentes suportes (escrito, gráfico, audiovisual, informático, fotográfico etc.);
- a concepção e lançamento de iniciativas disciplinares e pluri ou interdisciplinares;
- a orientação dos alunos de forma a que sejam apoiados mas se sintam autónomos e ainda todas as actividades de orientação e dinamização.

4.1.5. Neste quadro poderão ser desenvolvidas modalidades de formação de professores centradas na biblioteca eventualmente com recurso a intervenientes exteriores.

4.1.6. A formação do professor bibliotecário e sempre que possível dos outros elementos da equipa visa a aquisição de competências em animação pedagógica, gestão de projectos, ciências documentais, gestão de recursos audiovisuais e informáticos, tratamento, divulgação e produção de informação, literatura para a infância e juventude, ilustração do livro infantil, sociologia do livro e da leitura.

4.1.7. Deverão facultar-se cursos de formação especializada nestes domínios, enquadrados no regime jurídico da formação contínua de professores.

4.1.8. A responsabilidade das funções de professor bibliotecário deverá ser entregue a professores habilitados com a formação requerida, ou em caso de a escola não dispor de professores já formados, aos que se encontrem a frequentar os cursos.

4.1.9. Será estudada a possibilidade de abertura de lugares no quadro das escolas que tornem viável o acesso à função de licenciados habilitados com cursos de ciências documentais, opção documentação e biblioteca, que se disponham a adquirir formação pedagógica.

4.1.10. Deverão ter prioridade no acesso aos cursos de formação os professores dos quadros de nomeação definitiva que assumam um compromisso de permanência na escola e de prestação de serviços na biblioteca durante um período de pelo menos três anos.

4.1.11. O papel do técnico adjunto de biblioteca e documentação incluirá as seguintes funções:

- Executar diferentes fases do trabalho.
- Assegurar o normal funcionamento da biblioteca durante o período de actividade da escola.
- Apoiar alunos e professores na utilização dos recursos disponíveis.
- Executar diferentes fases do trabalho.
- Assegurar o normal funcionamento da biblioteca durante o período de actividade da escola.
- Apoiar alunos e professores na utilização dos recursos disponíveis.

4.1.12. As habilitações e a formação dos técnicos adjuntos de biblioteca e documentação serão as previstas na respectiva carreira, podendo os estágios vir a incluir actividade em bibliotecas escolares.

4.1.13. Recomenda-se a criação no quadro de pessoal das escolas da carreira de técnico adjunto de biblioteca e documentação.

4.1.14. Os recursos humanos ao serviço das bibliotecas escolares deverão em média corresponder aos números do quadro 2.

Quadro 2 PROGRAMA DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

RECURSOS HUMANOS

NOTAS:

a) A distribuição dos créditos horários ao professor bibliotecário e aos outros elementos da equipa será objecto de regulamentação no âmbito do que vier a ser disposto nos contratos-programa.

b) Dado que neste grupo se incluem escolas muito isoladas e de dimensão variável (entre 1 e 10 turmas), será necessário estudar modalidades de trabalho que se adequem aos diferentes tipos de situações.

c) No 1º ciclo, deve encarar-se a hipótese de existirem técnicos adjuntos de biblioteca e documentação, ligados às estruturas de apoio, que dêem colaboração a um conjunto de escolas.

4.2. Recursos físicos

4.2.1. Instalações

1. A biblioteca escolar deve dispor de instalações próprias, adequadas às suas funções, e para sua utilização exclusiva. Estas instalações deverão estar, se possível, reunidas num único piso, e ter uma localização central e acesso fácil.
2. O planeamento e adaptação das instalações deve envolver técnicos de diversas áreas: professores, bibliotecários e arquitectos. Para além da funcionalidade das instalações, há que ter cuidados especiais quanto a condições de acesso - nomeadamente de deficientes -, iluminação apropriada para a utilização dos recursos, e em termos de segurança, cargas, amplitudes térmicas, humidade. A biblioteca deverá oferecer um ambiente agradável, seguro e acolhedor. Estética, funcionalidade e segurança deverão estar a par.
3. As funções da biblioteca escolar exigem que se assegure: a execução de trabalho técnico documental (aquisição, catalogação, indexação, preparação para a utilização e armazenamento dos materiais); serviços de referência; exposição dos documentos; circulação dos documentos (empréstimo local e para fora da biblioteca); produção de materiais pelo pessoal, professores e alunos; actividades de animação e gestão do serviço.
4. Para desempenhar as suas funções a biblioteca escolar deverá organiza-se em vários espaços interligados. Os principais constituem um Sector de Leitura, Visionamento, Audição e Produção, componentes essenciais da biblioteca. Este Sector organiza-se em quatro zonas: Entrada; Leitura Geral; Audiovisuais/Multimédia e Produção.
5. Para assegurar o funcionamento da biblioteca são também indispensáveis a Zona de Serviços Técnicos e Zona de Armazenagem. Sempre que possível, deverá existir uma Sala Polivalente e áreas individualizadas para Trabalho de Grupo.
6. Em termos de áreas a atribuir aos vários espaços, seguiram-se os princípios gerais estabelecidos pela UNESCO. Os cálculos foram ajustados à realidade portuguesa e assentam no pressuposto de que poderá frequentar a biblioteca ao mesmo tempo 10% da população escolar. Com base nestes cálculos foi elaborada a tabela incluída no QUADRO 3.

Quadro 3 PROGRAMA DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

superfícies em m2 a)

NOTAS:

- a) Os cálculos para a superfícies foram feitos para os valores mais elevados dos intervalos.
- b) Este espaço inclui zonas de entrada, leitura geral e consulta de audiovisuais multimédia.
- c) Nas BE1 a sala de trabalho incluirá a zona da produção e de armazém.
- d) Nas BE1 de dimensão mais reduzida a superfície total poderá ser de 48 m2.
- e) Nas BE2 a sala de trabalho inclui o espaço para gabinete de trabalho.

4.2.2. Equipamento

1. O equipamento a adquirir, nomeadamente estantes, mesas e cadeiras, para as bibliotecas escolares deve ser seleccionado cumprindo um conjunto de regras que visem basicamente os seguintes objectivos: funcionalidade, resípio, mas impõe exigências de normalização. A não utilização de sistemas com linguagens compatíveis isola a biblioteca e hipoteca definitivamente o seu desenvolvimento.
3. A informatização do sistema documental deverá ser integrada, abrangendo as diferentes funções da biblioteca, de que destacamistência e estética.
2. A lógica a adoptar na aquisição de sistemas informáticos decorrerá das funções e não dos equipamentos. Havendo dois tipos de funções nucleares, o acesso à informação e a gestão bibliográfica, devem ser completamente postos de parte sistemas que não respeitem normas bibliográficas básicas ou não permitam acesso a bases de dados à distância. Um princípio geral do trabalho das bibliotecas é o trabalho cooperativo e a partilha de recursos. A utilização de meios informáticos acentua a pertinência e a actualidade deste princos o controle do empréstimo, a aquisição, o controle de periódicos, a catalogação e a consulta de catálogos pelo público e, ainda, funções de gestão, acesso a bases de dados e a utilização de processamento de texto e de folhas de cálculo.
4. O equipamento indicado no QUADRO 4 deve ser entendido como uma proposta indicativa para base de cálculo de grandeza, independentemente dos equipamentos existentes (ou não) nas escolas e que venham a ser afectos à biblioteca, de acordo com os projectos pedagógicos específicos de cada escola. Trata-se apenas de viabilizar o início de um processo de desenvolvimento da biblioteca escolar, o que pressupõe futuros investimentos e práticas de gestão que incentivem e facilitem a articulação com a sala de aula.

QUADRO 4 PROGRAMA DE EQUIPAMENTO DE BASE

Nota - O único equipamento exclusivo da biblioteca é o que se designa por "Equipamento Móvel"; os restantes, embora devendo estar afectos à biblioteca, deverão ser comuns a vários programas de renovação das escolas portuguesas.

4.2.3. Recursos documentais

1. Qualquer material que possa contribuir para o processo de aprendizagem, para o desenvolvimento cultural, estético e científico e ainda para reforçar o prazer de ler pode ser genericamente considerado como um recurso de informação. Incluímos portanto aqui todos os materiais impressos, os audiovisuais e ainda aqueles que as tecnologias de informação põem cada vez mais à nossa disposição e que ganham um peso crescente na nossa sociedade, bem como as produções de professores e alunos (os dossiers temáticos, conjuntos documentais, cartazes, vídeos, etc.).
2. Assim, para além de um número significativo de livros, revistas, jornais e documentos audiovisuais, as nossas bibliotecas escolares começarão a disponibilizar informação em formato digital, de imagem e de som (CD-Rom, CD, etc.), bem como o acesso a bases de dados on-line, nomeadamente através da Internet.
3. A ideia de rede ganha um peso cada vez maior nos sistemas de informação. Deste ponto de vista, idealmente, cada biblioteca deve ser considerada como um ponto de acesso ao sistema, pelo que os recursos de informação disponíveis deverão, em princípio, estar disponíveis para todos os outros pontos de acesso. Isto não levanta grandes problemas em relação à telemática, mas deve igualmente ser verdade para a documentação em suporte papel. Não parece carecer de demonstração a grande vantagem económica do funcionamento em rede, sobretudo se este conceito for alargado a outras bibliotecas, designadamente às bibliotecas públicas e às do ensino superior.
4. A política de aquisições deverá ser definida em cada escola, cabendo ao professor bibliotecário e à equipa responsabilizar-se pela sua execução, apoiando-se nos dados de gestão e na opinião dos utilizadores.
5. Esta política de aquisições deve considerar as especificidades de cada escola, nomeadamente em termos de:
 - número de alunos e faixas etárias;
 - meio socioeconómico e cultural envolvente;
 - a relação entre o currículo e os recursos;
 - disponibilidade de recursos financeiros.
6. O programa de lançamento da rede de bibliotecas escolares assegurará gradualmente a constituição de um fundo documental mínimo em cada escola.
7. Os critérios a adoptar para a definição do fundo documental inicial são os seguintes:
O fundo documental mínimo será constituído por um conjunto de documentos igual ao número de alunos da escola multiplicado por dez.
 - Os materiais impressos constituirão 75% deste fundo.
 - No cálculo do fundo documental não sejam considerados os títulos correspondentes a manuais escolares.
 - Para que cada escola atinja este fundo mínimo prevê-se um prazo de dois a quatro anos.
8. Para além deste fundo documental mínimo, a biblioteca escolar precisa de estar em permanente actualização, pelo que devem ser consideradas nos orçamentos das escolas verbas específicas para estes investimentos.

Quadro 5 PROGRAMA DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

recursos de informação a)

NOTAS:

a) No cálculo destes recursos não se incluem manuais escolares, nem documentos produzidos na própria escola.

Os números indicados foram obtidos seguindo-se os seguintes critérios:

Para as BE1, BE2 e BE3 - multiplicou-se 10 (itens) pelo número médio de alunos, para BE4 multiplicou-se os 10 itens pelo número mínimo.

4.3. Funcionamento e Animação

1. Para que a informação e os instrumentos de consulta se mantenham permanentemente à disposição de toda a comunidade escolar é necessário que sejam reunidos e geridos na biblioteca.

A biblioteca escolar deve funcionar em regime de livre acesso, para permitir e encorajar a procura autónoma de informação e a sua utilização nos mais diferentes tipos de trabalho e na leitura lúdica. Deve facultar leitura presencial, empréstimo domiciliário e empréstimo para as aulas e outros locais da escola e, sempre que possível, abrir-se à comunidade.

2. Para assegurar as suas funções pedagógicas, a biblioteca escolar deve ser organizada seguindo os procedimentos técnicos da cadeia documental e do tratamento da informação pelo que importa garantir os recursos humanos

necessários.

3. O funcionamento da biblioteca e o seu plano de desenvolvimento e acção deverão integrar-se no projecto educativo de escola e, como tal, serem assumidos pela comunidade escolar. Neste contexto, são desejáveis formas de trabalho que envolvam os professores os técnicos e também os alunos na própria organização.

4. Existindo já por todo o país uma experiência rica de actividades de animação da leitura e da biblioteca nas suas diferentes dimensões educativas, importa utilizá-la de forma a potenciar as novas condições que irão decorrer do programa de bibliotecas escolares. Neste campo, salienta-se a necessidade de a biblioteca criar mecanismos que estimulem os professores a integrarem os recursos disponíveis na programação de aulas e em outras actividades escolares, contribuindo nomeadamente para desenvolver nos alunos o prazer de ler e ainda para que estes adquiram o domínio das diferentes linguagens em que a informação circula.

5. O estabelecimento de uma rede articulada entre bibliotecas escolares deverá permitir o funcionamento cooperativo entre as bibliotecas da mesma área geográfica e de diferentes níveis de escolaridade. Esta cooperação permitirá racionalizar custos e fomentar o alargamento e o intercâmbio de recursos, a realização de iniciativas conjuntas de divulgação, animação e formação e, ainda, a abertura à comunidade.

4.4. Gestão e Apoio da Rede de Bibliotecas Escolares

1. Sendo a escola a unidade base da rede de bibliotecas escolares, é nela que deve assentar todo o processo de criação, desenvolvimento e gestão da biblioteca.

Compete, portanto, aos órgãos de gestão da escola assumirem a responsabilidade das iniciativas destinadas a criar e desenvolver a biblioteca, bem como de todas as decisões que visem adequá-la às suas funções, no quadro do projecto educativo da escola.

Para poderem conceber e planear o processo de desenvolvimento das suas bibliotecas, as escolas deverão dispor de um conjunto de incentivos e de apoios, proporcionados por diferentes entidades aos níveis nacional, regional e local.

2. Ao nível nacional, o Ministério da Educação assumirá a criação da rede de bibliotecas escolares como uma prioridade da política educativa, incentivando o processo de lançamento.

O Ministério da Cultura proporcionará apoio técnico indispensável à execução dos programas das escolas, através dos seus serviços competentes e em estreita articulação com a Rede de Bibliotecas Municipais.

3. Ao nível regional, as entidades de apoio deverão ser:

- As instituições de formação no que respeita à preparação específica das equipas educativas.
- Os serviços regionais dos Ministérios da Educação e da Cultura.

4. Ao nível local, as entidades de apoio serão:

- Serviços de apoio às bibliotecas escolares, a integrar nas bibliotecas municipais com o objectivo de proporcionar às escolas apoio técnico e recursos de informação inexistentes nas escolas.
- As associações de escolas, através dos seus centros de formação que deverão articular recursos, realizar intercâmbios, planear acções comuns, tanto no que respeita ao desenvolvimento das bibliotecas como aos programas de formação das equipas educativas.

4.5. Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares

1. Para rentabilizar e coordenar os recursos biblioteconómicos a nível nacional e local, e tendo em conta a experiência de outros países - e mesmo algumas já realizadas a nível nacional por bibliotecas públicas - recomenda-se a criação nas bibliotecas municipais de Serviços de Apoio às Bibliotecas Escolares, doravante designados por SABE.

2. Ao SABE, enquanto recurso técnico especializado, competem as funções de:

- apoiar as bibliotecas escolares, estimulando a sua criação onde não existam ou acompanhando o desenvolvimento das existentes;
- promover a articulação das bibliotecas escolares com as outras bibliotecas do concelho, procurando formas de cooperação e rentabilização de recursos;
- fornecer recursos físicos e de informação às bibliotecas escolares, nomeadamente às escolas de menor dimensão, e apoiar projectos específicos;
- prestar colaboração técnica às escolas no domínio da organização, gestão e funcionamento das bibliotecas escolares;
- participar na formação contínua dos profissionais envolvidos no serviço de bibliotecas escolares;
- fornecer recursos suplementares aos existentes nas escolas, seja através do empréstimo prolongado, seja por empréstimos especiais para projectos específicos;
- apoiar o uso eficaz dos recursos, através do aconselhamento na selecção dos recursos ou no desenvolvimento do serviço de biblioteca.

3. Um conjunto mínimo de requisitos deverá ser assegurado para o funcionamento do serviço, em termos de recursos humanos e financeiros e de instalações:

- os recursos humanos deverão ser em número suficiente e ter formação adequada. É altamente recomendado que este serviço seja coordenado por um bibliotecário em dedicação exclusiva, pelo menos nos concelhos de maiores dimensões, com a colaboração de técnicos adjuntos de biblioteca e documentação;
- o orçamento da biblioteca pública deverá ser reforçado com verbas dedicadas a este fim, tendo em conta a população escolar do concelho;
- a biblioteca pública deverá disponibilizar um espaço exclusivamente dedicado a estas funções.

4. O SABE dada a sua natureza inovadora e a sua articulação com serviços dos Ministérios da Educação e da Cultura e também da Câmara Municipal deve ser encarado a título experimental na primeira fase de lançamento do programa para avaliação e ajustamento.

5. Nos concelhos onde não exista Biblioteca Municipal serão estudadas modalidades alternativas para assegurar as funções que estão atribuídas ao SABE.

5. PROGRAMA REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

O Programa Rede de Bibliotecas Escolares deverá centrar-se nas escolas, pois, tal como a experiência e o estudo de processos de reformas educativas têm vindo a demonstrar, as mudanças qualitativas na actividade pedagógica só tendem a tornar-se eficazes e consistentes quando:

- as iniciativas são em grande medida da responsabilidade dos professores;
- o processo de lançamento da inovação é assumido pela direcção da escola;
- um número significativo de professores e de alunos adere às propostas e envolve-se nas actividades delas decorrentes;
- os pais dos alunos aceitam a inovação e percebem-na como um benefício para os filhos.

O lançamento da Rede de Bibliotecas Escolares será feito mediante a assinatura de contratos-programa, celebrados entre o Ministério da Educação, as Câmaras Municipais e as Escolas, nos termos dos quais serão financiados: i) Obras; ii) Equipamentos; iii) Recursos Documentais; iv) Pessoal.

5.1. Objectivos

1. Lançar e desenvolver o Programa Rede de Bibliotecas Escolares, que se prolongará pelos anos considerados necessários para abranger todas as escolas do país.

2. Incentivar as escolas a candidatarem-se ao programa de criação e/ou desenvolvimento das suas bibliotecas, que decorrerá, mediante dinâmica própria, num período de entre dois e quatro anos.

Apoiar as escolas com menor capacidade de iniciativa de forma a que todas sejam abrangidas pelo programa.

3. Proporcionar às escolas um conjunto de recursos, orientações e apoios para o desenvolvimento das suas bibliotecas, de modo a que a escola venha a considerar o programa exequível e invista esforço para: i) conceber programas; ii) procurar formação e apoio técnico; iii) desencadear acções no quadro jurídico dos contratos-programa.

4. Mobilizar recursos financeiros e administrativos nos serviços centrais e regionais do Ministério da Educação e do Ministério da Cultura e propor às Câmaras Municipais a sua indispensável parceria para assegurar o lançamento e o desenvolvimento do programa.

5. Instituir a nível concelhio, em coordenação com o Ministério da Cultura e com as Autarquias, o Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE) nas bibliotecas municipais, a um ritmo que torne viável apoiar as escolas, à medida que elas forem iniciando os seus programas de lançamento de bibliotecas.

6. Incentivar as instituições de formação de professores e de ciências documentais (ESEs, Faculdades, Centros de Formação de Associações de Escolas e outros Centros de Formação) a organizar cursos adequados: i) à formação de professores bibliotecários; ii) ao desenvolvimento de uma pedagogia centrada no livro e na informação por parte de todos os professores.

5.2. Medidas

1. O programa funcionará será lançado em 1997 funcionando o 1º ano como período de ajustamento deste programa à realização das escolas do país e funcionará portanto em algumas regiões escolhidas em função dos seguintes critérios:

1.1. Existência de serviços de apoio às bibliotecas escolares, nas bibliotecas municipais;

1.2. Possibilidade de oferta de formação por parte das instituições competentes;

1.3. Experiências já em curso num certo número de escolas que permitirão obter resultados a curto prazo e desencadear intercâmbios.

2. Para além das escolas integradas nestas regiões serão consideradas escolas com experiências significativas susceptíveis de igualmente integrar o programa, visando sustentar as inovações.

3. A fixação do quantitativo de escolas a envolver nos anos seguintes deverá decorrer: i) da experiência recolhida; ii) da mobilização de apoios técnicos e de formação; iii) da possibilidade de se gerar intercâmbio de saberes e experiências entre as escolas; iv) das disponibilidades de financiamento.

4. Para que uma escola seja incluída no Programa é necessário que preencha cumulativamente um conjunto de condições que se passam a enumerar:

4.1. Se disponha a assinar um contrato-programa para 2 ou para 4 anos, conforme o tipo de escola, com base no qual poderá receber os apoios necessários à execução do seu programa de lançamento da Biblioteca.

4.2. Efectue um diagnóstico da situação em que se encontra a biblioteca, tomando como referência os princípios e linhas de orientação deste relatório.

4.3. Defina um plano de reconversão e de enriquecimento para que a biblioteca venha a atingir os quantitativos definidos nas Linhas de orientação, no que respeita a instalações, equipamento, recursos humanos e fundo documental.

4.4. A direcção da escola indique o coordenador da equipa da biblioteca que assumirá as funções de professor bibliotecário. O professor bibliotecário deve pertencer ao quadro de nomeação definitiva e estar disponível para frequentar um curso de formação especializada e para assumir o compromisso de se manter na escola, ao serviço da biblioteca durante um período não inferior a 3 anos.

4.5. Aceite fornecer todos os elementos informativos necessários à constituição de um banco de dados e à avaliação do programa.

5. Para selecção das escolas candidatas à assinatura dos contratos-programa, para além destas condições básicas, poderão ainda estabelecer-se alguns critérios de prioridade:

5.1. Trabalho já desenvolvido neste domínio.

5.2. Associação entre escolas visando facilitar intercâmbio de experiência, rotação de fundos documentais e integração em rede dos recursos disponíveis.

6. Para além das escolas os outros parceiros do contrato-programa serão: o Ministério da Educação e as Câmaras Municipais.

7. O Ministério da Educação assumirá a coordenação geral do programa, promovendo a articulação entre os diferentes parceiros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Optou-se por equacionar questões de carácter geral e definir um conjunto de princípios básicos, de orientações e medidas operacionais para serem seguidas no lançamento do programa Rede de Bibliotecas Escolares.

Não se incluíram outras questões, também referentes ao domínio das bibliotecas escolares ou com ele relacionadas, por se considerar que deverão ser objecto de análise posterior e de tratamento especializado. Encontram-se neste caso estudos tais como:

- (1) Programa de lançamento de ludotecas e bibliotecas no Pré-Escolar, enquadrado no lançamento da respectiva rede de jardins de infância.
- (2) Modalidades de aplicação do Programa Rede de Bibliotecas Escolares ao Ensino Particular e Cooperativo e nas Regiões Autónomas.
- (3) Estudo de programa destinado ao equipamento de bibliotecas de escolas onde exista ensino do Português no estrangeiro.
- (4) Estudo de programa destinado ao equipamento de bibliotecas de escolas em estabelecimentos prisionais e hospitais e outro.

7. ANEXO

PARÂMETROS DAS LINHAS DE ORIENTAÇÃO DA UNESCO

- Espaço mínimo para as bibliotecas escolares (em m2)
- Número de alunos 1-250 251-500 mais de 500
- Área de leitura, visionamento e audição 93 186 279
- Sala de trabalho 37 37 37
- Serviços técnicos 14 28 42
- Seminários 14 28 28
- Área de produção 83 120
- Sala Polivalente 40 40
- Armazenagem 56 56
- Cabine 5 10

Total 158 460 575

Pessoal mínimo para as bibliotecas escolares

- Número de alunos 1-250 251-500 mais de 500
- Pessoal profissional 0,5 1 2
- Pessoal de apoio
- técnico - 1 2
- administrativo 1 1 2

Taxa de crescimento recomendada para uma colecção

- Número de alunos da escola 1-100 201-300 401-500 mais de 500
- Colecção inicial de livros * 1200 3600 6000 6000
- Crescimento anual de itens**
- (3 por aluno) 300 900 1500 2250
- Total ao fim de um período de crescimento de dez anos 3900 11700 19500 26250

* Livros

** Todos os média

Anexo n.º 13:

“Projecto «*Apresentação do Programa RBE*» desenvolvido pela Administração Central portuguesa”

Programa R.B.E.

Apresentação

O Programa *Rede de Bibliotecas Escolares*, iniciado no ano lectivo de 1996/97, surgiu na sequência da publicação do relatório *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares* que define as bases e os princípios gerais para a constituição e funcionamento das Bibliotecas Escolares.

O Programa RBE, a quem compete instalar, de modo faseado, uma rede de bibliotecas escolares, vem desenvolvendo a sua acção através de duas modalidades de intervenção, operacionalizadas através do lançamento das candidaturas concelhia e nacional.

A Candidatura Concelhia destina-se a apoiar escolas pertencentes a concelhos previamente escolhidos mediante critérios técnicos prédefinidos e de acordo com uma política de criação faseada de infra-estruturas nesta área. A candidatura faz-se mediante apresentação pelas escolas de um plano para o desenvolvimento da respectiva Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos, contando para o efeito com o apoio das Direcções Regionais de Educação, das Câmaras Municipais e Bibliotecas Públicas, e também do Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares. O Ministério da Educação, através das Direcções Regionais, as escolas e autarquias celebram entre si um acordo de cooperação que formaliza o envolvimento das partes na concretização das BE's/CRE's.

A Candidatura Nacional dirige-se às escolas dos vários níveis de ensino que, fora das áreas geográficas abrangidas pelas candidaturas concelhias, desenvolvem experiências significativas em matéria de organização, gestão e dinamização de BE's/CRE's e que urge reconhecer, premiar e estimular.

Anexo n.º 14:

“Legislação sobre os «*Ateliers de pratique artistique*» desenvolvidos pela Administração Central francesa”

Bien que concernant des disciplines artistiques différentes, ces ateliers doivent avoir en commun de permettre aux élèves à la fois une pratique authentique et une réflexion critique prenant largement en compte la connaissance des œuvres. Ils doivent faire appel à des techniques et des technologies traditionnelles et nouvelles et permettre l'approche d'apprentissages complémentaires des enseignements dans un souci d'ouverture différente, plus proche de la création et de la vie artistiques contemporaines. Les ateliers constituent un lieu de rencontre essentiel entre le monde de l'éducation et celui de la création, entre les enseignants et les professionnels de l'art, entre les enseignements artistiques et l'action culturelle.

.....
(B.O. n° 27 du 9 juillet 1987.)

Note de service n° 88-194 du 3 août 1988

(Education nationale, Jeunesse et Sports : bureau DLC 17)

Texte adressé aux recteurs.

Activités artistiques et culturelles. Année scolaire 1988-1989. Ateliers de pratique artistique

Références : loi n° 88-20 du 6 janvier 1988 ; décret n° 88-709 du 6 mai 1988 ; note de service n° 87-186 du 1^{er} juillet 1987.

I. PRÉSENTATION

La loi relative aux enseignements artistiques visée en référence accentue l'importance des enseignements et activités artistiques dans l'éducation ; elle énonce la nécessité d'articuler les approches historique, théorique et pratique des disciplines artistiques et confirme l'ouverture du champ disciplinaire à un ensemble de domaines artistiques que le système éducatif doit prendre en compte.

★

Les ateliers de pratique artistique se définissent comme une activité volontaire reposant sur un projet pédagogique et culturel qui s'inscrit dans le prolongement des enseignements. Ils répondent pleinement aux orientations définies par la loi.

II. OBJECTIFS

Les ateliers de pratique artistique, éléments essentiels du développement et de la diversification des activités artistiques dans les établissements scolaires, permettent aux élèves d'acquérir une pratique authentique et d'exercer une réflexion critique prenant largement en compte la connaissance des œuvres. Ils sont le lieu privilégié de l'approche des apprentissages des techniques traditionnelles et nouvelles de l'expression artistique et de la rencontre entre le secteur de la formation et celui de la création.

III. CONTENUS

Les ateliers, d'une durée hebdomadaire de deux heures en musique, pour des raisons pédagogiques propres à la discipline, et de trois heures hebdomadaires pour les autres domaines, sont ouverts aux élèves volontaires des collèges et des lycées à partir de la classe de Quatrième. Ils sont placés dans la semaine de telle sorte qu'ils soient facilement accessibles aux élèves intéressés qui s'engagent à participer assidûment aux activités offertes pendant une année scolaire.

Ils prennent en compte un ensemble de domaines artistiques définis à l'article premier de la loi relative aux enseignements artistiques.

Dans les collèges, les ateliers traitent uniquement de l'un des domaines précités et sont donc monodisciplinaires.

Dans les lycées, ils sont :

Soit monodisciplinaires ;

Soit pluridisciplinaires par l'association de domaines complémentaires (ex. : atelier arts plastiques et architecture ou atelier musique et danse) ou par la mise en œuvre d'un projet de création ou d'exposition associant plusieurs domaines artistiques.

IV. MODALITÉS

En application de l'article 7 de la loi citée en référence, les ateliers sont placés sous la responsabilité d'un enseignant ou d'une équipe d'enseignants, qui assurent, pour participer à la conduite de ces activités, du concours de personnes extérieures à l'Education nationale, justifiant d'une compétence professionnelle dans les domaines de la création ou de l'expression artistique, de l'histoire de l'art ou de la conservation du patrimoine. La participation de ces personnes à l'atelier de pratique artistique varie selon les disciplines considérées. Dans les disciplines artistiques, pourvues de personnels spécialisés et qualifiés, tels les arts plastiques, les arts appliqués et l'éducation musicale, l'intervention de personnes extérieures n'est pas obligatoire. Il est toutefois souhaitable que des partenaires puissent participer de manière ponctuelle, récurrente mais non continue, à ces ateliers afin que leur présence apporte une stimulation supplémentaire et relance le travail des élèves sous l'autorité des enseignants.

Dans les autres domaines, pour lesquels le ministère de l'Education nationale, de la Jeunesse et des Sports ne dispose pas de personnels enseignants spécialisés, l'apport des connaissances et l'expérience des partenaires sont indispensables. L'importance et la fréquence des interventions varieront en fonction du domaine artistique considéré, du projet pédagogique et du cahier des charges qui définit le contenu de l'atelier.

V. MISE EN PLACE ET SUIVI

Les dispositions de la note de service n° 87-186 du 1^{er} juillet 1987, concernant les procédures (mise en place et suivi), sont reconduites pour l'année scolaire 1988-1989.

Les personnels enseignants ayant la charge d'un atelier de pratique artistique reçoivent une rémunération établie sur la base de 2 heures supplémentaires-année pour les ateliers de musique et de 3 heures supplémentaires-année pour les autres domaines. Lorsqu'un atelier de danse est animé par un professeur d'E.P.S., il doit naturellement s'intégrer dans le cadre du fonctionnement de l'association sportive. Pour l'année scolaire 1988-1989, l'ensemble des moyens mis à votre disposition pour la reconduction et la création de nouveaux ateliers vous a été notifié par lettre DLC 17, n° 236 du 15 mai 1988.

Les coûts de fonctionnement et d'équipement de l'atelier inscrits au budget de l'établissement sont soumis à l'accord de la collectivité territoriale compétente.

Les conditions dans lesquelles des personnes extérieures à l'Education nationale peuvent apporter leur concours aux enseignements et activités artistiques se déroulant dans les établissements scolaires sont définies par le décret n° 88-709 du 6 mai 1988 (1) pris pour l'application de la loi relative aux enseignements artistiques. Il est précisé que des textes d'application (arrêtés et circulaire) sont en cours d'élaboration en vue d'une publication prochaine.

(B.O. n° 28 du 1^{er} septembre 1988.)

(1) Voir volume VIII, article 847-0.

Note de service n° 89-115 du 18 mai 1989

(Éducation nationale, Jeunesse et Sports : bureau DLC 17)

Texte adressé aux recteurs.

Références : loi n° 88-20 du 6 janvier 1988, décret n° 88-709 du 6 mai 1988, notes de service n° 87-186 du 1^{er} juillet 1987 et n° 88-194 du 3 août 1988.

Activités artistiques. Développement des ateliers de pratique artistique dans les collèges et les lycées.

NOR : MENL8950233W

Le développement quantitatif des ateliers de pratique artistique — qui sont actuellement plus de 1 700 — confirme l'intérêt des établissements pour cette formule innovante mais conduit, dans le même temps, à énoncer quelques principes relatifs aux aspects qualitatifs que l'expérience a permis de dégager.

Ces principes trouvent leur application dans des cahiers des charges spécifiques à chaque domaine, joints en annexe, et qu'il conviendra de respecter désormais, immédiatement en ce qui concerne les nouveaux ateliers, de manière progressive s'agissant de ceux déjà en fonctionnement.

Pour ce qui est des ateliers de cinéma-audiovisuel, de théâtre-expression dramatique, des cahiers des charges ont été précédemment publiés (cf. note de service n° 87-186 du 1^{er} juillet 1987). Leur contenu pédagogique demeure sans changement, seules les modalités de mise en œuvre ont été actualisées en vue d'une harmonisation de l'ensemble.

I. DÉFINITION

La durée de l'atelier est fixée à deux heures hebdomadaires en musique pour des raisons pédagogiques propres à la discipline et à trois heures dans tous les autres domaines. Il est placé dans la semaine de telle sorte qu'il soit facilement accessible aux élèves qui s'engagent à en suivre les activités durant toute l'année scolaire.

L'atelier est ouvert, sans prérequis particuliers, aux élèves volontaires des collèges et lycées professionnels à partir de la classe de 4^e. Des dérogations peuvent être accordées par le chef d'établissement aux élèves de 5^e des collèges lorsque la nécessité s'en fait sentir (établissements aux effectifs très réduits, notamment). Dans les lycées d'enseignement général et technique, l'atelier s'adresse aux élèves volontaires de toutes classes.

L'atelier concerne — pour l'instant — : l'architecture, les arts appliqués, les arts plastiques, le cinéma-audiovisuel, la danse, la musique, la photographie, le théâtre-expression dramatique.

L'atelier est le lieu d'une « pratique critique » : effective, approfondie, artistique, créative et réflexive, prenant essentiellement appui sur l'art contemporain. Il constitue un lieu de rencontre essentiel entre le monde de l'éducation et celui de la création, entre les enseignants et les professionnels de l'art, entre les enseignements artistiques et l'action culturelle.

L'atelier s'intègre à l'environnement culturel de l'établissement. Il peut donner lieu à des activités interdisciplinaires. Il constitue l'un des points forts du volet artistique et culturel du projet d'établissement.

II. ASPECTS PÉDAGOGIQUES

Complémentaire de l'enseignement artistique obligatoire auquel il ne saurait se substituer, l'atelier de pratique artistique est un lieu original de formation qui se situe entre, d'une part, l'enseignement artistique assuré dans les cours (d'arts appliqués,

Le suivi pourra prendre la forme de regroupements locaux d'enseignants et de partenaires ayant ensemble conduit des projets afin d'évaluer l'apport de ces pratiques dans les apprentissages des enfants.

Au collège et au lycée.

La commission académique :

Organise le suivi des actions théâtrales ;

Statue sur les ouvertures et les fermetures d'ateliers et veille à leur répartition sur le territoire régional ;

Met en place au niveau régional un réseau de personnes-ressources : enseignants ayant une pratique reconnue, partenaires culturels engagés à la fois dans une activité de création théâtrale et dans les pratiques en milieu scolaire ;

Répond aux demandes des responsables d'ateliers : conseils sur les activités et les pratiques, choix d'un partenaire artistique, aide au montage du projet, analyse de litiges entre partenaires ;

Vérifie, au cours de visites d'établissement, la conformité du montage et du fonctionnement de l'atelier par rapport au cahier des charges, l'inscription des activités théâtre au projet d'établissement, leur rayonnement au sein de l'établissement et au-delà, la qualité des relations de l'établissement avec les équipes artistiques et les structures culturelles environnantes ;

Favorise, avec les structures culturelles régionales et les associations, des rencontres ou des journées de regroupement qui ont valeur d'évaluation collective des pratiques conduites auprès des jeunes.

D'une façon plus générale, elle a pour mission de soutenir les projets et les initiatives de qualité qui permettent aux élèves d'être en contact avec la création : plans locaux, jumelages, rencontres autour de créations, travaux conduits avec une classe entière autour d'un projet, opérations nationales conjointes...

La commission régionale établit chaque année un bilan de l'ensemble des actions théâtrales et des formations initiales et continues des premier et second degrés au niveau académique et au niveau départemental. Ce bilan est transmis au recteur, à la COSEAT, à l'inspection générale (groupe des enseignements artistiques), à l'inspection de la création et des enseignements artistiques (direction du théâtre et des spectacles), à la direction des lycées et des collèges et à la direction des écoles.

III.2.2 Suivi des enseignements

Le suivi conjoint de la qualité globale des enseignements s'effectue au cours de visites assurées par une équipe constituée de trois membres :

Le représentant de l'inspecteur général chargé du théâtre (groupe des enseignements artistiques) : l'inspecteur pédagogique régional choisi en accord avec le recteur pour sa connaissance des problèmes pédagogiques dans le domaine du théâtre ;

Le responsable académique de l'action culturelle ou toute autre personne chargée auprès du recteur des relations avec la D.R.A.C. ;

Le représentant de l'inspection de la création et des enseignements artistiques : conseiller chargé du théâtre ou toute autre personne désignée en accord avec le directeur régional aux Affaires culturelles.

En tout état de cause, ce suivi conjoint ne peut se faire sans la présence d'un représentant du ministère de l'Éducation nationale et d'un représentant du ministère chargé de la Culture.

Au cours de chaque visite d'établissement se feront :

L'observation du montage et du fonctionnement technique des enseignements :

Conformité avec le cahier des charges ;

Recrutement des élèves et respect des différents niveaux et des différents enseignements ;

Horaires des élèves, des professeurs, des partenaires ;

Profil de compétences des professeurs et partenaires ;

Installations, équipements et implication de l'établissement dans la gestion matérielle ;

Intégration de cet enseignement au sein du lycée.

Le suivi pédagogique de l'enseignement :

Conformité aux instructions et programmes (en Terminale, aux instructions et programme du baccalauréat) ;

Analyse du partenariat (comment les professeurs et leurs partenaires envisagent leurs apports spécifiques et se répartissent les fonctions éducatives et artistiques) ;

Observation du travail des élèves ;

Evaluation de la fréquentation du théâtre vivant ;

Appréciation des relations de l'établissement avec les équipes artistiques et les structures culturelles de son environnement ;

Analyse des besoins de formation.

A l'issue de chaque visite, un rapport est transmis au recteur, au directeur régional aux Affaires culturelles, à la COSEAT, à l'inspection générale de l'Education nationale (groupe des enseignements artistiques), à l'inspection de la création et des enseignements artistiques (direction du théâtre et des spectacles).

Tout professeur chargé d'un enseignement de théâtre pourra voir son travail pris en considération lors de la visite de l'inspecteur général de l'Education nationale chargé du théâtre ou de son représentant et de l'inspecteur général de la création et des enseignements artistiques ou de son représentant. Ils rédigeront un compte rendu de visite qui sera versé au dossier de l'enseignant. Une copie sera transmise à l'inspection générale (groupe des enseignements artistiques).

(B.O. n° 11 du 16 mars 1995.)

**Note de service n° 96-128 du 6 mai 1996 (1)
modifiée par la note de service n° 98-093 du 21 avril 1998**

(Education nationale, Enseignement supérieur et Recherche : bureau DLC D3)

Ateliers de pratique artistique dans le second degré, année 1996-1997.

NOR : MENL9601308N

Références : loi n° 88-20 du 6 janvier 1988 (J.O. du 7-1-1988) ; décret n° 88-709 du 6 mai 1988 (J.O. du 10-5-1988).

La loi relative aux enseignements artistiques (visée en référence) a permis le développement des activités artistiques et culturelles dans la politique des établissements scolaires.

La stabilité du nombre de ces ateliers (2 600) marque l'intérêt des établissements pour cette formule.

L'année scolaire 1996-1997 verra la continuité de cette politique. Quelques principes relatifs aux aspects qualitatifs doivent être rappelés :

Les ateliers de pratique artistique concernent douze domaines en collèges et lycées professionnels et huit domaines en lycées d'enseignement général et technologique (les arts plastiques, l'éducation musicale, le cinéma et le théâtre-expression dramatique sont proposés dans le cadre des enseignements).

Il convient de respecter strictement les cahiers des charges qui définissent les principes spécifiques à chaque domaine.

Note de service n° 89-115 du 18 mai 1989 (2) [B.O.E.N. du 25 mai 1989] pour l'architecture, les arts appliqués, les arts plastiques, le théâtre-expression dramatique, le cinéma-audiovisuel, la musique, la photographie et la danse ;

Note de service n° 90-101 du 7 mai 1990 (2) [B.O.E.N. n° 20 du 17 mai 1990] pour les arts du cirque, l'écriture et le patrimoine ;

Note de service n° 92-163 du 25 mai 1992 (2) [B.O.E.N. n° 22 du 28 mai 1992].

(1) Dispositions reconduites pour l'année scolaire 1998-1999 par la note de service n° 98-093 du 21 avril 1998, B.O. 18 du 30 avril 1998.

(2) Voir ci-avant.

I. DÉFINITION ET ASPECTS PÉDAGOGIQUES

L'atelier de pratique artistique est partie intégrante du projet artistique et culturel de l'établissement.

L'atelier de pratique artistique constitue un lieu de rencontre essentiel entre le monde de l'éducation et celui de la création, entre élèves, enseignants et professionnels de l'art. Il est le lieu d'une pratique « critique » : effective, approfondie, artistique, créative et réflexive. Il s'intègre à l'environnement culturel de l'établissement scolaire en favorisant le partenariat et l'ouverture sur les ressources culturelles.

La durée de l'atelier est fixée à trois heures hebdomadaires, sauf en musique où pour des raisons pédagogiques propres à la discipline, elle est fixée à deux heures. L'atelier est placé dans la semaine, de manière à être facilement accessible aux élèves.

L'atelier est ouvert, sans prérequis particulier, aux élèves volontaires des collèges et lycées professionnels à partir de la Quatrième. En collège, le chef d'établissement peut accorder des dérogations aux élèves de Cinquième (ou même de Sixième dans le cas particulier de l'atelier écriture). Dans les lycées, l'atelier s'adresse aux élèves volontaires de toutes les classes. Il est interniveaux.

L'élève, une fois inscrit, s'engage à suivre avec assiduité l'atelier tout au long de l'année.

Complémentaire de l'enseignement artistique obligatoire auquel il ne saurait se substituer mais qu'il prolonge et approfondit, l'atelier se construit autour d'un projet pédagogique.

Il est placé sous la responsabilité pédagogique :

Des enseignants spécialisés lorsqu'il s'agit des arts appliqués, des arts plastiques et de l'éducation musicale ;

D'enseignants motivés et compétents pour les autres domaines.

Il est souhaitable de constituer une équipe pluridisciplinaire. L'atelier est le lieu privilégié du partenariat : souhaitable lorsqu'il s'agit des disciplines dotées de personnels spécialisés, le partenariat est indispensable dans tous les autres domaines. L'intervenant doit être un partenaire à part entière complémentaire de l'enseignant, associé dès le début à l'élaboration du projet pédagogique. Son intervention peut être continue ou ponctuelle.

Il doit être reconnu par la direction régionale des Affaires culturelles (D.R.A.C.).

L'atelier ne peut fonctionner convenablement que s'il dispose de locaux adaptés et équipés de moyens spécifiques inscrits au budget de l'établissement.

II. PROCÉDURES

A) *Traitement des demandes d'ouverture ou de renouvellement*

Si un établissement souhaite inclure cette préoccupation artistique et culturelle dans son projet d'établissement, il transmet, après avis du conseil d'administration, un dossier de demande au rectorat.

Placé sous l'autorité du recteur, un groupe de travail et de suivi, animé par le conseiller à l'action culturelle, réunit les inspecteurs d'académie, les inspecteurs pédagogiques régionaux notamment des disciplines artistiques, les représentants de la direction des Affaires culturelles (D.R.A.C.) ou d'autres départements ministériels concernés ainsi que les représentants des collectivités territoriales.

Prenant en compte le strict respect du cahier des charges, l'intérêt pédagogique du projet, son évaluation, la répartition géographique ou par domaines des ateliers, l'évolution de l'enveloppe des moyens disponibles, le groupe émet un avis et le transmet au recteur qui prend sa décision et la communique aux chefs d'établissement ayant formulé la demande d'ouverture ou de renouvellement.

Les ateliers de pratique artistique cinéma et théâtre sont suivis par les commissions régionales d'orientation et de suivi des enseignements et activités du théâtre et du cinéma (cf. note de service n° 95-053 du 8 mars 1995 [1], B.O. n° 11 du 16 mars 1995).

(1) Voir ci-avant.

Contenus

La première question : « Monuments, ville, politique et société au XX^e siècle » est traitée à partir des trois entrées suivantes :

- Utopies et grands projets urbains au XX^e siècle dans le monde ;
- Villes et politiques culturelles en France depuis 1950 ;
- Les artistes et l'architecture.

Pour chacune des trois entrées, on s'appuie sur quelques études de cas choisis de manière à faire apparaître les moments clés de l'histoire des arts.

Les questions deux et trois font l'objet d'un programme renouvelable périodiquement.

Evaluation

Le travail au cours de l'année conduit à des enquêtes, à des analyses d'œuvres, à des contacts avec des créateurs et des professionnels du monde de la culture. Les élèves rendent compte de leur travail personnel dans un journal de bord.

- On attend de l'élève qu'il puisse :
 - Situer une œuvre ou une démarche artistique dans un contexte (historique, politique et religieux) et la replacer dans le cadre d'une réflexion esthétique ;
 - Mettre en relation des expressions artistiques d'une même époque ;
 - Etablir des comparaisons entre des productions artistiques d'époques différentes ;
 - Rendre compte d'un contact personnel avec une œuvre ou une démarche d'artiste.

*Histoire des arts en classe de Terminale :
sujets des questions deux et trois
pour la période 1999-2002*

Pour la période 1999-2002, les sujets renouvelables du programme de Terminale en histoire des arts sont les suivants :

Pour la question « Oeuvres et événements culturels au XX^e siècle » :
Les Ballets russes à Paris.

Pour la question « Artistes : parcours et création » :
Un photographe : Henri Cartier-Bresson ;
Pablo Picasso.

(B.O. n° 1 du 2 janvier 1997.)

Note de service n° 97-043 du 18 février 1997

(Education nationale, Enseignement supérieur et Recherche : bureaux DLC A1 et DLC A3)

Texte adressé aux recteurs d'académie.

Option Arts des classes de Première et de Terminale des séries générales et technologiques.

NOR : MENL9700356N

Références : circulaire n° 95-099 du 24 avril 1995 ; arrêté du 28 juillet 1995.

La présente note définit le contenu et les modalités de mise en œuvre de l'option arts dans cinq domaines : arts plastiques, cinéma et audiovisuel, histoire des arts, musique, théâtre et expression dramatique. Cette option est proposée en classes de Première et de Terminale de toutes les séries générales et technologiques. Son horaire hebdomadaire est de trois heures.

Elle remplace l'option de « pratiques artistiques et histoire des arts ». Elle est mise en place en classe de Première à partir de la rentrée 1996, en classe de Terminale à compter de la rentrée 1997.

I. PRÉSENTATION ET ORGANISATION DE L'ENSEIGNEMENT

A) PRÉSENTATION

Déclinée en cinq domaines : arts plastiques, cinéma et audiovisuel, histoire des arts, musique, théâtre et expression dramatique, l'option Arts ouvre, dans toutes les séries générales et technologiques, des possibilités d'accès à la pratique et à la culture artistiques.

Elle propose un enseignement de culture générale et non une formation professionnelle.

Elle a pour finalités le développement de l'imagination créatrice et du jugement critique ainsi que l'appropriation de références culturelles précises et diversifiées. Elle contribue à l'enrichissement de la personnalité de l'élève comme à la formation du citoyen.

Elle prend appui sur le patrimoine et sur la réalité vivante de la création contemporaine.

L'option Arts ne comporte pas de programme spécifique : thèmes, œuvres ou contenus (1).

Ses objectifs rejoignent ceux de l'enseignement obligatoire de la série littéraire dans chacun des domaines concernés. La différence entre ces deux ordres d'enseignement s'opère au niveau des méthodes et des supports de travail.

L'option s'appuie sur une pédagogie de projet.

Le projet est défini en fonction des contextes propres à chaque discipline. Il tient compte du niveau et des aspirations de l'élève. Il établit autant que possible une relation dynamique entre son expérience personnelle et le projet collectif.

Ce projet est annuel. Il est fondé sur la pratique. Il se concrétise dans le dossier de travail de l'élève qui témoigne du parcours du groupe et de son investissement personnel.

B) ORGANISATION DE L'ENSEIGNEMENT

1. Cadre général

Au sein de l'établissement, la responsabilité pédagogique et, le cas échéant, la coordination avec les partenaires culturels sont assurées par les professeurs chargés de l'option :

En arts plastiques et en musique, l'enseignement est conduit par les professeurs spécialistes de ces disciplines ;

En histoire des arts, l'enseignement est conduit par une équipe de professeurs volontaires représentant des disciplines différentes, regroupés autour d'un professeur responsable de la coordination du projet commun ;

En théâtre et expression dramatique comme en cinéma et audiovisuel, l'enseignement est conduit en partenariat : des professeurs volontaires présentant, quelle que soit leur discipline d'origine, des compétences reconnues dans le secteur concerné s'associent avec des partenaires culturels dans les conditions fixées ci-dessous.

L'ouverture de l'option est soumise à la procédure habituelle : accord du conseil d'administration et validation par le recteur.

(1) Pour l'option musique, les œuvres du programme de Terminale font l'objet d'une publication annuelle au *Bulletin officiel de l'Éducation nationale*.

2. *Conditions propres à l'enseignement du théâtre et du cinéma :
mise en œuvre du partenariat éducation-culture*

Les enseignements de théâtre et expression dramatique et de cinéma et audiovisuel sont fondés sur le partenariat. Des enseignants de disciplines diverses, pour partie de leur service, ont la charge de cet enseignement. Ils s'associent à une structure culturelle ou une équipe artistique, spécialiste du secteur, qui s'engage à être le correspondant culturel de l'établissement pour l'option.

Enseignants et professionnels culturels apportent des compétences complémentaires pour la mise en œuvre d'un projet élaboré dans le respect des programmes.

Le chef d'établissement s'assure, en amont du projet, que la structure culturelle rencontre l'accord de la direction régionale des Affaires culturelles (D.R.A.C.) pour être correspondante de l'option et collaborer au projet pédagogique.

Le concours des partenaires culturels prend des formes diverses qui sont constitutives du projet :

Faciliter l'accès aux œuvres, la rencontre avec des artistes ou des professionnels culturels ;

Contribuer à l'enrichissement documentaire ;

Fournir des appuis ponctuels et spécifiques à la pratique.

La mise en place d'un enseignement en partenariat implique des procédures particulières.

a) *Autorisation d'ouverture.*

La demande d'autorisation d'ouverture émane de l'établissement qui constitue un dossier. Ce dossier est transmis à la D.R.A.C. pour avis.

Le recteur vérifie la recevabilité de la demande et notifie l'autorisation d'ouverture au chef d'établissement en s'appuyant sur l'avis de la D.R.A.C. et sur l'appréciation de la commission académique conjointe éducation-culture.

Après décision du recteur, les enseignements en partenariat donnent obligatoirement lieu à l'établissement d'une convention, conformément aux textes d'application de la loi n° 88-20 du 6 janvier 1988 (1) [arrêté du 10 mai 1989 ; *J.O.* du 18 mai 1989].

Conditions de passation de convention entre l'Etat et les personnes morales apportant leur concours aux enseignements et activités artistiques dispensés dans les établissements scolaires des premier et second degrés).

b) *Constitution du dossier.*

Le dossier de demande d'ouverture présente l'ensemble des informations.

L'équipe d'enseignants : un curriculum vitae fait apparaître les compétences de chaque enseignant dans le domaine concerné (titres, publications, activités et formations).

La structure culturelle correspondante et des professionnels amenés à intervenir dans le cadre de l'option : les professionnels sont choisis dans les conditions fixées par le décret n° 88-709 du 6 mai 1988, *J.O.* du 10 mai 1988, et ses arrêtés d'application du 10 mai 1989, *J.O.* du 18 mai 1989.

Le projet pédagogique : ce projet est conçu et élaboré avec la structure correspondante, en cohérence avec le projet d'établissement ; dans le respect des textes du programme, il fait appel aux particularités du projet artistique de la structure culturelle.

Le relevé de décision du conseil d'administration notifiant son accord.

L'habilitation de la D.R.A.C. pour l'intervention de l'équipe artistique et culturelle.

Les moyens financiers et matériels dégagés par chacun des partenaires — établissement scolaire, structure culturelle, collectivité locale — pour mener à bien le projet partenarial.

(1) Voir article 501-6.

Ces objectifs impliquent que soient donnés à l'élève les moyens nécessaires à une production d'une plus grande envergure et répondant à une plus grande exigence qu'au collège.

Chaque élève est amené à :

Affirmer ses propres moyens d'expression ;

Réinvestir des données choisies dans le champ artistique ;

Articuler ses différents travaux et en dégager la démarche ;

Situer son travail par rapport au projet qu'il conduit et par rapport au champ artistique.

Les projets individuels des élèves permettent l'articulation entre pratique et culture artistiques.

Le projet pédagogique doit :

Permettre les apports théoriques indispensables ;

Favoriser la construction et l'approfondissement des connaissances ;

Ouvrir à des formes d'expression et à des productions artistiques diverses, ainsi qu'aux autres champs artistiques.

Il tient compte des différentes possibilités de diffusion de l'art (moyens audiovisuels, supports informatiques, initiatives culturelles locales, musées, centres d'art, galeries, ateliers d'artistes, etc.) et organise des visites de musées et d'expositions, ainsi que des rencontres avec des artistes, lorsque les données locales le permettent.

Compétences attendues

Dans le cadre de l'option, l'élève développe les compétences suivantes :

Il s'intéresse au domaine de l'art ;

Il est ouvert aux œuvres et aux démarches des artistes contemporains ;

Il manifeste des connaissances liées aux arts plastiques (vocabulaire, notions et opérations) ;

Il produit plastiquement et conduit une démarche personnelle ;

Il sait parler de son travail (en repérer les références, argumenter et l'analyser d'un point de vue critique).

CINÉMA ET AUDIOVISUEL

Spécificité de la démarche

L'option Cinéma et audiovisuel est caractérisée par une pédagogie de projet conçue et menée en partenariat.

Sa spécificité tient à :

Une collaboration étroite des élèves et des professeurs avec les partenaires culturels ;

Un échange dynamique entre découverte et analyse d'œuvres d'une part, activités pratiques liées à la réalisation d'autre part ;

Une ouverture sur des disciplines et des champs artistiques diversifiés et sur leur mise en relation avec le cinéma et l'audiovisuel.

Objectifs et méthodes

L'option Cinéma et audiovisuel a pour finalités la constitution d'une culture, la connaissance d'un langage spécifique, la pratique d'une démarche créative.

Constitution d'une culture

La culture cinématographique et audiovisuelle couvre l'ensemble des œuvres et productions se présentant sous la forme d'images animées, sonorisées ou non.

Il s'agit, en relation avec le ou les thèmes choisis, de :

Prendre connaissance d'œuvres, aussi variées que possible, dans les conditions requises de présentation au public (pour les œuvres cinématographiques : en salle dans leur format d'origine, en version originale et intégrale) ;

tunités locales (festival, saison musicale, création, etc.). En classe de Terminale, le travail porte essentiellement sur les trois œuvres du programme publié chaque année au *Bulletin officiel de l'Éducation nationale*.

L'option implique un lien privilégié avec l'histoire des arts de la période dans laquelle s'inscrivent les thèmes de travail choisis. La référence à ce contexte général favorise l'ouverture sur le patrimoine et sur les manifestations culturelles locales.

Objectifs et moyens

La formation vise la découverte du langage musical et la constitution d'une culture.

Découverte du langage musical.

La découverte du langage musical est basée sur la pratique.

Il s'agit de permettre aux élèves de :

Développer leur sensibilité esthétique par l'exécution vocale ou instrumentale et par l'approche critique des différentes musiques ;

Se familiariser avec différentes techniques pour affiner leur capacité d'expression artistique ;

Repérer les constituants du langage musical par la connaissance analytique et historique des langages musicaux ;

Expérimenter la création par une expérience de la créativité ;

Affiner leur esprit critique et prendre conscience que la musique est liée directement à l'histoire des mentalités passées ou contemporaines.

Constitution d'une culture.

L'approche culturelle est construite sur une pratique active et critique d'auditeur et sur l'approfondissement d'un champ culturel.

Les démarches pédagogiques liées au projet de l'élève sont privilégiées :

Participer à une manifestation culturelle locale ou nationale ;

Rencontrer des instrumentistes ou des compositeurs ;

Assister à des répétitions d'orchestre ou d'opéra, à des concerts choisis de façon différenciée.

Compétences développées

Dans le cadre de l'option, l'élève développe les compétences suivantes :

Il enrichit et diversifie ses capacités d'expression par la pratique vocale ou instrumentale individuelle ou collective ;

Il explore et acquiert un ensemble de repères et de références par l'écoute et l'analyse d'œuvres variées appartenant au système tonal ou non tonal ;

Il acquiert une culture artistique par l'ouverture au contexte historique, esthétique et culturel dans lequel s'inscrivent les œuvres analysées ;

Il réinvestit ses acquis dans des pratiques et des productions musicales individuelles et collectives.

THÉÂTRE ET EXPRESSION DRAMATIQUE

Spécificité de la démarche

L'option Théâtre et expression dramatique se caractérise par une pédagogie centrée sur un projet collectif, annuel, à dominante pratique, conçu et mené en partenariat. Le choix des références, des outils théoriques, des éléments d'analyse et des savoirs nécessaires est induit par le projet.

En liaison avec ses partenaires et en tenant compte des opportunités locales, l'enseignant choisit un ou plusieurs axes de travail pour mener une approche de la diversité constitutive du monde théâtral.

Exemples : un auteur, un metteur en scène, une œuvre, un type de pratique théâtrale, une époque historique, un mouvement artistique, une catégorie esthétique, une problématique, etc.

L'option implique un lien privilégié :
 Avec une structure ou une équipe culturelle partenaire, et plus largement avec l'environnement culturel du lycée ;
 Avec la création théâtrale, et notamment avec les écritures dramatiques contemporaines et les formes innovantes de mise en scène. Les formes de théâtre n'utilisant que peu, ou pas, un texte support (comme le théâtre chorégraphique, gestuel, d'objet, etc.) pourront également être prises en considération.

Objectifs et moyens

La formation vise la découverte du langage théâtral et l'appropriation d'une culture.

Découverte du langage théâtral.

La découverte du langage théâtral est basée sur la pratique. Il s'agit de permettre aux élèves de :

S'engager dans le jeu théâtral par l'improvisation et la dramatisation, à partir de supports divers : espace, son, mouvement, objet, textes, canevas proposés par les élèves ;

Développer leurs capacités d'expression personnelle et collective : attention et concentration, mémoire sensorielle et affective, activation et imagination motrice et vocale, dialogue et insertion dans un groupe ;

Repérer les constituants de l'écriture dramatique et de sa représentation potentielle : espace, temps, rythme, personnage, action, situation, fable, composition d'ensemble ;

Expérimenter des mises en voix, des mises en mouvement, des mises en espace d'un même texte (dramatique ou non) ou d'un même thème, avec des consignes différentes ;

Expérimenter la relation au public par la présentation, au sein de l'établissement ou à l'extérieur, de travaux ou de courtes réalisations, qui sont l'occasion de faire part à un public élargi du travail et de l'engagement des élèves.

Constitution d'une culture.

L'appropriation et la constitution d'une culture se fait par une pratique active et critique de spectateur et par l'approfondissement d'un champ culturel lié au projet. Les démarches actives seront favorisées :

Assister à des répétitions et rencontrer des professionnels de la création ;

Assister de façon régulière à des spectacles choisis de façon diversifiée ;

Observer les moyens et les solutions techniques mis en jeu : scénographie, machinerie, son, lumière, costumes ;

Rencontrer les professionnels de la production et de la diffusion pour approcher les dimensions et les contraintes socio-économiques de toute création ;

S'ouvrir à la perception et à une première compréhension des arts et des moyens multiples mis en jeu dans la création théâtrale, dans leur spécificité et leur complémentarité ;

Analyser des aspects d'œuvres dramatiques ou de mises en scène, en résonance avec le ou les axes de travail choisis ;

Exprimer et formuler, individuellement et collectivement, les découvertes et les réflexions issues de toutes les démarches précédentes : débat, compte rendu, commentaire, analyse critique.

Compétences développées

Dans le cadre de l'option, l'élève développe les compétences suivantes :

Il enrichit et diversifie des capacités d'expression personnelle ;

Il explore et acquiert un ensemble de repères et de références en fonction du projet collectif ;

Il approfondit sa compréhension de l'activité théâtrale et de l'expérience esthétique qu'elle induit.

(B.O. n° 9 du 27 février 1997.)

Anexo n.º 15:

“Projecto «*LePrintemps des Poètes*»

desenvolvido pela Administração Central
francesa”



Orléans, le 27 juin 2000

**Madame le Recteur
de l'Académie d'Orléans-Tours**

**Action Culturelle
Académique**

à

Christophe BOBO

Madame Célia MARTINS

Tél : 02 38 79 46 60
Fax : 02 38 79 46 66

CB/pg n°545

Madame,

Veillez trouver ci-joint des documents concernant des actions menées dans les domaines de l'écriture, de la lecture et du théâtre.

Je vous prie d'agréer, Madame, l'assurance de ma considération distinguée.

**ACADEMIE
D'ORLEANS-
TOURS**

Rectorat

21, rue Saint-Etienne

45043 ORLEANS CEDEX 1

Téléphone : 02 38 79 38 79

Télécopie : 02 38 62 41 79

www.ac-orleans-tours.fr

Nicole FERRIER-CAVERIVIERE

*PO le Directeur
de cabinet*

Ph. Tiquet



DU 21 AU 28 MARS, "LA TERRE EST BLEUE COMME UNE ORANGE".

Paul Eluard

Pour permettre à chacun de redécouvrir le plaisir de la poésie. Pour le plaisir de dire, penser, voyager dans les textes, les sons.

Donner à lire et à entendre la poésie dans tous ses états. Poèmes écrits, poèmes dits, poèmes chantés, poèmes incarnés, représentés, mis en mouvement. L'écrit continue à jouer un rôle essentiel, central, aux côtés des supports audiovisuels : le théâtre, la musique, la peinture, le cinéma, la danse, la vidéo, la photographie...

LE PRINTEMPS DES POÈTES EST,
À L'INSTAR DE LA FÊTE DE LA
MUSIQUE, UN ÉVÉNEMENT
D'AMPLEUR NATIONALE,
NOURRI DES INITIATIVES
DE CHACUN.

Cette manifestation, initiée par Jack Lang, est organisée sous l'égide du ministère de l'Éducation nationale, de la Recherche et de la Technologie, et du ministère de la Culture et de la Communication.

Son objet est de promouvoir la poésie sous toutes ses formes et sur tous les supports contemporains, afin de mettre en pleine lumière le nouvel élan d'une poésie heureuse, enthousiaste et inventive, dont le rap, les récitals de textes lus, les scénarii de films sont aujourd'hui emblématiques. Pour cette première édition du

des colombophiles. Des envois de pigeons seront organisés dans toute la France pour porter des poèmes d'enfants malades aux destinataires qu'ils auront choisis.

- Animations et signatures dans les lieux de vie et d'inspiration des poètes, les bibliothèques, les librairies, les FNAC, les cinémas Pathé, les salles d'Art et d'Essai...

- Animations et affichage dans le métro parisien et les gares françaises de textes poétiques liés au voyage, au métro et à la ville avec le concours des conseils régionaux, de la RATP et de la SNCF.

- Publication d'un recueil de poésie contemporaine co-édité par la fondation La Poste et Gallimard à plus de 100.000 exemplaires et vendu 30frs.

- Coloration poétique des collections de mode.

- Diffusion de feuillets présentant des poèmes classiques ou contemporains, pour le plaisir de les lire ou de les envoyer par Carrefour, la SNCF, les bibliothèques, les cinémas Pathé...

- Floraison exceptionnelle de lieux divers pour marier printemps et poésie, grâce au concours du Syndicat des fleuristes de France.

- Diffusion de films poétiques à la Cinémathèque Française, dans les salles d'Art et d'Essai, les centres culturels...

- Des expositions sur le thème de la

pour cette première édition du Printemps des Poètes, une association, le Printemps des Poètes, animée par Emmanuel Hoog, a pour mission de susciter des initiatives nationales, locales et régionales, de les fédérer grâce à une mobilisation de l'Etat, des syndicats professionnels, des grandes entreprises, des grands médias...

De la plus petite commune de France à l'Assemblée nationale, des associations de poésie aux grands médias nationaux, chacun se mobilise pour faire vivre cette première édition du Printemps des Poètes...

QUELQUES EXEMPLES D'INITIATIVES QUI FLEURIRONT

AU PRINTEMPS DES POÈTES

- Des actions dans les villes de France : flâneries poétiques où comédiens, jeunes, poètes feront défiler la poésie dans les rues, les cafés, les théâtres... des lectures en extérieur ou dans les lieux publics... la création de « Cafés Poésie », la mise en place de murs d'expression pour recueillir des textes poétiques, l'organisation d'ateliers d'écriture, des affichages de poèmes ...
- Des soirées poésie dans les théâtres, médiathèques et salles de spectacle..
- Deux grands concours organisés par l'Education nationale viendront appuyer les actions mises en place dans les écoles, collèges et lycées...
- Les universités vivront la semaine en poésie, en organisant colloques, lectures, murs d'expression...
- Des actions seront mises en place dans les centres pénitentiaires.
- La poésie égayera les hôpitaux, notamment grâce à l'appui du « Rire Médecin » et de l'association française

• Des expositions sur le thème de la poésie dans les galeries d'art...

• Mise en place d'une grande chaîne poétique qui aboutira à la circulation de plus de 20 millions de poèmes à travers toute la France... Par Internet, Intranet, par courrier, par pigeon voyageur... chacun est invité à envoyer ses poèmes préférés aux personnes de son choix et à inciter ces dernières à prendre le relais...

• Des concours lancés par la RATP, Bayard Presse Jeune, Skyrock, les bibliothèques...

• Une large part sera faite à la poésie dans la presse écrite et audiovisuelle...

LES RELAIS DU PRINTEMPS DES POÈTES

L'ensemble des initiatives mises en place à l'occasion du Printemps des Poètes sera rassemblé sur un site Internet : **printempsdespoetes.com** réalisé par la société Imaginet.

Ce site, remis à jour quotidiennement, permettra à chacun de connaître les initiatives mises en place.

Il permettra également la création et l'échange de poèmes, et accueillera une pétition pour une journée mondiale de la poésie.

L'ensemble des initiatives est répertorié par l'association « Le Printemps des Poètes » 42, avenue des Terroirs de France 75012 Paris, fax : 01 44 75 33 48, qui envoie par retour le logo créé par Ernest Pignon Ernest.

Pour obtenir des renseignements sur le Printemps des Poètes dans votre région, vous pouvez également vous renseigner auprès des DRAC, Rectorats et Inspections académiques.

LE PRINTEMPS DES POÈTES : DU 21 AU 28 MARS 1999

LE POUVOIR AUX POÈTES!

le
PRINTEMPS
des
POÈTES

DU 21 AU 28 MARS

LE PRINTEMPS DES POÈTES : 01 44 75 33 26

<http://www-printempsdespoetes.com>

MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION NATIONALE, DE LA RECHERCHE ET DE LA TECHNOLOGIE, MINISTÈRE DE LA CULTURE ET DE LA COMMUNICATION.

▶ MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION NATIONALE,
DE LA RECHERCHE ET DE LA TECHNOLOGIE



La Cinquième

arte



L'EXPRESS

Le Printemps des Poètes en milieu scolaire

Les Universités :

Comme l'an dernier, les projets les plus originaux ne manquent pas de fleurir dans l'ensemble des universités françaises. Au sein même des Campus, bien sûr, mais également hors les murs. A Bordeaux par exemple, les étudiants de la filière livre tiendront les stands d'un « marché de la poésie » qui se déroulera les 24 et 25 mars sur la place des Chartrons.

Les Lycées :

Tout comme l'an dernier, les lycéens pourront participer à un concours de poésie sur Internet intitulé « Poésie en Liberté », et piloté par le lycée Henry Wallon d'Aubervilliers. 7 Lycées de Clermont Ferrand organisent des expositions à l'extérieur (mairie, vitrines de librairies, maisons de retraite, hôpitaux), des distribution de poèmes dans les boîtes aux lettres de la commune.

Les Collèges et Ecoles :

Deux temps forts cette année pour Le Printemps des Poètes dans les écoles et Collèges :

Tout d'abord, la publication chez Folio Junior des poèmes sélectionnés à l'issue du concours organisé lors de la première édition « Poèmes à Suivre », lors duquel les élèves étaient invités à donner une suite à la première strophe d'un texte inédit. 38 poètes contemporains ont accepté de « jouer le jeu » en composant un poème original pour l'occasion, et d'être le jury de ce concours.

Cette année, les élèves seront invités à créer un poème « à la manière de » Jacques Prévert (pour les primaires) et Robert Desnos (pour les collèges).

Au delà des concours organisés, nous invitons les élèves et leurs professeurs à sortir des murs de l'établissement pour partager la poésie avec l'ensemble des citoyens : Le Collège Watteau de Nogent présentera les « Graines de poète » à la bibliothèque et à la MJC de Nogent sur Marne...

ENSEIGNEMENTS ÉLÉMENTAIRE ET SECONDAIRE

42
N° 46
23 DÉC.
1999

2424

B.O.
N° 46
23 DÉC.
1999

ENSEIGNEMENTS
ÉLÉMENTAIRE ET
SECONDAIRE

ACTIVITÉS
ÉDUCATIVES

NOR : MENE9902621C
RAR : 554-9

CIRCULAIRE N° 99-205
DU 16-12-1999

MEN
DESCO A9

Concours "Poèmes à créer"

Texte adressé aux recteurs d'académie, aux inspecteurs d'académie, directeurs des services départementaux de l'éducation nationale

■ Le 21^{ème} siècle va devenir le cadre de créations et d'innovations diverses ouvrant sur de nouvelles perspectives pour les jeunes. Ainsi les nouveaux programmes d'enseignement, notamment des disciplines littéraires, s'inscrivent dans cette logique. Il devient donc opportun d'amener les élèves de tous niveaux, à développer davantage leur faculté d'imagination, d'invention et de les habituer à produire des textes originaux

En outre, le grand succès rencontré par la première opération "Printemps des poètes 1999" (plus de 21 000 poèmes transmis à l'administration centrale) incite d'autant le ministère de l'éducation nationale, de la recherche et de la

technologie et le ministère de la culture et de la communication, à proposer la reconduction de cette action, à l'attention des écoles, des collèges et des lycées.

La semaine du 21 au 28 mars 2000 restera le temps fort où tous les projets en cours seront valorisés. Les enseignants de toutes disciplines seront invités de nouveau à consacrer une partie de leurs activités à la poésie durant cette période. L'inspiration poétique pourra trouver sa source dans tout support, qu'il soit littéraire, scientifique ou artistique.

Deux formes d'actions sont proposées.

D'une part, les lycéens sont de nouveau appelés à participer via Internet, comme l'année dernière, au concours intitulé "Poésie en liberté", coordonné par le lycée Henri Wallon, d'Aubervilliers en Seine-Saint-Denis. Un jury de lycéens décernera des prix. Le règlement de

cette opération pourra être consulté sur le site qui est le suivant : "<http://www.ac-creteil.fr/hwallonauber93>".

D'autre part, est lancé cette année, à l'attention des écoliers et des collégiens, un concours de poésie intitulé "Poèmes à créer" qui pourra s'appuyer, si nécessaire, sur un projet d'écriture et de lecture, en cours de réalisation dans les ateliers.

Règlement du concours "Poèmes à créer" - année 1999-2000

Article 1 - Dans le cadre du "Printemps des poètes", le ministère de l'éducation nationale, de la recherche et de la technologie organise un concours intitulé "Poèmes à créer". Ce concours est ouvert à tous les élèves d'écoles et de collèges des établissements publics et privés sous contrat. Il comporte deux catégories de participation :

- Première catégorie : création d'un poème par un écolier.

- Deuxième catégorie : création d'un poème par un collégien.

Article 2 - À l'occasion du 100^{ème} anniversaire de la naissance de deux grands poètes issus du surréalisme, Jacques Prévert et Robert Desnos, il est demandé aux élèves d'écrire un poème en se référant à leur œuvre.

Les élèves des écoles sont appelés à s'inspirer de Jacques Prévert dont le langage très libre fait émerger son attirance vers les choses simples du quotidien.

Les élèves de collèges, quant à eux, doivent prendre comme modèle Robert Desnos dont le talent repose sur l'imagination d'un langage insolite mais spontané et qui s'appuie quasi intégralement sur le rêve.

Ces poèmes doivent être rédigés en une page maximum, avec une écriture très lisible ou dactylographiés.

Article 3 - Les poèmes doivent être adressés aux responsables de l'action culturelle des rectorats au plus tard le 27 mars 2000. Ils doivent comporter un titre ainsi que le nom de l'élève ou de la classe, le nom de l'établissement et ses coordonnées (adresse, numéros de téléphone et de télécopie).

Article 4 - Un jury académique, présidé par le

recteur et composé, par exemple, d'un inspecteur pédagogique régional de lettres, de poètes, d'enseignants de lettres et de représentants de la direction régionale de l'action culturelle, se réunit pour désigner deux lauréats pour la première catégorie et deux lauréats pour la deuxième catégorie. Il est recommandé aux recteurs de valoriser ces lauréats au niveau académique, suivant les procédures de leur choix.

Article 5 - Le jury académique transmet les poèmes primés pour sélection par le jury national, au plus tard le 2 mai 2000, par courrier postal à la direction de l'enseignement scolaire, bureau des actions éducatives, culturelles et sportives (DESCO A9), 107, rue de Grenelle, bâtiment A, 75007 Paris et si possible par courrier électronique à : marie-christine.pierre@education.gouv.fr

Article 6 - Le jury national du concours "Poèmes à créer" est composé de représentants du ministère de l'éducation nationale, de la recherche et de la technologie, du ministère de la culture et de la communication, d'artistes et de poètes. Sa composition sera précisée ultérieurement.

Article 7 - Après avoir examiné les poèmes primés par les jurys académiques, il établit son palmarès au cours du mois d'avril. Il retient deux lauréats pour la première catégorie et deux lauréats pour la seconde catégorie. Les lauréats, ainsi que leurs enseignants, recevront leur prix lors d'une cérémonie nationale qui se déroulera à Paris en mai 2000.

Nous vous remercions de bien vouloir faire diffuser très rapidement cette circulaire et de l'attention que vous porterez à cette action éducative.

Pour le ministre de l'éducation nationale, de la recherche et de la technologie et par délégation,

La directrice du Cabinet
Jeanne-Marie PARLY
Pour la ministre déléguée,
chargée de l'enseignement scolaire et par délégation,
Le directeur du Cabinet
Christophe CHANTEPY

Anexo n.º 16:

“Projecto «*Printemps Théâtral*» desenvolvido
pela Administração Central francesa”

PRINTEMPS

THÉÂTRAL

2000

Pour la deuxième année le **Printemps Théâtral**, temps fort du théâtre en milieu scolaire, souhaité par le ministère de l'Éducation nationale et le ministère de la Culture et de la communication, met en avant les multiples rencontres qui rassemblent élèves, professeurs, partenaires, dans une diversité et une richesse théoriques et pratiques témoignant de la vitalité du théâtre à l'école.

C'est un moment festif qui permet de montrer le travail de l'année, c'est le temps des spectacles, du bonheur d'être sur scène comme dans le public, mais aussi celui des analyses, des confrontations et des projets qui naissent dans le dialogue et la rencontre.

Le double objectif du Printemps Théâtral est de valoriser les actions existantes et d'en susciter de nouvelles. Des initiatives sont prises dans cette perspective et pour contribuer à la diffusion de l'information ; celles de cette année en reconduisent d'antérieures et en inaugurent :

- Comme l'année dernière, pour favoriser la création contemporaine en direction du jeune public, le ministère de la Culture et de la Communication a passé commande à des auteurs dramatiques dont les textes sélectionnés seront mis à la disposition des acteurs en herbe.
- Un film réalisé par Dominique Bauguil sur les rencontres du Printemps théâtral 2000 permettra de mieux comprendre ce que sont ces moments privilégiés de théâtre.
- Un site Internet a été ouvert pour compléter ce document. Il développe le contenu des rencontres et retrace le parcours de chacune depuis sa création. Il deviendra, au fil des années, la mémoire de ce travail de sensibilisation.
- Enfin, Robin Renucci, acteur populaire au théâtre comme au cinéma, est le parrain de ce Printemps théâtral 2000. Il rencontrera les élèves, participera à des manifestations, à des émissions de radio...

Ce qu'il dit du théâtre : «Le théâtre c'est la parole, l'échange et un art particulièrement fédérateur» rejoint le constat des enseignants et de leurs partenaires sur l'impact de la pratique du jeu dramatique sur la réussite des élèves, sur leur comportement et sur leur développement personnel. Ces observations font elles-mêmes écho à la perception des élèves et au goût du théâtre qu'ils expriment.

Quel que soit le cadre dans lequel les élèves pratiquent le théâtre – enseignements optionnels, ateliers d'expression artistique en lycée, ateliers de pratique artistique, parcours diversifiés en collèges... – ce dernier les entraîne sous la conduite d'enseignants et de partenaires comédiens ou metteurs en scène, dans l'élaboration de projets collectifs et au cœur d'une démarche de création qui mobilise à la fois la rigueur et la sensibilité, l'expression personnelle et l'écoute de l'autre, l'imagination et l'esprit critique sous le signe du plaisir du jeu et de l'émotion esthétique.



Marie-Louise Issaurat-Deslaef, Inspecteur Pédagogique Régional-Inspecteur d'Académie
Chargée de mission nationale, Enseignement et activités théâtre-expression dramatique

Danièle Naudin, Centre National du Théâtre, Chargée de mission

L'équipe du *Printemps théâtral*
chef de projet : Danièle Naudin, communication : Sophie Grandjean, attachée de presse : Désirée Faraon,
développement : Louis Vignaud, assistante presse : Peggy Delahalle

Sommaire

3 ÉDITO

Index par académie

A 6 Aix-Marseille

Provence-Alpes-Côte d'Azur
Gap (2)
Marseille (2)

B 6 Amiens

Picardie
Amiens

7 Besançon

Franche-Comté
Besançon

7 Bordeaux

Aquitaine
Agen
Aire-sur-l'Adour
Angoisse
Biarritz
Orthez
Périgueux (2)
Saint-Jean-Pied-de-Port
Villeneuve-sur-Lot

C 9 Caen

Basse-Normandie
L'Aigle
Bréhal
Cherbourg-Octeville
Le Molay-Littry
Pont-l'Évêque
Saint-Lô

12 Clermont-Ferrand

Auvergne
Aurillac
Chalinargues
Clermont-Ferrand
Montluçon (2)
Le Puy-en-Velay

13 Corse

Corse
Bastia

13 Créteil

Ile-de-France
Arcueil
Aubervilliers
Aulnay-sous-bois
Le Blanc-Mesnil
Choisy-le-Roi
Combs-la-Ville
Coulommiers
Créteil
Drancy
Evry
Fresnes
Le Kremlin-Bicêtre
Noisiel
Paris
Saint-Denis
Stains
Thorigny-sur-Marne
Vitry-sur-Seine

D 18 Dijon

Bourgogne
Mâcon
Nevers-Decize

G 18 Grenoble

Rhône-Alpes
Bourgoin-Jallieu
Chambéry
Grenoble (3)
Meylan
Seynod
Seyssinet-Pariset
Valence

L 20 Lille

Nord-Pas-de-Calais
Arras
Bapaume
Douai
Lille
Saint-Laurent-Blangy
Villeneuve d'Ascq

23 Limoges

Limoges
Davignac

23 Lyon

Rhône-Alpes
Andrézieux
Feyzin
Oyonnax
Roanne
Saint-Priest en Jarez
Voiron

24	Martinique Dom-Tom Fort-de-France
M 25	Montpellier Languedoc-Roussillon Alès Montpellier Narbonne Nîmes Perpignan
N 26	Nancy-Metz Lorraine Phalsbourg Sancy Sarrebrück
27	Nantes Pays-de-Loire Angers Guérande Laval Le Mans Mayenne Noirmoutier La Roche-sur-Yon
30	Nice Provence-Alpes-Côte d'Azur Grasse Menton Nice Solliès Toucas
O 30	Orléans-Tours Centre Chemery Fussy Tours (2)
P 31	Paris Ile-de-France Paris (2)
32	Poitiers Poitou-Charentes Poitiers Prahecq Thouars Vouneuil-sur-Biard
33	Reims Champagne-Ardennes Chaumont Joinville Revin Saint-Dizier

R 34	Rennes Bretagne Fougères Saint-Brieuc
34	Réunion (la) Dom-Tom Saint-Denis
35	Rouen Haute-Normandie Dieppe Evreux (2) Lillebonne Petit-Couronne Saint-Valery-en-Caux Vernon
S 36	Strasbourg Alsace Illkirch-Graffenstaden Strasbourg
T 36	Toulouse Midi-Pyrénées Millau Rodez Toulouse (2)
V 37	Versailles Ile-de-France Argenteuil Cergy-Pontoise Fontenay-aux-Roses Franconville Malakoff Mantes-la-Jolie (2) Les Ulis

40 LISTE DES AUTEURS
ET DES PIÈCES



42 LEXIQUE DES SIGLES

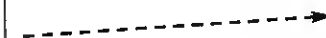


42 REMERCIEMENTS



L'ensemble des informations
est développé sur le site :

www.education.gouv.fr



Rencontres



AIX-MARSEILLE Provence-Alpes-Côte-d'Azur

Rencontres académiques

→ **Hautes-Alpes**
Les 23 et 24 mars
GAP (05 000)
Théâtre de la Passerelle

→ **Bouches-du-Rhône**
le 4 mai
MARSEILLE (13 000)
Théâtre de la Minoterie

Collèges, lycées, soit plus de 300 élèves participants

Chaque année, depuis 1987, les rencontres prennent une forme particulière. L'an dernier, elles se sont déroulées pendant le Festival d'Avignon, (en liaison avec une université d'été nationale) autour du théâtre et de la transversalité des domaines artistiques (arts plastiques, musique, danse). Pour l'an 2000, un projet de formation a été mis en place tout au long de l'année avec deux rencontres.

Rencontre des Hautes-Alpes, les 23 et 24 mars au théâtre de la Passerelle à Gap autour de « Formes brèves » (10 minutes maximum). En cours d'année, des stages avec Catherine Marnas et Isabelle Janier ont été réalisés sur cette forme spécifique de théâtre.

La Rencontre des Bouches-du-Rhône, le 4 mai au Théâtre de la Minoterie à Marseille, est l'occasion de redéfinir ce que recouvrent les formules : « Théâtre contemporain, être acteur, être spectateur ». Le projet mêle à la fois une sensibilisation au théâtre contemporain (avec la découverte des textes de J.-Y. Pic), à la démarche de spectateur et une réflexion sur le rapport au public et au lieu théâtral.

En liaison directe avec le travail des élèves, deux spectacles professionnels sont proposés : *Donc* de J.Y. Pic par la Cie Théâtre provisoire et *La dent noire* de Y. Reynaud.

Partenaires artistiques : Théâtre Massalia, Friche La Belle-de-Mai

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC

Contact : Lycée • Mireille Grange • fax 04 91 12 22 60

Festival d'Expression

→ Le 23 mai
GAP (05 000)
Centre municipal de Créations et de Loisirs
4 écoles (80 élèves)

Quatre écoles primaires se rencontrent pendant une journée pour présenter le travail théâtral de chaque classe. Environ 80 élèves se retrouvent tour à tour acteurs ou spectateurs, ils présentent une forme théâtrale d'environ 15 minutes, résultat

d'une année d'échanges avec la Passerelle. Une des classes représentera le département lors des « Rencontres régionales Théâtre OCCE ».

Partenaires financiers : OCCE, villes

Contact : OCCE • Anne Gugliano • 04 92 52 22 62

Le théâtre au carrefour des Arts

Rencontres autour de démarches artistiques pluridisciplinaires

→ Le 29 mars
MARSEILLE (13 000)
Théâtre Massalia – Friche La Belle-de-Mai
Collèges et lycées, soit 100 élèves participants

Cette année les élèves ont travaillé à partir de « traces » laissées par le spectacle *Comme ça* de la Compagnie Skappa.

Les ateliers, pluridisciplinaires, proposent des démarches artistiques différentes : « Théâtre, peinture, ombre » avec P. Cardona et I. Hervouet/Cie Skappa ; « chant et texte musicalisé » avec A. Sif/Cie Corps à sons ; « arts plastiques, installations et performances » avec les compagnies Ornic'art, Artonik et Art Studio ; « Espace Culture Multimédia » avec E. Vergès, qui propose une création multimédia à partir des éléments narratifs et scénographiques de la compagnie Skappa.

Un des objectifs est de montrer que le texte n'est qu'un matériau parmi d'autres et d'initier les jeunes, par le biais du théâtre, à d'autres arts.

Partenaires artistiques : Théâtre Massalia, Friche La Belle-de-Mai

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, GRETE

Contact : GRETE • Mireille Grange • tél/fax 04 91 84 36 79



AMIENS Picardie

Rencontres théâtrales

→ Du 16 au 19 mai
AMIENS (80 000)
Maison de la Culture d'Amiens
3 collèges (60 élèves), 3 lycées (45 élèves)

L'objectif de ces rencontres est avant tout de partager quatre jours de théâtre, du 16 au 19 mai, à la Maison de la Culture d'Amiens. Les élèves peuvent, s'ils le souhaitent, présenter aux autres ce qu'ils ont fait dans l'année. Le but essentiel est d'établir des échanges qui permettront à chacun de prendre du

recul sur son propre travail, de verbaliser ses propres émotions, d'analyser un spectacle. Les jeunes des différents établissements sont brassés et répartis dans des groupes qui travaillent sur une thématique commune, encadrés par leurs enseignants et des comédiens professionnels. Chaque groupe choisit un lieu public dans la ville (phase d'observation) puis le transcrit au théâtre (travail en ateliers sur les improvisations, la mise en espace, la dramaturgie...).

Partenaires artistiques : C. Gernigon et H. Germain, D. Perrier (comédiens), S. Baillon (metteur en scène).

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Maison de la Culture d'Amiens

Contact : Rectorat • Raymond Godefroy • 03 22 82 39 42



Rencontre académique des ateliers théâtre et danse

Le 5 mai
VESOUL (70 000)
Théâtre Edwige-Feuillère, le Thé'V
13 collèges (180 élèves)

Le 5 mai, au Théâtre Edwige Feuillère de Vesoul, les ateliers présentent, en 10 mn, un aperçu de leur travail, sans élément de décor, dans une ambiance de répétition avec possibilité pour l'animateur d'intervenir à tout moment. Le but de la manifestation n'est pas l'élaboration de spectacles achevés mais la confrontation de démarches et de regards sur le théâtre et la danse. Après les séquences sont organisés des échanges entre les participants. Deux petites formes de spectacles professionnels sont prévues en clôture : de la danse avec *Dame de cœur*, Martine Fioux ; du théâtre avec *La demande en mariage* de Tchekhov par le Théâtre du Verseau.

Partenaires artistiques : Thé'V/Théâtre E. Feuillère, Centre chorégraphique de Belfort, Nouveau Théâtre de Besançon (CDN), les scènes nationales et Cies : Espace Planoise, Théâtre Granit (Belfort), Théâtre de l'Unité (Montbéliard), Cie Embarquez, Théâtre Alcyon, Patrick Mélior l'URFOL, Cie Amanite Phatolide, Cie Istar, Théâtre du Verseau, Théâtre En Vie, l'AREOVEN

Partenaires financiers : Rectorat, ville de Vesoul, établissements scolaires
Contact : Collège Jules Jeanneney • Mr et Mme Chognard • 03 84 91 81 99



Entr'acte et scène

Du 19 au 21 mai
AIRE-SUR-LADOUR (40 800)
Salle du Centre d'animation, salle de l'Orangerie, chapiteau et arènes
1 école primaire (29 élèves), 3 collèges (60 élèves)
et 3 lycées (70 élèves)

Le vendredi 19 mai, à la salle Voûtée, Laurent Laffargue, metteur en scène de la Compagnie du Soleil Bleu, propose une mise en équation du théâtre classique et du théâtre contemporain. Le samedi 20 mai dans la cour intérieure de la mairie, 150 participants amateurs (répartis en 7 groupes de travail) se confrontent au personnage mythique de Don Quichotte. Chaque groupe s'est attaché spécifiquement à l'une des sept scènes du texte, adapté pour l'occasion par Robert Angebaud d'après *El ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* de Miguel Cervantes Saavedra. Pierre Debauche, assisté par l'équipe du Théâtre du Jour, a coordonné la conception et la réalisation de ce projet.

Des ateliers de formation sur « le travail d'acteur » et « les combats réglés pour le théâtre » sont ouverts à tout public.

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Inspection académique, Conseil général, Ville d'Aire-sur-l'Adour, Office régional
Contact : Conseil général • Philippe Mary • 05 58 05 40 40


Expression dramatique et artistique

Du 7 au 12 mars
ANGOISSE (24 270)
Centre touristique de Rouffiac en Périgord, salles polyvalentes d'Angoisse, Payzac et Lanouaille
6 écoles primaires (152 élèves)

De septembre à mars, 7 classes primaires préparent chacune une création, en totale autonomie, autour de mots-soutiens qui sont « mémoire », « racisme/différence » et « carnaval ». Du 7 au 12 mars, dans un cadre de pleine nature, des professionnels proposent aux enfants plusieurs regards sur le théâtre par le biais d'ateliers divers tels que « gestuelle masquée » ; « voix/musique » ; « danse, jeux et rejeux » ; « décor » ; « écrit/vidéo ». Tous les jours, un spectacle jeune public est proposé par les compagnies professionnelles qui ont en charge les ateliers.

Partenaires artistiques : Temps Fort Théâtre, Théâtre Folavril, Cie Épiphané, Association Ogoun, enseignants musique
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil général, OCCE, Amicale laïque Angoisse-Sarlande, Coopérative scolaire de Sarlande
Contact : École de Sarlande • Joël Roux • 05 53 52 31 36 • roux.joel@wanadoo.fr


Mai jeunes années

 - ➔ Les 16 et 18 mai et du 26 au 30 juin
BIARRITZ (64 200)
Le Colisée
4 écoles, 2 collèges, 3 lycées, Maison de la Vie Citoyenne du Polo Beyris/Bayonne (400 participants)

« Mai Jeunes Années » est la rencontre de pratiques amateurs et de divers publics (lycées, collèges et écoles primaires) qui a lieu les 16 et 18 mai, puis du 26 au 30 juin. Les participants ont pu travailler dans le cadre des « Ateliers de Pratique Artistique » du Plan Départemental de Développement Artistique, de l'Option Théâtre, de Clubs Théâtre, des activités des maisons de la Vie Citoyenné, ou des Ateliers en milieu scolaire financés par des municipalités.

Partenaires artistiques : Théâtre du Versant à Biarritz
Partenaires financiers : ministère de l'Éducation nationale, ministère de la Culture, ministère Jeunesse et Sports, Conseil régional, Conseil général, les villes de Biarritz, Anglet et Bayonne
Contact : Théâtre du Versant • Nathalie Salaberry • 05 59 24 68 00
theatreduversantgr@minitel.net

Pantomimes

 - ➔ Du 31 mai au 4 juin
ORTHEZ (64 300)
Salle Francis Planté, mairie, collège D. Argote
8 collèges (120 élèves)

Du 31 mai au 4 juin, les rencontres « Pantomimes » sont centrées sur la « découverte de l'autre », le « racisme » et la « tolérance ». Ce qui donne lieu à des spectacles à partir du texte de Victor Hugo *Les misérables* ou du film *West Side Story* de R. Wise et J. Robbins.
Cette année, l'Espagne est à l'honneur avec une semaine de cinéma, une chorale et une expo photo réalisée par une photographe espagnole. Rappelons que la manifestation a été élaborée en collaboration avec les ambassades de France dans chacun des douze pays européens.

Partenaires artistiques : Compagnie des Pieds dans l'eau
Partenaires financiers : DRAC, Jeunesse et Sports, ministère des Affaires Étrangères, Conseil général, Conseil régional, Ville d'Orthez
Contact : Collège Daniel Argote • Nicole De Lapparent • 05 59 69 44 77

Collèges en jeu


 - ➔ Le 3 mars
PÉRIGUEUX (24 000)
Agora de Boulazac
10 collèges (240 élèves)

La rencontre « Collèges en Jeu » dure une journée et s'organise autour de deux axes.

D'une part, la présentation des travaux des collégiens et ateliers de paroles sur les productions où tous les participants (200 collégiens de onze établissements de la Dordogne) se retrouvent pour échanger, apporter critiques et suggestions. D'autre part, la représentation d'un spectacle professionnel et la rencontre avec l'équipe artistique. Cette année au programme : *Souvenir d'un pantin* par la Cie Le Clan des songes/Théâtre de marionnettes.

Partenaires artistiques : Théâtre Grandeur nature, Théâtre de la Skéné, Temps-Fort Théâtre, Agora
Partenaires financiers : DRAC, Conseil général
Contact : Collège Jean Moulin • Jean-Marie Champion • 05 53 35 20 93


Les Didascalies de Périgueux

 - ➔ Du 12 au 15 janvier
PÉRIGUEUX (24 000)
Agora de Boulazac, Le Palace, N.T.P.,
l'Espace François Mitterrand
11 lycées (230 élèves)

Cette année, à Périgueux, les 10^e Didascalies, festival du théâtre lycéen, mêlent et confrontent 500 jeunes, accompagnés de leurs enseignants, à plus de 30 artistes.
Au-delà du thème « Théâtre et Cinéma », c'est la parole qui est célébrée pendant quatre jours : parole portée à la scène, à l'écran, « Ateliers de paroles » interrogeant ce qui est montré. Comme chaque année, le festival se termine dans la rue, par des spectacles donnés par les 230 lycéens.

Partenaires artistiques : Melkior Théâtre, Théâtre Grandeur nature, Que CirQue, Cie Jamais 2 sans 3, OARA, ADDC, Fenêtre sur Cour, FOL, L'Odyssee, l'Agora, Ciné-cinéma, Ciné le Montaigne, Passage public
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil général, Conseil régional, ville de Périgueux, Société Générale, Etablissements Lachal Opticiens.
Contact : Lycée professionnel du Gour de L'Arche • Jean-Marie Champion
05 53 35 20 93 • Virginie.labrousseau@libertysurf.fr

Parcours culturel


 - ➔ Du 2 au 25 juin
SAINT-JEAN-PIED-DE-PORT (64 220)
Cinéma le Vauban
16 écoles (405 élèves), 1 collège (28 élèves)

Tout au long de l'année scolaire des comédiens professionnels interviennent dans les classes et travaillent, avec les enseignants, à la mise en œuvre d'un projet artistique. En parallèle, les élèves analysent 3 à 4 spectacles professionnels (vus en ou hors temps scolaire), ce qui permet d'aborder la notion « d'école du spectateur ». Enfin, chaque classe élabore une création artistique qui est donnée à la fin de l'année scolaire lors d'une journée événement.

Un travail sur le masque est prévu en lien avec le spectacle «1, 2, 3 soleil» du Petit Théâtre de Pain.

Partenaires artistiques : Petit Théâtre de Pain, Théâtre des Chimères, Ballets de Biarritz.
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil régional, Conseil général, LEADER II, villes, écoles
Contact : Association Garazikus • Jean-Yves Ostrowiecki • 05 59 37 06 04 garaz@infonie.fr

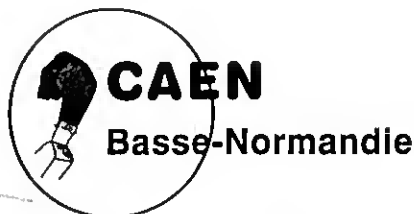
Festival Théâtre et Danse à l'école

 Du 15 au 19 mai
VILLENEUVE-SUR-LOT (47 300) et **AGEN** (47 000)
Théâtre Ducourneau, Agen et Théâtre Georges Leygues, Villeneuve-sur-Lot
20 écoles primaires (500 élèves),
3 collèges (75 élèves), 1 lycée (20 élèves)


L'OCCE organise une semaine de rencontres théâtrales et chorégraphiques du 15 au 19 mai. Les productions tournent autour du thème de « La mémoire », fédérateur des groupes engagés dans les rencontres. La plupart des créations, suivies par un comédien ou un chorégraphe, ont pour base des improvisations élaborées autour de supports de jeu qui peuvent aller d'un simple objet à une œuvre plastique ou des extraits de textes. Sont joués des passages de : *Ode au temps* de P. Neruda, *Terre des hommes* de A. de St Exupéry, *L'envol d'Icare* de J. Lacarrière, *Poèmes pour un jour* de A. Chérid, *Bulle ou la voix de l'océan* de R. Fallet, *Chanson de la pluie* de M. Fombeure, *Le Lot* de K. White.

Les élèves profitent aussi d'une approche musicale (avec la découverte d'œuvres et la création de jeux vocaux), d'une initiation aux arts plastiques (avec une participation aux décors), et à la communication (réalisation d'affiches, invitations, programmes...)

Partenaires artistiques : Centre Culturel de Villeneuve, Théâtres des 2 fleuves et Du bout des doigts, Cies Terrain Vague, Folavril, Epiphane, Turbulence
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Inspection académique, Conseil général, OCCE départemental et national, Théâtres Villeneuve-sur-Lot et Agen, Banque Populaire
Contact : Ecole Auradou • Monique Pimouquet • 05 53 41 30 59 • Ecole.Auradou@wanadoo.fr



En Mai, joue ce qu'il te plaît

 Du 9 ou 13 mai
L'AIGLE (61 300)
Salle de Verdun
6 collèges, 1 centre culturel (1800 élèves au total)


Chaque soir du festival, du 9 au 13 mai, verra s'allumer les feux de la rampe à la Salle de Verdun pour la présentation des travaux des élèves, regroupant 6 clubs scolaires, 1 atelier de pratique artistique et une troupe de jeunes inscrits au Centre culturel de la ville.

Une heure environ par soirée est ainsi consacrée à la découverte de pièces de théâtre, de montages d'extraits, de pièces écrites par les élèves, d'improvisations. La mise en scène peut être le fruit des regards croisés des élèves et des adultes. Différents corps de métier des arts du spectacle s'en mêlent, des comédiens, metteurs en scène, régisseurs et employés technique de la ville.

Pour les écoles primaires, un aperçu ludique du travail théâtral est donné, en vue de sensibiliser les enfants à l'activité dramatique.

Partenaires artistiques : Théâtre du Loup Blanc
Partenaires financiers : La Poste
Contact : Collège Molière • Bruno Robert • 02 33 84 28 70 festival.theatre@caramail.com


Rencontres à l'École Théâtre des Embruns

 Les 5 et 6 juin
BRÉHAL (50 290)
Lessay, Saint-Lô, Donville, Bréhal, Villedieu, Agon-Coutainville
4 collèges (60 élèves)

Une expérience originale avec le théâtre mobile du Théâtre en Partance. Créées en 1997, les rencontres de l'École-théâtre des Embruns constituent la synthèse du travail pédagogique mené dans le département de la Manche tout au long de l'année, tant dans les ateliers hebdomadaires de pratique théâtral que dans les projets élaborés dans les établissements scolaires (collèges essentiellement). Elles regroupent cette année 22 ateliers et projets, avec près de 300 enfants, adolescents et adultes, qui confrontent leurs spectacles pendant une semaine. Des jurés, réunis pour l'occasion, élisent chaque soir leur favori, qui doit défendre ses chances à la journée de clôture.

Partenaires financiers : DRAC, Conseil général, villes (Lessay, St Lô, Agon, Bréhal, Villedieu, Donville, Carentan), mécénat
Contact : Théâtre des Embruns • Valérie Aubert • 02 33 91 77 02

Les téméraires rencontres de théâtre amateur


 Du 26 au 28 mai
Cherbourg-Octeville (50 100)
 Scène nationale de Cherbourg, Théâtre de la Butte,
 Théâtre de l'Arlequin, dans les rues
 2 collèges (35 élèves), 2 lycées (46 élèves)


Les 26, 27 et 28 mai, c'est le moment choisi, «l'événement théâtral» de l'agglomération Cherbourg-Octeville, qui permet la reconnaissance du travail théâtral effectué tout au long de l'année.

En ouverture de manifestation, le 26 mai, une soirée intitulée «Brèves de théâtre», réservée à tous les ateliers théâtre de la région, permet de présenter des extraits de pièces, sketches ou mimes. La participation d'ateliers de collèges ou de maisons de quartier est privilégiée mais la scène reste ouverte à des approches plus spécifiques de lycéens ou d'adultes.

Le 27 et 28 mai, 8 spectacles se jouent en alternance entre le Théâtre de Cherbourg, le Théâtre de la Butte et le Théâtre de l'Arlequin, dont : *Treize à table* de M.G. Sauvageon ; *La Soupière* de R. Lamoureux ; *L'Homme qui* de P. Brook et M.H. Estienne ; *Les Mariés de la tour Eiffel* de J. Cocteau ; *Dramuscules* de T. Bernhard ; *L'Atelier* de J.C. Grumberg.

Partenaires artistiques : Comédie Française • Catherine Ferrand
Partenaires financiers : DRAC, Conseil général,
 Ville de Cherbourg-Octeville, MJC
Contact : MJC de Cherbourg • Fabienne Loir • 02 33 53 31 72

Galop d'essai


 Le 7 juin
Le Molay-Littry (14 330)
 Salle de l'OMAC du Molay-Littry
 7 collèges (200 élèves)

Comme son nom l'indique, la manifestation est encore en pleine phase opératoire.


Les artistes intervenants sont présents au titre d'invités, de spectateurs, afin de nouer des contacts.

Ce sera la première manifestation de ce type dans le Pays de Bessin, qui correspond aussi à un Bassin d'Education Concertée pour l'Education Nationale.

Le 7 juin, à la Salle de l'OMAC du Molay-Littry, 200 collégiens (activités péri-scolaires d'expression dramatique dans les clubs-théâtre) présentent leurs travaux (pièces à textes ou improvisations) où se mêlent théâtre, danse, chant, expression gymnique, orchestre...

Partenaires financiers : Inspection académique, Ville du Molay-Littry,
 Collège de la Mine
Contact : Inspection académique • François Gosselin • 02 31 45 96 32
 ia14-culture@ac-caen.fr

6^e rencontre de Théâtre en Pays d'Auge



 Le 24 mai
Pont-l'Évêque (14 130)
 Théâtre le Concorde
 1 école primaire (30 élèves), 6 collèges (200 élèves)

La manifestation, créée en 95, est issue d'un groupe de recherche qui a travaillé au sein de la Mission Académique de Formation Continue du rectorat de Caen. Les enseignants ont souhaité poursuivre leur recherche pédagogique sous la forme de rencontres théâtrales.

Au théâtre de Pont l'Évêque, les collégiens ont entre 20 et 30 mn, pour présenter une petite forme théâtrale à partir de textes ou d'improvisations, autour de «l'air du temps» et des préoccupations des pré-adolescents. Par ailleurs, les 30 élèves de primaire font du théâtre d'ombres. Des idées originales et conviviales ont germé pour l'accueil des festivaliers : d'une part, en fil rouge de la manifestation, le Tanit Théâtre de Lisieux (François-Xavier Malingre) et les acteurs du Papillon Noir Théâtre (Mondeville) proposent un accueil théâtralisé et une animation de la ville ; d'autre part, l'opération Requin-Remora où les collégiens de Pont L'évêque prennent en charge les élèves invités.

Partenaires artistiques : Papillon Noir Théâtre, Tanit Théâtre, ACTEA,
 Théâtre Sans Lien
Partenaires financiers : DRAC, Conseil Général, Inspection Académique,
 Ville de Pont l'Évêque, Bus Verts
Contact : Inspection Académique du Calvados • François Gosselin
 02 31 45 96 32 • ia14-culture@ac-caen.fr

Rencontre des troupes de théâtre scolaire de l'enseignement public



 Le 13 avril
Saint-Lô (50 000)
 Lycée Pierre et Marie Curie
 8 collèges (200 élèves), 1 lycée (15 élèves)

À la salle des fêtes de Saint-Lô, le 13 avril, 215 élèves se rencontrent au travers de 8 représentations de 20 minutes. Au programme : *La cave* de J.P. Rousseau, *L'art de la chute* de G. Foissy, *Musiciens* de K. Valentin, *Brien le fainéant* de G. Motton, *La journée du maire* de I. Philippe, *Le curé de Cucugnan* de A. Daudet. Après chaque représentation un bref débat est instauré entre acteurs et spectateurs.

Partenaires financiers : Inspection académique de la Manche. Collèges
Contact : Collège Félix Buhot • Isabelle Evenard • 02 33 40 03 45




Festival d'expression enfantine

 Du 5 juin au 9 juin
AURILLAC (15 000)
 Théâtre Municipal, Maison des Congrès,
 Hôtel du Département, la Cave
 48 écoles primaires (1050 élèves), 4 collèges
 (70 élèves)

Cette année encore, comme depuis déjà 12 ans, la Fédération des Associations Laïques du Cantal, invite tous les jeunes des établissements scolaires du département et de la région Auvergne à participer au festival d'Expression Enfantine. Cette rencontre, point d'orgue du travail de création et de réalisation de l'année est ouverte à tous, sans sélection, ni compétition. Du 5 au 9 juin, 56 établissements, soit près de 1300 jeunes se rencontrent pour faire du théâtre, danse, musique, peinture et lecture. Ils fourmillent d'idées originales, comme par exemple «le chemin des couleurs» où chaque établissement peint une portion des trottoirs reliant les différents lieux de spectacles ou d'expositions, ou encore «Les livres d'or» où le public pourra faire part de ses émotions...

Partenaires financiers : Rectorat, Direction Départementale Jeunesse et Sport, Inspection académique, Conseil général, Conseil régional, ville d'Aurillac
Contact : FAL • Patrick Carpentier • 04 71 48 42 58

Festival Régional de Théâtre des Collèges

 Les 25 et 26 mai
CHALINARGUES (15 170)
 Sous un chapiteau
 1 école primaire (20 élèves), 20 collèges (400 élèves)

430 élèves festivaliers, de classes primaires et collèges, présentent, sous chapiteau, des extraits de pièces du répertoire classique ou contemporain. Au programme, des textes aussi divers que *Art* de Yasmina Reza ; *Le père Noël est une ordure* du théâtre du Splendid, *Ami tu y es* (création), *Le repas des fauves* de Christian Jaque, *Cyrano de Bergerac* d'Edmond Rostand, ainsi que quelques variations sur Molière. Des ateliers animés par des comédiens professionnels abordent la gestuelle, le langage du corps, la musique, les décors, le maquillage.

Partenaire artistique : Théâtre Bellastre
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil général, PNR Volcans d'Auvergne, Ville de Charlinargues
Contact : Stéphanie Rosseel • 04 71 20 03 52


Les nuits de juin


 Du 5 au 9 juin
CLERMONT-FERRAND (63 000)
 Collège Molière
 3 collèges (60 élèves), 1 lycée (20 élèves)

Du 5 au 9 juin, 450 élèves festivaliers mettent à profit la douceur des «Nuits de juin» pour faire du théâtre en plein air. Toutes les formes sont permises, pièces de théâtre, montages de textes poétiques, improvisations... à travers lesquelles sont abordées les problématiques du temps, du dialogue et de l'écriture contemporaine. Questions reprises et étayées par des débats entre professionnels et élèves sur le plaisir du jeu théâtral, la notion d'acteur/spectateur, et toujours et encore l'écriture contemporaine.

Partenaire artistique : Comédie de Clermont Ferrand • Scène Nationale
Partenaires financiers : DRAC, Conseil Général
Contact : Fédération des Associations Laïques • Christiane Belot
 04 73 91 00 42

Théâtre des Fédérés

 Graines de théâtre
 Du 4 au 5 mai
MONTLUÇON (03 100)
 1 lycée (45 élèves)

 Premières scènes
 Du 11 au 12 mai
MONTLUÇON (03 100)
 6 lycées (93 élèves)

Après avoir exploré la saison passée les thèmes de l'identité et de l'adolescence, les «Ateliers Jumelage avec les Fédérés» ont choisi cette saison de rechercher des traces de mémoires oubliées. Les «fouilles» se sont concentrées sur l'histoire nationale et celle, fondatrice, de notre civilisation contemporaine (colonisation européenne dans le monde, destruction de cultures et de civilisations). Des ouvrages de références ont été choisis : «*Pieds sur la terre sacrée*» et «*Mémoires*» de Géronimo. Cette quête de souvenirs vient dialoguer avec des textes d'auteurs contemporains abordant des thèmes historiques : *Tonkin-Alger* d'E. Durif, *Croisades* de M. Azama, ou les désirs et les désarrois de la génération actuelle avec *Chroniques des jours entiers des nuits entières* de Xavier Durringer.

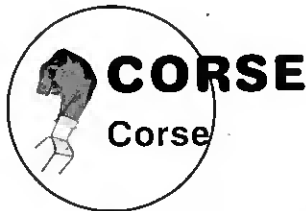
Partenaires financiers : DRAC, Lycée Mme de Staël
Contact : Théâtre des Fédérés • Maryvonne Lafleuril • 04 70 03 86 18

Théâtre au collège

Le 14 juin
LE PUY-EN-VELAY (43 000)
Théâtre du Puy-en-Velay
Entre 5 et 10 collèges (de 100 à 200 élèves)

Au théâtre du Puy-en-Velay, le 14 juin est réservé à la présentation des ateliers de pratique artistique théâtre, ou club-théâtre des collèges du département (extraits de pièces de théâtre résultant du travail de l'année). Le but de cette journée est de donner l'occasion aux jeunes comédiens de jouer hors de leur contexte habituel (devant leurs camarades de collège et leurs parents) et d'aiguiser leur regard critique sur le travail théâtral. Un soin particulier est apporté à l'accueil de leur spectacle, en leur offrant un contexte de niveau professionnel.

Partenaire artistique : Compagnie de l'Alauda
Partenaire financier : Conseil général
Contact : Compagnie l'Alauda • Hervé Marcillat • 04 71 05 97 97



Rencontres du théâtre universitaire et scolaire

Du 29 février au 3 mars
BASTIA (20 200)
Théâtre et Université de Bastia
6 collèges (586 élèves), 5 lycées (214 élèves)

700 festivaliers font du théâtre, en langue corse, italienne et française, autour de « la présence de l'Antiquité dans le théâtre méditerranéen d'aujourd'hui ». La semaine du festival s'articule autour de trois axes : un colloque, une sélection de représentations destinées à favoriser la confrontation d'expériences et de savoirs liés aux arts et techniques de la scène, la présentation de spectacles. Au programme : *Néron, empereur de la nuit* (de A. Voce, di a Maschera, d'après Britannicus de Racine), mise en scène par Antonella Negroni ; *Dionomacchia 2000* (d'après Salvatore Viale, CCU et Festivoce) et *Mémoires d'un voyage* (Cie Theatralia de Livourne), librement inspiré des *Mémoires* de Carlo Goldoni.

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Collectivité territoriale de Corse, Conseil général, Ville de Bastia, Université de Corse
Contact : Théâtre de Bastia • Evelyne Dabek • 04 95 34 98 00



100 ans d'école

Du 2 au 5 mai
ARCUEIL (94 110)
Théâtre du Campagnol / Théâtre des Sources
4 lycées, 12 collèges,
2 Instituts nationaux de jeunes sourds.

Dans le cadre des Rencontres inter-scolaires, les 10 classes participant au parcours « Photo de classe » présentent leurs travaux, au Théâtre du Campagnol d'Arcueil. Il s'agit pour les élèves, en 10 séances de 2 heures, de créer une séquence théâtrale à partir du support iconographique d'une photo de classe (improvisations, recherches documentaires et parfois passage à l'écriture sont nécessaires).

Partenaires artistiques : Aziz Arbia, Hélène Philippe, Bénédicte Wenders
Contact : Théâtre du Campagnol • Thierry Lavignon • 01 41 24 24 41

Rencontres d'ateliers

Du 5 au 8 avril et du 30 mai au 7 juin
AUBERVILLIERS (93 300)
Théâtre de la Commune
25 lycées (130 élèves)

« C'est mieux que rien – Quelques questions sur le bonheur » est la thématique du Théâtre de la Commune, sur laquelle les élèves ont travaillé toute l'année, encadrés par des comédiens professionnels : soit en « ateliers de jeu inter-établissements » du 5 au 8 avril ; soit dans l'optique de la présentation de travaux du 30 mai au 7 juin.

Contact : Théâtre de la Commune • Marie Guenoux • 01 48 33 16 16

Panoramiques 2000

Du 22 au 27 mai
AULNAY-SOUS-BOIS (93 600)
Théâtre d'Aulnay-sous-Bois - Espace Jacques Prévert
5 établissements, de la maternelle au lycée
(400 scolaires et non-scolaires)

Les « Panoramiques 2000 » proposent une vue d'ensemble des échanges entre les partenaires artistiques amateurs de la ville d'Aulnay-sous-bois (établissements scolaires, culturels et sociaux). Du 22 au 27 mai, la semaine permet de créer un point de convergence et de rencontres des différents participants. En clôture de cette période créative, une longue journée est consacrée à la présentation des travaux de l'année.

Partenaires artistiques : Cie du Samovar enchanté, Cie La Position du guetteur
Contact : Espace Jacques Prévert • Christian Dubuis • 01 48 68 08 18

Festival de théâtre amateur

 - ➔ Du 22 mai au 16 juin
LE BLANC-MESNIL (93 150)
Forum Culturel
1 association (10 enfants de 6 à 10 ans),
7 collèges, 3 lycées


Du 22 mai au 16 juin, les groupes amateurs de la ville (ou jumelés au Forum Culturel), ont le loisir de présenter le travail mené dans le cadre des ateliers. Ils bénéficient des deux salles, de l'équipe et des moyens techniques du Forum, ainsi que de la collaboration des artistes en résidence (E. Demarcy-Mota avec la Cie du théâtre des Millefontaines, Toméu Vergès avec la Cie Man Drake, W. Mesguich avec la Cie Théâtre de l'Etreinte).

Le développement des ateliers de théâtre amateur permet un partenariat plus soutenu avec les établissements concernés et favorise la confrontation entre la pratique amateur et le spectacle vivant professionnel.

Partenaires artistiques : Cie théâtre Millefontaines/E. Demarcy-Mota, Cie Man Drake/Toméu Vergès, Cie Théâtre de l'Etreinte/ W. Mesguich

Partenaires financiers : DRAC, Conseil général, Ville du Blanc-Mesnil
Contact : Forum culturel • Arnaud Decotte • 01 48 14 22 22
fculture@club-internet.fr

Rencontres théâtrales européennes

 - ➔ Les 6-7 mai
BOLOGNE (Italie)

 - ➔ 2-3 juin
COULOMMIERS (77 120)
Théâtre de Coulommiers

6 établissements dont 2 lycées allemands du Bade-Würtemberg, l'Institut d'études secondaires de Calpe (Espagne) et le lycée Copernic de Bologne (Italie)

Depuis 1996, les élèves de l'option théâtre du Lycée Jules Ferry de Coulommiers inscrivent une partie de leur activité dans un programme européen, élaboré par plusieurs établissements scolaires et dont l'objectif est de favoriser l'échange d'expériences entre élèves, enseignants et intervenants, appartenant à plusieurs pays de l'Union Européenne.

Cette année, ce sont les représentations théâtrales du mythe des Atrides qui constituent la ligne de force des rencontres, avec une inclinaison particulière pour les personnages d'Iphigénie et d'Electre. Sur ce thème, les six ateliers ont développé les premiers échanges en décembre 99, lors d'un stage organisé par les lycées allemands partenaires.

Les 6 et 7 mai, les rencontres réunissent à Bologne 90 élèves venant des 6 ateliers. Dans un premier temps, chaque groupe


présente des extraits de sa production. Ensuite, des expériences de « travaux croisés » sont menées, à l'issue desquelles une nouvelle production sera esquissée.

De retour dans sa ville, chaque groupe présentera sa version, enrichie des divers échanges.

Partenaires financiers : Commission européenne, Conseil régional, Ville de Coulommiers

Contact : Lycée Jules Ferry • Jackie Bougault • 01 64 75 88 44
jules.ferry.77.theatre@wanadoo.fr

Rencontres à l'usine

 - ➔ Les 6 mai et 24 juin
CHOISY-LE-ROI (94 600)
Usine Hollander
1 collège, 3 lycées (environ 100 élèves au total)

Deux samedis sont réservés à l'Usine Hollander avec la Compagnie P. Bigel où une centaine de collégiens et de lycéens, présentent leurs travaux résultants des ateliers option théâtre ou de pratique artistique. Les mêmes jours des débats soulèveront la question de la pratique du théâtre au lycée, et celle du théâtre amateur.

Les jeunes ont abordé : *Casimir et Caroline* d'Odön von Horvath, *Les Cancans* de C. Goldoni, *Inventaires et Chambres* de P. Minyana, *Le Soulier de satin* de P. Claudel.

Depuis 1995, les élèves du lycée Champlain de Chennevières-sur-Marne fréquentent régulièrement l'Usine et bénéficient de l'aide de l'équipe de La Rumeur (décor, lumière, son...). Le lieu est devenu point de rencontres privilégié des élèves.

Partenaire artistique : Cie La Rumeur P. Bigel

Partenaire financier : Lycée Champlain

Contact : Lycée Champlain • Bernard Fauveau • 01 56 86 19 10

Journées du théâtre à l'école

 - ➔ Les 22 et 23 mars
COMBS-LA-VILLE (77 380)
La Coupole
1 école (24 élèves), 2 collèges (40 élèves),
3 lycées (95 élèves)

De l'école primaire au lycée, 159 jeunes se rassemblent au théâtre La Coupole à Combs-la-Ville. Dans un premier temps, les ateliers présentent leur travail. Dans un deuxième temps, les élèves sont répartis en cinq groupes de travail et de discussion, menés à la fois par un intervenant et un ou deux enseignants. Enfin, sur une proposition du metteur en scène invité, les groupes élaborent une petite forme, montrée la dernière demi-journée.

Partenaire financier : La Coupole

Contact : La Coupole • Odette Cianni • 01 60 34 53 74

Rencontre inter-établissements à la Maison des Arts



Le 10 mai
CRÉTEIL (94 000)
Maison des Arts et de la Culture
2 lycées (100 élèves)

C'est dans la petite salle de la Maison des Arts de Créteil qu'ont lieu les rencontres inter-établissements des lycées «option théâtre», partenaires de la Maison des Arts. C'est l'occasion de présenter le travail d'une année, poursuivi avec l'aide des Compagnies Univers théâtre (Laurent Maciet) et La Rumeur (P. Bigel, C. Roux et B. Barilley). Il ne s'agit pas de produire un spectacle abouti, mais plutôt de présenter un travail en cours, de partager un itinéraire artistique. Au lycée Blaise Pascal, la classe de seconde a travaillé *Le Pont de pierres et la Peau d'images* de Daniel Danis, les premières et terminales, le texte de David Harrower *Des couteaux dans les poules*. Au lycée Champlain, les secondes font un montage de textes contemporains, les premières jouent *Les Cancans* de C. Goldoni, les terminales : *Inventaires* et *Chambres* de P. Myniana et *Le Soulier de satin* de P. Claudel, etc.

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC
Contact : Maison des Arts et de la Culture • Géraldine Garin • 01 45 13 19 15
maison.arts@wanadoo.fr

Festival théâtre amateur et Tremplin théâtre jeunesse



Festival théâtre amateur
Du 9 au 14 mai
DRANCY (93 700)
Espace culturel du Parc
Adolescents et adultes des Cies Drancéennes



Tremplin théâtre Jeunesse
Le 14 mai
DRANCY (93 700)
Espace culturel du Parc
1 collège, 6 lycées, 1 LEP

Du 9 au 14 mai, la quinzième édition du festival met en compétition les compagnies de théâtre amateur de Drancy. La dernière journée est réservée à «Tremplin Théâtre jeunesse» qui accueille huit ateliers théâtre scolaire du département. Dans le cadre du Festival Théâtre, le groupe sélectionné après délibération du jury, la compagnie dite «Coup de Cœur», pourra rejouer la saison prochaine à l'Espace culturel du Parc.

Contact : Mairie de Drancy • Service culturel • Carole Eliseu de Oliveira
01 48 96 50 87

Y a-t-il un conteur dans la ville ?



Le 24 mai
EVRY (91 002)
Théâtre de l'Agora
1 école primaire, 2 collèges (100 élèves).

La soirée du 24 mai est consacrée aux travaux menés avec les écoles, collèges ou associations, autour du projet «Ya-t-il un conteur dans la ville?». Moment festif où petits et grands se rassemblent pour écouter, conter ou chanter des histoires.

Partenaires financiers : SAN d'Evry, Ministère de la Culture et de la Communication, Conseil général.
Contact : Théâtre de l'Agora • Agnès Savouret • 01 60 91 65 65

Direct théâtre



Les 3 mars et 14 juin
FRESNES (94 260)
Grange Dimière
3 collèges (250 élèves), 1 lycée (100 élèves)

250 collégiens, 100 lycées et l'équipe artistique de l'AFT acteurs proposent 2 dates.

Le 3 mars, au travers de très courtes pièces (2 à 10 mn) issues de débats et de directs-théâtre (théâtre improvisé, et en prise directe avec les réactions du public), les festivaliers posent la question «Et l'école aujourd'hui?». C'est l'occasion de présenter des extraits de *La pluie d'été* de Marguerite Duras.

Le 14 juin est consacré aux mises en espace de textes résultants des quatre ateliers d'écriture menés pendant la saison scolaire, dont une lecture / mise en espace de la pièce de G. Lépineo écrite à partir de tous les débats, improvisations et ateliers.

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil général, Conseil régional, Intercommunale de la vallée de la Bièvre, ville de Fresnes, FAS, AFT acteurs, les trois collèges de Fresnes et le lycée Mistral
Contact : AFT acteurs • Claude Bernhardt • 01 46 68 39 90
actuel.free.théâtre@wanadoo.fr

Les lycéens brûlent les planches



Les 11, 12, 18 et 19 mai
LE KREMLIN-BICÊTRE (94 270)
Espace André Malraux
16 établissements scolaires (400 élèves)
et 2 associations

C'est la 15^e édition du festival qui a lieu cette année à l'Espace André Malraux du Kremlin-Bicêtre, les 11, 12, 18 et 19 mai. Une trentaine de spectacles de collégiens et lycéens de la région Parisienne, mais aussi de Limoges, Lille et du Sénégal, mêlent théâtre et danse, parfois musique, trapèze ou sculpture.

Très souvent les travaux sont le résultat de «bricolages recherchés» composés de textes d'auteurs, d'écritures d'élèves et d'improvisations retravaillées...
Par ailleurs, des spectacles professionnels sont présentés comme celui de Laura Scozzi, le 19 mai, qui mêlent théâtre, danse et burlesque.

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil régional, Conseil général, Ministère Jeunesse et Sports, villes, FAS-Mission ville, INJEP
Contact : AROEVEN de Créteil • Nicole Bienfait • 01 43 76 20 19

Rencontres en mai

Les 13 et 14 mai
NOISIEL (77 437)
La Ferme du Buisson
6 écoles primaires (286 élèves), 4 collèges (132 élèves), 8 lycées (103 élèves)

Plus de 500 festivaliers s'essayent au théâtre, au cirque, à la danse, à la lecture publique, à l'opéra, aux arts plastiques, ou encore à la vidéographie. Les champs artistiques se croisent et s'enrichissent par frottement des uns aux autres. Les présentations se font sous formes d'extraits, de lectures, de courtes pièces et envahissent tout le site de la ferme du Buisson (plateau, studio, écurie, porche, piscine, auvent, hall, halle).

Partenaires financiers : Rectorat, Inspection académique, DRAC, IFOB, CNC, collectivités locales
Contact : La Ferme du Buisson • Evelyne Nedelec • 01 64 62 77 00

Rencontre théâtrale académique

Le 15 mai
PARIS (75 012)
Les théâtres de la Cartoucherie : du Chaudron, de la Tempête, de l'Aquarium, de l'Épée de bois.
Collèges et lycées (100 élèves).

Le 15 mai, tout l'espace de la Cartoucherie de Vincennes est mobilisé. Les élèves doivent choisir chacun un objet et un texte justifiant leur choix. A l'arrivée, les matériaux, objets et textes, sont brassés et prêts à être exploités par les groupes d'une dizaine d'élèves. Le matin est consacré au travail avec des intervenants qu'ils ne connaissent pas. L'après-midi est réservée à la présentation des recherches des diverses cellules de travail. En fin de journée, un débat est programmé sur la nécessité et l'importance pour ces élèves de faire du théâtre dans leur établissement.

Partenaire financier : Ministère de l'Éducation nationale
Contact : Action culturelle du rectorat de Créteil • Jean-Pierre Lorioi
01 49 81 92 29

Les ateliers de juin

Du 2 au 28 juin
SAINT-DENIS (93 200)
Théâtre Gérard Philippe
5 écoles primaires (275 élèves),
4 collèges (100 élèves), 3 lycées (200 élèves).

Tout au long de l'année, en filigrane dans la ville de Saint-Denis et le département, des artistes travaillent à transmettre avec la complicité des enseignants, quelque chose de l'art de l'acteur aux dionysiens, petits et grands. Le mois de juin est l'occasion de découvrir, dans les trois salles de théâtre, la partie visible de l'iceberg, le moment de révélation.

En parallèle, une exposition photo sur le thème du théâtre «Images côté cour», réalisée par l'association Images Buissonnières, est présentée du 10 au 30 juin. Depuis cinq ans, des photographes partent à la rencontre d'enfants de Seine Saint-Denis pour les initier à la photographie.

Partenaires financiers : Rectorats, DRAC, Inspection académique, ville de St Denis, 2 collèges
Contact : Théâtre Gérard Philippe • Clotilde Turpin • 01 48 13 70 10
tgp.93@libertysurf.fr

Festival du jeune théâtre

Du 15 mai au 24 juin
STAINS (93 240)
Le Central, établissements scolaires,
salles de quartiers
2 écoles (75 élèves), 2 collèges (50 élèves),
1 lycée (45 élèves)

Les spectacles qui sont montrés à Stains, les 15 mai et 24 juin, associent souvent au théâtre, la danse, le chant, ou encore les arts du cirque... Si bien que les propositions théâtrales qui en découlent sont d'horizons très divers : une adaptation par les enfants du texte de Jacques Prévert *Paroles* côtoie *Propriété artistique* de Frédéric Marcheschi et *Le malade imaginaire* de Molière. Les thèmes proposés «la parentalité» et «la parole d'enfant sur le monde», portent à l'éclectisme. Pour 2001, un échange est envisagé en cours d'année avec la Pologne et l'Angleterre.

Partenaire artistique : Cie Studio-Théâtre
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil général, Jeunesse et sport, FAS, Préfecture, Centre social municipal, villes
Contact : Studio-Théâtre • Kamel Ouarti • 01 49 40 00 25
Kamel.Ouarti@wanadoo.fr

Rencontres inter-scolaires des ateliers artistiques

Le 13 et 14 mai
THORIGNY-SUR-MARNE (77 400)
 Centre Culturel Le Moustier
 1 école, 1 collège, 2 lycées

Des extraits de pièces de théâtre *Mystère Bouffe* de Dario Fo et *La ménagerie de verre* de T. Williams, seront présentés les 13 et 14 mai au Centre Culturel Le Moustier. Les jeunes ont travaillé avec la Compagnie Attrape théâtre, et avec le chorégraphe Jean-Christophe Bleton, Ensemble FA7.

Partenaire artistique : équipe artistique du Moustier
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC
Contact : Centre Culturel Le Moustier • Marie-Luce Gorse • 01 60 07 89 67

Rencontres du Théâtre Jean Vilar*

VITRY-SUR-SEINE (94 400)
 Théâtre Jean Vilar

*Les informations précises n'ont pu nous parvenir avant la date d'impression.
Contact : Théâtre Jean Vilar • Emmanuel Têtedoie • 01 55 53 10 80



Rencontres « Entre cour et jardin »

Du 25 avril au 27 mai
MÂCON (71 000)
 Théâtre de Mâcon, l'Espace des Arts
 et l'Abattoir à Châlon-sur-Saône, L'ECLA à St Vallier,
 Théâtre municipal de Cluny
 59 classes de primaires (cycles 1 et 2 – 1160 élèves)

A Mâcon, Châlon-sur-Saône, St Vallier, Cluny, du 25 avril au 27 mai, 1160 élèves (dont 3 classes d'enseignement spécialisé), présentent des adaptations de récits d'auteur (roman court, nouvelle, conte, album...). Les spectacles, d'environ 30 mn, intègrent divers modes d'expression : théâtre, danse, chant, chœurs parlés... Une seule règle : intégrer un objet ayant un rôle dans le récit !

Avant chaque représentation la classe présente son travail, juste après la représentation un échange est organisé, à chaud, entre acteurs et spectateurs, sous formes de questions / réponses.

Partenaires artistiques : Théâtre de Mâcon, l'Espace des Arts et l'Abattoir à Châlon-sur-Saône, L'ECLA à St Vallier, Théâtre municipal de Cluny
Partenaires financiers : Rectorat, Centres culturels, villes, écoles (coopératives et associations)
Contact : Inspection académique • Jocelyne Jault • 03 85 39 82 03

Défi Théâtre 2000

Du 1^{er} avril au 24 juin
NEVERS-DECIZE (58 000)
 Établissements scolaires
 et salles des fêtes de la région
 6 écoles primaires (150 élèves),
 3 collèges (150 élèves)

Tous les élèves, écoliers, collégiens et lycéens ont regardé *La Farce enfantine de la tête de dragon* de Ramon del Valle Inclan, mise en scène par J.L. Revol/Cie Caramel Fou, en résidence à la Maison de la Culture de Nevers et de la Nièvre.

Les productions des classes ne portent pas sur des pièces mais des extraits dans un temps limité, 15 à 20 mn maximum, plus facile à confronter les uns aux autres. Les enseignants déterminent la thématique à partir des partis pris de jeu et de mise en scène. Cette année, le merveilleux, la farce, la marionnette et l'adaptation théâtrale du conte ont été proposés.

Partenaire artistique : Théâtre du Caramel Fou (TCF)
Partenaires financiers : FOL, établissements scolaires
Contact : IEN Nevers • Philippe Thémiot • 03 86 59 02 36
 ce.la58@ac-dijon.fr



Mai-Création / Mois de la Jeune création en milieu scolaire

Du 28 avril au 10 juin
BOURGOIN-JALLIEU (38 300)
 Théâtre Jean Vilar, Salle polyvalente
 24 écoles (600 élèves),
 6 collèges (365 élèves), 1 lycée

600 élèves de classes primaires se sont penchés sur le thème « En passant l'an 2000 », quant aux 365 collégiens, ils ont réfléchi à partir de pistes très variées : les relations maîtres / valets, l'approche de la fin du monde, les capacités de l'informatique (redécouverte des livres et de la nature), la solidarité entre les êtres, l'amour, l'école et ses contradictions... Thèmes porteurs vers le théâtre, le jeu masqué, la comédie musicale, la danse, le cirque ou la musique. D'autres pratiques artistiques ont été exploitées comme le chant, l'expression corporelle ou encore les arts plastiques (décors).

Partenaires artistiques : Cie Les Trois-Huit, Cie Les Voisins du dessous, Cie Abbac, Cie African Culture Arts, F. Kucheida
Partenaires financiers : Rectorats (Grenoble et Isère), DRAC, Conseil régional, Conseil général, ONDA, Foyer socio-éducatif, ville de Bourgoin-Jallieu, sponsors
Contact : Théâtre Jean Vilar • Sandrine Froissart • 04 74 28 05 73

Rencontres départementales de théâtre scolaire

1^{er} décembre 1999 et 7 juin 2000
CHAMBÉRY (73 000)
Espace A. Malraux, Espace Culturel
6 collèges (120 élèves)

Les rencontres se font en deux étapes :

En décembre, des ateliers ont été proposés aux collégiens par la Compagnie des 2 mondes autour du spectacle *L'Histoire de l'oise*, qui aborde le thème de la violence et le rôle de la marionnette. Une attention particulière a été consacrée à la marionnette, sa relation avec le masque et sa place dans le théâtre ou encore sur les techniques de manipulation. L'environnement sonore au théâtre et le rôle de la lumière (l'implantation lumière du spectacle) ont également été traités. En juin, les collégiens ont 6 représentations de 20 à 45 minutes pour confronter leurs réalisations, ce qui devrait permettre aussi d'aiguiser leur regard de spectateur.

Partenaires artistiques : Espace A. Malraux, Théâtre en Savoie, Centre Dramatique de Savoie

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil général, ville de Chambéry, Association théâtre en Savoie, Antenne théâtre du CDDP

Contact : Collège Rousse • Suzanne Simond • 04 79 33 63 04

Au rythme des sarbacanes et des grenouilles pulpeuses

Du 23 mai au 3 juin et du 27 juin au 3 juillet
GRENOBLE (38 000)
Usine G. Merlin-Gérin
8 collèges, 3 lycées

Groupe de recherche permanente en pédagogie de la création depuis 1983, les Mauvaises Herbes, composées de collégiens et de lycéens, proposent un spectacle conçu pour un espace industriel, l'Usine G Merlin-Guérin à Grenoble. Pendant une semaine le spectacle, issu d'une écriture collective, est présenté chaque soir aux élèves et aux parents pour leur faire découvrir une démarche singulière qui croise les arts contemporains.

Partenaires artistiques : Cie Bagages de sable

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Ville

Contact : Les Mauvaises herbes • Patrick Le Coustumer • 04 76 95 14 41

Espace 600

L'espace 600, Centre de Ressources Artistiques et Culturel pour la Jeunesse, met en place une rencontre théâtrale entre élèves qui ont fréquenté régulièrement le théâtre, en tant que spectateurs, durant la saison. A leur tour, les enfants deviennent les acteurs d'un travail qu'ils ont élaboré avec des professionnels. Cette rencontre est un temps d'échange et l'occasion de désacraliser la scène et le jeu dramatique.

La 2^e rencontre du Jeune théâtre
Les 29 et 30 mai
GRENOBLE (38 100)
6 écoles primaires (180 élèves).

Six classes de primaires (écoles jumelées avec l'Espace 600) présentent leurs travaux (créations, lectures, tableaux vivants et extraits de pièces) centrés sur le thème de la sorcière. Les enfants ont travaillé à partir de *Dernier rayon* de J. Jouanneau et du livre de D. Paquet *Un hibou à soi*. Le spectacle de marionnettes *Des images pour Vincent Van Gogh*, donné pour tous les festivaliers par la Compagnie Jean-Pierre Lescot, est suivi par un temps de discussion avec les spectateurs.

Nuit du théâtre
Le 30 juin
GRENOBLE (38 100)
3 collèges (45 élèves), 5 lycées (65 élèves),
2 associations (20 personnes)

La nuit du Théâtre est un moment de rassemblement des ateliers-théâtre scolaires ou de jeunes compagnies. Le 30 juin, chaque groupe engagé dans une démarche artistique spécifique présente 1/4 d'heure de théâtre (extrait de spectacle, ébauche de création, séance de travail...). Un espace de paroles est réservé au cours de la soirée pour échanger sur les expériences de chacun.

Partenaires financiers : Rectorat

Partenaires artistiques : Le Groupe O, compagnie théâtrale en résidence

Contact : Espace 600 • Geneviève Lefauré • 04 76 29 42 82 •
espace600@europost.org

Printemps théâtral / Soirée Jumelage


Le 18 mai
MEYLAN (38 240)
L'Hexagone, Collège L. Terray
4 collèges, 3 lycées (250 élèves)

Après avoir répété pendant deux jours sur le plateau de l'Hexagone dans des conditions professionnelles, les élèves vont sélectionner un extrait de leur spectacle (théâtre, conte, danse ou chansons) pour le présenter en public le jeudi 18 mai. Dans un deuxième temps, tous les jeunes qui ont une pratique régulière d'une activité artistique dans l'année vont se répartir au sein de nouveaux groupes pour suivre un nouvel atelier avec un intervenant. Un temps de discussion et d'échanges est prévu en soirée.

Partenaires artistiques : Cie C. Marie, Cie Ainsi Danse, Cie Athena, ECT, Cie En scène et ailleurs

Contact : Hexagone, Scène Nationale • Eliane Sausse • 04 76 90 09 80
hexagone-meylan.asso.fr

5^e rencontre Jeune théâtre Haute-Savoie


 Du 9 au 12 mai
SEYNOD (74 600)
Auditorium de Seynod
7 Collèges, 9 lycées, Conservatoire de Lausanne

Les rencontres Jeune théâtre concernent une quinzaine d'ateliers théâtre d'établissements scolaires venant de tout le département de la Haute-Savoie qui présentent, à l'Auditorium de Seynod, le travail mené durant l'année.

Des « petites formes », qui ne dépassent pas une 1/2 heure, côtoient des spectacles aboutis présentés au public dans des conditions professionnelles.

Partenaires artistiques : Conservatoire de Lausanne, Cie C. Confortès, Centre dramatique de Savoie, Ecole de musique de Seynod, MJC de Seynod
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil général, Ville de Seynod, Caisse d'Épargne des Alpes
Contact : Auditorium • Joseph Paleni • 04 50 52 16 46

Mise en scène de l'évolution d'un parcours théâtral

 Du 21 au 22 juin
SEYSSINET-PARISSET (38 170)
Salle Jean-Jacques Rousseau
4 écoles (75 élèves), 1 collège (50 élèves),
1 lycée (50 élèves)

Le 22 juin est la journée consacrée à la présentation du travail théâtral développé dans chaque établissement avec les intervenants comédiens et les enseignants (de la primaire au lycée). En primaire, outre une lecture originale, celle de « la charte de conduite du spectateur », un travail autour de contes puisés dans la littérature jeunesse sera présenté. Au collège, ils jouent des extraits de Molière, R. Devos, K. Valentin et J. Romain. Au lycée, ils gardent le secret le plus longtemps possible...

Contact : Centre culturel J.J. Rousseau • Marie-Claire Gaillardin
04 76 21 17 57

Rencontres « École et Création »

 Du 18 mai au 16 juin
VALENCE (26 000)
Salle G. Brassens, Train Théâtre, Salles Fontaine et M. Pagnol, Théâtre Bel Image, Auditorium, Théâtre des Cordeliers et Salle J. Vilar
21 écoles (900 élèves), 7 collèges (249 élèves),
1 lycée (15 élèves), Divers (92 jeunes)

Les Rencontres « École et Création » existent depuis douze ans

et connaissent une expansion croissante, tant par le nombre de participants que par le nombre de villes impliquées dans l'opération. Quelque 1300 festivaliers, présentent un spectacle d'une trentaine de minutes dans des salles professionnelles. Les 18 et 19 mai à Portes-Lès-Valence; le 23 mai à Saint-Paul-Trois-Châteaux, le 26 mai à Valence, les 15 et 16 juin à Romans. Chaque journée s'achève par un spectacle professionnel.

Partenaires artistiques : Train Théâtre de Portes-Lès-Valence, Comédie de Valence

Partenaires financiers : Rectorat, Conseil général
Contact : CDDP • Christèle Micolet • 04 75 82 43 43
cddp26@ac-grenoble.fr



Printemps théâtral intercommunal

 Du 12 mai au 9 juin
ARRAS (62 000)
Théâtre d'Arras, IUFM d'Arras, Culture Commune-Scène nationale
20 écoles (500 élèves), 2 collèges (60 élèves),
1 lycée (30 élèves)

Les rencontres 2000, coordonnées par le Théâtre d'Arras, Culture Commune et l'atelier de l'IUFM d'Arras, tournent autour du texte dramatique pour la jeunesse et sa mise en jeu. Différents temps forts sont prévus : des journées de rencontres et d'échanges d'une vingtaine de classes primaires de la commune de Montigny-en-Gohelle autour du texte de C. Anne *Ah là là quelle histoire*; des ateliers avec des comédiens professionnels; une table ronde le 12 mai à la Fabrique Théâtrale de Culture Commune sur le thème « Échanges sur les pratiques autour du texte contemporain ». Un spectacle professionnel en adéquation avec le travail effectué : *Le Pont de pierres et la Peau d'images* de D. Danis, mise en scène par V. Goethals, est présenté le 13 mai.

Partenaires artistiques : Théâtre d'Arras, Culture Commune
Partenaires financiers : Rectorat, Théâtre d'Arras, IUFM d'Arras, Culture Commune-Scène nationale
Contact : Culture Commune - Scène nationale • Brigitte Chaffaut-Mouchard
03 21 14 25 35 • brigitte@culture-commune.asso.fr

Qu'est-ce que c'est que ça ?



Les 19, 22 et 23 mai
BAPAUME (62 450)
Salle des fêtes/Mairie
1 lycée (200 élèves)

La première édition de cette manifestation propose l'interprétation successive par des groupes différents du même texte : «*Ça*» de Jean-Yves Picq (extrait de *Donc*, Petites pièces à géométrie variable chez Color gang édition). Les thèmes abordés sont variés, le «*ça*» pouvant symboliser la personne aimée, une tentative de rackets... Ces groupes mêlent 20 adolescents et 10 adultes travaillant dans l'enceinte de l'établissement. L'année écoulée a permis aux élèves d'assister à trois spectacles au Théâtre d'Arras et à l'Université d'Artois. Ces sorties et ces ateliers ont lieu dans le cadre d'une action triennale de la compagnie Tekné au Lycée de Bapaume.

Partenaire artistique : Compagnie Tekné : Thomas Gennari, Franckie Defonte

Partenaires financiers : Conseil régional, Lycée

Contact : Lycée professionnel de Bapaume • Thomas Gennari • 03 21 07 11 10

Printemps théâtral : présentation de fin d'année



Du 22 au 31 mai
DOUAI (59 500)
L'Hippodrome, Scène nationale
3 lycées (130 élèves)

Cette manifestation se tient pour sa deuxième année dans l'enceinte de l'Hippodrome. Les élèves ont travaillé avec des intervenants de la compagnie Théâtre en scène de Roubaix. Le résultat de ces échanges est proposé lors des 11 représentations données du 22 au 31 mai avec des extraits de *Littoral* et *Les Mains d'Edwige au moment de la naissance* de Wajdi Mouawad, ou de *La Furie des nantis* et *Sauvé* d'Edward Bond.

Partenaire artistique : Théâtre en scène, Roubaix

Partenaire financier : Rectorat

Contact : L'Hippodrome • Marie-Agnès Sevestre • 03 27 99 66 60
secretariat@hippodromedouai.com

Pascal t'es lourd



Les 18 et 19 mai
LILLE (59 000)
Le Grand Bleu, CDN Jeune Public
2 écoles primaires (30 élèves), 3 collèges (40 élèves)

Le travail des ateliers s'est axé, à partir d'improvisations, sur la gestuelle, le corps et sa mémoire. L'objectif de ces deux

journées est de présenter les travaux réalisés en atelier pour cette année passée, et de découvrir au cours d'une demi-journée de stage ce type de théâtre. Un débat est prévu autour du thème «*Le corps, lieu de rythme et du rite de la conscience collective*». Les enfants peuvent assister aux spectacles *Samarcande* et *Les Ailes* mis en scène par Antonio Viganò. L'atelier des 16-17 ans du Grand Bleu propose la pièce *Pascal t'es lourd!* chorégraphiée et mise en scène par Cyril Viallon et Nathalie Cornille.

Partenaires artistiques : Antonio Viganò, Joseph Seiclune

Partenaire financier : Rectorat

Contact : Le Grand Bleu • Françoise Allombert • 03 20 09 45 50
grandbleu@nordnet.fr

8^e Festival des théâtres de jeunes



Du 12 au 14 mai
SAINT-LAURENT-BLANGY (62 223)
Salle des fêtes
Ecoles primaires (50 élèves),
collèges et lycées (64 élèves)

Les 12, 13 et 14 mai, sont les jours réservés pour les présentations des ateliers théâtre, ouvertes à tous et gratuites. Cette année encore, il s'agit de créer un moment festif où 64 jeunes de 7 à 18 ans, pratiquant le théâtre dans le Pas-de-Calais, ont l'occasion de montrer leurs travaux et d'échanger autour des pratiques artistiques.

Le 12 mai, est consacré aux plus petits avec le Festival enfant regroupant les ateliers théâtre des écoles élémentaires. Les 13 et 14 mai, c'est au tour des collèges et des ateliers avec des rencontres et échanges autour de leurs expériences théâtrales. Les jeunes et les responsables d'ateliers ont sélectionné ensemble un thème commun à ces rencontres, tremplin pour imaginer diverses situations de jeux autour «*du balai*» et «*d'un carré de moquette de 5 x 3 mètres*».

Partenaire artistique : Cie de l'Ortie blanche

Partenaires financiers : Conseil général, ville de St-Laurent-Blangy, FOL, Cie de l'Ortie blanche

Contact : L'Ortie blanche • Nathalie Lucas • 03 21 59 25 60

Présentation des Ateliers Théâtre



Les 13 et 14 mai
VILLENEUVE-D'ASCQ (59 650)
La Rose des Vents - Scène nationale
9 établissements (2 ateliers en primaire, 1 en lycée)

Depuis 6 ans, ces journées ont pour but de permettre aux enfants et adolescents de présenter à leurs proches ou aux autres élèves le travail effectué en atelier. Cette année, le choix

des textes s'est porté, entre autres, sur Samuel Beckett et Bernard-Marie Koltès. La participation aux ateliers est aussi l'occasion pour les enfants d'assister aux spectacles en représentation à La Rose des Vents.

Partenaire artistique : Aude Denis, comédienne

Partenaires financiers : DRAC, Ville, Scène Nationale La Rose des Vents

Contact : La Rose des Vents • Stéphane Frimat • 03 20 61 96 90
larosedesvents@infonie.fr



Acteurs juniors, rencontres de théâtre d'enfants et de jeunes gens

➔ Du 24 au 27 mai
DAVIGNAC (19 250)
Salle polyvalente
Ecoles primaires, collèges (13 groupes, 250 jeunes), associations

Les rencontres «Acteurs Juniors» réunissent les enfants et les adolescents engagés dans une pratique théâtrale régulière, en milieu scolaire ou associatif. Situées au carrefour des démarches pédagogiques et des pratiques artistiques professionnelles, les rencontres, point d'échange et de confrontation, permettent aussi de valoriser les productions des jeunes, en excluant toute compétition. Cette année, une place prépondérante est réservée à l'écrit. Par ailleurs, des spectacles professionnels offrent l'opportunité d'élargir la vision du théâtre.

Partenaires artistiques : La Luzège (Structure artistique), comédiens des compagnies

Partenaires financiers : Rectorat (MAEC), DRAC, Inspection académique, Jeunesse et Sports, ADIAM, Conseil général, Foyer rural de Davignac, FAL
Contact : FAL • Héliène Lacassagne • 05 55 26 42 12



Rencontres Théâtrales de la Loire des ateliers et des options

Les rencontres de la Loire se déroulent en 2 étapes :
Le premier temps, le 2 février, est consacré à «la découverte» (à Andrézieux). Sont proposées aux élèves des pratiques artistiques permettant d'établir un prolongement aux travaux effectués dans les établissements scolaires.
Le 5 mai, deuxième temps, est celui de «l'échange» (à St Priest-en-Jarez), où les élèves présentent ce qu'ils ont mis en œuvre. L'écart entre les dates de ces rencontres est le laps de temps nécessaire à la maturation du travail théâtral.

➔ Le 2 février
ANDRÉZIEUX (42 160)
Théâtre du Parc, Conservatoire, Gymnase,
Théâtre de la Fabrique
7 collèges (91 élèves), 6 lycées (98 élèves)

C'est le temps des rencontres avec les professionnels du spectacle au sein d'ateliers pratiques (par groupes de 14 à 25) : «Voix et danse primitives», «Chorégraphie», «Jeu / mon jeu : les frontières antagonistes / protagonistes», «Marionnettes», «Dérision de la parole», «Approche de la Commedia dell'arte», «Le clown de théâtre», «Improvisation», «Du jeu au texte», «Mise en mouvements».


➔ Le 5 mai
SAINT-PRIEST-EN-JAREZ (42 272)
NEC (Nouvel Espace Culturel)
2 écoles (30 élèves), 2 collèges (30 élèves),
6 lycées (110 élèves)

Les festivaliers ont 20 minutes pour présenter un extrait des travaux effectués, sans chercher à finaliser un spectacle. L'objectif de cette rencontre est de rendre compte et d'apprécier la diversité des approches.

Partenaires artistiques : Cies de La Commune, La Berlué, Choch Théâtre, Ph. Vincent, Cœur d'Artichaut, Malgraine, Trouble Théâtre, Asphodèle Danse, La Tarlatane

Partenaires financiers : Rectorat, NEC, Théâtre du Parc
Contact : Lycée du Forez • Bernard Fournier • 04 77 26 37 89


Printemps théâtral Rhône

 Le 16 mai
FEYZIN (69 320)
Centre Léonard de Vinci
10 collèges (170 élèves), 2 lycées (24 élèves)

C'est un moment de fête du théâtre. Le 16 mai, collégiens et lycéens des ateliers et options du Rhône présentent leurs travaux pendant une demi-journée, l'autre moitié du temps est consacrée à des modules de pratique de théâtre et de danse animés par des professionnels aux démarches variées (occasions pour les élèves d'expérimenter de nouvelles voies). Un thème de travail a été proposé « Corps et texte » ainsi qu'un texte « prétexte » d'Eugène Guillevic *Le Sorti des mots*.

Partenaire artistique : Cie Macocco-Lardenois
Partenaire financier : Rectorat
Contact : Rectorat • Raymond Citterio • 04 72 80 64 16
speci@ac-lyon.fr


Printemps théâtral rencontres de l'Ain

 Le 17 mai
OYONNAX (01 100)
Espace A. Malraux de Nantua
3 collèges (40 élèves), 4 lycées (60 élèves)

Le 17 mai, à l'espace Malraux, collégiens et lycéens, font des présentations scéniques de courtes productions (achevées ou en cours d'élaboration) représentatives du travail pratique effectué. Des débats entre acteurs et spectateurs sont prévus à l'issue de chaque spectacle. En cours de journée des événements et animations diverses émailleront les bords du lac, les trottoirs et les places de Nantua, sous la conduite d'enseignants et de professionnels. Un suivi vidéo de la journée est prévu, ainsi qu'un reportage photographique.

Partenaire artistique : Cie Ariadne
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil général, établissements scolaires
Contact : Lycée Painlevé • Christophe Damidaux • 04 74 81 21 00
0010034G@ac-lyon.fr

Printemps du jeune théâtre en Roannais


 Le 6 avril et du 6 au 7 mai
ROANNE (42 300)
Théâtre municipal
4 collèges (90 élèves), 2 lycées (40 élèves)

Au théâtre municipal de Roanne, le programme des rencontres de mai entre collégiens et lycéens, met la comédie à l'honneur: *Comme il dit : Comédies* (extraits), *Un brin de lumière dans le noir* (création), *Domestiques et valets* (extraits), *Suite pour poursuite* de G. Chavassieux, *La quête du Maal* de

J.P. Guinard, *Mieux vaut en rire* (création).
Une troupe amateur propose, en soirée récréative, une comédie de boulevard *Les Copines* de P. Chesnot.

Partenaires artistiques : Georges Montiller, sociétaire de la Comédie Française; Marius Dulac, président club des Plaines du Côteau
Partenaires financiers : Rectorat, Conseil Général, Villes de Roanne, Riorges et Mably
Contact : FOL 42 • Jean-Luc Guillot • 04 77 71 25 81

Semaine des jeunes créateurs


 Du 22 au 26 mai
VOIRON (38 500)
Le Grand Angle
2 écoles maternelles, 3 primaires, 3 collèges,
6 lycées et ateliers hors scolaires (450 jeunes)

La Semaine des jeunes créateurs présente des travaux émanant des différents ateliers de pratique artistique conduits par des artistes auprès de jeunes (scolaires et non scolaires) et de groupes mixtes adultes-jeunes pendant l'année scolaire. Ces travaux sont présentés dans des conditions techniques professionnelles, encadrées par l'équipe du Grand Angle. La semaine est conçue comme une étape dans un parcours de sensibilisation des jeunes au spectacle vivant. Elle comporte: du théâtre, une expo photo, des courts métrages « Ciné ville », de la danse, des itinéraires photos et des installations sonores.

Partenaires artistiques : Théâtre: Cie L'Apethi/ Si l'on rêvait, Cie Ariadne, Cie Chantal Morel/E.C.T.; comédiens: C. Taponard, S. Bernard.
Danse: Cie Hypnose/S. Guillemin.
Musique: Ensemble Odyssee et Studio Grame.
Photos: F. Helgorsky; Conte: T. Tochon, G. Bigot.
Cinéma: P. Constantin, P. Pujol (metteur en scène).
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil général, Ville de Voiron, Grand Angle
Contact : Le Grand Angle • Patricia Solaro • 04 76 65 93 00



Rencontres théâtrales à Fort-de-France

 Les 18, 19 et 23 mai
FORT-DE-FRANCE (97 200)
L'Atrium, Scène nationale
1 école primaire (30 élèves), 5 collèges (90 élèves),
3 lycées (110 élèves)

Les 18 et 19 mai, puis lors de la soirée grand public du 23 mai,

les élèves montrent leurs travaux. Au programme : des montages poétiques (J. Prévert et R. Desnos) avec musique et chants, des brèves d'auteurs, et puis quelques incontournables que l'on retrouve toujours avec plaisir tels que Shakespeare; Anouilh; Molière ou Racine. Cependant, l'accent est surtout mis sur les pièces contemporaines, avec de nombreux extraits de textes : *Silences complices* de D. Keene; *Légères en août* de D. Bonal; *La folle soirée* de F. Garnier; *PittBull de Foissy/Spycher*, etc.

Un spectacle professionnel « L'Eden Cinéma » de Marguerite Duras (créée à la Martinique, production du C.D.R.M. en octobre 1999) rassemble trois des intervenants de l'option théâtre du lycée de Schoelcher.

Partenaires artistiques : Centre Martiniquais d'action culturelle (L'Atrium), Théâtre de l'Ephémère au Mans

Partenaires financiers : Rectorat, Conseil régional, Conseil général
Contact : Lycée Schoelcher • Michel Dural • 05 96 71 81 15



Artistes au lycée

→ Février
ALÈS (30 100)
Lycée Jean-Baptiste Dumas
1 lycée (3000 élèves)

Quand « Artistes au lycée » s'installe dans l'enceinte de la cité scolaire Jean-Baptiste Dumas à Alès, 3000 élèves de la seconde à la terminale s'emparent des lieux et hissent les couleurs du théâtre, les classes deviennent salles de spectacles, les allées autour du lycée accueillent des expériences de cirque et de théâtre de rue.

L'idée directrice de cet événement est de permettre aux lycéens d'avoir accès à quelques unes des expressions artistiques contemporaines. La programmation de la manifestation se fait dans une démarche de recherche et d'exploration permanente.

Les professionnels rassemblés ici se sentent moins détenteurs d'un message que porteurs d'une envie de dire le monde et d'en parler à ceux qui le feront demain. Aussi, chaque représentation réserve un espace de paroles et d'échanges, qui permet la confrontation des attentes, des découvertes et expériences de chacun, source d'émotions, de plaisirs, de connaissances et d'expressions de toutes sortes.

Partenaires artistiques : Cratère Théâtre d'Alès

Partenaires financiers : DRAC, Conseil général, Conseil régional, ville d'Alès

Contact : Cratère Théâtre • Sébastien Paris • 04 66 52 90 00

Saperlipopette, voilà Enfantillages

→ Du 6 au 22 mai
MONTPELLIER (34 000)
Parc départemental d'art et de Culture
25 groupes (450 enfants)

Deux week-ends, les 6 et 7 mai puis les 13 et 14 mai, sont consacrés à des « lectures en scène ». Pendant environ 10 mn, les élèves lisent des extraits des textes : *Ah ! Anabelle* de Catherine Anne (École des Loisirs); *Il faut tuer Sammy* d'Ahmed Madani (École des Loisirs); *La Jeune fille, le Diable et le Moulin* d'Olivier Py (École des Loisirs); *Quel farceur, mon neveu*; *La chambre à coucher* de Bernadette Le Saché et Jean-Louis Bauer (Pince-oreille); *Barbe-Bleue* de Jean-Pierre Moreeux et Patricia Giros (Actes-Sud); *Plouf* de Valery Petrov (Les Solitaires Intempestifs).

Partenaires financiers : DRAC, Conseil Général, District, ville de Montpellier, Théâtre des Treize Vents

Contact : Théâtre des Treize Vents • Claudine Arignon • 04 67 99 25 25

Tous en scène

→ Le 12 avril et du 20 au 30 mai
NARBONNE (11 100)
Scène nationale de Narbonne
5 lycées (200 élèves)

Le 12 avril c'est le jour le plus long. Le matin démarre avec une rencontre inter-établissements (Narbonne, Perpignan et Castelnaudary) où des ateliers thématiques réunissent les élèves en section théâtre. L'après-midi est consacrée à la présentation du travail de chaque groupe, suivie d'un débat puis d'une rencontre avec les comédiens de la Cie Jérôme Deschamps qui jouent, en soirée, *Les Pensionnaires*. Le 30 mai au Théâtre de Narbonne, la classe de Première Théâtre au Lycée Lacroix présente *L'île des esclaves* de Marivaux.

Courant avril-mai et le 20 mai, la classe de Seconde-Théâtre (lycée Lacroix), propose une mini-manifestation qu'il nomme « Théâtre hors les murs » avec happenings et théâtre d'intervention.



Par ailleurs, un travail autour de la critique de spectacles est entrepris en partenariat avec les quotidiens locaux et le lycée technique et professionnel de Narbonne.

Partenaires artistiques : Cie J. Deschamps, Cie du Chariot, Cie les Bouffons du Midi, Cie Théâtre 7

Partenaires financiers : DRAC

Contact : Scène Nationale de Narbonne • Audrey Tallieu • 04 68 90 90 00
www.narbonne.com/letheatre



Rencontres du théâtre scolaire

 -  Du 12 au 14 mai
NÎMES (30 000)
Théâtre de Nîmes, lycée Daudet
5 collèges (60 élèves), 4 lycées (48 élèves)

Maîtres ou valets? Du 12 au 14 mai, dans les deux théâtres de Nîmes, 108 élèves festivaliers, ont 9 représentations et 45 mn à chaque fois, pour dresser un tableau rapide des rapports entre maîtres et valets dans la littérature théâtrale. Pendant 3 jours, un directeur de Centre National portera un regard extérieur sur le travail effectué. En fin de chaque demi-journée de travail des débats entre intervenants et élèves sont prévus.

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, DDJS, Conseil régional, Conseil général, ville de Nîmes, FALEP, Théâtre de Nîmes
Contact : FALEP • Laurence Filippi • 04 66 36 31 40
laurence.a.filippi@wanadoo.fr

Les théâtrales primaires et maternelles

 -  Les 10, 17 et 24 juin
PERPIGNAN (66 000)
Perpignan, Prades, Collioure, Sarède, Millas
7 écoles primaires (300 élèves)



Au programme des 10, 17 et 24 juin, il y a du théâtre, de la musique, du chant et de la danse au travers de 12 fables de La Fontaine, des contes autour du Minotaure, des Fragments du *Petit-Prince* de St Exupéry, des poésies sur la mémoire, des textes créés par les élèves.

Ces rencontres OCCE concernent 13 instituteurs-stagiaires qui se sont engagés à suivre une formation régulière. Ils ont passé une convention avec « Passerelle », structure de diffusion de spectacles jeune public, ce qui leur permet d'emmener leurs élèves voir au moins 3 spectacles par an.

Partenaire artistique : École du Comédien, Bernard Guitté
Partenaires financiers : ADD, MJC, FOL, Passerelle, OCCE National, OCCE 66
Contact : École primaire Banyuls/mer • Nicole Costa • 04 68 88 30 11



Mon mouton est un lion



 -  Du 1^{er} mai au 12 mai
PHALSBURG (57 370)
Phalsbourg, Saverne, Sarrebourg, Sarre-Union
35 écoles et maternelles, 7 collèges, 7 lycées

Pour la 2nde édition « Mon mouton est un lion » a lieu du 1^{er} au 12 mai, à Phalsbourg, Saverne, Sarrebourg et Sarre-Union, et de façon générale sur le Sud-Mosellan, l'Alsace Bossue et la région de la Saverne. Le festival consiste en la diffusion de spectacles professionnels (théâtre, danse, musique), l'organisation de stages pour les jeunes amateurs et la présentation de spectacles créés par des jeunes, de la maternelle au lycée.

L'édition 2000 incarne son inter-régionalité par sa maîtrise d'œuvres partagées (ACTE/Phalsbourg, Espace Rohan/Saverne), le territoire transfrontalier de diffusion de la manifestation et la programmation de compagnies des deux régions (La Balestra, Les Chercheurs d'Arts Associés, Médiane, Calamity Jane...). Des spectacles « pour toute la famille » sont proposés : un spectacle de rue et de marionnettes *Tête d'Enclume* par la Cie Balestra ; une invitation à la fréquentation des bibliothèques avec *Le moissonneur livreur* par la Cie Les Chercheurs d'arts associés ; du théâtre d'ombres avec le théâtre du Tilleul *Moi, Fifi perdu dans la forêt* ; du théâtre forain avec *Mélodie foraine* par la Cie pour rire, des jeux d'apparitions et de disparitions avec *Petits matins* par le Théâtre de l'Eclaircie, du cirque avec *Yvan l'Impossible*...

Partenaires artistiques : La Balestra, Lonely Circus, La Loupiotte
Partenaires financiers : DRAC Lorraine et Alsace, Conseil régional d'Alsace, Conseil régional de Lorraine, Conseil général Moselle et Conseil général Bas-Rhin, Villes
Contact : ACTE • Nicolas Bertrand • 03 87 24 41 41 • nb@mollymail.com

Mini-festival transfrontalier

 -  Du 16 au 19 mai
SANCY (54 560)
Maison de la Culture d'Arlon en Belgique (6700)
20 collèges (375 élèves), 10 lycées (150 élèves)

Le 11^e Mini-festival est avant tout une fête qui rassemble les ateliers de théâtre des établissements d'enseignement secondaire des Trois Frontières et constitue l'un des objectifs de l'ACCTE (Association pour la coopération culturelle transfrontalière en Europe). Les productions sont présentées au public à la Maison de la culture d'Arlon en Belgique, les 16 et 19 mai. Il y aura beaucoup de créations collectives autour de la communication et de l'échange, thèmes traités sous tous les angles, du comique au tragique. Cette nouvelle session tente

de resserrer les liens entre le monde amateur et professionnel et de favoriser l'échange entre jeunes de nationalités différentes.

Le projet, né d'une envie de foisonnement culturel en Lorraine Nord, termine la saison avec le Mini-festival, mais les « rencontres » avec les artistes professionnels durent toute l'année sous forme de stages, ce qui permet de développer l'accès à la création théâtrale contemporaine transfrontalière. Répondant au désir des jeunes d'être actifs à la fois en tant que spectateur et comédien, les stages sont « à deux pôles » : d'une part, un approfondissement du jeu de l'acteur ; d'autre part, une initiation aux supports créatifs et expressifs, tels que la marionnette, le mime, le monde sonore, la lumière ...

Partenaires artistiques : Les Mortadelles (Belgique), Les Clandestines Ficelles, Les Crieurs de nuit, Le Théâtre de Cristal, Théâtre du Paradis d'Homécourt, Le Conservatoire de théâtre de Luxembourg, La Torpille
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, CRAC, Jeunesse et Sport, Conseil général Moselle et Conseil général Meurthe et Moselle, Inspections académiques Moselle et Meurthe et Moselle, Fonds Européens, TPL Thionville, Maison de la Culture d'Arlon, Théâtre des Capucins, Ville de Florange, Sponsors (Super U, Caisse d'Épargne)
Contact : ACCTE • Patricia Heymans • 03 82 21 65 80

Rencontre de théâtre jeune public SAR-LOR-LUX

➔ Du 29 au 31 mai
SARREBRÜCK
Sarre, Lorraine, Luxembourg
6 collèges (120 élèves), 3 lycées (60 élèves)

La Lorraine étant une région transfrontalière (Belgique-Luxembourg-Sarre), l'Association chargée des rencontres culturelles en Lorraine a mis en place, dès 1987, le Festival de Théâtre Jeune Public SAR-LOR-LUX. Les trois journées de rencontres à Sarrebrück, les 29, 30 et 31 mai, comprennent à la fois les présentations de travaux de collégiens et lycées, des ateliers transfrontaliers de pratique théâtrale en journée (animés par des comédiens professionnels des trois pays), une formation conjointe d'enseignants, trois spectacles professionnels en soirée (Lorraine, Luxembourg et Sarre). Le festival couvre ainsi le champs global des pratiques théâtrales et se prolonge tout au long de l'année (appariements et formation d'enseignants).

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Ministère de Sarre, Ministère du Luxembourg.
Contact : Rectorat • Claude Rosenkrantz • 03 83 86 21 37
ce.difap-crac@ac-nancy-metz.fr



Printemps théâtral des écoles, collèges et lycées

➔ 3 au 4 avril pour les écoles
8 au 12 avril pour les lycéens
22 au 25 mai pour les collégiens
ANGERS (49 000)
Centre Jean Vilar à Angers, Centre culturel de Segré,
Salles de Doué-la-Fontaine et de Durtal,
Théâtre municipal de Beaufort en Vallée
25 écoles (831 élèves), 17 collèges (314 élèves),
13 lycées (350 élèves)

Créé en 1986 par l'Association EN JEU, la manifestation prend sens avec la présentation d'une petite forme théâtrale (d'une durée de 30 minutes ou partie d'un spectacle en chantier) par chacun des groupes participants. Au total 1495 festivaliers abordent le théâtre, les jeux dramatiques, le chant, la danse ou encore la comédie musicale.

Des spectacles professionnels sont présentés, dont *Victor ou les enfants au pouvoir* de R. Vitrac, mise en scène de P. Adrien (Nouveau Théâtre d'Angers) ; *Les 7 jours de Simon Labrosse* de C. Frechette, par Hélène Gay ; *Le Cercle de craie caucasien* de B. Brecht, mise en scène par L. Lagarde, etc. Cette année, les groupes étrangers invités viennent du Mali, d'Allemagne, du Portugal et d'Angleterre.

Partenaires artistiques : Nouveau Théâtre d'Angers, Entrées de Jeux, Spectabilis, Jo Bithume, Kos Cie, Métis Cie, Croq'Étoiles, Théâtre du Totem, Cie Catamini
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil régional, Villes, Association de parents d'élèves
Contact : Association En jeu • Jean Bauré • 02 41 88 90 08
nouveau-theatre@wanadoo.fr

Printemps théâtral de Guérande

➔ Du 9 au 12 mai et du 6 au 9 juin
GUÉRANDE (44 350)
Espace Athanor de Guérande
15 collèges (220 élèves), 15 lycées (220 élèves)

Depuis 1987, ce festival est mis en place par l'association COMETE et propose ateliers, spectacles, expositions, conférences autour d'une thématique commune. Cette année, l'accent est mis sur les univers de quelques grands créateurs : Brook, Kantor, Mnouchkine... Les productions des élèves sont présentées sous forme aboutie d'une demi-heure, dans des conditions professionnelles après trois quarts d'heure d'installation assistée.

« L'amour, la mort, la haine, l'entreprise, la nourriture, la vie

conjugale, le voyage, le rêve... » autant de sujets divers abordés par les 440 festivaliers. Les collègues ont réalisé de nombreuses créations à partir d'adaptations de textes, les lycéens ont travaillé sur des montages de textes avec un fort attrait pour le contemporain.

Partenaires artistiques : une vingtaine de Cies de la Région

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil régional, Conseil général, Ville de Guérande, établissements scolaires

Contact : Comète • Patrick Even • 02 40 61 71 98

Printemps théâtral au Mans

➔ Du 20 au 24 mars, du 22 au 26 mai,
du 29 au 30 mai, du 5 au 9 juin, du 13 au 16 juin
LE MANS (72 000)

Salle des Concerts, Centre Culturel de l'Espal
et Théâtre de l'Éphémère

Centre socio-culturel Le Val R'Honne,
Moncé-en-Belin

23 établissements - écoles maternelles et primaires,
instituts médicaux éducatifs - (470 élèves)
17 collèges (340 élèves), 9 lycées (180 élèves)

Tout au long de ces journées, les 60 spectacles proposés puisent dans un répertoire très large allant du théâtre antique à des textes d'auteurs contemporains. Des créations et des adaptations sont aussi au programme, par exemple *Sur la route de la Strada* d'après le scénario de F. Fellini ou *La Lectrice* d'après Michel Deville. Comme chaque année, des élèves participent à la régie son. D'autres formes théâtrales ont leur place avec un spectacle de théâtre masqué.

Partenaires artistiques : Nombreuses compagnies d'Allonnes, de Bouloire et du Mans.

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil régional, Conseil général, ville du Mans, lieux d'accueils.

Contact : Théâtre pour l'Avenir • Danièle Tétart • 02 43 23 21 64

Frissons d'avril

➔ Le 30 mars et le 6 avril
LAVAL (53 000)
Lycée J.J. Rousseau
7 maternelles et primaires (209 élèves)

➔ Du 12 au 14 avril (7 collèges, 90 élèves)
Du 5 au 7 avril (6 lycées, 130 élèves)
MAYENNE (53 100)
EDSM

Les « Frissons d'avril » se sont les présentations de travaux en cours, suivies, chaque fin d'après-midi, d'ateliers de critique menés par des professionnels ayant assisté aux travaux des élèves.

Les « Frissons d'avril » courent : le 30 mars à Laval, les maternelles présentent une recherche autour de « La Boîte », le 6 avril à Laval, les primaires parlent de « Mots tordus » ; les 12, 13 et 14 avril à Mayenne, les collègues présentent *L'impromptu des collines* de Hudson et *Le nez* de N. Gogol ; les 5, 6 et 7 avril à Mayenne, les lycéens font une création autour de l'objet « lit », un travail d'écriture théâtral sur le coca-cola et une présentation de *Littoral* de W. Mouawad.

Partenaires artistiques : Théâtre du Tiroir, Théâtre de l'Éphémère, Mélodie Théâtre, Théâtre du Mouvement, Une Cie, Cie C. Gendrin, Cie G. Trousseboeuf, André Degaine.

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil régional, Conseil général, Centre culturel Le Kiosque, FAL de la Mayenne, Les Nuits de la Mayenne, Centre Culturel du Haut Maine.

Contact : AMLET • Dany Porché • 02 43 67 00 97

Printemps théâtral

➔ Du 10 au 16 avril, du 12 au 14 mai,
du 16 au 18 juin et 22 et 23 juin
LA ROCHE-SUR-YON (85 000),
NOIRMOUTIER (85 330)
et **GENT** en Belgique
Vents et Marées, théâtre municipal
7 écoles primaires (environ 230 élèves),
7 collèges (210 élèves),
12 lycées (200 élèves)

La manifestation existe depuis 1981 et propose cette année un ensemble de spectacles où se mêlent extraits de textes, créations collectives, danse et musique, improvisations. Des débats accompagnent les représentations avec la participation des élèves. L'événement a lieu avec le soutien du « Manège », scène nationale La Roche-sur-Yon.


Partenaires artistiques : Vents et Marées et des Cies des Pays de Loire. Jumelage avec Le Manège/Scène nationale de la Roche-sur-Yon

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Ministère des affaires étrangères, Conseil régional, District, Ville, Crédit mutuel Océan

Contact : Vents et Marées • Jean Lataillade • 02 51 36 09 60 • vents.marees@wanadoo.fr



11^e Festival des Didascalies

-  Du 22 au 27 mai
GRASSE (06 130)
 Théâtre de Grasse
 5 écoles (150 élèves), 8 collèges (250 élèves),
 9 lycées (200 élèves), 3 équipes étrangères
 (50 jeunes)


Le principe des Didascalies est de réunir pour un concours des troupes de théâtre scolaire, tous niveaux confondus. Celles-ci s'inscrivent dès octobre, et leurs dossiers pédagogiques et artistiques sont soumis à un jury. Le festival offre à chaque troupe scolaire une scène professionnelle et une équipe technique. Les élèves bénéficient d'une heure d'installation et de 45 mn à 1h15 de présentation, suivie d'un débat entre les jeunes comédiens, le public et les membres du jury du festival. Dans le cadre de la présentation au festival, un stage est proposé pendant les vacances de février avec un comédien et un technicien.

Cette année encore plus de 10 000 spectateurs verront le travail de plus de 650 comédiens. Depuis 92, le festival est ouvert sur l'international et la francophonie. Pour l'année 2000, concourent l'Italie, la Pologne et l'Ukraine.

Partenaires artistiques : Théâtre de Grasse, Cie Kronope, Théâtre de la Nuit Blanche

Partenaires financiers : Conseil général, Jeunesse et Sports, Ville de Grasse
Contact : Les Didascalies • Christine Monpoix • 04 93 40 60 69
 didascalies.feneion.grasse@06.scolanet.org

Rencontres franco-italiennes de théâtre de rue de Menton


-  Le 24 mai
MENTON (06 500)
 Dans les rues de Menton
 Ecoles primaires, collèges, lycées (600 élèves)

600 élèves-comédiens, dont 400 italiens (Imperia, Curieo, Torino), affluent vers les rues de Menton pour les rencontres franco-italiennes du 24 mai. De 10h30 à midi, il y a occupation de la vieille ville de Menton, des places et des esplanades, par une parade où les jeunes acteurs improvisent de courtes scènes et où deux compagnies professionnelles donnent des spectacles de rue. Deux troupes sont invitées : « Il Movente » de Bussana (Imperia) et Sciocco Teatro de Verona. L'après-midi est réservée à la présentation de travaux des ateliers théâtre.

Partenaires financiers : Rectorat, Inspections académiques du Var et des Alpes-Maritimes, Ville de Menton.

Contact : Rectorat • Mireille Faure • 04 93 53 71 45


Mots et Masques

-  Du 2 au 30 mai
NICE (06 000)
 Théâtre F. Gag, Centre culturel La Coupole de la Gaude, MJC Ranguin, Salle Raimu de Cannes
 32 classes primaires (900 élèves)

26 écoles primaires des Alpes Maritimes ont travaillé d'octobre à juin dans le cadre d'un projet coopératif d'écriture et de mise en espace d'un texte théâtral. Les enfants conçoivent, écrivent et mettent en scène leur pièce avec l'aide de comédiens professionnels. Cette année ils ont travaillé sur « la Convention des droits de l'enfant (10^e anniversaire) ».

Partenaires financiers : Rectorat, ville de Nice

Contact : OCCE 06 • Mme Leloire • 04 93 80 99 52 • occe.6@wanadoo.fr


-  Du 22 au 23 mai et le 26 mai
SOLLIES TOUCAS (83 210)
 Salle des fêtes de La Londe,
 Salle du Recou au Carnet
 20 écoles primaires (850 élèves)

Les enfants écrivent un court synopsis (12 minutes), se mettent en scène et jouent pour leurs camarades lors de différentes rencontres. Un temps d'échanges est prévu entre chaque spectacle.

Contact : OCCE 83 • Jean-Jacques Bruni • 04 94 13 04 07
 occe.83@wanadoo.fr



Rencontre d'expression théâtrale Inter-colèges

-  Le 6 juin
CHEMERY (41 700)
 Château de Chemery
 2 collèges (60 élèves)

Le 6 juin, les collégiens viennent au Château pour partager le plaisir de dire, de jouer et d'écouter. Il ne s'agit pas d'ateliers de théâtre offrant une pratique continue dans l'année, mais plutôt un moment privilégié pour s'essayer à la lecture ou au jeu théâtral autour d'une œuvre, d'un thème, d'un cours. Les textes choisis, dans un éventail très diversifié, sont travaillés puis présentés en plein air, dans le cadre Renaissance du Château de Chemery.

Contact : Cécile Fontaine • 02 54 71 82 77

Rencontre régionale OCCE : le théâtre, un projet coopératif

Le 15 juin
FUSSY (18 110)
Maison du Temps Libre
6 classes d'écoles primaires (130 élèves)

Le 15 juin, à la Maison du temps libre de Fussy, l'OCCE du Cher organise sa rencontre régionale. Chacune des six classes de primaire aura une vingtaine de minutes pour présenter sa « création ». Suivront des discussions et réflexions, entre élèves et professionnels, sur les petites formes théâtrales produites.

Contact : OCCE du Cher • Philippe Paillard • 02 48 67 04 43
occe18@wanadoo.fr

Rencontres du théâtre écolier

Le 27 avril, le 10 mai et du 22 mai au 26 mai
TOURS (37 000)
IUFM d'Indre et Loire, Centre International
de Congrès Vinci
25 écoles primaires et maternelles (600 élèves)

À l'Amphithéâtre de l'IUFM de Fondettes, le 27 avril, puis du 22 au 26 mai, 600 élèves présentent les travaux menés en ateliers avec 6 compagnies théâtrales (Cies Troll, Hop'ti Môme, Barroco théâtre, Atelier des Actes, les Baladings, Le Petit Théâtre), des comédiens ou metteurs en scène.

Pendant ces 6 journées, les créations théâtrales sont basées sur un apprentissage du jeu en improvisation (exploration, essais sur chaque proposition, choix de moments de théâtralité, composition d'une production, confrontation avec d'autres classes, production finale).

Le 10 mai, 4 classes jouent devant 700 spectateurs dans le cadre de la soirée culturelle de solidarité du Congrès National de l'OCCE, organisée à Tours du 9 au 13 mai 2000.

Partenaires artistiques : Cies Troll, Hop'ti Môme, Barroco Théâtre, Atelier des Actes, Les Baladings, Le Petit Théâtre
Partenaires financiers : Conseil général d'Indre et Loire, OCCE 37
Contact : OCCE 37 • Michel Ledroit • 02 47 64 10 90 • occe.37@wanadoo.fr

Rencontres Théâtre-École en Région Centre

Les 29 et 30 avril
TOURS (37 000)
Au théâtre de La Pléiade de La Riche
11 collèges (140 élèves), 5 lycées (110 élèves),
1 université (20 étudiants)

Les 29 et 30 avril, au théâtre de la Pléiade de La Riche, les jeunes festivaliers présentent, en 15 mn, leur travail « en l'état ».

Le but de ces rencontres n'est pas la finition d'un spectacle mais plutôt la possibilité d'échanger sur des formes de travail et de plaisir, de confronter différentes approches théâtrales. Aussi, des « Groupes Conseil » (constitués d'un professionnel et de 2 lycéens option théâtre) ont en charge un atelier après sa présentation, pour une discussion de 30 mn. Après avoir privilégié un théâtre corporel en 98, le rapport au texte en 99, il s'agit plus particulièrement cette année de s'interroger sur : « comment rendre un texte réputé difficile accessible au plus grand nombre ? ».

Invitée des rencontres, la Compagnie de la Tortue Magique propose une adaptation du *Songe d'une nuit d'été* de Shakespeare.

Partenaires artistiques : La Pléiade, Compagnies de la région Centre
Partenaires financiers : DRAC, ACl, Conseil régional, Conseil général, ville de La Riche, Crédit Agricole.
Contact : Collège Paul Valéry • Marie-France Conin • 02 47 51 54 94



Rencontres de la Maison du Geste et de l'Image

Les 12, 13, 14, 20 et 21 mai
PARIS (75 001)
Espace Pierre Cardin
12 collèges (250 élèves), 18 lycées (250 élèves)

Les journées de rencontres des 500 festivaliers de la Maison du Geste et l'Image sont sous le signe de « Passage » et de la transversalité. Elles ont donc la particularité de chercher à croiser les pratiques théâtrales avec le cinéma, l'audiovisuel, la photo, le son, l'écriture ou encore les arts plastiques. Il en résulte, les 12, 13 et 14 mai puis les 20 et 21 mai, à l'espace Pierre Cardin, des formes brèves, des mises en espace et en voix, des « parcours ». Les élèves ont travaillé à partir de textes de commande (pour les collègues), comme *Je pars pour rêver* de S. Benaïssa, *Cap'tain Bagoinffre et Les insurgés* d'E. Durif, *L'appel du pont* de N. Papin, d'un texte inédit de D. Bonal, d'extraits de textes contemporains de J. Jouanneau, J. Dragutin, V. Novarina, R. Fichet, B.M. Koltès, ou encore de textes écrits par les élèves.

Partenaires artistiques : intervenants du théâtre de la Maison du Geste et de l'Image : B. Belal, S. Benaïssa, C. Borin, J. Champagne, C. Fourty, E. Gilly, G. Godart, A. Guillo, J. Hadjajé, M. Henry, K. Kouadio, D. Léandri, F. Lecour, V. Lesergent, A-L. Liégeois, E. Louis, H. Massignat, V. Massoc, C. Moynot, A-L. Poullain, E. Rivaud, S. Rougemont, P. Sandoz, M.L. Spéri
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil régional, ville de Paris
Contact : Maison du Geste et de l'Image • Françoise Mauris • 01 42 36 33 52
www.mgi-paris.org

Écritures en cours



→ Avril, mai, juin

PARIS (75 020)

Théâtre National de la Colline

15 lycées (350 élèves)

«Écritures en cours» est un programme d'initiation des lycéens à l'écriture contemporaine, par le biais de comités de lecture, de rencontres et de séances de travail entre des auteurs, des professionnels du plateau et des lycéens.

Plusieurs représentations des ateliers de pratique théâtrale auront lieu à la fin du mois de mai et le 3 juin, au sein des établissements, dans le cadre du défilé organisé par «Paris Macadam». L'un a été animé par Vincent Garanger, comédien, autour de *Les nuages de terre* de Daniel Danis, l'autre par Ludovic Lagarde, metteur en scène et Cécile Pauthe, assistante, autour de *L'augmentation* de Georges Perec.

Les écrivains François Bon et Michel Vittoz ont animé chacun deux ateliers d'écriture auprès des lycéens. Les textes produits par les élèves ont été ensuite confrontés à la scène, au théâtre National de la Colline ou dans l'atelier théâtre du lycée avec l'intervention d'un metteur en scène. Un montage vidéo des séances et les textes produits par les élèves du lycée Alfred Nobel de Clichy-sous-Bois peuvent être consultés sur le site du lycée : www.essaimer.org.

Partenaires artistiques : F. Bon, S. Beghain, R. Cantarella, V. Garanger, L. Lagarde, G. Levêque, C. Marcadé, C. Pauthe, P. Sales, C. Schiaretti, M. Vittoz, etc.

Partenaires financiers : Rectorats de Paris et Créteil, DRAC, Fondation du Crédit Mutuel pour la lecture

Contact : TNC • Armelle Stépien • 01 44 62 52 10



Rencontres de Théâtre Jeunes et Planches de nuit



→ Du 19 au 26 mai et du 22 au 24 mai

POITIERS (86 000)

Maison des Trois quartiers

12 collèges (700 élèves)

Du 19 au 26 mai (tous niveaux confondus) puis du 22 au 24 mai (pour les collégiens), les élèves présentent des extraits de pièces, des créations théâtrales, des adaptations de contes et de nouvelles qui ouvrent sur une présentation de petites formes théâtrales, de fragments de spectacles en cours ou plus aboutis (réservés pour les soirées). Les textes à

l'honneur : *Le Songe d'une nuit d'été* de Shakespeare, *Les Précieuses ridicules* de Molière, *Le petit Prince* de A. de St Exupéry, *Du vent dans les branches de Sassafras* de R. de Obaldia, *Huis clos* de J.P. Sartre, etc. Chaque jour des dialogues entre professionnels et jeunes s'instaurent suite aux représentations.

En clôture, «Planches de Nuit», festival nocturne du jeune théâtre amateur, permet aux 18-25 ans de continuer d'exprimer hors milieu scolaire leur passion du théâtre en présentant différents travaux d'une demi-heure environ.

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, DRJS, Conseil régional, Conseil général, Ville, Caisse d'Épargne

Contact : M3Q • Stéphane Hervé • 05 49 41 40 33

Rencontres départementales théâtre



→ 8 et 9 mai

PRAHECQ (79 230)

Salle polyvalente, Collège de Prahec

8 collèges (120 élèves), 2 lycées (50 élèves)

Les élèves ont la journée pour travailler avec des intervenants professionnels sur un thème commun. Ils présentent ensuite, en soirée, le résultat de leurs recherches et travaux. Une discussion permet de faire un bilan des ateliers.

Le lendemain, les différents groupes présentent les pièces, classiques ou contemporaines, travaillées pendant l'année au sein de l'atelier de théâtre.

Partenaires artistiques : Théâtre du Sémaphore, Théâtre du Loup Blanc, La Chaloupe

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil général, villes, établissements scolaires

Contact : Collège de Prahec • Jean-Pierre Nourigeon • 05 49 26 48 76

Rencontres théâtrales des écoles de la circonscription de Thouars



→ Les 23 mai et 5 juin

THOUARS (79 100)

Théâtre de Thouars

6 écoles (160 élèves)


Chaque classe des six établissements primaires ruraux a adapté un album pour enfants et a réalisé un spectacle d'environ 15 mn. L'objectif de ce travail est de faire découvrir le théâtre sous tous ses aspects, comme le lieu, les métiers, l'écriture, et de donner aux enfants la possibilité de jouer dans un théâtre.

Partenaires artistiques : Cie Cano Lopez

Partenaires financiers : Rectorat, Théâtre de Thouars / Association «S'il vous plaît»

Contact : Rectorat • M. Mucel • 05 49 96 75 25

Rencontres lycéennes

 Du 19 au 21 mai
VOUNEUIL-SOUS-BIARD (86 000)
CREPS de Boivre
10 lycées (150 élèves)

Depuis six ans, ce festival réunit les lycéens d'une dizaine d'établissements qui travaillent sur un thème commun. Cette année le thème abordé est «Jouer, pour vous, ce qu'est le théâtre en 10 mn environ». Par ailleurs les élèves présentent les spectacles qu'ils ont préparés avec les intervenants professionnels, suscitant des échanges à l'issue des représentations.

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Conseil régional, Établissements scolaires
Contact : CDDP Niort • Danièle Lacam • 05 49 26 73 65



Festival « Enfance de l'Art »


 Du 13 au 18 juin
CHAUMONT (52 000)
Salle des fêtes
5 écoles maternelles et 5 écoles primaires (200),
2 collèges (50 élèves)

Il y aura du monde dans les rues de Chaumont, puisque le festival « Enfance de l'Art » coïncide avec le Festival de l'Affiche. Du 13 au 18 juin à la Salle des Fêtes de Chaumont, les enfants sont alternativement acteurs et spectateurs de courtes pièces de théâtre ou de saynètes avec intégration de chant choral ou de danse.

La compagnie Thearto (Evelyne Beighau) assure le suivi et l'organisation des ateliers. En clôture de festival, tous les participants sont invités à assister au spectacle de l'École de Cirque de Châlons, à Champagne.

Partenaires financiers : DRAC, DRJS, Conseil général, Ville de Chaumont
Contact : Inspection académique • Jean-Pierre Desenne et Marie-Thérèse Henry • 03 25 30 51 05

Journées Re-naisances


 Les 26 et 27 mai
JOINVILLE (52 300)
Château du Grand Jardin
4 écoles primaires (90 élèves), 4 collèges
(100 élèves) et 3 lycées (50 élèves)

Les 26 et 27 mai au Château du Grand Jardin, à Joinville, on y joue, on y danse, on y chante... et les jeunes se posent l'éternelle question de Lamartine «Objets inanimés, avez-vous donc une âme?». Pour y répondre, deux créations «Délire théâtral à partir d'une lampe» et «La chaise bleue» (20 élèves présentent, seuls ou par groupe de 2 à 4, 40 sketches, avec pour seul accessoire une chaise), et un texte *L'enfant et les sortilèges* (livret de Colette, musique de Ravel).

Autour des représentations, une exposition-spectacle avec des stations : Théâtre, Danse, Musique, des vidéos et diaporamas.

Partenaires artistique : Compagnie Michel Humbert
Partenaires financiers : Rectorat, Inspection Académique, Conseil général
Contact : Inspection Académique • Jean-Pierre Desenne • 03 25 30 51 05

Festival de la Jeune Comédie en Ardenne


 Les 18 et 19 mai & du 22 au 26 mai
REVIN (08 500)
Salle Jean Vilar
1 école maternelle (24 élèves), 3 écoles primaires
(92 élèves), 27 collèges (419 élèves), 13 lycées
(274 élèves)

Molière, Shakespeare, Ionesco, Cocteau, Goldoni, Azama, Giraudoux, Jarry, Rivais, Bartève, Minyana et Durif... Du 18 et 19 mai et du 22 au 26 mai, un peu plus de 800 jeunes présentent des créations, montage de textes d'auteurs souvent contemporains autour d'un thème, adaptations de pièces, romans ou contes. Certains établissements allient au théâtre, la musique, la danse ou les arts plastiques (éléments scénographiques : accessoires, décors). Quelques journées sont «couvertes» par des élèves qui font des photographies, de la vidéo, des articles de presse pour «le petit journal du festival».

La compagnie «La Maison des Alcools» présente des extraits de pièces de Molière regroupés sous le titre «Molière en pièces». Des échanges ont lieu entre les élèves belges et français, avec par exemple, la participation d'une troupe de lycéens de Charleroi.

Partenaires artistiques : Cie Tetrylyre, La Maison des alcools, Colette Kramer
Partenaires financiers : Rectorat, Conseil général, Ville de Revin, ANRAT
Contact : Lycée hôtelier et d'enseignement général • Joëlle Barilly
03 24 29 65 94 • j.barilly@wanadoo.fr

Mai'scènes

 Du 12 au 21 mai
SAINT-DIZIER (52 100)
Théâtre municipal, salle du Palace, Théâtre de l'Estic, MJC, salle Aragon, divers autres lieux
Ecoles primaires, collèges, lycées, troupes universitaires (500 élèves) et 80 amateurs

Le festival est organisé par l'association «Alternative Culturelle», qui fédère toute l'année les initiatives locales, et propose des animations autour du théâtre (lectures publiques, stages...). Les journées du 12 au 21 mai sont réservées à la présentation des ateliers théâtre, avec 4 temps fort : les amateurs, universités, collèges, lycées. Aucun thème particulier n'est imposé, la seule exigence est d'être encadré par un professionnel.

A cette occasion, la Compagnie Sortie de Route présente «Chez les Titch».

Partenaires artistiques : José Renault/Alliage théâtre, Cie Humbert, C'est la nuit, Spokoïno, Théartô, Etrange Peine Théâtre, L'œil du Tigre, Comédie de Reims, Théâtre de la Huchette

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Jeunesse et Sports, Conseil général, ORCCA, Ville de St Dizier

Contact : Service culturel de la Mairie • Nicole Samour • 03 25 06 01 61



Rencontres artistiques des ateliers théâtre

 Du 18 au 20 mai
FOUGÈRES (35 300)
Centre Culturel J Drouet
5 collèges (80 élèves)


Le festival regroupe 80 collégiens engagés dans des ateliers théâtre au sein de leurs établissements scolaires auxquels sont associés une vingtaine de jeunes étrangers venus avec des délégations étrangères dans le cadre de l'opération «Terre et Paix», créée en 1994, qui vise à développer les échanges mondiaux, la défense de la paix et la conscience d'une citoyenneté mondiale.

Tous ces jeunes sont brassés et répartis en différents ateliers, animés par un comédien et un intervenant danse ou musique. Au programme, 2 journées de partage et d'échanges, à l'issue desquelles chaque groupe présentera, sous chapiteau, un court moment de travail d'une dizaine de minutes.

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Ville de Fougères, Centre Culturel J. Drouet, Association Acte 35

Contact : Rectorat • Serge Saint-Eve • 02 23 21 77 94
serge.saint-eve@wanadoo.fr

Rencontres théâtrales d'enfants

 Du 22 au 26 mai et le 15 juin
SAINT-BRIEUC (22 000)
La Passerelle-Scène Nationale,
Théâtre l'Arche de Tréguier
17 écoles primaires (480 élèves), 2 collèges
(33 élèves)

Durant 5 journées, 480 écoliers et 33 collégiens se rencontrent à l'occasion de 27 représentations de 3 à 15 mn. Le festival doit permettre aux jeunes d'explorer et de s'approprier le langage théâtral contemporain, par l'adaptation théâtrale d'albums de littérature jeunesse. Un travail de dramaturgie et de transcription scénique a été entrepris avec les albums de Solotarell, Boujon, A. Browne, Pommaux, Ecco, Senders, Nadja, Dedieu, Ungerer, Perrart, etc.

La compagnie «Mais comment fait-il?» (qui travaille avec l'OCCE depuis 1995) a suivi de près tous les projets.

Partenaires artistiques : La Compagnie «Mais comment fait-il?»

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Direction Départementale Jeunesse et Sport, Conseil Général, OCCE 22, collectivités locales, fonds associatifs

Contact : École maternelle de Kernoa • Katell Tison Deimat • 02 96 61 36 42
occe.22@wanadoo.fr



Entrées des artistes

 Du 15 mai au 6 juin
SAINT-DENIS (97 400)
Théâtre de Champfleuri
9 salles de spectacles en décentralisation
dans 9 villes de l'île
Collèges, lycées (150 élèves)

Outre un moment de travail festif, les 13^e rencontres théâtrales de La Réunion, sont l'occasion de promouvoir les actions de formation en théâtre, d'organiser des rencontres entre les groupes, de confronter les pratiques, de découvrir les lieux et les métiers du théâtre. Les pôles d'activités sont multiples : stages de formation des enseignants, forum «Théâtre, Education et Partenariat», rencontres théâtrales alternant les présentations en scène et les «Ateliers de Paroles». Pour la première fois, interviendront deux auteurs dramatiques : Joseph Danan sur «Ecriture et mise en jeu» et Roland Fichet sur «L'École du spectateur».

Partenaires artistiques : Joseph Danan, Roland Fichet

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC

Contact : Collège Jules Reydellet • Eugène Smadja • 02 62 21 17 57
e-smadja@hotmail.com



Théâtre / musée / musique sont les registres abordés par ces 5 rencontres, avec un regard plus aigu sur la transversalité des arts pour les lycéens.

Rencontres des lycées : Jeunes en scène !

- Les 30 et 31 mars
EVREUX (27 000)
 Scène Nationale Théâtre d'Evreux
 18 lycées (200 élèves)

Les rencontres, situées très tôt dans l'année, permettent d'éviter la tentation de finaliser le spectacle présenté. Ainsi, ces rencontres sont réellement l'occasion d'offrir des moments de travail aux différents groupes, étape importante dans le parcours d'une année qui permet d'élargir les horizons de chacun, de s'interroger sur les partis pris et de faire ensuite des ajustements. Un plasticien a travaillé avec les jeunes, démontrant que la démarche théâtrale peut faire naître une image, peinture ou installation. Ce qui a peut-être donné naissance aux « Muséales », spectacle d'une classe de terminale, à la fois musical, théâtral et plastique. *En attendant Godot* de Samuel Beckett, mis en scène par Luc Bondy, est proposé aux lycéens.

Partenaires artistiques : Théâtre d'Evreux-Scène Nationale, Théâtre des 2 Rives, la Comédie Errante, Dram Bakus, Compagnie Catherine Delattres
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, ville d'Evreux, Théâtre d'Evreux-Scène nationale
Contact : Rectorat • Danièle Girard • 02 35 14 75 29

Rencontres des collèges : jeunes en scène !

- les 18 et 19 mai
SAINT-VALÉRY-EN-CAUX (76 460)
 Le Rayon Vert
 12 collèges (400 élèves)

Depuis les premières rencontres en 1984, qui célébraient Corneille, les Rencontres Académiques de théâtre constituent un moment très attendu des élèves, des professeurs et des comédiens. Elles sont l'occasion, dans un esprit amical, de confronter les expériences et les univers artistiques. En fin de journée, de nouveaux ateliers sont constitués pour permettre aux élèves de travailler ensemble des thématiques définies autour du spectacle de François Cervantès *Le voyage de Pénazar*, création à laquelle les élèves assistent en soirée.

Partenaires artistiques : Théâtre d'Evreux-Scène Nationale, l'Ephéméride, Théâtre en Face, La Pie Rouge, Cie Dram-Bakus, Cie Comédiamuse, Théâtre M. Gorki, Cie Catherine Delattres, Mimo
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, ville de Saint-Valéry-en-caux, Le Rayon Vert
Contact : Inspection académique • Danièle Girard • 02 32 29 64 61

Rencontres départementales des classes primaires

- Le 25 mai
LILLEBONNE (76170)
 Centre Culturel Juliobona
- Le 6 juin
SAINT-VALÉRY-EN-CAUX (76460)
 Le Rayon Vert
- Le 8 juin
PETIT-COURONNE (76650)
 Au Sillon
- Le 15 juin
DIEPPE (76200)
 Maison Pour Tous J. Prévert

Les Rencontres départementales de théâtre des écoles de Seine-Maritime, situées en fin d'année scolaire, sont un moment simple d'échanges et de confrontations de divers travaux d'élèves d'écoles maternelles et primaires. Il ne s'agit en aucune façon d'une succession de spectacles mais de lever le voile sur la démarche théâtrale à l'école. Elles regroupent 5 ateliers de Pratique artistique et 10 classes théâtre, encadrés par des compagnies professionnelles. Le but essentiel de la manifestation est l'ouverture éducative, culturelle et artistique de l'enfant, d'aiguiser sa sensibilité et son regard.

Partenaires artistiques : Théâtre de la Canaille (Rouen), Théâtre en Face (Yvetot), Cie Comédiamuse (Petit-Couronne), Cie Métro-mouvance (Rouen), Théâtre de la Manicle (Havre), Théâtre du Métis (Havre), Cie Dram Bakus (Lillebonne), ARES, Enfantillages (Rouen), Cie de la Guimbarde (Belgique)
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, villes
Contact : Rectorat • Steven Clark • 02 35 14 75 29


Le festival de théâtre à l'école

- Les 8 et 9 juin
VERNON (27 200)
 Espace P. Auguste
 16 classes de primaire, 1 classe de collèges

Le Festival de théâtre à l'école se déroule sur 2 journées et concerne 16 écoles situées en majorité en zone rurale. Trois écoles ont bénéficié en plus d'un comédien, des interventions d'un musicien et ont pu faire l'expérience enrichissante du croisement de la musique et du théâtre. Le diversité des compagnies professionnelles assure un pluralisme des univers artistiques, que l'on découvre au fil de ces rencontres.

Partenaires artistiques : Théâtre d'Evreux-Scène Nationale, l'Ephéméride, Cie Dram-Bakus, Théâtre de la Canaille, Théâtre du Petit-Matin, Clefs de Scène
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Inspection académique, Théâtre d'Evreux-Scène nationale, FOL de l'Eure, Conseil Régional, ville de Vernon, Espace P. Auguste
Contact : Inspection académique • Danièle Girard • 02 32 29 64 61

Petites fabriques de théâtre

 Le 16 juin
EVREUX (27 000)
Scène Nationale
7 écoles cycles 1 et 2,
grande section maternelle, CP, CE1

Les Petites Fabriques de théâtre sont l'occasion pour les plus jeunes du département, de présenter des petites formes de théâtre dans la salle à l'italienne du théâtre d'Evreux. Les présentations, courtes (parfois 10 mn) sont le fruit d'un travail sur le jeu dramatique mené par la classe entière en 12 séances encadrées par enseignant et comédien. D'autre part, les élèves ont assisté à trois spectacles aux esthétiques diverses afin de s'initier à la pratique de spectateur.

Partenaires artistiques : Théâtre d'Evreux, Scène Nationale, Cie Cief de Scène, Théâtre de la Canaille
Partenaires financiers : Rectorat, DRAC, Inspection académique, Conseil général, FOL de l'Eure, ville d'Evreux, Théâtre d'Evreux-Scène nationale
Contact : Inspection académique • Danièle Girard • 02 32 29 64 61



Les théâtreries de l'Illiade


 Les 20 et 21 mai
ILLKIRCH-GRAFFENSTADEN (67 400)
L'Illiade
5 collèges (120 élèves)

Festival de théâtre amateur, ouvert aux collèges, lycées ou aux associations, il regroupe des jeunes de 14 à 18 ans. Aucun thème particulier n'est imposé, seule l'utilisation de la voix pendant une partie du spectacle est requise. Trois créations sont au programme : «L'Eclipse» par le collège Sébastien Brant à Eschau ; «L'Autre nouvelle» par le collège des Roseaux à Illkirch ; «Utopie 2000» par le collège Martin Schongauer à Ostwald.

Le 20 mai, la Cie Calamity Jane présentera *L'Art de la chute*, d'après Guy Foissy, mis en scène Sonia Oster.

Partenaires artistiques : Sonia Oster (comédienne), Jean-Yves André (comédien et metteur en scène)
Partenaires financiers : Rectorat, Conseil régional, Conseil général, ville d'Illkirch-Graffenstaden, FAS, CUS, Agence culturelle d'Alsace
Contact : Illiade • Jean-Louis Kircher • 03 88 65 31 00 • illiade@evc.net

Ébauches de l'an demain

 Du 15 au 21 mai
STRASBOURG (67 000)
Théâtre Jeune Public (TJP)
1 collège (15 élèves) et 3 lycées (99 élèves)

«Comprendre hier, dire aujourd'hui, espérer demain» est le fil rouge du festival suivi tout au long de l'année, cadré par des comédiens, metteurs en scène, auteurs, scénographe, musiciens et vidéaste... Les travaux d'ateliers du TJP ouvrent sur une large palette d'activités : théâtre, théâtre de rues, danse, musique, réalisation vidéo, exposition.


Les 19 et 20 mai, Place Broglie à Strasbourg, 300 jeunes de 10 à 23 ans, font une proposition festive et théâtrale à partir d'un texte *La croisade des enfants* de Marcel Schwob qu'ils adaptent à leur mode.

L'événement accueille des jeunes d'Izmit en Turquie, Belœil au Québec, Genève en Suisse, Gand en Belgique, Parme en Italie, Leicester en Angleterre et Speyer en Allemagne.

Partenaires artistiques : École de musique Strasbourg, École des arts décoratifs
Partenaires financiers : DRAC, Ville de Strasbourg, Maison de l'image, Strasbourg 2000, CNL
Contact : TJP • Grégoire Callies • 03 90 23 68 68 • tjp@theatre-jeune-public.com



11^e Rencontre de théâtre scolaire

 Du 12 au 14 mai
MILLAU (12 04)
Salle des fêtes Parc de la Victoire
3 collèges, 9 lycées (150 élèves)

La 11^e rencontre avec le Théâtre scolaire en Sud Aveyron s'inscrit dans le cadre d'un projet dont le but est de favoriser la parole et la rencontre entre les générations par l'intermédiaire du théâtre. Parole des jeunes qui défendent leurs choix, disent leur passion, laissent entrevoir une dimension élargie de leur personnalité. Parole des spectateurs qui découvrent les facettes insoupçonnées des acteurs en herbe. Les rencontres se font à travers les démarches de créations collectives (comme par exemple, l'expérience d'une écriture commune conduite tout au long de l'année) et les rassemblements de jeunes issus d'horizons divers, de régions différentes qui vont nouer le temps de cette manifestation des liens tissés par le plaisir du théâtre.

Partenaires artistiques : 3 Compagnies de la région
Partenaires financiers : Conseil général, ville de Millau
Contact : Lycée Jean Vigo • Guy Hortala • 05 65 59 53 00

OCCE, projet de théâtre coopératif

Le 22 juin
RODEZ (12 000)
MJC de Rodez
8 écoles (172 élèves)

170 élèves de classes primaires présentent, le 22 juin à la MJC de Rodez, des adaptations théâtrales d'album et de contes autour du thème de la forêt. Comme, par exemple, *Le vilain petit canard* d'Andersen, *L'homme qui plantait des arbres* de J. Giono, *Le petit chaperon rouge* de Ch. Perrault, *Le Corbeau et le renard* de J. de la Fontaine, *Histoire du petit garçon qui était une petite fille* de D. Herlem, *La naissance de petit arbre* de D. Williams, etc.

Les outils complémentaires sont l'expression corporelle, la création musicale et les arts plastiques (le décor est une forêt d'arbres constituée par chaque école qui doit amener «son» arbre, réalisé en cours d'arts plastiques).

Le but de ces rencontres est d'élaborer collectivement un spectacle, de travailler avec des comédiens, de rencontrer d'autres élèves lors des représentations, de jouer dans un lieu de spectacle, ou encore de se confronter à un public.

Partenaires financiers : OCCE, Établissements scolaires
Contact : OCCE 12 • Marie-France Grein • 05 65 68 40 23
occe.12@wanadoo.fr

Tournoi théâtral des lycées de Midi-Pyrénées

Les 5 et 12 février
TOULOUSE (31 000)
TNT - Théâtre National de Toulouse
22 lycées (500 élèves)

Les troupes de lycéens de la région sont invitées à participer au 2^e tournoi théâtral des lycées de Midi-Pyrénées. Elles réalisent de brefs moments de théâtre (10 mn) imaginés dans une grande liberté, à partir d'extraits de *Roméo et Juliette* de W. Shakespeare, dans une traduction de Stuart Seide. A l'issue d'un premier tour, les propositions les plus stimulantes sont accueillies sur la grande scène du Théâtre National de Toulouse pour une finale ouverte à tous. Beaucoup de groupes intègrent dans leur mise en scène d'autres pratiques artistiques comme le chant, la musique, les marionnettes, le cirque, la danse ou les arts plastiques.

Partenaires artistiques : Cie de Stuart Seide
Partenaires financiers : DRAC, Conseil régional, Ville de Toulouse, FNAC, Télérama, Les Clés de l'actualité, Les Magasins Cultura
Contact : TNT • Myriam Valton • 05 34 45 05 09 • m.valton@tnt-cite.com

Pièces à lire, pièces à entendre, une journée particulière au théâtre

Le 13 juin
TOULOUSE (31 000)
TNT - Théâtre National de Toulouse
5 écoles (80 élèves), 7 collèges (130),
divers (40 enfants)

Une journée particulière au théâtre, le mardi 13 juin, est réservée aux enfants entre 9 et 13 ans. Il s'agit de leur faire découvrir des pièces qui s'écrivent aujourd'hui à leur attention, leur donner l'occasion de rencontrer leurs auteurs et de confronter les points de vue. Des comités de lecture jeune public ont été créés dès le mois d'octobre, réunissant enfants et préadolescents, leurs enseignants et animateurs. Tous se retrouvent lors de cette «journée particulière» où les 250 enfants des 16 comités de lecture montent sur la scène de la grande salle du Théâtre de la Cité pour lire un extrait de la pièce de théâtre plébiscitée par le groupe et défendre leurs choix. Parmi les pièces retenues : *La Chanson venue de la mer* de M. Kenny ; *Pacamambo* de W. Mouawad ; *Sabliers* de M. Glück ; *Des parents sur commande* de F. Révérend ; *Histoire de la jeune fille qui voulait toucher les étoiles* de G. Dupuis ; *Debout* de N. Papin ; *Les échelles de nuages* de D. Paquet.

Partenaires artistiques : H. Borstein, M. Montefusco, J.M. Doat, les comédiens des pièces professionnelles
Contact : TNT • Laurie Marsoni • 05 34 45 05 28



1^{er} Forum théâtral

Du 9 au 13 mai
ARGENTEUIL (95 100)
Salle Jean Vilar
2 collèges, 2 lycées (300 élèves)

Pour le 1^{er} Forum d'Argenteuil, les élèves font du théâtre, de la musique et de la danse hip-hop. Les supports des travaux sont des extraits de textes contemporains, comme *L'OCA* de Catherine Zambon, *La jeune fille, le diable et le moulin* d'Olivier Py, *Eux seuls le savent* de Jean Tardieu, etc. Un regard particulier est porté sur une œuvre classique *Antigone* au travers des textes de Höderlin, Brecht, Anouilh, Sophocle. Deux thèmes majeurs ont été abordés : l'étranger (culture, assimilation, racisme, intégration) et la femme (sa place dans la cité). Le travail sur les auteurs contemporains permet de positionner

les thèmes dans la réalité du 20^e siècle qui modifie la perception livresque des auteurs classiques.

Partenaire artistique : Compagnie en résidence

Partenaires financiers : DRAC, ville d'Argenteuil

Contact : Théâtre des Embruns • Daniel Amar • 01 34 13 26 59

Rencontre des ateliers d'élèves

Le 24 mai

CERGY-PONTOISE (95 000)

Théâtre des Arts, l'Apostrophe, Scène nationale
1 collège (25 élèves), 7 lycées (150 élèves)

Le 24 mai au théâtre des Arts de Cergy-Pontoise, 175 élèves présentent le travail des Ateliers d'enseignement artistique, options lourdes et facultatives. Le matin est réservé à la mise en place, l'après-midi aux représentations (20 mn chacun). En fin de journée, cinq groupes d'élèves n'ayant jamais travaillé ensemble, improvisent sur un thème commun, sous l'impulsion d'un intervenant artistique et d'un professeur d'établissement.

Partenaires artistiques et financiers : L'Apostrophe, Scène nationale de Cergy-Pontoise et du Val d'Oise.

Contact : L'Apostrophe, Scène nationale • André Bonneau • 01 34 20 14 25

Rencontres Inter-ateliers

Le 31 mai

FONTENAY-AUX-ROSES (92 260)

Théâtre des Sources
2 collèges (40 élèves)

Le 31 mai est la journée choisie pour la présentation des travaux des élèves au Théâtre des Sources, autour de textes de théâtre. Pour «La vie est un songe», adaptation d'après Caldéron, les jeunes mêlent au théâtre, la danse et la musique. Les rencontres donnent l'occasion aux jeunes d'être acteurs dans le lieu même où ils sont fréquemment spectateurs (ils voient au minimum 5 spectacles dans la saison au Théâtre des Sources).

Partenaires artistiques : Patrick Azam et Isabelle Payet (comédiens)

Partenaires financiers : Rectorat, DRAC

Contact : Théâtre des Sources • Valérie Contet • 01 41 13 40 84
thsources@aol.com

10^e rencontres scolaires du théâtre de la danse et de la musique

Les 27 et 28 mai

FRANCONVILLE (95 130)

Centre Culturel Saint-Exupéry
5 collèges (60 élèves), 6 lycées (70 élèves)

Du 27 au 28 mai, les 10^e rencontres du théâtre mêlent cette année la danse et la musique, notamment avec une approche de la comédie musicale. Les textes choisis dans le répertoire contemporain autour des deux thèmes proposés : d'une part, la découverte de «l'autre», l'étranger et sa place dans la cité ; d'autre part, le pouvoir, notamment la montée du mouvement national socialiste en Allemagne.

Sont présentés : *La Jeune fille, le diable et le moulin* d'O. Py ; *La Cité sans sommeil / Eux seuls le savent* J. Tardieu ; *L'OCA* de C. Zambon ; *Casimir et Caroline* de O. von Horvath.

Des débats sont prévus : Pour qui le théâtre ? Comment ? Le citoyen / le théâtre / la cité ?

Partenaire artistique : Théâtre des Embruns

Partenaires financiers : Rectorat, Inspection Académique, Conseil général, ville de Franconville

Contact : Théâtre des Embruns • Daniel Amar • 01 34 13 26 59

Rencontre des ateliers de pratiques artistiques au Théâtre 71

Le 26 avril

MALAKOFF (92 240)

Théâtre 71
3 collèges (53 élèves)

Cette année la rencontre annuelle des ateliers de pratiques artistiques est consacrée aux collèges. Après échauffement (concentration, voix, improvisations), les différents groupes présentent leur travail en cours. Avec Pierre Trapet, ils travaillent l'improvisation, avec Corinne Guédet, ils abordent un texte de Wajdi Mouawad *Alphonse*.

C'est aussi l'occasion pour les élèves de travailler, au sein d'un nouveau groupe, les thèmes abordés en ateliers et de confronter les points de vues.

Partenaires artistiques : P. Trapet, C. Guédet

Contact : Théâtre 71 • Nathalie Sultan • 01 46 55 43 45

Théâtre du Mantois

6^e Francophonies théâtrales pour la jeunesse

Du 9 au 20 mai

MANTES-LA-JOLIE (78 200)

CAC G. Brassens, Centre Culturel Le Chaplin, salle J. Breil, le Colombier
3 collèges (30 élèves), 1 lycée (25 élèves)

Le festival des ateliers

Du 5 au 28 juin

MANTES-LA-JOLIE (78 200)

CAC G. Brassens, CES Pasteur, CES Les Plaisances, CES Cézanne, lycée Rostand
3 collèges (30 élèves), 1 lycée (25 élèves)

Ici l'on improvise. Du 9 au 20 mai, pour les 6^e Francophonies théâtrales pour la jeunesse, et du 5 au 28 juin pour Le Festival des Ateliers, les lycéens et les collégiens, présentent pendant 10 à 45 mn, des spectacles improvisés. Au programme : *La Fenêtre*, par les élèves du CES Plaisances, ou *Carton Rouge*, sur le football et la politique, (invité au 9^e Festival de Théâtre lycéen Francophone à Pecs en Hongrie). Les travaux, suivis par plusieurs comédiens professionnels et une danseuse, mêlent fréquemment au théâtre, la danse et la musique.

Partenaires artistiques : compagnie professionnelle
Partenaires financiers : ZEP de Mantes-la-Jolie, ZEP de Mantes-la-Ville, établissements scolaires
Contact : CES Pasteur • Eudes Labrusse • 01 30 33 02 26
 tmantois@club-internet.fr

Rencontre des pratiques artistiques



----->>>
 Du 23 au 25 mai
LES ULIS (91 940)
 Centre Culturel Boris Vian
 6 écoles (600 élèves), 6 collèges (120 élèves),
 3 lycées (75 élèves)

Du 23 au 25 mai, au Centre Culturel Boris Vian, les ateliers ont de 20 à 40 mn pour présenter leurs travaux. Tout azimut ! Le foisonnement d'activités est impressionnant : théâtre, lecture, marionnette, théâtre d'objets mais aussi danse, musique, opéra, arts plastiques... Les thèmes sont tout aussi divers ! Une attention particulière est portée sur la « mémoire » et la « trace ».

Contact : Centre Culturel Boris Vian • David Le Gall • 01 69 07 65 53



© Opéra National de Paris Bastille

• 10 mois d'École et d'Opéra • photo : Séverine Desmarest

Liste des Auteurs et Pièces

AUTEURS	PIÈCES
A Jean-Paul Alègre	- <i>La Ballade des planches</i>
Alègre et Gripari	- <i>Rideau</i>
Jean Alessandrini	- <i>Mystère chocolat</i>
Catherine Anne	- <i>Ah ! Anabelle</i>
Jean Anouilh	- <i>Le Bal des voleurs</i>
	- <i>Antigone</i>
Aristophane	- <i>L'Assemblée des femmes</i>
Marcel Aymé	- <i>Les Cygnes</i>
Michel Azama	- <i>Croisades</i>
B Jean-Louis Bauer	- <i>Quel Farceur, mon neveu :</i> <i>La Chambre à coucher</i>
Latifa Ben Mansour	- <i>Trente trois tours à son turban</i>
Henry Bernstein	- <i>Candide</i>
Daniel Bimbi	- <i>Amour interdit</i>
Jean-Claude Blondin	- <i>Les Naufrageurs</i>
Denise Bonal	- <i>Un Ciel bien accroché</i>
C Pedro Calderon	- <i>La Vie est un songe</i>
Lewis Carroll	- <i>Alice aux pays des merveilles</i>
Gilles Chavassieux	- <i>Suite pour poursuite</i>
Rémi Chechetto	- <i>Mais</i>
Andrée Chédid	- <i>Poèmes pour un jour</i>
Paul Claudel	- <i>Le Soulier de satin</i>
Jean Cocteau	- <i>Les Mariés de la Tour Eiffel</i>
Charles Cros	- <i>Il y a longtemps</i> - <i>Le Maître d'armes</i>
D Daniel Danis	- <i>Le Pont de pierres</i> <i>et la Peau d'images</i>
Raymond Devos	- <i>Sketches</i>
Roland Dubillard	- <i>La Nuit de Jadraque</i> <i>et trois dialogues</i>
Marguerite Duras	- <i>La Pluie d'été</i>
Eugène Durif	- <i>La petite Histoire</i> - <i>L'Alouette et le rossignol</i> - <i>Tonkin-Alger</i>
Xavier Durringer	- <i>Chronique des jours entiers,</i> <i>des nuits entières</i> - <i>Ball trap</i>
Friedrich Dürrenmatt	- <i>La Visite de la vieille dame</i>
F Fédérico Fellini	- <i>Sur la Route de la Strada</i>
Georges Feydeau	- <i>Un Fil à la patte</i> - <i>Le Dindon</i>
Dario Fo	- <i>Mistero Buffo</i>
Guy Foissy	- <i>L'Art de la chute</i>

- G** Patricia **Giros** – *Barbe bleue*
Michael **Gluck** – *Sabliers*
Nicolas **Gogol** – *Le Nez*
– *Le Revizor*
Carlo **Goldoni** – *Barouf à Chioggia*
– *Les Cancans*
– *Mémoires d'un voyage*
– *Arlequin, Valet de deux maîtres*
Pierre **Gripari** – *L'Inspecteur Toutou*
Jean-Claude **Grumberg** – *L'Atelier*
J.P **Guinard** – *La Quête du maal*
Sacha **Guitry** – *Un Soir quand on est seul*
- H** David **Harrower** – *Des Couteaux dans les poules*
Christophe **Honoré** – *Les Débutantes*
Odön **Von Horvath** – *Casimir et Caroline*
- I** Eugène **Ionesco** – *La Cantatrice chauve*
- J** Christian **Jaque** – *Le Repas des fauves*
Joël **Jouanneau** – *Dernier rayon*
- K** Mike **Kenny** – *La Chanson de la mer*
Bernard-Marie **Koltès** – *Salinger*
- L** Jacques **Lacarrière** – *L'Envol d'Icare*
Robert **Lamoureux** – *La Soupière*
Bernadette **Le Saché** – *Quel Farceur, mon neveu :*
La Chambre à coucher
Carlo **Liscano** – *Ma Famille*
- M** Ahmed **Madani** – *Il faut tuer Sammy*
Edouardo **Manet** – *L'Ame d'artiste*
Frédéric **Marcheschi** – *Propriété artistique*
Marivaux – *L'Île des esclaves*
Guy de **Maupassant** – *Portraits sur feu*
Prosper **Mérimée** – *Carmen*
Philippe **Minyana** – *Inventaires*
– *Chambres*
Molière – *Le Malade imaginaire*
– *Les Fâcheux*
– *Monsieur de Pourceaugnac*
– *Georges Dandin*
– *Les Femmes savantes*
Jean-Pierre **Moreaux** – *Barbe bleue*
Wajdi **Mouawad** – *Pocamambo*
– *Littoral*
– *Les Mains d'Edwidge*
au moment de la naissance
- N** **Nadja** – *Chien bleu*
Pablo **Néruda** – *Ode au temps*
Yves **Nilly** – *Territoire sans lumière*
Jean-Gabriel **Nordmann** – *Hors les Murs*
Valère **Novarina** – *L'Opérette Imaginaire*
- O** Georges **Orwell** – *La Ferme des animaux*
- P** Marcel **Pagnol** – *Les Pestiférés*
– *Topaze*
– *Cigalon*
Dominique **Paguet** – *Un Hibou à soi*
Christian **Palustran** – *Le Paysan, le roi, la marmite*
Nathalie **Papin** – *Debout*
Charles **Perrault** – *Le Chat Botté*
Valery **Petrov** – *Plouf!*
Jean-Yves **Picq** – *Ça*
Harold **Pinter** – *Textes*
Jacques **Prévert** – *Paroles*
– *Spectacles*
Prokofiev – *Pierre et le loup*
Olivier **Py** – *La jeune Fille,*
le diable et le moulin
- Q** Raymond **Queneau** – *Exercices de style*
– *En passant*
- R** Jean **Racine** – *Britannicus*
– *Bérénice*
– *Andromaque*
– *Phèdre*
Frédéric **Révérénd** – *Des Parents sur commande*
Yasmina **Reza** – *Art*
Edmond **Rostand** – *Cyrano de Bergerac*
- S** Antoine de **St Exupéry** – *Le petit Prince*
– *Terre des hommes*
Nathalie **Sarraute** – *Pour un oui, pour un non*
Annie **Saumon** – *Oh! La Mer est tellement bleue*
William **Shakespeare** – *Peines d'amour perdues*
– *Roméo et Juliette*
– *Le Songe d'une nuit d'été*
– *Hamlet*
Sophocle – *Electre*
Martin **Sperr** – *Scènes de chasse en Bavière*
- T** Jean **Tardieu** – *Scènes*
– *La Cité sans sommeil*
– *Eux seuls le savent*
– *La Comédie de la comédie*
Anton **Tchekhov** – *La Demande en mariage*
– *L'ours*
Jean-Pierre **Tétart** – *Manières de loup*
Louis **Trebor** – *Femmes d'affaires*
- V** Salvatore **Viale** – *Dionomacchia*
Jacky **Viallon** – *Le grand Chariot*
Matei **Visniec** – *Lettre aux arbres et aux nuages*
– *L'Homme-poubelle*
– *Paparazzi*
- W** Tennessee **Williams** – *Propriété condamnée*
– *La Ménagerie de verre*
- Z** Catherine **Zambon** – *L'Oca*

Lexique des sigles



ADDC

Association départementale de développement culturel

ADIAM

Association départementale de développement musical et chorégraphique

ANRAT

Association nationale de recherche et d'action théâtrale

AROEVEN

Association régionale des œuvres éducatives et de vacances de l'Education nationale

CDDP

Centre départemental de documentation pédagogique

CNC

Centre national de la cinématographie

CNL

Centre national du livre

CRAC

Commission régionale d'action culturelle

CUS

Communauté urbaine de Strasbourg

DDJS

Direction départementale de la jeunesse et des sports

DRAC

Direction régionale des affaires culturelles

FAL

Fédération des associations laïques

FALEP

Fédération d'associations laïques d'éducation permanente

FAS

Fond d'action social

FOL

Fédération des œuvres laïques

GRETE

Groupe de recherche et d'expérimentation théâtrale

IFOB

Ile-de-France Opéra ballet

INJEP

Institut national de la jeunesse et de l'éducation populaire

MJC

Maison des jeunes et de la culture

OARA

Office artistique de la région Aquitaine

OCCE

Office central coopération à l'école

ORCCA

Office régional de la culture de Champagne-Ardenne

TAC

Théâtre, activités culturelles (in AROEVEN)



Commanditaires :

Ministère de l'Education nationale
et Ministère de la Culture et de la communication

Directeur de la publication :

Jacques Baillon

Coordination du Printemps théâtral :

Centre national du Théâtre (CNT)
6, rue de Braque • 75003 Paris
tél. 01 44 61 84 85
fax 01 44 61 84 86
e-mail : cnt@cnt.asso.fr

Chef de projet :

Danièle Naudin

Conception graphique et photo de couverture :

Atelier Pascal Colrat, Sophie Heilmann

Imprimerie : Perfect Graphic

Remerciements :

Jacqueline Bloas-Gonin, Catherine Joannès,
Jean Benezech, Anne-Sophie Destribats,
Jean-Paul Ciré, Brigitte Jais, Anne Le Roux,
Michel Oriano, Alain Thyreau, Colette Paris,
François Toros, Reine Prat, Claude Mollard,
Danièle Valentin, Gaston Feuillard

Avec le soutien d'Air France

Achevé d'imprimer en mai 2000.
Imprimé en France



www.education.gouv.fr



Anexo n.º 17:

“Projecto «*Protocolo do MPI, do
Provveditorato com l’ETI*» desenvolvido
pela Administração Central italiana”

**PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA**

Verona, 14.7.2000

Prot. n. 04/7082/A40

Gent.ma
Dott.ssa CELIA MARTINS
R.Dr. José de Matos
Lote 5-3° Esq.
8000-485 Faro **Portogallo**

Oggetto: Progetti educativi di letteratura e teatro.
Richiesta di informazioni..

Questo Provveditorato agli Studi, in risposta alla Sua cortese richiesta del 30 giugno 2000, può confermare di avere da sempre curato la diffusione e la realizzazione di progetti che riguardano l'educazione teatrale e letteraria nelle scuole di ogni ordine e grado, considerando tali esperienze momenti fondamentali nel processo educativo dei propri studenti..

Il Ministero della Pubblica Istruzione ha, inoltre, sottoscritto un Protocollo d'Intesa con l'Ente Teatrale Italiano ,relativo all'EDUCAZIONE TEATRALE (v. copia allegata), che invita tutte le Istituzioni coinvolte nella formazione dei ragazzi a valorizzare questo aspetto del patrimonio artistico ed espressivo.

I PARTE

Una costante attenzione è stata prestata ad iniziative concordate in collaborazione con gli Enti Locali (Comune, Provincia e Regione) e con Associazioni Teatrali che svolgono un ruolo importante nella vita culturale di Verona, in particolare :

- FONDAZIONE ARENA DI VERONA;
- ASSOCIAZIONE CULTURALE TEATRO NUOVO-ALCIONE;
- A.I.D.A. (Associazione Italiana Diffusione Artistica);
- NUOVA COMPAGNIA TEATRALE
- CENTRO NAZIONALE DI STUDI SU PIRANDELLO: GRUPPO DI STUDIO DI VERONA.

Queste collaborazioni hanno portato a poter offrire agli studenti , talvolta anche alle loro famiglie, l'opportunità di partecipare a rassegne teatrali , progettate in considerazione delle esigenze formative dei giovani, a concorsi di teatro e di letteratura (per allievi degli istituti superiori: 14-19 anni), a convegni (per allievi e docenti degli istituti superiori).



PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA

II PARTE

- Il Provveditorato ha organizzato, dall'anno scolastico 1997/1998 e con la collaborazione del Comune, la Rassegna Teatrale intitolata "TEATRIAMOCI" riservata agli istituti scolastici superiori. La manifestazione, che si svolge nell'arco di circa una settimana, prevede rappresentazioni da parte di Gruppi Teatrali composti da studenti e coordinati da loro docenti o da esperti esterni. In questa occasione gli allievi sono, quindi, attori e spettatori, talvolta anche autori dei testi interpretati.

Attualmente è in preparazione la IV edizione.

- Nel maggio scorso, inoltre, il Provveditorato, sempre in collaborazione con Istituzioni, Enti Locali e Ministero della Pubblica Istruzione, ha organizzato un Convegno dal titolo "PERCORSI TRA LETTERATURA E TEATRO PER UN PROGETTO DI EDUCAZIONE ALL'ASCOLTO" al fine di sensibilizzare le Istituzioni Scolastiche e le famiglie sulle tematiche che riguardano la lettura ed il teatro per l'infanzia e la preadolescenza, in rapporto alla promozione della salute e dell'equilibrio psicologico ed affettivo dei giovani.

- Per sostenere i docenti anche in questo campo, nell'anno scolastico 1998/1999 è stato organizzato un corso di formazione sulle tecniche teatrali di base, riservato agli insegnanti interessati all'educazione teatrale nelle scuole superiori.

In questi anni sono state autorizzate anche attività di aggiornamento proposte da Enti ed

Associazioni che si occupano di educazione e di didattica, con particolare attenzione al teatro.

Riguardo a quanto illustrato, è possibile inviare quel materiale che illustra le esperienze più significative o che documenta come sono state gestite, anche se non distinte per anni scolastici.

Si segnalano, inoltre, i nominativi delle Responsabili dei Settori che in questa Amministrazione seguono le iniziative culturali, educative e formative per studenti, docenti e dirigenti scolastici:

- Dott.ssa **ILEANA LEONARDI MANTIONE** - Ufficio Studi e Programmazione.
- Dott.ssa **STEFANIA LACQUANITI** - Ufficio Educazione alla Salute.

Con i più cordiali saluti ed auguri per il Suo lavoro.

IL PROVVEDITORE AGLI STUDI

(Nino Santilli)

All.: vari.

AZ/

Anexo n.º 18:

“Projecto «*Mediateca*» desenvolvido
pelo *Provveditorato agli Studi di Imperia*”

MEDIATECA

Centro di aggregazione per ragazzi
Un progetto per la Val Nervia

Il progetto :

a) le sue motivazioni

Lo sviluppo di qualsiasi comunità passa attraverso la diffusione delle idee, delle espressioni artistiche, dei mezzi di comunicazione. In tal senso ne fanno parte la letteratura, la musica, le arti figurative, la cinematografia, il teatro e grazie ai videoregistratori, ad internet ed ai compact disc sono diventati facilmente disponibili.

Nella nostra realtà di piccoli comuni e di economia disagiata non sempre le famiglie hanno sufficienti disponibilità economiche e stimoli personali per attingere a qualsiasi tipo di supporto culturale (libri, CD, videocassette, programmi informatici). Questa situazione determina un enorme svantaggio per le famiglie che, per scelta o per necessità, vivono nei piccoli comuni.

b) cosa si può realizzare

Il nostro intento è di colmare le mancanze mettendo a disposizione della comunità ed in particolare ai giovani una sufficiente offerta culturale a basso costo ed un centro di aggregazione nel quale coltivare interventi culturali ed anche ricevere stimoli per lo sviluppo della propria formazione personale.

I vari comuni della Val Nervia di dimensioni medio piccole potrebbero dividere gli oneri finanziari del progetto scegliendo di specializzarsi ciascuno in un settore e mettendo a disposizione degli altri il proprio patrimonio culturale : il fine è quindi la realizzazione di un servizio che sia una valida opportunità rivolta ai giovani, che realizzi attraverso l'intercambio l'integrazione delle varie comunità.

Per estensione il progetto vuole determinare l'allontanamento degli stessi da situazione a rischio e creare condizioni per lo sviluppo di dinamiche positive favorendo corrette esperienze ed occasioni di incontro culturale all'interno delle singole sedi

c) come si può realizzare

Il progetto, nell'attuale fase iniziale, ha come nucleo propulsore la Scuola Media di Dolceacqua con la collaborazione della Scuola Elementare, l'appoggio del Comune di Dolceacqua e del Distretto Sociale di Camporosso, aderiscono anche la Scuola Media ed Elementare di Pigna e come supporto esterno il Carrefour Liguria sito a Rocchetta Nervina.

Si intendono sviluppare inizialmente due sezioni della Mediateca, una a Dolceacqua ed una a Pigna, ognuna dotata di strumenti informatici, in futuro si prevede il coinvolgimento degli altri Comuni della Valle.

Le singole sezioni in quanto anche sedi di centri di aggregazione per i giovani dovrebbero garantire un orario di apertura antemeridiana, compatibilmente con l'orario scolastico e la disponibilità dei docenti.

Affinchè il servizio possa essere pienamente disponibile anche al pubblico dovrà essere stabilita un'apertura pomeridiana con la presenza di un operatore fornito dal Comune o altro Ente, di almeno due ore giornaliere in modo da permettere al singolo utente di recarsi nella sede della Mediateca sita nel proprio Comune e prendere in prestito immediatamente o, per i supporti

gestiti dalle altre sezioni, prenotare per i giorni successivi il libro, film, disco o CD Rom desiderato.

La distribuzione dei vari supporti culturali presenti nelle sezioni sarà garantita dagli insegnanti per quanto riguarda gli alunni delle Scuole interessate al progetto, dagli educatori, operatori sociali ed incaricati che il Comune potrà rendere disponibili per il pubblico esterno, trasportando in giorni stabiliti i supporti richiesti e ritirando quelli precedentemente prestati.

Si consiglia l'apertura pomeridiana in modo da rendere il servizio pienamente disponibile al pubblico.

Sezione di Dolceacqua: biblioteca specializzata in lettura per ragazzi
programmi di lingue straniere (inglese, francese)
scaffale multietnico
centro polivalente con attività di laboratorio

Sezione di Pigna: videoteca

Rocchetta Nervina: Carrefour Liguria (Centro di documentazione ed informazione della Comunità Europea), contatti per vacanze e studio all'estero

Si intende estendere il progetto ai Comuni di Isolabona, Apricale, Camporosso

Tutte le sezioni devono essere dotate di strumenti di diffusione informatici collegati tra loro attraverso una rete "intranet".

d) gli elaboratori

Essendo necessario indirizzare l'iniziativa soprattutto ai giovani e agli studenti occorre che ogni sezione acquisti almeno quattro personal computer collegati in rete internet attraverso un router (particolare tipo di modem ad alta velocità di trasmissione in linea ISDN che gestisce diversi P.C. utilizzando un'unica linea telefonica di accesso ad internet).

Tre dei quattro personal sarebbero sempre a disposizione degli utenti per collegarsi ad internet o per utilizzare programmi informatici l'ultimo a disposizione dell'operatore per la gestione dei prestiti.

I costi di gestione

a) Per la realizzazione del progetto ogni sezione deve mettere a disposizione un operatore sociale con funzioni di guida per i giovani e di direzione della sezione con un orario settimanale di lavoro di minimo 6 ore. Si precisa che il personale non deve essere necessariamente assunto dai vari Comuni potendosi ipotizzare, a certe condizioni, anche l'affidamento ad una cooperativa.

Là dove il personale docente della Scuola si occupa del progetto la sezione rimarrà aperta in orario scolastico, secondo una calendarizzazione specifica.

b) la gestione della sede

Sono da prendere in considerazione le spese per la necessaria utenza telefonica (unica linea ISDN), di collegamento ad internet attraverso l'abbonamento ad un provider, di combustibile per il riscaldamento, di energia elettrica.

I finanziamenti

a) fondi comunali

Certamente il Comune deve investire propri fondi soprattutto per quanto concerne le spese di gestione delle sezioni.

Si ritiene di poter prevedere la copertura delle spese di investimento da parte di altri enti pubblici quali la Regione e la Provincia

b) contributi degli utenti

Il servizio dovrebbe essere completamente gratuito :

1) il fine del progetto è quello della diffusione della cultura

2) i CD e le videocassette non possono essere oggetto di noleggio (contratto tipico di concessione temporanea del godimento di una cosa mobile verso corrispettivo) per espresso divieto posto dai produttori

Si ritiene comunque necessario che gli utenti depositino, all'atto dell'iscrizione, una somma (da indicare) rimborsabile in caso di disdetta dell'iscrizione.

La somma depositata assicurerà la restituzione dei supporti e potranno essere previste penali per ritardata riconsegna.

c) contributi di enti pubblici

La Regione e la Provincia assegnano contributi per la realizzazione di biblioteche e per la diffusione culturale ai sensi della L.r.77/98.

A tal proposito si ritiene opportuno precisare che il progetto " Mediateca" è in piena sintonia con lo spirito della Legge regionale che impone all'art.10 l'obbligo per i Comuni con meno di duemila abitanti di associarsi per la gestione del servizio di biblioteca ed informazione.

Si ritiene che le motivazioni e lo spirito innovativo del progetto garantiranno il pieno appoggio di detti Enti.

d) sponsorizzazioni

Le banche e le aziende presenti sul territorio potrebbero essere interessate a legare il proprio nome ad un'iniziativa culturale assegnando contributi.

SEZIONE DI DOLCEACQUA

La scuola Media di Dolceacqua con la collaborazione del Comune e del Distretto Sociale di Camproosso ha sviluppato il progetto di una Mediateca che funzioni secondo criteri fondamentali:

- a) la distribuzione delle competenze
- b) il coinvolgimento di tutti gli enti territoriali
- c) la specificità dei settori sviluppati

Il punto a) relativo alla distribuzione delle competenze è strettamente collegato al punto c) della specificità dei settori, infatti, tenendo presente la conformazione del territorio della Val Nervia, è apparsa la necessità di costituire un centro di cultura che leghi tra loro tutte le forze esistenti potenziando la specificità di ogni singolo Comune.

Ogni sezione appartiene dunque ad un Comune e sviluppa un settore culturale specifico concentrando le risorse economiche su un obiettivo che potrà così essere maggiormente approfondito e andrà a sua volta a vantaggio di tutta la comunità della Valle.

La sezione di Dolceacqua intende sviluppare i seguenti settori :

-Biblioteca settore letture per ragazzi
settore lingue straniere
settore multi-etnico

-Centro polivalente con attività di laboratorio

La biblioteca verrà organizzata utilizzando :
i testi già presenti nella ex biblioteca civica che il Comune mette a disposizione,
il materiale librario già presente nella Scuola Media,
libri di lettura per ragazzi ,da acquistare
libri e software didattici in lingua straniera ,da acquistare
libri e sussidi per uno scaffale multi-etnico, da acquistare

Il centro polivalente con attività di laboratorio lavorerà su progetti specifici degli educatori sociali (vedi allegato)

Personale

La sezione funzionerà in orario scolastico con progetti specifici approvati dal Collegio Docenti.
In una seconda fase potrà essere richiesto il distacco di un insegnante sulla biblioteca secondo quanto previsto dalla normativa scolastica.
In orario pomeridiano opererà l'educatore fornito dal Comune e dal Distretto Sociale

Contribuenti

Il Comune ha dato la disponibilità d'uso di un locale sito in Palazzo Luigina Garoscio e con esso l'onere delle spese di elettricità, riscaldamento, abbonamento ad internet. Inoltre concede i libri della ex biblioteca civica e gli arredi.

Il capo d'Istituto della Scuola Media di Vallecrosia ha concesso alla sezione di Dolceacqua l'uso e l'utilizzo dei testi presenti nella Scuola

Il Distretto Sociale di Camporosso insieme al Comune di Dolceacqua sosterranno le spese di un educatore che avrà funzione guida per i giovani e di direzione della sezione in orario pomeridiano.

Si CHIEDE alla Provincia un contributo di L.26.000.000 per l'avvio del progetto e nel dettaglio per l'acquisto di :

libri per ragazzi (vd pag.13,14,15)	L 4.000.000
N.1 computer per la catalogazione e prestito scanner e stampante	L 3.000.000
N.3 computer ,testi di lettura e software didattici in lingua straniera (vd pag.6,7,8,9)	L 14.000.000
libri per lo scaffale multietnico (vd pag 10,11,12)	L.3.000.000
materiale per le attività di laboratorio	L.2.000.000

SETTORE LINGUA STRANIERA

Finalità generali:

-promuovere la conoscenza delle lingue straniere e la consapevolezza del loro utilizzo come strumento di comunicazione e di lavoro su un territorio che intende sviluppare il settore turistico

Obiettivi:

- dare la possibilità agli alunni di potenziare le proprie conoscenze in lingua straniera e di usufruire di una più ampia offerta di materiale didattico

-offrire la possibilità di comunicare e conoscere in L2,L3 attraverso l'uso dei mezzi informatici e di internet

- offrire un punto di incontro comune fra alunni della scuola media e della scuola elementare per elaborare progetti comuni

-creare un centro linguistico di accoglienza degli alunni stranieri con cui si attueranno scambi culturali (gemellaggi, progetto Socrates)

- realizzare attività culturali per gli adulti (corsi, stage)

Materiale da acquistare:

n.3 computer collegati in rete con collegamento internet

Testi e software didattici:

(Inglese)

ABC with KC , Winkler	L.85.000
The jungle world , Giunti multimedia	L.99.000
At Home with KC, Winkler	L.99.000
Accelerated English livello 1, Winkler ,	L.420.000

(francese)

Parlons encore, livello base, Opera multimedia	L.149.000
Parlons encore, livello int.,Opera multimedia	L.149.000

CASA EDITRICE PETRINI

D. DEFOE, ROBINSON CRUSOE

R.L. STEVENSON, DOCTOR JEKILL AND MISTER HYDE

C. DICKENS, A CHRISTMAS CAROL

C. BRONTE, JANE EYRE

Costo unit. 12.900

TOTALE 51.600

EDIZIONI IL CAPITELLO

RUDYARD KIPLING, JUST SO STORIES

THE BROTHERS GRIMM, HANSEL AND GRETEL

H.C. ANDERSEN, THE UGLY DUCKLING

OSCAR WILDE, THE CANTERVILLE GHOST

Costo unitario L. 7.500

TOTALE L. 30.000

SETTORE MULTIETNICO

Finalità generali

Sul territorio e nelle Scuole della Val Nervia, negli ultimi anni, si è verificato un fenomeno crescente di immigrazione dal Marocco, Albania, Crozia, Serbia e Germania.

La complessità dell'integrazione è proporzionale alla diversità culturale e linguistica, si rende dunque evidente la necessità di lavorare per l'integrazione e per il superamento dei pregiudizi nei confronti delle persone straniere e delle loro tradizioni.

In tal senso la Scuola riveste una funzione sociale importante offrendo l'opportunità del confronto e dello stimolo all'approfondimento delle discipline antropologiche, della storia delle religioni e della storia comparata.

Nella Scuola Media di Dolceacqua attualmente vi sono due alunni marocchini e un bosniaco di lingua tedesca ; a Pigna un inglese ed un albanese. La presenza di questi alunni ha fatto emergere la necessità di favorire in primis l'apprendimento della lingua italiana partendo in taluni casi da un percorso di vera e propria alfabetizzazione. Le difficoltà nello svolgimento di questo processo riguardano particolarmente la mancanza di preparazione a questo problema del personale docente, della fruibilità di materiale adeguato e della non conoscenza di mediatori culturali a cui far riferimento per lo sviluppo di percorsi specifici e per i contatti con le famiglie.

Obiettivi

La biblioteca si propone di diventare un polo di attrazione di forze interne ed esterne alla scuola :

- 1) offrire informazioni relative ai servizi per gli stranieri presenti sul territorio
- 2) promuovere i contatti con i mediatori culturali
- 3) organizzare un scaffale multietnico con materiale di alfabetizzazione primaria, sussidi (vocabolari illustrati bilingue, schede operative) e corsi graduati di insegnamento della lingua italiana .(Per la bibliografia dettagliata fa seguito l'allegato)
- 4) favorire l'interculturalità

Bibliografia per lo scaffale multietnico

G.Ventura , "Lexico Minino ", vocabolario bilingue (,interculturale, illustrato, da 4 a 12 anni)
,Ed.EMI (arabo ,cinese ,albanese £ 60000)
uwe ab: <http://www.eni.it>

Quaderni dell'interculturalità" ,Collana Cem
CEM centro educazione alla mondialità ,via Piamarta 9 , 25121 Brescia

"Benvenuti a scuola " ,Ed.Andrea Genova Studio (arabo ,serbo croato, albanese, spagnolo)

G.Bettinelli,G Favaro
"L'italiano per ... " quaderno di lavoro ,Ed. Guerini Studio

"Anche in Italiano "(quaderni specifici per alunni stranieri)
"Voglio capire"(quaderni operativi della scuola elementare dalla prima alla quinta), Ed.Nicola Milano

Vinicio Ongini "Lo scaffale multiculturale"

IRSAE LIGURIA L2 Schede di accoglienza croato ,arabo ,francese , per la media; insegnare attraverso le canzoni (la GATTA di Gino Paoli e le DONNE DI MODENA.)

NARRATIVA:

Editore SINNOS (FIRENZE)

Racconti per la 4 / 5 elementare e media ;bilingue con mappa pagine che riportano notizie del paese :Palestina, cultura Rom, Filippine,,Eritrea, Marocco, Albania, Capo Verde, Polonia.(L 15.000)

" Editore MONDADORI ragazzi ,collana fiabe Junior-Oro.

Fiabe della tradizione "(in italiano). Francesca Lazzarato Ougin

Progetto "Fiabe nella valigia" figurate (Albania ,Cina Filippine,, Arabo ,Senegal)

Editore Carthusia collana "Storie sconfinatate"

Provincia Milano , £ 15000

Editore gruppo Abele ,Via Giolitti 21 Torino

Schede didattiche per l'educazione multiculturale nelle scuole.:notizie culturali, ambientali, favole, filastrocche e parole in lingua.

Capo Verde/Eritrea/Filippine/Zingari.

Editore Africa 70 ,Milano C. Mandeville (in italiano).

Viale Monza 48 telefono 02.2871769

Per attività intrculturali:(£ 13000)

Editore Giunti (Fi)" Un libro lungo un mondo."

"Un libro buono un mondo" (alimentazione)

Editore JACA BOOK

Collana passo dopo passo ,di divulgazione POP UP.

L'oasi, la città araba ,la Medina, la sosta nel deserto(mondo arabo)

£ 35000. "

Collana Pali Mali : "Tashi e nonna turchese."(Tibet).

"Emi lo straniero"

"Emi e Guendi"

" Emi trova un tesoro"

Serie Storia dell'uomo :LA CINA ,L'ISLAM.

Un mondo da scoprire (con pagine su acetato)

Ed. E. Elle/il mondo da scoprire

"Atlante dei popoli"

"Atlante dei paesi"

enciclopedia del sapere

"I bambini del mondo"

Ed. ANICIA

Comunità di S. Egidio Via San Francesco a Ripa 62 Roma

(libri interculturali per bimbi più piccoli: materna.)

"La storia di Ali"

"Il segreto di Joussuf"

Ed.FATATRAC dire fare giocare.

Via Lanza 64 Firenze. Ci vieni a casa mia?(Cinesi)

Com'è il tuo paese?(Tanti popoli, miti,leggende.)

Ed. Nord-Sud"

Hans de Beer (elementare).
Marcus Pfister.

"Piuma e il coniglietto fifone."
"Fiocco di neve il coniglietto delle nevi"
"Fiocco trova un amico."

Ed. EMI percorsi per insegnare alla mondialità

Comune di Modena settore pubblica istruzione.

CATALOGO: 1992 Assessorato alla cultura di Roma.Centro sistema bibliotecario Prov.Roma
:Catalogo mostra"Libri senza frontiere" quaderno di letteratura per l'infanzia

Ed. Ex Libris ,Trieste via San Francesco Fax 040/637866

G.Caliceti "Marocchino" :storie italiane di bambini stranieri

Guerrini Studio Racconta Fiabe (Cina ,Argentina , Arabia, Serbia), tradotte in due lingue con
percorsi didattici già costruiti

CORSI DI ITALIANO PER STRANIERI

Bettinelli ,Favaro, 1996." Anche in italiano".Bologna. Nicola Milano

De Tomi, vicentini, 1997. Passeggiate italiane , Roma. Bonacci

SETTORE LETTURE PER RAGAZZI

Premessa

L'amore per i libri fornisce ai bambini e ai ragazzi uno stimolo alle capacità di comprensione ed interpretazione dei messaggi e lo sviluppo conseguente di abilità critica.

Leggere, essere "esposti" al libro, aiuta a dotarsi degli strumenti necessari per cogliere gli aspetti multiformi della realtà e costituisce soprattutto un aiuto all'approfondimento della lingua e all'arricchimento del lessico.

Destinatari

Bambini della fascia di età compresa tra la scuola materna ed elementare
Pre-adolescenti - adolescenti

Obiettivi generali

Avvicinare bambini e ragazzi al piacere della lettura

Arricchire il bagaglio culturale

Facilitare il successo scolastico

Contenuti

Prestito di libri

Attività di lettura ad alta voce

Attività linguistiche varie

Laboratorio di lettura e scrittura

Produzione di materiale librario

BIBLIOGRAFIA

AVVENTURA

bambini 1°- 2° circolo scuola elementare 1° media

Casa editrice SALANI

Natalie J. Prior, AMABEL	L. 14.000
A. Ahlberg, ARF!	L. 14.000
" " , BANGDITI	L. 14.000
G. Mc Skymming, CAIRO JIM	L. 14.000
" " , CAIRO JIM E LA PISTA PER CHACHAMUCHOS	L. 14.000
Uri Orlev, COM'E' DIFFICILE ESSERE UN LEONE	L. 14.000
A. Lindgren, EMIL,	L. 11.000
EMIL IL TERRIBILE	L. 12.000
EMIL NON MOLLA	L. 14.000
R. Dahl, IL GRANDE ASCENSORE DI CRISTALLO	L. 13.000
L: Rerd Banks, IL MISTERO DELL'ARMADIO	L. 15.000
E. Nava, LA BAMBINA STRISCE E PUNTI	L. 12.000
R. Dahl, LA FABBRICA DI CIOCCOLATO	L. 15.000
M. Mahy, LA TURBINOSA STORIA DI PICCO URAGANO	L. 13.000
M. Ende, LE AVVENTURE DI JIM BOTSTONE	L. 22.000
S. Gandolfi, L'ISOLA DEL TEMPO PERSO	L. 15.000
" " , OCCHIO AL GATTO	L. 15.000

UMORISMO

R. Dahl, AGURA TRAT	L. 9.000
E. Honey, TU CHE NE DICI EMMA BAI?	L. 14.000
J. Gathorne-Hardy, CYRIL CONTRO LA BANDA DELLA DONNONA	L. 12.000
" " , CYRIL DELLE SCIMMIE	L. 11.000
" " , CYRIL DELLE FOGNE	L. 14.000
R. Dahl, GLI SPORCELLI	L. 12.000
E. Nava , LA MUMMIA CHE FUGGI' DAL MUSEO	L. 12.000
Edy Lima, LA VACCA VOLANTE	L. 11.000
E. Honey, STELLA STREET 45 E 47	L. 14.000
M.E. Walsh, TI REGALO UN ELEFANTE	L. 14.000
W. Taylor , O che beela eredità	L. 14.000
C. Brambilla, ODORE DI BRODO	L. 13.000

BRIVIDO

P.Lively, ALIENI A LIETO FINE	L. 13.000
E.Ibbotston, FANTASMI DA ASPORTO	L. 14.000
" " IL MOSTRO CHE DISSE MAMMA	L. 10.000
" " MISS. STREGA	L. 15.000
A.Sommer Bodenburg, IL BAMBINO CHE NON C'ERA	L. 13.000
P.Van Loon, MAI MORDERE I VICINI	L. 13.000
F.Daddi, IL VAMPIRO CON GLI OCCHIALI A FARFALLA	L. 13.000

CASA EDITRICE SALANI

FANTASIA

O.Preussler, BIMBO D'ACQUA	L. 12.000
A.Amlberg, DIECI IN UN LETTO	L. 11.000
J.K.Rowling, HARRY POTTER E LA PIETRA FILOSOFALE	L. 25.000
U.Moray Williams, I FANTASMINI DELLA NONNA	L. 13.000
T.Jansonn, IL CAPPELLO DEL GRAN BAU	L. 13.000

R.Dahil, IL GGG	L. 14.000
" " IO, LA GIRAFFA E IL PELLICANO	L. 10.000
" " LA PESCA GIGANTE	L. 10.000
Tore Jamsonn, MAGRA D'INVERNO	L. 14.000
J.Van Leennon, MA NON E' UN ANGELO	L. 12.000
N.Willard, RE D'ERBA	L. 12.000
R.Piumini, UN AMORE DI LIBRO	L. 12.000
J.M.Barriè, PETER PAN	L. 15.000
POESIE E FILASTROCCHHE	
M.Enda, IL LIBRO DELLE POESIE	L. 20.000
B.Tognolini, MAL DI PANCIA CALABRESE	L. 13.000
L.Cella, MAMMA CANNIBALE	L. 10.000
P.Formentini, POLPETTINE DI PAROLE	L. 10.000
CASA EDITRICE FELTRINELLI	
FANTASIA -collana SBUK-	
J.François Menard, QUINDICI MILIONI PER UN FANTASMA	L. 14.000
A.Vivarelli, UNO GNOMO NELL'ORECCHIO	L. 11.000
C.Mughes, TUZZI E LA CASA A TESTA IN GIU'	L. 14.000
AVVENTURA	
D.Picouly, LA COPPA DEL MONDO NON SI FARA'	L. 12.000
C.Madia, ASCENSORE PER LO SPAZIO	L. 12.000
O.Collazo, LA ROTTA DELLE BALENE	L. 12.000
UMORISMO	
U.Stark, IL PARADISO DEI MATTI	L. 11.000
Collana BABU'	
E.Nava, QUANDO I BABBUINI ANDAVANO AL CINEMA	L. 10.000
S.Frasca, PARLA, RODRIGO!	L. 11.000
AVVENTURA BABU'	
G. Quarzo, ORAZIO TANTI COLORI	L. 10.000
Janosti, BUONANOTTE TALPOTTO	L. 11.000
Uri Orlev, NONNITA	

MATERIALE VARIO

CASA EDITRICE ERICKSON

Il laboratorio delle attività musicali	L. 33.000
Il laboratorio delle attività teatrali	L. 38.000
Giocare con le parole	L. 32.000
Comunicazione ed apprendimento in Internet	L. 38.000
Collana "Libri gioco" per la lettura facilitata	L. 14.000
Imparo a leggere senza errori (kit per l'apprendimento della lettura)	L. 57.000
Storia facile	L. 39.000
Guida allo studio del testo di storia	L. 38.000
Imparare a studiare la geografia	L. 45.000
Recupero e sostegno in Geografia 2 livelli	L. 34.000
Inventare e raccontare storie	L. 36.000
Apprendere la fantasia	L. 34.000
Adattamento dei libri di testo	L. 48.000

N.B. La presente bibliografia è stata redatta a titolo esemplificativo e non è pertanto esaustiva. Verrà eventualmente integrata in seguito.

ATTIVITA' DI LABORATORIO

"TURISTI PER UN ANNO"

Spesso i luoghi che assumono connotazioni fantastiche, meravigliose e magiche durante il periodo dell'infanzia, tendono ad essere svalutati o addirittura dimenticati durante gli anni successivi. Questo accade perché, giorno dopo giorno, entrano a far parte dell'abitudinario, si danno per scontate: si vedono, ma non si guardano più.

L'incalzare di sempre più numerosi stimoli ambientali e culturali, tende ad abbreviare questo percorso, per cui, per i giovani d'oggi, microcosmi come il giardino, la soffitta o la cantina non sono più avvolti da quell'aura misteriosa, non sono più teatro di mille avventure come forse sono stati per molti di noi.

Analogia spetta ai nostri macrocosmi di riferimento: la piazza, il quartiere, il paese, la città, che non vengono più considerati nuclei di appartenenza, ma semplici posti in cui è capitato di nascere o di trasferirsi. Questo atteggiamento può essere la causa di un disinteresse nei confronti dell'ambiente e di un conseguente lassismo sociale ed ecologico.

Di qui la necessità di rallentare un po' il tempo, di insegnare ai ragazzi a vivere certi luoghi, se non come magici, per lo meno come parte del loro cammino, e, come tali da conoscere.

Un paese, caratteristico con un passato-presente come Dolceacqua, si presta pienamente a questo gioco, a questo tentativo di educazione territoriale, culturale ed ambientale.

Dolceacqua è contraddistinta da un aspetto, un'architettura, che al primo sguardo proiettano nell'età medievale. Molti luoghi storici (castello dei Doria, quartiere della Terra, convento Benedettino, Rastrello, Ponte Vecchio, chiesa di S. Filippo e chiesa di S. Giorgio), naturalistici (torrente Nervia, campagna circostante), usi e tradizioni ancora in vigore, sono buone basi d'appoggio su cui far esercitare la curiosità dei ragazzi.

Il progetto, per attuare, questa riscoperta (scoperta?) prevede una serie di attività ludico didattiche, che verranno svolte per tutta la durata dell'anno scolastico: 6 ore settimanali.

ATTIVITA'

o PUZZLE STORICO

Partendo da strutture ed oggetti antichi (tasselli) ricostruiremo, spinti dalla curiosità, con l'ausilio di libri, dipinti, tradizioni, mass-media la storia di Dolceacqua, cercando anche notizie sull'origine celtica del suo nome **D'us Aga** (dio degli incantesimi)

○ **CARTOLINE VECCHIE E NUOVE**

Ricercheremo, coinvolgendo anche le famiglie, cartoline vecchie e nuove per osservare come è cambiato il paese, e perché.

○ **INCONTRO CON I RAGAZZI DEL '20**

Incontreremo alcuni "Vecchi" che ci incanteranno con aneddoti e "favole" locali, che difficilmente si trovano sui libri.

○ **COSTRUIAMO DOLCEACQUA**

Con vari materiali di recupero e non costruiamo il plastico di Dolceacqua ieri, oggi, domani

LA MICHETTA

Impariamo a cucinare il dolce tipico del paese.

○ **IL ROSSESE e L'OLIO EXTRA-VERGINE**

Visitiamo cantine e frantoi e impariamo i procedimenti di vinificazione e di preparazione dell'olio

○ **VISITIAMO LUOGHI, PARLIAMO CON PERSONE, RUBIAMO IMMAGINI**

Laboratorio di fotografia, per documentare il lavoro, le uscite, i giochi e ricordarli con piacere.

Il progetto si propone la realizzazione di un sito Internet corredato di fotografie digitali (scattate sia al paese, che ai ragazzi partecipanti al progetto); musiche, canzoni e commenti d'accompagnamento (ricercate o realizzate dai ragazzi), che possa, in modo divertente ed originale raccontare la storia e gli ultimi 700 anni, tramandare leggende e tradizioni, sponsorizzare il paese e le sue risorse.

SEZIONE DI PIGNA

Settore videoteca

Allestimento videoteca:

All'interno del progetto "Una Mediateca per la Val Nervia", la Scuola Media ed Elementare sezione di Pigna propone di allestire nei locali della Scuola Media (aula di informatica) o eventualmente in locali messi a disposizione del Comune, una Videoteca, utilizzando il materiale già esistente nella Scuola Media (sezioni di Pigna e Dolceacqua) ed acquistando le videocassette.

Orario e personale:

La Videoteca funzionerà inizialmente in orario antimeridiano (con insegnanti della scuola Media, in attesa di definire meglio la disponibilità di educatori o personale del Comune che potrebbero essere presenti nelle ore pomeridiane.

La Videoteca offre :

La possibilità di visionare film a Scuola da parte degli alunni, ma anche la possibilità di effettuare prestiti ad un pubblico esterno ed alle altre Sezioni della Mediateca attraverso il prestito informatizzato, ponendosi così come un polo di attrazione da parte di forze interne ed esterne alla Scuola

Finalità generali:

promuovere le conoscenze dell'espressione cinematografica sia sotto l'aspetto di prodotto di mercato, che sotto quello della creatività individuale.

Obiettivi:

- arricchire il bagaglio culturale
- presentare film narrativi che sviluppino argomenti di tematiche curriculari
- presentare documentari geografici e storici come sussidi didattici

Materiale:

n.1 televisore.n.1 videoregistratore, già a disposizione della Scuola Media di Pigna
n.100 videocassette o DVD, da acquistare

La scelta dei singoli titoli delle videocassette terrà conto degli obiettivi sopra indicati. Come preventivo di spesa per l'acquisto di circa n.100 videocassette al prezzo di £ 40.000 l'una, si indica una cifra iniziale per l'avviamento della Videoteca di £4.000.000 per il prossimo anno scolastico.

Si intende che la dotazione della Videoteca rifletterà la disponibilità finanziaria reperibile.

Anexo n.º 19:

“«*Programa RBE*» desenvolvido
pelo CAE de Braga”

Celia Martins

De: Filomena Alves <filomena.alves@dren.min-edu.pt>

Para: 'rdd64307@mail.telepac.pt'

Assunto: informações CAE de Braga - leitura

Data: Sexta-feira, 25 de Agosto de 2000 11:31

Conforme o solicitado por correio electrónico de 8 de Agosto de 00, vimos por este meio informar relativamente aos projectos de promoção da leitura e do teatro a ser desenvolvidos ao nível da administração local.

Ao nível da administração central existe desde 1996 um protocolo entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação no sentido de desenvolver o Programa da Rede de Bibliotecas Escolares. Este programa, conta ainda com um terceiro parceiro, as autarquias de concelhos que se mostram interessados no mesmo e a ele se candidatam mediante o cumprimento de determinados requisitos.

A Direcção Regional do Norte tem, neste momento, como projecto central para a promoção da leitura e do teatro o Programa da Rede de Bibliotecas Escolares.

Ao nível deste CAE seguimos as orientações da DREN no que concerne à promoção da leitura e do teatro e de todas as expressões culturais, artísticas, desportivas e recreativas.

Assim, no sector técnico pedagógico deste CAE, um elemento da equipa acompanha e apoia, prioritariamente, as escolas que fazem parte do programa RBE. Essa pessoa está disponível para acompanhar as escolas na implementação da sua BE/CRE bem como na sua dinamização; por outro lado, promove a cooperação inter-escolas e destas com as Bibliotecas Públicas dos concelhos deste distrito que se encontram ligados pela RBE.

Cada escola tem o seu Projecto Educativo e dentro dele o seu plano de actividades anual e, autonomamente, desenvolvem actividades para a promoção da leitura e teatro mediante a sua especificidade.

Em anexo, enviámos cópia do Relatório Síntese: Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares cuja versão integral bem como outras informações sobre o programa pode obter no seguinte endereço electrónico: www.dapp.min-edu.pt

<<relat sintese.htm>>

Melhores cumprimentos,
Filomena Alves

Anexo n.º 20:
“Projecto «*Le Goncourt des Lycéens*»
desenvolvido pela *Académie* de
Nancy-Metz”

LE GONCOURT DES LYCÉENS

L'aventure commencée il y a 8 ans avec la FNAC a pour projet simple mais ambitieux d'encourager la pratique de la lecture auprès des 14-18 ans, classes d'âges habituellement difficilement séduites par le livre, en s'appuyant sur le temps fort que représente l'automne pour les prix littéraires et en suscitant la curiosité vers la création contemporaine, trop jeune pour faire partie des programmes.

Fin 96, dans 10 villes de France, des élèves de classes littéraires, scientifiques ou techniques, préparant des bacs généralistes, professionnels ou économiques ont lu les livres sélectionnés pour le prix Goncourt.

Cette année, c'est la classe de 1ère L2 option musique et théâtre du Lycée Chopin à Nancy qui a représenté l'Académie de Nancy-Metz. La FNAC leur a fourni les livres que les élèves ont dévorés en un temps record : entre 8 et 10 livres chacun en 2 mois ! Ils ont ensuite rendu leur verdict et élu leur Goncourt. Puis un jury national s'est réuni, composé d'un représentant de chaque ville : une rencontre riche d'échanges au terme de laquelle un seul livre et auteur a été sélectionné pour devenir LE Goncourt des Lycéens.

Enthousiasme et passion chez Caroline, Gaëlle, Julie, Alexis, Nicolas et Céline interviewés par Spirales :

"Nous avions très envie de parler de nos lectures aux autres : ça nous brûlait les lèvres. Nous avions vraiment beaucoup de choses à dire."

"Nous nous sentions des privilégiés et ça a été l'occasion de prouver qu'on est suffisamment mature pour être juré, adultes quoi, pas seulement lycéens."

"J'ai ressenti beaucoup de fierté, comme si les intellectuels de la télé, c'était nous !"

"Nous avons eu envie de contaminer les autres, de communiquer notre boulimie de lecture. Mais c'était aussi une sorte de défi : il fallait trouver le moyen pour que les autres aient envie de nous écouter et de lire les livres. Pas facile !"

"Ça nous a donné un certain recul par rapport à la médiatisation du Goncourt : on apprend à vérifier par soi-même les jugements, les impressions, on cherche et on lit des articles de critiques littéraires... et on compare avec nos propres opinions."

"C'était devenu un sujet de conversation à la maison avec la famille : les adultes se sont intéressés à ce que nous faisions, ils nous ont écoutés, nous avons échangé."

"La venue des auteurs nous a permis d'avoir un vrai dialogue. Ils nous voyaient comme des lecteurs, pas comme des lycéens."

"Rencontrer un auteur, ça démystifie l'écrivain."

"Avant de parler avec les auteurs, je ne voyais pas de différences entre les lectures. Maintenant, j'ai compris, je sens, je vois, je vis les livres."

"Ça m'a beaucoup apporté. J'ai appris à juger par moi-même."

Le Goncourt des lycéens est national et concerne les élèves de Première

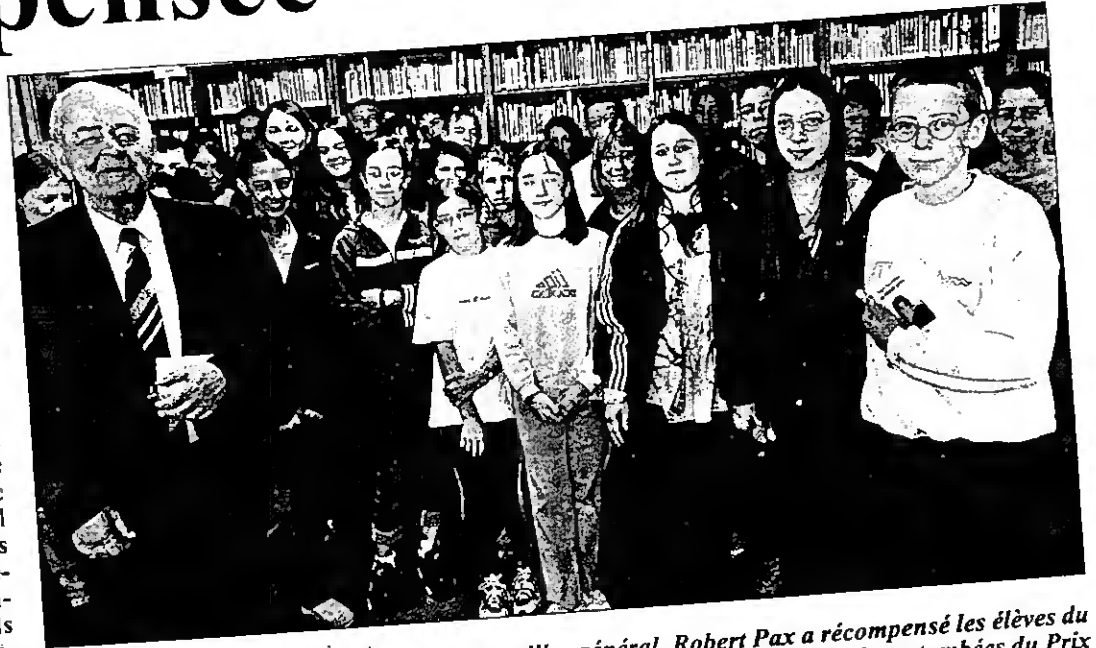
Anexo n.º 21:
“Projecto «*Prix jeunesse de l’Été du livre*»
desenvolvido pelo *Académie* de Nancy-
-Metz”

Sarreguemines

Prix jeunesse de l'Été du livre

La classe de Nicolas Bähr récompensée

Plutôt discret, le regard aussi clair que ses lunettes presque rondes, Nicolas Bähr nage dans le bonheur. Les pommettes rouges par les félicitations du conseiller général de Sarreguemines ville, le jeune homme de 13 ans était cette semaine le héros de toute la classe de 5e4 du collège du Himmelsberg en recevant des mains de Robert Pax le prix littéraire jeunesse 2000 de l'Été du livre. Un prix littéraire distribué par le Conseil général et doté d'un bon d'achat de livres de 2 500 F qui profite à l'ensemble de l'établissement scolaire duquel est issu le lauréat. « Les élèves étaient obligés, selon leur catégorie d'âge, de lire cinq ouvrages, de choisir celui qu'ils préféreraient, d'en faire une critique et de classer les autres livres », explique Josette Ferrandi, professeur de français du collège du Himmelsberg remerciée par Roberto Damelincourt. Le principal adjoint a dit « merci au professeur pour avoir organisé tout ce travail et merci aux enfants. Ce qui prouve bien que la lecture est une récompense à plus d'un titre ». Dans la catégorie des 9-12 ans, ce sont les *Lettres à qui vous savez* de Hervé



Conseiller général, Robert Pax a récompensé les élèves du collège Himmelsberg qui se partagent les retombées du Prix littéraire jeunesse 2000 de l'Été du livre.

Debry (Ed. Casterman) qui ont remporté le suffrage des écoliers mosellans. Tandis que le *Cœur de louve* de Pierre-Marie Beaude (Ed. Gallimard) a séduit le cœur des 13-15 ans.

Toujours dans le cadre d'un travail fait en classe de français, les élèves de Josette Ferrandi ont étudié *Robinson ou la vie sauvage* de Michel Tournier au courant du mois de février. Après avoir décidé d'interroger l'auteur

en lui adressant directement les questions de la classe par courrier, les élèves ont eu la surprise d'entendre les réponses de Michel Tournier. L'auteur a répondu à vive voix en envoyant une cassette à la classe de 5e4 du collège du Himmelsberg. Sympa, non ?

Une brassée de pages tous les soirs

Des lunettes comme Patrick Süskind posée sur le nez, le héros local du prix littéraire jeunesse 2000 de l'Été du livre dévore le papier : « Je lis tous les soirs quelque pages ». Un parfum de mots dont s'enivre Nicolas Bähr, 13 ans, avant de rêver plus avant. Il avoue toutefois « préférer lire les romans policiers parce qu'il y a du suspens et que ça donne envie de continuer de lire » justement. En ce moment, son livre de chevet s'appelle *Meurtre à l'harmonica*. Nicolas lit régulièrement mais travaille aussi sa



plume : « J'écris des lettres à des gens de ma famille et à Anselme, mon correspondant du Bénin en Afrique ». C'est donc sans complexe que Nicolas se lance tous les jours dans le bain littéraire et tout court. Licencié au Cercle nautique de Sarreguemines, il prépare actuellement les championnats de France de natation. Un esprit sain dans un corps sain.

Nicolas Bähr, élève de 5e4, lit et nage tous les jours.

Anexo n.º 22:

“Projecto «*Le prix de la nouvelle pour La Mort de Sarah*» desenvolvido pela *Académie de Nancy-Metz*”

COMMECY

LITTÉRATURE

Le prix de la nouvelle pour « La Mort de Sarah »

Quatre-vingts lycéens d'Henri-Vogt ont participé à un concours littéraire organisé par les professeurs de lettres.



Les lauréates.



La distribution des prix.

Le projet était un vrai pari : amener à la lecture, et mieux, donner l'envie à des élèves de lycée professionnel d'écrire leurs propres textes. Pour y parvenir, les professeurs de lettres des sections professionnelles du lycée Henri-Vogt ont organisé un véritable concours littéraire ouvert aux élèves des classes CAP, BEP et Bac pro de l'établissement, sans doute le meilleur moyen de dépasser le stade des problèmes d'orthographe tout en initiant ces jeunes auteurs à la recherche documentaire.

Si on s'en tient au nombre de participants, 80, ce concours est déjà un succès. Mais le jury, constitué de profs et d'élèves a un autre motif de satisfaction en découvrant la qualité des textes qui lui ont été soumis.

Pas de concours sans distribution des prix, elle s'est déroulée mardi en fin d'après-midi devant tous les participants et les enseignants qui avaient mis sur pied ce projet.

Le prix de la nouvelle a été attribué à Aurélie Constantino, Muriel Bentz, Céline Biesadecki et Claire Egly, élèves de BEP tertiaire pour « La Mort de Sarah ».

Le prix théâtre a été attribué à Céline Bernard, Marylène Grenier, Natacha Petitjean, et Ophélie Vernier, élèves de Bac pro tertiaire pour « Le Tueur tué ».

Anexo n.º 23:
“Projecto «*Programme d'action culturelle
1998/1999*» desenvolvido pela *Académie de
Poitiers*”

ACADEMIE DE POITIERS
PROGRAMME D'ACTION CULTURELLE 1998/1999

PROJET : ECOLE DU SPECTATEUR : UNE ACTION, UNE FORMATION ...

DE QUOIS'AGIT-IL ? :

Organiser autour de quatre théâtres (Cognac, Thouars, Châtelleraut, Rochefort) une action de sensibilisation au spectacle par des actions concrètes.

OBJECTIFS :

Approche d'une démarche critique autour du spectacle vivant : agir pour mieux voir ; révéler la position du spectateur ; les enjeux d'une initiation, structurer autour des programmations des théâtres une action de formation du spectateur (groupe enseignants-élèves s'engageant autour d'un spectacle et définissant une action concrète).

Développer l'action théâtre au delà de la pratique, faire découvrir à de nouveaux enseignants.

Public visé :

Bassin lycées des 4 lieux

La mise en oeuvre :

(Différentes phases, différents volets de l'action proposée)

- Informer les établissements des différents secteurs géographiques concernés pour susciter des candidatures d'enseignants avec leurs élèves.
- Mettre en œuvre des actions concrètes (atelier de pratique, rencontres...) en fonction des spectacles choisis par les différentes classes.
- Réaliser un stage de formation enseignants-élèves (2 jours).
- Organiser les sorties aux spectacles.
- Evaluer : une journée bilan et perspectives.

LES PARTENAIRES :

RECTORAT - MAAC
DRAC POITOU-CHARENTES

Programme Académique

Action culturelle

1998 – 1999

THEATRE

Axes prioritaires et actions "phares" (exemples significatifs)

- Education à la citoyenneté : écriture théâtre, projet Nord-Sud, ouverture inter-culturelle
- Actions en direction des élèves des lycées professionnels et des établissements en milieu rural
- Promotion des réalisations : organisation de rencontres
- Intervention en formation initiale : atelier écriture théâtre à l'IUFM.

ACTIONS	PARTENARIAT	PRODUCTIONS
<p><u>Festival de théâtre lycéen</u> * Présentation des réalisations des élèves, travail en commun autour d'ateliers, rencontres avec des professionnels, * Expositions... Du 12 au 15 mai 1999 à Niort</p>	<p>Rectorat DRAC Conseil Régional Ville de Niort La MAIF La Scène nationale de Niort</p>	<p>- Spectacles lycéens - Atelier écriture en urgence + critique - Reportage photo ... Y</p>
<p><u>Projet Nord-sud Ecriture-Théâtre</u> * Ecriture sur l'idée du mélange des fables, lecture par les élèves. * Stage conférence sur le conte Africain, ateliers pratiques * Interventions d'artistes en lycées professionnels, mise en voix, mise en jeu</p>	<p>Rectorat DRAC Conseil Régional Conseil Général 17</p>	<p>- Réalisation de nouveaux contes et mise en jeu au festival de Cozes (17) - Projection vidéo en continu ou présentation in situ Y</p>
<p><u>Libre cours : humour et intolérance</u> * Echanger des textes latino-américains, à partir des textes, proposer toutes formes d'événements artistiques, * Organisation d'un forum</p>	<p>Rectorat DRAC Conseil Régional</p>	<p>- Réalisation d'événements artistiques dans les établissements. - Journée FORUM <i>Art et Tolérance</i> Y</p>
<p><u>Inventer le spectacle</u> * Animation et formation des élèves autour de spectacles de la programmation des scènes nationales : Poitiers, Angoulême</p>	<p>Rectorat Scènes nationales : Poitiers, Angoulême</p>	<p>Notamment, écriture en urgence : coup de théâtre - Levers de rideaux - Bande annonce - Pas facile l'amitié... Y</p>
<p><u>Ecole du spectateur : une action Une formation</u> * Approche de la démarche critique du spectacle vivant, agir pour mieux voir. (4 théâtres et établissements scolaires environnants)</p>	<p>Rectorat DRAC Théâtres : Cognac, Thouars, Châtellerault, Rochefort</p>	<p>- Productions de textes et mise en jeu - Echanges des différents groupes Y</p>

ACTIONS	PARTENARIAT	PRODUCTIONS
<u>Formation</u> 1 – <u>Théâtre</u> : mise en jeu d'un auteur contemporain : Koltès 2 – <u>Théâtre</u> : élèves en difficultés	Rectorat DRAC	- " Les carnets " Koltès A suivre... - " La cité des écritures " Recueil à jouer
<u>Publication</u> Recueil de textes sur la tolérance pour des " mises en scène " dans les établissements scolaires	Rectorat Scène Nationale de Poitiers DRAC Conseil Régional Caisse d'Epargne Poitou-Charentes	Publication d'ouvrages dans tous les établissements de l'académie.
<u>Accompagnement – suivi</u> Ateliers de pratiques artistiques. Enseignements obligatoires et optionnels en lycées (41 APA 1 ^{er} et 2 nd degré – 3 enseignements obligatoires, 8 optionnels)	Rectorat DRAC	- GFP (Groupe de Formation à la Production) Enseignement optionnel, bilan, perspectives - Rencontre des enseignants Terminales L3
<u>Jumelage</u> Chemin de traverse Education Culture CAPM (Comité d'Animation du Pays Mellois)	Rectorat – Région – DRAC Conseils Généraux Rectorat – DRAC Partenaires locaux	Animation et diffusion de spectacles dans la région Animation d'un secteur géographique
<u>PAAC Départements</u> 10 ^{ème} rencontre départementale Théâtre-Education ARGOSS 86	Rectorat / DRAC Conseil Général Mairie de Poitiers	- Décentralisation en milieu rural. - 5 jours de rencontre. - Planche de nuit
Opération « Collège au théâtre » 86	Rectorat / DRAC Conseil Général Mairie de Poitiers	Accompagnement par des journées de formation
Quinzaine culturelle du Mellois 79	Rectorat / DRAC Pays Mellois CUMAV	Diffusion et action en milieu rural
ZEP – Acteurs 79	Rectorat / DRAC Ville de Niort	Ecriture et mise en jeu

Anexo n.º 24:
“Projectos desenvolvidos pela
LEA de Bournemouth”

Celia Martins

De: Gillian Inkson Ed-L&A <Gillian.Inkson@bournemouth.gov.uk>
Para: 'rdd64307@mail.telepac.pt'
Cc: Kris Winthorpe Ed-L&A <Kris.Winthorpe@bournemouth.gov.uk>
Assunto: masters degree research
Data: Quarta-feira, 12 de Julho de 2000 15:05

Dear Celia

In Bournemouth we encourage our schools to follow "Making Links" and the KS3 Literacy framework. You will find details of both initiatives on www.dfee.gov.uk

I hope your studies go well

Gill Inkson
NLS Strategy Manager

This email and any files transmitted with it are confidential and intended solely for the use of the individual or entity to whom they are addressed. If you have received this email in error please notify the system manager.

This footnote also confirms that this email message has been swept by MIMESweeper for the presence of computer viruses.

www.mimesweeper.com

Anexo n.º 25:
“Projectos desenvolvidos pela
LEA de Bathnes”

Celia Martins

De: Tony Lydon <Tony_Lydon@BATHNES.GOV.UK>
Para: 'rdd64307@mail.telepac.pt'
Assunto: RE: Informations (request via the website)
Data: Sexta-feira, 14 de Julho de 2000 13:45

celia
Bath & NE somerset have no specific projects in the area you mention. i suggest yo try a search on the uKs NGFI
site
<http://www.ngfl.gov.uk/> <<http://www.ngfl.gov.uk/>>
regards

Tony Lydon

-----Original Message-----

From: CIS Team
Sent: 13 July 2000 10:50
To: 'Celia Martins'
Cc: Tony Lydon
Subject: RE: Informations (request via the website)

Hello Célia

Thanks for your email sent via our web-site (www.bathnes.gov.uk).
The Council service which deals with this is the "School Effectiveness Team" and I am copying this reply to one of
the School Development Advisers in that service in order that they can contact you about your query.
Thanks again for taking the time to write.

Best wishes

Dawn Salisbury
Council Information Service Administrator
Bath & North East Somerset Council
Telephone +44 (01225) 394324

Anexo n.º 26:

“Projecto «*The Keeping Reading Project*»
desenvolvido pela LEA de Bromley”

**Education
Services**

Education Development Centre,
Church Lane, Princes Plain, Bromley BR2 8LD
Telephone: (020) 8462 8911/8520
Extension:

Fax: (020) 8462 7786
E-mail: edc.admin@bromley.gov.uk

☺ Hope this is of some
help. Gill Drury



with the compliments of the Director of Education

Amendments to bid.

Brief Context

The **Keeping Reading Project** involves 14 artists, 12 teachers and 2 LEA Curriculum Advisers and nearly 400 children in a programme of educational activity based around the stories and artwork housed in the *Keeping Gallery*. This programme provides a focused project for encouraging reading in 2000 and 2001 in Bromley schools. Books which include some of Charles' most dynamic illustrations have been chosen from the *Keeping Gallery* collection for close study by children, arts practitioners and teachers.

Teachers are supported in their development of the National Literacy Strategy and the National Curriculum by resource packs, INSET and professional conversations. Work placements for teachers will be arranged at a major gallery.

Arts Practitioners - writers, illustrators, musicians - are working as partners with their school to encourage creative response to literature and artwork.

Aims and Objectives

Children and young people involved in the project will:

- learn how to read with a 'writer's eyes' by:
 - keeping a **Keeping Reading Journal**
 - discovering layers in texts through **Literature Circles**
 - exploring the power of illustration in **Gallery Visits**
- learn how to craft compelling stories by
 - drafting and publishing their story with 'readers in mind'
 - making a unique **Book of Ours** for their school
 - working with artists, writers, designers
- learn how to bring books alive imaginatively by:
 - designing and making a **Reader's Chair**
 - creating a musical piece based on text
 - working with artists, writers and designers
- learn how to present an exhibition of their project by
 - planning, doing, evaluating and reviewing the project
 - designing display panels for the exhibition
 - becoming exhibition guides

Amended Schedule of Activity

First Quarter: **October, November, December 1999**

Project Planning	Planning and preparing project information pack	Advisers Renate Keeping	EDC	Oct
Recruit schools	Invitation letters to all schools, application assessment and confirmation letters		EDC	Nov / Dec

Second Quarter: **January, February, March 2000**

Inaugural Meeting	Introduction to the project	14 Teachers 2 Advisers Renate Keeping 14 Artists pupils	EDC	5 Jan
Recruit artist partners	Invitation letters to artists, application assessment, selection by schools and confirmation letters		EDC	Jan / Feb
Keeping Gallery visit	Tour of exhibitions guided by Renate Keeping		Keeping Gallery	24 Jan
INSET Planning	Planning and preparing project information pack for INSET		EDC	Feb
INSET	Reading with a writer's eyes		EDC	8 Feb
School-based work	Keeping Reading Journals; Literature Circles		schools	ongoing
INSET	The power of illustrations		EDC	29 Feb
Keeping Gallery visit	Tour of exhibitions guided by Renate Keeping	14 Artists	Keeping Gallery	30 March
Planning meeting	Teachers and artists meet to plan	14 Teachers	EDC	

Third Quarter: April, May, June

Adviser Visits	Monitoring and evaluating / Classroom workshops		schools	tba	S U M M E R T E R M
Renate Visits	Sharing a book and drawing workshop	Pupil groups Teachers	schools	tba	
Keeping Gallery visit	Viewing exhibitions by class from schools involved		Keeping Gallery	tba	
Artists in Gallery	Artists inspired by the gallery	Artists	Keeping Gallery	As needed	
INSET	Planning the format of the Books of Ours	Teachers Artists	EDC	24 May	
INSET	Responding to Literature in Music			22 June	
Writer in Gallery	Writing inspired by the gallery	Writer	Keeping Gallery	June	
School based work	Writing tactics - preparing the Books of Ours	Teachers pupils	schools	June	
Artists' Workshops	14 x 10 hours @ £20 Making the Books of Ours	Artists	schools	May/June	

Fourth Quarter: July, August, September

INSET	Planning the Literature Circle Installation chairs	Teachers Artists	EDC	13 July	A U T U M N
Artists' Workshops	14 x 10 hours @ £20 Designing and making the chairs	Teachers Pupils artists	schools	Sept	
Musicians in schools	Creating a musical piece	Children in Tune	Schools	Sept	
Gallery visit		4 Teachers		Sept	

Fifth Quarter: October, November, December

Planning meeting	Planning the Exhibition	Teachers, Artists	schools	Oct	T E R M
School based work	Designing exhibition panels Writing Information texts	All	schools	Nov	
Packs	Collating materials for packs and editing	Advisers Renate	Gallery		

Amendments to the Keeping Reading Project:

Artists involved will be invited from our database of local artists and other recommendations to apply for an artist-partner award. They will be recruited by application form and selected by the schools.

Cloth of Gold were awarded an M&G Grant for Inspiration Africa and so their involvement is now purely advisory. Creative Fountain has moved to Devon. The rest were invited to apply.

The partners are as follows:

The Keeping Gallery
London Education Arts Partnership
London Arts Board
The Forum for the Arts in Bromley
Arts Practitioners
Standards and Effectiveness Services, LB Bromley
Bromley schools

Schools, Teachers and Artists involved in the project

School	Address			Telephone	Fax	Contact		Artist	
Bullers Wood School (Secondary)	St Nicolas Lane	Logs Hill	Chislehurst	0208- 467 2280	0208- 295 1425	Janet Eaton	Ruth Lindsay	6 Auckland Road, CR3 5TU	
Charles Darwin Secondary School	Jail Lane	Biggin Hill	TN16 3AU	01959 574043	01959 540036	Jim Jackson	Sheila Mason	020 8290 5131	Textiles
Gray's Farm Primary School	Gray's Farm Road	Orpington	BR5 3AD	0208- 300 5283	0208- 302 3195	Tracey Burgham	Faye Dobbinson	020 8699 2423	Painting
James Dixon Primary School	Anerley Park	Anerley	SE20 8ND	0208- 778 6101	0208- 402 4044	Rachael Cregg	Dupee Awodesu	020 311 6734	Batik
Langley Park School for Boys (Secondary)	Hawksbrook Lane	South Eden Park Road	Beckenham	0208 -650 9253	0208- 650 5823	B Stevens	Antony Holloway	020 8874 3686	Wood sculpture
Mottingham Primary School	Ravensworth Road	Mottingham	SE9 4LW	0208- 857 4181	0208- 851 5037	Anne Eastwood	Donna Bompas	020 8467 4745	Mixed media
Oaklands Junior School	Oaklands Lane	Biggin Hill	TN16 3DN	01959 573963		Mike Day	Jennie Grover	020 8777 6406	Writing illustration
Poverest Primary School	Tillingbourne Green	St Mary Cray	BR5 2JD	01689 816060	01689 603649	Samantha Dundon	Kim Parker	07931 448 931	Clay
St James' RC Primary School	Maybury Close	Orpington	BR5 1BL	0208- 467 8167	0208- 467 8908	Pat Duffy	Susan Beresford	020 8686 9252	Illustration
St Joseph's RC Primary School	Plaistow Lane	Bromley	BR1 3JQ	0208- 460 1976	0208- 466 7508	Carmel Hadfield	Annie Antoine	020 8699 9391	clay
St Peter and St Paul Catholic Primary School	St Paul's Wood Hill	St Paul's Cray	Orpington	01689 828208	01689 874940	Jade	Michelle Fuirer	020 7403 0174	Fine art
Valley Primary School	Beckenham Lane	Bromley	BR2 ODA	0208- 460 1121	0208- 466 8124	Sandra Horley	Rachel Garfield	020 7254 3888	Fine art
Warren Road Primary School	Warren Road	Orpington	BR6 6JF	01689 853798	01689 858837	Arlene Bryson-Ross	Chrissie Gittings	020 8291 2454	Poetry
Keeping Gallery							Roger Hurn	020 8692 4704	Writing Storytelling

BROMLEY ARTISTS GET CREATIVE

I turn into the quiet suburban street to find the gallery dedicated to the work of Charles Keeping. A blue plaque hangs on the wall in his memory where now his widow Renate lives to keep this memory alive. She started the gallery to show his work and talent for everyone to enjoy, especially the children in Bromley schools. Renate opens the door and leads me inside.



Self portrait by
Charles Keeping



Renate says that he was often worried about his vivid imagination as he was a kind and thoughtful man.

Renate is a frail looking woman yet she seems very strong and capable. As she shows me round the rooms I listen to her talk about her great love for Charles. Charles Keeping, one of the most influential of British illustrators, died in 1988. Maybe her way of grieving for him was to open their home as the Keeping Gallery.

As I walk through the two large rooms filled with Charles' work I am overwhelmed by a sense of mystery and dread, as some of the images are disturbing. He used pen-and-ink line drawings to give a dramatic

effect. Many are in black and white and horrifying, drawn from his imagination from reading the books he illustrated - powerful images such as the Highwayman and Beowulf. On the other hand as you walk into the gallery there are gentle, realistic drawings of horses against a backdrop of warehouses remembered from his childhood in London. He had a fascination for horses and even kept one in the back garden of this house. Renate says that he was often worried about his vivid imagination as he was a kind and thoughtful man.

Renate met Charles at Art College. She has told the story of her life in embroidered panels. She has had an eventful life and some of the stories are sad but presented in an amusing and original way. It starts with the story of her fleeing Germany as a Jewish refugee, her happy marriage and the problems it caused with her parents. She shows the process of ageing in her colourful paintings, embroideries and 3D fabric sculptures.

Keeping Reading

The Keeping Gallery is the focus of a project funded by the DfEE. The project involves 14 artists working in 14 schools and using the gallery as a centre for inspiration.



Renate Keeping with some of her paintings in the background. She shows the process of ageing in her colourful paintings, embroideries and 3D fabric sculptures.



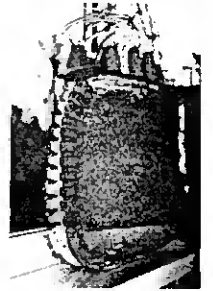
A selection of Renate Keeping's art work displayed in the Gallery. From left to right: A rotten apple made out of textiles - one of many showing a gradual decay. Then her daughter made of fabric and stitching - she tells the story of her eventful life in these panels. Next a painting of an old lady with embroidered lines and hairs - this too is shows the process of ageing. Her last project shows eggs - she has painted the eggs and made them out of fibre-glass.

Annie Antoine is one of the artists involved in the project and so I visit her in her home to talk about the project and her work. Fascinating objects and her own clay sculptures and pots surround her.

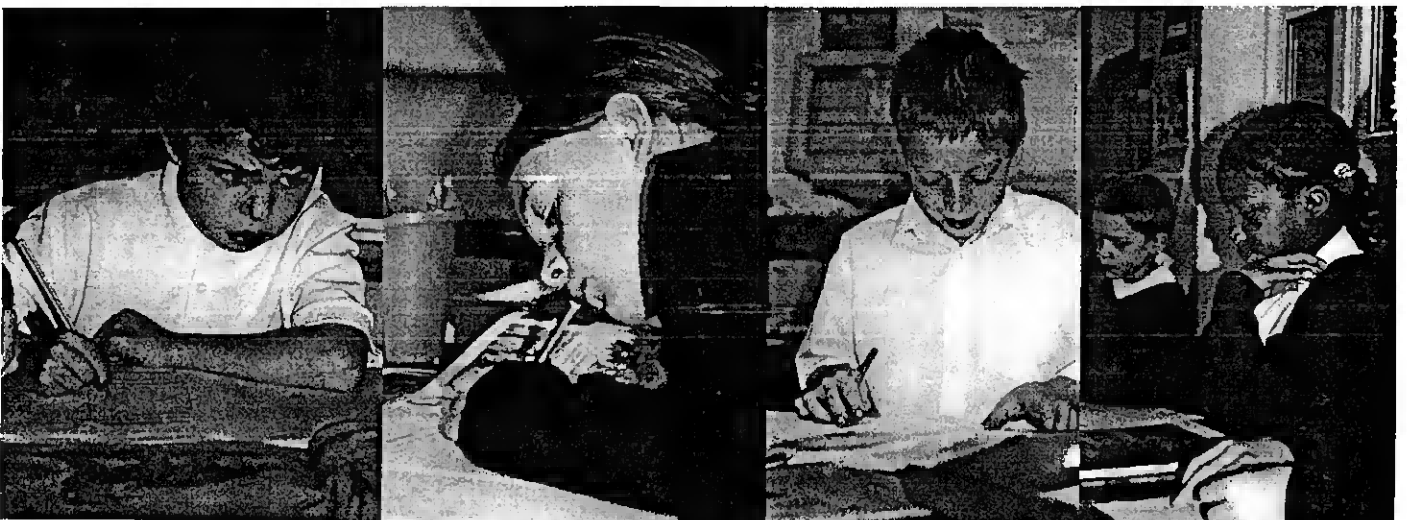


Above is Annie Antoine, an artist working on the project. In her hand is a torso with the memory of her grandmother in mind.

She has visited the gallery and talked to Renate prior to my visit. Annie is really inspired by the gallery and is now processing ideas for the work she will be doing with the children in the Summer Term. She is completing one of her 'torsos' with the memory of her grandmother in the West Indies in mind. Like Renate, Annie is able to explore her feelings about her life through her art. This project will help the children to find ways to express their feelings, record their experiences and invent from their imaginations - in drawing, writing, painting, ceramics and music.



I visit a class in one of the schools where the children are preparing for the forthcoming project. The children are learning how to read and write creatively and have been taught some useful strategies to help them develop thinking skills. Literacy is being combined with art to make their work more interesting and enjoyable. The Keeping Reading project is ongoing and I will be returning to find out what Renate, Annie and the children have been doing.



Here are some of the children who are taking part in the project. They are processing ideas for the artist to work with in the summer term.

Anexo n.º 27:
“Projectos desenvolvidos pela
LEA de Camden”

Celia Martins

De: Exton, Richard <Richard.Exton@Camden.gov.uk>
Para: 'rdd64307@mail.telepac.pt'
Cc: Goodman, Marilyn <Marilyn.Goodman@Camden.gov.uk>
Assunto: Literature Projects in Camden LEA
Data: Quinta-feira, 13 de Julho de 2000 15:37

Dear Ms Martins,

Your e-mail, requesting various information reached me this afternoon. I am afraid that I have little that will help you. The ten secondary schools in Camden follow the English National Curriculum, adapting it in various ways. They all place literature at the centre of the curriculum, and many of them also incorporate Media Studies in their work. In most of the schools, Drama is a separate subject, often part of a Performing Arts faculty. A number of the schools have an annual School Play. There are no projects developed centrally by the LEA, though a number of our primary schools have worked with the Royal National Theatre and with Hampstead Theatre, which is in Camden.

I suggest that you have a look at a number of web sites. A good starting place would be <<Welcome to the English and Media Centre.url>>

<http://www.englishandmedia.co.uk/>

Another source of useful links is through the Bookmarks in the web page of Chris Abbot <<Bookmarks for.url>>

<http://atschool.eduweb.co.uk/cabbott/bookmark.html>

I hope that this is helpful.

Richard Exton
General Inspector for English and Language Development
Camden LEA,
Crowndale Centre, 218-220, Eversholt Street, London NW1 1BD
Tel. 0171 911 1583 ext.4290 Fax 0171 911 1536
r.exton@camden.gov.uk

Anexo n.º 28:
“Projecto «*Get Reading 2000*»
desenvolvido pela LEA de
Gateshead”

Brian H Edwards BEd MEd
Director of Education

GATESHEAD



METROPOLITAN
BOROUGH COUNCIL

DRYDEN PROFESSIONAL
DEVELOPMENT CENTRE
EVISTONES ROAD
GATESHEAD NE9 5UR
TEL (0191) 482 4133
FAX (0191) 482 6500

Dear Clia,

Gateshead is one of 17
English Pilot Education Authorities which
extending the National Literacy Strategy
into KS3 - i.e. 11-14 yrs. I am enclosing a booklet which gives
some details of this (Framework yrs 7-9).

'Read On' is a national reading campaign and 'Get Reading'
is our local project which stems from it.

I hope these are of some use to you.

With Compliments

Kathleen Pearse (KS3
Literacy
consultant)

Read On

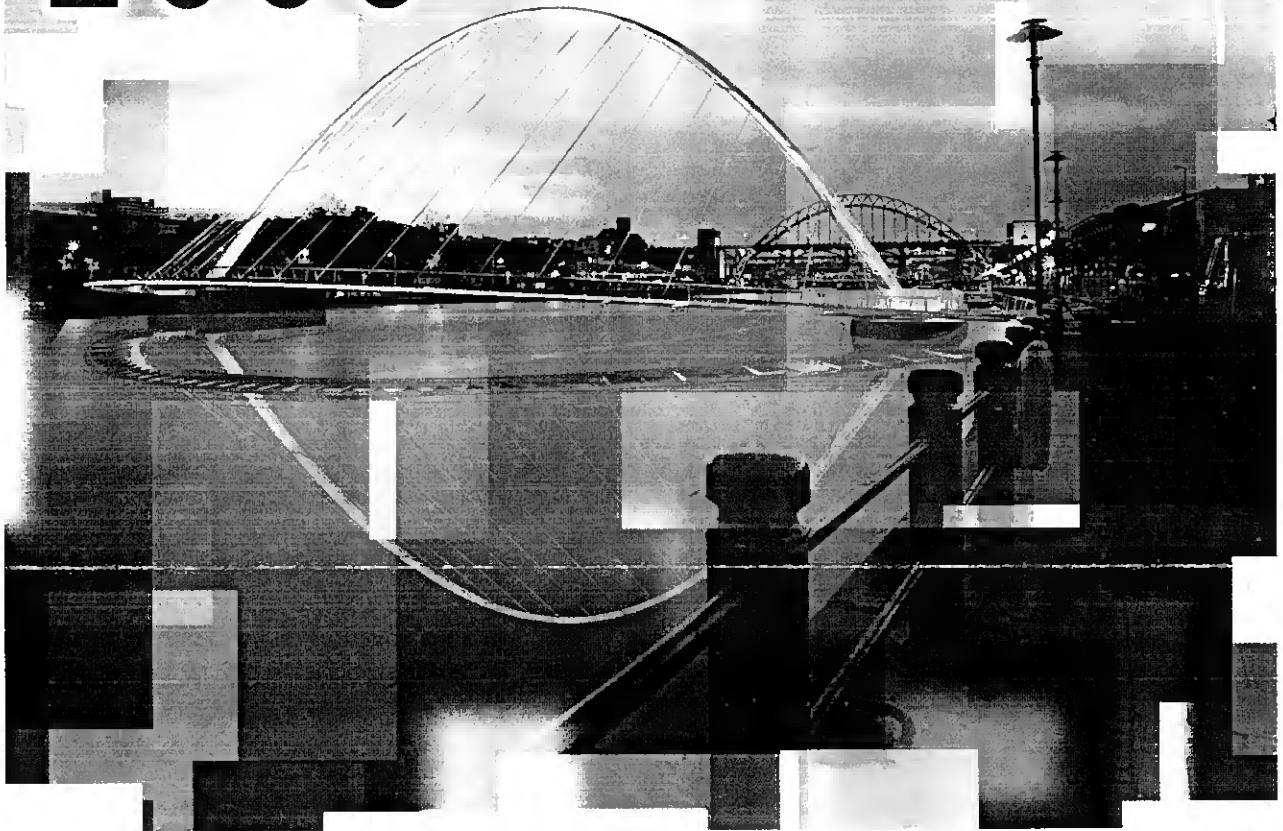
NATIONAL READING
CAMPAIGN

Building a nation of readers

Contact the National Literacy Trust

Tel: 020 7828 2435 email: contact@literacytrust.org.uk

Get Reading 2000

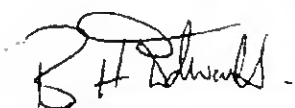


This is to certify that

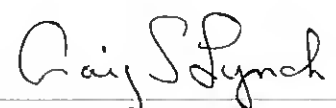
.....

Got Reading with the
Newcastle Eagles

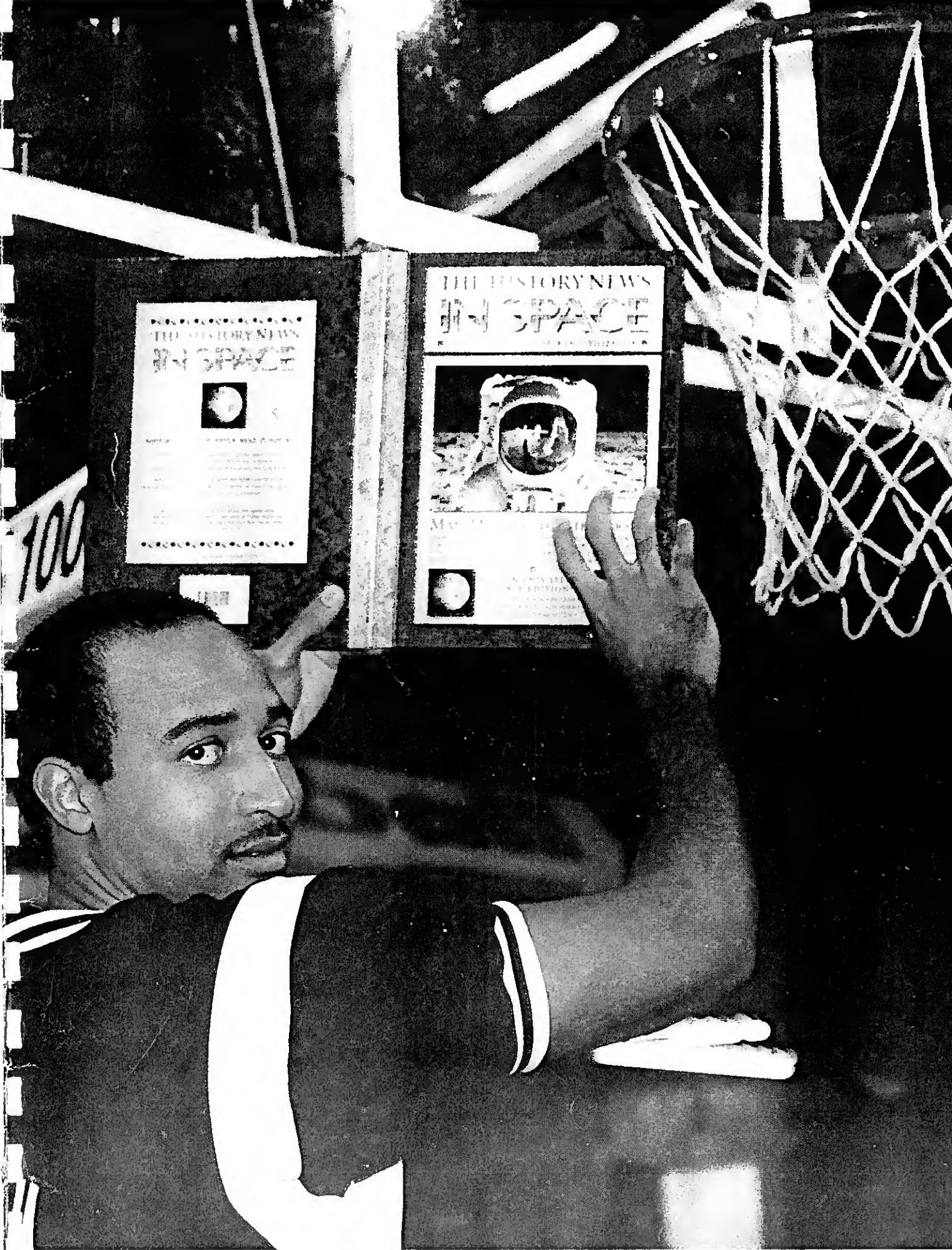
WELL DONE!



Brian H. Edwards
Director of Education



Craig Lynch
Coach, Newcastle Eagles



About You

Name

School

English Teacher

Form Tutor

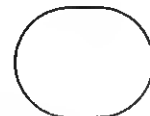
**Look at the fixture list on the back page.
Which matches do you want to see?**

Targets

What is your points target?



x3



What is your target completion date?

(Make this at least four days before your chosen match)



How to use this passport



There are 6 tasks in this passport.
You will score three points for each
completed task.

You will do some tasks with your
teachers in school.

You can choose to do any of the
'extra time' tasks at home.

So, Get Reading to win:

- a free ticket for every three points scored, plus two discounted vouchers so your parents can take you!
- Entry into a draw to win a Giant Mountain Bike with every three points scored in extra time (draw on March 25th)
- A signed Eagles basketball shirt if yours is the best passport in your school.

TASK N^o. 1



Geography

Find Your Way



The Eagles' home stadium is the TeleWest arena in Newcastle. Look at the map of Newcastle included with your passport and see how well you can read it.



First, pinpoint the Arena. Its under the Redheugh Bridge on the Newcastle side, mark it with a red X. Find three schools nearby and circle them. Underline the Gateshead school named on the map.



Now, find and circle the following Newcastle landmarks:

- The Haymarket
- St James's Park
- Central Station
- Leazes' Park
- Grey's Monument
- Eldon Square



For three points, imagine you arranged to meet your friend at the Arena. They phone you on their mobile to say they've gone to St James's Park by mistake. Direct them from there to the Arena where you are waiting.



"Reading information on other teams and players helps me stay ahead of the game."

- Ralph Blalock



English

The Film Of The Book

Handmade Films have decided to let you make your first film. So that a realistic budget can be set, you need to produce a portfolio for the Company, including a range of details.



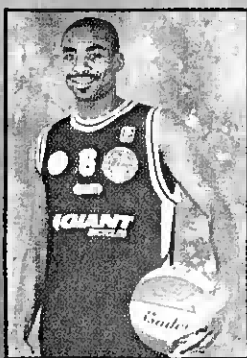
First, write an explanation of which book you are going to turn into a film, with plenty of good reasons why you believe it will be a blockbuster! You could write this in the form of a letter, to the Chairman of Handmade Films.



Now, who would you cast in the central roles? Be sure to explain why your chosen actors would be best for the parts (you could mention parts they have played in other films). Design and sketch a costume for one of the characters to wear in an important scene.



For three points, add a storyboard to your portfolio. This should be a trailer for your film, in no more than 10 shots, giving a good idea of what the audience can expect to see. (No X-ratings thank you!)



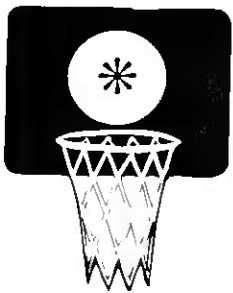
"I like to read up on health, fitness and training issues to constantly improve my game."

-Shahid Perkins



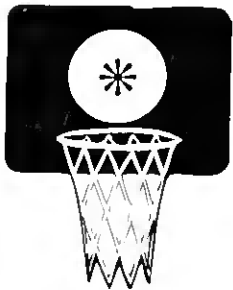
Science/P.E. Out Through Injury

One of the main problems that players face is an injury, when they damage some part of their body.



These are some of the most common injuries. On the next page label where you think these injuries would be on the body

- | | |
|-----------------------|------------------------|
| 1 Hamstring | 6 Calf strain |
| 2 Achilles tendon | 7 Collarbone injury |
| 3 Dislocated shoulder | 8 Slipped disc |
| 4 Groin strain | 9 Knee ligament strain |
| 5 Broken nose | 10 Broken fingers |



Now, look through some newspapers and magazines to see if they carry any reports of sportsmen and women's injuries. Make a chart of the details using the following headings:

Player	Sport	Injury	Healing Time

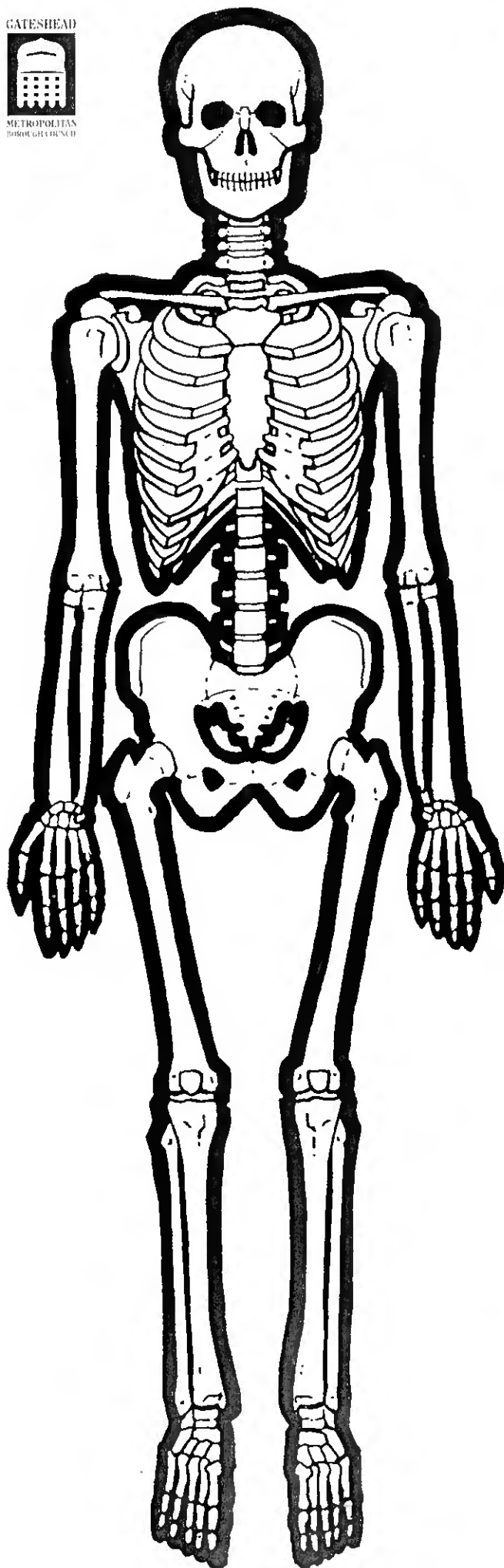
What conclusions can you come to looking at your completed chart? Are some sports more dangerous than others? Are some injuries more common?

Players can protect against injury by warming up properly before a game.



For three points, research and plan a warm up programme for the Eagles.

The Body



"Healthy mind,
healthy body."

- Ian Whyte



TASK N^o. 4



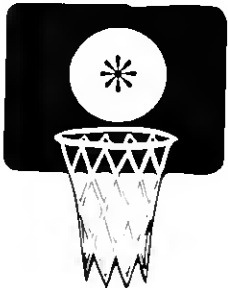
Food Technology

Eagles Soar

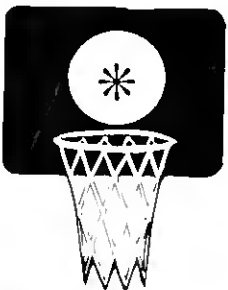
On A Healthy Diet



The Eagles basketball players are very careful about what they eat, especially before a match. They make sure they eat a balanced diet including carbohydrates, proteins, fats, minerals and vitamins.



First, find out which foods contain carbohydrates, proteins, fats, minerals and vitamins and write a lunch menu for the Eagles' chef to cook for the players before a big match.



Now, list five foods you would not recommend the chef to put on his menu because they are not good for a healthy lifestyle. Beside each, say what is wrong with it.



For three points, look at the nutritional information label on the packets of three of your favourite snacks. Chart the information under these headings:

Calories	Fat	Carbohydrates	Vitamins	Protein	Sugar

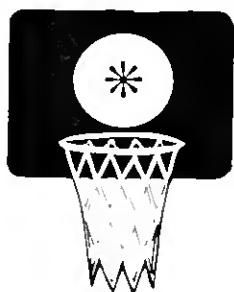
Which of the snacks is better for you, and why?



Extra Time Match Report



A report of each Eagles match is usually written and printed in the newspapers the next day. The stories are written by journalists. The Eagles also put match reports on their website.



First, find a match report, in the paper or on the website, and find the following information:

- 1 What is the journalist's name?
- 2 Who were the Eagles playing?
- 3 Did they play home or away?
- 4 What was the score?
- 5 Who was the highest points scorer for the Eagles?



Now, look at some more articles in the paper, or on the website. Cut out or download a selection of about 10 headlines. What do they have in common? Look at the font used, the vocabulary and content of the headlines. Write your own headline, for a game where the Eagles win the Dairylea Dunkers Championship with a record points score.



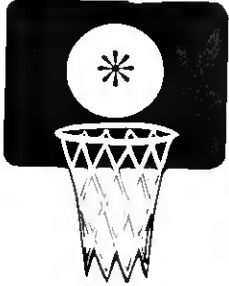
For three points, write the article to go with the headline!

YOU CAN FIND THE WEBSITE AT
newcastle-eagles.com

TASK N^o. 6



Extra Time Book Review



First, read a book!



Now, ask your English teacher or form tutor for a review sheet to complete



For three points, write a letter to one of the Eagles saying what you thought of the book. Try to persuade the player to read it too.



"I like to read biographies of other athletes. Success inspires success."

- Charles Smith

HOME FIXTURES 2000

TELEWEST ARENA - NEWCASTLE

DAIRYLEA DUNKERS CHAMPIONSHIPS

Wed	26 Jan	Eagles v Manchester Giants	7.30 pm
Sat	29 Jan	Eagles v Derby Storm	7.00 pm
Fri	11 Feb	Eagles v Chester Jets	7.30 pm
Fri	18 Feb	Eagles v London Leopards	7.30 pm
Wed	1 Mar	Eagles v Birmingham Bullets	7.30 pm
Sat	4 Mar	Eagles v Edinburgh Rocks	7.00 pm
Tues	14 Mar	Eagles v Sheffield Sharks	7.30 pm
Sun	19 Mar	Eagles v Brighton Bears	5.30 pm
Sat	25 Mar	Eagles v Edinburgh Rocks	7.00 pm
Sat	1 Apr	Eagles v Sheffield Sharks	7.00 pm
Sat	8 Apr	Eagles v Derby Storm	7.00 pm

**Dates and times are subject to change
Please telephone to check**

Information: 0191 245 3880

Ticketline: 0191 260 6066

**Lines open
Monday - Saturday
10am - 4pm**

GATESHEAD



METROPOLITAN
BOROUGH COUNCIL

UNIVERSITY of
NORTHUMBRIA  at NEWCASTLE



www.newcastle-eagles.com



'Get Reading'

is a partnership project between Gateshead LEA
and the Newcastle Eagles Basketball Team.

GATESHEAD



METROPOLITAN
BOROUGH COUNCIL



UNIVERSITY of
NORTHUMBRIA
at NEWCASTLE



Acknowledgements:

Julia Morrison, Gateshead LEA,
Paul Blake, Newcastle Eagles

Anexo n.º 29:
“Projectos desenvolvidos pela
LEA de Gloucester”

Celia Martins

De: WORMINGTON, Mary <MWORMING@gloscc.gov.uk>

Para: 'Celia Martins' <rdd64307@mail.telepac.pt>

Assunto: Education systems in Europe

Data: Sexta-feira, 21 de Julho de 2000 12:00

Thank you for your e-mail which has just been passed to me in the International Education Office in Gloucester. Apologies for the delay in replying.

I am not aware of any relevant material published by our local education authority but can recommend the Eurydice the European organisation that produces information and data on education systems in Europe.

Their website address is www.eurydice.org

I wish you success with your masters.

Mary Wormington
European Resource Centre for the South-West

=====
"This e-mail and any attachments are strictly confidential and intended for the addressee only. If you are not the named addressee you must not disclose, copy or take any action in reliance of this transmission and you should notify us as soon as possible.
This e-mail and any attachments are believed to be free from viruses but it is your responsibility to carry out all necessary virus checks and Gloucestershire County Council accepts no liability in connection therewith."

Anexo n.º 30:
“Projecto «*NLS*» desenvolvido
pela LEA de Solihull”



Solihull
METROPOLITAN
BOROUGH COUNCIL

www.solihull.gov.uk

17.7.08.

Dear Chris,

Here are 3 little booklets I've recently used with teachers of secondary English. In Solihull we are piloting - with 16 other LEAs - a new English project that next year will be adopted across the country. Its main feature is a framework of learning objectives for years 7, 8 and 9 - I enclose the year 7 framework. I've briefly annotated the rest of the document.

I hope this is useful.

Best wishes,

David Curtis



(LDC)

NQTs

New teachers.

CONFERENCE

Giving a view of current primary practice.

**NATIONAL LITERACY
STRATEGY**

SATURDAY FEBRUARY 12 2000

Solihull Inspection & Advisory Service

Little girl, be careful what you say.

Little girl be careful what you say
when you make talk with words-
for words are made of syllables
and syllables, child, are made of air-
and air is so thin- air is the breath of God-
air is finer than fire or mist,
finer than water or moonlight,
finer than spiderwebs in the moon,
finer than water-flowers in the morning
and words are strong, too,
stronger than rocks or steel
stronger than potatoes, corn, fish, cattle,
and soft, too, soft as little pigeon-eggs,
soft as the music of humming bird wings.

So, little girl, when you speak greetings,
when you tell jokes, make wishes or prayers,
be careful, be careful, be careful.

Be what you wish to be.

Carl Sandburg.

The National Literacy Strategy

Principles

— for Primary
Schools

To learn effectively, children need to understand both the 'big picture' and how their daily and weekly learning fits into this. Children need this coherence to make sense of what is being required of them and to be able to fit it into their individual learning framework.

Also in order to learn at a good pace, children need to meet significant challenge in contexts that are meaningful and motivating to them

In the initial stages of new learning, learners require a great deal of support. At the stage of maximum support (shared work), the teacher is of paramount importance in enabling children to access this learning successfully.

Gradually the level of teacher support is reduced (guided work) as learners become increasingly competent in skills, understanding and knowledge and confident in their own abilities.

When children have a good understanding of the learning and the appropriate skills and knowledge, they can begin to work more independently: first with peer support, then with the support of resources e.g. writing frames and finally they are able to work with significant autonomy.

In order to attain independence it is important that children understand their responsibilities as learners and are taught the necessary personal & social skills, study skills and thinking skills.

It needs to be understood that the above are not distinctive steps to independent learning but part of a continuum from one stage to another.

Learners and teachers need opportunities to recognise whether or not learning has taken place, reflect on their learning and assess and evaluate their levels of success.

Shared work

- A high level of challenge
- Learners are teacher dependent to access the learning
- Usually for new learning and
- Extending learning

Pedagogy

- explicit learning focus and how this fits into past and future learning
- success criteria in order to assess and evaluate quality and rate of learning
- teacher modelling with commentary
- teacher exposition
- exemplification
- shared activities with teacher and children working collaboratively

- shared exploration of ideas
- shared investigations
- shared decision making
- use of good quality texts
- learning in purposeful & meaningful contexts
- **the teacher actively assesses children's levels of comprehension by evaluating the learners' reactions and responses to the learning in progress and modifies their teaching as a result.**

Guided work

- The teacher works in a focused way with a group of children approximately at the same level. For some groups, learning introduced during the shared work may be reinforced or simplified. For other groups, the learning during shared work will be extended.
- Learning is challenging but needs less teacher support than in shared work
- Learners are less teacher dependent

Pedagogy

Learners are **doing** while **the teacher guides** to enable children to learn at a good pace, providing:

- explicit learning focus
- success criteria
- formative feedback
- further explanation, exemplification, modelling as required
- opportunities for self and peer critical evaluation of work.

Independent work

Children are able to:

- practise and reinforce learning encountered in shared and guided work
- deepen and extend their learning through exploration and investigations
- apply their learning
- adapt and modify their learning to meet needs in other related contexts.

Pedagogy

- The expected learning is made explicit to the children.
- Success criteria are made explicit.
- Exemplification of the intended learning is accessible
- Learning contexts are meaningful and motivating to the learners.
- Children work co-operatively and collaboratively with peers in pairs / small groups as well as individually.
- Resources that support the learning as available and easily accessible to the children.
- Clear expectations about quantity and quality of work, which are realistically matched to the children's abilities and the time available.

This is to be used in recording, for

The principles that underpin shared, guided and independent writing.

Shared time

This time allows for maximum teacher support for all children. It is used for new teaching and clarification of generally misunderstood areas.

Two very effective strategies for improving children's writing.

1. Teacher modelling writing -

The teacher:

- composes the content and writes it down
- provides commentary about his/ her mental processes e.g. reasons for choices, things that must be considered / remembered
- shows the children what has to be done
- makes transparent the experienced writer's thought processes.

Modelling is:

- teacher directed
- children are completely reliant on the teacher, who gives maximum support to children's learning
- one piece of writing is produced.

2. Shared writing -

- This is collaborative writing between the teacher and the children following the teaching objectives of the modelled writing.
- It enables shared understandings to be developed about writing.
- The activity is interactive.
- It guarantees a successful outcome, which enhances children's confidence in their competence as well as developing their skills in a well supported environment.
- Immediate developmental feedback is provided.
- It gives a very high degree of support for children's learning.
- One piece of writing is produced

Guided writing

This provides significant support at pivotal points, to reinforce, extend and deepen understanding.

- A small group of children produce their own writing based on the initial teaching in the shared time.
- The teacher supports the children and bridges the gap between total reliance on the teacher and independence. This may require more modelling / demonstration/ collaborative work / explanation at the same or easier level for some children, but for others, it may be to enable them to work at a more sophisticated and advanced

level. The emphasis, however, is on children doing their own writing activity with success.

- The writing activity is focused on the precise needs of the group and should be at the level of challenge that requires significant input from the teacher but also has some aspects that can be performed independently.

- **Teaching and learning focus**

This should flow from the learning objectives of the shared writing sessions.

1. Any part of the writing process can be the focus of the guided session i.e.:
generating ideas
planning and structuring writing
initial drafting of short pieces of writing (use extended writing time for longer pieces of work)
redrafting (improving the content and the way in which it is expressed)
editing (correcting the technical aspects such as spelling, punctuation etc.)
publishing (final draft according to destination of the writing)
2. It may focus on purpose, audience, or form of writing introduced in the shared sessions.
3. Teachers should develop children's ability to self assess and evaluate their work, which enables them to identify what they are doing well and what they need to do to improve their work. This enables children to work with increasing independence.
4. This could be a time for writing conferences.

Guided writing sessions enable children to receive immediate developmental feedback on their work which potentially enables children to make maximum progress in their learning.

Independent writing

Children have opportunities to practise writing at their own level of competence and supported by other means apart from an adult.

This might be achieved in a variety of ways e.g.:

- Writing collaboratively with one or more children.
- Using writing frames which give decreasing levels of support.
- Modifying models of the required writing.
- Referring to displayed models of the required writing as an aide memoire.
- Using word banks, sentence makers, dictionaries, thesauri etc.

Plenary sessions

- A shared time when learners and teachers reflect on, assess and evaluate the learning that has taken place and identify problem areas.
- Children have opportunities of providing evidence of learning.
- Teachers and learners can discuss and question the learning.
- Teachers can add further explanation, provide further exemplification and modelling to elucidate problem areas.
- Links with past and future learning can be identified.
- Applications for the learning may be identified and discussed.

KEY STAGE 2 THE LITERACY HOUR SHARED GUIDED AND PLENARY

YEAR 3, term 1.

Learning objectives:

- To discuss words and phrases that describe and create impact- e.g. adjectives and powerful, expressive verbs.
 - To use the term verb appropriately.
 - To notice that sentences do not make sense without verbs.
 - To spell by analogy: -ight.
 - To learn to use -le.
-
- To design simple patterns with words, and use repetitive phrases.

Using: Extinction of the 21st Century Dodo, by J. Welsh.

The whale said
to the chimpanzee
I wish I could
Hide away in a tree.

Shared writing/ Teachers write one verse/ Plenary.

YEAR 4, term2.

Learning objectives:

- To understand the use of figurative language in poetry.
 - To locate the use of simile.
 - To identify clues that suggest poems are older: e.g. language use, vocabulary, archaic words.
 - To use alternative words that are more accurate or interesting than the common choices.
 - To recognise how commas, connectives and full stops are used to join and separate
 - clauses.
-
- To write poetry based on the structure and/ or style of poems read.

Using: The Destruction of Sennacherib, by Lord Byron.

Like the leaves of the forest when summer is green,
That colourful army at sunset was seen;
Like the leaves of the forest when they all blow away,
That army next day lay dying and grey.

Shared writing/ Teachers write one verse/ Guided writing.

Extinction of the 21st Century Dodo

(For the Dodo think Whale, Fox, Badger etc)

The Dodo said
to the kangaroo
I wish I could jump
and skip away like you

The Dodo said
to the goat and the ape
I wish I could climb
so I can escape

The Dodo said
to the birds in the trees
I wish I could fly
and float in the breeze

The Dodo said
to the fish in the sea
I wish I could swim
so I could be free

The Dodo said
to the ant and the mole
I wish I was small
so I could hide in a hole

The Dodo said
to the man with a gun
why do you kill me
just for fun?

The Dodo said
to God in Heaven
why'd you let man
invent that weapon?

J. Walsh

THE DESTRUCTION OF SENNACHERIB*

The Assyrian came down like the wolf on the fold,
And his cohorts were gleaming in purple and gold;
And the sheen of their spears was like stars on the sea,
When the blue wave rolls nightly on deep Galilee.

Like the leaves of the forest when summer is green,
That host with their banners at sunset were seen;
Like the leaves of the forest when autumn hath blown,
That host on the morrow lay withered and strown.

For the Angel of Death spread his wings on the blast,
And breathed on the face of the foe as he passed;
And the eyes of the sleepers waxed deadly and chill,
And their hearts but once heaved, and for ever grew still!

And there lay the steed with his nostril all wide,
But through it there rolled not the breath of his pride;
And the foam of his gasping lay white on the turf,
And cold as the spray of the rock-beating surf.

And there lay the rider distorted and pale,
With the dew on his brow, and the rust on his mail;
And the tents were all silent, the banners alone,
The lances unlifted, the trumpet unblown.

And the widows of Ashur are loud in their wail,
And the idols are broke in the temple of Baal;
And the might of the Gentile, unsmote by the sword,
Hath melted like snow in the glance of the Lord!

NLS ISSUES : 2000

- **SHARED WRITING**
- **GUIDED WRITING**
- **SPELLING**
- **PHONIC AWARENESS**
- **VOCABULARY**
- **SENTENCE LEVEL WORK**
- **DRAMA WORK**
- **KNOWLEDGE OF GRAMMAR**
- **LABELLING AND RESPONDING**
- **QUESTIONING**
- **PACE**
- **COMPLETE TEXTS**
- **LEARNING**
- **LEARNING OBJECTIVES**
- **PLANNING: MEDIUM AND SHORT**
- **ASSESSMENT**
- **PLENARY**

HEADS OF ENGLISH MEETING

**MONDAY 26th JUNE
SANS SOUCI**

**YEAR 6 SATS
YEAR 7 ENGLISH
TEACHING/LEARNING/FORMATIVE
ASSESSMENT
MANAGING ENGLISH IN 2000**

SIAS

AGES 5-14

LANGUAGE FOR LEARNING IN KEY STAGE 3

Language for Learning

The links between language and learning in the school curriculum are well established. All lessons include and largely depend on oral and written communication. The teacher explains, questions, describes, organises and evaluates in the classroom and does this mostly through talk, sometimes through writing. Pupils often answer, discuss and work out ideas through talk. They commonly write in order to record, summarise, note, show evidence of understanding and develop analyses and arguments. Successful learners read to gain access to and evaluate information and ideas from a range of texts and sources.

As pupils develop their subject knowledge and understanding, they need increasingly sophisticated and exact ways of saying what they mean and of expressing more subtle distinctions and more complex ideas. This requires a more developed vocabulary, a range of grammatical constructions and skill in conveying shades of meaning or stages of argument. Beyond school, pupils' skills in language contribute to their progress both in education and employment, and to their opportunities to develop diverse interests and abilities.

To help schools develop policies and classroom teaching which support pupils' use of language for learning, this booklet offers a rationale, a set of expectations and objectives and some practical examples of what schools have done.

The materials have been developed in conjunction with the National Literacy Strategy and Ofsted. A wide range of schools was contacted and many provided materials and examples of pupils' work. The approaches advocated here are in tune with the recommendations of the HMI survey of key stage 3 literacy projects.

This document links closely with Schemes of Work documents which can be found on the DfEE 'Standards' site - www.standards.dfee.gov.uk/schemes

Copyright © QCA

BACK

[What's new](#)
[Your comments](#)
[Find your way](#)
[Support](#)

 Your path: [Home](#) > [Literacy](#) > [Framework for teaching English: Year 7](#)

Framework for teaching English: Year 7

The draft Framework for teaching English: Year 7 is available to view, print and download as Acrobat PDF files. The document will be added to over the coming months. Visit these pages regularly for the latest developments.

Section	Availability
Section 1 Rationale <u>Contents:</u> [140k: 2.5 minutes] Introduction The structure of the Framework Covering the National Curriculum Approaches to Teaching and Learning Planning and Assessment	Now
Section 2 Framework of Objectives, Years 7 - 9 Year 7 [100k: 2 minutes] Year 8 Year 9	Now Coming soon Coming soon
Section 3 Appendices Sample planning sheets Spelling lists Glossary of terms Cross curricular Language for Learning objectives Clusters of related objectives	Coming soon Coming soon Now Coming soon Coming soon
Section 4 Additional Guidance Pupils with Special Educational Needs Pupils with English as an Additional Language	Coming soon Coming soon

All file sizes and download times are approximate; download time is estimated using a 28.8k modem. [Click here](#) if you would like further information and assistance in using PDF files.

[Schemes of Work](#) | [Literacy](#) | [Numeracy](#) | [Pupil Performance](#) | [Study Support](#)
[Thinking Skills](#) | [Excellence in Cities](#) | [Beacon Schools](#) | [Other resources](#)

Word level

Spelling

Pupils should revise, consolidate and secure:

- correct vowel choices, including: vowels with common alternative spellings e.g. *ay, ai, a-e*; unstressed vowels; the influence of vowels on other letters, e.g. *doubling consonants, softening c*;
- pluralisation, including *-es* endings, and words ending in *y, f* and vowels;
- word endings, including vowel suffixes such as *-ing*, consonant suffixes such as *-ful*; modifying words ending in *y* or *e*; making choices between similar endings such as *-cian, -sion* and *-tion*;
- prefixes, including antonym prefixes, e.g. *ir-, un-*;
- the use of the apostrophe including: omissions; the possessive apostrophe; apostrophising plurals, e.g. *ladies' coats*, and words ending in *s*; the exception of possessive pronouns;
- the spellings of common and useful words including: homophones; high-frequency words; word families; longer polysyllabic words; complex clusters, e.g. *ought*; word derivations, e.g. *sign, signature, signal*;
- the spellings and meanings of subject specific key words correctly.

Spelling strategies

To continue learning, constructing and checking spellings, pupils should be able to:

- sound out words phonemically and by syllables;
- draw on analogies to known words, word families, known roots and familiar spelling patterns;
- apply spelling rules;
- learn words on sight and memorise critical features;
- maintain a log of personal errors, corrections, investigations, conventions, learning strategies and other spelling work;
- use the quartiles of a dictionary and how to find words beyond the initial letter;
- make effective use of a spellchecker, recognising where it might not be sufficient or appropriate.

Sentence level

Sentence construction and punctuation

Pupils should revise and extend their skill in manipulating sentences. They should be taught to:

- deploy punctuation to clarify meaning, particularly at the boundaries between sentences and clauses;
- expand nouns and noun phrases in a variety of ways, e.g. *by using a prepositional phrase the quiet man with the foolish grin*;
- use subordinate clauses in a number of ways, e.g. *by using a subordinating conjunction*, e.g. *although, because*, or a relative pronoun, e.g. *that, who*, or a non-finite verb, e.g. *Having finished his lunch...* and vary their position in the sentence;
- recognise and remedy ambiguity in sentences, e.g. *unclear use of pronouns*;
- build a repertoire of sentence structures to use in their own writing;
- express ideas in either the active or the passive voice to suit purpose, recognising the impact this has on meaning;
- use tense consistently, and manage shifts of tense so that meaning is clear to the reader;
- use speech punctuation accurately to integrate speech into a range of different sentences.

Paragraphing and cohesion

Pupils should be taught to:

- recognise the cues to start a new paragraph, i.e. when there is a shift of topic, viewpoint or time, and make effective use of the first sentence to orientate the reader;
- identify the main point in a paragraph, and how the supporting information relates to it, e.g. as *illustration, extension or greater detail*;
- choose how to sequence the content of a paragraph in which events are not arranged chronologically, e.g. *by order of importance, by comparison*;
- guide the reader's attention through paragraphs by: referring back; making use of pronouns and connectives; deploying link words and phrases such as *on the other hand, finally*;
- develop and vary the structure of sentences within a paragraph to lend pace, variety and emphasis appropriate to the content.

Vocabulary

To continue developing their vocabulary, pupils should be able to:

15. work out the meaning of unknown words using context, etymology, morphology, identifying compounds and other qualities such as onomatopoeia;
16. understand the role of words in sentences including the word class, e.g. *preposition, auxiliary verb*, and have the terminology to describe it;
17. investigate and apply lexical patterns, e.g. *adding -ify to create a verb*;
18. understand and use correctly terms of qualification e.g. *fully, slightly, similarly, mostly* and comparison e.g. *less, fewer, more, most, ...er/est*;
19. expand the range of link words and phrases used to signpost texts, e.g. *whereas, similarly*;
20. draw links between words in different languages, e.g. *Haus, house; femme, feminine*;
21. read accurately and use correctly vocabulary which relates to key concepts in the subject;
22. distinguish between everyday uses of words and their subject specific use, e.g. *energy, resistance*;
23. define the meaning of a word with precision, including its exact implication in context;
24. use a dictionary and a thesaurus with speed and skill.

Stylistic conventions of non-fiction

Pupils should revise the basic stylistic conventions of the main types of non-fiction established in Key Stage 2:

14. *Information text*, which maintains the use of the present tense and the third person; makes clear how the information is organised and linked; incorporates examples;
15. *Recounts*, which maintain the use of past tense, clear chronology and temporal connectives to secure the reader's grasp of past events;
16. *Explanation*, which maintains the use of the present tense and impersonal voice, and articulates the logical and causal connections between points;
17. *Instructions*, which are helpfully sequenced and signposted, deploy imperative verbs and provide clear and concise guidance to the user;
18. *Persuasion*, which uses sentence syntax to enhance and emphasise key points, and which articulates strong logical links in the developing argument;
19. *Discursive writing*, which signposts the organisation of contrasting points and clarifies the viewpoint expressed at every stage;
20. the vocabulary, sentence grammar and stylistic conventions of the main forms of writing used by the subjects in the current term, e.g. *formal essay, science report, book review*.

Standard English and language variation

Pupils should be taught to:

21. investigate the differences between spoken and written language structures, e.g. *greetings, hesitation in speech, how real speech is shaped into direct and reported speech in writing*;
22. use standard English consistently and accurately in formal situations and in writing, e.g. *avoiding common errors of agreement such as we was*;
23. vary the formality of language in speech and writing to suit different circumstances and evaluate its effectiveness;
24. recognise that the spelling, meaning and usage of words changes over time, and identify ways in which sentence structure and punctuation differs in older texts.

Text level – Reading**Research and study skills**

Pupils should be taught to:

1. use effective strategies to locate and appraise relevant resources for a given task, and find relevant information in them;
2. use close reading strategies to extract particular information, e.g. *highlighting, skimming, scanning*;
3. make brief, clearly-organised notes of key points for later retrieval;
4. evaluate the relevance, validity and reliability of information found;
5. acknowledge sources.

Reading for meaning

Pupils should be taught to:

6. adopt an active reading approach: visualising; predicting; empathising; bringing one's own experience to bear; questioning the text and searching for sense and meaning;
7. identify the main actions, processes or ideas in a text and how they are developed by the writer;
8. infer and deduce meanings using evidence in the text, identifying where and how meanings are implied;
9. distinguish between the views of the writer and those expressed by others in the text, e.g. *the narrator, quoted experts, characters*;
10. identify how media texts are tailored to suit their audience, and how that audience responds to them, e.g. *popular websites*;
11. recognise how print, sounds and still or moving images combine to create meaning, e.g. *title sequences*;
12. explain how meanings are changed when information is presented in different forms or transposed into different media.

Text level – Writing**Imagine, explore, entertain**

Pupils should be taught to:

1. structure a story with an arresting opening, a developing plot, a complication, a crisis and a satisfying resolution;
2. portray character and motivation, directly and indirectly, through description, dialogue and action;
3. use a range of narrative devices to involve the reader, e.g. *withholding information*;
4. experiment with different forms, styles and genres to present similar material, and compare the results;
5. experiment with the visual and sound effects of language, including the use of imagery, alliteration, rhythm, rhyme, etc;
6. use writing to explore and develop ideas, e.g. *journals, brainstorming techniques and mental mapping activities*.

Inform, explain, describe

Pupils should be taught to:

7. select and present information in a way that is appealing and accessible to its target audience;
8. explain a process logically, highlighting the links between cause and effect;
9. give instructions and directions, which are specific, easy to follow and clearly sequenced;
10. describe an object, person or setting in a way that is both accurate and evocative;
11. organise texts in ways appropriate to their content, e.g. by *chronology, priority, comparison*, and signpost this clearly to the reader;
12. use detail, example, diagram and illustration as appropriate to illustrate meaning.

Speaking and Listening**Speaking**

Pupils should be taught to:

1. retell a story, anecdote or experience using relevant descriptive detail and a range of storytelling techniques, and consider how this differs from written narrative;
2. give clear instructions, expositions or explanations that are helpfully sequenced, linked and supported by gesture or other visual aid;
3. promote, justify or defend a point of view using supporting evidence, example and illustration, all of which are linked back to the main argument;
4. give a rehearsed talk, which is clearly spoken, helpfully introduced, structured in clear sections and has a convincing conclusion;
5. tailor the expression, vocabulary and delivery of a talk or presentation to suit the audience, anticipating their interests, needs and responses;
6. evaluate the effectiveness and aptness of a talk for its audience, pointing to ways in which it is successful and how it could be improved;
7. use talk as a tool for clarifying complex ideas, e.g. by *articulating problems*.

Listening

Pupils should be taught to:

8. listen for and recall the main messages of a talk, reading or television programme, and record these systematically using abbreviation;
9. answer questions pertinently, drawing on relevant evidence or reasons;
10. identify the main methods used by presenters to explain, persuade, amuse or argue a case, e.g. *emotive vocabulary, verbal humour*;
11. recognise the way familiar spoken texts, e.g. *directions, explanations*, are organised and identify their typical features, e.g. *of vocabulary or tone*;
12. reflect on what has been heard to ask searching questions, make pertinent comments or challenge the views expressed;
13. compare different points of view that have been expressed, and identify underlying differences and similarities.

Study of literary texts

Pupils should be taught to:

13. develop critical reflection and personal response, e.g. *sharing views, keeping a reading journal*;
14. review the content, strengths and weaknesses of a text and give a considered response to it;
15. examine and define some common literary forms, e.g. *sonnet*, and genres, e.g. *Gothic horror*, and identify their conventions;
16. identify how a particular text adheres to and deviates from established conventions;
17. identify how texts refer to and reflect the culture in which they were produced, e.g. in their evocation of place and values;
18. develop the notion of literary heritage and understand why some texts are given higher status or value.

Understanding the author's craft

Pupils should be taught to:

19. recognise and use simple rhetorical devices to enhance meaning, including repetition, charged vocabulary, varied sentence structure or line length, sound effects, e.g. *alliteration and figures of speech*;
20. explain, using the appropriate terminology, how a writer has achieved a particular effect;
21. recognise key features in the style and approach of distinctive writers, generalise about their values and themes, and how they reflect the culture in which they wrote.

Persuade, argue, advise

Pupils should be taught to:

13. express and develop a personal view with clarity;
14. in presenting ideas, anticipate the needs, interests and views of the intended reader;
15. add emphasis to key points, e.g. *by reiteration, exaggeration, repetition, use of rhetorical questions*;
16. use a range of strategies to validate an argument, e.g. *statistical evidence, exemplification, testimony*.

Analyse, review, comment

Pupils should be taught to:

17. identify criteria for evaluating a particular text, object or event, present findings fairly and give a personal view;
18. plan, write and present a critical review for a specific audience, and revise it in the **light of their response**.

Plan, draft and present

Pupils should be taught to:

19. collect, select and assemble ideas in a suitable planning format, e.g. *flow chart, list, star chart*;
20. adopt and adapt procedures for drafting, editing, revising, proofreading and presenting a finished text;
21. find ways of testing the quality of written work, e.g. *by using it with its target audience, and refining it in the light of feedback*;
22. review the legibility and neatness of own handwriting and set personal targets to improve presentation.

Group discussion and interaction

Pupils should be taught to:

14. adopt roles in discussion, which include acting as spokesperson, and contribute in different ways including promoting, opposing, exploring and questioning;
15. use exploratory, hypothetical and speculative talk as a way of researching ideas and expanding thinking;
16. work together logically and methodically to solve problems, make deductions, test and evaluate the ideas proposed;
17. acknowledge other people's views, justifying one's own and modifying them in the light of what others say;
18. identify and report the main points emerging from discussion, agree a course of action including, for example, responsibilities and deadlines;
19. reflect on the effectiveness of the group work and agree how it could be improved.

Drama

Through a range of drama techniques, pupils will:

20. explore in role a variety of situations and texts or respond to stimuli; reflect on the insight this provides into the motives and perspectives of others;
21. extend their spoken repertoire by experimenting with language in different contexts and roles;
22. work collaboratively to devise and perform scripted and unscripted pieces, which convey understanding of character, relationships and issues;
23. develop a performance, which establishes and maintains the attention of the audience;
24. reflect on and evaluate their own and others' performances;
25. develop strategies for anticipating, visualising and problem-solving in different learning contexts.

NORTH LINCOLNSHIRE ENGLISH TRANSITION PROJECT 2000: PRIMARY PHASE

Supplement to Lessons 3/4/5

Characteristic techniques used in the four National Curriculum text categories

INFORM/ DESCRIBE/ EXPLAIN

Word Level	Sentence Level	Text Level
<ul style="list-style-type: none"> • vocabulary of precise explanation • technical words related to subject of text • recurrence of words central to subject • little use of imagery • little use of words where inference is possible • emphasis on clarity of meaning rather than experimental vocabulary • impersonal language 	<ul style="list-style-type: none"> • tendency towards simple and compound sentences to achieve clarity and conciseness • connectives emphasise sequence/ cause and effect/ comparison • nouns and verbs predominate • punctuation tends not to move beyond full stops and commas • present tense most often used • passive voice used when identity of agent not relevant • explanations/ instructions often in second person/ imperative • paragraphs mark sequence/ express connections between information/ideas • links between paras emphasise sequence/ cause and effect/ comparison 	<ul style="list-style-type: none"> • audience defined by interests rather more than by age • information – concise/ clear/ step by step • description – general opening/ specific details of phenomenon • explanation – general statement/ series of logical steps/ completion • themes relate to the world as it is • design/ layout appeals to reader/ makes reading easy • illustrations often used to clarify or even replace text

Some work being done in North Lincs. LA.

NORTH LINCOLNSHIRE ENGLISH TRANSITION PROJECT 2000: PRIMARY PHASE

Lessons 7 and 8

Objectives	Activities	Outcomes
<p>Y6T3TL21: to divide whole texts into paragraphs...</p> <p>Y6T3TL9: to write summaries of books.....</p> <p>Y6T3TL22: to select the appropriate style and form to suit a specific purpose....</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Teacher models the writing of an inform/ describe/ explain text, e.g. a report of the work so far in this project. Decide on the features which you will use before you begin. • Pupils write a summary of a longer text, e.g. a novel they have read. They decide on the features which they will use before they begin. They write a commentary afterwards about the features of the text they have written. • In the plenary of Lesson 7, pupils review their first draft of the summary. In the whole class session at the start of Lesson 8, examples of the previous day's writing are shared and evaluated. • Pupils can review each other's work in pairs. The response partner should work on the draft version in pencil, making suggestions according to the school's agreed code, such as: <ul style="list-style-type: none"> sp spelling mistake // new paragraph should begin p punctuation error ^ something missing — error of grammar/expression 	<p><u>Written outcome:</u> Pupils write an inform/ describe/ explain text about 2/3 paragraphs in length, and a commentary on the features of the text they have written. Draft versions should be included. (See <i>example enclosed in this pack.</i>)</p>

NORTH LINCOLNSHIRE ENGLISH TRANSITION PROJECT 2000: PRIMARY PHASE

Extension Lesson

Objectives	Activities	Outcomes
<p>Y6T3TL21: to divide whole texts into paragraphs...</p> <p>Y6T3TL22: to select the appropriate style and form to suit a specific purpose....</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Pupils go through the same process as above, writing a persuade/ argue/ advise text, e.g. a newspaper or magazine article, a letter, an advertisement, a warning leaflet. • Differentiate through length of text required. 	<p><u>Written outcome:</u> Pupils write a persuade/ argue/ advise text about 2/3 paragraphs in length, and a commentary on the features of the text they have written. Include drafting.</p>

NORTH LINCOLNSHIRE ENGLISH TRANSITION PROJECT 2000: PRIMARY PHASE

Supplement to Lesson 7 and 8

An inform/describe/explain text which summarises a fiction text, including draft version and commentary

The features I will use in my commentary

1. Word level: use words which make the meaning as clear as possible
2. Sentence Level: use connectives to show sequence
3. Text Level: go step by step through the story

Draft commentary, with annotation in pencil by response partner

Summary of "The Turbulent Term of Tyke Tiler" by Gene Kemp

The story is about Tyke Tiler's adventures in the last term at primary school. Tyke's best friend is Danny Price, who is not very clever and gets Tyke into a lot of trouble. The first problem comes when Danny steals money from a teacher's purse, the most serious one is when Tyke steals an exam paper so that Danny can go to the same secondary school as Tyke.

P
SP

At the end of the story, Tyke climbs the clock tower of the school to ring the bell which no-one is allowed to ring as a celebration of leaving primary school. Only here, right at the end of the story, we find out that Tyke is a girl. This came as a shock to most of our class, and made us look back to see how Gene Kemp had written a whole book without saying "he" or "she".

repeat?

- Features 1 clear ✓
2 connectives - first / most serious / at end ✓
3 step by step - not that kind of story?

Final version

Summary of "The Turbulent Term of Tyke Tiler" by Gene Kemp

The story is about Tyke Tiler's adventures in the last term at primary school. Tyke's best friend is Danny Price, who is not very clever and gets Tyke into a lot of trouble. The first problem comes when Danny steals money from a teacher's purse; the most serious one is when Tyke steals an exam paper so that Danny can pass the exam and go to the same secondary school as Tyke.

At the end of the story, Tyke climbs the clock tower of the school to ring the bell which no-one is allowed to ring as a celebration of leaving primary school.

Only here, in the final pages, do we find out that Tyke is a girl. This came as a shock to most of our class, and made us look back to see how Gene Kemp had written a whole book without saying "he" or "she".

NORTH LINCOLNSHIRE ENGLISH TRANSITION PROJECT 2000: PRIMARY PHASE

Lessons 9 and 10

Objectives	Activities	Outcomes
<p>Y6T3TL7: to annotate passages in detail.....</p> <p>Y6T3TL8:to raise and refine personal responses to a text....</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Throughout the remaining weeks of Year 6, pupils should make a list, at the back of their transition exercise books, of the texts which they have read in their entirety, whether at school or at home, over the course of Year 6. This activity does not need to be part of the Literacy Hour. • Pupils copy out, at the front of their transition exercise books, short extracts from narrative fiction which seem to them to be very effective pieces of writing. They add a commentary to each, which explains why each piece is effective. • Teacher models this commentary writing in a whole class session (<i>see example enclosed</i>). • The important element of these lessons is that all pupils should demonstrate their ability to do two things: a detailed grammatical analysis of one or two sentences taken from a text; an overview of how this particular book fits into their reading programme over the last year or so. Differentiation will come in the length and depth of analysis required from each pupil, but the overall message is that all pupils can do this kind of reflective/analytical thinking and writing. • Teacher and pupils should refer to the list of techniques given in Lessons 3/4/5 above. 	<p><u>Written outcomes:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. a list of books and authors, perhaps with dates of reading 2. short extracts from fiction, with evaluative commentaries attached

Supplement to Lessons 9 and 10

Writing a commentary on a short extract of fiction

Extract taken from the beginning of "The Sheep Pig" by Dick King-Smith

Chapter 1 Guess My Weight

"What's that noise?" said Mrs Hoggett, sticking her comfortable round red face out of the kitchen window. "Listen, there 'tis again, did you hear it, what a racket, anybody'd think someone was being murdered, oh dearie me, whatever is it, just listen to it, will you?"

Commentary

When I first read the title of the chapter, I thought of a fairground because that is where you usually find a "guess your weight" machine. This gives a clue to what the story will be about. The personal pronoun "my" suggests to me that this is going to be a story about one particular character, whose weight will play an important part in the story.

Mrs Hoggett's dialogue is not punctuated in the way which we have been taught, but runs on and on, with many sentences joined together simply by a comma. The dialogue tells us what kind of person she is – down to earth, talkative, inclined to worry a lot. Dick King-Smith feels that he can break the rules of punctuation to create the character more effectively. Even we are allowed to do this when we are writing non-standard English in dialogue! She speaks a question, then an order, then a statement, a question, an exclamation, a statement, an exclamation, a question, a command, and a final question. All this creates the effect of a woman who says whatever comes into her head and who is obviously not used to being told to keep quiet.

I looked at the adjectives "comfortable round red" and noticed that there were no commas between them, as we have been taught to do. Again, the author must be breaking the rules for effect, running all the adjectives together to emphasise Mrs Hoggett's roundness and redness and to make the reader run them all together without taking a pause, which a comma would allow.

The speech makes the reader interested to know what is happening, but I also notice that the sentence is serious as well as funny. It is about death, and, throughout the story, death is never far away. I like stories which are a mixture of funny and sad. It seems to me that stories which are set on a farm are often like this, because this opening reminds me of the start of another of my favourite books, "Charlotte's Web":

"Where's Papa going with that axe?" said Fern to her mother as they were setting the table for breakfast.

Supplement to Lessons 9 and 10

Writing a commentary on a short extract of fiction

Extract taken from "Harry Potter and the Prisoner of Azkaban" by J.K.Rowling (page 281)

Where there should have been eyes, there was only thin, grey, scabbed skin, stretched blankly over empty sockets. But there was a mouth..... a gaping, shapeless hole, sucking the air with the sound of a death-rattle.

Commentary

This passage is a description of a Dementor. I like the fact that, although their job is to guard prisoners, they do not do the guarding by force but by psychological draining of the prisoners' will to live. This is the third book in the series so far, and is the most serious. Harry keeps having flashbacks to his parents' death, where they beg to be killed instead of him. So, although you still have all the funny magic and the games of Quidditch, the whole series is becoming darker and more frightening as it goes along. I also like the idea that Harry is one year older from one book to the next, and so the reader can grow up with him. I imagine it will all end happily, but he will be seventeen by the time the final, seventh book comes out, and I wonder how much he will change.

J. K Rowling creates an impersonal atmosphere in this passage by saying "Where there should have been..." instead of something like "It had no eyes." The repetition of "There should have been...there was...there was" slows the sentences down, makes the reader go more slowly and therefore the horror is drawn out. Also the three adjectives "thin, grey, scabbed", with the commas in between, has a slowing effect. The author follows two fairly ordinary adjectives with a really disgusting one, so that the reader is jolted out of her/his sense of security. The alliteration of "scabbed" and "skin" reminds me of scalpels and scraping. The "a" sound in "gaping, shapeless" suggests to me a mouth sagging wide open, like Jacob Marley's in "A Christmas Carol", when he takes his bandages off. The dots in the second sentence make it sound as if the author is saying "There was a mouth...(if you can call it a mouth)...."

There is actually much more action and dialogue than description in the Harry Potter books. I think this is a deliberate attempt by the author to interest all readers, especially boys. This is also why she uses her initials rather than her first name – so that boys will not realise that she is a woman.

Some people criticise these books because they are about a public school and have lots of magic in them. But they also have horror and comedy, and therefore appeal to almost anyone who ever reads fiction.

SYLVANIA QUEST

Gaw Penhallon

*Useful for
genre study*

Chapter Six: The First Battle

The Tauran warriors set spurs to their steeds, scattering the hapless men and women in the market square. In that instant Ingawa saw that further concealment was useless.

'Let us defend ourselves!' he called to Maghra. In one movement, prince and servant drew their swords from the bundles on their backs. As one they swung, their keen blades burning in the sunlight, and the first two Tauran riders reeled from the saddle, to fall like stones into the dust, their lifeblood gushing out.

'Ride them down,' bellowed the Tauran leader. Now the patrol drew back to gain space, unslung their lances and wheeled about. As the crowd scattered, a row of steel points aimed at the gallant two. Rodon, crafty as ever, had vanished among the throng.

'Charge!' came the command and the crowd began to scream and run as the horsemen bore down. But before they had

gone three paces, a girl's voice called:

'Sylvanians! Do not let brave men die alone.'

At the sound of her words, the charging horsemen hesitated in their onward stride.

As they did, the speaker, a stocky, round-faced, peasant girl stooped and swept up stones into the fold of her skirt. Around her, youths and old women did the same.

'Charge!' came the command once more and the horses sprang forward. But before the lance points could pierce the flesh of our two companions, a hail of stones and market filth fell on their heads and shoulders.

Three riders fell from their saddles. The others swung round in confusion, their horses neighing in fright. Ingawa and Maghra leapt forward, blades thrusting upwards. Down went two more Taurans and before the other soldiers could pull away the crowd rushed forward, dragged them from their mounts and beat them to death.

The noise and turmoil were hushed. The battle of the marketplace was over. The Taurans lay still, their horses pawed the ground, riderless.



22, Croxton, etc. etc.

30th October

Well, well.

I had hoped to repeat the triumph of my thingey on bullying with my splendid attack on sport. But Miss marked me down and wrote at the bottom, 'Gross exaggeration does not help your case.'

Sometimes I think the more sensitive members of the staff just close their eyes to what goes on in the gym, on the rugger pitch or worse still in the changing rooms. The inhumanity of one living creature to another. I can't describe some of these people as human.

And the one who ought to uphold law and order, ensure fair play and protect human rights, the one who pretends to be referee during those bouts of mud wrestling which are called 'games' – he is the worst of all.

His signature on detention slips is A.P. Earnshaw, so naturally he is known as APE. His parents when they named him must have guessed how he would turn out. I cannot believe any church would baptize him. While

most teachers either do not know or pretend they do not know their nicknames, Ape glories in his.

If there were trees along the touchline he would swing from branch to branch, howling, 'Keep it in play, you little squirt.' His language, as well as being gross, is terribly out of date.

He is cosmically insensitive. Once during a particularly gruesome match, one boy let out an agonized yell, 'Leggo my balls.' What do you think Ape did? He just grinned and shouted: 'Mind your language in the scrum.'

His sense of humour, like that of all muscle men, is abysmal. But he thinks he is terribly witty. When he discovered my full name, for at least a fortnight he greeted me with, 'Hurry up! Are you coming or Gawain?' You see what I mean.

Only Rat, my friend, is a match for him. Once in the gym Rat was in some discomfort after a misjudged vault over the horse (if there is one thing I hate more than the horse, it is the box, or the beam or the parallel bars, or the ropes . . .).

Anyway, Ape bawls at Rat: 'What's up with

English Essay
Competitive Sport:
Is it a good thing?

The High School
Bayfield, Oxon.

27th October

The first question one ought to ask is: Is sport a good thing, full stop?

And the answer for any thinking person must be 'no'. I hasten to add that I am not against exercise. I like walking, with a friend or a not-too-energetic dog.

I refer, of course, to PE and sport, the compulsory and violent inflicting of unwanted, dangerous physical activity on the human frame.

This is wrong in the first place because it puts the intelligent person to the unwanted attentions of the stupid – if they happen to be larger and more muscular – as is often the case.

Anyone who believes sport can develop the mind has only to think about retired heavyweight boxers who wander round making aimless gestures with their fists.

Or, for example, one of those television programmes about champion athletes who

develop arthritis and similar in later life.

Of course, one does not have to wait for later life to suffer indignity and injury.

This can happen on, for example, the rugby pitch, ranging from having one's shorts pulled off to bruises, cuts, bleeding noses and broken bones.

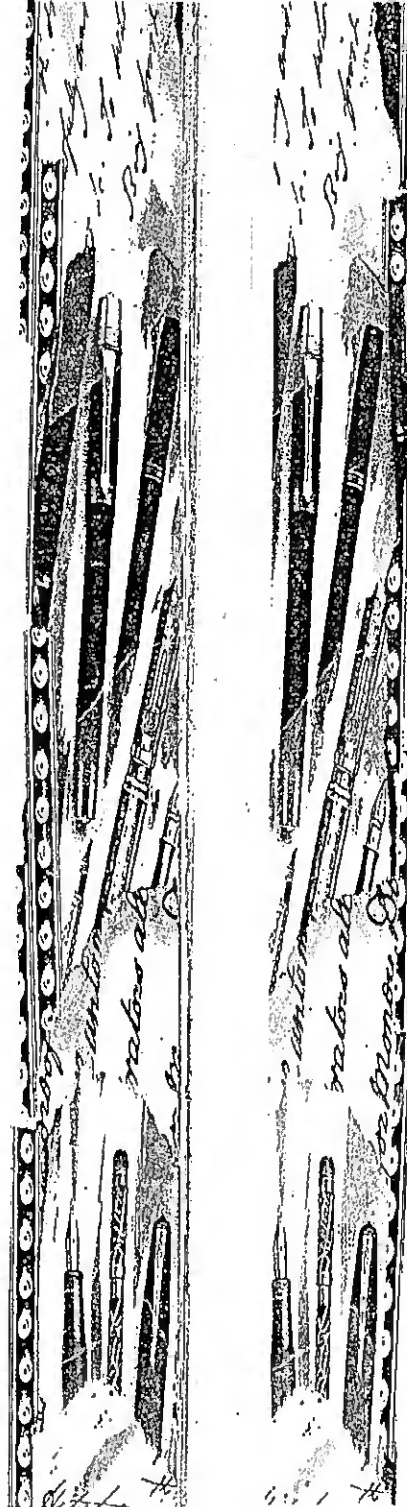
There is much indignation about blood sports. But this is only where animals are involved. Are not human beings entitled to protection from those who have the urge to pursue, persecute and physically molest?

Let us face the truth. Sport is just a lawful kind of bullying.

So far I have spoken only of non-competitive sport. Competitive sport is even more repulsive because it brings out the worst not only in the players but also in the spectators.

The spectators, at ringside, or in grandstand, or even in the armchair in front of the square screen, incite the players to foul play and violence.

If there is not enough of the latter on the field, then the said 'fans' indulge in orgies of



Key Stage 3 Reading Books

Anne Pilling	- Black Harvest	- Collins
Terry Pratchell	- Only You Can Save Mankind	- Corgi
Susan Price	- Sticks and Stones	- Faber
Philip Pullmen	- Northern Lights	- Scholastic
Ian Strachan	- Throways	- Mammoth
Robert Swindells	- Follow a Shadow	- Pattern
Mildred Taylor	- Roll of Thunder, Hear My Cry	- Pattern
Jean Ure	- Watchers at the Shrine	- Mammoth
Robert Westall	- A Place For Me, Gulf, The Watch House, The Devil on the Road, Yaxley's Cat	- Macmillan
Alan Garner	- Red Shift	- Collins
Janni Howker	- Isaac Champion	- Walker
Michael Morpurgo	- The War of Jenkin's Ear	- Mammoth
Robert Westall	- The Wheatstone Pond	- Pattern
Robert Westall	- The Kingdom by Sea	- Mammoth
Frances Mary Hendry	- Chandra	- OUP
Melvyn Burgess	- Junk	- Penguin
Beverley Naidoo	- No Turning Back	- Puffin
Hugh Scott	- The Ghosts of Ravens Crag	- Walker
Anne Fine	- Ran behind the Ice Box	- Puffin
Anita Desai	- AA Village by the Sea	- Puffin
Melvyn Burgess	- Loving April	- Puffin
Gillian Cross	- On the Edge	- Puffin
Paula Danziger	- The Pistachio Prescription	- Mammoth
Peter Dickenson	- Annerton Pet	- Gollancz
Berlie Doherty	- Dear Nobody	- Collins
	- Granny was a Buffer Girl	- Mammoth
Anne Fine	- The Book of the Banshee	- Puffin
	- Goggle Eyes	- Penguin

Rosa Guy	- The Friends	- Puffin
Joan Lingard	- The Guilty Party, Into Exile	- Puffin
Margaret Mahy	- The Tricksters	- Puffin
Moribudi Mangena	- A Twin World	- Longman
Anne Merrick	- Someone Came Knocking	- Puffin
James Berry	- The Future - Telling Lady	- Puffin
Leeson	- Red, White and Blue	- Collins
Michael Coleman	- Weirdo's War	- Orchard
Chloe Rayban	- Love in Cyberia	- BH
Philip Pullman	- Clockwork	- Doubleday
Berlie Doherty	- Snakestone	- Collins
Dennis Hamley	- Hare's Choice	
Julian Cross	- Wolf	
Geraldine McCaughrean	- Plundering Paradise	

**NATIONAL LITERACY
STRATEGY**

**AT KEY STAGE 3
IN SOLIHULL**

DAY ONE

JULY 3RD

WOODLANDS CENTRE

(Additional Notes)

SIAS

NATIONAL LITERACY STRATEGY

AT KEY STAGE 3
IN SOLIHULL

(Additional Notes)

What secondary pilot literacy will involve
from September 2000, in Colchester.

KEY STAGE 3 ENGLISH 2000

- Framework's learning objectives: text, sentence and word
- Systematic teaching of word (vocabulary and spelling) and sentence level learning objectives
- Short term planning
- Starter activity – word or sentence level, in context only if helpful
- Use of extracts for reading and writing, alongside full texts
- Shared reading and writing
- Guided reading/ writing
- Focused learning activities throughout
- Full written text at end of module
- Formative assessment used throughout
- Focused and diagnostic marking
- Plenary
- Inclusion
- Catch-up programmes

LEARNING OBJECTIVES

From the framework: text, sentence or word level

The learning purpose behind the session

They need, therefore, to be very sharp and clear

The main focus for all the work: shared, guided and independent work

What determine the choice of materials and activities

They should, therefore, be shared explicitly with the class

The focus of the plenary: pupils describe what they have learnt (about the learning objectives)

What are assessed formatively throughout the module

What are assessed summatively in the module's final piece/ outcome

They represent what you intend all pupils to learn

Your assessment needs to identify, therefore, those pupils in difficulty

IMPLEMENTATION

- **BECOME VERY FAMILIAR WITH THE FRAMEWORK**
- **FOCUS ON YEAR 7**
- **SOME OF YOUR REWORKED YEAR 7 MODULES MIGHT BE USEFUL IN YEARS 8 AND 9**
- **SOME WILL NEED REFINING AT THE SHORT TERM PLANNING STAGE**
- **THEY ARE THE LEARNING CURRICULUM FOR YEAR 7 ENGLISH WORK**
- **ASSESSMENT SHOULD BE FOCUSED ON THEM**
- **TRY TO REWORK YOUR MEDIUM TERM PLANS FOR YEAR 7 BEFORE SEPTEMBER**
- **BECAUSE SHORT TERM PLANNING WILL BE SOMEWHAT DEPENDENT ON YOUR ASSESSMENT IT WILL NEED TO BE DONE WEEKLY.**

Written by an 'average'
10 year old after being
taught well.

WHY DID THE NORMANS WIN THE BATTLE OF HASTINGS?

(1)

The Battle of Hastings took place in 1066 when Edward the Confessor died, leaving no heir. Harold Godwinson took his place, but he had two rivals, Harald Godrada, the king of Norway, and William, Duke of Normandy. William eventually won, and this piece of writing explores the reasons why.

William was a very determined and ambitious leader. He claimed that Harold had promised to help him to become king, and so, when Harold claimed the throne, he did all he could to conquer England. He left Normandy undefended, and took 3000 ships with horses and soldiers across the English channel. He must have been very determined to do this, as the channel was very dangerous. His bravery is shown again during the battle, when he took off his helmet and said to his soldiers, "Look at me well. I am still alive and, by the grace of God, I shall yet prove victor."

William also had a strong army, and a good strategy. For example, he put the archers in the front, then infantry, and behind them the men on horse-back. The Anglo-Saxon Chronicle says, "All the English were on foot. The Normans had foot-soldiers, archers and cavalry with horses." This would have been a great advantage. He also pretended to retreat, and then the English broke the shield wall, so when the Normans turned back, the English were not very well protected. William chose a good time to invade, before Harold had established his position as king.

Harold's bad luck also helped William to win. Harold Godwinson was fighting Harald Godrada at Stamford Bridge when William invaded in the south. Harold had to march 300 km, having lost many of his best men in the previous battle. If the wind had not changed just then, Harold would have had more men, and he would have had more time to set his army up. There is a picture in the Bayeux Tapestry of Harold being killed with an arrow through his eye. When he died, the English were frightened, and deserted.

William won the battle for many reasons. It was a mixture of good leadership, planning and luck. If the wind hadn't changed, or if Harald Godrada hadn't invaded, I think that Harold could have won, and England would be a different place.

Word level

Spelling

Pupils should revise, consolidate and secure:

1. correct vowel choices, including: vowels with common alternative spellings e.g. *ay, ai, a-e*; unstressed vowels; the influence of vowels on other letters, e.g. *doubling consonants, softening c*;
2. pluralisation, including *-es* endings, and words ending in *y, l* and vowels;
3. word endings, including vowel suffixes such as *-ing*; consonant suffixes such as *-ful*; modifying words ending in *y* or *e*; making choices between similar endings such as *-cian, -sion* and *-tion*;
4. prefixes, including antonym prefixes, e.g. *ir-, un-*;
5. the use of the apostrophe including: omissions; the possessive apostrophe; apostrophising plurals, e.g. *ladies' coats*, and words ending in *s*; the exception of possessive pronouns;
6. the spellings of common and useful words including: homophones; high-frequency words; word families; longer polysyllabic words; complex clusters, e.g. *ough*; word derivations, e.g. *sign, signature, signal*;
7. the spellings and meanings of subject specific key words correctly.

Spelling strategies

To continue learning, constructing and checking spellings, pupils should be able to:

8. sound out words phonemically and by syllables;
9. draw on analogies to known words, word families, known roots and familiar spelling patterns;
10. apply spelling rules;
11. learn words on sight and memorise critical features;
12. maintain a log of personal errors, corrections, investigations, conventions, learning strategies and other spelling work;
13. use the quartiles of a dictionary and how to find words beyond the initial letter;
14. make effective use of a spellchecker, recognising where it might not be sufficient or appropriate.

Sentence level

Sentence construction and punctuation

Pupils should revise and extend their skill in manipulating sentences. They should be taught to:

1. deploy punctuation to clarify meaning, particularly at the boundaries between sentences and clauses;
2. expand nouns and noun phrases in a variety of ways, e.g. *by using a prepositional phrase the quiet man with the foolish grin*;
3. use subordinate clauses in a number of ways, e.g. *by using a subordinating conjunction, e.g. although, because, or a relative pronoun, e.g. that, who, or a non-finite verb, e.g. Having finished his lunch...* and vary their position in the sentence;
4. recognise and remedy ambiguity in sentences, e.g. *unclear use of pronouns*;
5. build a repertoire of sentence structures to use in their own writing;
6. express ideas in either the active or the passive voice to suit purpose, recognising the impact this has on meaning;
7. use tense consistently, and manage shifts of tense so that meaning is clear to the reader;
8. use speech punctuation accurately to integrate speech into a range of different sentences.

Paragraphing and cohesion

Pupils should be taught to:

9. recognise the cues to start a new paragraph, i.e. when there is a shift of topic, viewpoint or time, and make effective use of the first sentence to orientate the reader;
10. identify the main point in a paragraph, and how the supporting information relates to it, e.g. *as illustration, extension or greater detail*;
11. choose how to sequence the content of a paragraph in which events are not arranged chronologically, e.g. *by order of importance, by comparison*;
12. guide the reader's attention through paragraphs by: referring back; making use of pronouns and connectives; deploying link words and phrases such as *on the other hand, finally*;
13. develop and vary the structure of sentences within a paragraph to lend pace, variety and emphasis appropriate to the content.

Vocabulary

To continue developing their vocabulary, pupils should be able to:

15. work out the meaning of unknown words using context, etymology, morphology, identifying compounds and other qualities such as onomatopoeia;
16. understand the role of words in sentences including the word class, e.g. *preposition, auxiliary verb*, and have the terminology to describe it;
17. investigate and apply lexical patterns, e.g. *adding -ify to create a verb*;
18. understand and use correctly terms of qualification e.g. *fully, slightly, similarly, mostly* and comparison e.g. *less, fewer, more, most, ...er/est*;
19. expand the range of link words and phrases used to signpost texts, e.g. *whereas, similarly*;
20. draw links between words in different languages, e.g. *Haus, house; femme, feminine*;
21. read accurately and use correctly vocabulary which relates to key concepts in the subject;
22. distinguish between everyday uses of words and their subject specific use, e.g. *energy, resistance*;
23. define the meaning of a word with precision, including its exact implication in context;
24. use a dictionary and a thesaurus with speed and skill.

Stylistic conventions of non-fiction

Pupils should revise the basic stylistic conventions of the main types of non-fiction established in Key Stage 2:

14. *Information text*, which maintains the use of the present tense and the third person; makes clear how the information is organised and linked; incorporates examples;
15. *Recounts*, which maintain the use of past tense, clear chronology and temporal connectives to secure the reader's grasp of past events;
16. *Explanation*, which maintains the use of the present tense and impersonal voice, and articulates the logical and causal connections between points;
17. *Instructions*, which are helpfully sequenced and signposted, deploy imperative verbs and provide clear and concise guidance to the user;
18. *Persuasion*, which uses sentence syntax to enhance and emphasise key points, and which articulates strong logical links in the developing argument;
19. *Discursive writing*, which signposts the organisation of contrasting points and clarifies the viewpoint expressed at every stage;
20. the vocabulary, sentence grammar and stylistic conventions of the main forms of writing used by the subjects in the current term, e.g. *formal essay, science report, book review*.

Standard English and language variation

Pupils should be taught to:

21. investigate the differences between spoken and written language structures, e.g. *greetings, hesitation in speech, how real speech is shaped into direct and reported speech in writing*;
22. use standard English consistently and accurately in formal situations and in writing, e.g. *avoiding common errors of agreement such as we was*;
23. vary the formality of language in speech and writing to suit different circumstances and evaluate its effectiveness;
24. recognise that the spelling, meaning and usage of words changes over time, and identify ways in which sentence structure and punctuation differs in older texts.

Text level – Reading

Research and study skills

Pupils should be taught to:

1. use effective strategies to locate and appraise relevant resources for a given task, and find relevant information in them;
2. use close reading strategies to extract particular information, e.g. *highlighting, skimming, scanning*;
3. make brief, clearly-organised notes of key points for later retrieval;
4. evaluate the relevance, validity and reliability of information found;
5. acknowledge sources.

Reading for meaning

Pupils should be taught to:

6. adopt an active reading approach: visualising; predicting; empathising; bringing one's own experience to bear; questioning the text and searching for sense and meaning;
7. identify the main actions, processes or ideas in a text and how they are developed by the writer;
8. infer and deduce meanings using evidence in the text, identifying where and how meanings are implied;
9. distinguish between the views of the writer and those expressed by others in the text, e.g. *the narrator, quoted experts, characters*;
10. identify how media texts are tailored to suit their audience, and how that audience responds to them, e.g. *popular websites*;
11. recognise how print, sounds and still or moving images combine to create meaning, e.g. *title sequences*;
12. explain how meanings are changed when information is presented in different forms or transposed into different media.

Text level – Writing

Imagine, explore, entertain

Pupils should be taught to:

1. structure a story with an arresting opening, a developing plot, a complication, a crisis and a satisfying resolution;
2. portray character and motivation, directly and indirectly, through description, dialogue and action;
3. use a range of narrative devices to involve the reader, e.g. *withholding information*;
4. experiment with different forms, styles and genres to present similar material, and compare the results;
5. experiment with the visual and sound effects of language, including the use of imagery, alliteration, rhythm, rhyme, etc.;
6. use writing to explore and develop ideas, e.g. *journals, brainstorming techniques and mental mapping activities*.

Inform, explain, describe

Pupils should be taught to:

7. select and present information in a way that is appealing and accessible to its target audience;
8. explain a process logically, highlighting the links between cause and effect;
9. give instructions and directions, which are specific, easy to follow and clearly sequenced;
10. describe an object, person or setting in a way that is both accurate and evocative;
11. organise texts in ways appropriate to their content, e.g. by *chronology, priority, comparison*, and signpost this clearly to the reader;
12. use detail, example, diagram and illustration as appropriate to illustrate meaning.

Speaking and Listening

Speaking

Pupils should be taught to:

1. retell a story, anecdote or experience using relevant descriptive detail and a range of storytelling techniques, and consider how this differs from written narrative;
2. give clear instructions, expositions or explanations that are helpfully sequenced, linked and supported by gesture or other visual aid;
3. promote, justify or defend a point of view using supporting evidence, example and illustration, all of which are linked back to the main argument;
4. give a rehearsed talk, which is clearly spoken, helpfully introduced, structured in clear sections and has a convincing conclusion;
5. tailor the expression, vocabulary and delivery of a talk or presentation to suit the audience, anticipating their interests, needs and responses;
6. evaluate the effectiveness and aptness of a talk for its audience, pointing to ways in which it is successful and how it could be improved;
7. use talk as a tool for clarifying complex ideas, e.g. by *articulating problems*.

Listening

Pupils should be taught to:

8. listen for and recall the main messages of a talk, reading or television programme, and record these systematically using abbreviation;
9. answer questions pertinently, drawing on relevant evidence or reasons;
10. identify the main methods used by presenters to explain, persuade, amuse or argue a case, e.g. *emotive vocabulary, verbal humour*;
11. recognise the way familiar spoken texts, e.g. *directions, explanations*, are organised and identify their typical features, e.g. *of vocabulary or tone*;
12. reflect on what has been heard to ask searching questions, make pertinent comments or challenge the views expressed;
13. compare different points of view that have been expressed, and identify underlying differences and similarities.

Study of literary texts

Pupils should be taught to:

13. develop critical reflection and personal response, e.g. *sharing views, keeping a reading journal*;
14. review the content, strengths and weaknesses of a text and give a considered response to it;
15. examine and define some common literary forms, e.g. *sonnet*, and genres, e.g. *Gothic horror*, and identify their conventions;
16. identify how a particular text adheres to and deviates from established conventions;
17. identify how texts refer to and reflect the culture in which they were produced, e.g. in their evocation of place and values;
18. develop the notion of literary heritage and understand why some texts are given higher status or value.

Understanding the author's craft

Pupils should be taught to:

19. recognise and use simple rhetorical devices to enhance meaning, including *repetition, charged vocabulary, varied sentence structure or line length, sound effects*, e.g. *alliteration and figures of speech*;
20. explain, using the appropriate terminology, how a writer has achieved a particular effect;
21. recognise key features in the style and approach of distinctive writers, generalise about their values and themes, and how they reflect the culture in which they wrote.

Persuade, argue, advise

Pupils should be taught to:

13. express and develop a personal view with clarity;
14. in presenting ideas, anticipate the needs, interests and views of the intended reader;
15. add emphasis to key points, e.g. *by reiteration, exaggeration, repetition, use of rhetorical questions*;
16. use a range of strategies to validate an argument, e.g. *statistical evidence, exemplification, testimony*.

Analyse, review, comment

Pupils should be taught to:

17. identify criteria for evaluating a particular text, object or event, present findings fairly and give a personal view;
18. plan, write and present a critical review for a specific audience, and revise it in the light of their response.

Plan, draft and present

Pupils should be taught to:

19. collect, select and assemble ideas in a suitable planning format, e.g. *flow chart, list, star chart*;
20. adopt and adapt procedures for drafting, editing, revising, proofreading and presenting a finished text;
21. find ways of testing the quality of written work, e.g. *by using it with its target audience, and refining it in the light of feedback*;
22. review the legibility and neatness of own handwriting and set personal targets to improve presentation.

Group discussion and interaction

Pupils should be taught to:

14. adopt roles in discussion, which include acting as spokesperson, and contribute in different ways including promoting, opposing, exploring and questioning;
15. use exploratory, hypothetical and speculative talk as a way of researching ideas and expanding thinking;
16. work together logically and methodically to solve problems, make deductions, test and evaluate the ideas proposed;
17. acknowledge other people's views, justifying one's own and modifying them in the light of what others say;
18. identify and report the main points emerging from discussion, agree a course of action including, for example, responsibilities and deadlines;
19. reflect on the effectiveness of the group work and agree how it could be improved.

Drama

Through a range of drama techniques, pupils will:

20. explore in role a variety of situations and texts or respond to stimuli; reflect on the insight this provides into the motives and perspectives of others;
21. extend their spoken repertoire by experimenting with language in different contexts and roles;
22. work collaboratively to devise and perform scripted and unscripted pieces, which convey understanding of character, relationships and issues;
23. develop a performance, which establishes and maintains the attention of the audience;
24. reflect on and evaluate their own and others' performances;
25. develop strategies for anticipating, visualising and problem-solving in different learning contexts.



How to write a discursive essay. (Discussion.)

Giving two points of view.

• **Opening statement.**

Some people think that ...
Others believe that
claim that ...
say that

me
Maureen Lewis
and
David Wray.

• **Arguments for (with evidence).**

(Several paragraphs)
On one hand
..... because
Another argument is (because)
Another point in favour is

• **Arguments against (with evidence).**

(Several paragraphs)
On the other hand
..... because
You could also argue that
..... because

• **Summary and conclusion.**

After taking these arguments into consideration)
Considering the pros and cons)
Having looked at the differing points of view)

..... I consider that)
..... my opinion is)
..... in my opinion)

- Start a new paragraph for each new point you want to make.
- NO SUB HEADINGS

Useful words and phrases:

However Nevertheless Although Even though On the contrary
(These words are usually used to begin sentences.)

- **Check your work carefully.**

e.g. a comparison frame.

Although..... and.....
are different

they are alike in some interesting ways.

For example, they both

They are also similar in.....

The..... is the same as

The..... resembles.....

Finally, they both.....

Key Words for Questioning at Bloom's Six Taxonomic Levels

For Differentiation.

Level	Key Words			
Knowledge	What When Who Which	Distinguish Identify List Name	Recall Reorganise Show State	Write Tell How Indicate Define Fill in
Comprehension	What Reorder Which Rearrange Rephrase Inform Give an example Tell in your own words	Compare Conclude Contrast Explain Illustrate Relate	Distinguish Demonstrate Differentiate	Predict Estimate Extend Extrapolate Hypothesise Infer
Application	Check out Build Choose Tell us Show your work	Develop How would Construct Indicate	Plan Test Solve Demonstrate Consider	
Analysis	Categorise Classify Compare Recognise Explain What do you Indicate the	Describe Discriminate Distinguish Support your What assumption	Analyse Relate	
Synthesis	Write Think of a way Create Propose a plan Formulate a solution What major hypothesis	Suggest How Develop Make up	Plan Formulate a solution Synthesise What conclusion Plan Derive	
Evaluation	What is Choose Evaluate Decide Judge Check the	Select Which would you consider and why Defend Check What is most appropriate Indicate		

Plenary



The plenary should allow time for:

Reflection

- This should relate back to the objectives shared by the teacher and pupils at the beginning of the lesson
- It is an opportunity for pupils to review an experience and what they have learned from it, as individuals and as a group.

Reporting

- Pupils need to clarify their understandings by talking about them
- Some children may represent their learning in a concrete form. They will need to explain how the process was tackled or summarise their strategies.

Consolidation

- Pupils can receive constructive feedback from their peers
- The teacher has the chance to reinforce the learning and suggest next steps.

Sharing classroom experiences with peers and adults

Introducing or labelling work

Children:

- make general statement about the item being shared
- provide outline of goal or purpose of activity
- label parts of work

Describing work

- describe or explain special features

Explaining how work was produced

- list materials
- outline steps
- explain planning and decision making
- describe problems and solutions
- include other information, e.g. time taken, help given, unfinished sections

Reflecting on process and product

- add specific comments about the task, e.g. similarity to a previous task
- include comments about what was learned from the task, e.g. how task would be tackled next time

Non-Narrative

genres to be taught.

Text Type	Purpose	Characteristics	Examples
Non - chronological report	A non-chronological report is written to document, organise or classify information.	The text often begins with a general classification or statement, moving onto a description of particular characteristics, functions, habits or behaviour, with a final summary or special item of interest. A report is often written in the present tense with general participants – cars, people, hamsters. Impersonal. Timeless present tense.	A guide book Roman houses A residential education experience A Science Dictionary
Recount	A text written to retell events for entertainment or information	A non-fiction recount may begin with a scene setting introduction, and then retells events in a chronological order. There is a closing statement that rounds up and re-orientates the reader. It is written in the past tense, in chronological order and often using time connectives e.g. meanwhile, immediately. Participants may be general or individual.	Newspaper account Biography An educational visit 'Eye witness' account Diary
Instructions	A text written to instruct how some thing should be done through a series of sequenced steps.	May begin with a statement of what is to be achieved. There is a list of materials or equipment needed, followed by sequenced steps to achieve the goal. It is written in the imperative, in chronological order and the focus is on generalised human agents rather than named individuals. There may be a diagram or illustration included. The present tense is used.	Recipes Directions Instructions Experiments
Explanation	A text written to explain the processes involved in natural and social phenomena or to explain how or why something works or happens.	The text begins with a statement or definition to introduce the topic. There follows a series of logical steps explaining how or why something occurs until the final state is produced or the explanation is complete. It is written in the timeless present tense often using time or causal connectives, e.g. next, so, this causes, because, if. Passives used – is driven by...	How muscles work The water cycle How earthquakes happen Life cycle of a butterfly How Cows Make Milk

Text Type	Purpose	Characteristics	Examples
Persuasion	A text written to promote a particular point of view or argument.	<p>The text begins with an opening statement introducing the issue. The arguments are set out with supporting evidence, reasons and statistics.</p> <p>The text concludes with a summary and restatement of the opening position.</p> <p>It is written in the present tense, and the focus is mainly on generic participants. Logical connectives are used, e.g. this shows, however, because, therefore.</p>	<p>Vegetables are good for you.</p> <p>Fox hunting is a cruel sport</p> <p>Body piercing is dangerous</p> <p>Adverts & Flyers</p>
Discussion	A text written to present arguments and information from different viewpoints before reaching a conclusion based on the evidence.	<p>The text begins with a statement of the issue and a preview of the main arguments. The arguments for plus supporting evidence are presented, following by the arguments against plus supporting evidence.</p> <p>The text ends with a conclusion, which may make a recommendation.</p> <p>It is written in the simple present tense using logical connectives, e.g. therefore, however.</p> <p>Emotive language may be used.</p>	<p>Should our school retain a uniform?</p> <p>Should children get paid for going to school?</p> <p>Does our town need a new shopping centre?</p>

The Writing Process & Development in Writing

The chart on the next page shows the whole writing process from the initial idea to the published article. It is important that children are taught the whole process as well as working on improving specific aspects.

As children develop from the emerging to the competent writer, their writing displays particular characteristics. These characteristics at the different stages are identified in this section, together with main teaching points that move children on to the next stage. When teachers are aware of these characteristics they are able to target their teaching to meet the particular needs of the writer.

NORTH LINCOLNSHIRE ENGLISH TRANSITION PROJECT 2000: SECONDARY PHASE

Lesson 1

Objectives	Activities	Outcomes
<p>* recognise key features in the style and approach of distinctive writers</p> <p>*explain, using the appropriate terminology, how a writer has achieved a particular effect</p> <p>*experiment with different forms, genres and styles of writing</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Introduce pupils to Text 1. Ask whether it is fiction or non-fiction. Ask how they know. • Ask what genre of fiction the text fits into. How do they know? <i>(The passage comes from "L.A. Confidential", by James Ellroy.)</i> • Ask pupils to act out passage, either with one group watched by rest of class, or whole class in groups. • How is the atmosphere of frenzy and threat conveyed in the text? Collect suggestions about techniques at Word, Sentence and Text Levels. <i>(See supplementary sheet.)</i> • Ask pupils, in pairs, to choose three techniques, one from Word, one from Sentence and one from Text level, and then to write a brief continuation of the scene. <i>(See supplementary sheet.)</i> 	<p>Each pair has identified three techniques and used them in a brief piece of writing.</p>

Supplement to Lesson 1

Text 1, and example of written outcome from Lesson 1

Text 1

The door flew open; a fist flew out. Bud caught it flush, hit a sink, tripped. Cufflinks hit his face, Kinnard speedballing. Bud got up and chased.

Through the door, shoppers blocking him; Kinnard ducking out a side exit. Bud chased – over, down the fire escape. The lot was clean: no cars hauling, no Ralphie. Bud ran to his prowler, hit the two-way. “4A31 to dispatcher, requesting.”

static, then: “Roger, 4A31.”

Last known address. White male, first name Ralph, last name Kinnard. I guess that’s K-I-N-N-A-R-D. Move it, huh?”

Written outcome from Lesson 1

will use these techniques:

Word Level: rhythm, as in the first paragraph of the text

Sentence Level: sophisticated punctuation, like colons and semi-colons

Text Level: directed at police story fans

Then he heard it; a whoosh behind his ear. Bud turned, too late, blackness hit him.

As he fell, then: “Hey, you OK?”

Bud tried to speak: no words came out.

IMAGINE/ EXPLORE/ ENTERTAIN

Word Level	Sentence Level	Text Level
vocabulary of thoughts/ feelings/ description words which affect the reader's feelings recurrence of words for poetic effect imagery – simile/ metaphor words which show the author's identification with a character/idea experimentation with established or newly created words wordplay non-standard/ formal English to create character/ mood rhyme/ rhythm/ alliteration	<ul style="list-style-type: none"> • simple/ compound/ complex sentences create effects and vary sentence structure • wide range of connectives related to time/ cause/ contrast • wide use of adjectives/ adverbs/ powerful verbs for effect • wide use of sophisticated punctuation for effect • past tenses most often used • active voice more often used • first and third person • dialogue used to forward plot/ indicate character • paragraphing used for effect and to mark change of focus/ time/ place/ speaker • wide variety of links between paragraphs 	<ul style="list-style-type: none"> • audience often specifically defined by age • wide range of clearly delineated forms, e.g. genre, play, haiku, limerick • in prose, setting- events- resolution • themes often relate to human dilemmas • layout relates to form, e.g. continuous prose for fiction, fourteen iambic pentameters for sonnet • illustrations add information to texts for younger audiences; this tendency decreases as target audience gets older

Lesson 2

Objectives	Activities	Outcomes
<p>explain how a writer has achieved a particular effect</p> <p>*develop critical reflection and personal response</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Introduce the pupils to the four versions of Text 2. • Their task is to investigate the following questions: What are the differences between the versions? What are the effects of the differences? Which version do you prefer and why? • You might wish to model what the pupils have to do, by comparing two of the versions as a whole class activity. • <i>The extract comes from "Wuthering Heights", by Emily Bronte. The one which Emily Bronte actually wrote is Version 3. Version 1 changes the first person narrative to third person; Version 2 calls the ghost "she" instead of "it"; Version 4 takes out some of the adjectives.</i> • Discuss the findings, then ask pupils to write their answer to the third question. 	<p>Pupils write about their preferences and give reasons.</p>

Text 2, Version 1

The intense horror of nightmare came over him: he tried to draw back his arm, but the hand clung to it, and a most melancholy voice sobbed, "Let me in – let me in!" "Who are you?" he asked, struggling, meanwhile, to disengage himself. "Catherine Linton," it replied, shiveringly; "I'm come home: I'd lost my way on the moor!" As it spoke, he discerned, obscurely, a child's face looking through the window. Terror made him cruel; and finding it useless to attempt shaking the creature off, he pulled its wrist on to the broken window pane, and rubbed it to and fro till the blood ran down and soaked the bed clothes: still it wailed, "Let me in!"

Text 2, Version 2

The intense horror of nightmare came over me: I tried to draw back my arm, but the hand clung to it, and a most melancholy voice sobbed, "Let me in – let me in!" "Who are you?" I asked, struggling, meanwhile, to disengage myself. "Catherine Linton," she replied, shiveringly; "I'm come home: I'd lost my way on the moor!" As she spoke, I discerned, obscurely, a child's face looking through the window. Terror made me cruel; and finding it useless to attempt shaking the creature off, I pulled her wrist on to the broken window pane, and rubbed it to and fro till the blood ran down and soaked the bed clothes: still she wailed, "Let me in!"

Text 2, Version 3

The intense horror of nightmare came over me: I tried to draw back my arm, but the hand clung to it, and a most melancholy voice sobbed, "Let me in – let me in!" "Who are you?" I asked, struggling, meanwhile, to disengage myself. "Catherine Linton," it replied, shiveringly; "I'm come home: I'd lost my way on the moor!" As it spoke, I discerned, obscurely, a child's face looking through the window. Terror made me cruel; and finding it useless to attempt shaking the creature off, I pulled its wrist on to the broken window pane, and rubbed it to and fro till the blood ran down and soaked the bed clothes: still it wailed, "Let me in!"

Text 2, Version 4

The horror of nightmare came over me: I tried to draw back my arm, but the hand clung to it, and a voice sobbed, "Let me in – let me in!" "Who are you?" I asked, struggling, meanwhile, to disengage myself. "Catherine Linton," it replied, shiveringly; "I'm come home: I'd lost my way on the moor!" As it spoke, I discerned, obscurely, a child's face looking through the window. Terror made me cruel; and finding it useless to attempt shaking the creature off, I pulled its wrist on to the window pane, and rubbed it to and fro till the blood ran down and soaked the bed clothes: still it wailed, "Let me in!"

Lesson 3

Objectives	Activities	Outcomes
<p>Recognise key features in the text and each of the objectives.</p> <p>Learn, using appropriate technology, how a writer has used a particular effect.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explain that the fourth category of text at Key Stages 3 and 4, alongside those already addressed by the posters pupils have brought with them from primary school, is IMAGINE/ EXPLORE/ ENTERTAIN. • Collect ideas from pupils about characteristic techniques in this category at Word, Sentence and Text Levels. • Introduce pupils to Text 3. <i>(It is an extract from the short story "Everything stuck to him", by Raymond Carver.)</i> • Give out copies of Text 3 on A3 paper, with space around the outside to make notes. Ask pupils, in pairs, to underline and then describe in note form a variety of techniques at Word, Sentence and Text Levels. <i>(See supplementary sheet.)</i> • You may want to model how to annotate the text as a whole class activity before the pupils begin to work in pairs. • Ask pupils to report back on the techniques which they have discovered, and then to say what the effect of each technique is. • Ask pupils to make a list in their exercise books of the most important techniques and their effects. <i>(See supplementary sheet.)</i> 	<p>Each pupil has written a list of techniques and effects.</p>

Supplement to Lesson 3

Text 3, and example of written outcome from Lesson 3

Text 3

The boy picked up the baby. The baby kicked its feet and smiled.

Look, the boy said, I really don't think there's anything wrong with her.

How do you know? the girl said. Here, let me have her. I know I ought to give her something, but I don't know what it's supposed to be.

The girl put the baby down again. The boy and the girl looked at the baby, and the baby began to cry.

The girl took the baby. Baby, baby, the girl said with tears in her eyes.

Probably it's something on her stomach, the boy said.

The girl didn't answer. She went on rocking the baby, paying no attention to the boy.

Example of written outcome from Lesson 3

technique	effect
simple sentences	emphasises ordinariness of events
everyday vocabulary	makes the reader concentrate on details of what is happening
no speech marks	makes the reader concentrate on the difference between speech and action
short paragraphs	quickens the pace of a scene where very little happens

Text Level 1. Who is it written for? Adults not children - because of detail
2. Where is it leading? What will happen in story? Marital breakdown?

Word Level

everyday language - makes reader concentrate on what is happening

The boy picked up the baby. The baby kicked its feet and smiled.

Look, the boy said, I really don't think there's anything wrong with her.

How do you know? the girl said. Here, let me have her. I know I ought to give her something, but I don't know what it's supposed to be.

The girl put the baby down again. The boy and the girl looked at the baby, and the baby began to cry.

The girl took the baby. Baby, baby, the girl said with tears in her eyes.

Probably it's something on her stomach, the boy said.

The girl didn't answer. She went on rocking the baby, paying no attention to the boy.

Sentence Level

short paragraphs - quickens the pace

speech marks - so you have to read it carefully - maybe re-read it, putting on slightly different voice for speech + narrative.

Evening

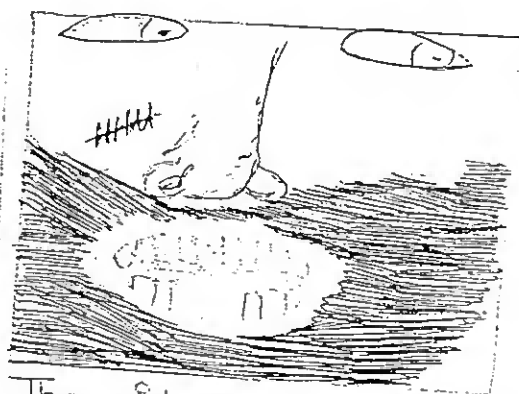
Dickens

by Daniel Bellon.

SLING MARSHES has mad
victs running around.

ad man called Magwitch has
en out of prison and he is
y dangerous. If seen do not
mpt to aproch him because he
ys a knife. He has been in
in for 12 years and 10 months
s in for life because of his
es. His crimes are trying to
he English Bank (HM) and he
d three peopie ere was a
e officer and he filled a dog-
so tried to kill and ascope in
n orwell but this time he has
eded and if very very

resous. carry's on on page 4



The evil mr magwitch.

Reward £500

MURDER
IN
MARSHES

Bob's

TAXI

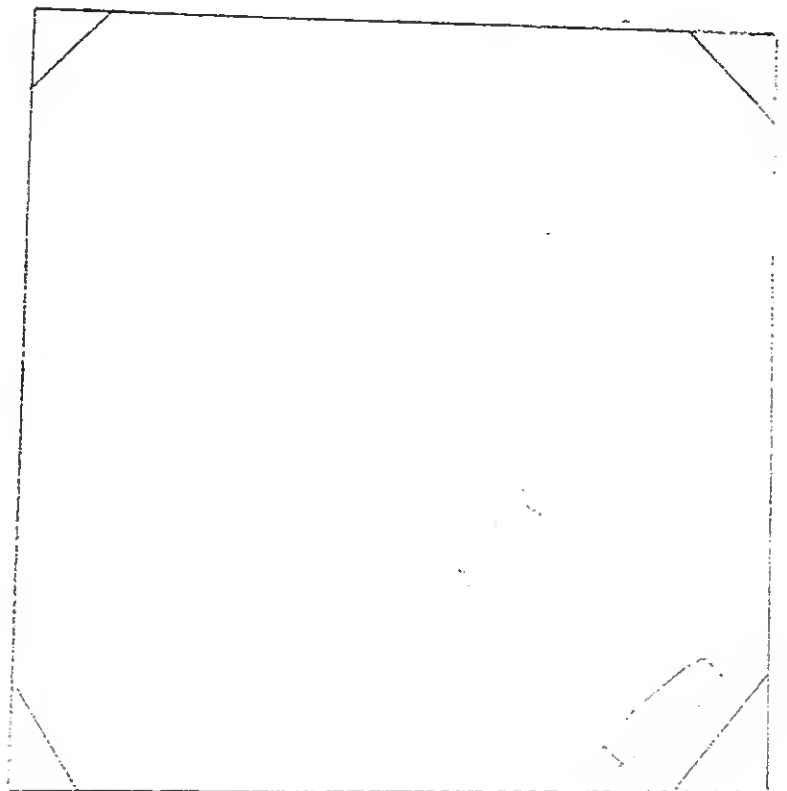
Magwich is about 34 years
and needs his way around the
streets he lived there as a young
it for about 14 years. Mr Magwich
a Scar on his left cheek and
black beard, approx 6'8 inc and has
Iron Strapped to his leg.

is an interview off a old body
to approach Mr Magwich.

was terrifying and he used his
tal Sharpe and jagged knife
went to stab me but my husband
a took from the Newsagents and
"d him off"

if seen keep away or face
consequences.

Marking the main
mistake only.



Sheet One.

Dickens Captures the Reader's Attention.

- A good writer will try to capture the reader's attention at the beginning of a novel in order to make them want to read on. Often, the reader will want to know more and feel curious about what might happen next.
- Now read the opening of 'Great Expectations' a novel by Charles Dickens. Pip, a small boy, is alone in a graveyard. He becomes afraid and begins to cry.
- THINK-While you are reading the passage, what sort of questions do you start to ask yourself about the characters and what is going on.



Great Expectations.

"Hold your noise!" cried a terrible voice, as a man started up from among the graves at the side of the church porch. "Keep still, you little devil, or I'll cut your throat!"

A fearful man, all in coarse grey, with a great iron on his leg. A man with no hat, and with broken shoes, and with an old rag tied round his head. A man who had been soaked in water, and smothered in mud, and lamed by stones, and cut by flints, and stung by nettles, and torn by briars; who limped, and shivered and glared and growled; and whose teeth chattered in his head as he seized me by the chin.

By Charles Dickens.

Sheet Two.

TASK 1- Write down five questions you would like to ask about this opening, for example:

1. Who is the man in the graveyard?



HELP-Try questions that begin with the words Who, What, When and Where.
Don't forget to use question marks.

TASK 2- In your groups discuss what you think might happen next.

TASK 3- Draw a spider plan of what your group decided would happen next.

An example of a great
lesson:

Y7 Persuasion

Word

Sentence	Reading	Writing	Speaking / Listening
<p>S11 Choose how to sequence the content of a paragraph in which events are not arranged chronologically, e.g. <i>by order of importance, by comparison</i>.</p> <p>S13 Develop and vary the structure of sentences within a paragraph to lend pace, variety and emphasis appropriate to the content.</p> <p>S18 <i>Persuasion</i>, which uses sentence syntax to enhance and emphasise key points, and which articulates strong logical links in the developing argument.</p> <p>S22 Use standard English consistently and accurately in formal situations and in writing, e.g. <i>avoiding common errors of agreement such as we was</i>.</p> <p>S23 Vary the formality of language in speech and writing to suit different circumstances and evaluate its effectiveness.</p>	<p>R19 Recognise and use simple rhetorical devices to enhance meaning, including repetition, charged vocabulary, varied sentence structure or line length, sound effects e.g. <i>alliteration and figures of speech</i>.</p>	<p>Wr12 Use detail, example, diagram and illustration as appropriate to illustrate meaning.</p> <p>Wr22 Express and develop a personal view with clarity.</p> <p>Wr23 In presenting ideas, anticipate the needs, interests and views of the intended reader.</p> <p>Wr24 Add emphasis to key points, e.g. <i>by reiteration, exaggeration, repetition, use of rhetorical questions</i>.</p> <p>Wr25 use a range of strategies to validate an argument, e.g. <i>statistical evidence, exemplification, testimony</i>.</p>	<p>Sl3 Promote, justify or defend a point of view using supporting evidence, example & illustration, all of which are linked back to the main argument.</p> <p>Sl5 Tailor the expression, vocabulary & delivery of a talk or presentation to suit its audience, anticipating their interests, needs & responses.</p> <p>Sl6 Evaluate the effectiveness & aptness of a talk for its audience, pointing to ways in which it is successful & how it could be improved.</p> <p>Sl8 Listen for and recall the main messages of a talk, reading or television programme, and record these systematically using abbreviation.</p> <p>Sl10 Identify the main methods used by presenters to explain, persuade, amuse or argue a case, e.g. <i>emotive vocabulary, verbal humour</i>.</p> <p>Sl12 Reflect on what has been heard to ask searching questions, make pertinent comments or challenge the views expressed.</p> <p>Sl13 Compare different points of view that have been expressed, and identify underlying differences and similarities.</p> <p>Sl17 Acknowledge other people's views, justifying one's own and modifying them in the light of what others say.</p>

Two units from the medium term plan

Example of a half term plan.

Handout 2

Title of Unit: Skellig			
Year: 7	Term: 3	Duration: 5 weeks	Set: Upper band
Objectives			
Word			
■ Define the meaning of a word with precision, including its exact implication in context			
Sentence			
■ Build a repertoire of sentence structures to use in one's own writing			
Reading			
■ Adopt an active reading approach: visualising, predicting, empathising, bringing one's own experience to bear, questioning the text and searching for sense			
■ Develop critical reflection and personal response, e.g. sharing views, keeping a reading journal			
■ Deduce and infer meanings from evidence in a text, and identify where and how meanings are implied			
Writing			
■ Use writing to explore and develop ideas, e.g. journals, brainstorming techniques and mental mapping activities			
■ Plan, write and present a critical review (...)			
Speaking and listening			
■ Use talk as a tool for clarifying complex ideas, e.g. by articulating problems			
■ Compare different points of view that have been expressed, and identify underlying differences and similarities			
■ Use exploratory, hypothetical and speculative talk as a way of researching ideas and expanding thinking			
■ Use improvisation to explore issues and texts.			
Game plan			
Week 1: Coverage: Chapters 1–6			
<i>Focus:</i> First impressions and where they come from			
<i>Outcome:</i> Establish journals			
Week 2: Coverage: Chapters 7–14			
<i>Focus:</i> Characters, characterisation, dialogue			
<i>Outcome:</i> Improvisation*			
Week 3: Coverage: Chapters 15–22			
<i>Focus:</i> Narrative technique			
<i>Outcome:</i> Text marking for style and vocabulary			
Week 4: Coverage: Chapters 23–29			
<i>Focus:</i> Inferred meaning and prediction			
<i>Outcome:</i> Alternative ending			
Week 5: Coverage: Ending and overview			
<i>Focus:</i> Endings, morals and messages			
<i>Outcome:</i> Formal review*			
*Assessment pieces			

Handout 2 (continued)

Title of Unit: Spelling activities			
Year: 7	Term: 3	Duration: 1 term	Set: All
Objectives			
Word			
<ul style="list-style-type: none">■ Pluralisation, including -es endings, and words ending in y, f and vowels■ Word endings, including vowel suffixes such as -ing; consonant suffixes such as -ful; modifying words ending in y or e; making choices between similar endings such as -cian, -sion and -tion■ Prefixes, including antonym prefixes, e.g. ir-, un-■ The spellings of common and useful words, including: homophones; high-frequency words; word families; longer polysyllabic words (...)■ Sound out words phonemically and by syllables■ Draw on analogies to known words, word families, known roots and familiar spelling patterns■ Apply spelling rules■ Learn words on sight and memorise critical features■ Maintain a log of personal errors, corrections, investigations, conventions, learning strategies and other spelling work			
Game plan			
Delivered through activities at start of each lesson, i.e. 3 x 10–15mins per week			
<i>Week 1:</i> -es and -ies plurals and start spelling logs			
<i>Week 2:</i> -ves and non-s plurals			
<i>Week 3:</i> Prefixes and their meanings			
<i>Week 4:</i> Antonyms			
<i>Week 5:</i> Consonant suffixes and vowel suffixes			
<i>Week 6:</i> -shun endings			
<i>Week 7:</i> -le/el endings, -able/ible endings, -er/or endings			
<i>Week 8:</i> Learning strategies			
<i>Week 9:</i> Common misspellings			
<i>Week 10:</i> Spelling long words			
<i>Week 11:</i> Test*. Set class and personal target lists			
*Assessment piece			

<p>Year 7</p> <p>Term 3</p> <p>Week 1</p> <p>Teacher: JH</p>	<p>OBJECTIVES</p> <p>Word</p> <ul style="list-style-type: none"> Pluralisation, including -es endings, and words ending in y, f and vowels; <p>Reading</p> <ul style="list-style-type: none"> Adopt an active reading approach: visualising, predicting, empathising bringing one's own experience to bear, questioning the text and searching for sense Deduce and infer meanings from evidence in a text, and identify where and how meanings are implied <p>Writing</p> <ul style="list-style-type: none"> Use writing to explore and develop ideas e.g. journals, brainstorming techniques and mental mapping activities 	<p>SCHOOL PRIORITIES</p> <ul style="list-style-type: none"> Writing Spelling Inference 			
	<p>Word/sentence activity 15 mins</p>	<p>Introduction 20 mins</p>	<p>Development 25 mins</p>	<p>Plenary 10 mins</p>	<p>Homework</p>
<p>Lesson 1</p> <p>70 mins</p>	<p>ES plurals</p> <ul style="list-style-type: none"> Word sort activity Work out which endings need ES <p>Listening game (for extra syllable)</p>	<p>Shared Reading Chapter 1</p> <p>What questions and expectations does the text pose?</p> <p>Text marking on OHT.</p>	<p>In groups:</p> <p>Read to end of chapter.</p> <p>Collect impressions of the world he lives in. Underline words or phrases that give that impression</p> <p><i>* work with group A</i></p>	<p>Collect key phrases</p> <p>Draw out differences between explicit information and implied meanings.</p>	<p>Read Chapter 2 & 3.</p> <p>Identify how first impressions are confirmed, changed or developed.</p>
<p>Lesson 2</p> <p>70 mins</p>	<p>IES plurals</p> <ul style="list-style-type: none"> Brainstorm Y words Sort YS/IES Work out rule Plural race 	<p>Recap Chap 2 & 3.</p> <p>Reread discovery of Skellig.</p> <p>Pick out words and phrases.</p> <p>Speculate about his origins.</p>	<p>Individually:</p> <p>In journals, sketch the man from given information.</p> <p>Jot down possible ideas about who he is and why he is there. Cite evidence from text.</p> <p><i>* work with group B</i></p>	<p>Share sketches and ideas.</p>	<p>Read chapters 4 & 5</p> <p>Predict how the story will unfold, and point to clues in text.</p>
<p>Lesson 3</p> <p>70 mins</p>	<ul style="list-style-type: none"> Test plurals. 	<p>Share predictions.</p> <p>Read to the end of chapter 6, picking out examples of sound effects e.g. onomatopoeia, repetition, short sentences, alliteration. Note examples on posters.</p>	<p>In groups, each looking at one technique:</p> <p>Go over chapters 4-6 and note examples on post-it notes.</p> <p>Stick on posters.</p> <p><i>*work with group C</i></p>	<p>Draw out common techniques and their effects. Generalise about the writer's style.</p>	
<p>Lesson 4</p> <p>35 mins</p>	<p>In groups: Read chapters 7-8. Discuss presentation of Skellig. Note plot as a flow chart in journal.</p> <p>(20 mins)</p> <p><i>*Ten mins with groups D, E and F.</i></p> <p><i>*Mrs Jones - Guided Reading with group A.</i></p>				<p>Homework- read up to end of chapter 9. Use journal to note impressions of Mina</p>

Example of a weekly plan.

Title

Time

Speaking and Listening	Word Level	Sentence Level	Text Level		Resources
Speaking	Spelling	Sentence construction	<i>Writing</i> Imagine, explore, entertain	<i>Reading</i> Research and study skills	
Listening	Spelling Strategies	Punctuation	Inform, explain, describe	Reading for meaning	
Group discussion	Vocabulary	Paragraphing	Persuade, argue, advise	Study of literary texts	
Drama		Stylistic conventions	Analyse, review, comment	Understanding the author's craft	
		Standard English and Language variations	Plan, draft, present		

A TEACHING AND LEARNING CYCLE

- Learning objectives identified in long, medium and short term planning
- Learning objective(s) shared explicitly with pupils
- Pupils aware of criteria against which they are being assessed
- Activities and teaching and learning styles chosen to be compatible with learning objective(s)
- Ongoing (formative) assessment focusing on the learning objective(s)
- Plenary used by pupils to articulate what they have learnt of the learning objective(s)
- Assessment (often of short pieces) based on the learning objective
- Curriculum targets derived from assessment (for guided work)
- Short term plan modified by the assessment of what has been learnt and by whom
- End of module extended task based on learning objectives
- Marking of the lengthy piece generates diagnosis and further targets

ENGLISH INSET DAY
AT
KINGSWINFORD SCHOOL

RAISING ATTAINMENT



4th JANUARY 2000

Solihull Inspection & Advisory Service

Level 5

Pupils show understanding of a range of texts, selecting essential points and using inference and deduction where appropriate. In their responses, they identify key features, themes and characters and select sentences, phrases and relevant information to support their views. They retrieve and collate information from a range of sources.

Level 6

In reading and discussing a range of texts, pupils identify different layers of meaning and comment on their significance and effect. They give personal responses to literary texts, referring to aspects of language, structure and themes in justifying their views. They summarise a range of information from different sources.

Level 7

Pupils show understanding of the ways in which meaning and information are conveyed in a range of texts. They articulate personal and critical responses to poems, plays and novels, showing awareness of their thematic, structural and linguistic features. They select and synthesise a range of information from a variety of sources.

Level 8

Pupils' response is shown in their appreciation of, and comment on, a range of texts, and they evaluate how authors achieve their effects through the use of linguistic, structural and presentational devices. They select and analyse information and ideas, and comment on how these are conveyed in different texts.

Level 5

Pupils' writing is varied and interesting, conveying meaning clearly in a range of forms for different readers, using a more formal style where appropriate. Vocabulary choices are imaginative and words are used precisely. Simple and complex sentences are organised into paragraphs. Words with complex regular patterns are usually spelt correctly. A range of punctuation, including commas, apostrophes and inverted commas, is usually used accurately. Handwriting is joined, clear and fluent and, where appropriate, is adapted to a range of tasks.

Level 6

Pupils' writing often engages and sustains the reader's interest, showing some adaptation of style and register to different forms, including using an impersonal style where appropriate. Pupils use a range of sentence structures and varied vocabulary to create effects. Spelling is generally accurate, including that of irregular words. Handwriting is neat and legible. A range of punctuation is usually used correctly to clarify meaning, and ideas are organised into paragraphs.

Level 7

Pupils' writing is confident and shows appropriate choices of style in a range of forms. In narrative writing, characters and settings are developed and, in non-fiction, ideas are organised and coherent. Grammatical features and vocabulary are accurately and effectively used. Spelling is correct, including that of complex irregular words. Work is legible and attractively presented. Paragraphing and correct punctuation are used to make the sequence of events or ideas coherent and clear to the reader.

Level 8

Pupils' writing shows the selection of specific features or expressions to convey particular effects and to interest the reader. Narrative writing shows control of characters, events and settings, and shows variety in structure. Non-fiction writing is coherent and gives clear points of view. The use of vocabulary and grammar enables fine distinctions to be made or emphasis achieved. Writing shows a clear grasp of the use of punctuation and paragraphing.

National Curriculum levels go from 1-8:
by the end of primary school (aged 10/11) pupils are
expected to get to level 4 (below that they need
support).

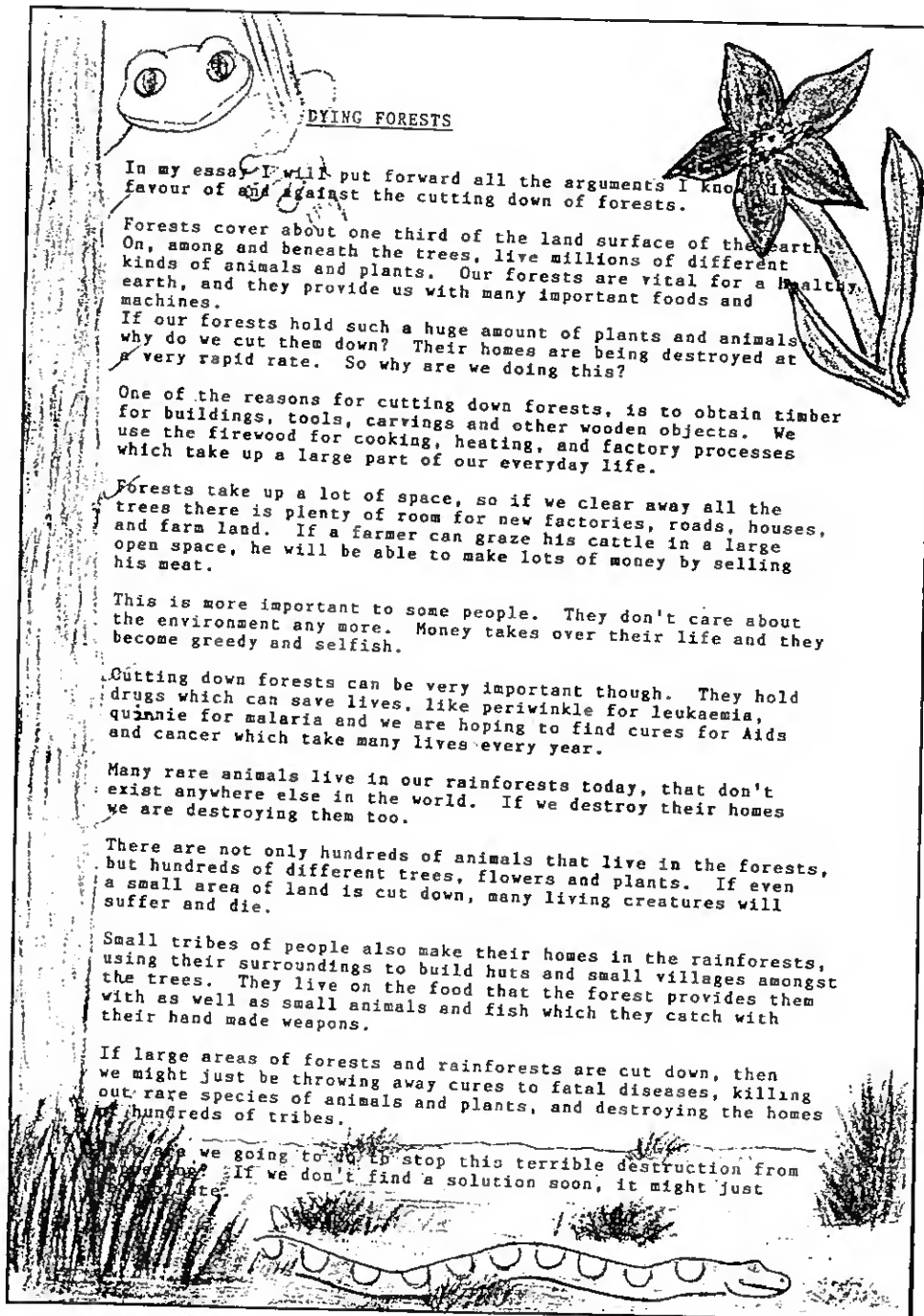
Implications for teaching and learning

- On the reading questions in paper 1, pupils working at level 4 show some ability to make inference, use reference to support points and draw evidence from across the text. Teaching should focus on showing pupils how to organise their responses in a sustained and connected way.
- In answers awarded level 5 on the reading questions, pupils are able to respond to the writer's choice of vocabulary, or use imagery but they do not expand their answers into a more developed critical response. Pupils need help in how to develop these insights into more sustained explicit comments on language.
- At the higher levels in reading, pupils need to develop their understanding of textual organisation and structure and the role of the writer in shaping the text. For example, pupils' grasp of text cohesion could be helped by teaching what makes a good opening or conclusion or showing how the writer helps the reader through the text by establishing links between sentences and paragraphs.
- By comparison with work at level 5 and above, writing at level 4 is very much weaker. To improve performance, teaching should concentrate on helping pupils at the lower levels sustain accurate sentence construction and punctuation.
- The range and extent of spelling errors at all levels suggests that pupils need strategies to help them spell correctly and to check their accuracy. Pupils need to develop their understanding of the major categories of error, such as the omission of letters, the incorrect formation of word endings, errors to do with the transcription of sound, and elision and inversion; and learn how to check the accuracy of their spelling.
- Pupils whose writing is assessed at level 4 tend to use a limited range of sentence structures, with an overdependence on simple co-ordinating devices. They also show little grasp of subordination. At all levels there is a lack of clarity about the structure of complex sentences and their punctuation. Specific teaching about the use of subordinating devices, such as the use of pronouns or conjunctions to introduce clauses, would help to develop pupils' understanding of sentence patterns.
- At level 7, pupils' writing tends to be considerably more successful in the use of text cohesion than it is at lower levels. Teaching which helps pupils understand how pronouns, adverbs and conjunctions can be used to establish links between sentences is likely to help improve the performance of pupils working at levels 5 and 6.
- Pupils at all levels need to develop their understanding of the purposes of paragraphing and of how paragraphs may be introduced, organised and linked to one another.

'DYING FORESTS'

This piece of writing shows an understanding of the complexities of the issue and is even-handed in its approach to the arguments. It is clear and concise, and makes effective use of short statements and questions. The use of short paragraphs adds to the directness of the piece, but some variation in length might have increased its impact. Rachel attempts a more impersonal and dispassionate tone in places, as well as using some devices for effect, such as rhetorical questions. Her dependence on sources is evident in her uncertainty about the significance of some of the information and arguments she includes, and so there is unevenness in the overall organisation of the work.

Rachel has selected information from a range of sources, synthesising and reorganising it for her own purposes. She shows awareness of the implications of the facts, and tries to give a balanced, thoughtful account of the issues.



RACHEL

ANALYSIS OF A NEWSPAPER REPORT

This example of work forms part of a unit in which pupils were writing newspaper reports to experiment with different aspects of style and presentation, and also analysing the structure and language of a range of newspaper articles. Pupils selected their own articles from a range of local and national papers.

Rachel analyses effectively the overall structure of the article and shows understanding of the function of each section within the whole piece. She is able to explain and evaluate some of the effects in the writing, including the use of alliteration.

Her presentation shows a developing sense of writing in an impersonal, albeit informal style. Sentence construction is ambitious though not always successful. Sentences indicate the line of thought as she grapples with more complex structures but they lose coherence and sometimes appear almost to be in note form. Rachel's handwriting is clear but not joined.

Reading task 1

In this reading task I will label a hard news report from a newspaper, which shows the different sections and what they contain.

£5m French deal fears

BINMEN fear they could lose their jobs or be forced to work for low payment conditions if a £5 million contract to collect waste in Strevord is awarded to a French company tomorrow.

Elbey Mill policymakers are expected to strip the council's in-house Direct Services Organisation of the contract tomorrow evening, Thursday.

That could mean savings of up to £800,000 on refuse collection over the next five years - but refuse collectors say it could be at their expense.

REdundant

A call to the *News and Journal*, who did not want to be named, claimed on Friday that the DSO's 60-strong workforce could be made redundant by Christmas. And a refuse worker who came into our office in Llandudno claimed the company, Sita, was 'inquiries for low pay and conditions'.

'They will put us onto a temporary contract - and then it will be changed to whatever they want,' he claimed.

Council chief executive Mr Richard Ollin moved quickly this week to counter fears of redundancy and low pay.

He confirmed the contract was likely to be awarded to a British subsidiary of Sita - but denied binners would be laid off.

EXCLUSIVE REPORT
by *Stephen Lewis*

'Under the new law, employees in the DSO have the right to transfer to the new employer on their existing terms and conditions,' he said.

'Sita would have no option but to comply. They have confirmed to us in writing that they accept that and that they have to take responsibility for all the employees.'

A total of five tenders are to be submitted to tomorrow's full council meeting at the hall, one from the council's own DSO and four from private companies, including Sita.

The council's Labour group has pledged to fight to the bitter end to keep the refuse contract in-house - citing the recent leisure centre tribunal in its case.

Its leader Cllr Steve Greenwood (Severn) said: 'You only have to look at the track record of every other service, such as the leisure centre, that has gone out to the private sector.

'The only way these companies can do things more cheaply is by cutting costs, cutting back on services, and giving the workers terrible pay and conditions.

'That doesn't seem to me to be a fair way of rewarding them for their splendid service in the past.'

The DSO was set up by the council and runs according to its regulations to collect refuse and clean streets, public buildings and public conveniences.

TRANSFER

Of the organisation's 60 workers, 45 are likely to transfer to Sita once the French company, which runs a number of refuse collecting operations around the country, takes over.

The remaining 15 would continue to work for the council and bid for future public works contracts.

A decision on the contract will be taken in secret in a 'confidential' session tomorrow.

£5m French deal fears

This headline attracted me to it as it didn't make much sense and then so had to make me read the story, it is meant to do this it is hardly informational and only tells you what.

The language used in the headline is alliteration as it has the three F's five, French

and fears. It is also made sensational with the £5m at the start of the headline as this catches your attention first and wants to make you read on as it is such a vast amount of money. It is also meant to carry on to something - so it leaves you in a cliffhanger, so that you have to read on. It's also not being clear you don't know what the subject is about by just reading the headline, so you have to read on.

Lead = the leading paragraph. This is written bolder and bigger than the rest of the story, but is written within the column. The leading paragraph tells you, who, where, what, why and how, but not in detail. In this case the leading paragraph overleaf is saying who? Binmen, where? in Stroud - what? Binmen could lose their jobs or be forced to work for low pay; why? because a £5m contract is awarded to a French company tomorrow.

Body = the body of the story, this contains more detail about the story. In the story it is saying that they could save up to £800,000 on collections. It is expressing the good points about the story e.g. that they could be saving lots of money, and the bad points e.g. that it will make many dustbin men unemployed or will have their wages cut and will work in poorer conditions.

Quotation = opinions from people who are against the subject and people who are for the subject matter. This can include exact quoting or just what the person has said without " " e.g. "you only have to look at the track record of every other service, such as the leisure centre, that has gone out to the private sector". This person was against it. This person is for it. The council said that they were happy with the situation.


Statistics = statements that people have made. These can be chopped off by the editor. These contain for e.g. - of the organisation's 60 workers, 45 are likely to transfer to Sita.

SHAKESPEARE'S 'THE SEVEN AGES OF MAN'


This poem shows echoes of Shakespeare's original in its sustained central image of the staircase, and the sequencing of experiences. In her use of such devices as alliteration and rhetorical questions, Rachel shows understanding of poetic effects. The colloquial, informal style is also reminiscent of the original speech and is sustained throughout, even though some of the vocabulary may seem commonplace. The use of a printed style of handwriting is appropriate here.

The staircase of Life



Life is a staircase.
Each few steps a stage of life.
We start at the bottom, and slowly
But surely climb to the top
Maybe not knowing what we will find.
The first few steps we begin to grow
From being a helpless infant
To become inquisitive and bright eyed.
From a crawling caterpillar
To a free flying butterfly. 
Bouncing from step to step we go.
As we reach the next stage, we have
changed a lot.



Now, grown up, a little thoughtless maybe.
From girl to woman, from boy to man.
We change, no more dependent on others.
Again, a few more steps we climb,
Job, husband, wife, more changes to life
Coping as best as we can.
Then a little further. 
maybe mother, father.



Taking each small step as it comes.
Without realising we then start to slow down.
Grandmother? Grandfather?
The larger steps behind us, only a few more
left to go.
Now, back to helpless and dependent.
Tired, grumpy and awkward
Finally we reach the last step.
Darkness? light? Who knows.
we'll all find out.

Summary and overall judgement

Reading

Levels 5 and 6 for Reading were considered and Level 6 was judged to provide the best fit.

Rachel is a confident and, at times, sensitive reader. The work on *A Drink of Water* shows competence in selecting detail to support understanding of characters, and in summarising situations and events. In selecting evidence to support her views of quite complex texts, her work shows evidence of the qualities of Level 5. Her enthusiasm for reading is indicated not only in the introduction to her poetry anthology but also in the two poems where she seeks to use her understanding of literary material in her own writing. Her impressive analysis of the newspaper article shows sensitivity to different layers of meaning and an ability to comment on their significance and effect. She refers to aspects of language and structure to justify her views and these qualities suggest evidence of achievement at Level 6. In the piece 'Dying Forests' she shows she is able to select and summarise information drawn from different texts. The work related to Shakespeare, media and non-fiction texts shows a developing capacity to analyse and respond to a range of texts. Overall, this evidence suggests that Level 6 is the best fit for Rachel.

Writing

The levels considered for Writing were 4, 5 and 6 and Level 5 was judged to be the best fit.

Rachel's personal writing is lively and confident, and meaning is communicated directly and succinctly. Her poetry shows sensitivity in use of language and some grasp of form. She attempts a more formal style where appropriate, but this is not consistently secure, most notably in her analysis of the newspaper article. However, 'Dying Forests', a later and possibly the best piece in this collection, attempts the use of the impersonal register which is indicative of Level 6 performance. Her vocabulary is varied though choices are often familiar. Her use of words is precise, and spelling, including complex words, is usually correct. She tends to use short sentences with straightforward constructions, but they are accurately punctuated and organised into sequenced paragraphs and coherent whole texts. Rachel's handwriting is clear and has a distinctive style, although there is no evidence of variation across tasks. Her word processed pieces show awareness of presentation and how it may vary. The pieces reproduced here demonstrate control of a range of forms and styles, and thoughtful and stimulating content. These qualities, taken together with competent spelling and punctuation, suggest Rachel's overall achievement in Writing is securely at Level 5. If there were more consistent evidence of work of the quality of 'Dying Forests' it would be possible to consider Level 6.

Grade	A	C	F
Punctuation	<ul style="list-style-type: none"> • Accurate • Includes variety of devices • Commas used to support meaning • Use of commas parenthetically • Omissive apostrophe correct 	<ul style="list-style-type: none"> • Generally accurate • Comma splicing evident • Commas used to demarcate some clauses and in lists, but rarely parenthetically • Omissive apostrophe correct; greater use of contractions • Errors in possessive apostrophe 	<ul style="list-style-type: none"> • Generally accurate use of capital letter • widespread omission of punctuation, especially the full stop • sparse use of commas • errors in both omissive and possessive apostrophes
Clause structure	<ul style="list-style-type: none"> • Variety in sentences: simple and multiple • Sentences expanded by adverbials/non-finite clauses • Considerably more subordination than co-ordination • Effective use of sub. and co-ordination • Use of variety of subordinating/co-ord. conjunctions 	<ul style="list-style-type: none"> • Less variety in sentence structure • More long sentences, fewer simple sentences • More subordination than co-ordination • Some weaknesses in handling clause structure, especially co-ordination • Conjunctions used are less varied 	<ul style="list-style-type: none"> • Less variety in structure; some repetitive structures • Almost equal use of co-ordination and subordination; problems with strings of clauses linked by 'and' • weaknesses in handling clauses
Word class	<ul style="list-style-type: none"> • Greater use of abstract nouns • Greater lexical density • Lower number of finite verbs 	<ul style="list-style-type: none"> • Higher number of finite verbs • Some use of abstract nouns • More reliance on adjectives and adverbs for detail 	<ul style="list-style-type: none"> • Little use of abstract nouns • Lower lexical density • Highest number of finite verbs • More reliance on adverbs, but low use of adjectives
Spelling	<ul style="list-style-type: none"> • Mean accuracy • Errors with: <ul style="list-style-type: none"> - separating compound words into two words - doubling consonants - unstressed vowel 	<ul style="list-style-type: none"> • Mean accuracy • Errors with: <ul style="list-style-type: none"> - separating compound words - omission - homophones - unstressed vowel 	<ul style="list-style-type: none"> • Mean accuracy • Many errors difficult to categorise • Letters and phonemes omitted • Words often phonetically plausible • Word division still significant, but less so than for A and C

TABLE 2 Characteristics of writing at different levels (continued)

Grade	A	C	F
Paragraphing	<ul style="list-style-type: none"> • Paragraphing nearly always present and used accurately • A greater variety of paragraph linkage using conjuncts to compare and contrast 	<ul style="list-style-type: none"> • Paragraphing usually present and handled appropriately in 50% of cases • Less variety of linkage than at A 	<ul style="list-style-type: none"> • Paragraphing as likely to be omitted as used • Limited number of paragraphs means limited range of paragraph links, particularly in non-narrative
Textual organisation	<ul style="list-style-type: none"> • Establishes good relationship with reader • Successful openings • Less successful closure and cohesion/coherence 	<ul style="list-style-type: none"> • Generally successful relationship with reader and openings(though less strong than A grade); • Less successful closure • Less successful cohesion/coherence 	<ul style="list-style-type: none"> • Some success in openings and closure but <ul style="list-style-type: none"> - very little success establishing relationship with reader - lack of cohesion

ENGLISH 2000 KS3/4 MOVING PUPILS FROM D → C

FOCUS	LANGUAGE FEATURE	TEACHING APPROACH	SOW
GENRES/FORMS FICTION AND NON-FICTION	Recounting Reporting Instructing Procedural Argumentative Persuasive Descriptive Domestic Romantic Adventure Science Fiction Ballad etc	Study models through shared reading and writing, using extracts on OHP or whiteboard for reading through with class, explaining what is going on in the reading or writing process, making the genre's characteristics and the process of composition explicit, open for discussion, imitation, labelling, rediscovering and assimilating.	
STRUCTURE	Openings Endings Links/coherence Use of time Use of narrator Communication/placing of additional information	Planning in a range of ways so pupil can choose most suitable. Planning to the end. Writing appropriate section. Frames, negotiated with pupil. Guided writing to excise unnecessary wordiness and to include information useful to the reader.	
PARAGRAPHING	Internal coherence Appropriate genre features/register Succinctness Range of sentence types <i>Lay out</i>	Sequencing/cut and paste. Transformations from one sentence type/tense/voice etc. to another. Conferencing/group work with teacher. Peer work in pairs (boy/girl).	
SENTENCE LEVEL	Full stop used correctly Commas, colons, semi-colons, apostrophes, speech marks Complex sentences Conjunctions Tenses	Habitual use of necessary technical terms work in meaningful context. Investigations to find examples/rules. Use of textual examples with imitation/discussion/embedding in pupils' own work. Personal targets/detailed recording. Past to present/past to pluperfect etc.	
WORD LEVEL	Spelling - roots/prefixes/suffixes/rules/standard English Vocabulary - range/oppositeness	Use of word family work - onset/rime/words <u>in</u> sentences Specific prefixes/puffixes/rules identified in particular medium term plans. Spelling journals. Word bank books/classroom walls Role play/debate/hotseating.	

Level C is a 'pass' at GCSE (like the old
GCE) - the year 11 exam.

12. Pygmalion effect

The letter below (from the TES 19/2/99) illustrates how self-esteem was increased in pupils with no more tools than higher expectations and positive attitudes by their teachers.

The teacher who wrote to you (TES, February 5) to say that the attitude of one of her introverted pupils changed dramatically when treated as if she were a cheerful, popular girl may not be aware of one of the most important classroom studies ever carried out. It was done in the 1960s by Rosenthal and Jacobson and their results became known as the Pygmalion Effect.

In the study, at the beginning of the school year each class teacher in a school was given a list of half a dozen names and told that in tests previously conducted these pupils had revealed a very high learning ability. In fact, these names had been chosen at random, but when tested again later all these pupils had made far greater progress than others in the class and, when questioned, the teachers were full of praise for their motivation to work and excellent behaviour compared with the rest.

These students had come to perform better and behave well because the teachers had cause to have high expectations of them. An environment had been created in which they could feel themselves to be more successful and more worthy. Teachers' attitudes are a KEY instrument in building their students' self-esteem.

Self-esteem is at the heart of the matter. An often misunderstood term, associated with conceit, a true, healthy level of self-esteem brings with it the confidence and ability to overcome, or at least cope with, all the challenges life may bring. If we take responsibility for helping to build the self-esteem of all children and young people in every classroom in the country, we should transform society in a generation.

Comment

As the writer says above: "Teachers' attitudes are a key instrument in building their students' self-esteem." Furthermore, building self-esteem can be practised by ALL teachers and can be used to raise the achievement of ALL pupils.

When I was an undergraduate at Queen's University, Belfast, I studied *Beowulf* and other Anglo-Saxon poems and developed not only a feel for the language, but a fondness for the melancholy and fortitude that characterised the poetry.

Consequently, when an invitation to translate the poem arrived from the editors of *The Norton Anthology of English Literature*, I was tempted to try my hand.

While I had no great expertise in Old English, I had a strong desire to get back to the first stratum of the language and to 'assay the hoard' (line 2509).

This was during the middle years of the 1980s, when I had begun a regular teaching job in Harvard and was opening my ear to the unmoored speech of some contemporary American poetry.

Saying yes to the *Beowulf* commission would be (largued with myself) a kind of aural antidote, a way of ensuring that my linguistic anchor would stay lodged on the Anglo-Saxon sea-floor.

So I undertook to do it.

Very soon, however, I hesitated.

It was labour-intensive work, scriptorium-slow.

I proceeded dutifully like a sixth former at homework.

I would set myself twenty lines a day, write out my glossary of hard words in longhand, try to pick a way through the syntax, get the run of the meaning established in my head and then hope that the lines could be turned into metrical shape and raised to the power of verse.

Often, however, the whole attempt to turn it into modern English seemed to me like trying to bring down a megalith with a toy hammer.

What had been so attractive in the first place, the hand-built, rock sure feel of the thing, began to defeat me.

I turned to other work, the commissioning editors did not pursue me, and the project went into abeyance.

1

Introduction

POETRY MATTERS because it is a central example of the use human beings make of words to explore and understand. Like other forms of writing we value, it lends shape and meaning to our experiences and helps us to move with confidence in the world we know and then to step beyond it, to respond to the generation of meaning through significant, memorable and deliberated kinds of language. It is an activity to which we are drawn because in its range and rigour we feel both the presence and the pressure of human experience. Poetry embodies delight in expression, stretched between thought, feeling and form. As we become aware of the 'true soundings' of poetry so we become aware of what we ourselves might do with language.

Poetry includes a concept of human creativity and imagination and a notion of energy and value. For poetry is, in essence, engaged with the living situations of men and women, with the shape and motive of human conduct and with the language that creates the sense of the rich variousness of that living. Poets work at the frontier of language. They are engaged with the struggle for clarity and meaning and those who wrestle with and refine language in order to be lucid and articulate are, in a crucial sense, the guardians of the accumulated richness of our written and spoken inheritance.

Poetry needs to be at the heart of work in English because of the quality of language at work on experience that it offers to us. If language becomes separated from moral and emotional life – becomes merely a trail of clichés which neither communicate with nor quicken the mind of the reader – then we run the risk of depriving children of the kind of vital resource of language which poetry provides.

As teachers we are concerned not so much with the numbers of words potentially available but with the degree to which the resources of language are put to current use by our pupils. Among other things, literature is, as Ezra Pound argued, a way of keeping words living and accurate. It is the place of poetry in English teaching to help us to restore to pupils a sense of exuberance and vitality in the acquisition of language and in the power and savour of words.

CURRICULUM TARGETS

To enable pupils to :

- **structure a piece of writing so that the beginning catches the reader's attention, the middle has coherence, relevance and direction, the ending is succinct and authoritative;**
- **paragraph coherently appropriate to the genre;**
- **write with a range of sentence structures, getting away from pronouns and time phrase beginnings, using more subordination than coordination and matching sentence structures to purpose and audience;**
- **always use full stops accurately, and commas to mark out embedded clauses, apply all 5 rules for direct speech, semi- colons, colons;**
- **use nouns and verbs that are strong and expressive;**
- **use fewer finite verbs, because more information is being conveyed through the use of phrases;**
- **vary the beginnings of sentences;**
- **extend their vocabulary through the development of word families: victor, victory, victorious..**
- **spell accurately all high frequency words, all frequently used prefixes/ suffixes, all plural forms, past tense forms..**
- **use a full repertoire of tenses, moods and voices..**

“SUMMING THE FORMATIVE ASSESSMENTS”

Year.....Term.....Class.....Topic: Sc2 8 1a Food & Digestion

CLASS LIST	EXPECTATIONS <small>Links with 8-1b; 8-2a; 9-2a</small>
1.	<p>All/most pupils will: [=]</p> <ul style="list-style-type: none"> • topic test covering knowledge of 6 groups of nutrients with examples; role of nutrients in the body. • H/W ? about the role of the blood in transporting products of digestion • Design a cut and stick model to explain role of enzymes in breakdown of large molecules.
2.	
3.	
4.	
5.	
6.	
7.	
8.	
9.	
10.	
11.	
12.	
13.	
14.	<p>With the exception of: [-] What they found difficult in the above key outcomes.</p>
15.	
16.	
17.	
18.	
19.	
20.	
21.	
22.	
23.	
24.	<p>In addition, these children progressed further: [+] Includes one or two extensions of key outcomes.</p>
25.	
26.	
27.	
28.	
29.	
30.	
31.	
32.	
33.	

“SUMMING THE FORMATIVE ASSESSMENTS”

YEAR.....TERM.....CLASS.....TOPIC.....

CLASS LIST	EXPECTATIONS
1.	<p>All/most pupils will: [=]</p> <p>These sections could contain the full expectations statements and/or the key outcomes.</p>
2.	
3.	
4.	
5.	
6.	
7.	
8.	
9.	
10.	
11.	
12.	
13.	
14.	<p>With the exception of: [-]</p>
15.	
16.	
17.	
18.	
19.	
20.	
21.	
22.	
23.	
24.	<p>In addition, these children progressed further: [+]</p>
25.	
26.	
27.	
28.	
29.	
30.	
31.	
32.	
33.	

Figure 1 Curricular model for integrated language learning

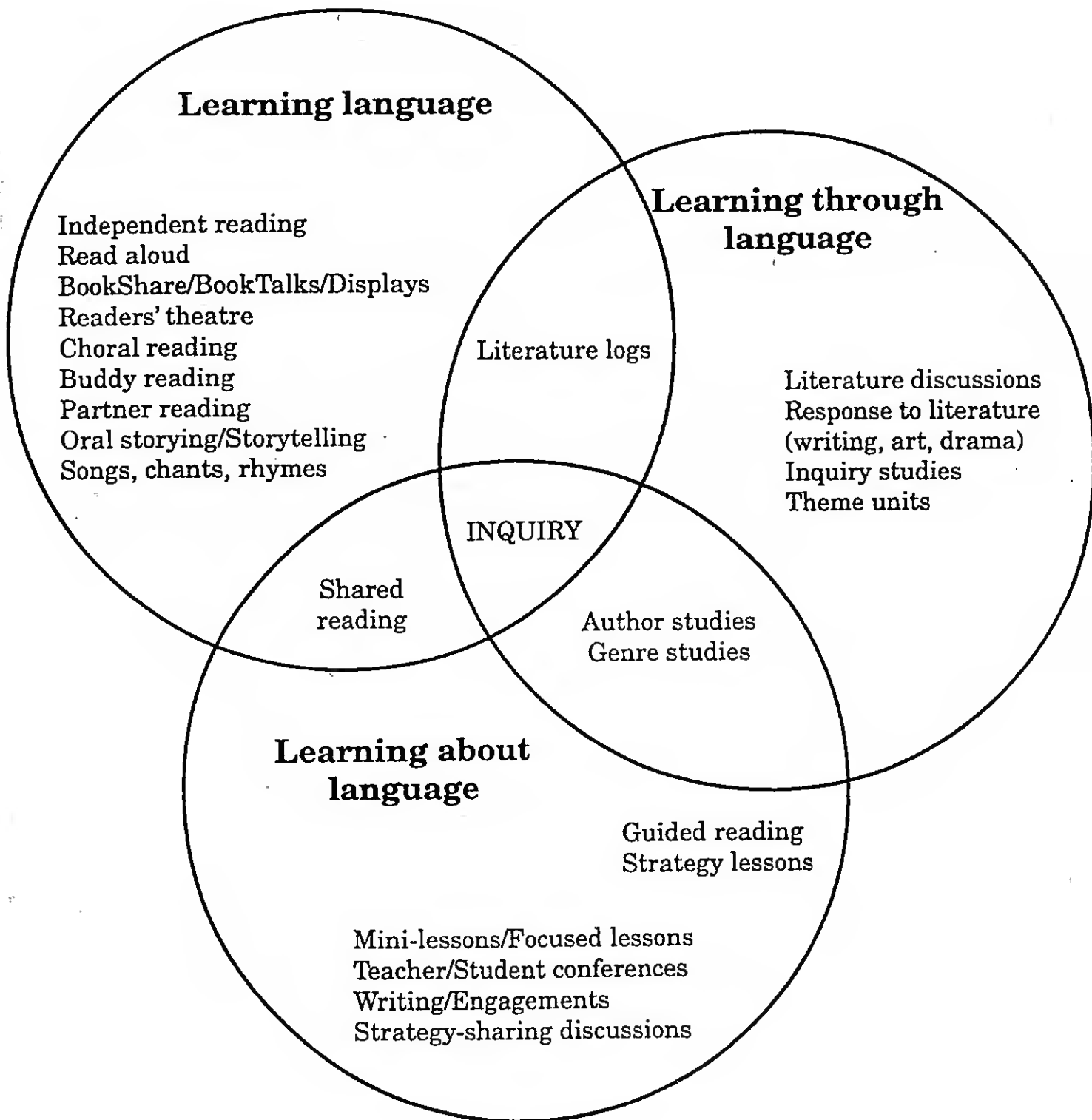


Table 1 Comparison of guided reading and literature circles

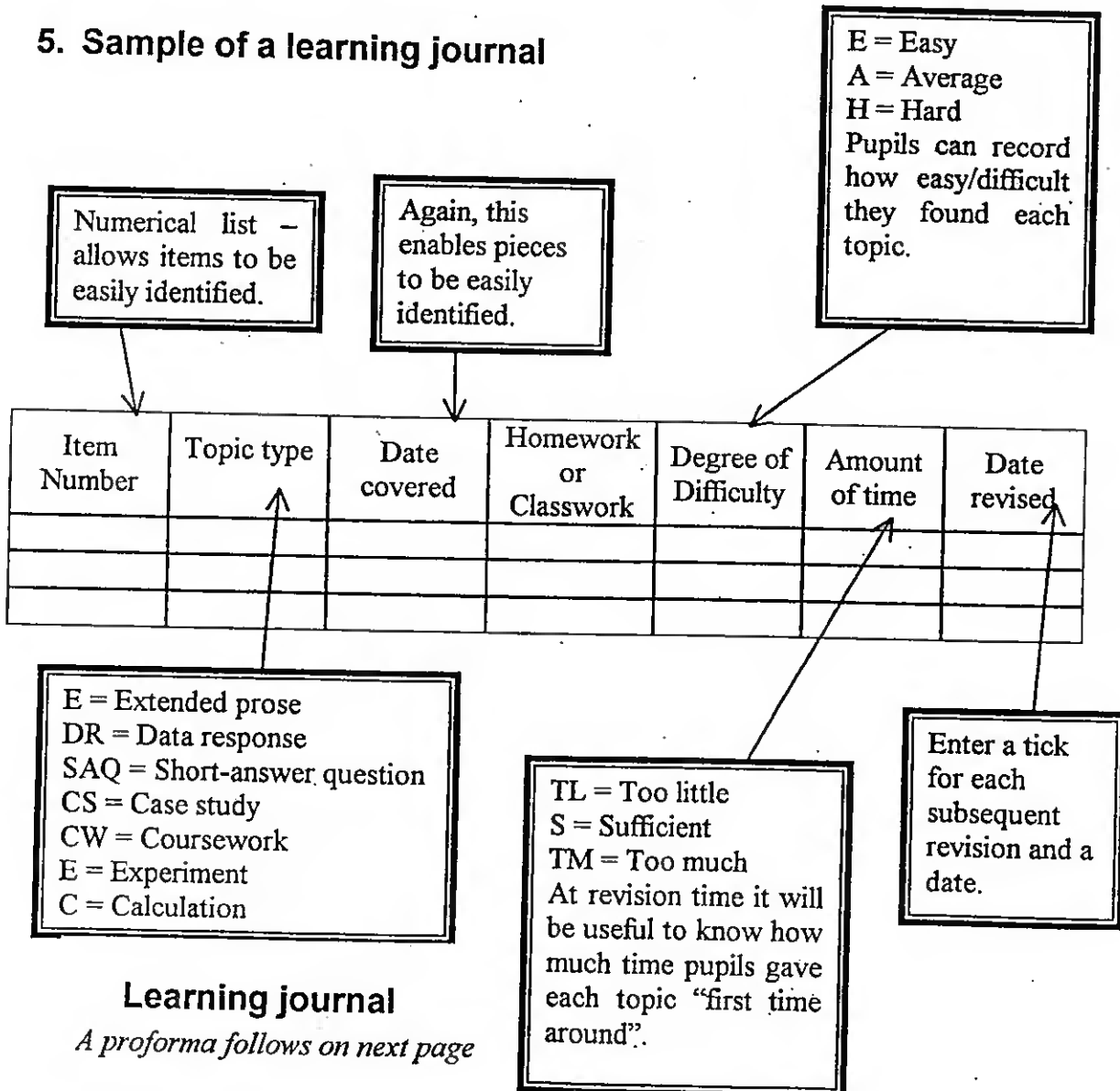
Guided reading	Literature circles
Students as strategic readers	Students as critical readers/thinkers
Teacher supports each reader's development of reading strategies for processing new texts at increasingly challenging levels of difficulty	Students think deeply and critically about text through dialogue with others to co-construct new understandings
Students are grouped homogeneously according to similar reading processes and ability to read about the same level of text.	Students choose the text they would like to read and discuss with others. Grouping is heterogeneous by interest.
Teacher chooses text to be read.	Students choose text from options.
Texts are chosen according to the reading strategy the teacher wants to teach and the difficulty of the text (minimum of new things to learn).	Texts are chosen based on the issues students are exploring in personal and/or class inquiries. Texts must support multiple interpretations and critical thinking by readers.
Challenging texts = texts where there is an opportunity to build problem-solving strategies.	Challenging texts = texts which encourage readers to think deeply and critically about their lives.
Students must be able to read text with minimal support from teacher.	Text can be read to, with, or by student.
Teacher takes a major instructional role and teaches for strategies.	Teacher participates as a reader to demonstrate ways of thinking and responding to text.
Evaluate by running record/miscue analysis.	Evaluate by discourse analysis.
Art, music, drama, etc. as activities to extend a text.	Art, music, drama, etc. as tools for thinking about a text in more complex ways.
Reading to develop strategies.	Reading to make sense of life.

4. Learning journals

Pupils should be encouraged to keep a learning 'journal' in which they record each piece of GCSE work that they undertake. This journal can then be used as a monitoring device should pupils get into difficulties with their work – effectively, the journal should function as a 'learning history' for each subject. The intention is that the journal records all sorts of useful information but it will have four main uses:

- 📖 To enable each subject teacher to monitor the learning in his/her subject.
- 📖 To provide a learning framework in which pupils can see their progress and intellectual development.
- 📖 To serve as an aide-memoir at revision time.
- 📖 To help pupils manage their work load effectively e.g. coursework.

5. Sample of a learning journal



13. Learning index

Some pupils may like to construct their own 'learning index'. Basically, the learning index attempts to relate what pupils know at the beginning of the unit to what they know at the end. In order to do this they need to use the following formula:

$$\frac{\text{Total marks from re-take}}{\text{Total marks from initial test}} \times \frac{100}{1} = \text{Pupils' learning index score}$$

Comment

A theme of many Ofsted reports is that pupils are seldom given any opportunities to evaluate their own learning. The idea above could be introduced to teachers within your department. Ask a teacher, within the department, to run a pilot scheme and report back to you on the results.

14. Raising boys' achievement

The 'discrepancies' between the boys' and girls' results at GCSE level is well known. Listed below are some strategies that you could consider using, when trying to raise the achievement level of boys.

We have briefly outlined ten possible strategies for raising achievement that are particularly suitable for bridging the 'gender-gap'.

1. Structured learning

- ⇒ The idea is to tackle the 'attention deficiency' of boys by sub-dividing every lesson into 20-minute packets.
- The focus for the lesson, and the structure and pace to work at, could be written on the board to help remind pupils.
- The teacher should regularly monitor pupils and remind them of the short-term deadlines that they are working to.

2. A visual approach

- ⇒ There are several factors that will help boys **visualise** what they are learning.
- This could be done, for example, through the use of items such as drawings, diagrams, charts, graphs, maps, photographs, posters, videos, and by effective use of the blackboard.
- Role-play can also be effective in providing a 'reinforcement' mechanism, for boys in particular.

3. Seating arrangements

- ⇒ In most lessons pupils choose to sit in same-sex friendship groups, which is often appropriate. However, there are times when this arrangement should be changed, to emphasise what is being learnt and to allow for the transfer of knowledge, skills and understanding from girls to boys.

4. Competition

- ⇒ All pupils should also be encouraged to compete with themselves and, depending on the ability-spread of your GCSE group, with each other. There should also be constant reference to past tests, or forthcoming ones (such as mocks) in lessons.
- Ideas such as awarding points are traditionally used more in lower school than in upper school. However, 'merit' systems of all types are good ways to motivate under-achieving pupils (i.e. boys!)

5. Non-verbal reinforcement

- ⇒ Non-verbal reinforcement of learning could be used to make the boys' grasp of key concepts more secure.
- Boys should be encouraged, for example, to draw diagrams, make mind-maps and produce posters, in order to summarise visually what they have learnt.

6. Effective questioning

- ⇒ Boys often enjoy making oral contributions to lessons – a fact that can be utilised for their benefit.
- Effective questioning should be used to reinforce boys' learning and make their grasp of key GCSE concepts secure.

7. Relevance

- ⇒ Boys will often grasp a concept more securely if they can relate the concept to their own hobbies and interests.
- Concept-embedding is an idea which refers to the linking of abstract concepts to everyday, 'concrete' examples and is particularly suited for use with boys.

8. Using novel learning methods

- ⇒ Boys will appreciate trying novel learning strategies or 'gimmicks' in a way that girls do not.

- For example, boys will be prepared to record all of their revision notes on a tape-recorder.

9. Fear of failure

- ⇒ Boys are often afraid of being seen to 'fail'; therefore, they disguise their fear of failing a subject with poor behaviour that is designed to distract their teacher's (and their peers') attention away from their poor academic performance.
- Interview boys who are hiding behind poor behaviour. Tell them that you are aware of their tactic and offer them 'extra' help with their work instead, in return for improved behaviour. (Use the 'J-curve' principle.)

10. Behaviour modification

- ⇒ It follows from the last point that raising the achievement of boys calls for an effective policy of behaviour management.
- Consider the INSET needs of your staff (if applicable), because boys will need to be brought back firmly into line if they have been allowed to 'get away with too much', and if you intend to make them the focus of your current raising achievement initiative.

Summary

There are many other techniques that could be used to raise boys' achievement. We have outlined only a few possible strategies. The basic rule of thumb is – if you think it will work, try it!

Section C – In-depth topic

We are always looking for new and innovative ways to raise achievement (and we will also be prepared to pay £50 for each article published). Most of the articles we receive include remarks such as, "we look forward to reading about other schools' experiences". Therefore, if you have a successful idea that you would like to share, we would like to hear from you.

This month's raising achievement case study concerns **over-achieving pupils** in the context of an '**under-achieving**' school. Our thanks to Laurie Johnston - Head of History, Malory School, Lewisham for the submission.

1 Knowledge

Knowledge is simply the ability to recall information, recite or list facts. Students can say they know something if they can recite it or write it down or recall its location.

2 Comprehension

Comprehension means that a student can describe what they know by describing it in their own words. They are able to restate, give examples, summarise or outline basic key points

3 Application

Application means that the information learned can be applied in different contexts. Students are able to transfer knowledge learned in one situation to another.

4 Analysis

Analysis is when a student can compare and contrast, categorise, recognise inferences, opinions or motives. At this level a student can characterise the attributes of something, thus allowing the constituent parts to be studied both separately and in relation to each other.

5 Evaluation

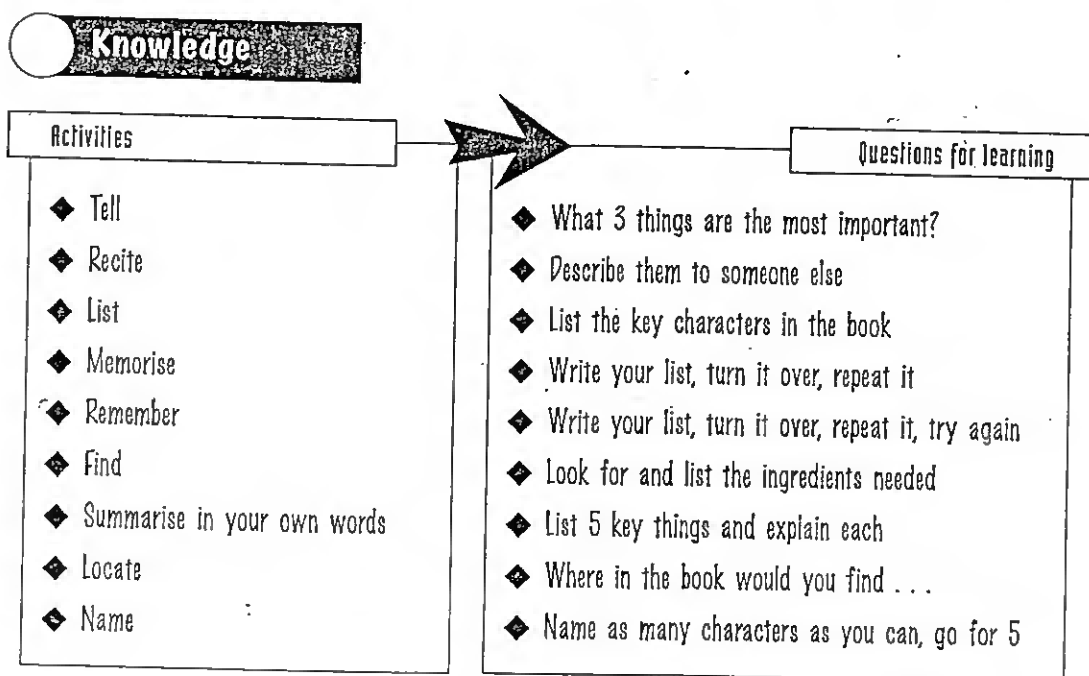
Evaluation allows a student to make judgements about what they have analysed. Judgements are made against agreed criteria and this guides decision-making and the critique or rationale of an argument.

6 Synthesis

Synthesis is the construction of new wholes based on an informed and detailed understanding of constituent parts. Formulating a new theory, an original argument, a summary rationale, a forecast or prediction all require complex and sophisticated thinking.

The different types of activities and questions used to elicit different outcomes are listed below. Teachers can use this planner when helping students plan their own class work or to think about their own use of questions in class.

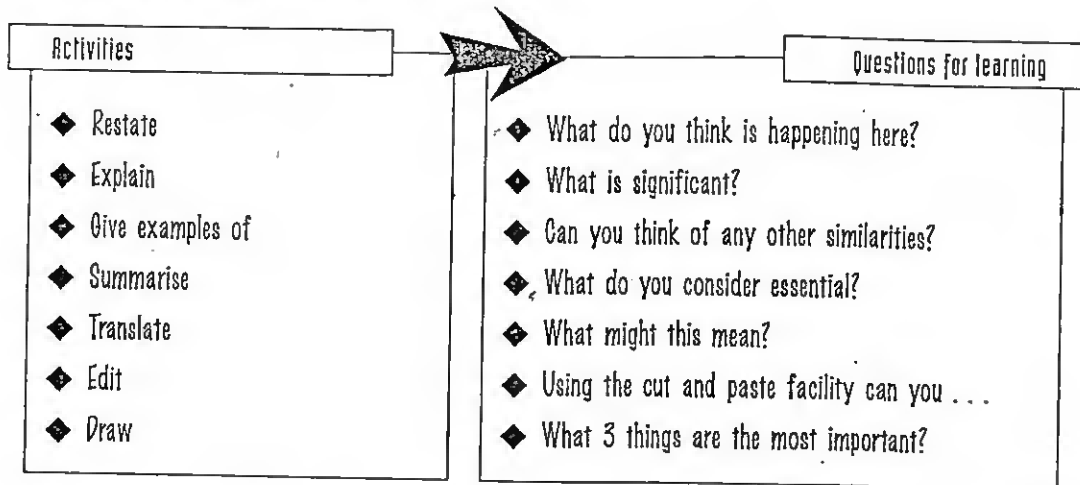
A TEACHER'S GUIDE TO STRUCTURING ACTIVITY AND ASKING QUESTIONS



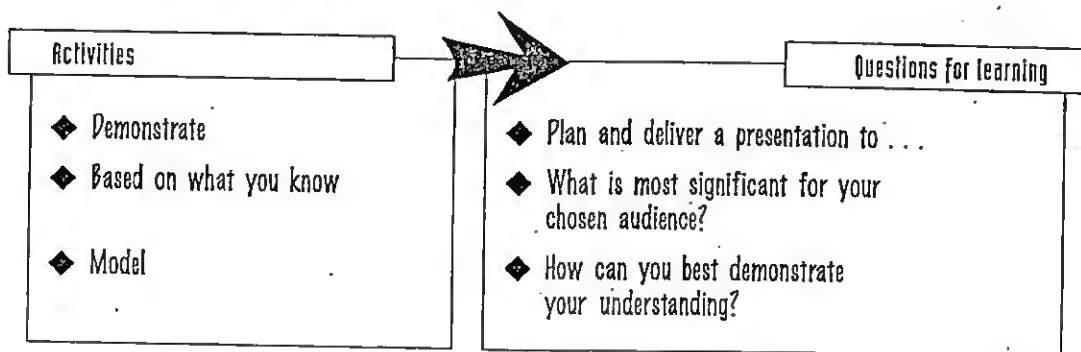
By Aubain Smith



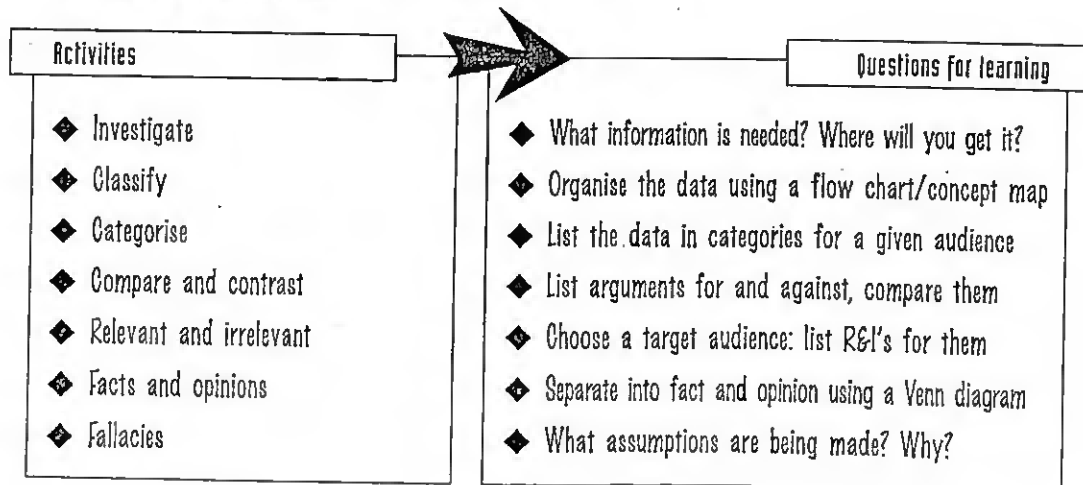
Comprehension



Application



Analysis



Evaluation

Activities

- ◆ Prioritise
- ◆ Rate
- ◆ Grade
- ◆ Critique
- ◆ Judge
- ◆ Recommend

Questions for learning

- ◆ Re-order with a justification
- ◆ Design a mechanism to evaluate the importance of
- ◆ Devise a hierarchy of significance
- ◆ Discuss the relative merits in relation to . . .
- ◆ Following your critique, say which is better and why
- ◆ What is the best option? Why? List five reasons . . .

Synthesis

Activities

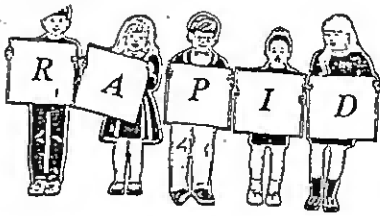
- ◆ Create
- ◆ Compose
- ◆ Invent
- ◆ Construct
- ◆ Combine
- ◆ Forecast
- ◆ Formulate
- ◆ Agree the case for
- ◆ Predict
- ◆ Imagine

Questions for learning

- ◆ Provide a portfolio of evidence showing your case for . . .
- ◆ Taking the theme of stillness produce three pieces for piano
- ◆ You need an effective labour saving device for . . .
- ◆ Using appropriate materials based on your research produce . . .
- ◆ Your audience of fund managers need a multi-media presentation
- ◆ Using all the evidence available . . .
- ◆ As a result of analysis of data give the cost-effective solution to . . .
- ◆ Listen to the evidence, summarise, critique, choose and recommend
- ◆ Based on the evidence and your intuitive feelings, say what you think is likely to . . .?
- ◆ Being as unconventional as you like try to envisage a . . .

TASK-STARTERS USING CREATIVE THINKING SKILLS

SKILL	TASK STARTER
<p>FLUENCY Quantity of ideas.</p>	<p>List all the.... What are all the...? Write 10... What are some reasons for...? How many...? What are the things...if...? Tell how you felt when...</p>
<p>FLEXIBILITY Variety of ideas.</p>	<p>What are the alternatives to...? Compare a... with a - How are they alike/different? What are the consequences of...? How many different ways ...? Give 5 different reasons for...</p>
<p>ORIGINALITY New ideas.</p>	<p>Plan an ... Invent a ... Create a ... Compose a song ... Think of unusual ways to ... Use all of these to make a ...</p>
<p>ELABORATION Adding to ideas.</p>	<p>Improve ... by ... Modify the ... so it ... Who am I? I lived ... Change the ... so that ... Adapt ... Substitute ...</p>
<p>CURIOSITY Wondering about ideas.</p>	<p>What would happen if ...? Where might ... occur? Just suppose ... What if ...? Why do you think ...?</p>
<p>COMPLEXITY Generating alternative ideas.</p>	<p>Decide on the reasons for ... What are the considerations it ...? What questions can be asked to find out about ...? What are the consequences of ...?</p>
<p>RISK TAKING Exposing ideas to criticism.</p>	<p>Rank ... Justify ... Say why ... is the best/worst. Decide ... Give reasons for ... Would you rather be ... or ...?</p>
<p>IMAGINATION Thinking beyond the idea</p>	<p>Imagine that ... Think of ... You are a (dog/horse/tree ...) ... how do you feel about? What would it be like if ...? Pretend ...</p>



Questioning with Style

Realist

Ready for structure and hands-on work

In questioning, raise specific questions of detail.

Which descriptive phrases tell about the setting?

Analyst

Able to work with concepts and ideas

In questioning, raise thought-provoking questions.

How did the author reveal the motive of the character?

Pragmatist

Prepared to try things out and apply.

In questioning, raise practical questions of strategy

What devices did the author use to guide your thinking about the main character?

I'm Personal

Interested in sharing and interpreting.

In questioning, raise personal questions of interpretation

For which characters did you begin to develop empathy?

What were your first clues that you were investing in these characters as a reader?

Divergent

Determined to explore and experiment

In questioning, raise open-ended questions.

How might the story unfold differently if another character were the focus?

The Bloom - Turney Model

RECALL QUESTIONS:	ask pupils to remember information they have previously learned;
COMPREHENSION QUESTIONS:	ask pupils to express ideas in their own words or to interpret the major elements in a piece of writing to make them more accessible to himself or someone else;
APPLICATION QUESTIONS:	ask the pupils to understand a general principle and apply it in new situations;
ANALYSIS QUESTIONS:	ask the pupil to break down subject matter into its parts, and to study the nature of those parts and of the relationship between them;
SYNTHESIS QUESTIONS:	ask the pupils to build a new idea, plan or experiment;
EVALUATION QUESTIONS:	ask pupils to make judgements particularly about quality;

Source: Turney, C., 1977, *Sydney Mico Skills Series 2*, University of Sydney, based on Bloom's (1956) *Taxonomy of Educational Objectives*.

YEAR 7

UNIT	SPEAKING AND LISTENING	READING	WRITING	LANGUAGE STUDY
1	group discussion and interaction	recent and contemporary drama; information/reference and media texts	imagine, explore, entertain; analyse, review, comment; inform, explain, describe; persuade, argue, advise; thinking and learning	whole text cohesion
2	speaking; listening; group discussion and interaction; drama	literary non-fiction texts; media texts	inform, explain, describe	speech/writing differences
3	speaking; group discussion and interaction	range of literature; non-fiction and non-literary texts	imagine, explore, entertain; inform, explain, describe; persuade, argue, advise	features of the different types of writing
4	speaking	English literary heritage; print and ICT based information/ reference texts	analyse, review, comment	language variation
5	drama	pre and post 1914 poetry	imagine, explore, entertain	complex sentences
6	listening	media - moving image	inform, explain, describe; analyse, review, comment	speech/writing differences
7	group discussion and interaction	literary non-fiction; print and ICT based information/ reference texts	inform, explain, describe; analyse, review, comment	whole text cohesion
8	speaking	texts from different cultures and traditions	persuade, argue, advise	standard English and variety

YEAR 8

UNIT	SPEAKING AND LISTENING	READING	WRITING	LANGUAGE STUDY
9	group discussion and interaction	literary heritage: pre 1914 novel; moving image texts	persuade, argue, advise; analyse, review, comment	complex sentences
10	speaking; drama	print and ICT based information/ reference texts	inform, explain, describe	paragraph structure and links; whole text cohesion
11	drama; listening	recent and contemporary fiction	imagine, explore, entertain; analyse, review, comment	word classes; language variation
12	speaking	literary heritage: post 1914 poetry	analyse, review, comment; thinking and learning	technical terms; punctuation and sentence structure
13	drama; group discussion and interaction	literary heritage: major dramatist	analyse, review, comment; persuade, argue, advise	connectives, modals
14	listening	texts from different cultures and traditions	imagine, explore, entertain	standard English as public communication; language variation; whole text cohesion
15	group discussion and interaction	media and moving image texts; information/reference texts	persuade, argue, advise	rhetorical devices; speech/writing differences; language structure

Reference no.	Writing	Units
1	Pupils should be taught to draw on their reading and knowledge of linguistic and literary forms when composing their writing. Pupils should be taught to:	
1a	draw on their experience of good fiction, of different poetic forms and of reading, watching and performing plays	5, 11, 14, 16, 19, 22
1b	use imaginative vocabulary and varied linguistic and literary techniques	1, 16, 22
1c	exploit choice of language and structure to achieve particular effects and appeal to the reader	1, 9, 11, 16, 22
1d	use a range of techniques and different ways of organising and structuring material to convey ideas, themes and characters	1, 3, 4, 9, 11, 14, 16, 19
1e	form sentences and paragraphs that express connections between information and ideas precisely, <i>for example, cause and effect, comparison</i>	3, 6, 7, 10, 21
1f	use formal and impersonal language and concise expression	6, 10, 17
1g	consider what the reader needs to know and include relevant details	2, 7, 10, 17
1h	present material clearly, using appropriate layout, illustrations and organisation	2, 7, 21
1i	develop logical arguments and cite evidence	3, 8, 13, 15
1j	use persuasive techniques and rhetorical devices	3, 8, 13, 15, 18
1k	anticipate reader reaction, counter opposing views and use language to gain attention and sustain interest	13, 15, 18
1l	reflect on the nature and significance of the subject matter	1, 4, 7, 9, 14, 16
1m	form their own view, taking into account a range of evidence and opinions	7, 9, 12, 13, 14, 16
1n	organise their ideas and information, distinguishing between analysis and comment	1, 6, 9, 16, 20
1o	take account of how well the reader knows the topic	1, 6, 20
2	To improve and sustain their writing, pupils should be taught to:	
2a	plan, draft, redraft and proof-read their work on paper and on screen	11
2b	judge the extent to which any or all of these processes are needed in specific pieces of writing	1
2c	analyse critically their own and others' writing	1
3	Pupils should be taught to use the full range of punctuation marks correctly to signal sentence structure, and to help the reader	12
4	Pupils should be taught to:	Ongoing unit B
4a	increase their knowledge of regular patterns of spelling, word families, roots of words and derivations, including stem, prefix, suffix, inflection	
4b	apply their knowledge of word formation	
4c	spell increasingly complex polysyllabic words that do not conform to regular patterns	
4d	check their spelling for errors and use a dictionary when necessary	
4e	use different kinds of dictionary, thesaurus, spellchecker	
5	Pupils should be taught to write with fluency and, when required, speed. In presenting final polished work, pupils should be taught to:	Ongoing unit B
5a	ensure that work is neat and clear	
5b	write legibly, if their work is handwritten	
5c	make full use of different presentational devices where appropriate	
6	Pupils should be taught about the variations in written standard English and how they differ from spoken language, and to distinguish varying degrees of formality, selecting appropriately for a task	17, 18, 21
7	Pupils should be taught the principles of sentence grammar and whole text cohesion and use this knowledge in their writing. They should be taught:	
7a	word classes or parts of speech and their grammatical functions	1, 11, 17
7b	the structure of phrases and clauses and how they can be combined to make complex sentences, <i>for example, co-ordination and subordination</i>	1, 5, 9, 12, 15
7c	paragraph structure and how to form different types of paragraph	1, 10, 15
7d	the structure of whole texts, including cohesion, openings and conclusions in different types of writing, <i>for example, through the use of verb tenses, reference chains</i>	1, 7, 10, 11, 14, 15, 20, 21
7e	the use of appropriate grammatical terminology to reflect on the meaning and clarity of individual sentences, <i>for example, nouns, verbs, adjectives, prepositions, conjunctions, articles</i>	1, 12, 13, 15, 20

Wild Swans.

Bird Song.

Regeneration.

Cygni Caudis Mare.

Armadillo. With Road.

Ending Love.

Face - the replacement of Clear Water Rising (over-to).

Confession of a Single Bird.

We Glow People.

High Fidelity / Heart Variants.

History of Three Penman / One :: How a Fi - Angel
Angelic Arts. Above.

Three Me - a Plea - Maria Cleel.

Rooper Two Song - Edge of Reason

On Cold Mountain.

Beloved.

Restoration.

An Easy Mind Value Sets.

Frigid Water - Pure

7 by 5 - AT Dates.

Wise Child - Ceter.

Wine - for Venus /

Blue Boy - Touch

Big Picture - Unmuted.

High Power.

Carnie Love - Well / Workshop.

Little Snow.

Muse of Ceter.

Dalrymple

- City of Gains.

Wine Rate

- auto.

Anexo n.º 31:
“Projectos desenvolvidos pela
LEA de Rochdale”



ROCHDALE
METROPOLITAN BOROUGH
COUNCIL

Celia Martins
R Dr Jose de Matos
Lote 5-3 Esq
8000-485 Faro
Portugal

EDUCATION DEPARTMENT

Rochdale Metropolitan
Borough Council

Director of Education
Brian Atkinson BA

PO Box 70, Municipal Offices
Smith Street, Rochdale, OL16 1YD

Telephone: (01706) 865000

Fax: (01706) 658560

E-mail: council@rochdale.gov.uk

Your Ref:

Our Ref: ED1/BEA/KA

Enquiries to: Brian Atkinson

Date: 20 July 2000

Dear Ms Martins

Information

I am writing in response to your email of 13 July. I am very sorry to say that we are unable to provide the information you request. We do receive many requests for information from students undertaking degree and higher degree studies but unfortunately we do not have the time available to respond properly. We wish you success in your studies.

Yours sincerely

Khelsie Atkins

Khelsie Atkins
PA to Director of Education

Anexo n.º 32:

“Projecto «*Literature and Theatre work
with Secondary School Students*»
desenvolvido pela LEA de Swindon”



Célia Martins
R. Dr. José de Matos
Lote 5- 3º Esq.
8000-485 Faro
PORTUGAL

26 July 2000

Dear Ms Martins

LITERATURE AND THEATRE WORK WITH SECONDARY SCHOOL STUDENTS

Thank you for your letter to the Director of Education: he has passed it to me to write back to you.

Students study Literature as part of the National Curriculum up to the age of 16. This includes works of literature by writers such as Shakespeare, but also modern authors and poets. Some students then study for a further two years to the age of 18.

Teachers in schools are encouraged to make use of literature and drama as a way of making their teaching exciting and relevant to their students. For example, a lesson about science could include the students devising a theatre play (drama) in the classroom about a science topic, or works of literature and poetry could be used to help them understand history.

Some schools employ theatre companies to come into the school and perform a play (drama) for the students: this could be about an issue such as health education (drugs, smoking) or social problems (bullying, girls becoming pregnant at a young age).

Local libraries also work with schools to encourage students to use the library and to enjoy reading for pleasure. In Swindon we have a Literature Development Worker who helps teachers to use literature with students, and works directly with students on creative writing (stories and poems).

I hope this information is useful for your studies, and I hope that I have made my language clear for you - your letter is very good and clear.

Yours sincerely


Ann Cullis
Principal Arts & Strategy Officer

S:\SHARED\CULLISA\MART.SAM

Education & Community

Education
Sanford House
Sanford Street
Swindon SN1 1QH

Tel: (01793) 463000

Fax: (01793) 488597

Minicom: (01793) 436659

Community
Premier House
Station Road
Swindon SN1 1TZ

Tel: (01793) 463000

Fax: (01793) 466484

Minicom: (01793) 436659

website: www.swindon.gov.uk

Please ask for: Ann Cullis

Direct Dial No: 01793 466544

Our Ref:

Your Ref:

Please reply to Premier House

Working together to make a difference



Anexo n.º 33:
“Projectos desenvolvidos pela
LEA de Southampton”

Celia Martins

De: isandbrook <isandbrook@ukonline.co.uk>
Para: rdd64307@mail.telepac.pt
Cc: p.delamore@southampton.gov.uk
Assunto: literature and theatre education
Data: Sábado, 22 de Julho de 2000 13:09

Celia - Unfortunately your request for information has come at a time when the people who are best placed to provide you with detailed information are going on holiday. Literature and theatre are important parts of the National Curriculum programmes of study for English for pupils up to 16 years of age. For 16-18 year olds, it will depend on what further subjects they choose to study. For example, there are A level courses in English Literature and in Theatre Studies. The motivation to read literature comes from good teaching and enthusiastic teachers in our secondary school English departments. In addition, all schools and post-16 colleges will rehearse and present performances of theatrical works during their school year, providing strong motivation to the pupils involved. In Southampton we have a small theatre company, based at the Nuffield Theatre, who do extensive work with school age pupils, both by visiting their schools and by hosting them for performances at the theatre. There are many other 'theatre in education' companies who work with schools, both performing directly and leading theatre workshops. Best wishes, Ian Sandbrook, Chief Inspector, Southampton Education Services.

Anexo n.º 34:
“Projectos desenvolvidos
pela LEA de Towerhamlets”

Celia Martins

De: Helen Warner <hwarner@towerhamlets-pdc.org.uk>
Para: 'Celia Martins' <rdd64307@mail.telepac.pt>
Assunto: RE: Informations
Data: Terça-feira, 25 de Julho de 2000 6:24

Hi

We have no specially developed projects in this age and area. Teachers in the UK are however beginning to undertake training (part of a national scheme called NOF training) to help them integrate ICT into their subject area and therefore this includes art and music teachers. Although, I would not know who had started in the LEA in those departments as the schools make their own arrangements with a NOF trainer of their choice. All teachers will have hopefully completed by March 2003.

In the UK we have a national curriculum for ICT so this dictates to a large extent what is taught.

The subject associations in the UK have been involved nationally with a curriculum IT support project run by BECTa and I suggest you look at their web site.

BECTa Curriculum IT Support (CITS) projects web site:

<http://mc.ngfl.gov.uk/resource/cits/>

National curriculum orders:

<http://www.dfes.gov.uk/natcurr.htm>

<http://www.nc.uk.net>

ICT scheme of work KS 1 & 2:

<http://www.standards.dfes.gov.uk/schemes/it>

ICT scheme of work KS 3:

http://www.standards.dfes.gov.uk/schemes/ict2_pdf/

I'm afraid I cannot offer any additional advice.

regards

Anexo n.º 35:

“«*Projecto de promoção da poesia nas escolas*» desenvolvido pela DREALG”



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO ALGARVE

Ex.^{ma} Senhor
Presidente do Órgão de Gestão
Da Escola

L J

S/ Referência	S/Comunicação de:	N/Referência Ofic.circ.nº	Data 2000-12-05
---------------	-------------------	------------------------------	--------------------

ASSUNTO: Projecto de promoção da poesia nas escolas

Na sequência da reunião havida, no passado dia 4 nesta Direcção Regional, sobre o assunto em epígrafe (vd. N/ofício circular de 27 de Novembro p.p.), passo a apresentar, de forma mais detalhada, aquele projecto.

Como já era referido no ofício atrás citado, pretende-se sensibilizar os alunos do ensino secundário para a poesia portuguesa, através de sessões onde as obras, de todas as épocas e estilos, são apresentadas de uma forma lúdica, assente fundamentalmente na música.

De acordo com o seu produtor, estas sessões, de duração aproximada de 4 horas, são divididas em 4 tempos lectivos e, por conseguinte, destinam-se a um público que não deverá exceder um número de alunos muito superior ao de uma turma.

Cada conjunto destas quatro "aulas" tem um custo de 40.000\$00+IVA (46.800\$00), cabendo a esta Direcção Regional o pagamento da primeira sessão. Este pagamento será no entanto efectuado pela escola ao produtor da iniciativa e, posteriormente, a Direcção Regional procederá à transferência daquela verba para a escola.

Para marcação e preparação destas sessões e outras posteriores que, eventualmente interessem a essa escola, devem utilizar os seguintes contactos:

Afonso Dias – Cerca da Porta dos Quartos 8600 – 514 LAGOS

Tm: 914 14 2 329 ou 962 610 734

Fax: 282 762 893

E-mail: adiasproducoes@hotmail.com

Com os melhores cumprimentos

O DIRECTOR REGIONAL

(ANTÓNIO PINA)

Anexo n.º 36:
“Projectos desenvolvidos
pela DREN”

Celia Martins

De: Alcina Prada <alcina.prada@dren.min-edu.pt>

Para: rdd64307@mail.telepac.pt

Assunto: "Projectos de inovação educacional para educar para a cultura: literatura e teatro"

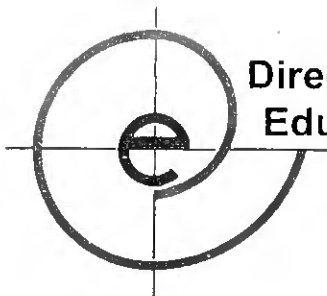
Data: Segunda-feira, 26 de Junho de 2000 16:45

Em resposta ao solicitado, informo que esta Direcção Regional de Educação não possui informação relativa ao desenvolvimento de Projectos na Área que V.^a Ex.^a pretende.

Com os melhores cumprimentos

Alcina Prada

Anexo n.º 37:
“Projectos desenvolvidos
pela DREC”



**Direcção Regional de
Educação do Centro**

E-mail: drecmaster@drec.min-edu.pt

RUA GENERAL HUMBERTO DELGADO, 319
TELEF. 239 798 800
3030 - 327 COIMBRA

**Ex^{mo(a)}. Senhor(a)
Célia Martins
R. Dr. José de Matos
Lote 5 - 3^o Esq.**

8000-485 Faro

Sua referência:

n^o

Data: 15/06/00

Nossa referência: 3107

Depart. DSTP

Sector Bas/Sec

Data: 10/07/00

00-7-12 28159

Assunto: Pedido de Informações

Na sequência do V/ e-mail de 15/06/00 cumpre informar V. Ex.^a que não nos é possível facultar os elementos solicitados porquanto não dispomos dos projectos pretendidos por a sua dinamização ser da responsabilidade das diferentes escolas desta DRE.

Com os melhores cumprimentos,

A Directora de Serviços,

(Lic.^a Octávia Guimarães)

RA/RA

Anexo n.º 38:
“Projectos desenvolvidos
pela DREL”

Exm^a Senhora
D. Célia Martins
R. Dr. José de Matos
Lote 5 - 3º Esquerdo
8000-485 FARO

Sua referência

Sua comunicação de:
2000-06-16

Nossa referência:
DSTP/GATP

Data:

ASSUNTO: Pedido de informações sobre projectos

03.JUL 00 26069

Relativamente ao assunto em epígrafe e em resposta ao e-mail de 16 de Junho, lamentamos informar não ser possível corresponder à vossa solicitação.

A concepção e o desenvolvimento de projectos são da responsabilidade das escolas, pelo que, se assim o entender, poderá contactar as mesmas para que lhe seja facultado o acesso à documentação pretendida.

Continuamos, contudo, ao vosso dispor para outro tipo de informação que nos queira solicitar.

Com os melhores cumprimentos

) O DIRECTOR DE SERVIÇOS

A Chefe de Divisão Técnico-Pedagógica

Arminda Coutinho
(Arminda Coutinho)

(MANUEL PORFÍRIO)

Anexo n.º 39:

“Projecto «*Ao sabor da poesia*»
desenvolvido pela DREALG”

Campanha de sensibilização para a leitura de poesia

"Ao sabor da poesia"

Projecto dinamizado pelo Secretariado Regional do Algarve da Associação de Professores de Português em colaboração com a Direcção Regional de Educação do Algarve

Após os contactos havidos com os professores dos ensinos básico e secundário, em Portimão, Tavira e Loulé, nos dias 21 e 27 de Novembro e 5 de Dezembro, respectivamente, vimos agora apresentar a calendarização das actividades previstas, breves informações e os poemas a divulgar.

Janeiro

1ª semana: Afixação, em local(ais) estratégico(s), do(s) cartaz(es)/faixa(s): "*Ler poesia é...?*"

2ª semana: Divulgação do **poema** nos sítios mais frequentados pelos alunos, incluindo a afixação de uma ampliação (ou mais), junto do(s) cartaz(es)/faixa(s).

Fevereiro

1ª semana: "*Ler poesia é... um desafio?*"*

2ª semana: **

Março

1ª semana: "*Ler poesia é... respeitar a floresta?*"*

2ª semana: **

Abril

1ª semana: "*Ler poesia é... saborear as palavras?*"*

2ª semana: **

Maio

1ª semana: "*Ler poesia é... aquecer o coração?*"*

2ª semana: **

Junho

1ª semana: "*Ler poesia é... perigoso?*"*

2ª semana: Divulgação do **poema** (como nos meses anteriores) e do **desafio** (resposta ao inquérito, a enviar oportunamente).

Julho

De 2 a 6 (em reunião a convocar pela D.R.E.Alg): **Avaliação do Projecto "Ao sabor da poesia"**:

- balanço das actividades desenvolvidas ao longo do ano;
- apresentação de trabalhos, eventualmente surgidos (compilação e/ou ilustração dos poemas distribuídos/ poesias criadas/recolha de outros textos poéticos...);
- entrega dos inquéritos respondidos pelos alunos;
- apresentação de sugestões, críticas...
- debate/discussão.

* Afixação, em local(ais) estratégico(s), do(s) cartaz(es)/faixa(s).

** Procedimento idêntico ao do mês de Janeiro.

Faro, 5 de Dezembro de 2000

Exmo. Senhor
Director Regional de Educação do Algarve

Assunto: *Projecto "Ao sabor da poesia"*

Na sequência dos contactos havidos com os colegas dos ensinos básico e secundário do Algarve (Portimão, Tavira e Loulé), nos dias 21 e 27 de Novembro e 5 de Dezembro, e de acordo com o previamente acordado, a equipa responsável pela campanha de sensibilização para a leitura de poesia, junto envia a V. Exa., em anexo, a calendarização das actividades previstas, breves informações e os poemas a divulgar no ano 2001, a fim de serem enviados às escolas envolvidas.

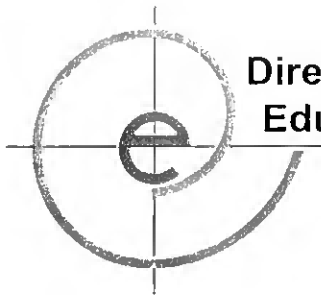
Sem outro assunto, apresentamos os mais respeitosos cumprimentos.

Atenciosamente,

Contém anexo com vinte e duas páginas.

Anexo n.º 40:

“Livro «*Escolas-Memória e realidade*» projecto desenvolvido pela DREC”



Direcção Regional de Educação do Centro

E-mail: drecmaster@drec.min-edu.pt

RUA GENERAL HUMBERTO DELGADO, 319
TELEF. 239 798 800
3030 - 327 COIMBRA

C/ conhecimento:



Ex^{mo(a)}. Senhor(a)

Presidente do Conselho Executivo

Sua referência:

nº

Data

Nossa referência:

Depart.

Sector

Data: 16/05/2000

of. Circular n.º 432

Assunto: Livro "Escolas - Memória e realidade"

Esta Direcção Regional editou o livro *Escolas - Memória e Realidade*, onde se conjugam a imagem e o texto permitindo uma viagem pelo tempo e pelo espaço da região beirã e dando a conhecer os momentos fundamentais do percurso do ensino.

Trata-se de uma obra considerada enriquecedora do nosso património escolar que, cada vez mais, importa preservar e estudar para salvaguarda da nossa identidade cultural.

O livro será vendido por 7.5000\$00, revertendo a totalidade da sua receita a favor do povo mártir de Timor que, apesar das dificuldades que lhe são levantadas internacionalmente, teima em integrar o mundo da lusofonia.

Gostaríamos que todas as instituições ligadas à Educação e à Cultura adquirissem um exemplar, num gesto de solidariedade para com o povo de Timor e de enriquecimento da sua biblioteca.

Com os melhores cumprimentos,

O Director Regional,

Rui Nunes dos Santos

S.R../M.J.D.

PLANO DE ACTIVIDADES

2000

Introdução

A Escola desde a sua origem, quem a criou, quem a concebeu, alunos e professores que lhe deram vida, os apoios institucionais, as reformas educativas e os recursos humanos e pedagógicos que a definiram como Escola de maior ou menor grandeza – tudo isto faz parte da história da educação e dum legado cultural e patrimonial que a todos diz respeito.

Conscientes de que para preservar é necessário conhecer aquilo que temos e como o temos, programámos para o ano escolar de 1999/2000 um conjunto de actividades de pesquisa e divulgação que visa dar continuidade ao projecto da DREC na área do Património Escolar.

Este projecto estrutura-se à volta de três linhas simultâneas de acção e execução:

- Inventariação do património constitutivo da memória escolar
- Recolha de testemunhos e vivências de antigos professores e alunos
- Concepção e realização de materiais e experiências pedagógicas para divulgação nas escolas.

1 - Objectivo:

- Estudar o Património Escolar dos estabelecimentos de ensino da Região Centro, com vista à sua preservação e valorização.

Actividades:

- Identificação e caracterização das escolas centenárias do Ensino Básico e Secundário e respectivo espólio(continuação).
- Levantamento do material didáctico, documental (livros de actas, registos biográficos, inventários, livros de ponto, etc), bibliográfico, equipamento e mobiliário susceptível de recriar o espaço escolar.
- Investigação de material didáctico e documental visando novos contributos para o estudo da História do Ensino em Portugal.
- Levantamento fotográfico dos edifícios das escolas primárias mais antigas, particularmente as de tipo arquitectónico definido.
- Colaboração com os serviços competentes da DREC na aplicação do Programa de Preservação e Salvaguarda do Património Escolar Português (1.º Ciclo).

2 - Objectivo:

- Conhecer, divulgar e sensibilizar para a importância do património escolar, local e regional.

Actividades:

- Incentivo à criação de clubes de estudo do património escolar e regional.
- Elaboração de materiais pedagógicos sobre espaços da Zona Centro de interesse para o estudo do património (Lousã, Mealhada, Válega, Marrazes, etc.)
- Realização de um encontro regional de Clubes de estudo do património escolar e local das Escolas Básicas e Secundárias da Região Centro.

3 - Objectivo:

- Valorizar a cultura da sensibilidade como elemento fundamental na formação da comunidade escolar.

Actividades:

- Continuação da divulgação da exposição itinerante “ A Escola eo Espaço – Ontem e Hoje” pelas escolas da Região Centro.
- Produção de diaporamas, vídeos e bases interactivas sobre e para as escolas.
- Elaboração de roteiros dos edifícios, escolares com valor histórico e patrimonial.

4 - Objectivo:

- Contribuir para o avivar da memória e para a construção da história da Educação colaborando na sua divulgação com o I. H. E.

Actividades:

- Recolha de testemunhos de vivências de antigos professores e alunos.
- Registo de entrevistas a professores do Ensino Básico e Secundário.
- Publicações relacionadas com a memória da Educação – Livro “Imagens da Escola- memória e realidade”

5 - Objectivo:

- Cooperar com o CEIS 20 da Universidade de Coimbra e com a Rede de Investigação em história e museologia da educação em publicações e iniciativas na área do património escolar e da História da Educação

Actividades:

- Dinamização de projectos de valorização científica e cultural sobre património escolar.
- Realização de uma reunião com um grupo de investigadores de todo o país, em 25 de Junho de 1999.
- Diaporama e conferência sobre a criação dos liceus e a revolução pedagógica europeia para participação no congresso Luso-Brasileiro de História da Educação “Escolas, Culturas e Identidades”, promovido pela Universidade de Coimbra.

6 - Objectivo:

- Promover exposições fixas e itinerantes junto dos estabelecimentos de ensino e de toda a comunidade.

Actividades:

- Concepção e realização da exposição fotográfica evocativa do percurso das escolas “Imagens que fazem História”, a integrar o referido congresso.

7 - Objectivo:

- Constituir um arquivo documental, fotográfico e audiovisual representativo da história da instituição escolar.

Actividades:

- Organização de um núcleo documental sobre património escolar aberto à consulta pública.
- Inventariação e estudo do material didáctico, designadamente de peças que, pela sua antiguidade e qualidade artística, poderão vir a constituir o núcleo de um futuro Museu da Escola.
- Levantamento do “Fundo Antigo” de algumas bibliotecas, que guardam no seu espólio, obras pertencentes a antigas congregações religiosas, 1.as edições de clássicos da nossa literatura e obras de grande interesse científico que representam etapas significativas na evolução da ciência.
- Recolha fotográfica de edifícios e espólios das escolas mais antigas bem como das escolas dos novos projectos.,

Anexo n.º 41:
“Projecto «*Il Piacere di Leggere*»
projecto desenvolvido pelo
Provveditorato agli Studi di Imperia”

SCUOLA MEDIA ST. "I. CALVINO"
SANREMO

AL PROVVEDITORE AGLI STUDI
DI
IMPERIA

OGGETTO: PROGETTO LETTURA: "IL PIACERE DI LEGGERE"
(CIRCOLARE N.° 105 DEL 27/3/95 e sgg.)

PREMESSA

Nella scuola media st. "I. Calvino" di Sanremo l'educazione alla lettura come abilità trasversale di tutte le discipline e come fondamento dell'impianto curricolare del P.E.I. costituisce un impegno che, pur da sempre presente, è via via diventato più consapevole e meglio strutturato negli ultimi anni.

Il punto di vista da cui ci si è messi è quello della civiltà dell'informazione in cui il concetto di alfabetività/alfabetismo si è ampliato e riguarda linguaggi, codici e mezzi che vanno oltre quelli verbali e scritti, dal momento che è tutto il mondo della medialità a entrare in questa ottica con svariati tipi di scrittura e, quindi, di lettura.

La lettura non ha più, quindi, un significato univoco, ma si presenta con modalità diverse ancorata a testi (sistema di segni organicamente strutturato in funzione di comunicazione di messaggi e di significati) con molteplicità di contenuti.

Come dice Cesare Scurati:

- la lettura consente di sviluppare potenzialità e capacità di autorealizzazione e di espansione rispetto allo sviluppo dell'individuo umano;
- la lettura consente di sviluppare nel soggetto potenzialità e capacità di autorealizzazione e di espansione della sua ricchezza interiore;
- la lettura consente di fruire in maniera specificamente ampia estesa e comunicabile dei prodotti della simbolizzazione nei quali più direttamente si evidenziano le qualità dell'uomo.

La lettura, intesa nella sua complessità psicologica e culturale, non è solo un'attività mentale autocosciente, che permette di creare legami interni alle frasi e fra le frasi, che aiuta a individuare l'ambiguità del testo, che permette l'utilizzo di quello che Umberto Eco chiama la propria enciclopedia, cioè il proprio patrimonio culturale, ma è anche soluzione di problemi attraverso la formulazione di ipotesi e di falsificazione di ipotesi, e ancora scelta di informazioni secondo criteri prestabiliti e, non da ultimo, impegno svolto con piacere e gioia.

La lettura come unità e sintesi di abilità diverse, unificate da processi di comprensione e di analisi non può essere sviluppata se non strettamente connessa al momento dell'ascolto, di un ascolto che vada in profondità, che sia attivo e vivace, che costituisca la condizione di un dialogo tra lettore e autore, perchè, come dice Benito Jeronimo Feijoo:

"una mente istruita e acuta trova di solito nei libri più di quello che vi è in essi, o, per lo meno, più di quello che l'autore stesso ha inteso o ha voluto dar a intendere: Penetra in profondità questa o quella massima, di cui lo scrittore non aveva visto che la superficie. Migliora argomenti trasferendoli dalla pagina al discorso."

Nell'ottica della **continuità scuola elementare e scuola media** appare molto importante coordinare i curricula in modo che il bisogno di leggere sia costantemente rafforzato con strategie opportune e secondo un criterio di gradualità. Pertanto s'intende realizzare il **PROGETTO-LETTURA** in collaborazione con i docenti delle **SCUOLE ELEMENTARI**, organizzando, anche, alcune esperienze insieme e studiando forme di articolazione continue, tali da garantire verifiche significative e scientificamente impostate.

OBIETTIVO: LEGGERE CON PIACERE

Naturalmente tale obiettivo è stato letto nella sua complessità con particolare attenzione sia alla valenza psicologica che socioculturale, che linguistica.

Nel delineare il Progetto si è, infatti, tenuto conto dei contributi teorici, che in anni recenti hanno portato a definire i vari modelli di lettura, secondo teorie di tipo fonologico, o visivo o a doppio accesso di significato, per poter rafforzare con percorsi convergenti abilità in via di strutturazione.

Si è tenuto conto anche di tutti quei contributi di tipo sociologico rivolti sia ad indagare la realtà familiare in rapida trasformazione sia gli studi prettamente linguistici e testuali.

ARTICOLAZIONE DEL PROGETTO

Il Progetto viene organizzato per segmenti opportunamente pensati per le diverse classi e con momenti che possono e devono costituire un aumento della sollecitazione e delle possibilità che la scuola offre, anche se l'attività di lettura in quanto tale è costantemente curata in tutte le discipline.

FASE N° 1

Alcuni incontri con le prime classi così organizzati:
a partire da febbraio '96

1) I Sabato ore 10/11

lettura di alcune fiabe di I. Calvino

lettore: dott. Franco D'Imporzano

contemporaneamente l'ins. Daniela Rossi disegna (lavagna luminosa)

sez. A, E

2) SEDE: Il Sabato ore 10/11

animazione della lettura

Gli alunni devono individuare le parti estranee inserite nel testo ascoltato il

Sabato precedente (e in questo senso motivato)

si stabilisce un tempo e il gruppo o i singoli vincono hanno un premio (libro)

ore 10/11 sez. A

ore 11/13 sez. E

SUCCURSALE:

si inizia la lettura come il I Sabato con le tre classi in sala lettura

3) SEDE: come il I Sabato

SUCCURSALE: come Sabato II

FASE N°2

Nelle classi seconde (in cui generalmente si attiva il laboratorio di poesia)

si propongono due momenti di ascolto e si organizza un premio poesia:

una mattinata in cui ascoltando musica si produce poesia su temi liberi

gli alunni delle diverse classi si iscrivono al premio poesia e compongono testi

Tutti gli alunni saranno premiati in modo simbolico.

FASE N° 3

Per le classi terze
ascolto di racconti o novelle (Pirandello, Verga, Cechov)

FASE N° 4

INCONTRO CON L'AUTORE

(si potrebbero, forse, incontrare Biamonti e Piumini)

FASE N° 5

BIBLIOTECA COMUNALE

Si organizzeranno varie lezioni in biblioteca comunale con percorsi letterari presentati dagli operatori, con cui si concorderà l'iniziativa.

FASE N° 6

APRIRE LA BIBLIOTECA della scuola AL POMERIGGIO PER GLI ALUNNI

(potrebbero essere presenti sia la bibliotecaria, che l'operatore psicopedagogico, che l'operatore tecnologico, nonché alcuni insegnanti, che potrebbero agire da mediatori tra alunni e libri di generi diversi.)

PREVENTIVO DI SPESA

• LIBRI PER I PREMI	LIRE
• LIBRI PER LA BIBLIOTECA DI SCUOLA	LIRE
• LIBRO OMAGGIO PER I DUE ANIMATORI	LIRE

(Vedere nota allegata)

Anexo n.º 42:

“Projecto «*Informazioni su Teatro e Letteratura*» projecto desenvolvido pelo Provveditorato agli Studi di Padova”



Prot. n. 23887/C12

Padova, 30.07.2000

✍ Cèlia Martins
R.Dr. José de Matos
Lote 5-3° Esq.
8000-485 Faro
Portugal

Oggetto:

INFORMAZIONI SU "TEATRO E LETTERATURA"

In risposta alla Sua richiesta di informazioni, relativa all'insegnamento del "teatro e letteratura", posso indicarle una fonte d'informazione nazionale: la Biblioteca di Documentazione Pedagogica di Firenze, consultabile nel sito <http://bdp.it>.

Esistono nel nostro paese accordi tra il Ministero della Pubblica Istruzione e l'E. T. I. (Ente Teatro Italiano) Dipartimento dello spettacolo per la diffusione del teatro a scuola.

Ogni scuola sviluppa attività teatrali con i ragazzi, i genitori, esperti esterni in completa autonomia, considerando l'educazione teatrale una scelta trasversale alle discipline e alle educazioni.

Non esiste nei nostri programmi di studio la disciplina " Teatro".


Il Provveditore agli Studi
Dr. Edoardo Riccio

DIDATTICA DEL LINGUAGGIO CINEMATOGRAFICO ED AUDIOVISIVO

Istituzioni impegnate

M.P.I. Coordinamento Formazione Insegnanti
Istituto Regionale di Ricerca Educativa del Lazio, in collaborazione con:
Università degli Studi di Roma Tre, dipartimento della Comunicazione Letteraria e dello Spettacolo
GILAS (gruppo per l'insegnamento del linguaggio audiovisivo nella scuola)

Destinatari

Insegnanti ed alunni di scuole di ogni ordine e grado

Descrizione

Il Progetto, che si colloca nell'area della sperimentazione dei linguaggi verbali e non verbali, nasce dall'esigenza di sollecitare l'attenzione dell'istituzione scolastica verso una forma espressiva e comunicativa che rappresenta il prodotto culturale più originale e caratterizzante del xx secolo. Tende a promuovere l'insegnamento e l'apprendimento del linguaggio cinematografico ed audiovisivo, dalla scuola dell'infanzia alla secondaria di II grado, ponendosi come obiettivo formativo un rapporto consapevole con la sfera dell'informazione e della comunicazione audiovisiva che contribuisca ad elevare il livello del gusto estetico delle nuove generazioni, coltivandone le potenzialità immaginative, espressive e creative. Vuole quindi superare la tradizionale utilizzazione dei prodotti audiovisivi esclusivamente come sussidio didattico.

Sono coinvolti circa 1000 docenti su tutto il territorio nazionale, attraverso un sistema integrato di formazione in servizio (60 ore) e di sperimentazione didattica in classe (12 ore).

Contatti

Michela Costantino
I.R.R.E. Lazio
Tel. 06/809671 - 06/80967216
e-mail michela_costantino@irrsae.lazio.it
Irene Gatti
Coordinamento Formazione Insegnanti
Tel.06/58496010
e-mail: cfirfi@istruzione.it

Come contattarci

Settore:

Amministrazione

Biblioteca

Documentazione

Centro Elaborazione Dati

Agenzia Nazionale Socrates

Elena Cima	055 2380372		SALA CATALOGHI
Maria Cristina Dottorini	055 2380364/39 1	dotto@bdp.it	LETTERATURA GIOVANILE
Rita Ercole	055 2380374	ercole@bdp.it	servizio REFERENCE, PRESTITO
Edoardo Grossi	055 2380322	grossi@bdp.it	STORIA DELLA SCUOLA
Sonia La Duca	055 2380372		SALA CATALOGHI
Raffaele Mazzella	055 2380412	mazzella@bdp.it	BANCHE DATI
Vally Papucci	055 2380408	vally@bdp.it	RIVISTA ON LINE - SOFTWARE DIDATTICO
Giuseppe Ricci	055 2380364/39 1		SCHEDATURA CENTR. INVENTARIO
Annita Russo	055 2380390	annita@bdp.it	STORIA DELLA SCUOLA
Leonardant onio Russo	055 2380367	russo@bdp.it	COORD. EMEROTECA
Marisa Trigari	055 2380365	trigari@bdp.it	COORD. progetto BIBL, THESAURUS TEE, IRIDE

Venti testi fondamentali sull'insegnamento della Letteratura Italiana<O:P</O:P
<O:P</O:P

Lingua, sistemi letterari, comunicazione sociale, Padova, CLEUP, 1977<O:P</O:P
<O:P</O:P

Inchiesta sulla storia letteraria, a cura di Carlo Ossola e Mario Ricciardi, Torino, Stampatori, 1978<O:P</O:P
<O:P</O:P

L'insegnamento della letteratura, a cura di Giovanni Pirodda, Torino, Paravia, 1978<O:P</O:P
<O:P</O:P

Insegnare la letteratura, a cura di Cesare Acutis, Parma, Pratiche, 1979<O:P</O:P
<O:P</O:P

Teorie e realtà della storiografia letteraria, a cura di Giuseppe Petronio, Bari, Laterza, 1981<O:P</O:P
<O:P</O:P

Asor Rosa, Alberto, *Letteratura, testo, società*, in Letteratura italiana, vol. I: Il letterato e le istituzioni, Torino, Einaudi, 1982, pp. 5-29<O:P</O:P
<O:P</O:P

Letteratura: percorsi possibili, a cura di Franca Mariani, Ravenna, Longo, 1983<O:P</O:P
<O:P</O:P

Mordenti, Raul, *La letteratura come materia d'insegnamento: fra aggiornamento e riforma*, in Letteratura italiana, vol. II: Produzione e consumo, Torino, Einaudi, 1983, pp. 999-1013<O:P</O:P
<O:P</O:P

Educazione letteraria, a cura di Adriano Colombo e Carla Sommadossi, Milano, Edizioni Scolastiche Bruno Mondadori, 1985<O:P</O:P
<O:P</O:P

Insegnare letteratura nella scuola dell'obbligo, a cura di Edoardo Lugarini, Firenze, La Nuova Italia, 1985<O:P</O:P
<O:P</O:P

Fare e sapere letterario: il teatro della didattica. Atti del Convegno di Studi di Villa Falconieri, Frascati 23-25 maggio 1984, a cura di Clorinda Bartoccioni, Marina Camboni, Silvestra Del Lungo Luzzi, Armando Gnisci, Goldoni Annalisa, Raul Mordenti, Roma, Carucci, 1986<O:P</O:P
<O:P</O:P

Insegnare letteratura nella scuola superiore, a cura di Lorenzo Coveri, Firenze, La Nuova Italia, 1986<O:P</O:P
<O:P</O:P

Armellini, Guido, *Come e perché insegnare letteratura*, Bologna, Zanichelli, 1987<O:P</O:P
<O:P</O:P

Letteratura e aree disciplinari nella scuola dell'adolescente. Atti del Convegno "La letteratura nel Curricolo: formazione di base e formazione specifica", Villa Falconieri, 24-26 settembre 1986, a cura di Giuliana Bertoni Del Guercio, I Quaderni di Villa Falconieri n. 11, Frascati (Roma), CEDE, 1987<O:P</O:P
<O:P</O:P

La letteratura per unità didattiche. Proposte e metodi per l'educazione letteraria, a cura di Adriano Colombo, Firenze, La Nuova Italia, 1996<O:P</O:P
<O:P</O:P

Luperini, Romano, Il professore come intellettuale. La riforma della scuola e l'insegnamento della letteratura, Milano, EdC Lupetti, 1998

<O:P</O:P

Ceserani, Remo, Guida allo studio della letteratura, Bari, Laterza, 1999

<O:P</O:P

Anexo n.º 43:

*“Projecto «Acordo estabelecido
entre a DREALG e a ACTA »
desenvolvido pela DREALG”*

DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO ALGARVE ACTA - A COMPANHIA DE TEATRO DO ALGARVE

A ACTA tem por objectivo, nomeadamente, o fomento e organização de práticas culturais e apresentação de espectáculos no domínio do Teatro na Região do Algarve.

A DREAlg reconhece o Teatro como forma de expressão artística e cultural, dignificante e emancipadora do Homem, e releva a Escola como lugar privilegiado da concomitância da aprendizagem do saber específico com outros saberes, designadamente de ordem cultural.

Dai o seguinte Acordo de Desenvolvimento Cultural e Educativo entre a Direcção Regional de Educação do Algarve, adiante designada por DREAlg, representada pelo seu Director Dr. António Pina e a ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve, doravante designada por ACTA, cuja Direcção neste acto é representada pelo Dr. José Luis Leite da Silva Louro e pelo Engº Noé Santos Amorim, respectivamente na qualidade de seus Presidente e Vice-Presidente:

Ponto 1- Constitui objecto do presente acordo o desenvolvimento de um processo de colaboração entre as partes com vista à execução de um conjunto de acções na área do Teatro junto das comunidades educativas da Região do Algarve.

Ponto 2- Sem prejuízo de eventual revisão, por iniciativa de uma das partes, o período de vigência deste acordo decorre desde a data da sua assinatura e o seu termo é sem fim à vista, porque o seu processo de desenvolvimento tem por base iniciativas propostas e aceites por ambas as partes, tendo em conta os recursos e prioridades de cada um dos signatários.

Ponto 3- Compete à ACTA realizar nas Escolas do Ensino Básico e Secundário acções de formação pedagógica na área do Teatro e da Poesia, sempre em referência aos programas de ensino e orientações curriculares.

Ponto 4- Compete à ACTA fornecer aos docentes, anteriormente à realização das acções, a informação e os instrumentos pedagógicos adequados para que os elementos da comunidade educativa se situem no contexto das acções que lhes são dirigidas.

Ponto 5 – Compete ainda à ACTA a elaboração de um relatório, no final de cada actividade.

Ponto 6- Compete à DREAlg disponibilizar os apoios necessários a cada uma das iniciativas, de acordo com o estipulado no Ponto 2.

Faro, ____/____/____

O Director Regional de Educação do Algarve

A Direcção da ACTA

Anexo n.º 44:
“Projecto «*Collège au Théâtre*»
desenvolvidos pelo *Académie Poitiers*”

INSPECTION ACADEMIQUE DU DEPARTEMENT DE LA VIENNE
Action Culturelle

Collège au Théâtre

◆ **Descriptif de l'action :**

Collège au Théâtre a été proposé dans la perspective d'une école du spectateur. Partant d'un constat fait sur le District de Poitiers, à savoir qu'il n'y avait pas de programmation théâtrale suffisamment adaptée à l'âge des collégiens, la Mairie de Poitiers a eu l'idée d'initier cette action, en partenariat avec le Théâtre du Trèfle et l'Inspection Académique de la Vienne.

Le Théâtre du Trèfle propose aux classes des collèges de la 6^{ème} à la 3^{ème} une programmation présentée à la Maison des Trois-Quartiers, à Poitiers.

Chaque séance est préparée par la venue de Marie-Claude Morland, metteur en scène du Théâtre du Trèfle dans les établissements, puis par les enseignants auprès de leurs élèves. Après la représentation à la M3Q, les élèves rencontrent les comédiens qui les invitent à travailler en ateliers.

Chaque classe s'engage à respecter la charte du spectateur.

Les enseignants peuvent poursuivre, à leur gré, le travail sur les textes, l'écriture, la mise en voix et /ou en espace, en fonction de leurs élèves.

Les collèves participant à l'opération peuvent présenter le fruit de leurs travaux au cours des Rencontres théâtrales départementales organisées par l'Association ARGOSS.

◆ **Public :**

Toutes les classes des collèges de la Ville de Poitiers et du District, ainsi que quelques collèges de la Vienne qui ont participé aux Rencontres ARGOSS.

◆ **Les programmations :**

En 97-98, le Théâtre du Trèfle avait proposé à titre d'essai « les Trois Molière » par l'Attrape Théâtre ; ce spectacle avait remporté un vif succès auprès des classes qui avaient participé.

Cette année 98-99, trois spectacles ont été proposés :

- « L'Enfant debout » d'après Andrée Chedid par le Théâtre des Chimères
- « Nez à nez » par la Cie du Voyageur Debout
- « Mousson » par la Cie du Cul au Loup
-

Pour l'année scolaire 99-2000, trois spectacles sont prévus :

- « Deux fois rien » par la Cie Spirli/ Deschamps
- « Le Pont de pierres et la peau d'images » par la Cie Logomotive Théâtre
- « L'Illusion comique de Corneille » par la Cie l'Attrape Théâtre.

Les organisateurs :

L'Inspection Académique de la Vienne
Le Théâtre du Trèfle

♦ Les partenaires :

La mairie de Poitiers
Le Conseil Général
La DRAC

L'Education Nationale :- la Mission Académique à l'Action Culturelle du Rectorat
- les établissements sur leur budget et avec la participation des élèves)

♦ Coût financier :

Le coût pour une représentation par séance et par élève s'élève à 30F.

Dans l'ensemble, ce sont les familles qui participent financièrement au coût des places ;
cependant certains collèges participent sur leur budget propre à leur financement.

♦ Etablissements participants : soit 574 élèves.

- Collège Jules Verne de Buxerolles
- Collège Saint-Exupéry à Jaunay-Clan
- Collège J. du Bellay à Loudun
- Collège du Jardin des Plantes
- Collège François Rabelais à Poitiers
- Collège Camille Guérin à Poitiers
- Collège Jean Moulin à Poitiers
- Collège Camille Guérin à Vouneuil sur Vienne
- Collège de La Providence à Poitiers

♦ Enseignants qui ont participé à l'opération en 98-99 :

- M ; Vincent Vidal au collège de Buxerolles
- Mme Gourdet au collège de Jaunay-Clan
- Mme Van Brussel au collège de Loudun
- Mme Arrouy au collège du Jardin des Plantes
- Mme Fabre
- Mme Hilbert
- Mme Péteul
- Mme Rahoul
- Mme Bonneau au collège Rabelais à Poitiers
- Mme Chaput
- Mme Lecoq
- Mme Préclin
- Mme Auxéméry
- Mme Bertault au collège Camille Guérin
- Mme Mazaudier

CHARTRE DU JEUNE SPECTATEUR

Amour	<i>même si vous vivez une belle love story, pour les bisous attendez la sortie... ou choisissez le cinéma !</i>
Bonbons	<i>donc bruit : en cas d'hypoglycémie aiguë, prévoir des bonbons déjà épluchés dans les poches.</i>
Comédiens	<i>êtres humains faits de 10 % de chair et d'os et de 90 % de sensibilité. A traiter avec égards.</i>
Discrétion	<i>elle s'impose dans tous les lieux publics. Le théâtre en est un.</i>
Ennui	<i>peut naître dans tous les lieux publics. Le garder pour soi.</i>
Fous rires	<i>très bienvenus sur les répliques hilarantes d'une comédie. Pas très appréciés dans tous les cas.</i>
Histoire	<i>toute pièce en raconte une et toute distraction peut en faire perdre le fil.</i>
Inexactitude	<i>au théâtre, les spectacles commencent à l'heure, pas de quart d'heure poitevin.</i>
Jugement	<i>mieux vaut attendre la fin du spectacle pour juger de sa qualité.</i>
Lavabos	<i>toilettes et lavabos sont à votre disposition au fond du couloir à droite.. A prévoir avant ou après la représentation.</i>
Mouvements	<i>hélas limités dans un siège de théâtre. Penser à se dégourdir les jambes un quart d'heure avant le spectacle.</i>
Nus	<i>certaines scènes de spectacle sont parfois déshabillées. Mais pas plus qu'à la télé ou au cinéma, donc inutile de hurler.</i>
Obligation	<i>venir au spectacle ne doit pas en être une, mais un choix librement consenti.</i>
Place	<i>à savoir : plus vous vous placez loin du plateau, moins vous « entrerez » dans le spectacle ; donc moins de plaisir.</i>
Plaisir	<i>devrait précéder, accompagner et suivre logiquement toute représentation de théâtre. .</i>
Questions	<i>n'hésitez pas à les poser au professeur, avant le spectacle ou aux comédiens à la sortie.</i>
Respect	<i>respect du public + respect des comédiens = représentation parfaite.</i>
Sifflements	<i>idéal pour l'ambiance sur un terrain de foot. Au théâtre, préférer les applaudissements.</i>
Télévision	<i>boîte fermée contenant des spectacles à commenter en direct.</i>
Théâtre	<i>boîte ouverte contenant des spectacles vivants à déguster en silence.</i>
Urgence	<i>en cas d'urgence, sortir aussi discrètement que possible.</i>
Voisin(e)	<i>aussi sympathique soit-il(elle), attendre l'entracte pour lui faire une déclaration.</i>
Walkman	<i>sympa pour les balades, pas indispensable dans un théâtre.</i>
Yeux	<i>à ouvrir tout grands : décors, costumes, accessoires, tout compte et rien n'est laissé au hasard.</i>

Anexo n.º 45:

“Projecto «*La costruzione di ambienti comunicativi e l’uso della drammatizzazione*» desenvolvido pelo Provveditorato agli Studi di Agrigento”

Emozioni in gioco

**La costruzione di ambienti scolastici comunicativi e l'uso della
drammatizzazione (Prof. Maria Giovanna Cassaro)**

La richiesta della presente relazione nasce da esperienze che conduco ormai da anni come Coordinatrice del Progetto Dispersione scolastica per conto del Ministero P.I. nelle aree di Agrigento e Porto Empedocle. Il mio impegno di ricerca si è particolarmente incentrato sulla costruzione di ambienti scolastici interattivi e sul ruolo del Teatro come elemento generatore della comunicazione.

L'esperienza del maggio '97 sulla messinscena del "Gatto con gli stivali" spettacolo itinerante, nei luoghi magici della Scuola Media Anna Frank è certamente la più interessante nel percorso di studio da me seguito.

La Messinscena è stata il frutto di un complesso corso di formazione promosso dall'Assessorato alla P.I del Comune di Agrigento, guidato da un sensibile Assessore avv. S. Iacolino in collaborazione con l'Osservatorio per la Dispersione scolastica.

Il Corso di formazione suddiviso in 4 stage operativi interagenti è stato condotto da Franco Passatore che probabilmente tutti conoscono ma che comunque vorrei qui ricordare con una punta di orgoglio per l'esperienza che con lui ho condiviso, come padre dell'animazione teatrale, le cui pubblicazioni sono i testi di base per approfondire tali tematiche.

Io non parlerò qui specificamente dell' esperienza che Franco descriverà in altre pagine di questo volume ma piuttosto dalle ragioni profonde di tale scelta. Nella stessa pubblicazione troverete alcune immagini del "Gatto con gli stivali" che testimoniano l'uso dello spazio-scuola come "spazio-altro".

Il teatro è festa, momento rituale, spazio-tempo differente dall'attività scolastica quotidiana, con il teatro si possono fare ... "altre cose".

E' un momento creativo di celebrazione del proprio essere comunità. Ogni individuo possiede uno spazio personale che è dato dalla zona che immediatamente lo circonda e che funziona come proiezione dell'io, tale spazio insieme agli innumerevoli altri costituisce il territorio collettivo che può essere formale o informale ovvero professionale o sociale.

Il territorio collettivo ha una sua rappresentazione topologica

caratterizzata dalla definizione di luoghi fisici precisi quali la casa, l'ufficio, il quartiere, la città, la scuola. In tali spazi si manifesta la collettività.

L'atrio, la palestra, la mensa di una scuola sono territori collettivi, da vivere e condividere, in cui si esplicano tutti gli aspetti della comunicazione, quella verbale e quella non verbale, quella dell'empatia e quella dell'antipatia. Sono luoghi di passaggio da umanizzare, dinamizzare, affinché possano trasformarsi in luoghi di permanenza di fruizione temporale, intendendo con questo la molteplicità di cammini percorribili.

Chiediamoci come sia possibile farlo, come sia possibile operare affinché valga davvero la pena di attraversare l'ingresso della scuola e sostarvi, trovandovi sollecitazioni all'incontro, alla riflessione, all'agire: una colonna, una scultura, un messaggio, una mostra, un colore, un'atmosfera magari sempre variata, nuova, sorprendente.

Cosa fa di un atrio, di un corridoio, un luogo asettico, neutro, o addirittura respingente ovvero uno straordinario luogo di incontri imprevisti?

Perché non mettere a parte della collettività un'idea, un lavoro, una ricerca, una sollecitazione, un dipinto, un collage realizzato da una classe, da un gruppo di alunni o da un docente che ha delle cose da dire? perché non condividere una conquista culturale, una produzione mono o inter-disciplinare con altre classi, con altri gruppi, con altre menti? è la scuola forse lo spazio dove si consultano e si studiano solo libri di testo prodotti da altri ovvero il luogo della crescita, del confronto, delle sollecitazioni? E' possibile trasformare spazi irrigiditi e mortificati da funzioni di servizio in luoghi della magia teatrale ove si affacciano personaggi, sagome, ombre che sbalzate dai libri e comunque da un'immaginazione fertile hanno finalmente preso corpo bisbigliandoci, suggerendoci, urlandoci, pensieri, parole, canzoni, stati d'animo?

Troppo spesso le Scuole sembrano scuole e il desiderio di uscirne è più forte di quello di entrarvi e la comunità è piuttosto nemica che amica, un muro da valicare piuttosto che un campo da arare. Eppure la necessità di personalizzare i luoghi, di renderli riconoscibili, di creare punti di riferimento ha radici lontane, è talmente radicata nel profondo dell'io da indurre eminenti studiosi a fare ricerche che diverranno poi fondanti per l'architettura.

In un saggio particolarmente interessante del 1948 "Il mondo magico", Ernesto De Martino, riferisce degli aborigeni australiani i cui miti di

creazione ci raccontano del "palo cerimoniale" che, piantato al centro di uno spazio, aveva la funzione di riscattare dall'angoscia territoriale un'umanità peregrinante.

Piantare il palo cerimoniale in ogni luogo di soggiorno e celebrare il rito propiziatorio significava dare continuità al centro del mondo e rinnovare attraverso il rito l'atto di fondazione compiuto in un tempo eterno cioè fuori dal tempo.

Con ciò il luogo nuovo veniva sottratto alla sua angosciante realtà, alla sua rischiosa caoticità e insicurezza e diventava una copia dello stesso luogo assoluto, il centro nel quale una volta, che è la volta per eccellenza, il mondo stesso venne fondato.

Gli aborigeni grazie a quel loro palo camminavano mantenendosi sempre al centro.

Ma ascoltiamo Rousseau:

"Piantate un palo adorno di fiori
in mezzo ad una piazza, riunite attorno
il popolo e avrete una festa.
Ancor meglio, offrite gli spettatori
come spettacolo, fateli attori essi stessi.
Fate che ciascuno veda e si ami negli
altri, affinché, tutti siano più uniti.

Pali, colonne sono punti di riferimento perché il popolo si riconosca come "comunità", sono elementi verticali, di sostegno, simboli di collegamento con dimensioni altre. Elementi di un rito che rappresenta un atto di fondazione e rifondazione e ricostruisce l'essere fuori dal tempo, il tempo eterno nel tempo nostro, l'esserci.

Lo spazio non è dunque un'entità astratta, vuota che può essere soltanto in un rapporto di tipo matematico, geometrico con l'uomo che lo misura, lo divide, lo ripartisce secondo le proprie necessità di spostamento, esso ha un suo significato, e l'uomo utilizza qualcosa, un palo ad esempio, una colonna perché gli dia significato, valore, senso. Heidegger, Jaspers sviluppano l'idea dell'"esserci nel mondo, dell'essere presente". Ma come si può esser presenti senza rappresentarsi e presentarsi.

L'uomo è consapevole che la sua presenza è continuamente minacciata e dunque il rito, il canto, il suono, la parola, il verbo, l'oggetto, l'esserci insomma creano il mondo dandogli un senso.

La Scuola con il Teatro scopre spazi che non sa di avere. "Nel gatto con gli stivali" di Passatore, l'atrio diviene reggia, la casa del custode mulino, la scarpatella il luogo della caccia, le aiuole sono campi e i

campi del calcetto la casa dell'orco. Il muro di cemento armato si trasforma in un fichidindieto.

Cadono le pareti delle aule, nascono laboratori, luoghi dove si dipingono le stoffe, si spruzzano i colori, si tagliano i cartoni, si cuce, si inventano costumi e scenografie. Suona l'araldo sul tetto piuttosto che la campanella. Non ci sono discipline, né argini temporali, piuttosto cose da fare, da imparare, da sperimentare.

Il docente, lasciati cattedre e banchi smette la sua aria da "uomo saputo" e, incerto e impacciato, cerca nuovi modi comunicativi, nuove espressioni e sonorità.

Il tempo del divertimento è anche il tempo della disciplina.

Franco Passatore organizza rigidamente il tempo delle prove: tempo per il corpo, per la voce, per la musica, per la fiaba, per socializzare, per superare paure e limiti...

Gli spettatori-attori-allievi-insegnanti-genitori abitano spazi nuovi, comunicano, si relazionano, superano il territorio personale creando il collettivo, la comunità.

Scuola come teatro della contemporaneità, così come l'interno della cattedrale, la piazza del mercato cittadino, una spianata ai margini del villaggio hanno costituito i soli e autentici Teatri del Medioevo.

Non rigidi modelli architettonici, ma capacità di modulare plasticamente talune possibilità spaziali, offerte da morfologie artificiali o naturali, concepite per ospitare finzioni rappresentative. Ipotizziamo, questo processo a scuola, individuiamo un originalissimo, ancorché architettonicamente fantasmatico tipo di teatro; quello dei luoghi deputati, dove la compresenza di tutte le stazioni scenografiche (reggia, casa del mulino ecc.) percorse da una vicenda drammatica, quella del "Gatto", induce gli spettatori-attori allievi-docenti ecc... a partecipare allo svolgersi della rappresentazione "immergendosi (con la fruizione visiva "in contemporanea" delle diverse "stazioni" o con lo spostamento fisico tra di esse) nell'articolata totalità del mondo. Lo spazio-scuola diviene lo spazio simbolico del teatro, spazio orizzontale dove si parla, si dialoga, si comunica, dove il pensiero è concreto, corporeo, operativo e non logico- discorsivo come sui banchi di scuola. Il pensiero non-verbale non battaglia con il verbale, ma si manifesta come spaziale, cinestetico, musicale-ritmico, autosservante, relazionale, interpersonale.

Ecco l'intelligenza multipla di Gardner, e l'intelligenza emotiva di Goleman.

Lo spettatore-attore-allievo-docente-genitore conosce le proprie

emozioni, le controlla, riconosce le altrui, gestisce le relazioni, avverte la sua esistenza ed è motivato all'esserci.

Il teatro con un lavoro metodico, integrato sulla concentrazione, l'attenzione, la consapevolezza, lo stato di coscienza, l'immaginazione e la creatività, tende a far emergere una nuova mente orientata alla integrazione e alla autorealizzazione.

Lo spazio teatro-scuola diviene lo spazio-gioco del bambino, quello in cui si rischia l'ignoto e si esce deliberatamente dalla funzione rassicurante delle ciclicità dei ritmi fisiologici ed emozionali che caratterizzano i primi anni di vita, e per analogia quello in cui si esce dalla rassicurante e talvolta mortificante aula e ci si confronta con gli altri, con le altre classi, con il resto del mondo.

L'equilibrio tra esperire ed esprimere diviene il dato significativo del lavoro su di sé che lo spazio teatrale può fornire.

Il lavoro teatrale, apre la dimensione simbolica come riconoscimento del valore della nostra esistenza nei nostri gesti e rapporti con gli altri e con le cose.

Può essere il primo passo per conferire alle nostre azioni un significato che trascende quello meramente materiale e banalmente utilitaristico.

"Piantate pali" negli spazi comuni, trasformateli da luoghi di passaggio a luoghi d'incontro, luoghi in cui nasce la Comunità; non etnica, linguistica, familiare, religiosa ma "comunità degli amanti, dell'amicizia o Sangha" (comunità di coloro che, all'interno della cultura buddhista, aspirano allo stato di Buddha, o per estensione, allo stato di "perfezione").

Michael Leonard definisce la conquista di un ambiente umanizzato.

"Ampliando l'orizzonte delle proprie esperienze, l'uomo passa dalla sfera personale, a quelle della danza, della casa, della volta celeste. Presa coscienza dello spazio, lo limita centripetandolo, ma poi lo articola e lo dinamizza. Insofferente di venir rinchiuso entro scatole cubiche, dilata le cavità oppure le comprime. L'uomo impara a sperimentare lo spazio attraverso il movimento, che può essere complesso in un ambito unitario, monosegnico, oppure semplice in un organismo complesso, polisegnico. Scopre che le qualità di uno stesso ambiente si alterano se diversi centri convergono in un nucleo, se le tensioni sono centrifughe, se i fulcri d'attrazione sono multipli, o se il fuoco visuale è spostato rispetto al baricentro geometrico.

Infine comprende che le sequenze spaziali sfruttano i contrasti di forme, i mutamenti improvvisi delle ampiezze entro le quali si svolge il percorso, le dilatazioni lente, e le libere configurazioni plastiche.

E allora coloro che partecipano al mutamento di un ambiente
condivideranno un progetto di cambiamento, perseguiranno un'utopia
di comunicazione totale, trasformativa.

Franco Passatore, Io ero l'albero, tu il cavallo, Guaraldi
Franco Passatore, Animazione dopo, Guaraldi
Pio E. Ricci Bitti, Bruna Zani - La comunicazione come processo
sociale - Il Mulino
Bruno Zevi - Saper vedere l'architettura - Einaudi tascabili
Informazione in psicologia, psicoterapia, psichiatria n° 27
Franco Bonsante - Terapia, teatro e spazio simbolico
Bruce Chetwin, Vie dei canti
Ernesto De Martino, Il mondo magico

PER ULTERIORI INFORMAZIONI CONTATTARE

PROF.SSA MARIA GIOVANNA CASSARO

C/O 2° CIRCOLO DIDATTICO

VIA ALDO ROAO, 1 - 92014 PORTO EMPEDOCLE
(AGRIGENTO)

TEL. 0922 633162

FAX 0922 634787

Anexo n.º 46:

“Projectos de *ateliers* de teatro ligados à
leitura desenvolvidos pelo *Provveditorato*
agli Studi di Agrigento”

Istituto Tecnico Commerciale Statale
" M. Foderà "

Agrigento

Oggetto. Invio materiale relativo alle attività di laboratorio teatrale realizzate dall'istituto.

Il nostro istituto ha iniziato le attività di laboratorio teatrale nell'anno scolastico 1992/93.

Sono stati portati a termine sette laboratori teatrali a cui hanno partecipato più di trecento ragazze/i. Legati alle attività di laboratorio teatrale ci sono i progetti lettura attraverso i quali ci proponiamo di avviare i ragazzi/e al " piacere di leggere " il libro che hanno scelto in libreria e che hanno deciso di acquistare o far acquistare alla Scuola. I progetti lettura si avvalgono soprattutto della " biblioteca di classe " e della " lettura a voce alta ".

La coordinatrice delle attività

Prof. Angela Rocco



Per ulteriori chiarimenti potete contattarmi al seguente indirizzo:

Angela Rocco

Via G. Pona, n° 51 - 90100 AGRIGENTO

Tel: 0922 - 602077

e.mail: lia.r@libero.it

8 marzo 1993

La compagnia teatrale «Quarta effe»

presenta:

QUANTO COSTA IL FERRO?

di *Bertold Brecht*

Personaggi	Interpreti
Swendson	Agata Caruso
Il cliente	Lia Tinaglia
Il venditore di tabacchi	Cinzia Agrò
La venditrice di scarpe	Sabrina Principato
Le signore	Angela Agrò Cinzia Cuffaro Giovanna Danile
Il coro	Mariapia Braccieri Alfonsina Casà Alessandra Damiata Cinzia Festa Carmen Ingrao Maria G. Moscato Maria Rita Palazzotto Giusy Taiella

Scene: Margherita Sciortino, Maria Catuara, Rosetta Sacco

Costumi: Liliana Tarallo, Maria Josè Licata Tissi,
Giusy Casula

Trucco: Lisa Bennardo, Liliana Di Carlo

Direttore di scena: Barbara Spirio

Assistente alla regia: Silvia Matina

Collaborazione tecnica: Giovanni Moribondo,
Massimo Stuto, Fabio Ambrogio

Regia: Lia Rocco

La S. V. è invitata a partecipare.

IL PRESIDE
Carmelo Vetro

Teatro come esperienza formativa e didattica.

Teatro come laboratorio, come lavoro in comune per conoscersi e conoscere.

Il testo di Brecht è diventato lo strumento ideale.

Volevamo dire no alla violenza; dire no alla guerra; sottolineare che l'indifferenza è pericolosa perchè distrugge la solidarietà e attenta alla dignità dell'uomo.

Occorreva una « parola » speciale per dire queste cose. L'abbiamo trovata nella « parola teatrale ».

Una « parola » che è nata per divertire ma anche per denunciare, per far discutere, per far riflettere.

Per farci guardare come in uno specchio.

Dice Brecht: « Il teatro deve assolutamente restare una cosa superflua, il che significa beninteso che per il superfluo allora si vive. Meno di qualsiasi altra cosa i divertimenti abbisognano di giustificazioni ».

Noi ci siamo divertiti.

Quarta Effe

Lunedì 29 Gennaio 1996 - ore 17,30

Aula Magna I.T.C. «M. Foderà»

LA COMPAGNIA TEATRALE

”Quarta Effe”

presenta

«*Silenzio... silenzio*»

Libero adattamento da:

«*Il Rosario*» di F. De Roberto

«*La casa di Bernarda Alba*» di F. G. Lorca

«*Questa sera si recita a soggetto*» di L. Pirandello

PERSONAGGI INTERPRETI

Le fanciulle: Anna Contrino
 Marilinda Lutti
 Rosangela Palermo

Le sorelle: Sandra Fiorica
 Rossana Iacono
 Daniela Messina

La comare: Maria Luisa Cibella

La madre: Mirella Puma

Assistente alla regia: Cristina Genova

Luci: Liotta Service

Fonico: Salvatore Indelicato

Collaboraz. tecnica: Francesco Caramanno
 Valentina Cerchia
 Antonio Cusumano
 Filippo Di Benedetto
 Giovanni Gentile
 Emilio Tuttolomondo

REGIA

LIA ROCCO

Piccoli mondi abitati da sole donne.

Prigioni senza sbarre né catene visibili ma da cui non si può uscire perché avvolte in convenzioni sociali: l'onore, la roba, il silenzio che diventa omertà, l'ubbidienza cieca e sorda a qualsiasi solidarietà al femminile.

Convenzioni sociali che immobilizzano più di cento catene.

Chi si ribella deve essere «dimenticata», deve essere «morta» nella coscienza collettiva altrimenti, per le altre, si aprono baratri, abissi di solitudine e di paura.

E nessuna è felice: non le madri tiranne, non le figlie vittime né quelle ribelli.

La "Quarta Effe"

Giovedì 29

██████████ Maggio 1997 - ore 10,00

Aula Magna I.T.C. «Foderà»

LA COMPAGNIA TEATRALE

”Quarta Effe”

presenta

«Arbolé, arbolé...»

«Ciula scopre la luna... arbolé»

Laboratorio sulle immagini di luna di
Lorca, Pirandello, Leopardi e Dalla

PERSONAGGI INTERPRETI

Le fanciulle: Sonia Aguglia
Anna Domina
Stefania La Porta
Laura Lombardo
Dienca Marino
Maria Mongiovi
Astrid Nicolosi
Paola Palumbo
Nadia Principato

I picconieri: Calogero Amato
Calogero Castronovo
Nicola Collana
Valerio Tornabene

L'emigrante: Giovanni Cumbo

Il sovrastante: Domenico Napoli

Zi Scarda: Michele Piraneo

Ciula: Raimondo Farruggia

Direttrice di scena: Rossella Gaziano

Collaborazioni:

Giovanni Capraro, Giovanni D'Anna, Simona
Di Salvo, Michele Fanara, Carmela La Porta, Davide
Lombardo, Girolamo Mancuso, Fabrizio Manna,
Katia Nobile, Tiziana Portera, Lucio Severino,
Massimo Spoto, Francesca Tarallo, Nadia Vullo,
Giuseppe Zuppardo

Assistenza tecnica: Riccardo Liotta Service

Collaborazione alla regia: Lia Rocco

La scultura della Luna è una creazione di Luca Nobile

REGIA

GIANNI SALVO

*"La luna va alta
sotto corre il vento"*

*«Grande, placida, come in un fresco, luminoso
oceano di silenzio, gli stava di faccia la luna».*

Il primo verso è di Federico Garcia Lorca,
il secondo di Luigi Pirandello.

Federico Garcia Lorca nasce nel Giugno del
1898 e muore, fucilato, nell'Agosto del 1936.

Pirandello nasce nel Giugno del 1871 e muore
nel Dicembre del 1936.

Quante coincidenze!

Hanno saputo uno dell'altro?

Si sono conosciuti e riconosciuti?

La Madre della *"Favola del figlio cambiato"*
e la Madre di *"Nozze di sangue"* sono la stessa
Madre?

Questo personaggio è andato a bussare — per
essere ricevuto e quindi vivere — prima alla porta
di Lorca e poi a quella di Pirandello o viceversa?

Nel laboratorio teatrale attivato quest'anno
— aiutati dalle suggestioni di Giani Sálvo, al quale
non finiremo mai di dire grazie — abbiamo giocato
ad intrecciare i versi di Lorca e di Pirandello.

Abbiamo intessuto un impalpabile telo di
parole, un arazzo di suoni e gesti, una

*«Rete della Luna,
nella quale si impigliano le stelle»*

mentre

*«La Luna sale pel cielo
con il suo ampio velo di luce».*

Mentre giocavamo con Lorca e Pirandello
sono venute a trovarci le immagini di luna
di Giacomo Leopardi e Lucio Dalla, potevano
cacciarle via?

Lia Rocco

Mercoledì 27 Maggio 1998

La Compagnia Teatrale "Quarta Effe"

in

**Quanto costa il ferro
al grande dittatore?**

da Bertold Brecht e Charlie Chaplin

PERSONAGGI

Svendson
Il cliente
Il venditore di tabacchi
La venditrice di scarpe
Le signore

La povera vecchietta
Il cantastorie pagliaccio
Gli abitanti delle macerie

INTERPRETI

Raimondo Farruggia
Francesco Strazzeri
Salvatore Zambuto
Astrid Nicolosi
Maria Rita Baldacchino
Antonella Mongiovi
Giovanna Natalello
Antonella Principato
Linda Graci
Andrea Amato
Ferdinando Cavallaro
Maria Rosa Castellana
Raimondo Clemente
Maria Licata
Mariolina Lo Giudice
Mariastella Micciché
Letizia Nobile
Carmelina Noto

Direttrice di scena:

Elina Manno e Giuseppina Sicilia

Tecnico del suono ed effetti speciali:

Alberto Picone

Costumi::

Cinzia Casula

Trucco:

Daniela Baldi e Ireana Crisostimo

Assistenza tecnica e luci:

Liotta Service

Regia:

Lia Rocco

Il Teatro, tra le sue infinite possibilità, ci offre quella di poter accostare due autori come Bertold Brecht e Charlie Chaplin.

Brecht nel 1939, esule dalla sua patria, la Germania nazista, scrive un breve atto unico "Quanto costa il ferro", in cui racconta, sotto forma di allegoria, l'ascesa di Hitler al potere nell'indifferenza di uomini, donne e Stati.

Alla fine della seconda guerra mondiale Chaplin racconta in un film, di cui è interprete e regista, la storia del Grande dittatore; anche questa allegoria dell'ascesa di Hitler al potere.

Sia Brecht che Chaplin utilizzano l'ironia; uno dei linguaggi più squisitamente democratici in quanto laico, smitizzatore e irriducibilmente tirannicida.

Con l'ironia oppongono l'intelligenza e il sarcasmo alla violenza e alla barbarie della più cupa tragedia della Storia.

Nel laboratorio teatrale della "Quarta Effe" abbiamo incontrato i due autori, mischiato i due linguaggi, quello teatrale e quello cinematografico, fuso le due storie per dare parole, gesti, immagini, suoni ad una nostra certezza: l'indifferenza è subdola perché, sotto l'apparenza della normalità, nega la pari dignità agli uomini ed alle donne e svuota di significati la Solidarietà.

Abbiamo giocato con la fantasia, l'ironia, il grottesco nella ricerca della leggerezza come reazione al peso di vivere in una società che molti credono vitale perché rumorosa, aggressiva, scalpitante e rombante.

Lia Rocco

LA COMPAGNIA TEATRALE

«Quarta Effe»

presenta:

***”Tante le parole dette
tante le parole taciute”***

Libero adattamento da «Il cerchio di gesso del Caucaso»

di BERTOLT BRECHT

Personaggi	Interpreti
La profetessa	Maria Rita Zicari
Il cantore	Rosalba Amato Stefania Bordonaro Manuela Macaluso Laura Tedesco Daniela Trupia
Il principe D'Oro	Vincenzo Ravanà
Natella	Samuela Di Bilio
La governante	Giusy Di Giacomo
Il generale dalla Pancia grossa	Maurizio Cipolla
I soldati	Giuseppe Contrino Gianluca Di Marco Francesco Falco Abramo Lucio Severino Giuseppe Navarra
Fiorella	Lucia Padovano
Il venditore di latte	Cinzia Agrò
Una contadina	Giusy Amato
Il giudice Testa pelata	Fabio Scopelliti

Costumi: Pina Farrauto e Nina Russo

Direttrici di scena: Patrizia Lattuca e Liliana Piscopo

Rammentatore: Gabriele Viccica

Fonico: Salvatore Cardella

Luci: Gianluca Monreale

Oggetti di scena ideati e realizzati da Luca Nobile

Collaborazione tecnica: Antonio Marotta e Alessandro Modicamore

Assistente alla regia: Maria Rita Gaziano

Regia: Lia Rocco

NOTE DI REGIA

Si può creare attorno ad uno spettacolo teatrale un evento di più vasta portata che coinvolge noi giovani portandoci a riflettere ed a misurarci con la nostra sensibilità, creatività, immaginazione?

È questa la scommessa con cui ci siamo misurate anche quest'anno.

Nel laboratorio teatrale della Quarta Effe il testo diventa un pretesto.

Un pretesto per raggiungere obiettivi di più vasto respiro: la capacità di stare ed operare insieme, la consapevolezza dell'importanza dell'impegno personale all'interno di un lavoro di gruppo, lo sviluppo di capacità critiche e di ascolto ed altro ancora.

Tutto questo in una dinamica di apprendimento che non stanca né annoia ma diverte.

Ecco: imparare a fare le cose con amore perché, solo se fatte con amore, diventano tue.

Che strano... siamo arrivate alle ultime battute del testo. Testo con cui Brecht è riuscito a fondere il «teatro di divertimento» con il «teatro di insegnamento».

Buon divertimento!

La Quarta Effe

Teatro Laboratorio
27 aprile, ore 20.45 - 28 aprile, ore 17



COMUNE DI VERONA
ASSESSORATO ALLA CULTURA



29 MARZO - 17 MAGGIO 1996

Con "Teatro d'Oggi" abbiamo voluto proporre, ad integrazione del "Grande Teatro", una rassegna, realizzata con la collaborazione di Arteven, A.I.D.A. e Associazione Alcione, particolarmente attenta alle prospettive offerte dalla drammaturgia contemporanea e alle nuove tendenze teatrali dei gruppi che operano in questo ambito.

E' l'inizio di un percorso che abbiamo intenzione di continuare e sviluppare nel futuro, in modo da allargare il panorama della proposta teatrale e venire incontro alle richieste di un pubblico più variegato e desideroso di conoscere esperienze teatrali diverse.

L'Assessore alla Cultura
Giovanni Luca Darbi

CALENDARIO DEGLI SPETTACOLI

Venerdì 29 marzo - TEATRO NUOVO, ore 20.45
AMLETO

Martedì 23 aprile - TEATRO NUOVO, ore 20.45
LA MUSICA DEI CIECHI

Sabato 27 aprile, ore 20.45 - Domenica 28 aprile, ore 17
TEATRO LABORATORIO

APOSTROFE/ANTIGONE

Lunedì 29 aprile - TEATRO FILIPPINI, ore 20.45
PASSIONE

Giovedì 2 maggio - TEATRO ALCIONE, ore 20.45
FAUST

Venerdì 3 e sabato 4 maggio - TEATRO FILIPPINI, ore 20.45
L'IMBRIAGO

Giovedì 9 maggio - TEATRO NUOVO, ore 20.45
EDIPUS

Lunedì 13 maggio - TEATRO NUOVO, ore 20.45
LE SEDIE

Giovedì 16 e venerdì 17 maggio - TEATRO ALCIONE, ore 20.45
Studio per **L'ALFABETO DELL'OBLIO**

PREZZI

TEATRO NUOVO: posto unico £. 20.000, ridotto £. 10.000
TEATRO LABORATORIO, TEATRO FILIPPINI, TEATRO ALCIONE:
posto unico £. 15.000, ridotto £. 10.000

Gli abbonati alla rassegna "Il Grande Teatro" hanno diritto alla riduzione

INFORMAZIONI

COMUNE DI VERONA - tel. 045/8077202
TEATRO ALCIONE - tel. 045/8400848
TEATRO FILIPPINI - tel. 045/595284
TEATRO LABORATORIO - tel. 045/913261
TEATRO NUOVO - tel. 045/8006100

Teatro Scientifico

APOSTROFE/ANTIGONE

di Ezio Maria Caserta

Regia di Ezio Maria Caserta

con Jana Balkan, Celeste Sartori, Giorgio Speri,
Roberto Vandelli

Lo spettacolo ci richiama alla funzione di un teatro brechtiano inteso come strumento di denuncia e lotta. L'invettiva lanciata con un linguaggio violentemente allusivo, vuol far riflettere sulla mancata militanza contro le ingiustizie del nostro tempo.

Teatro Filippini - 3/4 maggio, ore 20.45

A.I.D.A.

L'IMBRIAGO

di Vittorino Andreoli

Regia di Gianni Franceschini

con Gianni Franceschini

Il testo dello psichiatra Andreoli è un monologo, un'occasione per scorrere certa quotidianità dove il sacro si mescola al profano, l'ironia alla tragedia, la paura alla burla, il privato al politico e al sociale.

Teatro Alcione - 16/17 maggio, ore 20.45

Associazione Alcione

Studio per **L'ALFABETO DELL'OBLIO**

di Walter Tevis

Regia di Paolo Valerio, Roberto Totola, Elena Giusti
con Paolo Valerio, Roberto Totola, Elena Giusti

E' uno studio multimediale che rappresenta un futuro alienato nel quale l'uomo, viene progressivamente sostituito da androidi.

L'unica redenzione possibile per i protagonisti "umani" consisterà nel riprendere a leggere.



ALCIONE

ENTE TEATRALE ITALIANO

Teatro Nuovo - 29 marzo, ore 20.45

Teatridithalia

(Elfo Portaromana Associati)

AMLETO

di William Shakespeare

Regia di Elio De Capitani

con Ferdinando Bruni, Ida Marinelli

e Francesco Acquaroli

La famosa tragedia è rivisitata in uno spettacolo di piglio violentemente espressionista, coniugato secondo lo stile del gruppo che ha dato vita, dopo la frequentazione di Berkoff e Fassbinder, ad un linguaggio originale e immediatamente riconoscibile. Al castello di Elsinor si sostituisce più liberamente un salotto di fine millennio con una torbida vicenda familiare.

Teatro Nuovo - 23 aprile, ore 20.45

Coop. Gli Ipocriti

LA MUSICA DEI CIECHI

di Raffaele Viviani

Regia di Antonio Calenda

con Piera degli Esposti e Nello Mascia

Viene proposto un testo appartenente alla tradizione napoletana, scritto in versi, prosa e musica. Sullo sfondo delle piccole vicende di un'orchestrina di girovaghi, divampa improvviso lo scontro di gelosia immotivata tra un suonatore di contrabbasso cieco e la sua donna, che lo riconurrà alla ragione confessandogli la propria bruttezza e indesiderabilità.

Teatro Filippini - 29 aprile, ore 20.45

Teatro Settimo

PASSIONE

di Gabriele Vacis, Laura Curino

e Roberto Tarasco

Regia di Roberto Tarasco

con Laura Curino

La periferia di una città industriale è lo spunto per parlare di alcuni valori che sono stati spazzati via. Una donna in scena dà vita a vari personaggi femminili, in un percorso che, avviato da una memoria personale di ricordi d'infanzia e giovinezza, diventa occasione per una coinvolgente memoria collettiva.

Teatro Alcione - 2 maggio, ore 20.45

Teatro del Lemming

FAUST

da Goethe

Regia di Massimo Munaro

con Luigi Marangoni, Cristiano Cattin,

Thierry Parmentier e Elena Giusti

Lo spettacolo rispetta l'andamento del mito: il famoso patto con Mefistofele, la storia d'amore con Margherita, la sconfitta finale di un Faust impotente al quale sfugge il grande segreto.

A queste parti corrispondono tre diversi approcci drammaturgici: lo stile naturalistico, il melodramma, il teatro di ricerca.

Teatro Nuovo - 9 maggio, ore 20.45

I Magazzini

EDIPUS

di Giovanni Testori

Regia di Federico Tiezzi

con Sandro Lombardi

Testori ci narra la storia di un attore girogavo abbandonato da tutti che tenta di inscenare da solo, in un teatrino della provincia milanese, una rappresentazione su Edipo coprendo tutti i ruoli. L'opera, scritta in una lingua arcaica che evoca dialettalità padane, è tutta di fantastica invenzione, con tratti di irresistibile comicità.

Teatro Nuovo - 13 maggio, ore 20.45

Compagnia di Teatro "I Fratellini"

LE SEDIE

di Eugene Ionesco

Regia di Egisto Marcucci

con Marcello Bartoli e Dario Cantarelli

E' una notissima commedia del Teatro dell'Assurdo, caratterizzata da un'angoscia e da un gioco di paradossi ancora attuali.

Sono rappresentati i modi di vita dei borghesi, esasperandone le caratteristiche fino al parossismo dato dall'impossibilità di comunicazione tra le persone.

All'interno di un faro abbandonato, marito e moglie si confrontano con le loro illusioni, le loro attese, i loro fallimenti.

Anexo n.º 47:

“Projecto «*Laboratorio teatrale Sicilia meli e feli*» desenvolvido pelo *Provveditorato agli Studi di Agrigento*”

ISTITUTO TECNICO STATALE COMMERCIALE
"M. FODERÀ"
AGRIGENTO

P. O. P. 94002511 - Sottoprogramma 9 - Misura 9.3

Prototipo progettuale n. 1.1. cofinanziato dal fondo sociale europeo

Titolo

"Sicilia meli e felì" Laboratorio teatrale su testi di Ignazio Buttitta, Luigi Pirandello, Leonardo Sciascia, Gesualdo Bufalino e anonimi siciliani.

Finalità

L'attivazione di un laboratorio teatrale, che coinvolge alunni/e della Scuola e di altre Scuole del territorio, è una formidabile esperienza formativa e didattica; è un intenso lavoro in comune per conoscersi e conoscere; è un evento che coinvolge i giovani, portandoli a riflettere e a misurarsi con la loro sensibilità, creatività e immaginazione.

La Scuola consolida così il suo ruolo di centro di riferimento positivo per i giovani, di luogo di organizzazione di opportunità formative e di orientamento, di spazio promotore di aggregazione sociale e culturale.

La scelta dello studio e dell'approfondimento dei testi dialettali di autori siciliani nasce dalla necessità di recuperare le proprie radici, per sviluppare il senso di appartenenza alla comunità territoriale e acquisire la consapevolezza che una cultura riceve e dà influssi ad altre culture.

Obiettivi

- 1) Acquisire competenze culturali complesse, sviluppando le capacità creative, di ironia e di autoironia, attraverso un percorso culturale comune.
- 2) Sviluppare le capacità di progettare e organizzare insieme un lavoro comune, e di presentarlo attraverso la produzione di uno spettacolo.
- 3) Acquisire la consapevolezza della possibilità e modalità di integrazione di linguaggi diversi: orale, sonoro, gestuale, scritto, visivo.
- 4) Favorire l'acquisizione di atteggiamenti positivi verso la lettura, lo studio, l'impegno scolastico.
- 5) Favorire l'acquisizione di competenze espressivo/linguistiche e di capacità di critica e di analisi.

Contesto di riferimento

L'Istituto di appartenenza, le Scuole medie e le altre Scuole superiori del territorio

Destinatari

- N. 18 alunni dell'Istituto, di cui 12 femmine
- N. 4 alunni di altre scuole superiori, di cui 2 femmine
- N. 1 alunno della scuola media inferiore

Metodologia

Il laboratorio teatrale è per definizione un lavoro di gruppo, che utilizza approcci pratici e di esperienze partendo da basi teoriche.

E' un'attività che richiede il coinvolgimento attivo di tutti i partecipanti, in tutte le fasi dell'attività: dalla scelta dei testi al prodotto-spettacolo finale.

E' un'attività che privilegia gli elementi ludici e di simulazione operativa.

Contenuti

Lettura ad alta voce e cura della dizione.

Recitazione.

Mimo

Scenografia e costumi

Trucco

Prove

Realizzazione dello spettacolo

Calendario degli incontri

Il laboratorio teatrale ha inizio il 29 Gennaio; gli incontri, della durata di tre ore ciascuno, proseguiranno con cadenza settimanale o bisettimanale, secondo un calendario che verrà deciso in itinere, di comune accordo con i partecipanti.

Gli incontri sono così ripartiti:

Drammatizzazione, recitazione, mimo: ore 36

Lavoro sui testi, attenzione alla parola, lettura ad alta voce: ore 16

Movimenti del corpo: ore 4

Trucco: ore 4

Esperti e Docenti assistenti

Recitazione, drammatizzazione e mimo: Gianni Salvo – Regista e direttore artistico del Piccolo Teatro di Catania

Elaborazione testi, attenzione alla parola, lettura ad alta voce: Prof.ssa Angela Rocco - Attrice

Movimenti del corpo: Prof.ssa Gisella Scibetta

Trucco: Annalisa De Luca – Estetista, truccatrice professionista

Docenti assistenti: Prof.sse Margherita Ceraolo e Lucia Giudice

Coordinatrice, tutor: Prof.ssa Angela Rocco

Prodotti

Spettacolo teatrale che verrà offerto in tre rappresentazioni:
agli alunni della Scuola
alle Scuole medie inferiori e superiori del territorio
ai Rappresentanti delle istituzioni, ai genitori, alla cittadinanza

Costi

Gianni Salvo – Regista n. 36 ore x L. 100.000	L.	3.600.000
Angela Rocco – Docente esperta n. 16 x L. 50.000	L.	800.000
Gisella Scibetta – Docente esperta n. 4 ore x L. 50.000	L.	200.000
Annalisa De Luca – Esperta truccatrice n. 4 ore x L. 50.000	L.	200.000
Docenti assistenti: Margherita Ceraolo, Lucia Giudice, Angela Rocco – n. 36 ore x L. 20.000	L.	720.000
Pubblicità	L.	1.000.000
Noleggio scene e costumi	L.	600.000
Noleggio service	L.	800.000
Materiale didattico	L.	
Personale	L.	
Progettazione e valutazione	L.	

Agrigento 15 Gennaio 1999

La Coordinatrice
Pro.ssa Angela Rocco

Istituto Tecnico Statale Commerciale "M. Foderà"
AGRIGENTO

Programma Operativo 94002511
Cofinanziato dal Fondo Sociale Europeo

Relazione finale

Codice Istituto _____

Nome Istituto: Istituto tecnico statale commerciale "M. Foderà"

Corso n. 1

Sottoprogramma n. 9

Misura n. 9.3

Il Laboratorio Teatrale "Sicilia meli e feli" prevedeva i seguenti obiettivi:

- Acquisire competenze culturali complesse sviluppando le capacità creative, di ironia e di autoironia, attraverso un percorso culturale comune.
- Sviluppare le capacità di progettare e organizzare insieme un lavoro comune, e di presentarlo attraverso la produzione di uno spettacolo.
- Acquisire la consapevolezza della possibilità di integrare diversi linguaggi: orale, sonoro, gestuale, scritto, visivo.
- Recuperare, attraverso i testi in dialetto siciliano, le proprie radici, per sviluppare il senso di appartenenza alla comunità.
- Favorire l'acquisizione di atteggiamenti positivi verso la lettura, lo studio, l'impegno scolastico.
- Consolidare il ruolo della Scuola come centro di riferimento, luogo di organizzazione, di opportunità formative e di orientamento, spazio promotore di aggregazione sociale e culturale per arginare e prevenire situazioni di abbandono scolastico.

Il raggiungimento di tali obiettivi si è realizzato attraverso un percorso formativo basato soprattutto sul lavoro di gruppo e ha utilizzato una metodologia basata su approcci pratici e di esperienze, pur partendo da consistenti basi teoriche.

I primi otto incontri sono stati dedicati alla cura della dizione attraverso esercizi di lettura a voce alta; ai movimenti del corpo attraverso esercizi di ritmo e di respirazione; al rapporto tra attore, personaggio e pubblico; all'importanza dello spazio scenico; a esercizi di improvvisazione e mimo su temi scelti dagli allievi per la rappresentazione delle emozioni.

Questo importante lavoro preparatorio è servito per sviluppare le capacità creative, di progettazione e organizzazione di un lavoro in comune; di integrazione dei diversi linguaggi: gestuale, orale, scritto e visivo.

I successivi dodici incontri sono stati dedicati alla scelta e alla messinscena del testo da rappresentare, attraverso un intenso lavoro di lettura e di prove sul palcoscenico, grazie al quale

gli allievi hanno potuto scegliere il testo da rappresentare, lavorare sul personaggio da interpretare, sulla corrispondenza tra volontà e azione scenica.

Contemporaneamente alle prove venivano sottolineati il ruolo e l'importanza di altri elementi dello spettacolo teatrale: i costumi, il trucco, l'impianto scenico, la musica, le luci.

Tale complessa attività ha richiesto il lavoro di più esperti nel campo teatrale.

Il regista professionista, che ha curato la messinscena del testo da rappresentare attraverso l'intenso lavoro di prove.

La docente-attrice, che ha lavorato sulla qualità della parola e sul testo da rappresentare.

La docente-coreografa, che ha lavorato sui movimenti del corpo, attraverso esercizi ritmici, e di respirazione.

La truccatrice professionista, che ha spiegato l'importanza e la funzione del "trucco teatrale", insegnando gli elementi di base agli stessi allievi.

Le docenti che hanno assistito il regista durante le lezioni.

Tale lavoro di assistenza è indispensabile sia per prendere nota di tutti i suggerimenti del regista che per le prove individuali.

Alla fine del laboratorio è stato messo in scena lo spettacolo teatrale "U curtigghiu di li Raunisi... e altre storie".

Lo spettacolo è stato rappresentato due volte. Alla prima rappresentazione hanno assistito i genitori, gli alunni delle scuole elementari e medie della circoscrizione territoriale di appartenenza, gli alunni e i docenti delle classi degli allievi esterni alla scuola, i rappresentanti delle Istituzioni pubbliche.

Alla seconda rappresentazione hanno assistito tutti gli alunni, i docenti e il personale non docente dell'Istituto.

Lo spettacolo è stato ripreso e trasmesso da alcune TV private locali.

La rappresentazione ha costituito un momento di valutazione sia del lavoro svolto dai docenti esterni e interni che del lavoro svolto dai partecipanti, e i risultati possono definirsi più che soddisfacenti.

I prodotti realizzati dal laboratorio e allegati alla presente relazione sono:

- 1) Il copione dello spettacolo rappresentato
- 2) La videocassetta della rappresentazione teatrale
- 3) Il pieghevole di sala distribuito a tutti gli spettatori.

I partecipanti al laboratorio hanno elaborato una relazione che costituisce un ulteriore elemento di valutazione e che alleghiamo alla presente.

La coordinatrice
Prof.ssa Angela Rocco

Il regista
Dott. Gianni Salvo

Il direttore del corso
Prof. Carmelo Vetro

25 e 26 Maggio 1999

Il Laboratorio teatrale «SICILIA MELI E FELI»

presenta:

«U' curtigghiu di li Raunisi» e altre storie

Testi di Ignazio Buttitta, Gesualdo Bufalino e autori ignoti

Personaggi	Interpreti
Il coro	Rosanna Celauro Miriam Cipolla Giusy D'Aleo Samantha Fregapane Adelina Gentile Valentina Naso Margherita Passarello Giovanna Uttilla
Il cantastorie	Riccardo Terrazzino
Nofriu	Antonio Farruggia
Betta	Genny Paci
Cosimu	Daniele Trupia
Laura	Sabrina Lo Vetro
Lisa	Paola Sorce
Il Barone	Marco Palumbo
Don Parpagghiuni	Salvino Alaimo
Calogiru	Giovanni Cimino
Nutaru	Danilo Inguanta

Intermezzi a cura di Agnese Giuliana

Coreografie	Gisella Scibetta	Tecnico del suono	Alessandro Fenech
Costumi	Margherita Ceraolo	Direttrice di scena	Lucia Giudice
Trucco	Annalisa De Luca	Service	Riccardo Liotta

Elaborazione critica dei testi e assistente alla regia - **Lia Rocco**

Regia: GIANNI SALVO

Teatro come laboratorio, come lavoro in comune per conoscersi e conoscere.

Teatro come esperienza formativa.

Teatro come opportunità offerta dalla Scuola, che così diventa centro di riferimento positivo per i giovani e le giovani che la frequentano.

Teatro per arginare tentazioni di abbandono scolastico, che sono fonti di sofferenza e costituiscono, in ogni caso, una perdita per la scuola.

Teatro per riscoprire la lingua siciliana, che nei versi di Ignazio Buttitta diventa linguaggio poetico universale.

E insieme al dialetto siciliano recuperare le nostre radici, la nostra storia, la nostra identità, nella consapevolezza che una cultura, se rimane isolata, soffoca e muore, ma se ha la capacità di aprirsi alle altre culture si rinnova e fiorisce rigogliosa.

Teatro per giocare con la fantasia, l'ironia, il grottesco, nella ricerca della leggerezza come reazione al peso di vivere.

Anche quest'anno dedichiamo il nostro lavoro a Giovanni Falcone e a tutti gli uomini e le donne che sono morti per liberare questa nostra terra dal ricatto mafioso, per strapparla a chi, per motivi economici e di potere, ci vorrebbe muti, sordi, ciechi e tristi.

Noi vogliamo parlare, sentire, vedere, ma soprattutto sorridere.

Lia Rocco

Anexo n.º 48:

“Projecto «*Storia del Teatro contemporaneo*» desenvolvido pelo
Provveditorato agli Studi di Agrigento”

Istituto Tecnico Commerciale Statale
"Michele Foderà"
Agrigento

Storia del Teatro contemporaneo

* * * * *

Progetto di sperimentazione dell'autonomia didattica
attraverso l'attivazione dell'insegnamento integrativo
di Storia del Teatro contemporaneo per le quinte classi

- Finalità
- Obiettivi di apprendimento
- Contenuti
- Indicazioni didattiche
- Tempi
- Costi

STORIA DEL TEATRO CONTEMPORANEO

FINALITÀ

Le finalità dell'insegnamento di storia del teatro sono le seguenti:

- 1) L'apprezzamento dell'opera teatrale tramite la fruizione e la diretta lettura dei testi teatrali
- 2) L'acquisizione di nuove personali esigenze di cultura, per una più ricca partecipazione alla realtà sociale ed una più completa e corretta educazione all'estetica ed all'etica dei valori.
- 3) Lo sviluppo della personalità dell'alunno/a tramite la padronanza di posizioni responsabili rispetto alle pressioni di tendenza e di opinione socio-comunicativa e tramite la conseguente capacità critica di ricezione e selezione della produzione.
- 4) Lo sviluppo della creatività dell'alunno/a tramite la partecipazione diretta agli spettacoli ed ai laboratori teatrali per evitare il rischio dell'appiattimento, del conformismo e dai luoghi comuni e per combattere la crisi dei valori che caratterizza la società
- 5) Dare la possibilità alla Scuola di fornire occasioni di <<star bene>> per acquistare un ruolo credibile, agli occhi degli alunni/e, quale fonte di cultura ed Agenzia educativa capace di mettere in grado di scegliere il proprio stile di vita basato sui valori del vivere civilmente con gli altri e con se stessi.
- 6) Sviluppare la dimensione estetica e critica come stimolo a migliorare la qualità della vita

OGGETTIVI DI APPRENDIMENTO

- 1) Condurre una lettura diretta del testo teatrale come prima forma di interpretazione del suo significato
- 2) Mettere in rapporto il teatro come "mezzo di comunicazione" con le altre manifestazioni artistiche: arti figurative, architettura, musica, cinematografia e radio-televisione.
- 3) Essere consapevoli di una comune identità culturale europea che anche attraverso il teatro ha saputo superare lo spazio politico-economico e ha reso possibile una comune identità storica umana.
- 4) Mettere in rapporto il testo con le proprie esperienze e la propria sensibilità e formulare un proprio motivato giudizio critico.
- 5) Acquisire la consapevolezza delle possibilità e modalità di integrazione di linguaggi diversi (orale, gestuale, scritto, visivo).
- 6) Acquisire competenze culturali complesse sviluppando le capacità creative, di ironia ed autoironia attraverso lavoro e percorsi culturali comuni

CONTENUTI

Le nascite del teatro contemporaneo: Ibsen, Schnitzler, Shaw, Cechov, Jarry, Strindberg, Verga.

Il teatro tra le due guerre:

il Bauhaus.

il teatro epico (Piscator, Brecht)

il teatro dado e surrealista (Breton, Cocteau, Artaud)

la scena francese (Girardoux)

il teatro futurista

Pirandello e il teatro del grottesco

il teatro in Spagna (F. G. Lorca)
il teatro e il dramma in Russia (Meyerchold)
il teatro e il dramma negli Stati Uniti
Il teatro dell'assurdo
Il *living theatre* e i nuovi autori drammatici
Il teatro dopo il 1968: esperienza in Russia, Germania, Francia, Inghilterra, Italia.

INDICAZIONI DIDATTICHE

L'insegnamento di Storia del teatro contemporaneo si costituisce come il primo fondamentale accostamento al concetto di storicità dell'espressione artistica teatrale. Esso si propone di mettere l'allievo/a di fronte ad una serie di esperienze di lavoro e fruizione di spettacoli teatrali, che contribuiranno in maniera determinante al completamento della sua formazione culturale e professionale.

L'insegnamento della Storia del teatro contemporaneo sarà concreto e non astratto. La tradizionale lezione teorico-espositiva sarà integrata dalla lettura di testi teatrali, dalla fruizione di spettacoli teatrali e dalla partecipazione ad attività di laboratorio.

TEMPI

66 ore di insegnamento, pari a due ore settimanali ripartite tra lezioni teoriche, fruizione di spettacoli teatrali, attività di laboratorio.

COSTI

L. 5.000.000 - Acquisto e produzione di materiale didattico per la fruizione de spettacoli teatrali.
- Visite guidate.
- Partecipazione alle lezioni di esperti nel campo teatrale.
- Fruizione di spettacoli teatrali.

Anexo n.º 49:

“Projecto «*Frammenti di luna riflessi in uno specchio*» desenvolvido pelo
Provveditorato agli Studi di Agrigento”

Istituto Tecnico Commerciale Statale
"Michele Foderà"
Agrigento

"Frammenti di luna riflessi in uno specchio"

Proposta di laboratorio teatrale su testi di Luigi Pirandello

FINALITÀ

L'attivazione di un laboratorio teatrale che coinvolge alunni e docenti è una formidabile esperienza formativa e didattica; è un intenso lavoro in comune per conoscersi e conoscere; è un evento che coinvolge i giovani portandoli a riflettere e a misurarsi con la loro sensibilità, creatività e con la loro immaginazione.

La scelta dello studio e l'approfondimento di alcune tematiche dell'opera pirandelliana nasce dalla necessità di far conoscere l'opera del grande drammaturgo agrigentino, dalla certezza che attraverso lo studio dei testi pirandelliani si può meglio capire la letteratura del novecento, dalla consapevolezza che l'attenzione ai "personaggi" del teatro pirandelliano è necessaria per comprendere le inquietudini dell'uomo contemporaneo.

Il "fare teatro", per un Istituto Tecnico vuol dire mettere gli alunni/e di fronte a un'esperienza che contribuirà in maniera importante al completamento della loro formazione culturale e professionale. Ma vuol dire, soprattutto, dare la possibilità alla Scuola di fornire occasioni di « star bene », per acquistare un ruolo credibile quale *Agenzia* educativa capace di mettere in grado di scegliere un proprio stile di vita basato sui valori del vivere civilmente con gli altri e con se stessi.

Alla chiusura del laboratorio sarà presentato uno spettacolo teatrale per tutti gli alunni, docenti e genitori della Scuola, al quale saranno invitati i rappresentanti delle istituzioni locali.

Lo spettacolo sarà replicato per le scuole superiori del distretto scolastico di appartenenza.

La Scuola ospiterà la mostra fotografica "I personaggi pirandelliani: Foto di scena". Sarà aperta al pubblico dal 10 Dicembre 1998.

CONTENUTI

Approfondimento delle tematiche pirandelliane relative alla contrapposizione tra la Vita e la Forma; la solitudine dell'uomo; le ragioni della follia e gli inganni della Verità, attraverso la mes-scena di brani significativi dei testi pirandelliani.

OBIETTIVI

- Conoscere l'opera pirandelliana attraverso la lettura, lo studio e la rappresentazione dei testi teatrali, della novella, dei romanzi.
- Acquisire competenze culturali complesse sviluppando le capacità creative, di ironia ed autoironia attraverso percorsi culturali comuni.
- Collegare attività intellettuali e manuali.
- Sviluppare la capacità di lavorare insieme.
- Coinvolgere in un lavoro comune alunni e docenti.
- Aprire la scuola a percorsi didattici ad iniziative extracurricolari.

TEMPI

Quindici incontri di tre ore ciascuno.

PARTECIPANTI

Venti, tra docenti e alunni

ESPERTO ANIMATORE

Dott. Gianni Salvo, attore, regista, direttore artistico del Piccolo Teatro di Catania

SEDE

Aula Magna dell'Istituto Tecnico Commerciale Statale "Michele Foderà"

COSTI

Mostra fotografica	L.	1.500.000
Esperto Animatore	L.	6.000.000
Materiale Didattico	L.	2.000.000
Costumi e Scene	L.	2.000.000
Service per quattro spettacoli	L.	2.000.000
Pubblicità	L.	2.500.000
Totale	L.	<u>16.000.000</u>

Il Preside
Prof. Carmelo Vetro

Anexo n.º 50:

“Projecto «*Teatrando*» desenvolvido pelo
Provveditorato agli Studi di Benevento”



Provveditorato agli Studi di BENEVENTO

Prot. 3260 A/55

Benevento 6 LUG. 1999

Ai Dirigenti Scolastici delle scuole medie
di I e II grado

LORO SEDI

Oggetto : Progetto TEATRANDO .

Si trasmette il Progetto "TEATRANDO" a cura della Compagnia Stabile di Benevento "SOLOT" .

Il Progetto "TEATRANDO" sarà presentato ufficialmente nel mese di Settembre .

La proposta merita attenzione , considerato il crescente interesse dei giovani al Teatro e le tante iniziative e produzioni nel settore proprio da parte di molte scuole di Benevento e della Provincia .

Le S.S.L.L. , qualora fossero interessate al suddetto progetto , possono dare un cenno di adesione telefonando allo 0824 / 376235 - Centro Supporto Decisioni o spedire un fax . allo 0824 / 376279 .

Il Provveditore agli Studi
Mario Pedroni



COMPAGNIA
STABILE
DI BENEVENTO

Benevento, li 23/06/1999

Ill.mo Sig. PROVVEDITORE AGLI STUDI
DELLA PROVINCIA DI BENEVENTO

Prot. N. del

Oggetto *PROGETTO TEATRANDO*

Benevento è una delle città italiane in cui l'attività teatrale è più sviluppata ed il dato è ancora più significativo se si considera che è relativo ad una città del meridione d'Italia. Il festival Città Spettacolo, tre rassegne invernali, un laboratorio teatrale patrocinato dalla Regione Campania, una miriade di stages tenuti da artisti di alto livello, dovrebbero fare di Benevento una sorta di piccola capitale del teatro italiano, eppure... non è tutto oro quello che luccica. I dati di affluenza nei teatri della città non sono propriamente incoraggianti, anzi, fanno registrare un sensibile calo di presenze, in controtendenza con i dati nazionali. E la cosa che preoccupa di più è che la percentuale di giovani presenti alle rappresentazioni teatrali è minima.

Ma se nel Teatro si rappresenta l'infinito mondo delle passioni e dei destini umani, se dalla scena c'è la possibilità di sentir parlare il linguaggio delle nostre più intime convinzioni, se, forse, è proprio sulla scena che si può cogliere il battito della vita di un paese, di un'epoca, di una civiltà, se, insomma, il Teatro costituisce *una forza costruttiva ed efficace nella formazione della coscienza di un popolo*, perché oggi è così poco amato e poco frequentato dalle giovani generazioni?

Rispondere a fondo a questa domanda implicherebbe un lungo discorso su quello che la vita moderna offre ai giovani e sull'ambiente educativo nel quale essi si formano e in genere definiscono i loro gusti e i loro interessi - a noi basta dire che nulla mai o quasi mai è fatto, sia dalla famiglia sia dalla scuola per richiamare i giovani al Teatro.

Manca l'educazione al Teatro, la consuetudine di imparare a comprendere e ad amare il Teatro, comprensione e amore che si sviluppano solo se si viene educati fin dall'infanzia a capire il particolare linguaggio di quest'Arte e i diversi modi in cui esso si può esprimere.

Capita spesso che dei giovani assistano per la prima volta ad uno spettacolo teatrale già in età avanzata; avviene, così, che la nessuna esperienza che ne hanno impedisce loro di intenderlo e *gustarlo*; può anche darsi che solo il caso determini le loro preferenze per un genere o un altro di Teatro: l'Opera, il Balletto, il Dramma, senza che ne abbiano vera comprensione e intelligenza critica.

Un tale difetto sarà dovuto in gran parte alla mancata educazione al linguaggio teatrale, linguaggio a cui si arriva come per ogni altra lingua, solo dopo esservi stati gradualmente iniziati ed educati.

SOLOT Compagnia Stabile di Benevento Soc. Coop. a r.l.

Sede Legale: Via Galganetti, 27

Tel./Fax 0824/47037 - 82100 Benevento

P. IVA 00 910 880 624 C.C.I.A.A. 70807 Iscriv. Trib. 5062 (Registro Imprese)

Il Teatro, così come è strutturato, è, purtroppo, prerogativa di pochi, perché considerato generalmente "roba da intellettuali", mentre la sua origine è chiaramente popolare.

L'ideale, per la nostra città, sarebbe che Città spettacolo, vista la forte affluenza, durasse tutto l'anno; ma, visto che ciò non è possibile, consideriamo di fondamentale importanza un'opera di divulgazione e quindi di formazione del pubblico nell'ambito scolastico.

Intervenire nell'ambito scolastico non significa soltanto portare i ragazzi a vedere semplicemente uno spettacolo: si è sempre fatto e non serve a molto.

L'intervento da noi auspicato e previsto nel progetto che illustreremo qui di seguito, prevede l'esecuzione di un programma mirato ad un contatto più approfondito con la materia teatrale e ad un coinvolgimento in prima persona dello studente.

IL PROGETTO

Il progetto di divulgazione della cultura teatrale e di formazione del pubblico, dal titolo: *Teatrando*, è un'iniziativa rivolta alle Scuole Medie Inferiori e Superiori e prevede tre precisi momenti di svolgimento:

- a) La Conoscenza
- b) La Visione
- c) L'Esperienza

a) LA CONOSCENZA

Il fondamentale intendimento del progetto è quello di avvicinare non più i giovani al Teatro, ma il Teatro ai giovani, in modo non più approssimativo e addirittura deleterio, come avveniva (e ancora avviene nelle nostre zone) con la partecipazione delle scolaresche agli spettacoli di dubbia qualità delle filodrammatiche.

Avvicinare il Teatro ai giovani significa portarlo negli edifici scolastici e mostrarne i meccanismi, favorendo, così, un approccio sereno, serio, coinvolgente, con questa *macchina* meravigliosa. Come?

L'idea è quella di proporre una serie di mini stage (almeno sette) tra attori e studenti, aventi come scopo la trattazione della Storia del Teatro a partire dalle origini fino ai giorni nostri da inserire nella normale programmazione didattica, in accordo con i docenti.

Ogni appuntamento consisterebbe in una breve ed interessante relazione, esposta con linguaggio semplice ed esplicito, su un argomento di Storia del Teatro, seguito da alcuni esempi drammatizzati in pratica vere e proprie scene recitate dagli attori della "Solot - Compagnia Stabile di Benevento", tratte dal repertorio in argomento.

I temi trattati nei sette appuntamenti saranno i seguenti:

1. **INCONTRO** : LE ORIGINI DEL MITO - LA MASCHERA - IL TEATRO GRECO - IL TEATRO ROMANO;
2. **INCONTRO** : IL TEATRO NEL MEDIOEVO - LA COMMEDIA DELL'ARTE;
3. **INCONTRO** : IL TEATRO ELISABETTIANO - WILLIAM SHAKESPEARE;
4. **INCONTRO** . MOLIÈRE;
5. **INCONTRO** : GOLDONI;
6. **INCONTRO** : IL NOVECENTO - LUIGI PIRANDELLO;
7. **INCONTRO** : LA SCENA, OGGI - NOZIONI SUL LAVORO DI ALLESTIMENTO DEGLI SPETTACOLI *LA NAPOLETANA - STREGA*.

La scelta dei temi, che a prima vista può sembrare arbitraria, ha invece ragioni precise: gli argomenti sono stati scelti badando ad un'esigenza esemplificativa per la presa che essi offrono sull'immaginario di ragazzi della fascia d'età interessata dal programma.

Accanto a questa c'è un'altra esigenza, di natura didattica: si è cercato di offrire argomenti che i ragazzi hanno da poco affrontato o si apprestano ad affrontare nei loro studi, in maniera da creare collegamenti interdisciplinari, naturali nella inesauribile miniera della Storia del Teatro.

b) LA VISIONE

Dopo il primo momento detto della *Conoscenza*, giunge l'ora di "vedere" il Teatro, sia in senso fisico, sia assistendo ad una rappresentazione; nella città di Benevento, c'è un buon numero di sale teatrali, quasi tutte di proprietà del Comune, ma, ahimè, la gran parte della popolazione giovanile di questa città non ha mai messo piede in nessuna di esse.

Alla luce di ciò il progetto prevede l'organizzazione di visite guidate negli splendidi teatri cittadini, mettendo a conoscenza gli studenti dell'enorme patrimonio storico - architettonico a loro disposizione e spiegando loro tutti i segreti del palcoscenico.

Gli spettacoli, di cui alleghiamo le schede a parte, saranno "LA NAPOLETANA" e "Strega", la cui visione, come detto precedentemente, sarà preceduta da un'analisi critica dei testi da effettuare nel corso dell'ultimo dei sette incontri di Storia del Teatro e seguita da un dibattito sulla messinscena fra attori, regista e studenti.

c) L'ESPERIENZA

Il terzo momento, forse quello più importante, prevede la creazione di un laboratorio teatrale scolastico, con elementi scelti tra i più motivati e predisposti, provenienti da tutte le scuole aderenti, avente come fine ultimo la messinscena.

Dalla scelta del testo, o addirittura dalla sua creazione, alla manifattura dei

costumi e alla costruzione delle scene, alle prove vere e proprie dello spettacolo, i ragazzi, coordinati dagli operatori della *SOLOT*, percorreranno il tragitto faticoso ma di grande fascino che li porterà a vivere quella bellissima esperienza costituita dal partecipare in prima persona ad uno spettacolo.

LO SPETTACOLO

Il progetto, come precedentemente anticipato, prevede la visione di due spettacoli che saranno proposti agli studenti al termine dei sette incontri sulla Storia del Teatro, concludendo, in tal modo, la prima fase del progetto che li vedrà protagonisti: *LA NAPOLETANA* - divertente adattamento in lingua beneventana di un'antica farsa del cinquecento del "padano" Angelo Beolco, detto il *Ruzante*. Uno dei primi esempi di teatro scritto, "l'Anconitana" (titolo originale) è stata fonte di sicura ispirazione, con i suoi intrecci e le comiche trovate, per molti e importanti autori fra cui probabilmente lo stesso Shakespeare, da sempre molto attento alle vicende della scena italiana. Un lavoro che si iscrive nel progetto di studio e valorizzazione della storia beneventana attraverso l'ambientazione nella nostra città di opere di autori, almeno in apparenza culturalmente e geograficamente lontani.

Strega - è un dramma in due atti di Tullia Bartolini, giovane e promettente autrice beneventana. Da sempre Benevento è conosciuta nel mondo come città delle streghe e questo ha giovato soprattutto, a livello pubblicitario, al famoso liquore; in realtà, in ogni leggenda c'è un fondo di verità; la storia che viene raccontata in questo spettacolo, ispirata ad una vicenda realmente accaduta, è la commossa testimonianza delle persecuzioni cui furono sottoposte migliaia di donne dai tribunali dell'Inquisizione. Un'operazione drammaturgica sicuramente interessante,

che si propone di mettere da parte il folklore che ha sempre accompagnato l'argomento (il noce, la scopa ecc.) a favore di un

realismo crudo ma utile ad un'onesto ed efficace ricostruzione storica degli eventi.

CONCLUSIONI

L'Arte drammatica è una delle attività artistiche che meglio può contribuire alla crescita culturale dei giovani e per questo motivo deve trovare un suo posto nei programmi scolastici, dagli asili alle università.

Il nostro progetto vuole inserirsi in questo solco ed avere le pretese, considerate le nostre passate esperienze, di costituire un ideale collegamento del momento spettacolare più alto, Città Spettacolo, con il mondo scolastico cittadino.

D'altra parte, gli indirizzi pedagogici di quest'ultimo periodo, orientati verso una più approfondita conoscenza dell'adolescente, attraverso la libera espressione della sua carica di fantasia, di emotività e di sensibilità, hanno definito l'attività teatrale e la rappresentazione, svolta dai ragazzi e per i ragazzi, come quella più ricca di indicazioni, da una parte per consentire ai docenti di seguire l'allievo nelle varie manifestazioni e nei diversi sviluppi della sua personalità, dall'altra, per consentire di offrire ai ragazzi mezzi più completi di espressione a vantaggio della formazione del loro carattere e del loro senso sociale, culturale ed artistico.

Un progetto di tal fatta, previsto per le Scuole Medie Inferiori, è diretto anche agli Istituti di Scuola Media Superiore che ne facciano eventuale richiesta.

In tal caso, pur essendo gli argomenti trattati gli stessi, l'approfondimento ed il coinvolgimento della classe docente, con la quale instaurare un rapporto interdisciplinare già dall'inizio dell'anno scolastico, saranno maggiori e potranno, ove necessario, portare anche ad analizzare testi di autori già inseriti nei programmi ministeriali.

Nella speranza di un positivo accoglimento, si coglie l'occasione per porgere Cordiali Saluti.

Anexo n.º 51:

“Projecto «*Le Premier public: Première représentation des collégiens et lycéens de l’atelier de pratique artistique*» desenvolvido pela Académie de Nancy-Metz”

Collège et lycée P. et M. Curie
NEUFCHÂTEAU (Vosges)
fax 03 29 95 21 20

NEUFCHÂTEAU **Le premier public**

*Première représentation des collégiens et lycéens
de l'atelier de pratique artistique.*

Affronter son premier public, ce n'est pas toujours facile... Les jeunes acteurs de l'atelier de pratique artistique du collège et du

lycée avaient, hier soir, le trac à la salle des fêtes du groupe scolaire Jean-Rostand. A l'occasion d'une représentation exception-

nelle. Un bon trac n'empêche nullement de brûler les planches. Bien au contraire. Hier, les jeunes acteurs, qui répètent

depuis le début d'année avec Françoise Adrien, ont donné le meilleur d'eux-mêmes. Convainquant s'il le fallait encore un public de parents, amis et amoureux de jolis textes.

Les collégiens ont assuré le lever de rideau. Avec, après les traditionnels trois coups, quelques fables de La Fontaine. Sobres mais terriblement efficaces. Efficaces et pertinentes.

Les lycéens, quant à eux, avaient choisi un texte beaucoup plus contemporain.

La « *Chronique des jours entiers, des nuits entières* » de Xavier Durringer dénonce les maux de la société moderne. Les acteurs l'ont interprétée entre conviction adolescente et talent naissant...

On l'aura compris: hier soir à Jean-Rostand, le théâtre était à l'honneur. Théâtre amateur peut-être mais redoutable de vérité. Et de générosité.



Prochaine représentation mardi soir à 20 h 30 à la salle des fêtes du groupe scolaire Jean-Rostand.

E. D.

Anexo n.º 52:
“Projecto «*Deux pièces pour 21 filles*»
desenvolvido pela *Académie de Nancy-Metz*”

Lycée Claude Gellée
EPINAL (Vosges)
fax 03 29 35 58 54

EPINAL

Mardi 30 mai 2000

Deux pièces pour 21 filles

Des élèves du lycée Claude-Gellée, option art dramatique, ont présenté deux pièces au théâtre municipal.

Les neuf filles de la petite troupe de seconde répètent depuis la rentrée, à raison de 3 h par semaine, des extraits de la pièce de Karl Valentin « *Sortie au théâtre et autres textes* ». Hier, avec un peu de trac, elles se sont lancées pour la première fois, sur les planches, devant un public de parents et d'amis.

« *Je voulais voir comment cela se passait. Et puis comme l'ambiance était bonne, j'ai continué. J'aimerais bien en faire mon métier* », raconte Emilie, 16 ans. Au travers de 11 saynètes où elles ont toutes interprété le rôle de Valentin, les jeunes comédiennes ont réussi l'exercice difficile d'entrer dans la peau de leur personnage.

« *Les garçons ont boudé l'idée de faire du théâtre, ils sont en général plus timides. Nous avons répété régulièrement. C'est un travail pédagogique intéressant, et l'aide de l'acteur professionnel Olivier Chapelet a été précieuse* », explique Fabrice Mourlan, professeur de lettres.

La deuxième pièce proposée par les jeunes a été donnée en soirée. Là, les premières et terminales, encore des filles, ont eut à interpréter « *Gaspard* », de Peter Hanke.

« *Beaucoup se sont décidées pour combattre leur timidité* », explique Céline, en classe de première ES. « *Nous sommes déjà montées sur les planches l'an passé, mais certaines d'entres nous jouent*

depuis huit ans. Parler devant un public nous apporte beaucoup. Le plus difficile, dans cette pièce ou nous interprétons toutes Gaspard qui évolue continuellement, a été de cerner le personnage. » Les jeunes filles pourront se servir de cette expérience en prenant cette option pour leur baccalauréat. L'opération a été menée avec des professionnels du théâtre du peuple de Bussang, sous la responsabilité de son directeur, Jean-Claude Beroutti. Fernando Patriarca et

Clarisse Goffredi, comédiens, sont intervenus pour encadrer les élèves. L'histoire du jeune Gaspard Hauser, l'enfant sauvage assailli par des voix off, et dont le costume de clown évolue en même temps qu'il apprend à se civiliser, a permis à la troupe de faire passer un bon moment de théâtre au public.

Aujourd'hui, les deux pièces seront de nouveau jouées, à 18 h « *Valentin* » et 20 h 30 « *Gaspard* », au théâtre municipal.

P. N.



Pour vaincre sa timidité...
Photos Philippe BRIQUELEUR



... ou même présenter le théâtre au bac.

Anexo n.º 53:

“Projecto «*Aux actes citoyens*» desenvolvido
pela *Académie de Nancy-Metz*”

Lycée Louis Bertrand
BRIEY (Neunth. et. Noelle)
fax 03 82 46 57 80

Les lycéens passent aux actes

"Aux actes citoyens", le festival de théâtre de Tomblaine, a vu mardi la prestation des lycéens de Briey, avec un mélange de Rabelais et de rap.

NANCY. - *"C'est mieux avant, quand la pression monte, avec l'adrénaline, après c'est tranquille !"* Simon, alias Shogun Kami, 18 ans, est heureux comme tout, avec ses copains de la troupe de théâtre du lycée Louis-Bertrand de Briey. Tous surexcités, ils viennent de sortir de scène, après avoir montré leur création. "Mobil homme", un spectacle d'un peu plus d'une heure. Le lycée est l'une des troupes qui se donnent en spectacle lors du festival "Aux actes citoyens", en ce moment à Tomblaine, en banlieue nancéienne.

"On aime bien faire les c...s sur scène", lance un autre lycéen. *"Surtout quand tout le monde nous applaudit"*, ajoute Mathieu, 16 ans, tout heureux d'avoir fait le pitre. Le théâtre, il connaît : déjà au collège, il travaillait avec la troupe des lycéens. *"Cela fait six ans que je fais du théâtre."* Sur scène, cela se voit. La vingtaine de comédiens s'amuse à approcher une définition de l'homme, avec des textes d'auteurs connus, mais un peu revisités par les animateurs de la troupe, trois enseignants.

Un fabliau du Moyen-âge voit un jongleur exaspérer l'en-

fer par son aptitude à y semer la pagaille. Les guerres pichrocolines de Rabelais se transforment en conquêtes napoléoniennes. Un débat sur la condition d'esclave des noirs, de très haute tenue, s'achève en un rap du trio composé de Shogun Kami et de Julien et Yannick, alias Kash Gorilla et Dez Bang. Le public présent dans les salles n'en a pas raté une miette. *"Cela se mobilise même l'après-midi"*, constate Hervé Feron, président du festival. Le public vient d'autant plus volontiers que les séances sont gratuites. Hier, c'étaient les troupes du collège de Granges-sur-Vologne et du lycée Louis-Lapicque d'Epinal. Vendredi, ce sera au tour du lycée Jules-Ferry de Saint-Dié-des-Vosges. Des spectacles lycéens sont présentés également le soir, dans un programme payant : les amateurs précèdent des troupes professionnelles. Ainsi le théâtre en Kit présentera sa nouvelle création ce jeudi et Jean-Louis Trintignant sera là pour la "valse des adieux", de Louis Aragon, samedi. Le public qui serait tenté de venir juste pour les professionnels aurait tort : les lycéens sont parfois aussi forts que leurs aînés, grâce à leur envie de tout dévorer.



Les lycéens se donnent en spectacle lors du festival "Aux actes citoyens", en ce moment à Tomblaine, en banlieue nancéienne.

Les lycées se mettent en scène

"Aux actes citoyens", festival de théâtre lycéen, se déroule toute la semaine prochaine. Des troupes viennent de toute la Lorraine et de Briey en particulier.

NANCY.— Deux cents lycéens, Michel Galabru, Jean-Louis Trintignant : "Aux actes citoyens" réunit une affiche appétissante pour sa neuvième édition. Le festival de théâtre va se dérouler à Tomblaine, en banlieue de Nancy, à partir de demain. Il dure jusqu'au samedi suivant, avec des pièces jouées par des lycéens aussi bien que des œuvres professionnelles. Pendant une semaine, le programme des journées va être le même : spectacles lycéens à 15 h, gratuit, soirée composée d'un spectacle de lycée et d'un spectacle professionnel, à 20 h 30. « D'une année sur l'autre, nous retrouvons les mêmes lycées, explique Hervé Feron, président d'*Aux actes citoyens*, nous leur faisons confiance. Pour certains le festival est le but de leur année. »

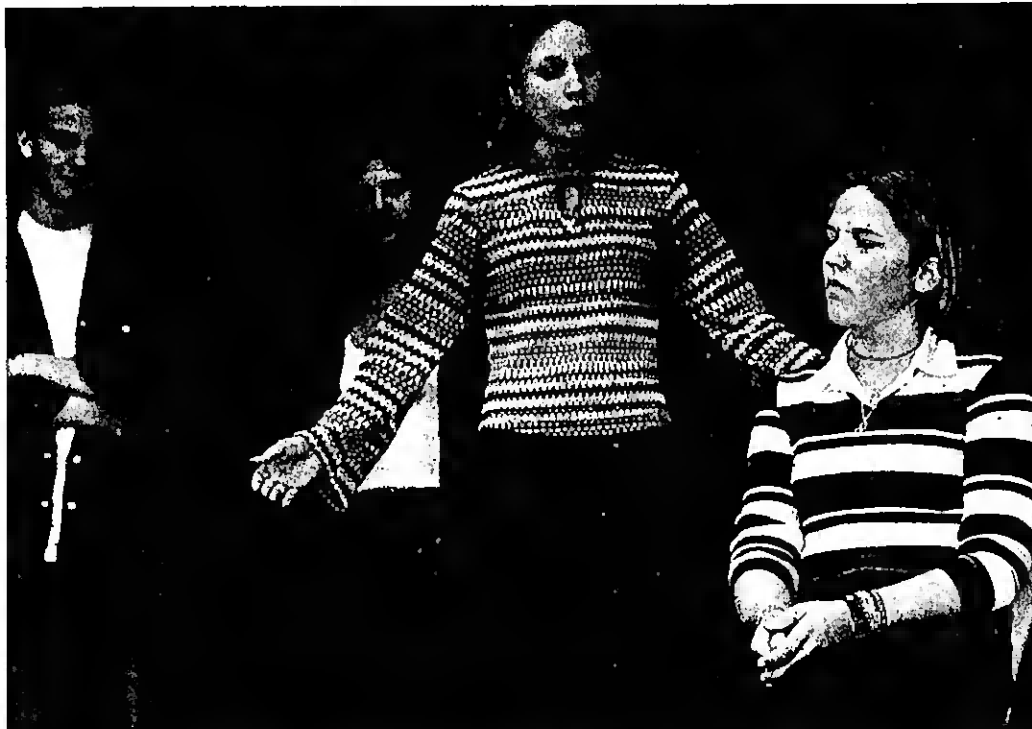
Les organisateurs n'hésitent pas à dire qu'il vaut mieux avoir « 10 minutes en béton plutôt qu'une heure faible ». Cela amène certains à se désister dans les dernières semaines, comme le lycée de Sarreguemines (57). D'autres tentent l'aventure : les collégiens de Granges-sur-Vologne sont les nouveaux venus de cette année. Une représentation unique à 15 h va faciliter les échanges entre établissements, les élèves restant dans la salle pour regarder ce que font les autres.

L'esprit de la manifestation a donné envie à des têtes d'affiche de se produire malgré cer-

taines contraintes. « La fiche technique de la pièce de Michel Galabru est prévue pour une salle quatre fois grande comme la nôtre, il a fallu négocier, qu'il s'adapte. » Le succès est au rendez-vous, la pièce, "Monsieur Amédée", jouée lundi soir, affiche complet. « Jean-Louis Trintignant n'accepte plus de jouer que dans les théâtres à l'italienne, poursuit le président, je lui ai écrit pour lui expliquer le pourquoi de notre manifestation, que tout ce que nous avions d'italien à lui offrir était la chaleur du public. » L'acteur viendra finalement interpréter la "Valse des adieux" de Louis Aragon, mis en scène par Antoine Bourseiller, avec une musique composée pour l'occasion.

Quatre autres troupes professionnelles seront présentes : Mélodie théâtre, le mardi, l'ensemble Leporello, pour un Tartuffe revisité, le mercredi, un duo d'humoristes vendredi soir, et le jeudi, en avant-première, la nouvelle création du Théâtre en kit. Cette troupe hébergée à Tomblaine présentera les "Oies sans tête", avant un déplacement à Avignon. Les rencontres entre professionnels et lycéens ne devraient pas manquer.

Δ Aux actes citoyens,
du 29 mai au samedi 3 juin.
Renseignements
au 03 83 33 27 50.
Tarifs : 70 F,
100 F le lundi et le samedi.



L'une des troupes d'*Aux actes citoyens* vient du lycée Louis-Bertrand de Briey. Vingt-cinq personnes ont travaillé sur une création depuis le début de l'année.

Le Mobil homme de Briey

NANCY.-L'une des troupes d'*Aux actes citoyens* vient du lycée Louis-Bertrand, de Briey. Vingt-cinq personnes ont travaillé sur une création depuis le début de l'année, sous la direction de trois animateurs : Isabelle Belucci et Jack Fleurant, professeurs de français, et Caroline Hernandez, professeur d'espagnol. « Cela fait trois ou quatre fois que nous participons au festival », dit Jack Fleurant. La pièce proposée s'intitule "Mobil homme" et est une tentative de définition de l'homme. Les textes sont emprun-

tés à un fabliau du Moyen Age, Jean Tardieu, Montesquieu et à Rabelais, un peu modifié. « Nous avons choisi les textes, parce que la troupe s'est beaucoup renouvelée, les acteurs changent d'une année sur l'autre. Il faut pouvoir travailler dès la rentrée. » Les trois enseignants développent une démarche pédagogique autour du théâtre mais se sont pris au jeu. « Les relations avec les élèves sont différentes, observe le professeur, mais il s'agit toujours de se faire plaisir. »

Anexo n.º 54:

“Projecto «*Teatriamoci*» desenvolvido
pelo *Provveditorato agli Studi di Verona*”



REPUBBLICA ITALIANA

PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA

Cteatro/teatriamoci

prot.n.04/1847a40

Verona, 23 febbraio 1998

ai PRESIDI
IST.SEC.2° GRADO
STATALI E NON STATALI

LORO SEDI

Oggetto: "TEATRIAMOCI 2 ": RASSEGNA TEATRALE autunno 1998.

L'Assessorato al Decentramento del Comune di Verona comunica che si è concretizzata la possibilità di realizzare l'iniziativa "TEATRIAMOCI. Rassegna teatrale per i gruppi di studenti degli istituti secondari di 2° grado, statali e non statali, della Provincia di Verona " anche per l'autunno 1998.

I docenti coinvolti nei progetti teatrali in svolgimento nel corrente anno scolastico , sono pertanto convocati presso il **salone riunioni del Provveditorato, il giorno 19 marzo alle ore 15.00.**

Nell'incontro si raccoglieranno le adesioni di massima alla Rassegna e si presenteranno le iniziative di sviluppo che sono allo studio

IL PROVVEDITTORE AGLI STUDI
(DR.EDOARDO RICCIO

**PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA**

prot.n.04/4225/a40

Verona, 21 APRILE 1998

ai PRESIDI
IST.SEC.2° GRADO
STATALI E NON STATALI

LORO SEDI

Oggetto: **"TEATRIAMOCI 2 " : RASSEGNA
TEATRALE autunno 1998 e CONCORSO
PER IL NUOVO LOGO.**

*** RASSEGNA AUTUNNO 98.**

Questo Ufficio e l'Assessorato al Decentramento del Comune di Verona, come già annunciato, ripropongono l'iniziativa della rassegna teatrale per i gruppi di studenti degli istituti secondari di 2° grado, statali e non statali, della Provincia di Verona anche per l'autunno 1998.

I docenti coordinatori di molti gruppi teatrali degli istituti interessati hanno già fornito le indicazioni di massima circa il loro lavoro di questo anno scolastico che desiderano presentare nella prossima rassegna. Si prega di confermare tale disponibilità utilizzando la scheda allegata, da inviare all'ufficio 04/e.sa. del Provveditorato entro il 9 maggio p.v. (fax 8301953).

*** CONCORSO NUOVO LOGO.**

In vista della seconda edizione della Rassegna si indice un nuovo concorso per la ideazione del logo.

Il bozzetto

- dovrà essere presentato in formato A4,
- dovrà contenere sia la scritta " Teatriamoci 2", sia la indicazione (in piccolo) degli enti promotori "Comune di Verona, Progetto Giovani, Provveditorato agli Studi, Provincia di Verona",
- dovrà essere realizzabile sia a colori (max 4) sia in bianco e nero, su stoffa e su supporto cartaceo,
- dovrà riportare sul retro le indicazioni relative agli autori(nome, cognome, classe e sezione, istituto di appartenenza).



REPUBBLICA ITALIANA

PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA

La partecipazione , individuale o di gruppo, non è collegata alla adesione alla rassegna con un gruppo teatrale dell'istituto.

Si riporta qui sotto, come riferimento, il logo realizzato per le magliette della prima rassegna: la commissione, a suo giudizio insindacabile, si riserva di mantenerlo , se tra i lavori inviati non dovesse individuarne di altrettanto adatti.

I lavori dovranno pervenire all'ufficio 04/c.sa . del Provveditorato o al settore Decentramento (p.zzetta Mura Galliceno, Verona. alla attenzione dott.sse Albertini e Di Martino) entro il giorno 10 giugno p.v.

IL PROVVEDITORE AGLI STUDI
(DR.EDOARDO RICCIO)



*allegare:
schede di
adesione*

1ª Rassegna Teatrale delle Scuole Superiori
ottobre 1997

ai PRESIDI
IST. SEC. 2° GRADO
STATALI E NON STATALI

LORO SEDI

OGGETTO: RASSEGNA TEATRALE "TEATRIAMOCI".

La prevista manifestazione teatrale "TEATRIAMOCI", 1^a rassegna teatrale delle scuole superiori della Provincia di Verona, si terrà nei giorni 7,8,9,10, 14 e 15 ottobre presso il Cinema Teatro K2 di Verona, individuato dal Comune di Verona - Assessorato alla Cultura e al Decentramento quale sede della manifestazione.

Il calendario delle rappresentazioni è il seguente:

martedì 7 ottobre:

- *Lic.sc.Fracastoro Verona : "La tempesta dei bravi" (teatro-danza).
ins.coordinatore: M.A. Carrozza.
- *ITC Bolisani Isola della Scala : "Tre bravi alla prova" (teatro d'attore)
ins.coordin.: P.Tosi e M.Tirelli
- *ITC Bolisani Isola della Scala : "Il matrimonio precoce" (farsa)
ins.coordin.: P.Tosi e M.Tirelli
- *Ist.Aleardi Verona: "Vita di Galileo" (commedia)
ins.coordin. R.Mauroner **posti disponibili per spettatori : n. 276**

mercoledì 8 ottobre:

- *Ist Arte Nani Verona: "La favola dei saltimbanchi"(improvvisazione)
ins. coordin. L.Miglioranzi
- *Lic.sc.Medi Garda : "La giara" (commedia)
ins.coordin. G.Finotti
- *Lic.sc.Messedaglia Verona-est : "Gli innamorati" (commedia)
ins.coordin.: M.M.Sguglia
- *ITPA Einaudi-Lic.sc.Galilei Verona: "La signora che venne a pranzo"(commedia)
ins.coordin.R.Baldi **posti disponibili per spettatori: n.222**



giovedì 9 ottobre:

- *Lic.sc.Fracastoro Vr : "I tre grassoni" (canovaccio)
ins.coordin. A.Greco
- *ITC Dal Cero S.Bonifacio : "La prova" (commedia)
ins.coordin. R.Tomaselli e L.Tassari
- *ITC Dal Cero S.Bonifacio : "La lezione" (commedia)
ins.coordin. R.Tomaselli e L.Tassari
- *ITC Dal Cero S.Bonifacio : "Edoardo e Agrippina "(commedia)
ins.coordin. R.Tomaselli e L.Tassari
- *ITI Marconi Vr : "Il burbero benefico" (commedia)
ins.coordin.A Reffi, C.Vicentini R.Melvetti. **posti disponibili per spett.:n. 290**

venerdì 10 ottobre:

- *Ist.L.Mondin : "Sogno di una notte di mezza estate" (commedia)
ins.coordin. L.Molon
- *ITC Bolisani Villafranca : "Donne all'assembica" (commedia classica)
ins.coordin. R:R:Manzato
- *Lic.sc.Medi Villafranca : "Il povero Piero" (commedia)
ins.coordin. A.Giacomino,G.Grigolo,D.Ceccon
- *ITC Pasoli Verona: " Aida:la spada di Rudames" (commedia)
ins.coordin. M.Fischer **posti disponibili per spettatori: n.273**

martedì 14 ottobre:

- *Ist.Mag.le Montanari : "La giara" (commedia)
ins.coordin. A.Vecchiato, L.Ruina
- * Lic.sc.Fracastoro S.Fioriano : "Sogni"
ins.coordin. E.Zanini
- * Lic.sc.Da Vinci Cerea : "Amadeus" (ricerca sul testo)
ins.coordin. G.Zanetti,P.Fattori
- *Ist.Seghetti Verona: "Arsenico e vecchi merletti" (commedia)
ins.coordin. A.Rossetto **posti disponibili per spettatori n. 224**

mercoledì 15 ottobre:

- *ITPA M.Polo Verona: "Molto rumore per nulla" (commedia)
ins.coordin. E.Romani,G.Fatuzzo
- *ITC Lorgna(- Pindemonte) Verona: "Attori in libertà"(laboratorio teatrale),
ins.coordin.L.Bouché,R.Vinciguerra
- *Ist.Mag.le Guarino S.Bonifacio: "Il Ci(r)clone; ovvero: La cambio io la scuola che non ce la fa a cambiare me" ins.coordin. A.Zangiacomi,F.Scartozzi (varietà)
- *Ist.cl.Agli Angeli Verona: "La bisbetica domata" (commedia)
ins.coordin. C.Quaglia,M.L.Ciociola,I.Capone **posti disponibili n.205**

Anexo n.º 55:

“Projecto «*Ragazzi in scena*» desenvolvido pelo
Provveditorato agli Studi di Massa Carrara”



PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI MASSA CARRARA
UFFICIO STUDI E PROGRAMMAZIONE
Tel. 0585 46691 fax 0585 45031

Prot. n. 10482

MASSA, li 24 luglio 2000

SPETT.CELIA MARTINS
R. DR. JOSE' DE MATOS
LOTE 5 - 3° ESQ.
8000-485 FARO
PORTUGAL

OGGETTO : Richiesta progetti di innovazione educativa della cultura : letteratura e teatro.

In riferimento alla sua nota pari oggetto pervenuta in data 6 luglio, si informa che i progetti svolti nella scuola Secondaria di I° e II° Grado per motivare gli studenti alla lettura e scrittura e ad apprezzare la letteratura ed il teatro, sono di diretta competenza delle scuole stesse.

Si segnala tuttavia che, nel territorio di competenza di questo Ufficio, oltre alle iniziative di singole istituzioni, è prevista una rassegna teatrale, definita "Ragazzi in scena" promossa e finanziata dal Comune di Massa, di cui si invia una scheda con le scuole partecipanti dall'anno scolastico 1996/1997.

Per eventuali ulteriori informazioni, si rinvia alle singole istituzioni scolastiche.

Sb

IL PROVVEDITORE AGLI STUDI
Fulvio IZZO

COMUNE DI MASSA
ASSESSORATO ISTRUZIONE E CULTURA
ufficio attività scolastiche e di educazione permanente

anno	partecipanti Rassegna	laboratori teatrali scolastici con contributo comunale.
anno 96-97	Ist. Magistrale, I.P.S.I.A., Ist. Alberghiero, Ist. Meucci Liceo Rossi, Liceo Fermi, media Giorgini media Staffetti, media Don Milani, media Bertagnini, media Parini, media Alfieri media Malaspina, D.D. 3° elem Lalli	Liceo Fermi, Liceo Rossi Ist. Magistrale, Ist. Alberghiero, media Malaspina, media Don Milani
anno 97-98	Liceo Rossi sez. Magistrali, Ist. Alberghiero, I.P.S.I.A., Liceo Rossi, Ist. Meucci, media Parini, media Don Milani, media Alfieri media Malaspina, D.D. 3° elem. Lalli, D.D. 4° elem. S. Lucia-Volpigliano	Ist. Meucci, Ist. Magistrale, Liceo Rossi, Ist. Alberghiero, media Malaspina, media Don Milani
anno 98-99	Liceo Rossi, Ist. Toniolo, Liceo Rossi sez. Magistrale, Ist. Alberghiero, Ist. Toniolo sez. Geometri, I.P.S.I.A., media Staffetti, media Bertagnini, media Alfieri, media Don Milani, media Parini sez. Bertagnini, media Malaspina, D.D. 3° elem. Lalli, D.D. 4° elem. S. Lucia-Volpigliano	Liceo Rossi, Liceo Rossi sez. Magistrale, Ist. Alberghiero, Ist. Toniolo, media Don Milani, D.D. 3 elem Lalli
anno 99-2000	I.P.S.I.A. - Salvetti, Ist. Meucci, Ist. Alberghiero, Liceo Fermi, Liceo Rossi- Magistrale, Ist. Toniolo sez. Geometri, media Don Milani, media Alfieri, media Bertagnini, media Parini, media Staffetti, media Malaspina, D.D. 3° elem Lalli, D.D. 4°	Liceo Fermi, Ist. Meucci, Liceo Rossi Magistrale, Ist. Toniolo-Celi, Ist. Alberghiero, media Alfieri, media Staffetti, media Malaspina D.D. 3°, Distretto comprensivo 6

Anexo n.º 56:

“Projecto «*Rassegna Teatrale Istituti Scolastici 2º
Grado della Provincia di Verona*» desenvolvido
pelo *Provveditorato agli Studi di Verona*”



PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA

prot.n.04/5014/AG0

Verona, 26 agosto 1997

al dr.SERGIO RUZZENENTE
ASSESSORE PROVINCIALE ALL'ISTRUZIONE

VERONA

Oggetto: RASSEGNA TEATRALE ISTITUTI SCOLASTICI 2° GRADO DELLA
PROVINCIA DI VERONA.

Come in precedenti occasioni comunicato, questo Ufficio e il Comune di Verona, Settore Decentramento, hanno organizzato la 1^ Rassegna Teatrale per gli istituti scolastici superiori della provincia.

Il Teatro individuato dal Comune per lo svolgimento della manifestazione è il Teatro K2 e la Rassegna si terrà nei giorni 1,2,3,7,8,9,10 ottobre: ogni mattina, dalle ore 9.00 alle ore 13.00, 3 o 4 gruppi rappresenteranno un "campione" di 30 minuti della loro produzione di attività teatrale dell'anno scolastico 1996/97.

Hanno aderito i seguenti istituti:

istituto	luogo	n° gruppi/n° attori
ITC PASOLI	VERONA	1/15
IST.MAG.LE MONTANARI	VERONA	2/18+30
ITI MARCONI	VERONA	1/15
L.S.MESSEDAGLIA	VERONA	1/09
ITC LORGNA	VERONA	2/20+20
ITPA M.POLO	VERONA	1/30
IST.ARTE NANI	VERONA	1/14
LIC.CL.AGLI ANGELI	VERONA	1/22
ITPA EINAUDI-L.S.GALILEI	VERONA	1/20
L.S.FRACASTORO	VERONA	2/11+21
L.S.DA VINCI	CEREA	1/20
ITCG DAL CERO	S.BONIFACIO	2/9+12
L.S.MEDI	VILLAFRANCA	1/25
LS.MEDI	GARDA	1/10
IST.MAG.LE GUARINO	S.BONIFACIO	1/40ca.
ITC BOLISANI	ISOLA D.SCALA	2/10+6
ALEARDI	VERONA	1/20
SEGHETTI	VERONA	1/16
L.MONDIN	VERONA	1/30



PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA

La richiesta di collaborazione all'Assessorato Provinciale all'Istruzione riguarda, come già in altre occasioni anticipato, la copertura finanziaria del servizio trasporti per gli studenti della provincia, attori e spettatori.

Considerata la distribuzione territoriale degli istituti della provincia che hanno aderito, si ritiene opportuno fare in modo che in ogni mattinata si esibisca un gruppo extraurbano insieme a quelli della città.

Si può pertanto ipotizzare che siano in scena, in mattinate diverse :

- 1) i 2 gruppi dell'TTC Dal Cero di s.Bonifacio,
- 2) il gruppo del lic.sc.Da Vinci di Cerea,
- 3) il gruppo del Lic.Sc.Medi di Villafranca,
- 4) il gruppo del Lic.Sc.Medi di Garda,
- 5) il gruppo (consistente) dell'Ist.Mag.le Guarino di s.Bonifacio,
- 6) i 2 gruppi dell'TTC Bolisani di Isola della Scala.

Dal momento che l'obiettivo principale della Rassegna è quello di consentire una reciproca conoscenza tra le diverse espressioni di attività teatrale, l'auspicio è che tra gli spettatori si possa avere il numero più elevato possibile di studenti di fuori città, perché si ritiene che difficilmente durante il periodo di fine anno abbiano potuto assistere alle rappresentazioni degli istituti cittadini.

Le aree da cui sarebbe auspicabile poter favorire l'afflusso degli spettatori, oltre a quelle degli istituti che andranno in scena, sono : Legnago, Bussolengo, s.Pietro Incariano-s.Floriano.

La capienza del teatro K2 è di circa 500 spettatori: l'auspicio è quello di consentire, in ciascuna delle mattine, la presenza di almeno 150 studenti della provincia, turnando opportunamente le aree di provenienza.

Nella speranza che il contributo di tutte le istituzioni locali concorra a realizzare nel migliore dei modi questo impegno nei confronti di una delle attività più significative su cui in questi anni si è dedicato con grande entusiasmo e interesse un gran numero di studenti, si ringrazia per l'attenzione.

IL PROVVEDITORE AGLI STUDI
(DR.EDOARDO RICCIO)

Anexo n.º 57:

“Projectos desenvolvidos pelo *Provveditorato
agli Studi di Rieti*”



Provveditorato agli Studi di Rieti

UFFICIO STUDI E PROGRAMMAZIONE

Tel. (0746) 206432/206420 - Fax (0746) 251352

E-mail: emanico@tin.it

Rieti, 12.07.2000

Prot. n° 11349

Célia Martins
R. Dr. José de Matos
Lote 5 – 3° Esq.
8000 – 485 Faro
Portugal

Oggetto : *Progetti di innovazione educativa: letteratura e teatro.*

In riferimento alla Sua lettera, si informa che questo Ufficio non è in grado di fornirLe i progetti di cui all'oggetto, ma la Sua richiesta può essere rivolta direttamente alle scuole secondarie di II grado della provincia di cui si riportano di seguito gli indirizzi:

Istituto Statale d'Arte : Via Moisè di GAIO,9 - 02100 - RIETI Telefono: 0746 48.35.93 Fax : 0746 20.00.09 email : isarte@ri.tws.it
Istituto Magistrale : Piazza Mazzini, 2 -02100 RIETI Telefono e Fax : 0746 20.27.53 email : imsri@ri.tws.it
Istituto Prof.le S. Agricoltura e Ambiente : Via dell'Elettronica-- 02100 (RIETI) Telefono:0746 27.10.12 Fax : 0746 20.22.23 email : ipsaari@tin.it
Istituto Prof.le Servizi Commerciali e Turistici: Via San Francesco, 10 -02100 - RIETI Telefono : 0746 20.11.09 Fax: 0746 27.01.25 email : ipscri@ri.tws.it
Istituto Professionale Industria Artigianato : Via degli Olmi - 02100- RIETI Telefono e Fax : 0746 27.19.81 email : ipsia@ri.tws.it
Istituto Prof.le Servizi Alberghieri e della Ristorazione : Via Centurioni,33- 02100- RIETI Telefono e Fax : 0747 27.42.35 email : rirh010007@istruzione.it
Istituto Tecnico Industriale : Viale Fassini, 1 - 02100 – RIETI Telefono : 0746 20.13.87 Fax : 0746 27.15.31 email : itisrieti@ri.tws.it
Liceo Scientifico Tecnologico: Viale Fassini, 1 - 02100 – RIETI Telefono : 0746 20.13.87 Fax : 0746 27.15.31 email : itisrieti@ri.tws.it
Istituto Tecnico Commerciale : Viale Maraini, 54 - 02100 - RIETI Telefono e Fax : 0746 27.08.70 email : itcsri@tin.it
Istituto Tec. Commerciale P. Mirteto : Via Giuseppe Felici, 7--02047 - Poggio Mirteto(RIETI) Telefono e Fax : 0765 42.31.45 email : in corso
Istituto Tecnico per GEOMETRI : Via A. M. Ricci snc - 02100 – RIETI Telefono e Fax : 0746 20.02.19 email : itcqri@tiscalinet.it
Liceo Classico - Rieti : Piazza Mazzini,1 - 02100 - RIETI Telefono e Fax : 0746 20.52.96 email : dsantob@tin.it
Liceo Scientifico - Rieti : Piazza San Francesco - 02100 – RIETI Telefono e Fax : 0746 20.33.31 email : fpalmeg@tin.it
Liceo Scientifico Poggio Mirteto : Via Felici,1 - 02047- Poggio Mirteto (RIETI) Telefono: 0765 24.32.8 email: scientifico@uni.net
Liceo Classico Fara Sabina : Via Servilia snc - 02036 - Fara Sabina (RIETI) Telefono: 0765 48.85.01 Fax : 0765 42.32.50 email : classico@uni.net
Polo Didattico Passo Corese : Colle della Felce - 02036 -FARA SABINA -- (RIETI) Telefono:0765 47.91 Fax : 0765 49.13.37 email : itc_pres@fabaris.it



IL PROVVEDITORE AGLI STUDI

Emanuele Nicolini

Anexo n.º 58:

“Projectos desenvolvidos pelo *Provveditorato
agli Studi di Rovigo*”

PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI ROVIGO

UFFICIO STUDI E PROGRAMMAZIONE

Servizio E.Sa.P.T.- Aggiornamento

tel.0425\427516 - fax 0425\427516

Rovigo 17 luglio 2000

Célia Martins
R.Dr. José de Matos
Lote 5-3° Esq.
8000 – 485 Faro
Portugal

Gentile signora Célia Martins

In riferimento alla sua richiesta di informazioni su progetti di innovazione educativa concernenti "Letteratura e Teatro", sono spiacente di doverle comunicare che il Provveditorato agli Studi non ha promosso alcun progetto nell'ambito da lei indicato.

Numerose sono, invece, le attività teatrali realizzate dalle scuole di ogni ordine grado della provincia.

Segnalo alcune delle scuole che hanno realizzato le iniziative ritenute più significative:

- S.Media "Bonifacio" via della Costituzione 6 – 45100 Rovigo
- S.Media "Parenzo" Largo Parenzo 1 – 45100 Rovigo
- Istituto Magistrale "C. Roccati" via Carducci 8 – 45100 Rovigo
- Liceo Classico "Celio" via Badaloni – 45100 Rovigo
- Liceo Scientifico "Paleocapa" via De Gasperi 19 – Rovigo
- Istituto Magistrale "Badini" via Cavallotti 8 – 45011 Adria \Rovigo
- Liceo Classico "Bocchi" via Dante 4 – 45011 Adria\Rovigo
- Liceo Scientifico "Galilei" V.le Maddalena 24 – 45011 Adria\Rovigo

IL PROVVEDITORE AGLI STUDI
Dr. Vincenzo Viglione



Anexo n.º 59:

“Projecto «Percorsi tra letteratura e teatro per un progetto di educazione all’ascolto» desenvolvido pelo Provveditorato agli Studi di Verona”



Repubblica Italiana

PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA

Prot.n.04/4564/a40

Verona, 8 maggio '00

Ai Capi di istituto

Direzioni Didattiche
Scuole sec.di 1° grado
Istituti Comprensivi
Loro Sedi

Dr. e no. ref.

Oggetto: **"PERCORSI TRA LETTERATURA E TEATRO PER UN PROGETTO DI EDUCAZIONE ALL'ASCOLTO"** Convegno 27 maggio '00.

La Regione Veneto, il Comune di Verona, la Fondazione AIDA, con la collaborazione del Ministero Pubblica Istruzione, del Provveditorato di Verona e dell'Università agli studi di Verona, organizzano il giorno 27 maggio '00 il convegno regionale **"PERCORSI TRA LETTERATURA E TEATRO PER UN PROGETTO DI EDUCAZIONE ALL'ASCOLTO"**.

L'iniziativa vede tra i relatori esperti che a vario titolo, in Italia e all'estero, si occupano del tema della lettura e del teatro per l'infanzia e la pre-adolescenza in chiave educativa e di promozione della salute e dell'equilibrio psico-fisico.

Particolarmente interessati sono i docenti che nella loro attività didattica hanno inserito tali temi e tali metodologie come strumento importante nella offerta formativa per i loro alunni e studenti, e i genitori, sia per una loro formazione personale sia per avere ulteriori competenze in vista di una loro coinvolgimento nella costruzione del piano dell'offerta formativa nell'istituto frequentato dai loro figli.

Si allega un pieghevole con il programma della giornata.

Il Provveditore agli studi

(Nino Santilli)

Paola Cavazzoni

Coord. Pedagogico Nidi e Scuole dell'Infanzia Comunali
di Reggio Emilia

Alfabeti teatrali al nido e alla scuola

Fabrizio Giuliani

Silvano Sbarbati

Associazione Teatro Giovani di Serra S. Quirico (AN)

*Ascoltare la scuola, il territorio e
il teatro: un evento che diventa progetto*

Elizabeth Hugonnot

Responsabile dell'Azione Internazionale ANRAT:
Théâtre Education Parigi

*Nell'ambito dell'Azione Internazionale,
un'esperienza d'appoggio tecnico di
Teatro - Educazione a un progetto
nazionale globale*

Joel Simon

Direttore del Festival Méli Mome Reims

*Una significativa esperienza francese di
teatro ed educazione*

Una McCabe

Docente di Educazione Teatrale Froebel College of Education,
Trinity College Dublino

*Il cambiamento del ruolo del teatro
per i giovani in Irlanda: creare politiche
che facilitino la cultura dell'ascolto*

Carlos Herans

Direttore Semanas Internacionales de Teatro para Niños y Niñas
Acción Educativa Madrid

*Le attività di formazione nella letteratura
e nel teatro per l'infanzia*

DIBATTITO

18.00 Conclusioni

FESTA DEL LIBROBAMBINO

.Verona, Arsenale

28 maggio 2000 ore 14.00 - 22.00

Ragazzi, genitori, insegnanti
tutti insieme per una giornata
all'insegna della lettura, del teatro
e del divertimento

Spettacoli, animazioni, mostre
a cura delle Scuole materne,
elementari e medie
di Verona e Provincia
e Fondazione AIDA

Mostra-mercato del libro per ragazzi

INGRESSO LIBERO

Con il contributo di:

effegi
CALZATURIFICIO
STYLE SpA

Per informazioni:

Fondazione AIDA, vicolo Satiro 6, Verona

tel. 045 800 14 71 - 045 59 52 84

Sito Internet: www.f-aida.it

E-mail: fondazione@f-aida.it



REGIONE DEL VENETO
Giunta Regionale



COMUNE DI VERONA
Assessorato alla Pubblica Istruzione
Assessorato alle Politiche Giovanili



FONDAZIONE AIDA
Centro di produzione teatral

Convegno

Percorsi tra letteratura e teatro per un progetto di educazione all'ascolto

Verona, Accademia di Agricoltura Scienze e Lettere
Via Leoncino, 6
sabato 27 maggio 2000
ore 9.00 - 18.00

Con la collaborazione di

MINISTERO DELLA PUBBLICA ISTRUZIONE
PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA
UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI VERONA -

Dip. Scienze dell'Educazione - Centro Educazione alla lettura
MONDADORI RAGAZZI

FESTA DEL LIBROBAMBINO

Verona, Arsenale

28 maggio 2000 ore 14.00 - 22.00

Programma del convegno

Sabato 27 maggio 2000
Verona, Accademia di Agricoltura
Scienze e Lettere

Moderatore
STEFANIA LACQUANITI,
Provveditorato agli Studi di Verona

Ore 9.00 Registrazione dei partecipanti

9.30 Apertura dei lavori

INDIRIZZI DI SALUTO Dell'Assessore alla Cultura della Regione del Veneto

Vittorio Castagna
Presidente Accademia di Agricoltura, Scienze e Lettere di Verona

Erminia Perbellini
Assessore alla Pubblica Istruzione Comune di Verona

Luigi Catalano
Direttore Generale Istruzione Classica
Ministero della pubblica istruzione

Gianni Volpe
Presidente della Fondazione AIDA

Nino Santilli
Provveditore agli Studi di Verona

Emilio Butturini
Preside del Dipartimento Scienze dell'Educazione
Università degli studi di Verona

10.00 INTRODUZIONE

Stefania Lacquaniti
Provveditorato agli Studi di Verona
*Educare all'ascolto e all'intercultura
attraverso la globalità dei linguaggi*

INTERVENTI

Angelo Tabaro
Direzione Cultura e Informazione
Regione del Veneto
*Teatro e scuola: quale ruolo può avere il
governo regionale?*

Gustavo Pietropolli Charmet
Docente Facoltà di Psicologia Università Statale di Milano
*L'importanza dell'ascolto e della lettura
nello sviluppo psicologico del bambino*

Vinicio Ongini
Commissione nazionale sull'Educazione Interculturale
Ministero della Pubblica Istruzione
*Il lupo di Capo Verde: l'uso del libro e
delle storie nell'educazione interculturale*

11.30 COFFEE BREAK

Antonio d'Itollo
Coordinamento Nazionale Autonomia Scolastica
Ministero della Pubblica Istruzione
*Riflessione in margine al programma
ministeriale delle Biblioteche Scolastiche*

Silvano Antonelli
Stilema/Osservatorio dell'Immaginario - Torino
*Un teatrante e l'ascolto dei ragazzi
nell'Osservatorio dell'Immaginario*

Gianni Franceschini
Direttore Artistico Fondazione AIDA - Verona
*Ascoltare gli amici invisibili: artista e
bambino insieme*

Ennio Pasinetti
Cooperativa Teatrale "Il Telaio" - Brescia
*Narrare le emozioni:
libro e teatro per ragazzi a confronto*

Carlo Presotto
La Piccionaia/ I Carrara - Vicenza
Marisa Dolci
Attrice, scenografa Fondazione AIDA - Verona
*La necessità di un tempo inutile: comuni
di attori e di bambini si incontrano*

13.30 BUFFET

14.30 TESTIMONIANZE ITALIANE ED EUROPEE

Renato Parisi
Associazione TAO TRE - Verona
*I libri infiniti. L'ascolto tra verbale e non
verbale: esperienze nella scuola veronese*

Elisa Zoppei
Università degli Studi di Verona
Centro di Educazione alla lettura
*Un percorso di lettura: dal testo narrativo
al testo teatrale*

Francesco Langella
Arturo Montrone
Laboratorio Regionale. La Città dei bambini e delle bambine
San Giorgio a Cremano - Napoli
*Come si organizza la cultura dell'ascolto
l'esperienza delle Città dei bambini e
delle bambine di S.Giorgio a Cremano*

Anexo n.º 60:
“Projecto «*Il teatro di Shakespeare*»
desenvolvido pelo *Provveditorato*
agli Studi di Verona”

**PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA**

Prot. n. 04/234/C.13

Verona, 13.1.1997

Ai Presidi degli Istituti di
Istruz. Sec. di II° grado
STATALI E NON STATALIL O R O S E D I

Oggetto: Il Teatro Nuovo.
 "IL TEATRO DI SHAKESPEARE". Rappresentazioni ed iniziative teatrali e
 cinematografiche per le scuole superiori.

Il Teatro Nuovo, con il patrocinio di questo Provveditorato agli
 studi, del Comune e della Provincia di Verona, organizza una serie di rappre-
 sentazioni ed iniziative teatrali e cinematografiche sul tema "IL TEATRO DI
 SHAKESPEARE", rivolte agli istituti superiori nel quadro di una progettualità
 artistico-educativa finalizzata a promuovere un coinvolgimento dei giovani
 nell'esperienza teatrale, attraverso una partecipazione sempre più attiva,
 sensibile e consapevole.

Il programma intende offrire agli studenti, insieme ai loro docenti,
 l'opportunità di un "incontro" particolarmente significativo con l'opera del
 drammaturgo inglese, proposta sia nell'interpretazione teatrale che in quella
 cinematografica, per le quali è stato elaborato del materiale didattico di
 supporto.

Gli studenti che avranno aderito all'iniziativa potranno, inoltre,
 partecipare al PREMIO LETTERARIO, organizzato nell'ambito del programma, con
 una composizione dal titolo "SHAKESPEARE NOSTRO CONTEMPORANEO", secondo le
 modalità indicate nel bando allegato.

Le prenotazioni, aperte dall'8 gennaio u.s., si possono effettuare
 nei giorni di lunedì, mercoledì, venerdì dalle ore 10.00 alle ore 12.00,
 telefonando al n°. 045/8006100 o via fax 045/8030815, a cui rivolgersi anche
 per ogni ulteriore informazione.

L'ISPETTORE GENERALE
(DOT. B. Jannone)

z/in

Al: - vari



Il Teatro di Shakespeare

cinema, teatro e dintorni

Il Teatro Nuovo, in collaborazione con l'associazione culturale Alcione, nell'ambito di un progetto di sensibilizzazione e coinvolgimento dei giovani al teatro, intende promuovere "Il Teatro di Shakespeare": una serie di rappresentazioni ed iniziative teatrali e cinematografiche, ispirate all'opera del drammaturgo inglese da sempre legato alla tradizione letteraria della città scaligera.

"Il Teatro di Shakespeare" è realizzato con il patrocinio e la collaborazione del Provveditorato agli Studi di Verona, degli Assessorati alla Cultura e all'Istruzione del Comune e della Provincia, dell'Azienda di Promozione Turistica di Verona e del giornale L'Arena.

L'intera manifestazione gode inoltre del contributo della Banca di Credito Cooperativo di Verona-Cadidavid, dell'Arnoldo Mondadori Editore, dell'Agenzia Hyde Park travel di Bussolengo e del Club di Giulietta.

Interlocutori privilegiati sono gli studenti delle scuole medie superiori di Verona e Provincia insieme ai loro docenti. Per questo si è pensato di affiancare alle rappresentazioni teatrali, l'elaborazione di materiale didattico (tracce, testi...) che permetta ai ragazzi di apprezzare maggiormente lo spettacolo e agli insegnanti di essere supportati in questo progetto.

Il Teatro di Shakespeare intende proporre nell'arco della stagione invernale, un insolito *Museo di Ritratti Shakespeariani*, la celebre tragedia di *Amleto*, un incontro sulla musica ai tempi di Shakespeare, alcuni film tratti dalle opere del drammaturgo inglese e il percorso teatrale itinerante su *Romeo e Giulietta*.

Quest'ultimo, in particolare, rappresenta un nuovo modo di avvicinare i giovani al teatro in quanto consente loro di essere maggiormente coinvolti nella rappresentazione che si snoda negli stessi luoghi della tragedia. Oltre alla novità rappresentata dal diverso approccio tra pubblico e attori dalla struttura itinerante della *pièce*, riteniamo che essa consentirebbe un impatto più stimolante e avvincente alle diverse materie oggetto di studio: letteratura, teatro, storia dell'arte e lingua straniera.

Si è pensato inoltre di affiancare all'iniziativa un "Premio letterario" che prevede l'elaborazione di una composizione sul tema "Shakespeare nostro contemporaneo".

Direzione artistica: Paolo Valerio

Coordinamento progetto: Mariateresa Ferrari

Progettazione didattica: Daniela Zumiani e Maddalena Cavalleri



IL TEATRO DI SHAKESPEARE

Il Teatro di Shakespeare, maggiormente ampliato nelle sue proposte rispetto allo scorso anno, propone nell'arco della stagione invernale '96/'97, oltre alla celebre tragedia di *Amleto*, il *Museo di ritratti shakespeariani*, il *percorso teatrale itinerante su Romeo e Giulietta*, *I drammi shakespeariani nella settima arte* e *La musica ai tempi di Shakespeare*.

Teniamo a precisare che, nel caso in cui una classe fosse interessata a partecipare a più iniziative, potrà scegliere tra le molteplici proposte di biglietti cumulativi riportate di seguito.

PROPOSTA A

1) AMLETO

Rappresentazione teatrale tratta dall' opera shakespeariana accompagnata da un dibattito a fine spettacolo.

materiale didattico:

- trama dell'opera
- introduzione ai personaggi

periodo: 12, 13, 14 marzo

orario: ore 9.00 prima rappresentazione - ore 11.00 seconda rappresentazione

sede: Teatro Nuovo

prezzo: Lire 12.000

2) MUSEO DI RITRATTI SHAKESPEARIANI

Questo originale spettacolo darà la possibilità a tutti i ragazzi di vivere il teatro in modo insolito scoprendo l'"anima" della scena, quegli spazi "dietro le quinte" solitamente poco conosciuti. L'insolito percorso teatrale si snoda infatti in spazi inconsueti alla rappresentazione teatrale quali i sotterranei, il foyer, i corridoi, i camerini, i palchi. In ognuna di queste zone gli attori daranno vita ad alcuni personaggi tra i più famosi di Shakespeare: Romeo e Giulietta, Macbeth, Amleto, Otello, Enrico V, Riccardo III, Re Lear, La Bisbetica Domata ed altri ancora.

In questa sorprendente teatralizzazione in movimento, ogni situazione recitata appare come una sorta di "frammento in mostra" in un ideale museo di personaggi teatrali viventi. La vicinanza tra pubblico ed attori, la promiscuità instaurata dalle situazioni che alternano i temi di amore, morte, follia e potere, rappresentano inoltre un'importante opportunità per diversificare ed articolare ulteriormente la proposta di fruizione dello spettacolo.

materiale didattico

- cenni di presentazione dei singoli personaggi del "Musco"
- scelta registica

periodo: 19, 20, 21 febbraio

orario: otto rappresentazioni a partire dalle ore 9.00

durata: 40 minuti circa

sede: Teatro Nuovo

prezzo: Lire 12.000

PROPOSTA B

DAL TEATRO ALLA CITTA'

Scene da **Romeo e Giulietta** con animazione teatrale nei luoghi della tragedia.

Itinerario ideato in collaborazione con l'associazione culturale "La Città Nascosta": Casa e Terrazza di Giulietta - Cortile del Mercato Vecchio - Loggia e Arche Scaligere - Foyer del Teatro Nuovo

Programma dell'itinerario

1. Excursus sul teatro elisabettiano con particolare riferimento a Shakespeare;
2. Presentazione delle fonti alle quali Shakespeare si è ispirato: novelle italiane del Da Porto, del Bandello e del Boldieri;
3. Breve introduzione sulle vicende storiche legate alla Casa di Giulietta;
4. Scena teatrale del balcone di Giulietta e altri momenti della tragedia;
5. Presentazione degli spazi urbani medioevali;
6. Scena finale della morte dei due giovani amanti all'interno del Foyer del Teatro.

Materiale didattico:

- libro su "Shakespeare e Verona" in lingua italiana o inglese, curato da Daniela Zumiani, con un testo sul teatro elisabettiano di Elisabetta Marigo
- testi in inglese dei brani recitati
- questionario di lettura guidata agli spazi urbani e al teatro elisabettiano

Attori: Giulietta, Romeo e Mercuzio

periodo: 18, 19, 21, 22, 23, 24 aprile

orario: ore 9.00 prima rappresentazione - ore 11.00 seconda rappresentazione

sede: Teatro Nuovo

prezzo: Lire 15.000

N.B. Precisiamo che *Romeo e Giulietta*, rappresentazione itinerante, per ragioni logistiche e organizzative, prevede al massimo 100 partecipanti.

PROPOSTA C

I DRAMMI SHAKESPEARIANI NELLA SETTIMA ARTE

Proiezione dei seguenti film: *Amleto, Romeo e Giulietta, Riccardo III, Molto rumore per nulla, Rosencrantz e Guildenstern sono morti*, con breve introduzione.

Materiale didattico:

- scheda film

periodo: 7,8,9,10 aprile

orario: ore 9.00 prima proiezione - ore 11.00 seconda proiezione

sede: Cinema Teatro Alcione

prezzo: Lire 7.000

PROPOSTA D

LA MUSICA AI TEMPI DI SHAKESPEARE

La musica composta, eseguita, ascoltata ai tempi di Shakespeare è qualcosa di magico, fuori dal tempo e nella storia, quanto le opere del famoso drammaturgo inglese. Con questo progetto si vuole offrire l'opportunità al mondo della scuola di avvicinarsi a quella musica potendone ascoltare le sonorità particolari, conoscerne la letteratura sulla quale è stata composta e gli strumenti con i quali veniva eseguita.

Per riportare in vita questa arte tanto amata quanto temuta da Shakespeare, i musicisti che la eseguiranno e la illustreranno sono persone specializzate in musica antica e si avvalgono di strumenti dell'epoca elisabettiana.

L'incontro si articolerà in momenti musicali e spiegazioni teoriche sugli strumenti musicali, sulla letteratura e la musica di corte tra il XVI e il XVII secolo nonché sull'utilizzo dell'intermezzo musicale nella drammaturgia shakespeariana.

materiale didattico:

- traccia dell'incontro
- scheda tecnica sugli strumenti del XVI e XVII secolo

Musicisti: Eva Bresaola (voce), Licia Michelangeli (viola da gamba), Paolo Buro (spinetta)

periodo: 24, 25 marzo

orario: ore 9.00 prima lezione - ore 11.00 seconda lezione

sede: Foyer del Teatro Nuovo

prezzo: Lire 10.000

SHAKESPEARE E VERONA

Informiamo che sarà disponibile, a prezzo agevolato per tutti gli studenti (L. 5000), il libro "Shakespeare e Verona", redatto in occasione della manifestazione estiva "Sognando Shakespeare".

Si tratta di un testo, curato da Daniela Zuniani, che, oltre ad offrire un'analisi storico-artistica dei luoghi della Verona medioevale, permette di entrare nel vivo del teatro elisabettiano (con un testo di Elisabetta Marigo) e cogliere in modo articolato e più approfondito il dramma shakespeariano.

PREMIO LETTERARIO

Gli alunni che aderiranno al progetto "Il Teatro di Shakespeare" potranno partecipare al premio letterario con una composizione sul tema "Shakespeare nostro contemporaneo".

Il Premio si suddivide in due sezioni differenziate:

- studenti del biennio delle Scuole Medie Superiori di Verona e Provincia;
- studenti del triennio delle Scuole Medie Superiori di Verona e Provincia.

Prendendo spunto dalle proposte inserite all'interno del progetto, siano esse una o più di una, sarà possibile esprimere liberamente e con creatività, le idee, i pensieri e le immagini suggerite dalle opere viste.

Si dovrà realizzare una composizione che spazia tra queste diverse forme espressive di scrittura:

- a) tema
- b) racconto breve
- c) intervista inventata a Shakespeare o a uno dei suoi personaggi*
- d) lettera aperta indirizzata a Shakespeare o a uno dei suoi personaggi*
- e) lettera che lo stesso Shakespeare potrebbe scrivere oggi alla vostra generazione

*I personaggi ai quali fare riferimento devono rientrare nelle proposte teatrali e cinematografiche dell'iniziativa "Il Teatro di Shakespeare".

NB. Le composizioni dovranno essere dattiloscritte o realizzate a computer e non dovranno superare le quattro cartelle (max 30 righe ciascuna).

Si darà particolare risalto al premio coinvolgendo la stampa locale (giornali, radio e televisioni). Le due composizioni vincitrici del 1° premio saranno pubblicate sul giornale L'Arena.

La giuria sarà composta da due rappresentanti del Provveditorato agli Studi, da Giampaolo Savorelli (capo ufficio stampa del Comune e responsabile dell'Estate

Teatrale Veronese), da Lorenzo Reggiani (capo servizi Cultura del giornale L'Arena) e da Giulio Tamassia (Presidente del Club di Giulietta).

Premi previsti per i primi tre studenti vincitori di entrambe le sezioni:

1° premio

- week end per due studenti (vincitore per il biennio e vincitore per il triennio) a Londra con visita guidata a Stratford upon Avon, con assistente/accompagnatore sul luogo, offerto dall'agenzia Hyde Park travel di Bussolengo.

2° premio

- biglietti gratuiti per la stagione '97 dell'Estate Teatrale Veronese e di "Segnando Shakespeare" e la frequenza gratuita al 1° anno del Corso di teatro promosso dal Teatro Nuovo per la stagione '97/'98;

3° premio

- tre volumi della collana "I Meridiani" riguardanti opere letterarie sul teatro e libri di narrativa offerti dalla Mondadori oltre a una stampa di Milo Manara.

Riceveranno un libro edito dalla Mondadori anche le composizioni delle singole forme espressive giudicate migliori dalla giuria.

Sono previsti anche dei doni per gli insegnanti degli studenti vincitori, offerti dal Club di Giulietta. Sarà possibile scegliere fra: il libro "Scrivere per amore", una stampa o una ceramica, entrambe disegnate da Milo Manara.

Modalità di partecipazione:

Potranno partecipare più alunni per classe e più classi della stessa scuola.

Per partecipare è necessario avere aderito ad almeno una delle proposte de "Il Teatro di Shakespeare".

Gli elaborati dovranno pervenire entro e non oltre il 15 maggio 1997. presso la sede del Teatro Nuovo, in piazza Viviani 10 - 37121 Verona, con allegati i dati anagrafici del partecipante, il nome dell'insegnante responsabile, la classe e la scuola.

Il premio si rivolge a tutti gli alunni delle classi medie superiori delle scuole di Verona e Provincia.

MODALITA' DI ISCRIZIONE A "IL TEATRO DI SHAKESPEARE"

Le prenotazioni si possono effettuare dall' 8 gennaio '97, nei giorni di lunedì, mercoledì, venerdì, dalle ore 10.00 alle ore 12.00, telefonando al n° 045/8006100 o inviando richiesta tramite fax al n° 8030815, con recapito e referente.

Il pagamento può essere effettuato presso la biglietteria del Teatro Nuovo, al massimo cinque giorni prima della data prescelta, tutti i pomeriggi dalle ore 17.00 alle 19.00, esclusi i giorni festivi, o tramite vaglia intestato a:

IL TEATRO DI SHAKESPEARE

c/o Teatro Nuovo

P.zza Viviani, 10

37121 Verona

Nella causale va indicato chiaramente:

- lo spettacolo e il giorno di rappresentazione prenotato o, nel caso di scelta delle proposte cumulative, le diverse iniziative e le rispettive date prescelte;
- il nome della scuola e la classe;
- il numero dei ragazzi paganti e il numero di insegnanti accompagnatori.

Segreteria organizzativa presso il Teatro Nuovo - tel. 045/8006100 - dall' 8 gennaio '96, nei giorni di:
lunedì, mercoledì, venerdì dalle ore 10.00 alle ore 12.00.

Qualora una classe fosse interessata a partecipare a più rappresentazioni, le sarà possibile acquistare i seguenti biglietti cumulativi:

PROPOSTA A(1 o 2)+B+C - Lire 30.000

PROPOSTA A(1 o 2)+C - Lire 15.000

PROPOSTA B+C - Lire 20.000



ALCIONE

CINEMA • TEATRO • DANZA

IL TEATRO DI SHAKESPEARE

cinema, teatro e dintorni

TEATRO NUOVO - CINEMA ALCIONE • FEBBRAIO/MAGGIO 1997

Museo di ritratti shakespeariani

TEATRO NUOVO
19, 20, 21 Febbraio

La musica ai tempi di Shakespeare

FOYER DEL TEATRO NUOVO
24, 25 Marzo

Amleto

TEATRO NUOVO
12, 13, 14 Marzo

I drammi shakespeariani nella settima arte

(*Amleto, Romeo e Giulietta,
Riccardo III, Molto
rumore per nulla,
Rosencrantz e
Guildenstern
sono morti*)

Dal teatro alla città

(*Romeo
e Giulietta*)

TEATRO
NUOVO
18, 19, 21,
22, 23, 24
Aprile

CINEMA
ALCIONE
7, 8, 9, 10
Aprile



**Dal teatro
alla città**

**(Romeo
e Giulietta)**

**TEATRO
NUOVO
18, 19, 21,
22, 23, 24
Aprile**

**Amore per Hamlet/
Rosencrantz e
Guildenstern
sono morti)**

**CINEMA
ALCIONE
7, 8, 9, 10
Aprile**



**Premio letterario
"SHAKESPEARE NOSTRO CONTEMPORANEO"**

Per informazioni:

Teatro Nuovo - Verona - Tel. 045/8006100 - Fax 045/8030815

Con il contributo di:



**BANCA DI CREDITO COOPERATIVO
DI VERONA-CADIDAVID**

**Sede e Direzione:
37061 CADIDAVID (VR) - Via F. Tomba, 8 - Tel. 8292311**



Agenzia Viaggi

Hyde Park travel

**Galleria "Città Mercato"
37012 BUSSOLENGO (VR)
Tel. 045/67.67.922**

MONDADORI



Con il patrocinio di:

Provveditorato agli Studi di Verona

Assessorato alla Pubblica Istruzione e alla Cultura della Provincia

Assessorato alla Cultura del Comune di Verona

Assessorato alla Pubblica Istruzione del Comune di Verona

Azienda di Promozione Turistica di Verona

L'Arena

Anexo n.º 61:

“Projecto «*Il teatro di Shakespeare- Non solo Shakespeare- I Contemporanei*» desenvolvido pelo *Provveditorato agli Studi di Verona*”

**PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA**

Prot. n. 04/6371/C.13

Verona, 21/11/97

AI PRESIDI
degli Istituti di Istruz. Sec.
di 1° e II° grado

STATALI E NON STATALI

L O R O S E D I

Oggetto: Associazione Culturale "Alcione" e Teatro Nuovo
"IL TEATRO DI SHAKESPEARE" - "NON SOLO SHAKESPEARE" - "I CONTEMPORANEI".
Rappresentazioni ed iniziative teatrali e cinematografiche per le
scuole secondarie.

L'Associazione Culturale "Alcione" e il Teatro Nuovo, con il patrocinio di questo Provveditorato agli Studi, dell'Azienda di Promozione Turistica e del quotidiano "L'Arena" e la collaborazione del Comune e della Provincia di Verona, promuovono la seconda edizione della rassegna teatrale e cinematografica "IL TEATRO DI SHAKESPEARE", quale continuità dell'impegno rivolto alla promozione di un rapporto, tra gli studenti e l'opera teatrale, sempre più consapevole e coinvolgente.

Il programma delle iniziative dedicate al drammaturgo inglese ripercorre le linee organizzative delineate nella passata stagione, integrate da nuove attività mirate ad offrire agli allievi interessati sia un incontro privilegiato con gli attori, sia uno "spazio" interpretativo personale, affinché possano vivere l'esperienza teatrale, entrando da protagonisti nel mondo shakesperiano.

Il progetto viene aperto, inoltre, a due rassegne intitolate: "NON SOLO SHAKESPEARE" e "I CONTEMPORANEI", che proporranno una chiave di lettura originale delle tematiche trattate, per un percorso di studio coerente attraverso diverse realtà artistiche: quella teatrale-coattiva, quella coreografica e quella musicale.

Le manifestazioni, pur nella loro specificità, sono l'espressione di una progettualità educativa ed artistica unitaria, nella quale rientrano i due concorsi, uno letterario ed uno teatrale, e la disponibilità di materiale didattico di supporto, elaborato in considerazione delle diverse aree disciplinari particolarmente coinvolte.

Gli studenti, che avranno aderito all'iniziativa "IL TEATRO DI SHAKESPEARE" potranno, infatti, concorrere al PREMIO LETTERARIO, con una composizione dal titolo "SHAKESPEARE NOSTRO CONTEMPORANEO", o al PREMIO PER I MIGLIORI STUDENTI/ATTORI SHAKESPEARIANI, interpreti di un monologo o di un dialogo tratto da "ROMEO E GIULIETTA" di W. Shakespeare. Le modalità di partecipazione verranno illustrate in modo più dettagliato sul programma, in corso di definizione.



REPUBBLICA ITALIANA

PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA

Le prenotazioni, invece, si potranno effettuare dal lunedì al venerdì (ore 9.30 - 12.30), telefonando al n° 045/8006100 o via fax 045/8030815 (segreteria scuole: Sig. ra Wilma Tonello).

La Segreteria organizzativa presso il Teatro Nuovo - tel. 045/8006100 è aperta dal lunedì al venerdì (ore 9.30 - 12.30) per ogni ulteriore informazione.

2/in

IL PROVVEDITORE AGLI STUDI
(Dott. Edoardo Riccio)

al: programma



dell. my Alcionone
p.c. prof. my hequente
u

Verona 10/11/1997

Prof. Edoardo Riccio
Provveditore agli Studi di
Verona

Egregio Provveditore,

desidero presentarLe le iniziative che l'associazione culturale "Alcione e il Teatro Nuovo" promuovono nella seconda edizione de "Il Teatro di Shakespeare", il progetto di sensibilizzazione e coinvolgimento dei giovani al teatro. Si tratta di una serie di rappresentazioni teatrali e cinematografiche ispirate all'opera del drammaturgo inglese da sempre legato alla tradizione letteraria della città scaligera. Oltre alle proposte shakespeariane, la rassegna presenta quest'anno il programma "Non solo Shakespeare" articolato in due tipologie diverse di rappresentazioni: alcune legate al programma didattico ed altre, invece, di teatro contemporaneo.

Il progetto "Il Teatro di Shakespeare", che lo scorso anno ha riscosso grande successo di pubblico e critica contando oltre tremila studenti alle iniziative e più di quattrocento partecipanti al concorso, si presenta così, per l'anno '97/98, più ampio ed articolato nelle proposte e sempre più mirato ad avvicinare ed educare il pubblico giovanile quale prossimo fruitore delle programmazioni teatrali in ambito cittadino. Vista l'ampia richiesta da parte degli insegnanti che hanno già aderito lo scorso anno e la diffusione e promozione che vogliamo dare al progetto, auspichiamo di coinvolgere quest'anno oltre 6000 studenti.

Nostri interlocutori privilegiati sono dunque gli studenti delle Scuole Medie Superiori di Verona e Provincia insieme ai loro docenti; alcune iniziative saranno comunque promosse anche nelle Scuole Medie Inferiori. Tutte le manifestazioni verranno supportate da materiale didattico elaborato da insegnanti competenti nelle rispettive materie di studio (letteratura inglese, lettere, storia del teatro, storia dell'arte).

Il "Teatro di Shakespeare" proporrà così, nell'arco della stagione invernale e primaverile, alcuni film tratti dalle opere del drammaturgo inglese, l'*Amleto* e l'ultima produzione della tragedia *Macbeth*. Una nuova iniziativa dal titolo "A scuola con l'attore" porterà Roberto Petruzzelli ed Elena Giusti nelle stesse scuole interessate, per rendere direttamente partecipi gli studenti del lavoro teatrale. Grazie alla "messa in scena" da parte degli attori dei più noti personaggi shakespeariani, sarà possibile insaturare un rapporto privilegiato con i ragazzi che abbatte le distanze ed è vicino ai loro sogni, ai desideri ed alle passioni.



Infine, ad aprile, verrà riproposto lo spettacolo itinerante su *Romeo e Giulietta*, un percorso teatrale che lo scorso anno è piaciuto tantissimo ai giovani e ai loro insegnanti per la formula insolita ed avvincente. Rappresenta, infatti, un nuovo modo di avvicinare i giovani al teatro in quanto consente loro di essere maggiormente coinvolti nella rappresentazione che si snoda negli stessi luoghi della tragedia. Oltre alla novità rappresentata dal diverso approccio tra pubblico e attori e dalla struttura itinerante della pièce, riteniamo che essa consenta un impatto più stimolante e avvincente alle diverse materie oggetto di studio: letteratura, teatro, storia dell'arte e lingua straniera.

A differenza delle altre rappresentazioni (*Macbeth*, *Amleto*) che si svolgono all'interno del teatro, tale percorso, considerata la sua particolare struttura, si rivolge per ogni replica ad un numero limitato di partecipanti, richiedendo pertanto da parte dei promotori un particolare impegno organizzativo ed economico.

Considerato il successo che ha riscontrato lo scorso anno il *Premio letterario affiancato all'intero progetto "Il Teatro di Shakespeare"*, al quale potevano concorrere tutti i ragazzi che avessero partecipato ad almeno una delle proposte in programma, la stessa iniziativa verrà promossa anche quest'anno con le medesime modalità. I ragazzi potranno realizzare una composizione libera (tema, lettera a Shakespeare o lettera che Shakespeare potrebbe rivolgere oggi alla loro generazione, intervista a Shakespeare, ecc.) sul tema "Shakespeare nostro contemporaneo".

Al premio letterario si affiancherà un altro concorso rivolto a tutti gli studenti aspiranti attori. Saranno infatti invitati a cimentarsi nella recitazione di un monologo di un personaggio shakespeariano o di un dialogo tratto da *Romeo e Giulietta*. L'interpretazione potrà avere un taglio "classico", comico, ironico o altro. A tale concorso potranno partecipare singoli studenti, compagni di classe, amici di scuola o ragazzi "legati sentimentalmente" (almeno uno dei due partecipanti dovrà essere regolarmente iscritto all'Istituto che partecipa al concorso).

Il progetto si articola infine, in una serie di proposte, dal titolo "Non solo Shakespeare", che presentano produzioni del Teatro Nuovo/Alcione affiancate dalle ospitalità degli spettacoli del Centro Culturale San Fedele di Milano e dell'Abelliano di Bari.

Due produzioni del Teatro Nuovo/Alcione riguardano argomenti di studio scolastici: "Progetto Divina Commedia. Parte I: Inferno" e "Futurismo: Dal Manifesto di Marinetti alla poesia pura di Ungaretti". Sono spettacoli che offrono una diversa chiave di lettura delle tematiche trattate, attraverso l'incontro di tre realtà artistiche: quella teatrale-poetica, quella coreografica e quella musicale.

ALCIONE

CINEMA, TEATRO, DANZA

I CONTEMPORANEI

Infine; sul teatro contemporaneo; verranno presentati gli spettacoli: "La fabbrica dei sogni" regia di Paolo Valerio, "Angeli?" regia di Maria Pia Pagliarecci e "Il bambino è mio" regia di Vito Signorile.

L'intero progetto è realizzato con la collaborazione e l'intervento degli Assessorati alla Pubblica Istruzione di Comune e Provincia e i patrocini dell'Azienda di Promozione Turistica di Verona e del giornale "L'Arèna".

I Concorsi sono resi possibili grazie alla collaborazione e all'intervento della Mondadori, dell'Agenzia Hyde Park Travel di Bussoleto, del Club di Julietta, della Banca di Credito Cooperativo Verona CadDavid.

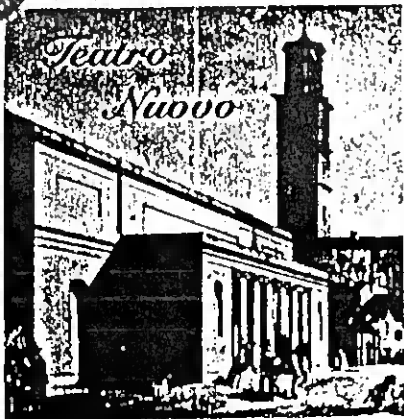
Desideriamo sottolineare che gli interventi delle aziende private non prevedono un contributo in denaro, ma l'offerta dei premi previsti per il concorso (due viaggi a Londra da parte dell'agenzia di viaggi, libri della Mondadori, ecc.).

A tale riguardo auspichiamo nel Vostro patrocinio e nella collaborazione da parte del Provveditorato agli Studi nella diffusione del progetto all'interno di tutte le scuole di Verona e Provincia. Speriamo inoltre che, come avvenuto nella prima edizione, vi sia la partecipazione di due rappresentanti del Provveditorato agli Studi all'interno della giuria dei singoli concorsi. Attendiamo in merito Vostra comunicazione riguardo i nominativi delle persone designate a tale incarico: un Vostro rappresentante per il premio letterario e uno per il concorso di teatro.

In attesa di un Suo cortese cenno di riscontro, Le porgo distinti saluti.

Il Presidente
(Paolo Valerio)





IL TEATRO DI SHAKESPEARE

cinema, teatro e dintorni

TEATRO NUOVO - TEATRO ALCIONE - DICEMBRE 1997 / APRILE 1998

PROPOSTA A'

I DRAMMI SHAKESPEARIANI NELLA SETTIMA ARTE

Proiezione dei seguenti film:

HAMLET, regia di Kenneth Branagh con K. Branagh, K. Winslet, J. Christie

ROMEO & JULIET, regia di Baz Luhrmann con L. Di Caprio, C. Danes

RICCARDO III, regia di Al Pacino con Al Pacino, K. Spacey, W. Ryder

LA DODICESIMA NOTTE, regia di Trevor Numm con H. Bonham Carter, I. Stubbs, N.

Hawthorne

periodo: 1,2,3,4 dicembre

orario: 9.30

sede: Cinema Teatro Alcione

costo: Lire 7.000

PROPOSTA B'

A SCUOLA CON L'ATTORE

1) PERSONAGGI FEMMINILI SHAKESPEARIANI

Incontro con Elena Giusti

All'interno della scuola si materializzeranno le figure di Giulietta, Ofelia, Lady Macbeth, Cleopatra attraverso l'interpretazione dell'attrice Elena Giusti. Lo studente avrà modo di veder nascere i personaggi attraverso il lavoro dell'attore. Si instaurerà così un rapporto privilegiato che abbatte le distanze ed è vicino ai sogni, ai desideri e alle passioni dei ragazzi.

periodo: 9,10,11,12,13 dicembre e 23,24,25,26 febbraio

orario: 9.00 e 11.00 (possibilità di due spettacoli nella stessa mattina)

sede: scuola (aula grande, palestra, aula magna, ecc.)

costo: Lire 10.000 (min. 80 partecipanti max. 120)

2) SHAKESPEARE E IL TEATRO ELISABETTIANO

Incontro con Roberto Petruzzelli

L'amore: l'alloro e gli allievi partecipanti inizieranno un viaggio attraverso le esperienze e i roveli sentimentali di celebri personaggi shakespeariani (Romeo, Mercuzio, Orlando, Orsino ed altri). Sarà possibile così riconoscere le tematiche dei protagonisti come nostre, grazie all'universalità della poesia shakespeariana.

periodo: 16,17,18,19 marzo

orario: 9.00 e 11.00 (possibilità di due spettacoli nella stessa mattina)

sede: scuola

costo: Lire 10.000 (min. 80 partecipanti max. 120)

PROPOSTA C f

1) AMLETO

Rappresentazione teatrale liberamente tratta dall'opera shakespeariana

Regia di Paolo Valerio, con P.Valerio, E.Giusti, R. Petruzzelli, R. Splna, M. Furlani

periodo: 20 marzo

orario: 9.00

sede: Teatro Nuovo

costo: Lire 12.000

2) MACBETH

Nuova produzione della Compagnia Teatro Nuovo/Alcione liberamente tratta dall'opera shakespeariana

Regia di Mamadou Dioume (attore della Compagnia di Peter Brook), con E. Giusti, C. Catlin

periodo: 17 aprile

orario: 10.00

sede: Cinema Teatro Alcione

costo: Lire 12.000

PROPOSTA Df

DAL TEATRO ALLA CITTA'

Scene da Romeo e Giulietta con animazione teatrale nei luoghi della tragedia
Itinerario ideato in collaborazione con l'associazione culturale "La Città Nascosta": casa e terrazza di Giulietta/cortile Mercato Vecchio/Loggia e Arche Scalligere/San Giorgetto
Regia di Paolo Valerio, con Micaela Morini (presentazione).

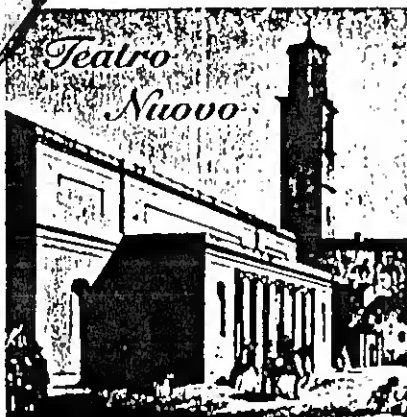
E con E. Giusti, R. Petruzzelli

periodo: 1,2,3,4,6,7 aprile

orario: 9.00 (prima rappresentazione), 11.00 (seconda rappresentazione)

sede: partenza dal Teatro Nuovo

costo: Lire 15.000



NON SOLO SHAKESPEARE

Percorsi teatrali classici e contemporanei per le Scuole Medie Superiori e Inferiori

I CLASSICI

Rappresentazioni legate al programma di studio

1) DAL MANIFESTO FUTURISTA ALLA POESIA PURA DI UNGARETTI

Progetto coreografico di Marcella Galbusera

Regia di Mariano Furlani, con P. Valerio, E. Giusti e attori e danzatori della Compagnia Teatro Nuovo/Alcione di Verona

Il progetto presenta una lettura diversa ed esplicativa dei testi poetici, letterari legati al Futurismo e all'Ermetismo.

Si tratta dell'incontro di diverse realtà artistiche: quella teatrale/poetica, quella coreografica, quella musicale e storica dell'arte.

periodo: 27 febbraio

orario: 9.30

sede: Cinema Teatro Alcione

costo: Lire 12.000

2) PROGETTO DIVINA COMMEDIA. PARTE I: INFERNO

Progetto coreografico di Marcella Galbusera

Regia di Mariano Furlani, con P. Valerio e attori e danzatori della Compagnia Teatro Nuovo/Alcione di Verona

La potenza dell'immaginario dantesco, l'incanto della sua lirica, il carattere/stile "comico" di cui è pervaso sono gli stimoli principali per una teatralizzazione dell'"Inferno".

periodo: 13 marzo

orario: 9.30

sede: Cinema Teatro Alcione

costo: Lire 12.000

I CONTEMPORANEI

Gli autori di oggi

1) IL BAMBINO E' MIO

di Luca De Bel

Regia di Vito Signorile, con Tina Tempesta, R. Viggiano, R. Petruzzelli, M. Prayer

Produzione del Teatro Abelliano di Bari

La situazione narrativa de *Il bambino è mio* prende spunto da un tema attuale: l'adozione, reso però senza retorica ma con ironia dall'autore attento all'essenzialità e al ritmo dell'azione teatrale.

periodo: 13, 14 febbraio

orario: 9.30

sede: Cinema Teatro Alcione

costo: Lire 12.000.

2) LA FABBRICA DEI SOGNI

"Non sono più nulla che un tenero macellaio"

Spettacolo per macchina da proiezione e attore solo

Di e con Paolo Valerio

Pellicole disposte confusamente sul pavimento accompagnano il pubblico in un luogo fantastico, inusitato e perfino insospettato: al di là dello schermo cinematografico.

Traendo spunto dal romanzo di Bohumil Hrabal *Una solitudine troppo rumorosa*, incentrato sui libri da destinare al macero, lo spettacolo ne ricrea un simbolico parallelo nel cinema: un ideale strumento didattico di riflessione per le scuole superiori affinché non si perda il senso che l'essenza e la ricchezza della comunicazione nascono nella pluralità del messaggio artistico.

periodo: 6 marzo

orario: ore 9.30

sede: Cinema Teatro Alcione

costo: Lire 12.000

3) ANGELI ?

di Ezio Alberione

Regia di Maria Pia Pagliarecci, con M. Furlani, M. Lanfranchi, C. Autelli, J. Arioli, L. Cassala, M. Boarino, R. Vicari

Produzione del Centro Culturale San Fedele di Milano

Lo spettacolo è un viaggio di esplorazione nel mondo e nel cuore dell'adolescenza; racconta la vita di un gruppo di ragazzi in un interno che potrebbe essere la camerata di una clinica o di un collegio e di un viaggio attraverso luoghi mitici quali il Parco, la Città, la Chiesa, la Discoteca, il Teatro.

periodo: 3 aprile

orario: 10.00

sede: Cinema Teatro Alcione

costo: Lire 12.000

INFORMAZIONI:

- Per ogni spettacolo verrà fornito materiale didattico elaborato dalle insegnanti: Elisabetta Marigo (responsabile coordinamento), Maddalena Cavalleri e Daniela Zumiani.
- Alla fine di ogni spettacolo è previsto un dibattito/incontro con gli studenti.
- Per quanto riguarda "Non solo Shakespeare", registi e attori, si rendono disponibili per un incontro preparatorio allo spettacolo da tenersi nella scuola previa richiesta con almeno 15 giorni di anticipo.
- Per le scuole fuori Provincia, con minimo duecento partecipanti, sarà possibile concordare con almeno 30 giorni di anticipo orari e date particolari.
- Per quanto riguarda il calendario di "Non solo Shakespeare" ricordiamo che tutti gli spettacoli saranno replicati la sera stessa del venerdì alle ore 21.15, con la possibilità per gruppi di studenti superiori alle 50 unità di avere una riduzione sul biglietto.

MODALITA' DI ISCRIZIONE ALLE INIZIATIVE:

Le prenotazioni si possono effettuare dal lunedì al venerdì, dalle ore 9.30 alle 12.30, telefonando al n° 045/8006100 o inviando richiesta tramite fax al n° 045/8030815, con recapito e referente. Segreteria scuole: Sig.ra Wilma Tonello.

Il pagamento può essere effettuato presso la biglietteria del Teatro Nuovo, al massimo cinque giorni prima della data prescelta o tramite vaglia intestata a:

IL TEATRO DI SHAKESPEARE
c/o Teatro Nuovo - P.zza Viviani, 10 - 37121 Verona

Segreteria organizzativa presso il Teatro Nuovo - tel. 045/8006100
da lunedì a venerdì, dalle ore 9.30 alle 12.30

Qualora una classe fosse interessata a partecipare a più rappresentazioni sarà possibile acquistare i seguenti biglietti cumulativi:

Il Teatro di Shakespeare

Proposta A + C (1 o 2) - Lire 15.000

Proposta A + B (1 o 2) - Lire 15.000

Proposta C (1 o 2) + D - Lire 25.000

Proposta A + C (1 o 2) + D - Lire 30.000

Proposta A + B (1 o 2) + C (1 o 2) - Lire 25.000

Proposta A + B (1 o 2) + D - Lire 30.000

Non solo Shakespeare

1 classici 1 + 2 - Lire 20.000

1 "classico" + 1 "contemporaneo" - Lire 20.000

CONCORSO

Gli alunni che aderiranno al progetto "Il Teatro di Shakespeare" potranno partecipare al PREMIO LETTERARIO o al PREMIO PER I MIGLIORI STUDENTI/ATTORI SHAKESPEARIANI interpreti di un monologo o di un dialogo tratto da *Romeo e Giulietta* di W. Shakespeare (maggiori informazioni a riguardo verranno riportate sul programma).

Anexo n.º 62:

“Projecto «33º *Convegno Internazionale
Pirandello e la sua Opera*» desenvolvido
pelo *Provveditorato agli Studi di Verona*”



REPUBBLICA ITALIANA

PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA

Prot. n. 04/202/C13

Verona, 5.4.1996

Ai PRESIDI degli Istituti
di Istr. Sec. di II Grado

Statali e Non Statali

Loro Sedi
=====

Oggetto: 33° Convegno Internazionale " Pirandello e la sua Opera ".
Modalità di partecipazione.

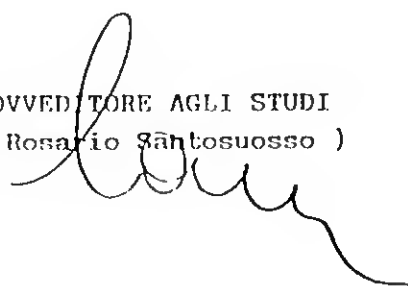
Con la presente si trasmette copia delle modalità di partecipazione dei Gruppi di Lavoro Pirandelliani al 33° Convegno Internazionale " Pirandello e la sua Opera " che si svolgerà ad Agrigento nel periodo 7 - 10 Dicembre 1996.

Il coordinamento dell'iniziativa è curato dal Prof. Gian Pietro Cailotto - ITCS " I. Pindemonte " - Verona; tel. 045/596144; fax 045/801224, a cui rivolgersi anche per ogni ulteriore informazione.

All.: programma.

AZ/

IL PROVVEDITORE AGLI STUDI
(dr. Rosario Santosuosso)



33° CONVEGNO INTERNAZIONALE
"Pirandello e la sua Opera"

Agrigento 7/10 dicembre 1996 Jolly Hotel
Modalità di partecipazione dei gruppi di lavoro

1- Possono partecipare al 33° Convegno gruppi di lavoro di studenti della Media Superiore, professori autorizzati a coordinare tali gruppi oppure singoli professori. Ad ogni convegnista verrà consegnata in omaggio una cartella con blok notes, penna ed un tesserino di riconoscimento, senza il quale non si potrà accedere ad alcuna manifestazione del Convegno.

2- I gruppi di lavoro vanno costituiti entro il 30 di aprile e devono partecipare ad una mattinata di preparazione al Convegno. In tal senso dovrà essere indirizzata al Centro Nazionale Studi Pirandelliani (0922-29052), una comunicazione che confermi l'avvenuta costituzione dei gruppi e la partecipazione alla giornata preparatoria.

3- I gruppi di lavoro sono formati da un minimo di due e da un massimo di quattro unità coordinate da un insegnante. Non si può partecipare al Convegno come intera classe o gruppo superiore alle cinque unità (4+1), avendo il Convegno carattere seminariale e come conclusione di un lavoro di letture e di approfondimento critico.

4- Il gruppo di lavoro, così costituito, è chiamato ad un'attività di ricerca su uno dei temi del Convegno, di stesura di una tesina che va spedita nei modi voluti dal Regolamento apposito, al Centro Nazionale Studi Pirandelliani entro il 20 di ottobre 1996. Non si può partecipare al Convegno senza avere preparato la tesina che va sottoscritta da non più di quattro studenti.

5- Qualora si verificasse la disponibilità di posti, la scuola partecipante può essere autorizzata dal Centro Nazionale Studi Pirandelliani ad intervenire con più di un gruppo di lavoro. Il numero dei convegnisti è chiuso a 500 partecipanti.

6- Il Convegno si riunirà in seduta plenaria alle 8,45 dei giorni 7-8-9 e 10 dicembre, mentre i pomeriggi dei giorni 7-8- e 9 saranno impegnati nelle gite sul territorio e in seminari di approfondimento sui temi della mattinata. Nel pomeriggio del 10 si assisterà al Teatro Pirandello alla Manifestazione della Premiazione e alla chiusura del Convegno. Nel corso delle serate 6-7-8-9 si potrà partecipare ad una Rassegna di spettacoli al Teatro Pirandello, mentre nella serata del 10 sarà organizzata al Jolly Hotel una festa di addio.

7- Data la cancellazione dei contributi da parte dell'Assessorato Regionale al Turismo per l'attività di trasporto, propaganda e ospitalità del Convegno, e dell'Assessorato Regionale ai Beni Culturali per l'attività convegnistica, il Centro continuerà a predisporre, a prezzi convenienti, i servizi di transfer da e per gli aeroporti di Palermo e Catania, nonché i transfer per le gite sul territorio e per il Teatro Pirandello. Ogni Provincia, però, si organizzerà in modo da far contribuire i partecipanti nella seguente misura:

- a) giorno 6:
trasfer dall'aeroporto di arrivo ad Agrigento,
c/hotels prenotati €.15.000
- b) giorno 11 mattina:
trasfer per gli aeroporti di partenza: €.15.000
- Sarà assicurata, se richiesta, fattura da parte della Ditta Autotrasporti.
- c) pomeriggio del 7:
pulman e guida turistica:
gita sul territorio: Museo, oppure
Centro Storico €. 5.000
- pomeriggio dell'8:
gita sul territorio: Casa Natale e
Valle dei Templi €. 5.000
- pomeriggio del 9:
gita sul territorio: Eraclea Minoa €.10.000
- d) serate del 7-8-9-10:
trasfer da albergo al teatro e viceversa
per i quattro giorni €.20.000
- e) serata di festa al Jolly Hotel (10 dicembre) €.10.000

Le prenotazioni per le gite e le serate si potranno effettuare la sera del 6 (all'arrivo) e nella mattinata del 7 presso la Segreteria del Convegno.

E' stata raggiunta un'intesa di massima con gli alberghi convenzionati per quanto riguarda la pensione completa che, con ogni probabilità, sarà lasciata al prezzo di €.55.000 al giorno più €.15.000 giornaliera per la camera singola.

8- Entro il mese di maggio 1996 i responsabili dei gruppi di lavoro sono vivamente pregati di comunicare al Centro Nazionale Studi Pirandelliani la conferma e il numero presuntivo di partecipanti per ogni Provincia e per ogni scuola, tenendo conto che non è possibile superare complessivamente il numero di 32 persone per Provincia, salvo diversa autorizzazione del Centro in relazione alla disponibilità di posti.

Modalità approvate dal Consiglio di Amministrazione del Centro Nazionale Studi Pirandelliani nella seduta del 24 marzo 1996

Prof. Enzo Lauretta

Presidente



Agrigento, 25 marzo 1996

Anexo n.º 63:

“Projectos «*Teatro escola*» e «*Famiglie a teatro*» desenvolvidos pelo
Provveditorato agli Studi di Verona”



PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA

Prot. n. 04/8494/C.13

Verona, 27.8.1998

ALLA FONDAZIONE
A.I.D.A. - CENTRO TEATRO RABAZZI

V.lo Dietro Campanile Filippini, n. 6

37121 VERONA

Alla cortese attenzione del

Sig. ROBERTO TERRIBILE

Oggetto: Rassegna "TEATRO SCUOLA" e "FAMIGLIE A TEATRO" -
Stagione 1998/99.
Richiesta di patrocinio.

Con riferimento alla richiesta presentata dalla S.V. in data 22.7.1998, questo Provveditorato agli Studi concede il proprio patrocinio alle Rassegne "TEATROSCUOLA" e "FAMIGLIE A TEATRO" - Stagione 1998/99 -, in considerazione della validità artistico - culturale ed educativa delle iniziative in programma.

Al riguardo, si ricorda che la concessione del patrocinio non comporta alcun onere o spesa a carico di questa Amministrazione nè il riconoscimento ai fini dell'aggiornamento di eventuali incontri ed attività con i docenti.

AZ/in

IL PROVVEDITORE AGLI STUDI
(Dott. Edoardo Riccio)

FONDAZIONE

AIDA

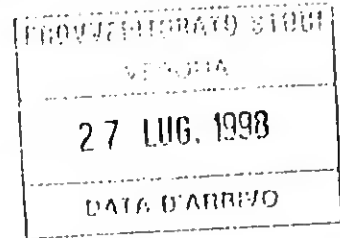
centro teatro ragazzi

ORGANISMO STABILE DI
PRODUZIONE TEATRALE
PER RAGAZZI E GIOVANI

obblig. della
M. in legge

Prot. n. 770 RT/rp

Spett.
Provveditorato agli Studi
di Verona
alla c.a. del Provveditore
Dr. Edoardo Riccio



**Oggetto: Richiesta patrocinio rassegne "Teatro Scuola" e "Famiglie a teatro"
- Stagione 1998/99**

Egr. Provveditore,

con la presente abbiamo il piacere di sottoporre alla Sua cortese attenzione il programma delle rassegne di Teatro Ragazzi che anche quest'anno la nostra Fondazione proporrà alle scuole di Verona e provincia presso la sede stabile del Centro.

Come di consueto, tutti gli spettacoli si terranno dunque al Teatro Filippini, da ottobre a marzo, alle ore 10,00 per i gruppi scolastici e la domenica pomeriggio; alle ore 17,00, per i nuclei familiari.

Sul palcoscenico del Teatro Filippini si alterneranno perciò, agli allestimenti del Centro (da ottobre a dicembre), una serie di spettacoli frutto di provata esperienza e professionalità, che da gennaio a marzo offriranno una panoramica della miglior produzione di Teatro per Ragazzi, con una particolare attenzione alla narrativa, alla favolistica classica e alla sperimentazione.

Certi della valenza culturale, educativa e artistica delle nostre proposte, siamo dunque a chiedere il Patrocinio di codesto Provveditorato per le due rassegne "Teatro Scuola" e "Famiglie a Teatro", comunicando fin d'ora che nessuna forma di pubblicità di prodotti commerciali verrà effettuata durante lo svolgimento di tali rassegne.

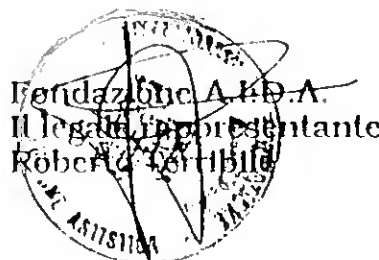
Non appena disponibile, sarà nostra premura inviargli il calendario con i titoli e le date della rassegna.

Confidando in un Vostro positivo riscontro alla richiesta avanzata, rimaniamo a disposizione per qualsiasi chiarimento aggiuntivo al seguente recapito:

Fondazione A.I.D.A./Centro Teatro Ragazzi - Vicolo dietro Campanile Filippini,
16- 37121 Verona- tel. 045/8001471-595284 fax 045/8009850.

Cordiali saluti.

Verona, 22 luglio 1998



Rassegna "Famiglie a Teatro"
Stagione 1998/99
TEATRO FILIPPINI di Verona

- | | |
|--|--|
| 11 ottobre - Fondazione A.I.D.A.
COSE DELL'ALTRO MONDO | 06 gennaio - Fondaz. A.I.D.A.
DOVE VA IL SOLE...DOPO? |
| 18 ottobre - Teatro Oplà
VORREI VOLARE CON MARY POPPINS | 10 gennaio - Teatro dei Vaganti
HANSEL E GRETEL |
| 25 ottobre - Fondazione A.I.D.A.
IN VIAGGIO CON ARLECCHINO | 17 gennaio - Teatro Assolo
BURATTINATE |
| 01 novembre - Fondazione A.I.D.A.
IL TESORO DI PETER PAN | 24 gennaio - Teatro dei Vaganti
FANTASTICA |
| 08 novembre - Fondazione A.I.D.A.
IL SOLDATINO DI STAGNO | 31 gennaio - Fontana Teatro
HAI PAURA DEI FANTASMI? |
| 15 novembre - Teatro Prova
IL GIGANTE EGOISTA | 07 febbraio - Fontemaggiore
NELLA PANCIA DEL LUPO |
| 22 novembre - Fondazione A.I.D.A.
GENERENTOLA | 14 febbraio - Teatrino dell'Es
BIANCANEVE |
| 29 novembre - Teatro Oplà
IL BRUTTO ANATROCCOLO | 21 febbraio - Stilema
CAPPUCETTO ARROSTO |
| 06/08 dicembre - Teatro Assolo
FIABE DEL BUON DIO | 28 febbraio - Giallo Mare
IN BOCCA AL LUPO |
| 15 dicembre - Fondazione A.I.D.A.
JACOPO & MAURICE. Minimusical stonato | 07 marzo - La Contrada
LA PRINCIPESSA DISPETTOSA |
| 20 dicembre - Teatro Evento
GLI GNOMI DI NATALE | 14 marzo - Teatro Assolo
COME POLLICINO |
| 03 gennaio - Teatro Oplà
VORREI VOLARE CON MARY POPPINS | 21 marzo - Teatro dei Vaganti
FANTASTICA |

Rassegna "Teatro Scuola"
Stagione 1998/99
TEATRO FILIPPINI di Verona

16-19 ottobre - Teatro Oplà
VORREI VOLARE CON MARY POPPINS

25/26/27/28/29/30 ottobre - Fondazione A.I.D.A.
IN VIAGGIO CON ALFRECCCHINO

2/3 novembre - Fondazione A.I.D.A.
IL TESORO DI PETER PAN

6/9/10/11/12/13 novembre - Fondazione A.I.D.A.
IL SÖLDATINO DI STAGNO

16/17/18/23/24 novembre - Teatro Prova
IL GIGANTE EGOISTA

1-4 dicembre - Teatro all'Improvviso
ART

9 dicembre - Teatro Assolo
FIABE DEL BUON DIO

14-16 dicembre - Fondazione A.I.D.A.
JACOPO & MAURICE Minimusical stonato

18-21 dicembre - Teatro Evento
GLI GNOMI DI NATALE

22-25/25-29 gennaio - Teatro dei Vaganti
FANTASTICA

8-10 febbraio - Fontemaggiore
NELLA PANCIA DEL LUPO

15-16 febbraio - Teatrino dell'Es
BIANCANEVE

22 febbraio - Stilema
CAPPUCETTO ARROSTO

1-2 marzo - Giallo Mare Minimal Teatro
IN BOCCA AL LUPO

8-9 marzo - La Contrada
LA PRINCIPESSA DISPETTOSA

10-12 marzo Accademia Perduta
IL BOSCO DELLE STORIE

Rassegna "Teatro Scuola"
Stagione 1998/99
CINEMA TEATRO NUOVO di San Michele Extra (VR)

25-27 novembre - Teatro Litta
LO SCHIACCIANOCI

10-11 dicembre - La Piccionaia
STORIA DI UNA GABBIANELLA E DEL GATTO...

25-25 febbraio - Teatro Invito
LA STORIA DEI PROMESSI SPOSI

4-5 marzo - Fondazione A.I.D.A.
ALADINO

** La presentazione della stagione "Teatro Scuola" si terrà presso il Teatro Filippini di Verona venerdì 25 settembre 98 alla quale Vi invitiamo fin d'ora a partecipare*

Anexo n.º 64:

“Projectos desenvolvidos pela
LEA de Manchester”

Celia Martins

De: Peter Wilkinson <p.wilkinson@notes.manchester.gov.uk>
Para: Celia Martins <rdd64307@mail.telepac.pt>
Cc: Shiela Connor <s.connor@notes.manchester.gov.uk>
Assunto:
Data: Quarta-feira, 19 de Julho de 2000 11:40

Manchester Education Authority runs an annual training programme for teachers working with children aged between 10 and 18 that links Drama, Dance, Visual Art and Music to a comprehensive programme of literacy study in line with the UK's National Literacy Strategy. The aim of the literacy dimension of the programme is to set the analysis of text in the context of an extensive arts project, so that the pupils are relating the texts they are studying from a technical point of view to their affective/cognitive experiences in the arts work. Our experience is that many pupils engage more readily and powerfully with curriculum content through the learning styles offered by the arts and that this engagement prepares them for tackling the literacy work, because the texts used relate to the arts work and further their understanding of themes and situations they have explored and enjoyed in drama, dance, art and music. The themes are always challenging: our aim is to raise the expectations of teachers with regard to the capabilities of pupils. The subject matter can be the great narratives of history - e.g. the history of the Ashkenazi Jews and their emigration to Manchester, the Spanish Conquest of Mexico, the works of Sophocles and Shakespeare, the operas of Monteverdi, the scramble for Africa in the 19th/20th Centuries, the trade in African Art, migration from the third world to the first world. For many schools the work culminates in exhibitions and performances in a professional theatre supported by professional theatre artists. At present we are working with 35 schools, secondary and primary; these schools have committed to a year long programme. Many of these schools pursue the project every year, with some now into their eighth year. This number represents approximately 18% of the schools in Manchester. I hope this information is helpful - please contact me if you need to know more.

This email and any files transmitted with it are confidential and intended solely for the use of the individual or entity to whom they are addressed. If you have received this email in error please notify postmaster@notes.manchester.gov.uk

This footnote also confirms that this email message has been swept by MIMESweeper for the presence of computer viruses.

Anexo n.º 65:

“Projecto «*Il Novecento*» desenvolvido
pelo *Provveditorato agli Studi di Arezzo*”



PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI AREZZO

c.f. 80002240515 e-mail prostuar@ats.it Sito Internet <http://www.provvarezzo.bdp.it/>

Sez. 2° Ufficio 6° - Edilizia Scolastica e Statistica

Prot. n.

Arezzo, 12 luglio 2000

**Sig.ra Célia Martins
R.Dr. José de Matos
Lote 5 - 3° Esq
8000-485 FARO
PORTUGAL**

Oggetto: Invio progetto

In risposta al suo E_mail del 30.6 le inviamo un progetto di educazione alla pace, riguardante la lettura emotiva e l'improvvisazione teatrale, sperando che le sia utile.

Il Provveditore Agli Studi
(Alfonso Caruso)

UP/lc

Provveditorato agli Studi di Arezzo
Ufficio Studi e Programmazione

"Il Novecento"
Progetto di Educazione alla Pace

Lettura emotiva & improvvisazione teatrale

seminario di studio e produzione per docenti di lingua inglese

Arezzo, 22 febbraio 2000

Programma

- | | |
|-----------|--|
| ore 9-10 | <i>Teatro, nuovo sapere nella scuola del Duemila: dal testo alla scena</i>
Angela La Salvia Trisolini, <i>direttore del seminario</i> |
| ore 10-11 | <i>L'approccio neurocognitivo alla «lettura emotiva» e all'«improvvisazione teatrale»</i>
Salvatore Maiorana, <i>ispettore Sovrintendenza Scolastica per la Toscana</i> |
| ore 11-13 | Laboratorio <i>Lettura emotiva</i> - testi teatrali di Edward Bond
coordinatore: Aldo Di Criscio, <i>regista</i> |
| | <i>pausa pranzo</i> |
| ore 15-17 | Laboratorio <i>Improvvisazione teatrale</i> - testi di Edward Bond
coordinatore: Duccio Barlucchi, <i>regista</i> |
| ore 17-18 | Conclusione dei lavori |

sede: I.T.I.S. "G. Galilei", v.le Pier della Francesca 55 - Arezzo

per informazioni: Provveditorato agli Studi di Arezzo, dott. Angela La Salvia - tel. 0575 309320



*Ministero della Pubblica Istruzione
Sovrintendenza Scolastica per la Toscana
Servizio Ispettivo*

PROGETTO NOVECENTO

Nuovo progetto di educazione alla pace

*Dal presente del nuovo millennio alla ritestualizzazione e ri-
creazione delle forme artistiche del primo novecento e degli
anni '30 in Europa e in USA*

Coordinatore Scientifico:

Prof. Salvatore MAIORANA

Ispettore del Ministero della Pubblica Istruzione

Gruppo di ricerca, consulenza e organizzazione

- Duccio BARLUCCHI (regista/attore)
- Paolo BIRIBO' (regista/attore)
- Monica BUTORI (pedagogista clinica)
- Laura CASALINI (ufficio Studi e Programmazione Sovr.Scol.Reg. Toscana)
- Patrizia CENDERELLI (docente di Educazione artistica Sc. Media SS.
Annunziata - Firenze)
- Sabina CESARONI (danza/attrice)
- Mara CHIARINI RAVENNI (regista/attrice)
- Gabriella DI TOMMASO (preside incaricata)
- Stefania MAGGINI (esperta teatro)
- Aldo REDI DI CRISCIO (regista)
- Giovanna ROGANTI (regista/attrice)
- Eliana TERZUOLI (docente di lingua e civiltà francese - Lic. Sc. Copernico di
Prato)
- Alberto TOSCANI (docente Scuole Spec. - Università di Firenze)
- Antonietta TRICARICO (docente di italiano e latino Lic. Cl. Educandato SS.
Annunziata)
- Roberto VENTURI (esperto cinematografico)
- Erminia ZAMPANO (docente di lettere Lic. Sc. Educandato SS. Annunziata)
- Stefania ZAMPIGA (docente di lingua e civiltà inglese - Lic. Sc. Copernico di
Prato)

Firenze 1999



*Ministero della Pubblica Istruzione
Sovrintendenza Scolastica per la Toscana di Firenze*

Servizio Ispettivo

Via Toselli 4 - 50144 Firenze - ☎ 055/332003 - fax 055/3215097
-e-mail -fiss0001@bdp.it
fiss0002@bdp.it

**NUOVO PROGETTO
DI
EDUCAZIONE ALLA PACE**

*Dal presente del nuovo millennio alla ritestualizzazione e ri-creazione
delle forme artistiche del primo novecento e degli anni '30 in
Europa e in USA*

coordinatore scientifico:

Salvatore Maiorana
*Ispettore del
Ministero della P.I.*

Finalità

La pace come attitudine umana ad una sana convivenza civile tra i popoli, tra le stesse culture ed etnie diverse, si caratterizza come uno dei fondamentali bisogni umani, dal quale dipende anche il futuro delle nuove generazioni.

Il progetto si proietta nell'ambito dell'educazione alla pace, intesa come educazione, al rispetto civile delle regole, al rifiuto delle diverse forme di razzismo, di xenofobia, di intolleranza, di violenza e di tortura operanti nel mondo.

La pace dovrebbe assumere la fisionomia di una nuova coscienza civile del rifiuto e della condanna di tutte le pratiche di violenza e di guerra.

Essa come nuovo episteme culturale dovrebbe assumere i caratteri di una nuova cultura umana, al di là degli stessi spazi geografici, delle razze, e delle etnie, una cultura capace di soddisfare i bisogni di comunicazione relazionale, di giustizia, di libertà.

In quest'ottica la pace va vista come una nuova grammatica del vivere una nuova dimensione estetica un nuovo linguaggio, una nuova mimica una nuova gestualità, una nuova prossemica, una nuova corporeità, in sintesi una nuova semiotica umana.

Il movimento come linguaggio del corpo assume quindi una valenza formativa che va al di là delle sue stesse forme espressive.

Le metafore concettuali fanno parte di un insieme di meccanismi immaginativi, che, partendo da concetti con un diretto fondamento corporeo, si protendono verso concetti più astratti.

La conoscenza dei linguaggi e delle culture altre, soprattutto attraverso momenti di ritestualizzazione e di ri-creazione delle forme artistiche attiva nel discente una nozione esperienziale di relativismo culturale, di rispetto della diversità e della persona umana.

Attraverso lo studio delle opere letterarie, poetiche, artistiche della contemporaneità, lo studente svilupperà la sua immaginazione, ma è importante che, nello stesso tempo, emotività e ragione siano inglobati in questo processo.

L'immaginazione secondo, E. Bond, è il fondamento e la struttura della nostra umanità. E' tutto ciò che noi possediamo per riempire il gap faustiano, cioè quella frattura, quella crepa ai nostri piedi dalla quale dipende il futuro dell'uomo, la nostra salvezza o la nostra distruzione. (1)

La nostra esistenza è così tenue, sottile, come quella dei pazzi: saremo distrutti o diventeremo liberi, non per mezzo di ciò che pensiamo ma di ciò che immaginiamo.

L'immaginazione è perdita, intesa come assenza della nostra umanità. Ecco ciò che l'immaginazione cerca. (2)

L'affermazione di Bond nell'ambito di un progetto di educazione alla pace e alla tolleranza si connota come filo conduttore delle numerose e varie testimonianze letterarie, poetiche, teatrali europee degli anni '30, perché affonda le sue radici nell'humus della cultura occidentale: la civiltà classica greco-latina.

L'educazione all'immaginazione attraverso lo studio e la ritestualizzazione delle forme artistiche del novecento, in Europa, e negli USA, permetterà allo studente di ricordare il passato, per meglio conoscere il presente e la contemporaneità nel suo complesso e da qui, da una maggiore conoscenza della realtà del presente, proiettarsi verso la dimensione del futuro.

La "ritestualizzazione" delle forme artistiche si legherà alla ricostruzione storico-culturale "ideologica" di quegli anni, ricchi nell'arte, ma estremamente violenti per la nascita di ideologie catastrofiche e di stati violenti, coercitivi dei diritti umani. (il nazismo, il fascismo, l'ideologia pangermanista, i genocidi, gli olocausti degli ebrei.)

Ritestualizzare le forme artistiche principalmente attraverso il linguaggio teatrale, risulta, un processo formativo importante, perché permette di attivare nel giovane la creatività, come strategia analogico-combinatoria del suo pensiero.

Il teatro, infatti, come interazione di linguaggi tra loro diversi, possiede, nello specifico della sua comunicazione "qualcosa" che le altre forme artistiche, non hanno.

Fare teatro significa, per il giovane, diventare attore, non solo dei significati scenici legati alla dicotomia pace/violenza, ma anche essere attore dei propri processi affettivo-cognitivi che potremmo definire i mattoni formativi della nostra esperienza simbolica.

L'idea di teatro didattico non si riferisce solamente al momento finale della rappresentazione, ma anche e soprattutto all'iter dei processi che conducono alle forme rappresentative della realtà.

Teatro inteso come ogni possibile forma espressiva che tende a rappresentare la realtà umana e suoi linguaggi (poetico, narrativo, musicale, pittorico, corporeo ecc.) la sua storia, il presente, il passato, il futuro, il sogno, la fantasia, l'immaginazione.

Così il teatro diventa strumento pedagogico, trasversale a tutti i linguaggi, i saperi, e le stesse discipline .

L'educazione alla pace, quindi, si caratterizza, nel nostro progetto, come educazione all'immaginazione e alla creatività, con le quali ogni essere umano attiva le sue "modalità" di interazione con la realtà, "uno specifico processo simbolico con il quale l'individuo costruisce e crea il proprio rapporto con il mondo: per vederlo, pensarlo, interagire con esso" (3), in un'azione di ricerca che crea i presupposti per una vera cultura, quella cultura, che è sempre e solo umanesimo, e che al di là delle varie forme, costituisce il fronte del progresso di contro all'oscurantismo, del positivo umano di fronte alla negazione dell'uomo, della libertà di fronte alla schiavitù, del rischio di fronte alla tranquilla stasi. (4)

Obiettivi

- sviluppo della competenza di scrittura argomentativa e creativa
- potenziamento e sviluppo del senso critico
- educazione all'immaginazione e alla creatività
- educazione al relativismo culturale
- educazione ai linguaggi non verbali (linguaggio del corpo, mimica, gesto, prossemica cinesica, prosodia della voce)
- educazione alla comunicazione interpersonale
- educazione ai linguaggi artistici (teatro, musica, arte figurativa, cinema, letteratura)

L'obiettivo specifico del progetto è quello di potenziare la creatività nella scrittura, in particolare far acquisire nei giovani la capacità di scrittura creativa (ad es. la scrittura di un copione filmico, o la sceneggiatura di un testo teatrale).

Destinatari

Gli studenti del triennio e in particolare delle 5° classi degli istituti secondari superiori.

Gli alunni delle terze classi della scuola media.

P.E.I.

Il progetto va inserito come segmento operativo del Progetto Educativo d'Istituto e va presentato nel P.O.F. (Piano dell'offerta formativa della scuola) per ottenere un finanziamento.

L'inserimento del progetto nel curriculum dovrà assumere una connotazione multidisciplinare e interdisciplinare.

Attività

Studio di opere letterarie, poetiche, filmiche, pittoriche, multimediali, della contemporaneità che si proiettano nel passato delle forme artistiche e ideologiche del '900 (preferibilmente gli anni '30)

La ritestualizzazione avverrà con la lettura drammaturgica dei testi originali e la ri-creazione delle forme artistiche, con l'uso del linguaggio teatrale.

Il teatro può rappresentare le forme pittoriche e d'avanguardia dei primi anni del novecento: il futurismo, il cubismo ecc., la poesia e la narrativa di quegli anni, le forme artistiche del cinema, le scoperte della fisica: Borh, Heisenbergh, la meccanica quantistica, Fermi e lo sviluppo della fisica nei ricercatori di via Panisperna, le prime scoperte sulla fissione nucleare; e le stesse

forme teatrali degli anni '30: Brecht in Germania con il suo teatro epico, Artaud in Francia con il suo teatro della crudeltà, Pirandello in Italia con il suo teatro d'avanguardia, l'agit-prop, in Inghilterra, come forma di teatro politico.

Per quanto riguarda la letteratura, la produzione d'avanguardia negli anni 30 è molto ricca: la *Waste Land* di Eliot, l'*Ulysses* di J. Joyce, *Le Onde* di Virginia Woolf.

E' da ricordare inoltre, la poesia di Ungaretti, di Montale, la narrativa di Svevo, di Camus, di Proust, l'arte figurativa di Modigliani, Picasso, Gauguin, Van Gogh, degli impressionisti francesi, la musica europea e americana, le prime forme di be-bop in America, la stessa architettura d'avanguardia in Europa.

Un interessante filone di indagine potrà essere costituito dalla ricerca nella produzione greca e latina del tema del "rovesciamento del mondo".

La prima grande conquista che l'evasione immaginativa riesce a realizzare è proprio quella della pace, aspirazione rigeneratrice per gli uomini, qualunque di ieri e di oggi, trascinati in assurdi massacri dai giochi di potere di pochi.

Il percorso letterario potrebbe privilegiare due autori soprattutto: Aristofane per il mondo greco e Virgilio per quello latino.

Del primo si analizzerebbe la "liberazione dell'immaginazione" in due commedie in particolare *La Pace* e *Gli Acaresi*, del secondo si commenterebbero *Le Bucoliche* opera in cui il salto immaginativo dell'autore ci trasporta nella dolcezza del sogno utopico di una pace immune da violenze, oggi incrinato dall'eco delle cruente vicende contemporanee, fragile come tutti i sogni di fronte alla durezza del reale.

Metodologia

Si suggerisce lo studio di opere letterarie, artistiche, figurative, filmiche della contemporaneità che conducano il lettore nella dimensione storico-culturale del passato del primo novecento europeo o americano e da qui, attraverso una conoscenza esperienziale, (mise en espace) ritornare al presente della nostra contemporaneità per capire di più la realtà che ci circonda.

Allo studio delle forme artistiche del passato, seguirà, da parte degli studenti, l'elaborazione creativa di testi scritti (sceneggiature teatrali e filmiche) che verranno rappresentati (performances o mise en espace) dagli stessi studenti con la guida di esperti e dei docenti curriculari.

Nella scuola media il secondo anno potrebbe essere dedicato ad un lavoro di preparazione per la classe terza, con una focalizzazione su letture drammaturgiche che agevolino l'introspezione e la riflessione sulle tematiche storico-sociali e sui linguaggi "emotivi" della contemporaneità.

Lo studio dei testi dovrebbe avvenire attraverso una lettura "multidimensionale" che attiva i processi cognitivi-emotivi degli studenti, in particolare, la creatività e l'immaginazione, come interazione tra la ragione e l'emotività.

La lettura multidimensionale si caratterizza come processo ermeneutico di tipo analogico-associativo e non argomentativo-sequenziale.

Tempi.

Si intende realizzare il progetto nell'anno scolastico 1999/2000.

Le scuole, per motivi organizzativi possono realizzare le attività indicate nel progetto, anche per un biennio.

Si prevede alla fine delle attività per l'anno scolastico 1999/2000 una rassegna teatrale delle scuole che hanno realizzato un segmento o segmenti del progetto.

La rassegna all'interno di un seminario-convegno aperto ai docenti e agli studenti si terrà presso i teatri: *Metastasio* di Prato e *La Pergola* di Firenze.

Verifica

Schede di osservazione, questionari, interviste, testi di scrittura creativa, griglie valutative, mappe concettuali, stili cognitivi ecc.

- il progetto è promosso da Salvatore Maiorana ispettore del Ministero della P.I in collaborazione con la Sovrintendenza Scolastica Regionale Toscana, i Provveditorati agli Studi delle province toscane, Il *Teatro Metastasio*, *La Pergola* e la *Fondazione Toscana Spettacolo*.

Collaborazioni

IRRSAE Toscana
Istituto Francese di Firenze
Goethe Institut
Consolato inglese
American Institute
British Council

- Note
- 1. cfr. E. Bond, *Lettera a S. Maiorana*, GreatWilbraham (Cambridge) 23 Gennaio 1999
- 2. ibidem
- 3. cfr. Progetto "Creatività" del Ministero della P.I. Sovrintendenza Scolastica regionale per la Toscana, coordinato dall'Ispettore Maiorana
- 4. cfr. C. Preti, *Praxis ed Empirismo*, Einaudi, 1998 pag. 231.

Con i primi anni del '900 si assiste alla nascita dell'arte cinematografica e del suo sistema. Le immagini in movimento hanno dato la possibilità di esprimersi in molti modi diversi e di attingere anche ad altre arti, come la pittura o il teatro. Con l'avvento del sonoro il cinema si completa di un ulteriore livello di linguaggio che rende sempre più complesso ed affascinante il suo stile compositivo ed espressivo.

Gli inizi del secolo sono stati quindi anni di ricerca e sperimentazione del nuovo linguaggio da un lato, ma anche anni di assoggettazione al potere economico e politico. Questi due aspetti sono ben evidenti se si confronta il sistema cinematografico europeo con quello hollywoodiano degli Stati Uniti. La ricerca espressiva sarà dunque legata ad alcuni nomi precisi, mentre le esigenze di produzione svilupperanno stili specifici di cinematografia dove spesso la bravura del regista risiede nella capacità formale e narrativa adatta ad un vasto pubblico.

Lo sviluppo linguistico, che trova il suo apice iniziale negli anni '20, concatenerà una lunga serie di processi collegati fra loro, che saranno tenuti uniti dalle due guerre, fino all'fine degli anni '50, da cui nasceranno le basi per una nuova fase del cinema.

La selezione che segue tiene quindi conto di questi contenuti ed avvenimenti, toccando alcune tappe ancora oggi attuali sia della ricerca espressiva sia della produzione più popolare. In questa selezione potranno non comparire titoli o registi di grande popolarità, questo perché si è preferito privilegiare il valore linguistico e la capacità di suscitare ancora oggi un interesse nel pubblico di giovani. I film proposti in elenco coprono pertanto un arco di tempo che va dal 1916 al 1959, ma ogni selezione individuale da parte dell'insegnante può interessare sia l'intero periodo, per un maggior confronto od un percorso storico, sia invece uno specifico periodo, come approfondimento di temi singoli.

Titoli proposti

- "Nosferatu" (1922) di F.W. Murnau*
- "Rapacità" (1924) di Erich von Stroheim*
- "Sciopero" (1925) di Sergei Ejzenstein*
- "Metropolis" (1926) di Fritz Lang*
- "La fine di S. Pietroburgo" (1927) di V. Pudovkin*
- "Antologia Surrealista" con corti di Bunuel, Duchamp, Clair, ray, Dulac, Leger (1920-1930)*
- "Aurora" (1927) di F.W. Murnau*
- "I Cameramen" (1928) di Buster Keaton*
- "Lulù - Il vaso di Pandora" (1928) di G.W. Pabst*
- "Scarface" (1932) di Howard Hawks*
- "Vampyr" (1932) di Theodor Dreyer*
- "Il testamento del Dr. Mabuse" (1933) di Fritz Lang*
- "Il traditore" (1935) di John Ford*
- "Tempi moderni" (1936) di Charlie Chaplin*
- "Quarto potere" (1941) di Orson Welles*
- "Il corvo" (1943) di Henri George Cluzot*
- "Paisà" (1946) di Roberto Rossellini*
- "Mentre Parigi dorme" (1946) di Marcel Carné*

"La terra trema" (1948) di Luchino Visconti
"I 400 colpi" (1957) di Francois Truffaut
"Ombre" (1959) di John Cassavetes
"La notte" (1960) di Michelangelo Antonioni

Nota: il percorso viene qui presentato nella sua forma completa ma è facoltà dell'insegnante selezionare i contenuti più consoni alla scelta didattica.

Anexo n.º 66:
“Projecto «*Tecnica teatrale di base*»
desenvolvido pelo *Provveditorato agli*
Studi di Verona”

REPUBBLICA ITALIANA

PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA

Prot. n. 04/10883/C.13

Verona, 19.10.1998

- AI PRESIDI
DEGLI ISTITUTI DI ISTRUZ.
SEC. DI II° GRADO

L O R O S E D I

Oggetto: Corso di aggiornamento per Docenti degli Istituti Second. Superiori sul tema "TECNICA TEATRALE DI BASE" - E.F. 1998.

Nell'ambito delle attività di formazione relative al P.F.A. - E.F. 1998, questo Provveditorato agli Studi organizza un Corso di aggiornamento sul tema "TECNICA TEATRALE DI BASE", rivolto ai Docenti degli Istituti Secondari Superiori impegnati nei gruppi teatrali studenteschi. Potranno partecipare anche i Docenti interessati ad avviare un'attività di tipo teatrale.

Al riguardo si sottolinea che verranno accolte le prime 25 domande. Le richieste di adesione, redatte sulla scheda allegata, dovranno essere trasmesse direttamente all'ITPA "L. Einaudi" - via fax 045 - 500548 - entro e non oltre il 31 ottobre p.v.

Ai Docenti eventualmente esclusi sarà data comunicazione prima dell'inizio del corso.

P R O G R A M M A

DIRETTORE: Prof. ROBERTO PESCE - Preside dell'ITPA "L. Einaudi" - Verona

SEDE: ITPA "L. Einaudi" - Via S. Giacomo n. 13 - Verona; tel. 045 - 501110

TITOLO: "TECNICA TEATRALE DI BASE"

MODALE ORE: Sono previste 36 ore, articolate in 12 incontri (dalle ore 15.00 alle ore 18.00)

STRUTTURA: Il Corso si svolgerà in forma di laboratorio con i seguenti conduttori:

- TIZIANO GELMETTI: Attore

- ERMANNO REBATTIERI: Attore e presidente di cooperativa teatrale



REPUBBLICA ITALIANA

PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA

CALENDARIO:

- 6.11.1998 - ore 15.00/18.00: La posizione del corpo nello spazio
- 10.11.1998 - ore 15.00/18.00: Autopercezione e ritmo teatrale
- 13.11.1998 - ore 15.00/18.00: Tecnica di respirazione
- 17.11.1998 - ore 15.00/18.00: Voce e risuonatori
- 20.11.1998 - ore 15.00/18.00: Uso dei risuonatori - esercizi cantati
- 24.11.1998 - ore 15.00/18.00: Ortoepia e dizione
- 27.11.1998 - ore 15.00/18.00: Fonazione e articolazione dei suoni
- 1.12.1998 - ore 15.00/18.00: Regole della dizione e difetti di pronuncia
- 4.12.1998 - ore 15.00/18.00: Gesto, ritmo e voce

Si pregano le SS.LL. di portare al più presto quanto sopra a conoscenza dei Docenti interessati.

L'ISPETTORE GENERALE R.E.
(Dott. Bartolomeo Jannone)

AZ/in

Allegato: Scheda di adesione

Prot. n.

Verona, 19 ottobre 1998

AI PRESIDI DEGLI ISTITUTI SECONDARI
DI SECONDO GRADO
LORO SEDI

OGGETTO: Corso di aggiornamento **TECNICA TEATRALE DI BASE.**

Vista la Direttiva Ministeriale n. 226 del 13.5.1996, viene organizzato un corso di aggiornamento, rivolto ai docenti degli Istituti di 2° grado impegnati nei gruppi teatrali studenteschi o comunque interessati ad avviare un'attività di tipo teatrale, della durata complessiva di 36 ore inserito nel P.P.A. 1998.

Direttore del corso: Preside Roberto Pesce - I.T.P.A. "Einaudi" - Verona.

Sede del corso: I.T.P.A. "EINAUDI" - Verona - Via S. Giacomo, 13 - Tel. 045501110.

Il corso sarà condotto in forma di laboratorio con due conduttori:

TIZIANO GELMETTI: attore

ERMANNNO REGATTIERI: attore - presidente di cooperativa teatrale.

La partecipazione è riservata ad un massimo di 25 docenti. Le domande di partecipazione, redatte secondo lo schema allegato, devono essere trasmesse all'Istituto "Einaudi" - Fax **045500548** - entro e non oltre il **31 ottobre 1998**.

Saranno accolte le prime 25 domande pervenute. Agli eventuali esclusi sarà data comunicazione prima dell'inizio del corso.

Calendario del corso

- 1 - 06.11.1998 ore 15 -18: La posizione del corpo nello spazio.
- 2 - 10.11.1998 ore 15 -18: Autopercezione e ritmo teatrale.
- 3 - 13.11.1998 ore 15 -18: Tecnica di respirazione.
- 4 - 17.11.1998 ore 15 -18: Voce e risuonatori.
- 5 - 20.11.1998 ore 15 -18: Uso dei risuonatori - esercizi cantati.
- 6 - 24.11.1998 ore 15 -18: Ortoepia e dizione.
- 7 - 27.11.1998 ore 15 -18: Fonazione e articolazione dei suoni.
- 8 - 01.12.1998 ore 15 -18: Regole della dizione e difetti di pronuncia.
- 9 - 04.12.1998 ore 15 -18: Gesto, ritmo e voce.

Anexo n.º 67:

“Projectos «*La Voce, La Comunicazione e Il Teatro*» e «*Dizione e Fonetica*» desenvolvidos pelo *Provveditorato agli Studi di Verona*”



Repubblica Italiana

PROVVEDITORATO AGLI STUDI DI VERONA

Prot. n. 04/446/C.13

Verona, 10.1.2000

AL PRESIDENTE
ASSOCIAZIONE CULTURALE
ALCIONE
Sig. PAOLO VALERIO
Via Verdi n. 20

37131 VERONA

e, p. c. ALLA SIG.RA LAURA CASTELLANI
Responsabile Coordinamento e Organizzazione

Oggetto: Corsi di aggiornamento per docenti.
Richiesta di autorizzazione.

Con riferimento ai colloqui intercorsi, questo Provveditorato agli Studi conferma la propria collaborazione alla realizzazione dei corsi di aggiornamento per docenti "LA VOCE, LA COMUNICAZIONE E IL TEATRO" e "DIZIONE E FONETICA", proposti dall'Associazione Culturale Alcione e dal Teatro Nuovo nell'ambito della IV ^ edizione della rassegna "IL TEATRO DI SHAKESPEARE".

Viene, così, rinnovato l'apprezzamento nei confronti dell' impegno progettuale con cui vengono offerti a docenti e studenti percorsi di educazione teatrale, cinematografica e letteraria, che costituiscono esperienze culturali di particolare valenza formativa.

La partecipazione degli insegnanti ai corsi sopra citati è valida ai fini di quanto previsto dal CCNL vigente in materia di aggiornamento. La S.V. avrà, pertanto, cura di accertare le presenze e di rilasciare la relativa certificazione.

AZ/in

IL PROVVEDITORE AGLI STUDI
(Nino Santilli)

